

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO

# ADOLESCÊNCIA EM DISCURSO

– Mídia e produção de subjetividade –

*Tese apresentada como requisito parcial para  
a obtenção do grau de Doutor em Educação.*

Aluna: Rosa Maria Bueno Fischer

Orientadora: Dra. Céli Regina Jardim Pinto

Porto Alegre (RS), junho de 1996.

---

F529a Fischer, Rosa Maria Bueno

Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade / Rosa Maria Bueno Fischer – Porto Alegre: UFRGS / FAGED, 1996.

297 p.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação

CDU – 659.3 : 165.42

\_\_ 1. Adolescentes – Comportamento social – Identidade – Subjetividade. 2. Adolescentes – Educação – Jornal – Revistas – Televisão. 3. Comunicação de massa – Educação. 4. Confissão. 5. Consumo. 6. Corpo. 7. Cultura de massa. 8. Discurso. 9. Foucault, Michel. 10. Gênero. 11. Juventude. 12. Mídia – Pedagogia. 13. Mulher. 14. Poder. 15. Psicologia da Adolescência. 16. Saber. 17. Sexualidade.

Catálogo na publicação

Biblioteca Setorial de Educação – UFRGS

---

*“Que na ordem cotidiana pudesse haver qualquer coisa como um segredo a desvendar, que a insignificância pudesse ser, de certa maneira, importante, tal permaneceu excluído até que viesse pousar, nessas turbulências minúsculas, o alvo olhar do poder”.*

Michel Foucault  
*A vida dos homens infames*

# SUMÁRIO

---

PREFÁCIO	5
RESUMO	8
RÉSUMÉ	9
INTRODUÇÃO	10

## **PRIMEIRA PARTE: DO CORPUS, DO SUJEITO E DO DISCURSO**

APRESENTAÇÃO	34
--------------	----

Capítulo 1 – EVIDÊNCIAS DE UMA DISCURSIVIDADE	34
---	----

I – OS PREFERIDOS DA MÍDIA	37
----------------------------	----

<i>A – Desaparecimento de autoria e obra, multiplicação da confiança</i>	37
--	----

<i>B – Distribuição do discurso</i>	42
-------------------------------------	----

<i>1. Na literatura</i>	42
-------------------------	----

<i>2. Nos jornais</i>	44
-----------------------	----

<i>3. Nas revistas</i>	46
------------------------	----

<i>4. Na televisão</i>	47
------------------------	----

<i>5. No cinema</i>	51
---------------------	----

<i>6. Na música e no teatro</i>	53
---------------------------------	----

<i>C – Em busca de um “eu” padronizado</i>	55
--	----

II – DEFINIÇÃO DO MATERIAL EMPÍRICO	56
-------------------------------------	----

<i>A – Os dados e a escolha teórica</i>	56
---	----

<i>B – O recorte no tempo e na materialidade dos textos</i>	59
---	----

<i>C – Enfim, o corpus de análise</i>	62
---------------------------------------	----

## Capítulo 2 – O DESEJÁVEL CONHECIMENTO DO SUJEITO

### I – SUJEIÇÕES DO PRESENTE 67

### II – O SUJEITO NA TRAJETÓRIA DE FOUCAULT 73

A – *Da História da loucura a Vigiar e punir* 73

B – *O sujeito da História da sexualidade* 76

C – *Questões para análise* 82

1. *Da história necessária* 82

2. *Da confissão* 84

### III – CORPO E SEXUALIDADE 87

A – *Corpo e disciplina ou: “a solidão seqüestrada dos corpos”* 88

B – *Do dispositivo da sexualidade* 92

C – *Corpo, poder e gênero* 94

D – *Questões para análise* 96

1. *A complexa luta em torno dos corpos* 96

2. *O erotismo discursivo da mídia* 98

## Capítulo 3 – DISCURSO COMO PRÁTICA

### I – APENAS A CORTINA 101

### II – O ENUNCIADO NOS LIMITES DO “ÇA PARLE” 104

### III – A HETEROGENEIDADE DISCURSIVA 108

A – *Mais uma vez, o sujeito* 109

B – *Cruzamento de identidades e diferenças: o interdiscurso* 112

### IV – A TEMPORALIDADE DOS ENUNCIADOS:

DA RELAÇÃO ENTRE O DISCURSIVO E O NÃO-DISCURSIVO 116

### V – SUJEITO, DISCURSO E MÍDIA:

PROBLEMATIZANDO AS RELAÇÕES 122

A – *Sobre regime de verdade e discurso da mídia* 123

B – *Sobre os enunciados da mídia como “função de existência”* 126

## **SEGUNDA PARTE: ADOLESCENTES NA MÍDIA – A ANÁLISE**

APRESENTAÇÃO 131

Capítulo 4 – IMAGENS DE UMA CONFIDÊNCIA PÚBLICA 133

I – ADOLESCENTE E MULHER: A EMERGÊNCIA DE UM DISCURSO 133

II – *CONFISSÕES DE ADOLESCENTE* NA TV:  
UM SERIADO PARA A MENINA 139

III – ROTEIRO PARA O “EXERCÍCIO DE SI” 147

*A – Sobre a relação com o corpo e a intimidade* 147

1. *De menina a mulher: no corpo, as transformações* 147

2. *Riscos e perdas na construção da identidade* 155

*B – O Outro na constituição de si mesma* 158

*C – Os limites do mundo no investimento sobre si* 164

IV – “COISAS DITAS” 169

Capítulo 5 – O DEBATE DE SI MESMO

I – A TV SE OFERECE COMO TRIBUNA 173

II – *PROGRAMA LIVRE*, AUDITÓRIO JOVEM PARA UMA NOVA “PEDAGOGIA” 178

III – ENUNCIÇÕES DO “GOVERNO DE SI” PELO “GOVERNO DO OUTRO” 184

*A – Os ditos sobre corpo, sexualidade e gênero* 184

1. *De amor, virgindade, AIDS e estupro* 184

2. *De corpo e beleza* 191

*B – O exemplo do Outro* 193

*C – Em relação com o mundo* 197

IV – UM MODO PARTICULAR DE “GOVERNO DA MÍDIA” 203

## Capítulo 6 – O IMPERATIVO DA BELEZA FEMININA

I – CORPO, LUGAR DAS IDENTIDADES	207
II – REVISTA <i>CAPRICHÔ</i> : FRAGMENTOS DE ESMERO E FANTASIA	211
III – MODOS DE SUBJETIVAÇÃO DA MENINA ADOLESCENTE	218
<i>A – Sobre corpo e sexualidade</i>	218
1. <i>O disciplinamento do corpo forma a menina</i>	218
2. <i>Tabus, medos e perigos cercam a mulher</i>	224
<i>B – Sobre o aperfeiçoamento da “alma”</i>	232
<i>C – O olhar e a palavra do Outro: modos de o menino constituir a menina</i>	236
<i>D – A “relação consigo” e a abertura para o mundo</i>	241
IV – O MAPA DE MÚLTIPLAS NORMALIZAÇÕES	245

## Capítulo 7 – UMA GERAÇÃO É NOTÍCIA

I – O JOVEM, FONTE E ALVO DA INFORMAÇÃO	248
II – <i>FOLHATEEN</i> , UM CADERNO ADOLESCENTE	251
III – A INFORMAÇÃO COMO BASE PARA A “EXPERIÊNCIA DE SI”	255
<i>A – Corpo, sexo e gênero: dúvidas e aconselhamentos para o “exercício de si”</i>	255
<i>B – O Outro diferente-de-mim, idêntico-a-mim</i>	265
<i>C – A “relação consigo” e o interesse pelo mundo político e social</i>	268
IV – OS ENUNCIADOS FALAM DOS CORPOS	275
<b>CONCLUSÃO</b>	280
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	292

## PREFÁCIO

---

Com este trabalho, dou continuidade a uma série de pesquisas e estudos que venho desenvolvendo desde o final da década de 70, e que contemplam as relações entre mídia, cultura e educação. Depois de dedicar vários anos a investigações sobre práticas de recepção à TV – entre crianças e adolescentes, sobretudo –, e após uma longa etapa voltada para a produção de programas educacionais de televisão, ocupo-me agora dos discursos da mídia *tout court*. A indiscutível força dos meios de comunicação na constituição da cultura “globalizada” de nosso tempo, e o fato de que seus produtos – sons, imagens, textos – atingem tão amplas camadas da população e tão diferenciados públicos, ao mesmo tempo que, cada vez mais, falam diretamente à intimidade das pessoas, traz novos problemas para os pesquisadores da cultura e da educação. Um deles, certamente, diz respeito à relação de adolescentes e jovens com a mídia e com as novas tecnologias de comunicação e informação. Se considerarmos que, nestes últimos anos, meninos e meninas adolescentes têm sido intensamente capturados por diferentes meios, tanto na sua fragilidade e miséria, como, principalmente, no vigor de sua imagem de beleza e juventude, põe-se um instigante problema ao pesquisador: por que emerge toda essa discursividade para e sobre a adolescência? Como ela se constrói nos meios de comunicação e em nosso País, neste final de século? De que adolescentes efetivamente se fala nesses textos? Que esse discurso diz sobre a sociedade contemporânea e sobre a fundamental relação entre os processos educacionais e as complexas transformações da cultura?

Dediquei-me, nesta pesquisa, a investigar tais questões, a partir da análise de quatro produtos da mídia brasileira, destinados ao chamado público *teen*. Os resultados estão nesta Tese de Doutorado, que ora apresento. Não teria sido possível realizá-la sem o apoio fundamental de duas instituições, às quais faço aqui meu agradecimento primeiro: o CNPq, que me concedeu a bolsa de estudo, e a Faculdade de Educação, da UFRGS – através de sua Direção e da Central de Produções – que me permitiu dispor da matéria-prima básica: tempo para estudar e pesquisar. À Faced, portanto, particularmente à professora Maria Isabel Buges e ao professor Sérgio Franco, bem como aos ex-colegas da Central de Produções, representados aqui pela professora Aldanei Areias, meu sincero reconhecimento.



O convívio com os professores, colegas e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação foi-me extremamente gratificante e estimulador, de modo especial porque, no mesmo tempo em que amadureciam o projeto da pesquisa e as descobertas teóricas, tive o privilégio de questionar continuamente minhas idéias com pessoas que se fizeram bem mais do que colegas ou professores. Refiro-me às amigas Margareth Schäffer, Cleci Maraschin e Sílvia Corso, cujo companheirismo e afeto tornaram-se para mim indispensáveis. Agradeço, mesmo sem nomeá-los individualmente, aos demais colegas e professores do Programa e da Faculdade de Educação, pelas trocas intelectuais e afetivas nesses quatro anos.

Nos momentos cruciais da elaboração da Proposta de Tese, contei com a ajuda preciosa de duas pessoas a quem quero agradecer especialmente: o professor e amigo Jacques Marre, pela leitura cuidadosa do projeto e pelas criativas anotações; e a professora, sobretudo amiga, Julieta Desaulniers, pela interlocução de extrema valia e pelo acompanhamento de todo o processo, mesmo que por vezes à distância.

Desde a fase da coleta de dados, principalmente no período da gravação de programas de televisão, contei com a ajuda essencial da amiga Sylvia Magaldi que, de São Paulo, do Rio de Janeiro ou de onde estivesse, não só enviou-me materiais como acompanhou cada momento desta história de produção, pesquisa, invenção e escritura. Através dela, tive acesso aos produtores do seriado *Confissões de Adolescente*, à própria criadora do diário, Maria Mariana, e a cópias de roteiros originais do programa. Também, por seu intermédio, recebi a ajuda da pesquisadora Ana Marta Magaldi, e da amiga e publicitária Ana Lúcia Miranda, a quem agradeço igualmente. À Sylvia, portanto, o registro de meu profundo carinho e gratidão.

A experiência de cursar o Doutorado e realizar esta Tese propiciou-me uma grata surpresa. Ao assistir aos luminosos seminários sobre Foucault, no Campus do Vale, ministrados pela professora Céli Regina Jardim Pinto, conheci aquela que viria ser minha orientadora e, bem mais do que isso, uma grande amiga. Sua orientação inventiva e criteriosa, aliada à alegria e ao respeito com que sempre conduziu nossas interlocuções, foi absolutamente fundamental em todo o processo de pesquisa, elaboração da análise e redação final do texto. À Céli, um agradecimento muito especial e meu imenso carinho.

Agradeço de modo particular a duas pessoas muito queridas, meu pai Eugênio e minha mãe Cidia (*in memoriam*), pelo acompanhamento por vezes silencioso, mas sempre presente e confiante, da caminhada de cada um de seus filhos. Suas comoventes palavras e gestos animaram os momentos mais decisivos deste processo. Registro aqui, da mesma forma, minha gratidão à Rafaela, à Cecília e a todos os meus irmãos, pelo estímulo constante e pelas inestimáveis ajudas cotidianas. À Beatriz, o agradecimento pelos longos diálogos, pela troca de livros e idéias, principalmente por seu entusiasmo e pelo apoio irrestrito em relação a mim

e à trajetória que culmina com esta tese. Ao Nilton, também, pela ajuda discreta, firme e amiga, para além dos laços familiares.

Finalmente, o agradecimento especialíssimo às minhas filhas Jane e Raquel que, adolescentes, participaram ativamente de cada momento desta Tese, questionando-me com seu olhar arguto e afetuoso, depositado sobre os mesmos materiais de que eu me ocupava, e colocando à prova todas as afirmações e descobertas que eu fazia. Sua presença desafiadora, crítica e amorosa está em cada página deste trabalho, que dedico a elas, carinhosamente.

*Rosa Maria Bueno Fischer*

Junho de 1996.

## RESUMO

---

Esta tese trata dos discursos da mídia sobre a adolescência. Partindo da constatação de que meninos e meninas adolescentes adquirem centralidade na cultura contemporânea, desde o início dos anos 90, principalmente nos textos e imagens dos meios de comunicação, faço uma análise dos discursos que circulam em diferentes veículos da mídia brasileira, destinados ao público que se convencionou chamar de *teen*: dois programas de televisão – o seriado *Confissões de Adolescente* e o *Programa Livre* –, uma revista feminina, *Capricho*, e um jornal, o caderno *Folhateen*, da *Folha de S.Paulo*. Fundamentado teórica e metodologicamente em Michel Foucault, o estudo discute e utiliza os conceitos de discurso, poder, saber e sujeito, conforme foram elaborados pelo autor. A análise dos dados centraliza-se no tema foucaultiano das “relações consigo” e das “práticas de si”, a partir da hipótese de que a mídia constrói um sujeito adolescente – diferenciado segundo sua condição de classe e gênero –, já que lhe propõe uma série de normas, regras e práticas de constituição de si mesmo, de acordo com um jogo de forças sociais vivido numa época em que as redes de poder se fazem ao mesmo tempo individualizadoras e totalizantes e atuam primordialmente no campo das práticas culturais. Na reconstrução desse discurso, enfatizo o caráter pedagógico assumido pela mídia, através da análise de uma série de modalidades enunciativas nas quais o sujeito adolescente é incitado a falar, ao mesmo tempo em que é nomeado, orientado, normalizado e classificado, de modo particular quanto aos cuidados que deve ter com seu corpo e com sua sexualidade.

## RÉSUMÉ

---

Cette thèse étudie les discours de la média au sujet de l'adolescence. Partant de la constatation que jeunes hommes et jeunes filles deviennent le centre de la culture contemporaine depuis le début des années quatre-vingt-dix, surtout dans les textes et les images de moyens de communication, on fait ici une analyse des discours qui circulent aux différents moyens d'expression de la média brésilienne, adressés au public qu'on a convenu d'appeler 'teen': deux programmes de télévision – la série *Confissões de Adolescente* et *Programa Livre*; un magazine féminin, *Capricho*, et un journal, l'encart *Folhateen*, de *Folha de S.Paulo*. Théorique et méthodologiquement appuyée chez Michel Foucault, cette étude discute et se sert des concepts de discours, pouvoir, savoir et sujet selon leur élaboration par l'auteur. L'analyse des données s'est centrée sur le thème foucaultien des "rapports à soi-même" et des "pratiques de soi", à partir de l'hypothèse que la média crée un sujet adolescent – différencié par son classement et genre –, puisqu'elle lui propose une série de normes, règles et pratiques de sa constitution même, accordées à un jeu de forces sociales vécu à une époque où les réseaux du pouvoir sont en même temps individualisateurs et totalisateurs et agissent surtout dans le champ des pratiques culturelles. En reconstruisant ce discours, on a voulu emphatiser le caractère pédagogique assumé par la média à travers l'analyse d'une série de modalités énonciatives par lesquelles le sujet adolescent est incité à parler en même temps qu'il est nommé, orienté, normalisé et classifié, notamment à propos des soins qu'il faut tenir au sujet de son corps et de la sexualité.

# INTRODUÇÃO

---

A cena é prosaica. Cena dos anos 90. Na pequena sala, de um apartamento de dois quartos, situado num bairro de classe média da cidade de Porto Alegre, a mãe, mulher separada, senta-se ao sofá, acompanhada de suas duas filhas adolescentes, num simplório sábado de outono. Preparam-se para assistir ao filme *Kids*, do diretor norte-americano Larry Clark, que retiraram na locadora de vídeo. A mãe teme que talvez as meninas não aprovem a escolha, sugerida por ela. Afinal, na pequena tela não desfilarão nem Brad Pitt, nem Antônio Banderas ou Johnny Depp, muito menos Sharon Stone, Demi Moore ou Julia Roberts. Também é certo que não haverá história de amor ou final feliz. As primeiras cenas, o beijo prolongado e sem *glamour* de um casal de adolescentes, os rostos crus de meninos e meninas comuns, o desvirginamento da adolescente – tudo parece confirmar o temor materno. Desconforto geral. Porém, na medida em que o filme avança, quebra-se o mal-estar, em pouco tempo os comentários da platéia doméstica se fazem ouvir, e os garotos das imagens captadas por Clark passam a fazer parte daquela cena familiar, pelo menos por alguns instantes. “Que guri feio”, diz uma das vozes. “Todo mundo é feio nesse filme”, diz a outra. “Não acho, aquela morena de cabelo crespo é bonitinha”, protesta a primeira. “Ah, mais ou menos...”, retruca a companheira.

Durante os quase cem minutos da história, ninguém tira os olhos da TV. O texto familiar, em contraponto aos duros diálogos do filme, feitos também de sons que amplificam o contato dos corpos, procura outra coisa: em lugar da imagem cotidiana exposta pela cuidadosa fotografia do diretor, quer-se uma beleza ensinada pela mídia e pela publicidade; ela é procurada em um olhar, em um gesto qualquer de todos aqueles, nem que seja um só, para incorporar o filme a si mesmo, como se essa “verdade” estivesse dentro das jovens espectadoras. Em lugar da violência das relações entre grupos jovens pelas ruas de Nova York, da exposição de relações de poder dos meninos sobre as meninas em sua forma mais cínica e por vezes abjecta, da ameaça e da realidade da AIDS na vida daquelas pessoas, as duas adolescentes literalmente caçam um possível e necessário romantismo nas cenas, algo que transcenda uma pura relação física e quase mecânica. “Ele não quer só sexo com ela, acho que ele ‘tá gostando um pouco dela...”, comenta a mais nova. O filme vai descrevendo histórias de não-afeto, de medo e inércia diante da morte, drogas e violência, e chega à última

cena tal como começou: comunicando o imenso vazio de existências jovens neste final de século. A mãe, do alto (ou do “baixo”) de seus 46 anos, demora um pouco a recompor-se daquela sucessão de golpes contra a sensibilidade, a afetividade e o sonho – e, surpresa, ouve as duas filhas dizerem sobre o filme: “Normal...”.

A avaliação lacônica sintetiza a experiência vivida em pouco mais de uma hora e meia. Mesmo não achando o filme “maravilhoso” – classificação que reservariam a *Don Juan de Marco* ou *Lendas da Paixão* –, mesmo indispondo-se com a crueza das imagens e principalmente dos diálogos dos meninos falando sobre as mulheres, as duas adolescentes recebem o filme como simples fato da realidade, perfeitamente “normal”. É como se estivessem diante de mais um documentário estrangeiro transmitido pela TV a cabo, ou mesmo de uma reportagem do *Globo Repórter*, em que, ainda outra vez, investiga-se o fascínio pelo nada, comum nas gerações jovens, mas que, neste final de século, está associado a mercado e a dinheiro, a ponto de se poder afirmar que o tormento da adolescência agora tornou-se indústria<sup>1</sup>. O vazio e a violência de *Kids* estariam entre os impulsionadores de um amplo e diversificado mercado de bens destinados ao público adolescente de todas as classes sociais – bens que passam pelo tênis importado, as camisetas “de marca”, bonés, CDs, calças *jeans* sempre renovadas, aparelhos de som e de *videogames*, entre tantos outros. Ou seja, as meninas espectadoras de *Kids* reconhecem-se naquelas seqüências nova-iorquinas de Larry Clark e ao mesmo tempo as negam: aquilo efetivamente pertence a sua época, mas elas sabem que, além de sua vida privada ser feita também de outra realidade e de outros valores, essa mesma época e sociedade lhes oferecem, supostamente contra todo niilismo, o abrigo de uma infinidade de bens prazerosos e, inclusive, de inúmeros lugares na mídia, onde podem ver-se ou de onde podem de alguma forma falar – falar de si mesmas, de sonhos e desejos, de medos e ansiedades, em meio a imagens de sucesso e beleza, e a um amplo receituário de como viver os tormentos da adolescência.

O objeto desta tese inscreve-se justamente no campo das imagens, textos e sons que, como o filme de Larry Clark, projetam nas telas dos cinemas – ou reproduzem nas páginas de jornais e revistas e nos programas de televisão – diferentes modos de vida de meninos e meninas adolescentes, nestes anos 90. A proliferação de filmes, seriados de TV, programas de debates, peças publicitárias, livros e impressos, discos – sem falar na farta produção e venda de roupas e acessórios de todos os tipos –, destinados ao público batizado de *teen* pelo

---

<sup>1</sup> Esse raciocínio é desenvolvido pelo psicanalista Contardo Calligaris no artigo “Adolescência parece sem fim”, escrito a propósito do suicídio de Kurt Cobain, vocalista do grupo de *rock* Nirvana, ocorrido no início de 1994. Segundo o autor, a esterilidade atual da adolescência vende tão bem ou melhor do que projetos de um mundo melhor. E a responsabilidade por isso não seria só dos “corvos da adolescência”, mas igualmente da geração de seus pais que, de certa forma, enxergam nos filhos a caricatura de seus sonhos adultos (Cfe. CALLIGARIS, 1994, p. 15).

mercado, constitui uma das primeiras motivações desta pesquisa<sup>2</sup>. Mas por que esse cruzamento – mídia e adolescência – emerge como campo de interesse e se mostra urgente, para uma investigação na área educacional? Como sua importância ultrapassa a inquietação privada, provocada por cenas familiares como a descrita acima, e passa a constituir o centro das atenções de um trabalho intelectual que, já há mais de quinze anos, perscruta as linguagens dos meios de comunicação e da publicidade e, mais ainda, as vozes dos destinatários dessa profusão de cores, cenas, palavras e movimentos?<sup>3</sup>

## I – MÍDIA, CULTURA JOVEM E VIDA PRIVADA: CRUZAMENTOS

Para responder às perguntas feitas acima, não poderia deixar de referir, a respeito do campo em que me movimento, pelo menos quatro constatações básicas. Em primeiro lugar, o fato de que, em nossos tempos, estaríamos assistindo ao deslocamento de algumas funções sociais básicas, como a política e a pedagógica, por exemplo, que gradativamente deixam seus lugares de origem – os espaços institucionais da escola, da família e dos partidos políticos – para serem exercidas de um outro modo, através da ação permanente dos meios de comunicação, associada ao processo de divulgação de uma multiplicidade de bens, a cujo consumo teoricamente o conjunto da população teria acesso. Néstor Canclini, em seu livro *Consumidores e cidadãos*, é enfático:

“Homens e mulheres percebem que muitas das perguntas próprias dos cidadãos – a que lugar pertença e que direitos isso me dá, como posso me informar, quem representa meus interesses – recebem sua resposta mais através do consumo privado dos bens e dos meios de comunicação de massa do que nas regras abstratas da democracia ou pela participação coletiva em espaços públicos” (1995, p. 13).

O francês Dominique Wolton, que há mais de duas décadas dedica-se a investigações sobre a relação entre público e televisão, diz que hoje “a comunicação torna-se ao mesmo tempo uma indústria e uma moda, um engodo, uma aspiração, um ‘direito’, uma reivindicação que, de alto a baixo, em nossas sociedades desenvolvidas, é sinônimo de modernidade” (Wolton, 1990, p. 90, trad. minha). Num raciocínio semelhante ao de Canclini, o autor afirma que a supervalorização da comunicação de massa teria íntima relação com o enfraquecimento dos modos de legitimidade de instâncias intermediárias, como a comunidade acadêmica, a religiosa, a científica e a cultural – mesmo que as regras sociais básicas continuem emanando

---

<sup>2</sup> No Capítulo 1, “Evidências de uma discursividade”, apresento um levantamento detalhado da produção cultural para adolescentes, correspondente aos últimos cinco anos. Como se verá, é a partir desse levantamento que seleciono o *corpus* de análise para esta tese.

<sup>3</sup> Desde o início de 1980, além de ter trabalhado como coordenadora de produção de programas de TV, tenho realizado vários estudos sobre os meios de comunicação – principalmente sobre revistas e televisão –, analisando o próprio meio e seus produtos, ou investigando modos de recepção. Minha dissertação de Mestrado trata dos discursos de crianças e adolescentes de camadas populares sobre sua relação com a televisão; o resultado desse trabalho foi publicado em livro, pela Editora Movimento de Porto Alegre, em 1984, com o título *O mito na sala de jantar*.

desses locais. A mudança estaria em que o verdadeiro lugar de valorização dos fatos e das pessoas seria o grande espaço público, gerido ao mesmo tempo pelo individual e pelo massivo e pautado por um tipo de valor que se torna dominante – o valor da “publicidade”, palavra que aqui assume rigorosamente seu sentido etimológico, isto é, está referida àquilo que se torna de alguma forma “de todos”, público. Para Wolton, há uma relação evidente entre a estandardização da sociedade de massa, o individualismo dos valores, o desmoronamento das legitimidades intermediárias e o reino da “publicidade individual” (Idem, p. 208). Ou seja, tudo se passa como se as legitimidades parciais precisassem de uma legitimidade geral, hoje dada pela mídia.

No centro dessas reflexões, está a questão do mundo privado que, por sua vez, não se separa do tema da constituição das identidades individuais<sup>4</sup>. A segunda constatação a que desejamos fazer referência aqui diz respeito, então, ao enraizamento do pensamento contemporâneo na vida cotidiana, nos espaços privados da vida das pessoas, que são captados e reprocessados pelos meios de comunicação<sup>5</sup>. É nisso, aliás, que reside o sucesso da televisão, das revistas, dos jornais e da publicidade: na simultânea valorização do individual e do estandardizado. Suas imagens prestam-se admiravelmente à constituição das identidades; modos privados de ser recebem as luzes e os cuidados da mídia, são capturados, expostos e reelaborados, devolvidos ao público e outra vez retomados, nomeados ininterruptamente sob outras e novas linguagens. Vemo-nos nas telas da TV, nas fotografias da revista, nos textos dos testemunhos e reportagens sobre vidas comuns ou trajetórias espetaculares: umas e outras falam da intimidade, da frustração, do desejo, do sonho, conhecidos de qualquer um de nós. E, se somos assim contemplados, não nos surpreendemos de “necessitar” de tantos e tão diversificados produtos, oferecidos por esses mesmos meios, como bens que nos garantem simultaneamente um tipo de distinção e de pertinência social<sup>6</sup>. Uma forma de adquirir identidade hoje é, por exemplo, vestir o corpo com a roupa de *griffe* ou calçar o tênis importado, da mesma forma que uma grande empresa se promove e estabelece visibilidade no mercado, através de um sistema de signos que “marcam” aquele empreendimento como coisa individual.

---

<sup>4</sup> Pesquisas antropológicas como as de Gilberto Velho, bem como estudos na área psicanalítica, como os coordenados por Sérvulo Figueira, ambos do Rio de Janeiro, ocupam-se, especialmente a partir dos anos 80, de problemas que envolvem a tríade família, subjetividade e cultura, no Brasil, num tempo em que as camadas médias urbanas passam a viver uma acentuada afirmação da individualidade, no interior da vida privada. Segundo esses estudiosos, a nova família brasileira enfraquece seus laços com o social, radicaliza seu caráter de nuclearização e se cristaliza como o reduto da afetividade e da expressão da unicidade, ao mesmo tempo que se torna o lugar por excelência da supressão do indivíduo como sujeito singular (Cfe. FIGUEIRA, *apud* CHAVES, Jacqueline. ‘Ficar com’ a individualização – Notas sobre um código de relacionamento no Brasil. In: FIGUEIRA, 1993, p. 104).

<sup>5</sup> A vida privada e cotidiana é objeto de inúmeras obras, como os cinco volumes da monumental coleção *História da vida privada*, dirigida por Philippe Ariès e Georges Duby e editada no Brasil pela Cia. das Letras. Os estudos de historiadores como Agnes Heller e Michel De Certeau são também exemplares nesse sentido.



Transformar o ordinário em extraordinário, investir de sacralidade objetos profanos – essa é uma atividade antiga, certamente uma preocupação universal, como lembra Stuart Ewen, em *Todas las imágenes del consumismo*. A diferença estaria em que, atualmente, ao contrário do que ocorria com as sociedades tradicionais, estilos e imagens modelares de como ser e agir caracterizam-se pela alteração permanente, falam de um mundo em que “el cambio es la regla del día, donde el lugar de cada uno en el orden social es asunto de percepción” (Ewen, 1991, p. 40). Entretanto, é essa mesma fluidez e efemeridade de imagens que fala concretamente às pessoas, que capta aspirações e ocupa espaços de frustração, incita o olhar para dentro de si mesmo; e é do (e no) interior desse mesmo processo, em que idéias, compromissos e ações se transformam em figuras de estilo ou bordões publicitários, que talvez possamos pensar e produzir rupturas.

A terceira constatação, complementando o quadro em que situo o objeto deste estudo, diz respeito à importância da cultura jovem – ou simplesmente do fato de “ser jovem” –, na sociedade ocidental deste final de século. Eric Hobsbawm, em *Era dos extremos*, refere-se ao “juvenescimento da sociedade” como um fato cultural de radical importância nos destinos do século XX<sup>7</sup>. Ser jovem já não é visto como “estágio preparatório para a vida adulta, mas, em certo sentido, como o estágio final do pleno desenvolvimento” (Hobsbawm, 1995, p. 319). A ampliação de um “tempo adolescente” também é referida por outros historiadores, como Philippe Ariès, que chamou o século XX de “século da adolescência”: o desejo de renovar uma sociedade esclerosada (em função da Primeira Guerra Mundial), em repúdio à velha ordem estabelecida, pôs sob as luzes o jovem adolescente, que deixa a infância para trás e adia a maturidade; “passamos de uma época sem adolescência a uma época em que a adolescência é a idade favorita. Deseja-se chegar a ela cedo e nela permanecer por muito tempo” (Ariès, 1981, p. 47).

Para Hobsbawm, devem-se ressaltar duas outras características da nova cultura juvenil que se desenvolve a partir do início da segunda metade do século, além desse tempo maior de adolescência e do surgimento de uma certa “autonomia” da juventude – visível nos movimentos estudantis e operários da década de 60, que expuseram jovens liderados por seus pares, e não por grupos de faixas etárias maiores. De um lado, observa-se a dominância do público jovem nas economias de mercado: ele, de fato, passa a representar uma “massa

---

<sup>6</sup> O tema do consumo de bens simbólicos, associado a uma posição de classe e a categorias como “estilo” e “distinção”, constituem objeto de extensas e originais pesquisas do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Obras como *La distinction: critique sociale du jugement* – são exemplares.

<sup>7</sup> O “juvenescimento” aqui, não se refere a um fato demográfico, mas a uma tendência na ordem do comportamento e da cultura. Do ponto de vista das expectativas de vida e das taxas de fecundidade, nas últimas décadas – nas populações de quase todo o mundo, inclusive de países como o Brasil –, a tendência é exatamente o contrário – o “envelhecimento”. Em 1970, 43% da população brasileira tinha até 15 anos; em 91, esse percentual desce para 35%; e as projeções, para o ano 2020, são de um número ainda menor: 24% . (Cfe. Relatório das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Humano e IBGE. *Zero Hora*. Porto Alegre, 20 jun. 1996, p. 66).

concentrada de poder de compra”; isso está associado à rapidez incomensurável das mudanças tecnológicas, as quais acabam favorecendo os mais novos, em detrimento das gerações de seus pais e avós. “O que os filhos podiam aprender com os pais tornou-se menos óbvio do que o que os pais não sabiam e os filhos sim. Inverteram-se os papéis das gerações”, diz o historiador (Idem, p. 320). De outro lado, tem-se o internacionalismo da nova cultura jovem, sua capacidade de incorporar e absorver modos de vestir, comer, ouvir música, captar e projetar imagens, e a facilidade em “descobrir símbolos materiais ou culturais de identidade” (Idem, p. 322). O contraste entre a informalidade e diversidade dos modos de ser jovem, e a forte tendência uniformizadora dos processos culturais, em nosso século, é assim sintetizada pelo autor:

“A cultura jovem tornou-se a matriz da revolução cultural no sentido mais amplo de uma revolução nos modos e costumes, nos meios de gozar o lazer e nas artes comerciais, que formavam cada vez mais a atmosfera respirada por homens e mulheres urbanos. Duas de suas características são portanto relevantes. Foi ao mesmo tempo informal e antinômica, sobretudo em questões de conduta pessoal. Todo mundo tinha de ‘estar na sua’, com o mínimo de restrição externa, embora na prática a pressão dos pares e a moda impusessem tanta uniformidade quanto antes, pelo menos dentro dos grupos de pares e subculturas” (Idem, p. 323).

Finalmente, a quarta constatação. As profundas transformações vividas na cultura do século XX, para Hobsbawm, devem-se também à importância que assume uma nova figura, em todos os campos da atividade social: a mulher. Para o historiador, as mulheres “foram cruciais nessa revolução cultural, que girou em torno das mudanças da família tradicional e nas atividades domésticas – e nelas encontraram expressão – de que as mulheres sempre tinham sido o elemento central” (Idem, p. 313). Se nos países do Primeiro Mundo as mulheres aparecem em suas lutas – privadas e políticas – basicamente desde a década de 60, no Brasil pode-se dizer que isso efetivamente ocorre a partir do final de 70: “Nos últimos 15 anos, o contingente feminino da população brasileira teve mais visibilidade do que nunca. Parece não ser exagero afirmar que é neste período que o sujeito mulher surge no país. As mulheres começam a falar a partir do reconhecimento da opressão, do reconhecimento da história pessoal e coletiva, de constituição de interesses e lutas próprias” (Pinto, 1994, p. 195). Ora, essa nova visibilidade não ocorre pacificamente: dá-se no interior de múltiplos conflitos e conquistas e se afirma também como saber. A categoria do ‘gênero’, assim, surge como fundamental para analisar as dispersas constelações de relações desiguais entre homens e mulheres, e para mostrar o quanto as escolhas que fazemos em relação a nosso corpo estão intimamente ligadas ao que está pré-estabelecido histórica e culturalmente (Safiotti, 1992).

Se associarmos a evidência de uma multiplicação de discursos sobre e para o público adolescente às quatro constatações acima – quanto às novas funções assumidas pelos meios de

comunicação, à centralidade da vida cotidiana nos processos sociais e à revolução cultural provocada pela cultura jovem e pela força da presença da mulher na sociedade contemporânea –, temos condições de nos aproximarmos um pouco mais da formulação do problema que aqui nos ocupa e das respectivas hipóteses de trabalho.

## II – DE COMO PROBLEMATIZAR O OBSERVÁVEL

Diante de uma realidade empiricamente constatada – o fato de que corpos e mentes adolescentes são, nestes anos 90, exaustivamente expostos, falados e multiplicados na mídia<sup>8</sup> – faço uma opção teórica que permita dirigir uma pergunta consistente a essas evidências. A clara operação da mídia sobre a vida privada dos indivíduos – intensificada, se reduzirmos o foco de atenção para um público específico, como o é o público adolescente, – sugere que uma análise dos discursos produzidos pelos meios de comunicação deve considerar, prioritariamente, a questão do poder. Ora, o complexo relacionamento que Michel Foucault faz, ao longo de sua obra, dos conceitos de poder, saber e sujeito<sup>9</sup>, permite, ao lado de sua original concepção sobre a autonomia do discurso, que, a respeito da relação entre sociedade e meios de comunicação, sejam ultrapassadas aquelas explicações que afirmam o enraizamento mecânico e vertical das superestruturas nos modos de produção econômica<sup>10</sup>; igualmente, complexifica a crítica à “sociedade da simulação” ou do “simulacro”<sup>11</sup>; finalmente, faz descartar também as análises puramente semiológicas<sup>12</sup>, que nos prendem aos grandes

---

<sup>8</sup> Embora neste trabalho eu vá tratar especificamente da mídia brasileira, esse fato, da multiplicação de produtos culturais destinados ao público *teen*, ocorre em vários países do mundo. O número de publicações – livros, jornais e revistas – para adolescentes tem aumentado significativamente nos Estados Unidos. Os seriados de televisão, contemplando o cotidiano de grupos jovens, também proliferam; no Brasil, temos uma amostra dessa produção através dos vários canais de TV a cabo. No Capítulo 1, desenvolverei mais detidamente esse tema, com dados sobre diferentes produtos culturais dedicados aos adolescentes dos anos 90.

<sup>9</sup> Tratarei desses conceitos mais detidamente nos Capítulos 2 e 3, oportunidade em que será delimitado o uso de termos como sujeito, subjetivação, subjetividade, discurso e enunciado – fundamentais na teoria de Foucault e na orientação deste trabalho.

<sup>10</sup> Tendo como *founder fathers* os teóricos da Escola de Frankfurt (mormente Theodor Adorno, Walter Benjamin e Herbert Marcuse), inúmeros estudiosos dos meios de comunicação desenvolveram teorias e investigações em que, basicamente, fazem a crítica ao culto da mercadoria no campo da cultura, denunciando o aviltamento do consumidor da indústria cultural, a unidimensionalidade dos produtos e das idéias, em suma, o processo de instrumentalização da razão – que já não serviria à liberdade dos homens. Em que pesem a qualidade e a profundidade de muitos estudos (vejam-se as análises de Olgária Matos, por exemplo), os novos tempos deste final de século exigem uma complexidade maior na análise do fenômeno das comunicações, de modo que ultrapassem modelos esquemáticos fortemente marcados pela relação mecânica entre infra-estrutura e superestrutura, e pela condenação da indústria cultural.

<sup>11</sup> Trata-se aqui das teorias desenvolvidas pelo francês Jean Baudrillard, que nos fala da criação, em nossa cultura, de uma espetacularização do cotidiano, operada pelas imagens da mídia, com a conseqüente produção de uma hiper-realidade sem sentido, diferente da concreta, que estaria sendo transformada em algo banal. As massas, segundo esse autor, repeliriam o sentido, se ligariam irremediavelmente ao espetáculo e seriam indiferentes a qualquer processo de conscientização (BAUDRILLARD, 1985, p. 17-18).

<sup>12</sup> As análises semiológicas das narrativas da mídia foram inauguradas pelo trabalho inventivo e rigoroso de Roland Barthes, a partir de *Mitologias*. Em *O óbvio e o obtuso*, o autor sugere que o analista dos textos procure o “mais”, o “sentido obtuso”, ao qual somente se chega através de cuidadosa educação e sensibilidade do olhar. No Brasil, destacam-se as análises semióticas de Décio Pignatari, sobre o cotidiano da produção e recepção televisiva (como o livro *Signagem da televisão*); também os estudos de Teixeira Coelho, como o publicado na obra organizada por Aduino Novaes, *Rede imaginária* (V. Biblio.).

modelos da língua e dos signos, e ficam, como diz Foucault, no mundo platônico e apaziguado da linguagem, quando o cotidiano que todos experimentamos é radicalmente um campo de batalhas, por mínimas e microscópicas que sejam.

A concepção relacional de poder em Foucault “afirma que o poder se exerce por relações de força, por redes que se instauram em um espaço polivalente com multiplicidade de pontos de resistência” (Santos, 1996, p. 10); difuso e múltiplo, o poder é também “positivo”, isto é, produz coisas, pessoas, práticas, objetos, instituições. Produz, sobretudo, sujeitos. E saberes.

“Enfim, o dispositivo poder-saber comporta uma vontade de saber, uma expressividade manifesta e visível por mecanismos positivos: dos produtores de saber e dos multiplicadores do discurso; pelo surgimento e funcionamento de estratégias de poder que terão como efeitos últimos a interdição, mas também uma cultura. Em síntese, a genealogia do poder consiste na reconstrução da gênese e dos mecanismos de operação dos diversos elementos que configuram um dispositivo como forma social prática e discursiva” (Idem, p. 13).

Considerando que o objeto de análise escolhido são os discursos que a mídia produz para o adolescente – dois programas de televisão, uma revista, um jornal<sup>13</sup> –, o que proponho como investigação é descrever como se constrói essa discursividade, no Brasil de hoje, a partir de perguntas inspiradas em Foucault, sobre as formas de poder e saber que constituem tais discursos. Para tanto, dirijo-me aos textos da mídia, indagando-lhes: que relação há entre a tendência, observada nas sociedades contemporâneas, a um aperfeiçoamento crescente de redes de poder, ao mesmo tempo individualizadoras e totalizantes, e a produção de um sujeito adolescente para este final de século? A partir dessa pergunta, extraio dos documentos que constituem o *corpus* discursivo da pesquisa alguns enunciados principais, referentes a práticas, procedimentos e técnicas relativas ao que Michel Foucault denominou “experiências de si” – práticas que falam do aperfeiçoamento do corpo e da alma, da sexualidade, das relações de gênero e da constituição de si como cidadão –, experimentadas numa temporalidade radical pelos mais jovens, na construção de sua identidade individual e social, isto é, experiências vividas num tempo de ruptura com o passado, de urgência em afirmar-se na atualidade e de incertezas diante de um saber-fazer futuro.

---

<sup>13</sup> No Capítulo 1, “Evidências de uma discursividade”, relato como fiz a escolha do *corpus* de análise: os programas de televisão (*Confissões de adolescente* e *Programa Livre*), a revista (*Capricho*) e o jornal (*Caderno Folhateen*).

Se aceitamos que a emergência de tantos textos dirigidos ao público adolescente ligue-se ao processo de “juvenescimento” da sociedade, afirmado por Hobsbawm, e ao papel que gradativamente a mídia vai assumindo, de “educadora eletrônica” das novas gerações, em detrimento de outras agências, poderíamos acrescentar, com base em Foucault e Ariès, que a centralidade assumida historicamente por determinados grupos (no caso, de uma população jovem, de acordo com um recorte de geração), como objeto de poderes e saberes, também relaciona-se aos modos de as sociedades fazerem o enfrentamento político e social de problemas demográficos. Afinal, como organizar uma população que cresce e que passa a ter uma expectativa de vida maior? Que fazer com jovens desempregados? Essa tendência em prorrogar o início da vida adulta – sair de casa, casar, ter um emprego e ampliar a família – parece acentuar-se em nossos dias, embora já se anuncie de certa forma desde os finais do século XVII. O prolongamento da infância e da adolescência nos séculos XVIII e XIX, conforme é historiado por Ariès, corresponde a uma infinidade de processos de confinamento de crianças (aí compreendidos os que hoje se denomina de *teens*), e está inextricavelmente ligado à constituição dessa população como “problema” e como “naturalmente incapaz”. Ela se faz alvo e instrumento de poder, de modo particular através da vigilância de sua sexualidade. Como diz Foucault, “o fim era constituir, através da sexualidade infantil, tornada subitamente importante e misteriosa, uma rede de poder sobre a infância” (Foucault, 1992, p. 232).

A partir de meados do século XX, a constituição da juventude como “fenômeno” ou “problema” da sociedade moderna, passa a ser objeto de estudo de pelo menos duas áreas principais: a psicologia e a sociologia, nas quais se destacam dois clássicos: *De geração a geração*, do sociólogo Eisenstadt, e *Identidade – juventude e crise*, do psicanalista Erik Erikson. Eisenstadt, por exemplo, faz um estudo comparativo de sociedades primitivas, históricas e modernas, mostrando que grupos etários não existem por acaso, mas surgem a partir de condições sociais muito específicas e são fundamentais tanto para a continuidade do sistema social como para a formação das personalidades individuais. Essa importância das definições etárias diferenciais fica evidente no momento em que a continuidade é rompida – pela ação de grupos delinqüentes ou revolucionários juvenis (Eisenstadt, 1976, p. 12-13) – tema de uma infinidade de teses e de estudos ao longo deste século<sup>14</sup>.

No caso específico dos anos 90, recentes estudos demográficos afirmam que, no Brasil – acentuadamente em São Paulo –, estaríamos vivendo um fenômeno denominado “onda jovem” – semelhante ao que ocorreu no pós-guerra, nos anos 60, e que trouxe à visibilidade a

---

<sup>14</sup> A socióloga Helena Wendel Abramo, em *Cenas juvenis – Punks e darks no espetáculo urbano*, faz um apanhado de todos esses estudos, mormente a partir da área da sociologia, em mais de setenta páginas do livro, que antecede a análise feita sobre o movimento musical de *punks* e *darks*, em São Paulo, no decorrer dos anos 80. A autora comenta as teses sobre juventude, entre outras, as de Edgar Morin e de Karl Mannheim; os estudos

juventude e todos os problemas decorrentes do chamado conflito de gerações. Ou seja, vivemos “um momento no qual, em decorrência da dinâmica demográfica passada, as faixas entre 15 e 24 anos encontram-se especialmente alargadas” (Madeira e Bercovich, 1992, p. 1)<sup>15</sup>. Para as pesquisadoras Felícia Madeira, da Fundação Carlos Chagas, e Alcía Bercovich, do Departamento de População do IBGE, pode-se dizer que se estenderia ao resto do País o exemplo do Estado de São Paulo – em que, de 1990 a 1995, segundo as previsões, deve ter ocorrido o acréscimo de mais de 600 mil adolescentes (população de 15 a 19 anos), quase três vezes maior que o crescimento do quinquênio anterior. E, considerando-se o resultado de pesquisas sobre jovens trabalhadores, esse dado demográfico assume importância maior ainda: a tendência é o desaparecimento de um típico jovem trabalhador, diferenciado dos adolescentes e jovens das camadas médias e altas da sociedade: “o que encontramos foi um personagem muito diferente, cuja imagem e comportamento é a do adolescente típico, delineado com muita precisão e insistência nos meios de comunicação de massa, sobretudo na televisão” (Idem, p. 19).

Coincidindo com as pesquisas do inglês Paul Willis, sobre jovens trabalhadores da Grã-Bretanha<sup>16</sup>, os estudos da socióloga Felícia Madeira também indicam a forte relação, para esses grupos, entre as aspirações de liberdade e os desejos de consumo. O complexo sistema que envolve produção, comércio e publicidade – dirigido a adolescentes e jovens –, acaba por criar e desenvolver uma gramática do gosto, visível nos produtos e marcas que se tornam intensamente desejáveis por meninos e meninas de todas as classes sociais. Os objetos e todo o imaginário ao qual estão associados passam a compor um tipo de identidade jovem, cujo local de circulação e veiculação, por excelência, são os meios de comunicação, principalmente as revistas femininas e os programas de televisão, as rádios FM e todas as práticas de lazer que envolvem a música, a dança e, fundamentalmente, a exposição e as *performances* do corpo jovem – visível, por exemplo, nos modos como esses grupos se movimentam no interior dos *shopping centers*.

Rebeldia, contestação, enfrentamento da ordem estabelecida – essas palavras e expressões já não cabem na caracterização dos grupos jovens dos anos 90. Permanecem apenas como referências a um outro tempo, que solidificou uma idéia quase mítica de mudança, liderada por uma geração de jovens. Os anos 60 e 70 conheceram, em todo o

---

sobre a juventude brasileira, de Marialice Foracchi; a análise de Stuart Hall sobre as subculturas jovens no pós-guerra inglês; a interpretação de Agnes Heller a respeito dos movimentos culturais e mudança social (V. Biblio.).

<sup>15</sup> Voltarei a referir-me a esses dados demográficos no Capítulo 4, “Imagens de uma confiança pública”, quando sintetizo as condições de emergência de textos como *Confissões de adolescente*, o diário da atriz Maria Mariana, que se multiplicou em livro, seriado de televisão, audiolivro, CD, peça de teatro.

<sup>16</sup> Datam da década de 70 as primeiras pesquisas do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCES), da Universidade de Birmingham, sobre subculturas juvenis do pós-guerra – basicamente desenvolvidas a partir de jovens operários ingleses em função de sua relação com as mudanças tecnológicas, a indústria cultural e as aspirações de consumo. Segundo os pesquisadores de Birmingham, as formas de resistência e incorporação de

mundo, a expressão de uma juventude que se fez contestadora da ordem política e social, dos tradicionais padrões de comportamento, principalmente o sexual; perseguidora da transformação e das utopias; criadora de todo o tipo de vida alternativa, de uma infinidade de expressões da contra-cultura<sup>17</sup>. Dela, sabemos os frutos:

“O saldo daqueles anos teria sido o desenvolvimento da consciência ecológica, a aspiração a um novo equilíbrio homem-natureza, a uma nova relação entre os gêneros e uma nova concepção de família, uma liberalização da moral e dos costumes, uma nova relação com o lazer e com o prazer. A série de movimentos de afirmação da diversidade, como os movimentos feministas, de homossexuais, de grupos étnicos, de minorias, etc., o desejo de autonomia e o crescimento da importância das questões do cotidiano no âmbito político são também, de certa forma, fruto daquele período de fermentação e ruptura” (Abramo, 1994, p. 41).

Os anos 80, centro de atenção da pesquisa de Helena Abramo – publicada no livro *Cenas juvenis* –, caracteriza-se como o tempo do desaparecimento do binômio “juventude-rebeldia”, que cede lugar a uma multiplicação de “tribos” (*punks* e *darks*, por exemplo), quase sempre ligadas a “estilos musicais e modos espetaculares de aparecimento”, como descreve a autora (p. 43). O gosto musical, a dança, a roupa – esses parecem ser os caminhos de se tornar identificável, de destacar-se socialmente e de gozar um tempo de liberdade antes de adentrar o mundo da responsabilidade adulta.

“O mundo juvenil agora une a participação no mercado de trabalho à participação no consumo de moda e de lazer, tornando extremamente significativas as vivências nas atividades de diversão, vinculadas à indústria cultural e aos meios de comunicação, ao lado da vivência escolar.

Como já ocorria entre os jovens das classes médias, o consumo e a diversão têm-se tornado dimensões cada vez mais importantes para os jovens das camadas populares, espaços vitais para a elaboração de suas identidades e para a construção e expressão de suas referências culturais” (Idem, p. 74).

Ora, os anos 90 vão assistir a um novo arranjo de forças no campo cultural, no que se refere a essa faixa da população: se, de um lado, crescem e se multiplicam novas “tribos” e

---

novos valores e padrões de vida produzem estilos muito particulares de existência. Ver a propósito o texto “Paro juvenil: pensando o impensable”, de Paul Willis (In: ENGUITA, 1986, p. 101-132).

<sup>17</sup> Sobre a fertilidade cultural, arraigada intrinsecamente à fertilidade da participação política, Helena Abramo cita, entre outros, os estudos de Heloísa Buarque de Hollanda, como *Cultura e participação nos anos 60*, escrito com Marcos A. Gonçalves. Neste, os autores fazem um levantamento e análise dos principais movimentos, como o Tropicalismo, e as mais significativas produções em teatro, cinema, artes plásticas e música popular brasileira dessa década. No epílogo do livro, os dois autores situam o movimento dos estudantes universitários, no período pós-68, mostrando como ocorre entre os jovens o florescimento de uma “contracultura”, tão bem expressa pelos tropicalistas. Veja-se também, da mesma autora, *Impressões de viagem* (sobre poesia e produção cultural nos anos 60 e 70). A respeito do movimento estudantil da década de 60, destaca-se *Paris 1968 – as barricadas do desejo*, de Olgária Matos. Os três livros foram editados pela Brasiliense.

estilos, como os *rappers* (ou simplesmente *rap*) e os *grunges*; se, igualmente, adolescentes e jovens continuam enfrentando os problemas da queda da qualidade do ensino, em todos os níveis, da dificuldade de tornar-se profissional ou simplesmente conseguir um emprego – é bem verdade que eles encontraram uma acolhida espetacular na mídia: são descobertos como o novo alvo do mercado, justamente no tempo em que se experimenta o auge da globalização das economias e das culturas. Na publicidade e nos produtos de todos os meios de comunicação, eles adquirem centralidade, não só como público específico mas inclusive como modelo para outras gerações: mais do que nunca, o corpo jovem habita os sonhos e o ideal de beleza tanto das crianças como, principalmente, dos mais velhos. Qualquer gesto seu transforma-se em grande e espetacular “movimento”: basta lembrar o episódio dos “caras-pintadas”, em 92, por ocasião do *impeachment* do então presidente Collor<sup>18</sup>. Portanto, não seria por acaso que, especialmente no decorrer dos primeiros anos desta década, as novelas de horário nobre criariam seus “núcleos jovens”, os grandes jornais lançariam seus cadernos *teens*, as editoras de revistas multiplicariam suas publicações, segmentando uma infinidade de públicos jovens (surfistas, jogadores de RPG<sup>19</sup>, desportistas “radicais”, meninas adolescentes românticas, fãs de *rock* “pauleira” e de música *pop*, *funks*, leitores de histórias de horror, e assim por diante), e que a indústria fonográfica multiplicaria suas ofertas e ídolos, com o olhar diretamente nesse público.

Num tempo de AIDS, de histórias de anorexias e bulimias, de inúmeras campanhas dirigidas ao adolescente, para que aprenda a fazer o “sexo seguro”, desfilam os arautos de um novo modo de “cuidar” e de definir o jovem e o adolescente. Nos consultórios médicos, nas universidades, nas clínicas psiquiátricas, nas escolas, nas famílias, nas instituições jurídicas, assistencialistas e políticas, nas agências de publicidade, nos institutos de pesquisa e, sobretudo, na mídia, o sujeito adolescente é constituído, falado, pensado e colocado na ordem do dia. Seu corpo e sua sexualidade merecem estudos diferenciados, conforme os grupos e classes sociais considerados: médicos criam grupos de educação sexual, para prevenir gravidez e AIDS na adolescência, dedicando atenção especial às meninas de camadas populares. Pesquisadores da área da educação incluem em suas investigações um grupo novo: os meninos de rua, para quem as palavras adolescência e infância traduzem mais uma ausência do que propriamente um estágio da vida. Pedagogos ocupam-se com crianças precocemente “adolescentizadas” e com jovens “infantilizados” que adentram as universidades. Produz-se, assim, um discurso especializado em adolescência e juventude, acompanhado de uma série de lutas e conquistas sociais, visíveis em documentos e instituições, como é o caso do Estatuto da Criança e do Adolescente e da instalação e funcionamento, em várias capitais e cidades do interior do País, dos Conselhos Tutelares da

---

<sup>18</sup> No Capítulo 1, essa proliferação da presença jovem será tratada com mais vagar.

<sup>19</sup> Abreviatura de *Role Playing Games*, jogos em que os participantes, a partir de um texto-base, brincam de desempenhar papéis.



Criança e do Adolescente. Especialistas de diversos campos dizem o que é ser jovem hoje, que perigos e doenças rondam sua existência, e como tratar faltas, excessos e desvios. Jovens e adolescentes conquistam direitos e, ao mesmo tempo, tornam-se disponíveis como importantes objetos de saber e poder<sup>20</sup>.

Se é verdade – considerando o quadro sócio-cultural e histórico exposto acima – que jovens e adolescentes, principalmente os deste fim de século, encontram uma receptividade especial na mídia e no mundo do espetáculo, da publicidade e do consumo – na medida em que esses lugares procuram produzir e reproduzir uma gestualidade, um vocabulário e práticas cotidianas jovens, nas quais a música, o corpo, o namoro, a sexualidade e os modos de vestir-se figuram como elementos básicos –, então é investigando os documentos aí elaborados que talvez se possa mapear como os poderes e saberes de nosso tempo cercam e nomeiam uma geração. Como se constitui uma rede de poder sobre a adolescência, exatamente nesse lugar, do discurso, da produção e circulação de saberes – local em que, segundo Foucault, o poder se faria ainda mais insidioso? – Essa é a pergunta básica. Minha hipótese é que a mídia constrói um sujeito adolescente, propondo-lhe uma multiplicidade de normas, regras e “práticas de si”, necessárias a um tipo de “relação consigo”; diferenciado em relação à criança e ao adulto, esse adolescente é marcado basicamente pelas condições de classe e gênero. A “relação consigo” é a relação pela qual o sujeito constitui a si como “sujeito moral”, ou seja, pela qual ele aprende a reconhecer e a estabelecer para si como bons e verdadeiros certos modos de agir; isso, por sua vez, exige que ele faça aprendizagens, exercite-se, aperfeiçoe-se, segundo valores, regras de conduta e interdições de seu tempo, de sua cultura e de sua condição social e de gênero. Conforme nos mostra Foucault, em nossa cultura o estabelecimento da verdade de si mesmo, a partir da “relação consigo”, atinge, necessariamente, o problema central da sexualidade do sujeito e das operações que faz sobre o próprio corpo<sup>21</sup>. Como se verá na análise dos documentos – que, na medida do possível, tentamos erigir como “monumentos”, conforme sugere o modo arqueológico de Foucault –, é em direção a esse núcleo da intimidade e da

---

<sup>20</sup> No decorrer da análise dos produtos da mídia, esses campos de poder e saber aqui citados aparecerão concretamente. Só para exemplificar, cito alguns aqui: a) O Hospital de Clínicas de Porto Alegre mantém um seminário permanente sobre adolescência, desde o início da década de 90. Outras entidades médicas, como o Grupo Santo Antônio e o Hospital Presidente Vargas, mantêm grupos de estudo e equipes de assessoria a escolas, destinados a pesquisar a adolescência, sobretudo a relação entre saúde, sexualidade e rendimento escolar. O Instituto Mário Martins, de Porto Alegre, escola de formação psiquiátrica, criou em 94 um grupo interdisciplinar para tratar de transtornos alimentares na adolescência; b) Em 94, a Universidade Santa Úrsula, do Rio de Janeiro, publicou um livro em que se faz a análise da bibliografia produzida de 80 a 90 no Brasil, sobre a menina e a adolescente em situação de pobreza (V. Biblio.); c) Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, estão em curso vários projetos de pesquisa, da Faculdade de Educação, destinados a estudar os meninos de rua, sob os pontos de vista social, pedagógico e da psicologia da inteligência; d) Também na UFRGS, alunos de pós-graduação, ligados à Faculdade de Farmácia, têm realizado inúmeros estudos sobre adolescência, em geral relacionando essa faixa etária a problemas de saúde que envolvem o consumo de drogas, a sexualidade, a gravidez precoce e a contaminação por doenças sexualmente transmissíveis.

<sup>21</sup> Os conceitos foucaultianos aqui referidos (“relações consigo”, “práticas de si”) – além dos já mencionados acima, de poder, saber, discurso e sujeito –, serão, obviamente, objeto dos textos teórico-metodológicos (Capítulos 2 e 3) e da análise dos materiais empíricos (Capítulos 4 a 7).

privacidade dos corpos, das vivências sexuais e das relações de poder entre homens e mulheres adolescentes, que se dirigem prioritariamente os textos analisados. A constituição da menina adolescente, por exemplo, emerge como fundamental nesses discursos, que se esmeram em delinear exercícios, disciplinas e uma infinidade de práticas destinadas especialmente a esse alvo de antigas e novas redes de poder-saber.

Desmembrando a hipótese desta pesquisa em seus elementos principais, é possível anunciar como se fará o trabalho sobre o material empírico. A hipótese aqui formulada supõe que: a) de dentro dos próprios discursos, como sugere a análise enunciativa apreendida do Foucault arqueologista, são apreendidos os jogos de poder entre diferentes campos discursivos (de modo particular, da medicina, psicologia, publicidade e moda, além, é claro, da própria mídia e de todos os saberes e práticas relativos à comunicação de massa) que disputam a hegemonia na definição do sujeito adolescente, quanto à sua conduta sexual e à sua definição de gênero; b) as diversas modalidades enunciativas dos produtos analisados afirmam o estatuto da mídia não só como veiculadora mas também como produtora de saberes especializados – isto é, de verdades sobre o corpo e a mente dos jovens –, ao mesmo tempo que se coloca numa função nitidamente “pedagógica”; c) a mídia expõe o jogo social de inclusão e exclusão de diferentes adolescências – meninos de rua, jovens trabalhadores, *top models*, astros do espetáculo, drogados, adolescentes grávidas, meninos e meninas estudantes, atletas, jovens violentados –, transformando constantemente os textos referidos a esses grupos, na própria medida das inclusões e exclusões; d) a centralidade da adolescência nos meios de comunicação, sobretudo do corpo adolescente feminino, indica necessariamente um movimento disperso de resistência, por parte dos mais jovens<sup>22</sup>.

### III – DA LOCALIZAÇÃO DO ESTUDO

O objetivo desta pesquisa é fazer o exercício de “pensar de outro modo” as formas de a mídia dirigir-se ao público adolescente, a partir da análise de textos que correspondem a diversas modalidades enunciativas em diferentes meios de comunicação. Mais especificamente, o que pretendo é descrever o discurso da mídia, reconstruindo-o de acordo com um esquema que prioriza os modos como esses textos se dirigem a meninos e meninas adolescentes, no sentido da “experiência de si” – ou seja, no sentido em que incitam um determinado público a produzir para si mesmo uma determinada “relação consigo” ou a transformá-la. Estou supondo um certo paralelismo entre a operação constitutiva das práticas pedagógicas escolares e a que ocorre na relação entre os jovens espectadores de TV e leitores de jornais e revistas e aqueles produtos culturais por eles consumidos nesse processo. Assim,

---

<sup>22</sup> Como se verá, nos Capítulos 4 a 7, as afirmações hipotéticas aqui apresentadas orientam toda a operacionalização do esquema de análise enunciativa dos discursos da mídia. Os textos são estudados, organizados, distribuídos e reorganizados a partir do conceito básico de “relações consigo”, contemplando os quatro desdobramentos da hipótese central expostos acima. Esse conceito será desenvolvido mais explicitamente no Capítulo 2, “O desejável conhecimento do sujeito”, bem como no decorrer de toda a análise (Capítulos 4 a 7).

esta investigação apresenta algumas semelhanças com as que Jorge Larrosa<sup>23</sup> tem realizado, a propósito das práticas pedagógicas e seus mecanismos de produção de sujeitos.

Em outras palavras, este estudo inscreve-se ao mesmo tempo em duas tendências de investigação nas chamadas Ciências Humanas, que se fortalecem nas últimas décadas deste século: de um lado, privilegia os processos de subjetivação<sup>24</sup>, perguntando-se sobre os modos de construção dos sujeitos e sobre as práticas que Foucault chamou de “técnicas de si”, as quais se caracterizam principalmente pela tensão básica de fazer falar e de regular a confissão provocada; de outro, elege como foco de atenção os textos produzidos na mídia, esse lugar que, na cultura contemporânea, emerge como fundamental no conjunto amplo das esferas sociais e, particularmente, na construção das identidades e das formas culturais de vida para as populações jovens. Nesse aspecto, talvez responda à necessidade, constatada e anunciada por estudiosos como Henry Giroux<sup>25</sup>, de que sejam pesquisadas pedagogias externas ao processo de escolarização:

“Uma nova política cultural também deve lidar, criticamente, com aqueles discursos que estão fora dos domínios tradicionais do conhecimento, para ampliar a definição histórica e relacional de textos culturais, e analisar a forma como o ‘conhecimento, não importa quão mundano e utilitário, joga com imagens lingüísticas e produz práticas culturais’<sup>26</sup>. A necessidade de uma tal análise fica demonstrada no poderoso papel que a mídia está, de forma crescente, assumindo na produção de imagens e textos que penetram em cada vez mais áreas da vida cotidiana” (Giroux, 1995, p. 136).

Giroux afirma ainda que “as imagens eletronicamente mediadas, especialmente a televisão e o filme, representam uma das armas mais potentes da hegemonia cultural no século XX” (Idem, p. 155). Para o autor, inclusive, pedagogos não seriam apenas os professores, mas todos os agentes culturais modernos – como os publicitários, os gerenciadores de *shopping*

---

<sup>23</sup> Professor da Faculdade de Pedagogia da Universidade de Barcelona, Jorge Larrosa tem publicado inúmeros trabalhos em revistas de circulação internacional, nos quais discute a produtividade das teorias de Foucault sobre a construção do sujeito moral, de modo especial no campo da educação. O texto “Tecnologias do eu e educação” contém uma análise rigorosa e rica de um conjunto de práticas pedagógicas bem distintas uma da outra, mas que se unem por uma lógica do dispositivo pedagógico, segundo a qual se faz não só a construção e transformação da relação do sujeito consigo mesmo como se propõem determinadas mediações, dadas pela própria prática específica – por exemplo, os exercícios de auto-avaliação, as narrativas de histórias de vida como exemplos “para si” e as práticas de auto-reflexão dos educadores. In: SILVA (Org.), 1994, p. 35 e ss.

<sup>24</sup> No Capítulo 2, “O desejável conhecimento do sujeito”, delimito o conceito de subjetivação, circunscrevendo-o ao campo teórico foucaultiano. Como se verá, os conceitos de sujeito e de todos os seus derivados – como subjetivação, subjetividade, assujeitamento – têm um sentido muito particular em Foucault, basicamente por estarem sempre ligados às noções de verdade e poder.

<sup>25</sup> Henry A. Giroux é professor da Pennsylvania State University, nos Estados Unidos; destaca-se no campo da educação como um pensador rigorosamente atento a seu tempo: seus estudos e teorizações sobre a relação entre cultura, sociedade e educação incorporaram-se à bibliografia básica dos educadores brasileiros nos últimos tempos. Os trabalhos mais recentes do autor têm sido traduzidos e publicados no Brasil, como os que figuram em *Alienígenas na sala de aula*, livro organizado por SILVA, Tomaz T. (V. Biblio.).

<sup>26</sup> A frase entre aspas simples é de T. Morrison, da obra *Playing in the dark: whiteness and the literary imagination*. Cambridge, Harvard University Press, 1992.

*centers*, os profissionais de rádio e televisão –, que de diferentes formas operam sobre desejos e necessidades dos indivíduos, prometendo-lhes esperança “ou, mais provavelmente, a ilusão da satisfação” (Idem, p. 156). Outros pesquisadores educacionais observam que a relação entre a experiência estudantil e a cultura da informação estaria na base da emergência de um novo tipo de estudante – fato a que educadores e dirigentes de sistemas de ensino ainda estão pouco atentos: “a construção social e discursiva da juventude envolve um complexo de forças que inclui a experiência da escolarização, mas que, de forma alguma, está limitada a ela. Entre essas forças e fatores estão os meios de comunicação de massa, o *rock* e a cultura da droga, assim como várias outras formações subculturais” (Green e Bigum, *apud*: Silva, 1995, p. 210).

Na esteira dos chamados Estudos Culturais, como os dirigidos por Raymond Williams, Stuart Hall e Paul Willis, por exemplo – nos quais se identificam e articulam os diferentes cruzamentos entre sociedade e cultura –, ocupo-me justamente da compreensão de um dos aspectos básicos que constituíram e constituem a cultura de nossos tempos: a ação eficaz e profunda dos meios de comunicação de massa na vida cotidiana, numa época que se denomina “globalizada”<sup>27</sup>. Dentro desse campo, interesse-me por compreender e descrever os modos pelos quais esta sociedade fala à intimidade dos indivíduos e a seu cotidiano privado, ao mesmo tempo em que lhes propõe uma espécie de “ação ética”: isto é, na medida em que lhes oferece o exemplo de certas formas de agir sobre si mesmo e lhes diz o quanto devem constituir-se a si mesmos como lugares de “verdade”. Investigando os documentos em que se materializam essas regras, esse conjunto de exercícios de normalização dos sujeitos, suponho que seja possível fazer, simultaneamente, a cartografia dos desvios, das resistências e dos desejos que fervilham no interior desses mesmos discursos.

#### IV – ADOLESCÊNCIA, RECEPÇÃO E MÍDIA: DO USO DOS TERMOS

Apresentadas as justificativas, objetivos e hipóteses de trabalho, bem como a respectiva orientação teórica, cabe finalmente explicitar o uso que faço de alguns termos básicos como adolescência e mídia. Tanto um como o outro aparecem, neste final de século, como termos que, gradativamente, deslocam-se de um restrito campo de referência para assumirem um espectro bastante amplo de significados. Ao mesmo tempo, pode-se dizer que ocorre uma curiosa intersecção entre os dois termos: de um lado, a própria mídia, aliada à publicidade e ao *marketing*, encarrega-se de criar e divulgar uma nova denominação para uma determinada faixa da população, chamando-a de geração *teenager* ou simplesmente *teen*, sem

---

<sup>27</sup>Na Introdução a seu livro, Néstor Canclini fala inclusive na “explosão globalizada das identidades”, que está ligada à desterritorialização dos conteúdos e das formas de consumo, bem como às novas articulações entre o público e o privado; mas o autor não deixa de citar dois grandes contrastes: a) entre o que é “globalmente” oferecido e aquilo a que, efetivamente, as grandes populações das camadas populares têm acesso; b) entre o que se consome e o que se produz para esse consumo: “Somos subdesenvolvidos na produção endógena para os meios eletrônicos mas não para o consumo” (Op. cit., p. 30).

que haja muito rigor em definir as idades aí compreendidas; de outro, a figura do adolescente emerge nos meios de comunicação não apenas como um novo alvo, nomeado com uma nova linguagem, mas como um modelo ou um ponto de chegada para as demais gerações. Dito de outro modo: o modo de ser adolescente, visível na frescura do corpo que amadurece e em toda a beleza de que é capaz, torna-se alvo dos discursos produzidos e veiculados no cinema, na televisão, nas revistas e jornais, nos corredores de *shopping centers* ou nos bares e pontos de festa, como “coisa em si desejável” – confirmando as palavras de Ariès a respeito do século XX, em que se verifica a tendência a se chegar rapidamente a uma idade, a adolescência, na qual “precisamos” permanecer o maior tempo possível.

Mesmo no restrito campo médico e psicológico, a partir do qual prioritariamente se define essa fase da vida, não há consenso sobre sua localização na pirâmide das idades. “Não se conhece tão bem o adolescente como se conhece a criança”, justifica Françoise Dolto (1990, p. 11, trad. minha). Assim, pode-se chamar adolescente aquele que se encontra na transição para a idade adulta (em média, aquele que tem de 14 a 18 anos) ou aquele que se encontra entre o período da puberdade e o pleno desenvolvimento muscular e nervoso, incluindo aí a completa ossificação da clavícula (dos 11 aos 13 anos, aproximadamente, até os 20 ou 23 anos)<sup>28</sup>. O campo da sociologia interessou-se durante longo tempo, como vimos acima, pelas questões relativas à entrada dos mais jovens na vida social – como a integração aos valores da sociedade e à vida adulta e todos os problemas decorrentes da negação desse novo mundo: rebeldias, revoltas, transgressões, delinquência, marginalidade, formação de grupos ou, como hoje se auto-denominam, “tribos” (é o caso da pesquisa de Helena Abramo, sobre a vida e a produção cultural de *darks* e *punks* em São Paulo; ou dos estudos de Marília Sposito, sobre os *rappers*<sup>29</sup>). Considerando esse aspecto – da vida social, cultural e política –, à sociologia interessaram mais os grupos situados no que se convencionou chamar de juventude – que os especialistas da demografia situam como a população de 20 a 24 anos, em oposição aos adolescentes, que se situariam entre as pessoas de 15 a 19 anos (Cfe. Madeira e Bercovitch, op. cit.)<sup>30</sup>.

O que interessa aqui não é nos perdermos na discussão de faixas etárias, e sim registrar o fenômeno atual do retardamento da entrada na vida adulta, decorrente de um estreitamento do mercado, que impele o ingresso tardio das populações jovens no mercado de trabalho. Essa ampliação do tempo de dependência em relação à vida familiar e escolar, com todo o conjunto

---

<sup>28</sup> Quanto ao critério do crescimento, Françoise Dolto, no Capítulo 1 de *La causa de los adolescentes* (“El concepto de adolescencia: puntos de referencia, puntos de vista”), diz que esse período poderia estender-se até os 20 anos; Sônia Novinsky, terapeuta e pesquisadora na área de adolescência, refere-se aos 23 anos como idade máxima para a adolescência, na conferência “Perfil do adolescente: imagens construídas para o consumo”, in: ARRUDA, Silvani; CAVASIN, Sylvia (Org.), 1991, p. 14.

<sup>29</sup> Marília Sposito, aliás, usa o termo juventude para designar tanto os adolescentes (de 14 a 17 anos) como os jovens (de 17 a 25 anos). Cfe. SPOSITO, 1992, p. 47.

<sup>30</sup> No Capítulo 1, faço referência também às pesquisas de mercado, que consideram jovem ou *teen* o grupo situado entre os 13-14 e os 23-24 anos.

de conflitos daí decorrentes – fenômeno que deve ser considerado em seus recortes sobretudo de classe e gênero – explica o fato de que o mercado e, portanto, a publicidade e os meios de comunicação, descobrem a adolescência como um novo *target*. O cruzamento desses fatores está, certamente, na raiz do uso indiscriminado de termos e imagens que denominam e representam a ampla faixa daqueles que a mídia passou a chamar de *teens*. Adolescentes, jovens, adolescência, juventude, geração *teen*, estudantes, ninfetas, consumidores jovens, geração *shopping center*, geração “ficar com”, *teenagers*, entre tantas outras palavras e expressões, povoam os textos da mídia e passam a ser usadas sem qualquer rigor quanto ao critério da idade, embora obviamente haja uma total diferença entre uma menina de 12 anos e uma de 23. Aliás, as palavras menino e menina, curiosamente, já não denominam só as crianças e podem ser aplicadas a um adolescente de 18 ou a uma garota de 20 anos, sem problemas. Tudo se passa como se a infância – sobre a qual tantos poderes e saberes se debruçaram, durante tanto tempo, desde o século XVIII – agora estivesse em franco desaparecimento, para dar lugar ao alargamento cada vez maior de uma nova faixa etária, colocada em foco principalmente pelas luzes do mercado.

Como se verá na análise dos dados, todas essas denominações de uma geração existem radicalmente para determinadas camadas sociais. Em oposição aos *teens*, aos adolescentes de 14 ou 20 anos, há os que a mídia e a sociedade chamam apenas de menores, trabalhadores precoces, meninos de rua, marginais da Febem, prostitutas menores e que não ocupam as páginas das revistas femininas ou masculinas, nem os seriados de televisão, muito menos os comerciais: eles estão nas estatísticas oficiais, nas páginas policiais, nas notas de pessoas desaparecidas, nas reportagens sobre problemas sociais da infância e da adolescência. Mas, como registram os trabalhos de Helena Abramo, na sociologia, e de Marília Sposito<sup>31</sup>, na educação, entre tantos outros, há um movimento de resistência desses “menores” e jovens excluídos – exatamente a partir dos valores e das linguagens da indústria cultural, da mídia e da publicidade<sup>32</sup> –, que buscam afirmar-se em suas “tribos” e adquirem um novo tipo de visibilidade social, embora quase sempre permaneçam associados à desordem, à agressão e à violência nas grandes cidades.

Penso, assim, ter justificado por que estão presentes neste trabalho todas essas denominações, embora o título da tese opte pela palavra adolescência. Como se verá na

---

<sup>31</sup>A autora, a partir de dados sobre violência contra prédios escolares, por jovens excluídos no meio urbano de São Paulo, estuda diversas formas de sociabilidade produzidas nas ruas, no final da década de 80, por esses grupos. Essas manifestações se fazem em torno da criação musical – basicamente o *rap* –, como modos de construção de novas identidades sociais (SPOSITO, 1992).

<sup>32</sup> Citando Alberto Melucci (autor de *L'invenzione del presente*. Bologna: Il Mulino, 1991), Marília Sposito analisa o complexo movimento da sociabilidade juvenil de grupos excluídos, que inclui uma integração ao mundo do consumo e das imagens da mídia, através do trabalho ou das atividades ilícitas da delinquência e da droga: “Mas os processos subjacentes a este universo das imagens, dos símbolos e da comunicação tendem, como afirma Melucci, a produzir controles difusos da capacidade de expansão do jovem e propiciam definições externas da identidade, reduzindo sua margem de autonomia” (SPOSITO, 1994, p. 164).

análise, cada um desses termos será usado conforme o tipo de situação e de produto considerado. A revista *Capricho* e o seriado *Confissões de Adolescente*, por exemplo, têm um público-alvo bastante restrito, localizando-se prioritariamente em meninas de 13 a 16 anos, característico do que tradicionalmente se chamou adolescência. Já o *Programa Livre*, do apresentador Serginho Groisman, e o encarte da *Folha de S.Paulo*, o *Folhateen*, atingem uma faixa bem mais ampla, inclusive adultos de ambos os sexos. Porém, nesses quatro casos, a própria mídia afirma estar dirigindo-se aos *teens*, o que é ratificado pelos assuntos eleitos como objeto dos diálogos, debates, crônicas e demais modalidades enunciativas desses produtos.

Da mesma forma que o termo adolescência, a palavra mídia passou, nos últimos anos, a ser usada em lugar de meios de comunicação ou em lugar da simples citação do meio considerado. Pausteriza-se o objeto (no caso, a especificidade de cada meio), ao mesmo tempo que se atribui poder maior, uma aura inclusive, a um lugar que já não é este ou aquele veículo de comunicação, mas um outro meio: ou seja, não é a televisão, não é o jornal, é a mídia<sup>33</sup>. Como fiz a análise separadamente para cada veículo – televisão, revista e jornal –, foi possível mostrar não só o caráter “globalizado” do funcionamento dos meios, no sentido das mútuas auto-referências e da redundância dos textos, como a força de cada um em particular na colocação em discurso de uma série de práticas voltadas para a “relação consigo mesmo”, dessa faixa da população posta em evidência em nossos tempos.

Sendo assim, utilizo os termos mídia, meios de massa (ou *mass-media*), meios de comunicação social, meios eletrônicos de comunicação, indústria cultural, entre outros, para referir-me aos diferentes meios e a suas produções: rádio, jornal, revista, vídeo, televisão, cinema e todos os veículos massivos de comunicação, incluindo-se aí a comunicação que hoje se faz através da Internet. Não entro no mérito da discussão a respeito do conceito de massa – a que muitos estudiosos da área da comunicação têm dedicado importantes investigações<sup>34</sup>. E concordo com a reflexão de Umberto Eco, sobre a crescente multiplicação dos *mass-media*, numa sociedade em que os próprios consumidores são transformados em veículos (por exemplo, quando expõem as *griffes* sobre seu próprio corpo). Para o autor, inclusive, esse fenômeno está diretamente relacionado à dispersão e multiplicação das próprias redes de poder nos processos de comunicação: já não há canais, veículos e emissores univocamente ligados a uma determinada mensagem. Todos eles se cruzam e se articulam entre si, e é essa rede múltipla que precisa ser estudada (Cfe. Eco, 1984, p. 176-181).

---

<sup>33</sup> Em *Mídia: o segundo deus*, Tony Schwartz sintetiza, através de variados exemplos, em que consiste a atividade da mídia na sociedade e, principalmente, na vida de cada um dos espectadores-consumidores (V. Biblio.).

<sup>34</sup> Ver, por exemplo, *Comunicação de massa 'sem' massa*, de Sérgio Caparelli (V. Biblio.).

Vale ressaltar ainda que não entrarei na discussão sociológica sobre cultura erudita e cultura popular, cultura dominante e dominada – embora sejam temas fascinantes<sup>35</sup> –, não só porque esse não é o objetivo em questão mas porque considero que o próprio desenvolvimento das comunicações e das economias, neste final de século, aponta cada vez mais para a diluição das fronteiras entre vida e arte, cultura popular e cultura de elite, compromisso e experiência (Giroux, 1993). Tal constatação sugere, talvez, a necessidade de um investimento em outros objetos, que privilegiem alterações concretas na cultura a partir do modo como os grupos sociais se apropriam dessa dinâmica, dada pela presença efetiva dos meios de comunicação em suas vidas cotidianas.

Mesmo que não se faça aqui, rigorosamente, um estudo de recepção<sup>36</sup> – já que investigo os discursos, não os usos que deles fazem leitores e espectadores –, talvez se possa afirmar, em virtude do método de análise escolhido e ainda das modalidades enunciativas encontradas e descritas, que este estudo contempla o receptor *dentro* da mídia. Em outras palavras, eu diria que este trabalho mostra de que modo uma pluralidade de jovens e adolescentes brasileiros – meninos e meninas, estudantes ou trabalhadores precoces, vestibulandos ou marginalizados, consumidores de roupas ou de drogas, saudáveis desportistas ou contaminados pelo HIV, amados ou violentados – se fazem visíveis nos diferentes meios de comunicação, falando, escrevendo, mostrando seu corpo e amplificando sua voz, ao mesmo tempo em que são “conformados” por uma determinada gramática que, por sua vez, se multiplica como modelo de comportamento e de linguagem.

“As coisas nos acontecem precisamente, precisamente agora”, e “tudo o que realmente sucede, sucede a mim...”<sup>37</sup>. – diz o personagem de Borges, defrontado com a iminência de sua própria morte. Pois não temo afirmar que essa urgência em mergulhar no mais infalível dos

---

<sup>35</sup> Nesse sentido, julgo estimulante, por exemplo, contrapor a idéia de Pierre Bourdieu – de que a cultura popular não passaria de uma forma mutilada da cultura dominante (BOURDIEU, 1983, p. 106) – às afirmações de Alfredo Bosi sobre a concretude das manifestações culturais que ele chama de “microinstituições dispersas no espaço nacional, e que guardam boas distâncias da cultura oficial” (BOSI, 1993, p. 323).

<sup>36</sup> Depois de, durante anos, ter pesquisado o público de televisão (como fiz na dissertação de Mestrado, à qual já me referi acima), faço agora a opção por um mergulho nos textos da mídia. Considero, porém, a necessidade de se buscarem novas metodologias para os estudos do receptor, esse que, como diz Dominique Wolton, continua um “ilustre desconhecido”. O pesquisador francês chama a atenção para investigações como as de Dominique Boulier, feitas na França; no Brasil, citaria o conhecido trabalho de Carlos Eduardo Lins e Silva, sobre a recepção de operários ao *Jornal Nacional (Muito além do Jardim Botânico)* e as investigações de Mauro Wilton de Souza, sobre jovens receptores de telenovelas na periferia de São Paulo (In: PACHECO, 1991).

<sup>37</sup> Trecho do conto “O jardim dos caminhos que se bifurcam”. In: BORGES, Jorge L. *Ficções*. S.Paulo, Globo, 1989, p. 71-83.



problemas filosóficos – o problema do presente, disso que somos neste exato momento, como diz Foucault –, anima cada página deste estudo, desde o momento em que foi projetado. Sinto-me completamente mobilizada pelo mundo de imagens que produzimos, multiplicamos, pulverizamos, sobre nós mesmos, nossos corpos, nossos desejos, neste tempo em que nosso eu é insistentemente e eletronicamente mediado; o que mais me inquieta alma e pensamento é justamente a intensidade com que afirmamos nossa grandeza e miséria. A bela fotografia de *Kids* retrata fragmentos de um vazio que, certamente, pertence de alguma forma a cada um de nós.

Aceitando que as formas de produção de verdade sobre nós mesmos são radicalmente históricas e que somos herdeiros de uma infinidade de práticas, através das quais se controla e estimula o processo de constituição das subjetividades, parto dessa genealogia do sujeito moderno, elaborada pelo historiador-filósofo, mas já não me debruço sobre textos que se buscam na solenidade das grandes bibliotecas. Escolho, ao contrário, aqueles que se oferecem cotidianamente na mídia, na sua condição de materiais precários, escorregadios, efêmeros, mutantes e, paradoxalmente, sempre os mesmos. Apanhar isso que “sucede a mim”, esses múltiplos modos de a mídia dizer o que devemos ser, assume talvez uma urgência maior na medida em que os materiais selecionados dirigem-se à população de jovens e adolescentes que, como os personagens de Borges, experimentam a radicalidade do agora, porque estão justamente vivenciando um processo de mutação que os faz defrontarem-se, quiçá pela vez primeira, com o sentido da morte<sup>38</sup>.

O que está anunciado nesta Introdução passa a ser desenvolvido a seguir, em duas partes principais. A PRIMEIRA PARTE contém a discussão teórico-metodológica que sustenta a pesquisa. Antes de tratar propriamente do debate conceitual, e como condição necessária para situar o *corpus* de análise, mostro, no Capítulo 1 – “Evidências de uma discursividade” – como a mídia, desde o início da década de 90, passa a dedicar atenção especial ao público adolescente; para tanto, apresento um levantamento dos principais produtos oferecidos aos jovens, de modo particular através da televisão, cinema, teatro e literatura; no final do texto, justifico a seleção de alguns daqueles produtos, que passaram a constituir o *corpus* de análise, fundamentando-me na escolha teórica feita. Nos Capítulos 2 e 3, estabeleço um diálogo com Michel Foucault, supondo que é possível compreender múltiplos aspectos da cultura contemporânea, a partir das originais e produtivas concepções de poder, saber e sujeito que sua obra oferece. O tema da tese – a construção pela mídia de um discurso sobre a adolescência – é colocado em relação com alguns conceitos básicos do autor,

---

<sup>38</sup> Essa idéia a respeito da adolescência é desenvolvida pela psicanalista Françoise Dolto, em *Palabras para adolescentes o el complejo de la langosta* (V. Biblio.).

de modo especial aqueles expostos em *A arqueologia do saber*, *Vigiar e punir*, *Microfísica do poder* e os três volumes de *História da sexualidade*, além dos *Résumés des cours* e do célebre texto “Deux essais sur le sujet et le pouvoir”.

Assim, o Capítulo 2 – “O desejável conhecimento do sujeito” – centra-se no tema do sujeito na obra de Foucault e discorre sobre os conceitos de “governo de si”, “relação consigo”, “experiência de si”, “tecnologias do eu”, “cuidado consigo”, “práticas de si”, dispositivo da sexualidade, disciplina, subjetivação – todos, como se verá, articulados à relação principal entre poder e verdade, e sempre vistos em sua descontinuidade histórica. Importante frisar que reservo um espaço especial aos conceitos de corpo e sexualidade, pela importância que assumem no *corpus* selecionado para análise, principalmente no que se refere às questões de gênero. A técnica da confissão e a importância das descontinuidades históricas, no estudo dos processos de subjetivação, são vistas em sua produtividade efetiva na compreensão dos discursos da mídia e da cultura contemporânea.

No Capítulo 3, “Discurso como prática”, faço um estudo subordinado ao problema maior do discurso, tratando de conceitos como: práticas discursivas e não-discursivas, enunciado, cena enunciativa, formação discursiva, interdiscurso. Em torno do conceito fundamental de enunciado, discuto tópicos relativos à temporalidade dos discursos e às múltiplas relações que neles podem ser identificadas, mormente quanto às posições do sujeito, às lutas entre campos discursivos e à temporalidade radical das “coisas ditas”. Ao final do Capítulo, refiro-me ao conceito de regime de verdade, indagando como compreender a questão da verdade quando se analisam as práticas relativas aos meios de comunicação de massa.

Na SEGUNDA PARTE, dedicada integralmente à análise dos dados, descrevo, a partir de cada produto da mídia, modos de constituição do sujeito adolescente apreendidos de dentro dos textos, imagens e sons selecionados. Tomando como referência principal os conceitos foucaultianos de “relação consigo” e “técnicas de si”, a análise enunciativa ocupa-se em multiplicar relações a partir dos próprios discursos, respeitando a condição concreta de cada produto em particular. Assim, no Capítulo 4 – “Imagens de uma confiança pública” –, a análise contempla o seriado de TV *Confissões de Adolescente*; no Capítulo 5 – “O debate de si mesmo” –, o centro é o *Programa Livre*, apresentado por Serginho Groisman; o Capítulo 6 – “O imperativo da beleza feminina” – detém-se sobre as páginas da revista *Capricho*; finalmente, o Capítulo 7 – “Uma geração é notícia” – analisa *Folhateen*, o encarte jovem da *Folha de S.Paulo*. Em todas as análises, retomam-se alguns conceitos estudados nos Capítulos 2 e 3, principalmente os de “experiência de si”, “cuidados consigo”, “governo de si”, corpo e disciplina, dispositivo da sexualidade.

Na Conclusão, faço uma síntese dos principais achados da análise – sinalizados ao final dos Capítulos 4, 5, 6 e 7 –, organizando-os a partir dos quatro desdobramentos da hipótese de trabalho. Esses desdobramentos referem-se à dinâmica dos campos discursivos em luta na mídia; ao caráter “pedagógico” dos meios de comunicação; ao processo de inclusão e exclusão de diferentes adolescências, com ênfase nas diferenciações de classe e gênero; e, finalmente, aos modos de resistência de jovens e adolescentes, captados nos textos que, nesse processo, busquei tratar como verdadeiros “monumentos”.

PRIMEIRA PARTE: DO *CORPUS*,  
DO SUJEITO E DO DISCURSO

# APRESENTAÇÃO

---

“Les gens savent ce qu’ils font; souvent ils savent pourquoi ils font ce qu’ils font; mais ce qu’ils ignorent, c’est l’effect produit par ce qu’ils font”<sup>39</sup> – disse uma vez Foucault, em uma comunicação particular, citada por Dreyfus e Rabinow (1984, p. 269). Talvez se possa dizer nessas palavras esteja uma síntese do que o filósofo pensou e expôs sobre as relações entre poder, verdade e formas de produção do sujeito. A idéia-mestra é que os efeitos globais das nossas práticas (discursivas ou não-discursivas), desde aquelas mais prosaicas do cotidiano individual, até aquelas mais complexas, caracterizadoras de um determinado campo social mais amplo, não são efeitos imediatamente percebidos, e é esse o grande trunfo das estratégias de poder.

Ocupado em fazer um diagnóstico do presente vivido, Foucault teceu suas engenhosas reflexões, sempre guiado pela investigação de práticas que historicamente organizaram nossa cultura, e percebeu o quanto nos tornamos uma sociedade da disciplina e da confissão, e o quanto os saberes que produzimos funcionam como efeitos de poder. Ele nos mostrou que as práticas dessa cultura – herdadas do Cristianismo e depois aperfeiçoadas pelo conjunto de estratégias do que Foucault chamou bio-poder – produziram a objetivação e a subjetivação do indivíduo moderno, definindo para ele o que é e o que deve ser a realidade. E “essa realidade vê o mundo como um universo povoado de sujeitos e objetos que é preciso normalizar” (Dreyfus e Rabinow, 1984, p, 291, trad. minha); essa normalização, diga-se, é sempre feita em nome do bem-estar do indivíduo e das populações, e se aperfeiçoa no tempo, de um modo sempre mais complexo, de tal forma que a norma vai sendo percebida pelas pessoas como verdade e necessidade. Historiador da descontinuidade, Foucault deixou claro que, em épocas distintas, grandes temas permanentes – como o da constituição do sujeito, por exemplo, que aqui nos interessa – adquirem um desenho, uma “unidade arquetônica” distinta, possível de ser apreendida através da análise dos discursos, produzidos nas diferentes formações históricas.

---

<sup>39</sup> “As pessoas sabem aquilo que fazem; geralmente, elas sabem por que fazem aquilo que fazem; mas o que ignoram é o efeito produzido por aquilo que fazem” (Trad. minha).

Um conhecedor mediano de Foucault perceberá que, a julgar pelos parágrafos acima, não estamos distinguindo fases do autor, nem elegendo qualquer uma delas como prioritária. A arqueologia, a genealogia e a ética de Foucault são tratadas numa íntima relação, em todo este trabalho. Talvez com isso estejamos sendo bastante fiéis ao autor que, várias vezes, tentou definir o conjunto do próprio trabalho, afirmando ora que o tema principal de sua investigação teria sido o poder, ora a experiência, ora o sujeito<sup>40</sup>. Aliás, ler e reler a obra de Foucault, desejando sistematizar alguns conceitos, para mergulhá-los num estudo empírico, é tarefa bastante espinhosa – embora gratificante –, exatamente porque não é possível classificar esses conceitos, subordiná-los entre si e muito menos separar cada um deles dos demais. Segundo alguns estudiosos de Foucault, as tentativas de definição por ele mesmo do que seria o grande foco de sua obra, não significariam uma contradição nem uma dispersão de temas, mas momentos de uma mesma busca, que poderia sintetizar-se sob a idéia da subjetivação, entendendo que “subjetivar é constituir verdades, é criar regimes de verdade, é criar o sujeito como efeito dessas verdades” (Pinto, 1995, p. 6). Também não se pode dizer que haja dispersão de métodos, ou, ao contrário, uma unidade metodológica. Como escreve Roberto Machado, os livros de Foucault são diferentes uns dos outros, porque ele jamais se fixou na rigidez dos cânones e, sobretudo, porque sua pesquisa sempre deixou-se instruir fundamentalmente pelos documentos pesquisados (Cfe. Machado, 1988, p. 14).

Imersa neste presente de final de século, mais de dez anos depois da morte de Foucault, tomo como objeto de investigação um conjunto de documentos que, por hipótese, permitem a identificação de um discurso que fala de práticas muito concretas, as quais dizem respeito à constituição de uma subjetividade adolescente. Para proceder à realização de minha tarefa, elejo os conceitos e as teorizações de Michel Foucault, até aqui genericamente colocados, e a partir deste momento passo a torná-los parte de meu objeto. Aprendendo sua lição, imagino que possa ser conduzida nesta empreitada pelo que me dizem os textos analisados, mas orientada por um conjunto de reflexões do autor. Certamente, corro alguns riscos, já que o filósofo não nos deixou uma “grande teoria”, pronta e acabada. Ao contrário, como já dissemos, ele a foi construindo e reconstruindo, na medida de meticulosa investigação empírica, concebendo-a ao mesmo tempo como uma prática, isto é, uma luta local e regional, contra as investidas do poder, “para fazê-lo aparecer e feri-lo onde ele é mais invisível e mais insidioso” (Foucault, 1992, p. 8), isto é, na ordem do saber, da verdade, da

---

<sup>40</sup> David Hoy, na Introdução de *Foucault: a critical reader* (na edição espanhola, o título é simplesmente *Foucault*), relata a trajetória do autor e as inúmeras autocríticas e autoavaliações de Foucault sobre sua obra. Segundo Hoy, até 1970, Foucault centrava a atenção basicamente sobre o discurso; a partir daí, valoriza principalmente as práticas, tanto discursivas como não discursivas, elegendo como tópico de atenção o binômio poder/conhecimento. Em 77, falando das obras *História da loucura* e *O nascimento da clínica*, Foucault diz que, desde o início, estava falando do poder. Em 81, no prefácio ao segundo volume de sua *História da sexualidade*, sustenta que desde sempre esteve interessado na experiência (Cfe. HOY, 1988, p. 8-9). E, no conhecido texto “Deux essais sur le sujet et le pouvoir”, publicado na obra de Dreyfus e Rabinow, Foucault mais uma vez busca uma definição para o conjunto de sua obra: “Ce n’est donc pas le pouvoir, mais le sujet, qui constitue le thème général de mes recherches” (Foucault, in: DREYFUS e RABINOW, 1984, p. 298).

consciência e do discurso. Não tomando nada por fixo ou garantido, portanto, seu método nos ensina a considerar as experiências historicamente singulares, referidas ao objeto que investigamos: nelas, nos defrontamos não mais com as “coisas em si”, mas com produtos do discurso, um discurso que se transforma, pois que está vivo em multiplicadas lutas, em inúmeros jogos de poder<sup>41</sup>.

Fiel às aparentes infidelidades do autor, em relação à sua própria trajetória, passo a construir um caminho, organizando estas reflexões teóricas e metodológicas, de acordo com a seguinte pergunta: como os conceitos apreendidos de Foucault iluminam o objeto escolhido? Ou: de que modo faço falar meus documentos? Para responder a essa questão, elejo os conceitos fundamentais de sujeito e discurso (Capítulos 2 e 3), em todas as suas variações e combinações e, em torno deles, desenvolvo uma discussão conceitual, básica para a análise enunciativa empreendida neste trabalho. O ponto de partida (Capítulo 1) é o relato das evidências que me impressionaram sentidos e pensamento e que me mobilizaram nessa trajetória de conquistar, de alguma forma, o real, problematizando-o naquilo através de que ele se faz ver e experimentando, a cada passo, a certeza da dúvida, o enfrentamento de inúmeros obstáculos teóricos e a necessidade de, continuamente, refazer o feito. Se é verdade que “não há objeto científico construído sem uma ruptura com os objetos sociais produzidos pela opinião pública” (Marre, 1991, p. 4), mais isso parece aplicar-se a um tema como o referido aos discursos da mídia: eles afirmam verdades de nosso tempo, que somos obrigados a reconstituir, no esforço permanente de afastarmo-nos dos impulsos imediatos. Como ensina Bachelard, nossa atitude de pesquisadores consiste sobretudo em pensar o verdadeiro como “retificação de um longo erro” e entender a experiência como “retificação da ilusão comum e primeira”, pois a “própria essência da reflexão é compreender que não se tinha compreendido” (Bachelard, 1986, p. 120).

---

<sup>41</sup> Ver, a propósito do método de Foucault, o ensaio de Patrícia O’Brien, in: HUNT, 1992, p. 33-62.

## Capítulo 1 \_\_\_\_\_

# EVIDÊNCIAS DE UMA DISCURSIVIDADE

### I – OS PREFERIDOS DA MÍDIA

#### A – Desaparecimento de autoria e obra, multiplicação da confiança

“Meu mundo interno já nem fala mais/ Ele berra, esperneia e urra./ Tem um bicho que briga na minha barriga./ Não me deixa dormir e me diz coisas/ que eu não quero ouvir./ Vaidosa demais/ Burra demais/ Abstrata demais/ Absurda demais/ Cobaia demais/ Dependente demais/ Perdida demais/ Metida demais/ Catita demais/ Gostosa demais./ Eu só não sei se esse bicho,/ essa coisa que me parte/ é vontade de morrer ou é obra de arte”. (Maria Mariana, 1992, p. 17).

Desde o dia 8 de março de 1992, quando a atriz Maria Mariana, então com 19 anos, cantou esses versos, abrindo a peça *Confissões de Adolescente*, que estreava no porão do Teatro Laura Alvim, na Zona Sul do Rio de Janeiro, até a filmagem da segunda parte do seriado de televisão, em Paris e em Cannes, na França, no final de 1995 e início de 1996, o prosaico diário da menina carioca não mais lhe pertenceu. Na verdade, esse processo iniciou a partir do momento em que a atriz decidiu ler suas confissões em voz alta para o pai e duas amigas: foi o primeiro passo para a criação do texto dramático. Ali, naquele exato momento, iniciava-se a metamorfose de algo que nascera como simples objeto de segredo e memória de si mesmo. O registro das emoções e sofrimentos sobre a perda da virgindade, o primeiro beijo, a morte, drogas, menstruação, escola, vestibular, homens, amizade – tudo o que ocupa uma adolescente – já não cabia num pequeno e secreto caderno, já não era de um só autor, tomava o caminho do mais ostensivamente público. A escrita de uma vivência única se multiplicou em muitos outros textos; os traços de uma vida foram-se desfazendo, incorporando narrativas e experiências, a começar pelos acréscimos feitos a partir das próprias atrizes que encenaram a peça. O diário multiplicou-se em livro, roteiro para vídeo, seriado de televisão, dezenas de representações<sup>42</sup>.

---

<sup>42</sup> Os segredos íntimos da adolescente Maria Mariana transformaram-se no livro que, em agosto de 94, já estava em sua 32ª edição, tendo vendido mais de 100 mil cópias em todo o País; a peça de teatro foi sucesso em doze Estados brasileiros e está em cartaz desde 1992; o audiolivro com os melhores momentos da peça, lidos pelas



Por mais que se possa dizer que existe uma autora – ela, Maria Mariana, filha do diretor de teatro Domingos Oliveira –, estamos diante de um típico caso de desaparecimento, não só da autora como da obra. O desprezioso diário de uma adolescente desdobrou-se, ultrapassou as próprias regras de um tipo de escritura, extravasou-as, e parece ilustrar com perfeição o dito de Foucault, na sua comunicação “Qu’est-ce qu’un auteur”, feita em fevereiro de 1969 à Société Française de Philosophie: “a ausência é o primeiro lugar do discurso” (Foucault, 1992a, p. 31). Ausência do autor, ausência da obra, pois que não há, nos textos das *Confissões*, o sujeito atado e fixo de Maria Mariana ou mesmo de suas companheiras co-autoras. Já não há um diário: há inúmeros textos reescritos a cada imagem captada pelas câmeras dos cinegrafistas, há múltiplos escritos nos roteiros imaginados por tantos roteiristas do seriado, há infinitas representações das atrizes nas várias encenações da peça em todo o País. Há, sobretudo, uma miríade de formas de recepção, de espectadores, leitores, ouvintes – especialmente meninas de 12, 14, 15 ou 18 anos –, formas que talvez pudessem ser pensadas, juntamente com outras práticas e discursos concomitantes, como os lugares “vazios”, as lacunas, as fissuras, deixados pelo desaparecimento de um suposto autor individualizado e nomeado, e de uma suposta obra íntegra e indivisa. É preciso, por isso, captar os estilhaços dessa discursividade adolescente aqui apontada, para além do fenômeno das *Confissões*.

O ano de 1992 marcou, no Brasil, a aparição concentrada de corpos adolescentes em todos os tipos de mídia, desde que, no mês de agosto, milhares de jovens pintaram os rostos e gritaram em passeatas pelas grandes cidades do País: “Fora Collor!”, o grito pelo *impeachment* do Presidente do Brasil, Fernando Collor. De repente, a sociedade deu-se conta de que havia um grupo e que esse grupo falava, tinha opinião e não seria tão “reacionário”, conforme apontavam as pesquisas de mercado, como a feita por uma das maiores agências de publicidade do País, a McCann-Erickson, que vem pesquisando há mais de uma década o pensamento e o comportamento jovem. Entre 83 e 84, por exemplo, a agência entrevistou jovens de todas as classes sociais do Rio de Janeiro e de São Paulo, de 15 a 24 anos, e concluiu: a maioria deles era conservadora, prezava os valores estabelecidos, assimilava os padrões aceitos socialmente. Somente cinco por cento desses jovens poderiam ser classificados como “contestadores”<sup>43</sup>. Em outubro de 1990, uma enquete feita pela revista *Veja*, junto a adolescentes de 16 e 17 anos, em catorze escolas do País, apurava: “os filhos da

---

atrizes, em 94 já tinha vendido cinco mil cópias; junto com a estréia do seriado de TV, que custou 900 mil dólares à Dez Produções, de Daniel Filho, também foi lançado o CD com a trilha sonora do programa, com uma tiragem inicial de 30 mil discos (Cf. SANCHES, Neuza. “Diário Milionário”. *Veja*. S.Paulo, Abril, Edição nº 1354, ano 27, nº 34, 24 ago. 1994, p. 106-108).

<sup>43</sup> A revista *Veja* (S.Paulo, edição nº 818, 9 mai. 1984) fez reportagem de capa a partir dessa pesquisa – “Retrato do jovem brasileiro: o que ele pensa, o que quer, como se comporta”, dedicando sete páginas à divulgação do trabalho de um grupo de sociólogos da Agência, bem como a entrevistas com os próprios jovens, além da pesquisadores da área acadêmica.

geração rebelde dos anos 60 vivem em harmonia com os pais, começam a namorar cedo e trocam as passeatas pelo *shopping center*”<sup>44</sup> .

Dois anos depois dessa enquete de *Veja*, a manchete do caderno extra da *Folhateen*<sup>45</sup> – encarte semanal destinado ao público adolescente –, na *Folha de S.Paulo* de 26 de agosto de 1992, destacava: “Furacão *teen!*”. “A primeira passeata a gente nunca esquece” era o título da matéria de capa<sup>46</sup>, sobre a grande festa que reuniu, nas ruas de São Paulo, 200 mil jovens. Rostos alegres e decididos, pintados com a cor da revolta cívica, pediam o *impeachment* do Presidente e um país sem corrupção. Justamente as passeatas e a manifestação política, ausentes na caracterização até então feita desse grupo, na década de 80 e mesmo recentemente, agora eram o mote para fazer explodir a imagem dos jovens nas telas da TV, nas páginas dos jornais e revistas, nas rádios FM de todo o Brasil. Redatores de programas rádio e TV, comentaristas e críticos da cultura, roteiristas, sociólogos, artistas, psicólogos e filósofos debruçaram-se sobre o fenômeno, perguntando: que teria mudado? Afinal, os jovens não eram tão apáticos, até pouco tempo atrás?

O Caderno “Mais!” da *Folha de S.Paulo*, edição de 6 de setembro de 1992, dedicou quatro páginas aos “caras-pintadas”, perguntando-se, desde a manchete, “De onde vem e para onde vai a força *teen?*”. Textos e fotos, gráficos e tabelas, todos os recursos são usados para explorar, fundamentalmente, as semelhanças e as diferenças entre os estudantes da geração dos anos 60 e 70, especialmente do ano de 1968, e os estudantes de rostos coloridos de agosto de 1992. Em suma, os artigos dizem que, “no Brasil ‘pós-moderno’ da Era Collor, estudantes retomam as passeatas numa sintomática simbiose com a TV e inauguram um movimento onde não se ouvem mais as utopias da modernidade” (Gonçalves, 1992, p.4); não há programas, não há um futuro sonhado, ninguém se filia nem ao marxismo nem à psicanálise; os jovens “ressuscitaram a família e foram à passeata” (Idem). Na era Collor, segundo o editor do “Mais!”, Marcos Augusto Gonçalves, “tudo é contíguo ao espetáculo: o presidente Indiana Jones, o romance da ministra, a aliança arrancada em público, a novela do *impeachment* e, *last but not least*, a ruidosa e falada volta dos ‘anos rebeldes’ ”(Idem). É a era do sexo seguro, de uma rebeldia mais codificada pelos mídias do que libertadora, de um pragmatismo pontual sem fervor utópico nem engajamentos mais profundos. O inconformismo agora é moral. Nas palavras da filósofa Olgária Matos, os jovens de hoje mostraram-se diferentes, seja do espírito

---

<sup>44</sup> A pesquisa foi capa de *Veja* (S.Paulo, edição nº 1154, 31 out. 1990), com fotos de adolescentes e a chamada em vermelho: “Feras radicais: o que pensa e quer o adolescente brasileiro”.

<sup>45</sup> Embora todos os outros encartes e cadernos de jornais tenham seus títulos grafados aqui no tipo normal e entre aspas, optei por grafar *Folhateen* em itálico, para destacá-lo dos demais, como faço com os títulos dos outros três produtos selecionados para a análise: *Capricho*, *Confissões de Adolescente* e *Programa Livre*.

<sup>46</sup> O título da reportagem faz uma clara alusão ao premiado anúncio da “Valisère”, criado pelo publicitário Washington Olivetto, e que tem como personagem uma menina adolescente. O texto – “O primeiro sutiã a gente nunca esquece” – teve tanta receptividade, não só junto ao público-alvo, que frequentemente é parafraseado, como no caso da reportagem da *Folha de S.Paulo*.

moderno, seja do arcaico, seja ainda dos ideais de progresso ou da crítica à decadência destes tempos.

“Com rostos e cabelos coloridos por marcas de uma iniciação religiosa, tribal, arrancaram esta tradição do conformismo que dela quer se apoderar”. (...) Eles “nada têm a dizer. Pré-científica, a lógica do jovem não é discursiva, mas visual. Tudo tem a mostrar. Pertencem, sim, a uma tradição: aquela que recusa o ‘moderno’ (...) Seus deuses não são, decerto, Utopias Revolucionárias, mas, antes, divindades modernas – isto é, suscetíveis ao tempo. O transitório é a base de seu poder e da alegria que distribuíram num Brasil, no momento, tão triste” (Matos, 1992, p. 5).

Análises acadêmicas ou depoimentos simplesmente impressionistas, os discursos produzidos no mesmo tempo dos fatos não ousam quebrar o encanto provocado pelas manifestações juvenis a favor do *impeachment*. Todos parecem concordar: as expressões pejorativas devem ser retiradas do vocabulário que classificava até esse momento os jovens. Eles já não seriam alienados, para eles já não existiriam dogmas, todos se misturam a todos, ‘mauricinhos’ caminham ao lado de outras ‘tribos’ – *rappers, punks, darks, breakers, rastafáris*. O escritor e jornalista Fernando Gabeira faz uma síntese: os manifestantes de hoje “têm mais disponibilidade para o humor, estão mais distantes das lideranças políticas, são menos rígidos ideologicamente e valorizam mais a expressão individual” (Gabeira, 1992, p. 6).

Essa pesquisa da *Folha de S.Paulo*, mais uma série de artigos, publicados nos jornais de todo o País, servem de pauta para os especiais da televisão nesse período. “Caras-pintadas, a geração que sacudiu a República” é título do *Documento Especial*, exibido pelo SBT em setembro de 92, cujo apresentador sentenciava logo no início do programa: “Deixar o país não é mais o sonho dos adolescentes. Eles descobriram a força para mudar a história política da nação. E ajudaram a derrubar o Presidente. Isto tudo sem deixar de lado a descontração e as descobertas da juventude”. O texto é ilustrado por imagens de corpos que se deixam pintar, por meninos e meninas beijando-se livre e desajeitadamente, por bandeiras de todos os partidos e ‘tribos’. O curto depoimento do jornalista Arnaldo Jabor, criticando a euforia da mídia e da sociedade, em relação ao efeito dos ‘caras-pintadas’ – “É fácil achar bonito os adolescentes pintados protestando. Mas eles não decidem nada” – mistura-se às vozes de astros da mídia (como o compositor Gabriel, o Pensador), professores de educação sexual, estudantes. São todas vozes que elogiam a mudança e a liberdade dos costumes, vozes que ainda lamentam a gravidez não desejada e o aborto entre as adolescentes pobres, vozes que ratificam o grande espaço conquistado, especialmente na mídia; são sobretudo adolescentes que confessam, sem qualquer pejo, sua intimidade: do beijo na boca, da primeira ‘transa’, da explosão de um corpo que deseja. Menos eufórico mas igualmente otimista, o programa *Globo Repórter*, da Rede Globo – intitulado “Os jovens dos anos 90” –, mesmo sem saber

classificar essa juventude (seria rebelde ou individualista? – pergunta o apresentador Sérgio Chapelain), prefere a explicação ‘científica’: as razões biológicas das transformações da criança em adolescente estariam na raiz de um tipo especial de comportamento, próprio dessa idade. O fio condutor da narrativa é o discurso de um médico psicanalista. Desfilam astros, Maria Mariana e a turma das *Confissões*, meninos e meninas alegres e confusos ao mesmo tempo, nos espaços da escola ou dos *shoppings*, nas clínicas de estética e dermatologia, numa agitação e esperança que sugerem o efêmero de mais um capítulo de novela.

Esse especial da Rede Globo, mesmo expondo com entusiasmo um novo tipo de aparição dos jovens – os “caras-pintadas” da era Collor –, trata-os mais como objetos de um saber médico e igualmente como consumidores de um certo tipo de vida, do que como sujeitos em busca de um mundo melhor, como se poderia esperar, a partir do mote de todas essas “teses” sobre os jovens – no caso, as passeatas e uma presumida revolta. De certa forma, a reportagem anuncia o que os pesquisadores de *marketing* dirão deles em 94. “Eles são inquietos e quase sempre desajeitados. Têm espinhas no rosto e vozes que hesitam entre graves e agudos. Costumam andar em bandos e adoram um *shopping center*. Hoje atendem pelo nome de *teens*, termo importado do inglês que significa jovens. Quem os vê a distância imagina que eles não são nada além de meros adolescentes. Mal sabem que os bolsos de seus *jeans* guardam um fabuloso poder econômico e comandam os destinos de uma indústria bilionária” – diz o primeiro parágrafo de uma reportagem intitulada “Consumir é curtir”, da revista *Isto É*<sup>47</sup>, elaborada a partir dos dados de um levantamento feito em 94, por uma agência de *marketing*. Embora a pesquisa tenha se ocupado de adolescentes de nível econômico privilegiado – grupos das classes A e B, entre doze e dezenove anos, de grandes centros urbanos –, ela aponta para características que diriam respeito também aos jovens das camadas populares: esse público, comparado ao infantil, seria um consumidor mais exigente, “difícil de ser enganado” e, portanto, fiel às marcas dos produtos. Ele seria, a partir dos anos 90, a “mina de ouro” a ser explorada pela mídia<sup>48</sup>. Para convidar o adolescente a um consumo cada vez mais amplo e diversificado, o que importa é expô-lo permanentemente às luzes, afirmar sua existência, ora constituindo-o como conservador, ora ainda remetendo-o aos discursos fundadores da rebeldia jovem<sup>49</sup> – sobretudo as imagens e lemas dos anos 60 e 70,

---

<sup>47</sup> VITÓRIA, G.; PELUSO, L. “Consumir é curtir”. *Isto É*. S.Paulo, nº 1287, 1º jun. 1994, p. 52-57.

<sup>48</sup> Cfe. pesquisa da agência Retrato Consultoria, encomendada pela Rede Globo (nov. 1992). *Veja.*. S.Paulo, Abril, 4 nov. 1992, p. 102-104.

<sup>49</sup> A jornalista Erika Palomino argumenta que os adolescentes estão sendo valorizados pela mídia não apenas como imagem, mas principalmente pelo seu “conteúdo”. Esse conteúdo diz respeito à sua participação política: se nos Estados Unidos os astros do *rock* incentivam os jovens a votar, na Europa eles se engajam em lutas contra o desemprego e contra a emergência de grupos neonazistas; e, no Brasil, esse mesmo grupo sai às ruas para manifestar-se e conquista o direito de votar aos 16 anos. O artigo de Erika Palomino compara o adolescente *grunge* dos anos 90 ao jovem *hippie* de 60 e aos *punks* dos anos 70. Diz que na década passada (os 80) os jovens teriam-se identificado com o mundo adulto, o que os levou a buscarem apenas o dinheiro, a boa posição profissional e o culto ao corpo *sexy* e voluptuoso. Essa foi a geração dos chamados *yuppies*. O discurso sobre o rebelde dos anos 60 estaria funcionando, aí, como uma referência básica no imaginário constitutivo do que seja

consagrados na televisão com a exibição da série *Anos Rebeldes*<sup>50</sup>. Para os especialistas em *marketing*, trata-se de uma simples questão de mercado: “Na década de 60, o alvo da televisão brasileira era a dona de casa; na de 70, a dona de casa com filhos. Na década de 80, o chefe do lar. Foi nos anos 90 que ela descobriu que era preciso atingir todos os *targets*, inclusive o público adolescente”<sup>51</sup>.

Nos especiais de TV feitos em 92, obviamente sem explicitar objetivos de mercado, citam-se os múltiplos lugares de aparição dos adolescentes, desde o início dos anos 90, nos programas de TV e nos grandes jornais e revistas, como se esse grupo tivesse magicamente emergido na sociedade. É certo que as aparições anteriores, no caso da televisão, foram esporádicas e isoladas, embora extremamente importantes para marcar um formato de produção para jovens, como os seriados das décadas de 70 e 80, da Rede Globo – *Ciranda*, *Cirandinha* e *Armação Ilimitada*<sup>52</sup>: *Ciranda*, *Cirandinha*, por exemplo, foi dirigido por Daniel Filho, o mesmo diretor de *Confissões de Adolescente*. Agora, o que surpreende é o surgimento quase em massa de um conjunto de produtos feitos especialmente para o público adolescente. Mas é preciso registrar que esse momento já vinha sendo preparado, na própria televisão e principalmente na área editorial.

## B – Distribuição do discurso

### 1. Na literatura

Antes da criação de produtos para jovens na televisão e nos jornais, sabe-se que já desde 1960 o Brasil experimentava um desenvolvimento espetacular da literatura dedicada aos jovens e crianças: entre 75 e 78 publicaram-se quase dois mil títulos, metade dos quais de

---

“juventude” (PALOMINO, Erika. Nós somos jovens. Caderno Atitude. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, Folha da Manhã, 24 nov. 1993, p. 1).

<sup>50</sup> Mini-série realizada pela Rede Globo, de autoria do roteirista Gilberto Braga, *Anos Rebeldes* marcou o ano de 92 na televisão brasileira, recuperando imagens documentais dos anos 60 e 70, particularmente em relação aos movimentos estudantis de esquerda e à repressão e autoritarismo dos governos militares. O material histórico serve de contraponto à narrativa ficcional, construída habilmente sobre histórias de vida de jovens em conflito, esperança e luta por liberdade, pessoal e social.

<sup>51</sup> Depoimento de Ivandir Kotait, superintendente de *marketing* do SBT – Sistema Brasileiro de Televisão (VITÓRIA, G.; PELUSO, L. Op.cit., p. 52). Os “filhos” a que se refere o especialista são principalmente as crianças que, nas décadas de 70 e 80, constituíram-se um dos alvos prediletos do mercado e da publicidade.

<sup>52</sup> *Ciranda*, *Cirandinha* estreou em outubro de 1977, como um especial, tendo sido transformado em seriado em abril do ano seguinte, permanecendo no ar até outubro do mesmo ano. O seriado contava as vivências de um grupo de quatro jovens que foram adolescentes na conturbada década de 60: Tatiana, Helinho, Susana e Reinaldo. Pessoas em busca, não sabem de quê, eles guardavam em si a experiência existencial dos sonhos dos anos 60 e o desejo de um mundo mais humano (Cfe. *Boletim da Programação*: Centro de Documentação da Rede Globo, 22 abr. 1978). Já *Armação Ilimitada*, que estreou em maio de 1985, conseguiu altos índices de audiência com sua linguagem extremamente ágil e em ritmo de videoclipe, misturada à estrutura das histórias em quadrinho. Aqui, os episódios mensais contavam as peripécias de dois surfistas aventureiros, Juba e Lula, e sua namorada Zelda Scott, mais o menino Bacana. *Armação Ilimitada* com certeza marcou todas as posteriores criações de TV para jovens. Só deixou de ser veiculado em dezembro de 1988 (Cfe. Segundo Caderno. *O Estado de São Paulo*. S.Paulo, 11 set. 1994).

autores nacionais<sup>53</sup>. O que ocorre nos anos 90 é um crescimento constante desse mercado, com uma novidade: escreve-se buscando explicitamente o público jovem, procurando adaptar temas ou ocupações desta época à linguagem e temáticas da juventude. Tudo tem sua versão para adolescentes. Os *best-sellers* do neurolingüista Lair Ribeiro – *O sucesso não ocorre por acaso* e *Comunicação global* – transformaram-se em *Pés no chão*, *Cabeça nas estrelas* e *A magia da comunicação*, respectivamente. Betinho – Herbert de Souza – lançou em 94 *Ética e cidadania*, livro que contém entrevistas com o sociólogo, respostas a perguntas didáticas (sobre definições de ética, situação social do Brasil), reflexões do autor sobre AIDS, “Campanha contra a fome”, qualidade de vida e violência. Jornalistas e articulistas de encartes de jornais e revistas para adolescentes reúnem seus textos e editam livros (exemplo disso é o escritor Marcelo Rubens Paiva, colunista do *Folhateen*, que lança em 94 *As fêmeas* – livro em que mitos femininos da atualidade, virgindade, masturbação e temas semelhantes são tratados de forma bastante polêmica). Aproveitando o mesmo filão, esportistas como o jogador de vôlei Giovane, da seleção brasileira, escrevem prematuramente biografias, cujo objetivo na maioria dos casos é a narrativa da “adolescência de um ídolo”.

Enquanto nos Estados Unidos o mercado editorial já faz a crítica do ‘politicamente correto’ – em 94 publicaram-se vários manuais para o jovem urbano, ensinando como não ser bonzinho nem bem comportado (com orientações do tipo: nunca agradeça, reclame sempre de tudo, interrompa conversas) e como fazer tudo errado (“meditações semanais de como viver destrambelhadamente”)<sup>54</sup> –, no Brasil, além de algumas biografias superficiais, dos romances sobre o primeiro beijo ou a primeira espinha, lançamentos recentes contemplam explicitamente a bipolaridade da divisão social. Assim, o leitor jovem poderá identificar-se com seus companheiros de classe média alta, em livros como *Revelações de um adolescente resolvido*, de Marcelo C. Cunha, uma versão masculina das *Confissões*, em que é narrado o cotidiano de um jovem envolvido com informática, problemas com garotas e os estudos de inglês e alemão. Poderá saber também como o escritor Sérgio Caparelli, em *As meninas da Praça da Alfândega* (Porto Alegre, LP&M, 94) consegue extrair poesia da violência, revelando um mundo de miséria e de vidas permanentemente ameaçadas. Essa realidade também está presente no romance-reportagem do jornalista Geraldo Lopes, *O massacre da Candelária*, da editora Scritta, lançado em 94: nas 140 páginas da obra, nenhum romantismo ao narrar o universo de meninos de rua, num submundo de “pequenas vaidades e grandes sofrimentos”. Poderá também acompanhar o seu tempo, e ler sobre os próprios “caras-pintadas” (*Contos brasileiros*, “Até quando caras-pintadas?”, da Ediouro), ou *Atentado*, de Sônia Rodrigues Mota (pesquisadora da PUC do Rio de Janeiro, com tese sobre RPG – *Role*

---

<sup>53</sup> Conforme registram Marisa Lajolo e Regina Zilbermann, em *Literatura Infantil Brasileira – Histórias & Histórias* (ver Biblio.), no Capítulo VI (“Indústria Cultural e renovação literária”).

<sup>54</sup> São exemplares os livros *Enough is Enough*, de Karen Finley, e *Ensucklopedia*, de Beavis e Butt-Head, os mesmos personagens do polêmico desenho animado da MTV, que chegou a ser censurado no Brasil por algum tempo, em 94. (Cfe. *Ilustrada/Atitude, Folha de S.Paulo*, 26 nov. 1994, p. 7).

*Playing Games*), cujo romance trata de um adolescente, filho de pai corrupto, numa referência clara aos acontecimentos recentes do País, envolvendo o Presidente Collor.

Os diários de adolescentes chegam de todos os pontos do mundo. Zlata Filipovic, de onze anos, expõe a vida de uma menina durante a guerra na ex-Iugoslávia, no livro *O diário de Zlata*, editado no Brasil pela Companhia das Letras. Do Japão, vem-nos o diário de uma adolescente sobre a Segunda Guerra (*Réquiem*, de Shizuko Go). Maria Mariana não está sozinha no Brasil: os *teens* contam, na primeira pessoa, suas descobertas da vida adulta, numa versão masculina de *Confissões*, como Furio Lonza, em *As mil taturanas douradas* ou Eduardo Alves da Costa, em *Memórias de um assoviador*, lançamentos de 94. Em 95, até o famoso diário da adolescente judia volta em nova edição, agora liberto da censura: a editora Record lança em outubro de 95 *O Diário de Anne Franck – Edição integral*, com as passagens proibidas pelo pai da autora, em que trata de sua sexualidade e faz críticas à família, sobretudo à mãe. E um dos grandes sucessos editoriais, no mundo todo, no início dos anos 90, é justamente um romance cujo enredo consiste em apresentar a uma menina de quinze anos os principais capítulos da história do pensamento ocidental: *O mundo de Sofia*, do professor de filosofia norueguês, Jostein Gaarder, traduzido em várias línguas desde seu lançamento, em 91, chegou ao Brasil em 95 e, em poucos meses, já estava em sua quinta reimpressão, editado pela Companhia das Letras.

## 2. Nos jornais

Certamente não se trata de coincidência o fato de também os grandes jornais do País destinarem, desde o início de 90, cadernos especiais (todos com edição semanal) aos adolescentes. Os jornais de São Paulo foram os que primeiro criaram seus suplementos, buscando formar futuros leitores e consumidores dos produtos anunciados em suas páginas. O mais antigo deles é o *Folhateen*, da *Folha de S.Paulo*, que existe desde 1990 e atualmente tem uma média de 560 mil leitores, dos quais 32% têm de 15 a 24 anos. O “Zap!”, de *O Estado de S.Paulo*, lançado em julho de 93, originariamente chamava-se “Cola” e tratava de assuntos de vestibular. A transformação ocorreu após uma ampla pesquisa qualitativa, a partir da qual os jovens foram enquadrados em três grupos: “o preocupado com o presente, que não lê absolutamente nada; o preocupado com o futuro, que se dedica à leitura, mas não por prazer; e o preocupado com a sociedade, que gosta de ler vários assuntos, mantendo uma relação muito grande com a informação”<sup>55</sup>. O “Zap!” foi criado para este último grupo – cujo perfil é o jovem de treze a dezenove anos, das classes A e B, e cujos pais têm educação média e superior.

No Rio de Janeiro, o *Jornal do Brasil*, desde 94, voltou a encartar o caderno *teen* do veículo – “Zine” –, na revista “Programa”, depois de tê-lo em separado, em 93. E *O Globo*

---

<sup>55</sup> “Jornais adaptam-se ao novo desafio” (Cfe. *Jornal ANJ*, S.Paulo, edição de dezembro de 94, p. 8).

opta por outra estratégia: no “Segundo Caderno”, aos domingos, dedica duas páginas ao “Rio Fanzine”, com matérias sobre música, comportamento e ‘esportes radicais’. Interessante é que as pesquisas feitas para *O Globo*, sobre o público jovem, apontam para uma novidade: seria necessário atender a uma fatia específica desse mercado – os pré-adolescentes, de oito a catorze anos –, que se mostram interessados, a seu jeito, em assuntos da vida adulta: em comprar nos *shoppings* e, ao mesmo tempo, em saber mais sobre problemas como a AIDS. A opção foi acabar com o suplemento infantil e passar a investir nesse outro segmento dos *teens*, para além do que já é feito no “Rio Fanzine”<sup>56</sup>.

Não é apenas nos grandes centros – Rio de Janeiro e São Paulo – que os jornais de maior circulação passam a adotar a tática da diversificação, cuja finalidade é atrair leitores em potencial, no caso, os adolescentes. Em Brasília, o *Correio Braziliense* tem o “X-Tudo”, um tablóide em separado, editado desde outubro de 1994. Em Londrina, no Paraná, a *Folha de Londrina*, o jornal mais vendido no Estado, lança em fevereiro de 94 a sua “Folha Jovem”; e em Goiás a estratégia do jornal *O Popular* é atender os *teens*, especialmente os pré-adolescentes, através de um suplemento já existente, o “Almanaque”, enquanto em Pernambuco o *Jornal do Comércio* já se preparava para investir, desde 94, num suplemento destinado aos jovens e que foi lançado no dia 12 de outubro desse ano, com receptividade “extremamente positiva”<sup>57</sup>.

Em que pesem as opções de cada veículo, no modo de captar e tratar o público jovem<sup>58</sup>, a maioria dos editores desses cadernos especiais concorda em que, primeiro, o atendimento diferenciado aos *teens*, particularmente ao público de até dezoito anos, desponta “como o mais forte e promissor mercado para as empresas”; da mesma forma, todos admitem tratar de um modo especial essas publicações, buscando através delas ousar formalmente, pesquisando novos formatos visuais e de linguagem. Os cadernos *teens* estariam cumprindo, na atualidade, o que foram até pouco tempo os chamados “cadernos de cultura”: o lugar da ousadia gráfica e textual<sup>59</sup>. Inovar, porém, não significa copiar os modos de falar e expressar-se dos adolescentes. Baseados em pesquisas de comportamento, os editores procuram orientar essas publicações no sentido de produzir um “texto adulto”; os redatores não precisam “fingir que são jovens”, o que significaria subestimar a capacidade dos *teens*.

---

<sup>56</sup> “Caderno visa atrair leitores” (Cfe. *Jornal ANJ*, S.Paulo, edição de dezembro de 94, p. 17).

<sup>57</sup> *Idem*, p. 17.

<sup>58</sup> Segundo a reportagem intitulada “Jornais adaptam-se ao novo desafio”, da ANJ (Op. cit., p. 8), uma das poucas vozes discordantes é a de Ricardo Saboya, diretor superintendente do *Diário Popular*, de S.Paulo, que afirma: “Os suplementos juvenis são alienantes, na medida em que afastam o jovem da realidade concreta estampada nas páginas dos jornais”. Para ele, os jovens deveriam ser esclarecidos no sentido de aprender a ler os jornais, extraindo das matérias o que mais lhe atrai.

<sup>59</sup> Cfe. reportagem “Caderno visa atrair leitores”. Op. cit., p. 17.



### 3. *Nas revistas*

Enquanto os grandes jornais buscam atingir o jovem de ambos os sexos, fazendo, ao mesmo tempo, através dos encartes, o exercício de novas estratégias de comunicação, outro setor da mídia impressa – o das revistas mensais – caracteriza-se por direcionar seus produtos a diferentes segmentos da juventude<sup>60</sup>. A maior parte destes, repetindo a fórmula já consagrada das revistas femininas – como *Nova*, *Cláudia*, *Elle*, *Desfile*, *Marie Claire* e tantas outras –, dirige-se às meninas adolescentes: as revistas *Capricho* e *Carícia*, principalmente, são o protótipo, mas os anos 90 multiplicaram esse tipo de publicação – *Atrevida*, *Todateen*, *Teens for Youngsters* são alguns títulos novos, que repetem a proposta de *Capricho*, embora tenham algumas inovações, especialmente na diagramação. Mais de 40 por cento das sessenta ou cem páginas são de publicidade (prioritariamente de roupas e acessórios femininos), e grande parte das matérias não explicitamente comerciais são também sobre moda e beleza. Mas não faltam jamais as reportagens e as seções de cartas sobre cuidados com o corpo e sobre problemas de saúde, amor e sexualidade, nem as matérias com os ídolos da mídia, particularmente os do sexo masculino. Tudo o que há muitos anos se diz para a mulher adulta, agora se multiplica em dezenas de páginas coloridas destinadas à menina de 12, 15 ou 18 anos. Ao mesmo tempo que temas “fortes” – como AIDS, gravidez indesejada, racismo e violência contra a mulher – ganham maior espaço, assuntos clássicos “de mulher” não podem faltar em nenhuma das edições, em que se repetem *ad nauseam* afirmações e histórias de exemplos bem sucedidos a respeito do suposto romantismo feminino, e das estratégias e táticas de conquista do “príncipe encantado”, por exemplo<sup>61</sup>.

Para os meninos, as bancas de revista também oferecem uma infinidade de novos títulos. A revista *General* (Editora Sampa), destinada a jovens de até 25 anos, de ambos os sexos, dedica boa parte de suas páginas à música jovem, e se caracteriza pela agressividade – seja na linguagem usada, seja na temática escolhida –, com críticas ácidas e explícitas ao mundo cor-de-rosa de *Capricho*. Esportes, música, jogos e informática são os temas preferenciais de grande parte das revistas destinadas ao público masculino jovem, como se pode ver em *Fluir* (sobre *surf*), nas revistas da Coleção “Abril Jovem” sobre RPG, como *First Quest*, e nas publicações sobre computação e CD-Rom, como *Computer & Games* e *Revista do CD-Rom*, entre tantas outras. Ou seja, para as meninas, o mundo do corpo, da moda, da

---

<sup>60</sup> A propósito, veja-se o texto de uma propaganda da ANER (Associação Nacional de Editores de Revistas), publicado na revista *Capricho* de novembro de 1994, ilustrado pela foto de três garotas lendo uma revista feminina: “A maior prova de que o leitor de revista é um excelente consumidor é que ele já começa comprando a revista. E pela revista que ele compra você consegue saber exatamente quem ele é, o que ele pensa, do que ele precisa. É por isso que a revista é o meio que permite a melhor segmentação. Anunciando em revista você fala diretamente com o seu consumidor. Ou seja, aproveita cada centavo para atingir quem tem potencial para comprar. E para que anunciar para quem não pode comprar, se o objetivo final da propaganda é vender?” (*Capricho*, nov. 94, p. 100-101).

beleza, do sexo e do amor; para os meninos, o jogo, a história em quadrinhos, a aventura e o suspense, a música, o esporte e a tecnologia avançada propiciada pela informática.

#### 4. Na televisão

Os anos 90 da televisão brasileira ficarão marcados pela presença adolescente, seja nos inúmeros programas, seja nos comerciais, feitos especialmente para esse público. Uma das maiores empresas internacionais de *fast food*, o Mac Donald's – só para citar um, entre dezenas de exemplos –, investiu milhares de dólares em campanhas de televisão, destinadas a atingir especificamente o menino e a menina de 12, 14 anos, de classe média, apanhando-os no lirismo das primeiras conquistas amorosas e na inocente intimidade de cenas de seu prosaico cotidiano (como a do diário, escrito pela menina na privacidade da cama e sob o lençol, improvisado em cabana, num dos comerciais veiculados em 95), registrados em belas peças de publicidade que vendem, para além de sanduíches e batatas fritas, imagens comoventes de um grupo quase sempre associado a algum tipo de rebeldia e especialmente a problemas ligados a sexo, drogas e relação com os pais. Da mesma forma, programas jornalísticos ou de humor, mesmo não dirigidos especificamente a esse público, reservam-lhe periodicamente um espaço: *Casseta & Planeta Urgente!*, *Programa Legal*, *Brasil Legal*, *Globo Repórter* – da Rede Globo; *Documento Especial* – do SBT, *Programa Sílvia Poppovic* – Bandeirantes, por exemplo, têm apresentado situações da vida do adolescente brasileiro, relativas ao vestibular, à sexualidade, à relação familiar, ao mercado de trabalho, à saúde, aos cuidados com o corpo. Assim, as viagens da atriz e apresentadora Regina Casé, em *Brasil Legal*, jamais deixam de registrar os modos de vida dos jovens em diferentes pontos do País. E um programa como *Você Decide*, da Rede Globo, consulta periodicamente a sociedade também sobre questões relativas à adolescência, como aconteceu exemplarmente numa das edições de agosto de 94, em que a personagem adolescente da atriz Patrícia de Sabrit devia decidir se perdia ou não a virgindade com o namorado.

Foram as televisões educativas e culturais as primeiras a criar programas de debate com jovens. Anunciando o *boom* adolescente, a TV Educativa do Rio de Janeiro colocava no ar, em 1987, uma arriscada experiência: um programa diário, de 30 minutos, chamado *Cabeça Feita*, que consistia em um debate com meninos e meninas de 12 a 20 anos, coordenado pelo apresentador Bussunda (do grupo “Casseta & Planeta”, hoje na Globo). A cada programa, reuniam-se de cinco a dez jovens, por um critério básico: o pertencimento a um grupo específico – prostitutas, estudantes do Colégio Militar ou da Escola Normal, estrangeiros no Brasil, drogados, artistas, músicos, líderes comunitários, índios, aventureiros, pais na adolescência, esotéricos, vestibulandos, surfistas, grafiteiros, aidéticos, dançarinos, meninas que fizeram aborto, migrantes, negros. Ali eles apresentavam e debatiam sua situação de vida.

---

<sup>61</sup> No Capítulo 6, em que são analisados os textos da *Capricho*, retomarei a discussão sobre o papel das revistas

Hoje, pode-se dizer que *Cabeça Feita* tenha sido o primeiro de uma série de programas de TV para jovens, colocados na tela com seus corpos e sua voz.

Três anos depois, em 90, a TV Cultura de São Paulo passava a veicular o *Matéria-Prima*, apresentado inicialmente por Serginho Groisman e depois, com o nome de *Fanzine*, por Marcelo Rubens Paiva (em 92) e Zeca Camargo (em 94). Groisman foi para o SBT – Sistema Brasileiro de Televisão –, em agosto de 91, criar, dirigir e apresentar o *Programa Livre*, no ar até o presente. Em 93, a Rede Globo de Televisão punha no ar seu *Radical Chic*, liderado por Maria Paula, ex-apresentadora da MTV, um *show* de auditório e de disputa entre jovens estudantes, meninas de um lado, meninos de outro, entremeado por cenas inspiradas na personagem do cartunista Miguel Paiva, que deu o nome ao programa. No mesmo ano, a Rede Globo fazia outra tentativa de apanhar o público *teen*, com o *TV Zona*, apresentado semanalmente, também por um ex-astro da MTV, Thunderbird. Os dois programas foram cancelados, e somente em 95 a Rede Globo conseguiu atingir seu alvo, com um tipo de produto em que tem sido insuperável: a novela. *Malhação* é a novela *teen*, elaborada no molde dos seriados americanos, mais explicitamente no seriado *Barrados no Baile* (aventuras de um grupo de garotos de Beverly Hills<sup>62</sup>), que estreou nos Estados Unidos em 90 e tem sido veiculado no Brasil e em vários países, com enorme sucesso. Em *Malhação*, que tem mantido o índice de 30 pontos no IBOPE – um índice altíssimo para o horário (o programa vai ao ar diariamente, às 17h30min) –, o cenário básico é uma academia de ginástica, e tudo praticamente ocorre nesse espaço, entre adolescentes de diferentes idades, cuidando de seus corpos, “ficando”, namorando, apaixonando-se, competindo, conflitando-se entre si e com os adultos. Temas polêmicos são tratados didaticamente, inclusive com a assessoria de um psiquiatra: consumo de bebidas e de cigarro, drogas, virgindade, homossexualismo, separação dos pais, obesidade, AIDS, uso da camisinha. Alguns avanços podem ser observados, embora o tratamento possa beirar a pieguice: *Malhação* traz à tona, por exemplo, a discussão sobre a virgindade masculina, como uma opção viável e defensável, justamente num ambiente em que se cruzam tão próximos os corpos *seminus* de meninos e meninas, em plena ebulição e descoberta sexual.

Para o público que tem acesso à TV a cabo, o ano de 95 trouxe um novo seriado americano para adolescentes, e que parece ter encontrado uma fórmula que contempla o cotidiano de meninos e meninas de 13, 15 ou 18 anos, no estilo dos *Anos Incríveis*, mas sem o clima nostálgico que caracterizou as aventuras do personagem Kevin Arnold. *Minha Vida de Cão* (*My so Called Life*), produzida pela rede norte-americana ABC e exibida no Brasil pelo

---

femininas.

<sup>62</sup> O seriado, embora esteja atualmente fora do ar, foi considerado o melhor no gênero pelo público *teen*. Em novembro de 1994, *Barrados no baile* tinha 48% da preferência desse público, seguido de *Confissões de Adolescente* (14%), conforme pesquisa do Datafolha (TV Folha, *Folha de S.Paulo*, 20 dez. 1994, p. 4).

canal por assinatura Multishow<sup>63</sup>, ambienta-se nos anos 90 (com trinta anos de diferença em relação ao seriado *Anos Incríveis*, exibido no Brasil em 94, pela TV Cultura de São Paulo, e que fez uma bela reconstrução das inúmeras transformações vividas durante os anos 60). *Minha Vida de Cão* distingue-se também de outros seriados congêneres por não fazer discursos moralizantes e por tratar os temas mais prosaicos da adolescência com uma certa crueza e agressividade, ao mesmo tempo com rara sutileza e profundidade.

No SBT, o *Programa Livre*<sup>64</sup> (que, em 95, completou quatro anos no ar, com uma média de sete pontos de audiência) repete a fórmula aprendida no *Matéria-Prima*: Serginho Groisman comanda um auditório cheio de adolescentes, de colégios públicos ou privados de São Paulo, os quais entrevistam convidados especiais e são chamados, em alguns momentos, a dar sua opinião sobre determinado fato ou o tema em questão. Desfilam durante sessenta minutos muitos astros da mídia, muitos rostos sorridentes, acompanhados de música e muito conselho em relação à necessidade do sexo seguro. Também no SBT, a apresentadora Angélica, com *Passa e Repassa* (programa vespertino diário, com gincanas para adolescentes, que estreou em 95) e *TV Animal* (o mundo dos animais, com uma “abordagem jovem”<sup>65</sup>), atingia bons índices de audiência (cerca de um milhão de telespectadores, somente na Grande São Paulo), e tornou-se mais uma opção na TV para esse público. Da mesma forma, a modelo Adriane Galisteu estreou, nesse mesmo ano, outro programa para os jovens – *Ponto G* –, na CNT, emissora que declara estar fazendo uma opção pelo público *teen*: além de Adriane Galisteu, a CNT apresentava, aos sábados, para o público carioca, o *Furacão 2000*, um *show* de calouros dedicado exclusivamente a cantores de *funk*, num ambiente que procurava reproduzir os bailes *funks*, que acontecem em todas as grandes cidades do País. Aliás, é pretensão da emissora estrear o *Furacão 2000* em rede nacional. No início de 1996, as grandes redes de televisão, bem como os canais comunitários, continuavam a investir na captura do público adolescente. Um dos novos programas, que estreou em março de 96 na Rede Globo, é *Ponto a Ponto*, com jogos e gincanas para adolescentes, apresentado pelo ator Márcio Garcia.

Certamente, não se pode falar em televisão para jovens sem citar a MTV (Music Television), mesmo considerando o relativo alcance dessa programação em relação à grande maioria da população. Desde o segundo semestre de 1990, os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, através da TV Abril, passaram a ter acesso aos programas da MTV<sup>66</sup>, versão nacional

---

<sup>63</sup> A série é exibida aos sábados (às 13h) e às segundas-feiras (às 18h).

<sup>64</sup> Mais adiante, o *Programa Livre* será descrito em maiores detalhes.

<sup>65</sup> Cfe reportagem de Elaine Guerini, intitulada “Angélica abusa do estilo *teen* e dobra sua audiência no SBT” (Cfe. TV Folha, *Folha de S.Paulo*, 19 nov. 1995, p. 3). Em 96, Angélica é contratada pela Globo e se prepara para estrear novos programas para jovens.

<sup>66</sup> Em 1990, no Rio de Janeiro, a MTV era captada em VHF, pelo Canal 9, TV Corcovado; e em São Paulo, pelo Canal 32 da frequência UHF (Cfe. matéria intitulada “Som e alegria no ar”, em *Veja*: S.Paulo, nº 1154, edição de 31 out. 1990, p. 112-113). Mais tarde, com a consolidação da TV a cabo no Brasil, vários estados passaram a captar normalmente a MTV. No caso do Rio Grande do Sul, a MTV é recebida através do Canal 24.

da emissora americana de mesmo nome, a quarta maior rede de TV a cabo dos Estados Unidos. Os brasileiros passavam a ter não um programa para jovens mas uma televisão inteiramente dedicada a eles: muita música, muitos vídeo-clipes, programas de humor e jornalismo. Dos dezenove programas inicialmente veiculados, quinze eram de música, todos apresentados por “Vjs”, isto é, videojôqueis, a versão televisiva da figura do disc-jôquei das rádios e do comando das festas jovens. Muitos dos “VJs” da MTV brasileira passaram depois a apresentar programas para adolescentes nas grandes redes de televisão: Maria Paula (*Radical Chic*) e Thunderbird (*TV Zona*), na Globo; Zeca Camargo (*Fanzine*), na TV Cultura de São Paulo, também articulista da revista *Capricho*, da Abril.

E se nas novelas da Rede Globo, seu produto de maior receptividade, costumava-se até o final dos anos 80 segmentar os públicos conforme os horários, reservando por exemplo às crianças e adolescentes boa parte das tramas da *Novela das Sete*, os anos 90 parecem ter descoberto que “é preciso” atender o público de 12 a 20 anos em quase todo o espectro da programação. Assim é que praticamente todas as novelas e seriados têm seu “núcleo jovem” ou “núcleo *teen*”, independente de tratar-se da *Novela das Seis* ou *Novela das Oito*. O ano de 1994 foi explícito nesse sentido. Algumas novelas giraram em torno quase exclusivamente do grupo jovem, como foi o caso de “Tropicaliente”, *Novela das Sete*, exibida pela Rede Globo em 1994 e ambientada nas praias de Fortaleza. Já a novela “Pátria Minha”, escrita por Gilberto Braga, o mesmo roteirista de *Anos Rebeldes*, centrou a narrativa em uma adolescente “politicamente correta”, Alice (protagonizada por Cláudia Abreu, que também fez a terrorista Heloísa, de *Anos Rebeldes*), personagem que vive todas as peripécias e angústias do adolescente típico de classe média – separação dos pais, namoro e ciúmes, primeira relação sexual, sonhos, estudos e vestibular. A novidade é que não há rebeldia nessa jovem, embora ela se mostre defensora dos fracos e oprimidos e amante da natureza, o que a faz viver alguns raros momentos de contestação ao *status quo*. A “mensagem” principal da novela, entretanto, é veiculada através do tipo de relação que a menina tem com sua família, especificamente com a mãe: trata-se de uma relação extremamente aberta, marcada pelo diálogo permanente, inclusive nos momentos mais críticos, como o de trazer o namorado para dormir com ela na casa da mãe. Tudo é exaustivamente falado, discutido, “psicanalisado”, exposto, como convém a estes nossos tempos. O espaço da rebeldia, da contestação e da luta é substituído pela palavra, que anula a própria necessidade de impor pelo menos a diferença: mãe e filha falam supostamente de um mesmo lugar, até porque concretamente passam a viver situações muito semelhantes, como as que se referem à busca da realização profissional e, principalmente da satisfação sexual e amorosa.

O importante a marcar é que a televisão, a partir de 90, da mesma forma que os outros meios de comunicação, sem deixar de atender públicos já conquistados, como o público infantil, passou a investir intensamente na conquista desse novo alvo – o adolescente<sup>67</sup>. De certa forma, os programas infantis já anunciavam uma mudança no tratamento de seu público-alvo e se caracterizavam por tratar as crianças como adolescentes em miniatura, a partir das próprias apresentadoras, cuja *performance* valorizava principalmente o erótico, misturado ao “didático-pedagógico”, o que era possível acompanhar não só no *Xou da Xuxa* como no *Mara Maravilha* (SBT); neste, por exemplo, a apresentadora Mara expunha uma sensualidade para além do que seria de esperar-se de um programa para crianças. Todos os programas que seguiram a fórmula do *Xou da Xuxa*, mesmo contando com as crianças na platéia, caracterizam-se por centralizar as atenções na figura da apresentadora, no seu corpo e voz, inclusive em suas confissões de dores e alegrias amorosas. Hoje, um programa como *TV Colosso*, da Rede Globo, abandona a figura centralizadora do apresentador e passa a utilizar personagens tipicamente infantis, como os bonecos-cachorros, embora a trama dos esquetes diários, na verdade, gire ainda em torno do mundo adulto – no caso, o cotidiano de uma emissora de televisão, a linguagem da publicidade e a vida dos grandes astros da mídia.

Parece haver uma clara tendência na sociedade contemporânea em “adultizar” a criança e, ao mesmo tempo, estender a adolescência a todas as faixas de idade, de modo que, por um lado, o modelo de corpo seja o do adolescente e, por outro, o horizonte de vida seja o que se inscreve nos estúdios de fotografia de *top models*, nos gabinetes dos grandes executivos de emissoras de televisão, nos *sets* de gravações das novelas e telejornais, nas “infovias” da Internet. Assim como é mostrado, parece que se trata de um mundo sem história, no qual o passado é no máximo a imagem do dia anterior; da mesma forma – e talvez o mais importante a destacar – pode-se dizer que esse mundo, mesmo que atinja indiscriminadamente a todos, se apresenta de um lugar e de um modo que acaba por excluir amplas camadas da população.

### 5. No cinema

Há nesta última década uma enorme produção de filmes norte-americanos destinados a jovens e adolescentes, feitos para veiculação em televisão – filmes no estilo daqueles que passam na *Sessão Aventura* (durante a semana, no horário vespertino da Rede Globo), com historinhas sobre bandos de estudantes e as clássicas tramas envolvendo o grupo rebelde e o grupo bem comportado, a menina feia e inteligente em oposição às jovens de “cabeça oca” e lindas, e assim por diante. De qualquer forma, alguns filmes, exibidos originalmente nas salas de cinema, hoje são verdadeiros *cults* e frequentemente voltam à TV, como é o caso de

---

<sup>67</sup> Angélica e Xuxa, por exemplo, sem deixar de fazer seus programas para crianças, encerram uma fase prioritariamente dedicada ao público infantil e abrem espaço para atender os *teens*. Em *Xuxa Park*, a ex-“rainha

*Liberdade para as Borboletas* (que narra a história do rapaz cego e tímido, o qual se apaixona pela jovem extrovertida e *hippie*), filmes que sempre conseguem ampla receptividade junto ao público adolescente. No cinema, os roteiros têm contemplado esse público mais pela presença de atores – em especial do sexo masculino – que a mídia transforma em *sex symbols*, do que propriamente pela temática: a presença de Brad Pitt ou de Johnny Depp, em filmes como *Lendas da Paixão* e *Don Juan de Marco*, respectivamente, tem garantido a adesão imediata das *teens*, nestes dois últimos anos, como acontecia no início de 90 em relação ao ator Tom Cruise, por exemplo. Para os garotos, a combinação de violência e aventura também permanece como fórmula de sucesso. Exemplos não faltam: *Velocidade Máxima* (com o galã Keanu Reeves, protagonista também de *Garotos de Programa*, *Drácula de Bram Stoker* e *O Pequeno Buda*); *Duro de Matar*, nas versões 1, 2 e 3, *Máquina Mortífera*, idem, *O Exterminador do Futuro* e, obviamente, *Pulp Ficcion*, um dos filmes mais polêmicos dos últimos tempos, do diretor Quentin Tarantino, eleito o filme por excelência da escolha dos jovens em vários países, não só pela violência mas sobretudo pela linguagem fragmentada e não sincrônica com a qual é construído<sup>68</sup>.

Por outro lado, a discussão a respeito da situação do adolescente no mundo contemporâneo também é objeto de algumas produções cinematográficas. O caso exemplar é *Kids*, a que nos referimos na Introdução, filme norte-americano dirigido pelo fotógrafo Larry Clark, conhecido mundialmente por suas fotos de adolescentes, trabalho iniciado na década de 60 e que pode ser visto em seus dois livros: *Tulsa* (com fotografias, feitas em 63 e 71, expondo rapazes de Oklahoma, com agulhas enfiadas no braço, carregando armas ou simplesmente em nus frontais) e *Teenage Lust (Desejo Adolescente)*, publicado em 84, obra em que se pode perceber uma interação direta (ausente em *Tulsa*) entre o artista-fotógrafo e os meninos das fotos.

Clark concebeu *Kids* a partir de um trabalho fotográfico feito em 92, com “skatistas” do Washington Square Park, ocasião em que ficou impressionado com o grande e constante tema das conversas daquele grupo: o sexo seguro e o uso da camisinha. O resultado foi um filme basicamente sobre o sexo adolescente na era da AIDS, sobre a ausência de pais e de afeto, enfim, um filme que “revela os adolescentes como seres sexuais numa cultura que luta para lhes negar sua sexualidade”, conforme registrou a crítica de cinema do *Village Voice*, Amy Taubin<sup>69</sup>. Quanto mais os adultos se culpam pela miséria existencial dos *kids*, mais parecem exigir sua felicidade, baseada numa segurança e numa tranqüilidade que os próprios pais e a sociedade não lhes podem sequer oferecer. Esses meninos, “insensíveis à nossa

---

dos baixinhos” dirige-se prioritariamente aos adolescentes, num programa semanal de música jovem e entrevistas com ídolos da faixa *teen*.

<sup>68</sup> Cfe. revista *Veja*, em matéria especial sobre “O planeta *teen*”. *Veja*. S.Paulo, nº 1388, edição de 19 abr. 1995, p.106-113.

<sup>69</sup> No artigo “O fotógrafo e o skatista” (Cfe. Caderno Mais!, *Folha de S.Paulo*, 1º out. 1995, p. 5).

indignação e às nossas críticas explícitas, continuam certos de seguir de fato nosso desejo e realizar nossos sonhos”<sup>70</sup>. Ou seja: a maioria das críticas a *Kids* – de um modo semelhante à condenação feita à campanha publicitária da *griffe* Calvin Klein, em 95, baseada em fotos de adolescentes encarnando estereótipos da sexualidade imaginada pelo adulto – contém o amargo gosto de uma cultura da culpa e do estado de perdição. Não se trata da sensação de sentir-se livre e aberto aos desejos, mas daquela perdição objetivamente desorientada de uma geração de adultos que criou jovens dependentes e sem coragem de pelo menos querer mudar o mundo, a não ser o seu próprio e pequeno mundo pessoal, transformado em campo de experimentos dolorosos de auto-destruição, seja pelos excessos de “cuidados” para tornar os corpos adequados a uma imagem esperada, seja pelo excesso de descuidos na vida sexual e pelo uso das mais diferentes e perigosas drogas, quase sempre associadas à experiência da violência e da morte.

Importante aqui seria registrar o quanto *Kids* é radicalmente distinto de um outro *cult* sobre sexualidade adolescente – *A Lagoa Azul* –, que estreou em 1980 nos Estados Unidos, com a então ninfeta Brooke Shields. Mesmo desprezada pela crítica, a saga do menino e da menina que sobrevivem a um naufrágio e, adolescentes, descobrem o sexo num cenário paradisíaco, acabou transformando-se num roteiro de iniciação sexual para milhares de jovens em todo o mundo. Segundo pesquisa norte-americana sobre comportamento e mídia, feita na década de 80, *A Lagoa Azul* teria cumprido a função pedagógica de fornecer aos adolescentes suas primeiras informações sobre sexo, num tempo de reduzido diálogo nas famílias<sup>71</sup>. O sonho naturalista e romântico parece figura de um passado muito distante, se colocado junto às duras seqüências dos garotos captados pela câmera de Larry Clarck. No entanto, sobrevive e mescla-se às milhares de imagens do caleidocópio eletrônico deste fim-de-século.

## 6. Na música e no teatro

A música talvez seja a forma de expressão que mais una e identifique os jovens. Sua vida cotidiana é pontuada pelos sons, ritmos e letras que ouvem nas rádios e nos discos. Não teríamos aqui necessidade de elencar produções específicas para adolescentes, já que não se trata de uma característica predominante dos anos 90 oferecer música a esse público. Talvez pudéssemos apenas destacar o quanto a indústria fonográfica brasileira, nos últimos tempos, tem-se ocupado em promover astros de outras gerações, como os cantores e compositores Lulu Santos, Jorge Benjor, Rita Lee, Marisa Monte e Marina, por exemplo, que interpretam sobretudo criações antigas da música popular, em novas versões e arranjos, adequados aos *teens* da era do “sexo seguro”. A música-contestação fica restrita aos *raps* de Gabriel, o Pensador, entre tantos outros *rappers*, e às letras-narrativas do grupo Legião Urbana, lançado

---

<sup>70</sup>Cfe. CALLIGARIS, Contardo, no artigo A vida como ela está. Caderno Mais!, *Folha de S.Paulo*, 1º out. 1995, p. 4.



na década de 80; ou então à agressividade de um grupo de *rock* como o Nirvana, cujo vocalista, Kurt Cobain, suicidou-se em 94 e parece ser um dos ídolos menos efêmeros da juventude dos anos 90, ao lado do ator River Phoenix, morto por overdose de drogas. O certo, entretanto, é que os adolescentes consomem uma variedade imensa de estilos e ritmos, ao sabor do que as rádios FM oferecem. Assim, podem deixar-se embalar pelos *rocks*-baladas de Madonna, envolver-se com pagodes pasteurizados, com os sucessos de mais de uma década do grupo Paralamas do Sucesso e seus *Alagados*, também criado nos anos 80, com as novidades dos *hit-parades* italianos e espanhóis, ou mesmo com a obra completa dos Beatles, sobretudo de sua primeira fase, com o *reggae* do jamaicano Bob Marley ou do brasileiro Gilberto Gil. E, seguindo o movimento geral da mídia, as rádios FM multiplicam programas especialmente para os *teens*, além da conhecida produção musical. Um exemplo é o *Programa X*, da FM Atlântida, de Porto Alegre, cujo locutor interpreta vários personagens, no estilo do humor descompromissado e agressivo, presente em outras produções, como a dos programas televisivos do grupo “Casseta & Planeta” ou das letras do grupo Mamonas Assassinas (que desapareceu tragicamente em março de 1996). Outro é o de uma rádio de São Paulo, da Rede Transamérica, que em novembro de 94 passou inclusive a transmitir uma rádio-novela para *teens*, intitulada “O Mundo Animal”<sup>72</sup>.

Depois que as *Confissões* de Maria Mariana invadiram as salas de espetáculo de todo o Brasil, em centenas de apresentações a milhares de espectadores desde 1992, multiplicaram-se pelas capitais do Brasil não só os espetáculos feitos especialmente para os *teens*, como os grupos de teatro adolescente. E os grandes jornais do País então passaram a incluir a categoria “adolescente” em seus roteiros de teatro, publicados nos cadernos de cultura, que tradicionalmente separavam as peças em “estréias”, “continuações” e “infantis”. Na primeira semana de agosto de 94, por exemplo, o “Caderno B” do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, na coluna “adolescente” fazia a divulgação de seis espetáculos teatrais em cartaz na cidade. Além de *Confissões de Adolescente*, figuravam na lista: *Bailei na Curva* (em que um grupo de jovens traz para a discussão um pouco da história do País, nos últimos 30 anos), *Se Você me Ama* (reflexão de uma adolescente a partir de sua experiência sobre o machismo dos meninos, a ausência dos pais e a perda da virgindade) – os três apresentados também em outras capitais; *Geração Espontânea* (texto sobre o primeiro amor, primeira passeata e primeiras perdas), *Dias de Trovão* (a amizade e os desencontros de duas amigas adolescentes), e *A Quarta Companhia* (sobre o suicídio de um aluno do Colégio Militar, após sofrer punição – história baseada em fatos reais)<sup>73</sup>.

---

<sup>71</sup> O filme *A Lagoa Azul*, de produção norte-americana, dirigido por Randall Kleiser, freqüentemente é exibido na televisão. Cfe. Luiz Carlos Merten, crítico de cinema de *O Estado de São Paulo*. Caderno 2, 29 set. 1994, p. 4.

<sup>72</sup> Cfe. notícia publicada no caderno *Folhateen*, *Folha de S.Paulo*: São Paulo, 14 nov. 1994, p. 2.

<sup>73</sup> Cfe. Caderno B, *Jornal do Brasil*: Rio de Janeiro, 6 ago. 1994, p. 5.

## C – Em busca de um “eu” padronizado

Mesmo sem proceder a uma análise do conjunto de dados aqui apresentado, pois não é este o propósito da seção, poderíamos dizer que toda essa produção cultural, para além de significar um simples movimento de mercado – evidente na maioria dos filmes, programas de televisão, livros, peças de teatro e criações musicais –, mostra uma tendência a ser considerada mais profundamente: os grupos de jovens que mostram seu rosto nesses lugares participam de uma espécie de maratona confessional, através da qual se estampa uma adolescência que se vê impulsionada a expor sua intimidade, inquietude e perdição, num tempo vazio de sonhos e em que parece tornar-se impossível ser único e especial, diante da globalização das aspirações.

Essa última afirmação é ratificada por pesquisas recentes, como a investigação realizada com mais de seis mil jovens entre 15 e 18 anos de 26 países, por uma agência americana de publicidade<sup>74</sup>. Os dados revelaram que o modo de pensar, sentir e agir dos adolescentes não se diferencia muito em países como os Estados Unidos, a Rússia, a Coreia, França, Colômbia, Alemanha, Itália ou o Brasil; e, segundo os analistas, a onipresença da indústria cultural e o extraordinário acesso à informação possivelmente expliquem o fenômeno. Se há padronização de consumo, é bem verdade que também no campo das aspirações e sonhos há unanimidade: a grande maioria, segundo essa pesquisa, não está interessada em participar de movimentos contestatórios, e são poucos – seis por cento, no caso dos brasileiros – os que se descrevem como rebeldes. Todos querem estar bem empregados, vestir-se bem e ter uma vida estável. Sonhos, poucos e quase sempre atrelados a um tipo de consumo<sup>75</sup>.

O processo de globalização, operado sobretudo através da televisão, coincidiria com a dinâmica interna do adolescente típico, segundo a qual um de seus desejos maiores é controlar o mundo. Mediado pela comunicação eletrônica, o jovem teria a sensação de estar presente a todos os eventos, mesmo sem, necessariamente, atingir um nível de conscientização e compreensão ampla dos fatos. De acordo com a pesquisa, ainda que essa uniformização de modos de existência possa significar uma esperança, no sentido da abertura a outras raças e nacionalidades, e uma espécie de segurança, por permitir que as pessoas não se sintam sós e estranhas, tudo indica que a sensação de um certo poder, experimentado pelo adolescente ao

---

<sup>74</sup> Os resultados da pesquisa da DMB&B (D’Arcy, Masius, Benton & Bowles) foram divulgados no Brasil pela revista *Veja*, através da Salles/DMB&B Publicidade, na matéria de capa intitulada “O planeta teen”, edição de 19 abr. 1995, edição nº 1388, p. 106-113.

<sup>75</sup> Vejam-se outras conclusões da pesquisa. Os adolescentes de hoje não desejam enriquecer, como os jovens dos anos 80, mas, cúmplices de um modo precocemente adulto de ser, dizem desejar muito um “bom emprego” e gerenciar o “próprio negócio”; da mesma forma, querem viver despojadamente, desde que usufruindo do conforto de bens sofisticados, como roupas de boa qualidade, além de computadores e outros equipamentos de última geração. Dentre as preocupações maiores figura, em primeiro lugar, a saúde – sua e dos pais – e o medo

conectar-se eletronicamente com o mundo todo, corresponderia, contraditoriamente, ao crescimento de uma espécie de controle global sobre os diferentes papéis sociais, disseminado por várias instâncias mas sobretudo pela mídia, de tal forma que, no caso dos jovens, estes seriam compelidos de modo sistemático a comportar-se como todos os outros para se sentirem “normais”.

Poderíamos acrescentar também que a insistência em falar-se na globalização dos processos sociais ou dos modos de comportar-se e de conduzir a vida parece relacionar-se igualmente com uma sofisticada forma de exclusão, como se simplesmente deixassem de existir, por exemplo, os jovens não envolvidos com um tipo de consumo, generalizado internacionalmente, de roupas, sapatos, alimentos, filmes, revistas ou ídolos. Eles não seriam “adolescentes típicos” e, portanto, talvez deveriam ser classificados como pertencentes a outros grupos, embora estando na mesma faixa etária dos demais.

Exatamente essa discursividade sobre e para o jovem, pela qual se produz e constrói um modo de “ser adolescente”, definindo-lhe um tipo de “normalidade” e estabelecendo determinadas exclusões, constitui-se o objeto desta análise. Até aqui, a preocupação foi apresentar um quadro amplo das produções culturais para adolescentes, no Brasil dos anos 90, em diferentes meios de comunicação e formas de expressão. Para efeito da análise empreendida neste trabalho, meu *corpus*, obviamente, precisou ser limitado materialmente, em relação ao tempo e em relação à variedade de produtos, conforme o meio considerado. A seguir, explico e justifico as escolhas feitas.

## II – DEFINIÇÃO DO MATERIAL EMPÍRICO

### A – Os dados e a escolha teórica

O campo por onde vou movimentar-me nesta tese, como foi visto até aqui, diz respeito à participação fundamental que têm os meios de comunicação no controle dos modos de existência dos vários segmentos da sociedade; neste caso, ocupo-me do papel esperado em relação àqueles que deixam o tempo da infância e são chamados ao mundo adulto. Como esse tempo de passagem é captado, descrito, reelaborado nos diversos meios de comunicação, num tempo em que a mídia volta-se preferencialmente para esse grupo – como a última “fatia” do mercado a ser capturada?

Ora, essa minha primeira pergunta, assim colocada, se não for submetida a uma avaliação crítica e, principalmente, se não for iluminada por um ponto de vista teórico, terá como resposta uma reprodução do que já circula como senso comum, na própria mídia e na opinião pública. Ou seja, posso dizer sem muito esforço, numa elaboração rasteira, que hoje, em comparação com épocas anteriores, temos um adolescente mais atuante como consumidor,

---

de perder as pessoas amadas, com destaque para o problema da AIDS. A confiança é depositada nos adultos, especialmente nos pais, jamais nos políticos tradicionais.

mais objetivo na conciliação de sonho e realidade, mais direto na sua comunicação com os pais, mais autoritário e narcisista, mais conservador e moralista, liberado sexualmente mas com profundas dúvidas sobre sua “normalidade” e sobre os limites de vida e morte, sobretudo em virtude das ameaças trazidas pela AIDS. Essas conclusões, lidas a *grosso modo* nos produtos oferecidos aos adolescentes e nas conclusões de algumas pesquisas de *marketing*, como as citadas nesta seção, expõem um objeto social aparentemente distinto do que dele afirma o senso comum. Mas, na verdade, uma análise mais atenta dirá que, em virtude da própria proliferação de pesquisas, comentários e entrevistas, em que o tema é tratado por jornalistas e autoridades especializadas, esse conjunto de caracterizações do jovem dos anos 90 já passa a pertencer a um certo domínio público e a repetir-se como “verdade”. Como proceder à descaracterização desse objeto – o discurso da mídia sobre o adolescente –, retirando-o do senso comum e do que diz dele o conjunto de opiniões pulverizadas dentro da própria mídia?

Penso ser aqui o exato momento em que começa a construção de meu objeto como objeto científico. Se quero analisar os textos da mídia, meu primeiro obstáculo consistirá, como anunciado anteriormente, em selecionar não só os produtos culturais individualmente, mas os próprios meios de comunicação com os quais vou ocupar-me. Tive diante de mim todo o material exposto acima e reuni além disso o conjunto das notícias que envolviam adolescentes, veiculadas de agosto a dezembro de 94 em um jornal local (*Zero Hora*), um jornal de circulação nacional (*Folha de S.Paulo*) e uma revista mensal (*Veja*). Tudo me parecia importante se meu tema era “mídia e adolescência”, e ali estava um farto material publicado sobre jovens de 13, 18, 20 anos, diariamente, naquelas páginas impressas. Quais os critérios de seleção, além da necessidade objetiva de limitar quantitativamente o volume de fitas gravadas, páginas de jornais e coleções de revistas?

Quando comecei a coletar esses materiais – no segundo semestre de 1992, à época do surgimento dos “caras-pintadas” –, fazia também a redescoberta de um pensador, ao qual tivera acesso nos idos de 1976, através do texto *A ordem do discurso* e, logo após, em 1977, da obra *As palavras e as coisas*: Michel Foucault. Ler e estudar quinze anos depois *A arqueologia do saber* e *A história da sexualidade I – A vontade de saber* significou encontrar um caminho novo, num tempo em que, se insistirmos em atar-nos às grandes filosofias do devir histórico, nossa descrição dos fenômenos sociais tenderá à repetição do já-dito. Michel Foucault é exatamente o filósofo da ruptura, o pesquisador que se instala na descontinuidade, o cientista do recomeço. Ele menciona em *A arqueologia do saber* um tipo de descontinuidade importante, a ser descrita e captada pelo cientista – é a descontinuidade que descobrimos quando já não nos atemos à descrição de tradições, continuidades culturais, causas e efeitos de determinados fenômenos, e sim “às unidades arquitetônicas dos sistemas”, com suas coerências internas e toda a ramificação de objetos, práticas e enunciados, entre os quais é possível visualizar verdadeiros esquemas de compatibilidade.

Passei a perguntar-me: que “unidade arquitetônica” posso desenhar a partir de um conjunto de discursos sobre adolescência, na mídia brasileira dos anos 90? Que descontinuidade esse novo conjunto estruturado instaura em relação a outras unidades semelhantes (de discursos sobre juventude, em outros momentos de efervescência da cultura, como os anos 60)? Ora, essa unidade só será construída se associada a outros campos da vida social; assim, toda a produção sobre adolescência possivelmente esteja relacionada a uma discursividade mais ampla, do culto ao corpo e à imagem, da valorização da confissão e da exposição da vida privada, das terapias alternativas e exóticas, da negação não só do tempo que passa mas, igualmente, do envelhecimento e da morte.

O tema da constituição de subjetividades<sup>76</sup>, tão caro a Foucault, foi por ele tratado como se fosse possível desenhar, para momentos históricos distintos, algumas “figuras” (“unidades arquitetônicas”), através das quais ele deu visibilidade a determinados modos de existência históricos – como os que o filósofo construiu em *A história da sexualidade II e III*, estudando textos da Antiguidade Clássica greco-romana. Todos esses temas dos quais se ocupa o homem contemporâneo talvez sejam os mesmos que ocuparam o cidadão grego, mas certamente há um modo distinto de acontecimento das práticas aí sugeridas, sobre como conduzir a si mesmo, nas diferentes épocas. E é fundamental que se faça essa história.

Se, como vimos, é inevitável hoje falar de um “planeta *teen*”, seria pertinente então indagar qual a relação desse fato com os processos de reorganização sócio-econômica dos países europeus, ou mesmo dos países do Cone Sul. (Não é por acaso que uma agência de publicidade, como a Escala Comunicações, sediada em Porto Alegre, associou-se a uma empresa de pesquisa internacional, com sede na Argentina<sup>77</sup>, para realizar em 94 uma pesquisa com jovens de 12 a 18 anos, para saber como pensam e agem os adolescentes do Mercosul, em especial com relação ao papel dos meios de comunicação. Segundo a pesquisa, brasileiros e argentinos, apesar das diferenças culturais, têm expectativas semelhantes. Eles vêem nos meios de comunicação “papéis que nenhuma instituição isolada até hoje construiu. Eles esperam que a mídia ajude a livrar as pessoas da ignorância, que esclareça mais sobre problemas como a AIDS e assuma uma função educadora contra o preconceitos e antigas crenças”<sup>78</sup>). Mais ainda: seria pertinente perguntar se o prodigioso crescimento da informática e a experiência de uma “comunicação global”, via Internet, não seriam também componentes desse conjunto arquitetônico.

Em outras palavras, a primeira lição que aprendo com Foucault é que meu objeto de investigação é, antes de tudo, histórico, e como tal deve ser analisado. Assim, sob o solo dessa

---

<sup>76</sup> Desenvolverei no Capítulo 2, a seguir, o tema da produção do sujeito, conforme Michel Foucault o concebeu.

<sup>77</sup> Refiro-me à agência IPSA – ligada a Audits & Surveys Latino-América.

<sup>78</sup> Conforme reportagem intitulada “Quem são os donos do amanhã?”. *Imprensa*. São Paulo: n° 88, Ano 8, jan. 95, p. 42.

grande continuidade que é, digamos, a segunda metade do Século XX, impõe-se a necessidade de prestar atenção à diversidade que, através do objeto em questão, pode estar-se instaurando na sociedade em que vivemos. Ao invés de captar a história unilinearmente, a sugestão é que ela seja vista em diagonal, privilegiando a vivência do tempo presente e apreendendo o passado através da análise das diferentes rupturas que se operam nos vários campos da experiência humana.

Um procedimento como esse talvez me conduza a desenhar a “figura” do jovem dos anos 90, a partir da análise dos discursos da mídia, compreendendo-a naquilo que ela pode significar como continuidade cultural, mas especialmente como ruptura, ou como visibilidade de enunciados e conceitos que se deslocam. Posso perguntar, inspirada em Foucault, sobre a emergência de um determinado discurso sobre a adolescência em nossa cultura, relacionando-a com as novas formas de poder próprias da sociedade contemporânea e segundo as quais importa, fundamentalmente, apanhar os indivíduos e as populações nas suas experiências mais íntimas e vitais. Se é correto afirmar que novas técnicas de controle sobre a vida são permanentemente criadas, que novos discursos são produzidos e veiculados, de tal forma que se tornam verdades, nas quais os sujeitos reconhecem a pauta de seu comportamento cotidiano – então, é válido perguntar, a partir dos discursos da mídia que reuni: de que modo os textos e imagens dos programas de televisão, os comerciais, as reportagens, as crônicas, os artigos e as cartas dos leitores e espectadores constroem um “desejado” sujeito adolescente? Que “verdades” neles se enunciam sobre sua vida cotidiana, seu corpo e saúde, sua sexualidade, sua vida amorosa, seu futuro? Como o situam socialmente ou que formas de inclusão e exclusão tornam visíveis? De onde falam aqueles que desenham o *teen* brasileiro dos nossos tempos – ou: que campos de poder se defrontam ou se associam nessas afirmações de um tipo de adolescência?

Possivelmente, essas primeiras aproximações que faço em relação a meu objeto, a partir de um campo teórico sugerido por Michel Foucault, prenunciam conclusões bem mais ricas e complexas do que aquelas já tornadas senso comum, como vimos acima. E permitem, neste momento, que eu justifique por que escolhi determinados textos para comporem meu *corpus* de análise.

### **B – O recorte no tempo e na materialidade dos textos**

Em primeiro lugar, defini um tempo: os materiais selecionados seriam produtos da mídia veiculados ou publicados de agosto a dezembro de 1994. A idéia foi fazer um acompanhamento sistemático de tudo o que se oferecia ao público adolescente justamente num período de efervescência política no País, em virtude das eleições gerais, em outubro de 1994, da qual inclusive jovens a partir de 16 anos também participavam. Supunha que a figura do “cara pintado” seria capitalizada nesse momento, e que o duplo discurso sobre a juventude

destes tempos – conservadora ou rebelde? individualista ou participante? – voltaria às luzes. Um dos desdobramentos da hipótese central – segundo o qual afirma-se que a mídia faz circular saberes de diferentes campos de poder, mas também produz um discurso seu, e que esse discurso tem força na produção de sujeitos, no caso, de um “modo de ser adolescente” – poderia ser testado justamente num período em que os textos dirigidos a esse público estariam marcados por uma condição especial de enunciação: o País escolhia seu Presidente, governadores, deputados federais e estaduais. As comparações feitas em 92, entre o jovem dos anos 60-70 e o jovem de hoje, como vimos no início deste Capítulo, talvez fiquem mais explícitas nos textos produzidos e veiculados agora, neste momento particular da história brasileira.

Feito o recorte temporal básico, partiu-se para a escolha dos produtos. Além dos materiais produzidos especialmente para o público jovem, interessava-me saber como este era tratado no conjunto dos programas, reportagens, anúncios e artigos, veiculados no período em questão. Parecia-me desafiador “navegar” pelos diferentes canais de televisão, à busca de cenas em que os telejornais, por exemplo, citavam adolescentes, nas mais variadas situações; em que os entrevistadores, como Sílvia Poppovic ou Jô Soares, davam a palavra a garotos de 15, 18 anos; em que personagens jovens de telenovelas viviam situações como o primeiro beijo, a primeira relação sexual, cenas de conflito de gerações. Porém, logo de início esta me pareceu uma tarefa quase impossível, pois deixava-me totalmente à mercê da sorte. Por mais que fizesse um planejamento, sempre haveria surpresas e perdas. Com os jornais e as revistas<sup>79</sup>, a situação se repetia, embora com a grande vantagem de, neste caso, tratar-se de um produto imediatamente visível e controlável: bastava ter o jornal, ler e assinalar os trechos e páginas em que estava presente o personagem adolescente.

Essa exploração inicial, que comecei a fazer de modo assistemático mas exaustivo, em julho de 94, de imediato levou-me a constatar uma linha divisória entre dois tipos de adolescência construídos pela mídia: aquela para a qual são efetivamente criados alguns produtos, como a série *Confissões de Adolescente* ou o *Programa Livre*, e aquela adolescência marginal, que ocupa as páginas policiais, as reportagens sobre estupro na família, por exemplo, sobre assassinatos, roubo de tênis ou dinheiro para drogas. Uns seriam os “adolescentes” de fato; os outros seriam apenas “menores”. Que comunicação haveria entre os materiais informativos, destinados ao público em geral, e aqueles feitos com a intenção de atingir o público *teen*? Optar por um deles significaria deixar de analisar o problema básico da exclusão de uma ou outra adolescência, num País caracterizado por uma polarização social tão evidente?

---

<sup>79</sup> Refiro-me aqui particularmente ao acompanhamento que fiz do jornal *Zero Hora* (diário de Porto Alegre, RS, com circulação em todo o Estado e em Santa Catarina), da *Folha de S.Paulo* (jornal diário, de São Paulo, que tem circulação nacional), e das revistas semanais *Veja* e *Isto é*, ambas de circulação nacional.

Considerando a extrema dificuldade de contemplar toda a multiplicidade de materiais – o que me levaria, com certeza, à realização de uma análise bastante superficial –, decidi eleger para análise alguns produtos da mídia dentre aqueles direcionados especificamente para o público jovem, supondo, em primeiro lugar, que haveria neles uma concentração de esforços, por parte dos meios de comunicação, em atender a um leque amplo de demandas dos adolescentes; além disso, num espaço específico para os jovens, talvez se poderiam encontrar ali, concentrados, discursos representativos dos vários campos de poder que investem esforços em definir verdades de nosso tempo. Ao fazer essa opção, já estava afirmando o que explicitarei na Introdução, num dos itens do desdobramento da hipótese central: o fato de que a mídia estaria expondo um jogo social de inclusão e exclusão de diferentes adolescências – meninos de rua, *top models*, artistas de TV, trabalhadores precoces, drogados, atletas, prostitutas, estudantes –, transformando constantemente os textos sobre elas, exatamente na medida das inclusões e exclusões. O sujeito “adolescente” dos meus documentos estaria sendo construído por oposição a um sujeito denominado “menor”. Da mesma forma, ao selecionar um produto endereçado especialmente às meninas (a revista *Capricho*) e outro, criado a partir do universo feminino (o seriado de TV *Confissões de Adolescente*), também significava que, a partir daquele momento, eu estava considerando que a mídia estaria fundamentalmente ocupada em construir a adolescente. Como veremos na análise, os discursos sobre beleza e juventude, sobre sexualidade e cuidados com o corpo, presentes em todos os materiais para esse público, privilegiam a figura feminina, mesmo nos casos em que a mulher não é o alvo específico.

Se os enunciados, como veremos mais adiante, podem e devem ser vistos relacionalmente, isto é, em relação com o que Foucault chamou de “espaços de diferenciação”; e se também devem ser vistos associadamente a outros domínios, dentro de uma relação mais geral de formulações – tais pressupostos trazem conseqüências importantes para a tomada de decisão quanto aos produtos a selecionar. O que isto quer dizer? Quer dizer que, supostamente, um programa de televisão, como o *Programa Livre*, por exemplo, quando convida mulheres filhas de diplomatas ou grandes empresários, para contar sua tragédia de estupro em família, registra, de alguma forma, os contrastes entre jovens de classes sociais distintas, na vivência daquela situação. Falar de um grupo social bem localizado implica destacá-lo do resto da sociedade e contrastá-lo com outros que vivem também situações como aquela, no caso, da violência sexual familiar. Também permite que se exponham opiniões e verdades produzidas em campos distintos, como a interpretação da psicanálise, da própria mídia e das experiências particulares, através das vítimas ali confessadas. A análise do discurso, feita sobre um produto como esse, consiste exatamente em extrair dali um conjunto de enunciados sobre a constituição de uma subjetividade adolescente, de tal forma que serão contemplados não só a dinâmica social, visível e ao mesmo tempo negada, como os vários campos de saber que se voltam para aquele fato e o definem.



Em outras palavras, o fato de não perguntar aos materiais o que eles escondem, o que não disseram ou poderiam ter dito (por exemplo, a respeito da diferenciação social dos jovens, ou a respeito das relações de gênero), mas simplesmente perguntar de que modo essas coisas são ditas, o que significa terem se manifestado ali, naquele programa de televisão, naquelas páginas de jornal, naquelas fotos da revista, e não em outro lugar – essa atitude teórica e metodológica que Foucault nos ensina, leva a apanhar o objeto mais amplamente e, ao mesmo tempo, de modo mais concreto. Vou analisar não os enunciados latentes, mas o que está ali, como linguagem mesmo; vou interrogar a linguagem naquilo que ela produz e naquilo que a produz (Cf. Foucault, 1986, p. 126 e ss.). Nesse sentido, portanto, os documentos que escolho, criados especialmente para o público *teen*, parecem-me bem mais ricos como material de análise, do que materiais dispersos e sem um direcionamento específico de público. Estes, no entanto, terão uma função no conjunto: serão, de certa forma, o “ambiente”, a caracterização da cena enunciativa, já que nenhum dos documentos eleitos está ali, numa determinada rede de televisão ou empresa editorial, gratuitamente, isolado e imune a uma arquitetura comunicacional.

### C – Enfim, o *corpus* de análise

Feitas essas considerações, passo a apresentar os componentes de meu *corpus* de análise. Escolhi dois produtos televisivos e dois tipos de impressos. Dentre os programas de televisão, um é de ficção – *Confissões de Adolescente* – e outro de auditório – o *Programa Livre*. A série *Confissões de Adolescente*, realizada pela produtora independente “Dez Produções” e dirigida por Daniel Filho, foi veiculada pela TV Cultura de São Paulo (de segunda a sexta-feira, às 20 horas, desde o dia 22 de agosto de 1994), com transmissão por outras quinze emissoras educativas e culturais de todo o País. Em 95, *Confissões de Adolescente* foi reprisada pela Rede Bandeirantes, também em horário nobre (todos os sábados, às 20 horas). Atualmente (junho de 1996), está em exibição também na Rede Bandeirantes, a segunda fase do seriado que, a partir do 15º capítulo apresentará os episódios filmados na França. A série original, de 22 episódios, com trinta minutos cada, inspirou-se na peça de teatro de mesmo nome, criada a partir do diário da atriz e escritora Maria Mariana. Narra a vida de quatro irmãs adolescentes e seu pai, no enfrentamento de problemas típicos de seu mundo: sexo, drogas, mitos, dúvidas profissionais e amorosas, virgindade, misticismo, dinheiro, relação entre homem e mulher, família, amizade, traição. Embora se trate de ficção, a série usa o recurso teatral do depoimento dos adolescentes e de outras personagens, que falam diretamente para a câmera, expondo suas reflexões e dúvidas. Além de funcionarem como forte elemento de linguagem, essas falas antecipam ou comentam episódios, bem como fazem a passagem de tempo, conferindo dinamismo à edição do programa<sup>80</sup>. Na verdade, o

---

<sup>80</sup> No Capítulo 4, na Segunda Parte da Tese, a sinopse da série *Confissões de Adolescente* será retomada, com outros detalhes, situando a temática de cada um dos episódios e a caracterização das personagens principais da trama.

seriado de Maria Mariana sintetiza todas as linguagens através das quais foi multiplicado o diário da adolescente carioca e se tornou um marco na mídia brasileira dos anos 90, conforme já referimos no início deste Capítulo. Daí ser esse material o ponto de referência máximo de minha análise.

O *Programa Livre*, já tendo completado mais de quatro anos de existência, permanece com sua fórmula básica: de segunda a sexta-feira, atualmente no horário vespertino (às 16 horas), Serginho Groisman recebe uma média diária de 300 adolescentes, para debater durante cinquenta minutos, quase sempre ao vivo, temas polêmicos, através de perguntas feitas por ele e pela platéia a convidados especiais. Tal como a personagem Diana, a irmã mais velha de *Confissões*, Groisman faz o papel de conselheiro, animador, pessoa positiva e incentivadora dos mais novos. Na realidade ou na ficção, a TV comercial, com esses dois programas, faz-se de educadora. Daí a relevância de analisar esses produtos, nas suas semelhanças e diferenças, seja de linguagem seja de proposta como criação de TV. Pelo fato de, explicitamente, usarem um discurso “pedagógico”, porém sob uma roupagem extremamente rica e dinâmica, esses programas crescem em importância, em virtude de fazerem falar não só o jovem mas uma sociedade “média”, preocupada com o controle da sexualidade de uma adolescência que insiste em negar a realidade da AIDS, por exemplo. Essa sociedade fala através das próprias emissoras de TV, dos protagonistas desses programas e de todos aqueles que adquirem voz nos diferentes momentos, seja das entrevistas, seja da participação como personagens de ficção.

Já começo a perguntar, aqui: que adolescente se exercita no uso dos microfones de uma emissora de TV, que adolescente aprende a falar para as câmeras e alardear suas dúvidas e inquietações? Através de que mecanismos concretos ele chega até as luzes? Quem o recebe e lhe confere a palavra? Que mundo adulto o introduz na cena maior e pública da mídia? Como é construído esse espaço de confissão adolescente – ou seja, que temas são eleitos para debate, que especialistas adultos traduzem as perguntas dos jovens e as devolvem segundo saberes específicos e sob que condições isso é realizado? Parece haver um cruzamento de realidade e ficção, em ambos os programas: a “realidade” do diário de uma adolescente é transformada em ficção, mas os depoimentos testemunhais, mesmo que criados por roteiristas, tentam aproximar o que é drama do que é “vivido”; da mesma forma, o fato de, em um auditório, serem reunidos 300 estudantes adolescentes, com o objetivo de fazê-los falar de si mesmos e da realidade, tal como é experienciada por eles, não garante uma fidelidade às experiências genuínas de cada um, uma vez que o programa se caracteriza por ter como foco de atenção justamente os grandes astros, da música, da televisão, da publicidade, do mundo da moda, pessoas envolvidas com o jogo do *marketing*, que é pautado sobretudo pela necessidade de criar, preservar ou transformar uma determinada “imagem”, criada segundo interesses de mercado. Onde o limite entre ficção e realidade? De qualquer forma, uma tendência comum a

ambas as produções é insistir na confissão, no depoimento da intimidade e, através da figura do apresentador (Serginho Groisman) ou das personagens lideradas por Diana (Maria Mariana), definir um ancoradouro, um lugar de dissipação das dúvidas, um lugar de esclarecimento e aprendizagem, enfim, um tipo de lugar pedagógico.

Quanto aos dois produtos classificados genericamente como “impressos”, selecionei em primeiro lugar a revista mensal *Capricho*, publicada pela Editora Abril e destinada ao público feminino adolescente de classe média. *Capricho*, como a série *Confissões* e o programa de Groisman, serve de modelo para outras criações similares. Várias publicações passaram a ser vendidas nos últimos quatro anos em bancas de jornal de todo o País – *Todateen*, *Atrevida*, *Teens for Youngsters*, por exemplo –, oferecendo a esse público exatamente as mesmas reportagens encontradas em *Capricho* e *Carícia*, sobre namoro e tratamentos de beleza, entrevistas com astros da mídia, seções de cartas sobre medicina e saúde, astrologia, testes de auto-conhecimento. Todavia, *Capricho* permanece como protótipo, como um produto “original”, e as outras como “cópias”, não só pelo fato de algumas terem surgido posteriormente àquela: *Capricho* se distingue pelo tratamento sofisticado dado às matérias, pela seleção dos articulistas e, obviamente, pelo volume maior de páginas de publicidade. Maria Mariana, só para citar um exemplo, tinha uma página fixa na revista, até o final do ano de 1995, intitulada “Cara Metade”, redigida com o marido Gali, o qual também participou de alguns episódios de *Confissões*, como ator e como roteirista. Enquanto isso, *Carícia* (revista em formato bem menor, da Editora Azul, que pertence ao grupo Civita, da Abril) contratava Deborah Secco, a atriz que viveu Carol, irmã mais nova de Diana (Maria Mariana) em *Confissões*, para escrever a coluna “Confusões de Adolescente”, numa alusão evidente ao seriado e ao diário.

Assim, a função de *Capricho*, como orientadora das adolescentes de classe média, amplia-se em direção à própria mídia: a revista pauta também outras produções culturais e serve de referência inclusive como negação do que alguns grupos elegem como modo de vida e posicionamento diante da realidade. Já citamos anteriormente a revista *General*, em que freqüentemente se fazem comentários irônicos à linha editorial de *Capricho*, classificada como “alienada” e excessivamente “cor-de-rosa”. Herdeira das revistas femininas para o público adulto, como *Cláudia*, *Desfile*, *Nova* e *Elle*, a revista *Capricho* agora coloca-se como uma publicação básica, fonte de informação e sugestões, cuja influência nenhuma produção cultural para os *teens* pode desconsiderar.

Finalmente, meu *corpus* de análise se completa com o caderno *Folhateen*, do jornal *Folha de S.Paulo*, selecionado não só pelo critério do alcance nacional da publicação, mas por tratar-se do primeiro encarte para adolescentes no País (existe desde 1990) e por atingir mais de meio milhão de leitores, todas as segundas-feiras, dia da semana em que é veiculado.

Como veremos nos capítulos em que os discursos dos meios são analisados, nenhum desses quatro produtos é isolado, em relação aos demais: o *Folhateen* tem, como articulista, Marcelo Rubens Paiva, jornalista que já apresentou o programa *Fanzine* na TV Cultura de São Paulo (programa que substituiu o *Matéria Prima*, o qual por sua vez deu origem ao *Programa Livre*), foi várias vezes entrevistado nas páginas da *Capricho*, bem como nos estúdios do SBT, por Serginho Groisman. O mesmo sucede à psicanalista Rosely Sayão, que responde às dúvidas sobre sexo, dos leitores do encarte da *Folha de S.Paulo* e que, freqüentemente, é convidada a explicar “o grande segredo” da sexualidade, aos jovens e adolescentes que participam do *Programa Livre*.

Embora correndo o risco de debruçar-me sobre materiais tão diversos, considerando-se o meio específico – revista, jornal, seriado de TV e programa de auditório –, entendo que exatamente esse entrelaçamento dos *medias*, essa plena e permanente circularidade de textos, em nossa época, toda essa dinâmica deve ser captada e analisada pelo pesquisador e analista do discurso. Um meio está dentro do outro, numa intersecção às vezes difícil de delimitar. Como saber, por exemplo, como se define a importância de um articulista ou de um entrevistado? Seria pelo fato de já ter aparecido nas páginas do grande jornal, ou por ter escrito um livro, ou por ter sido apresentador de um programa de TV, ou ainda por ser casado com uma atriz de novela? O fato é que os discursos circulam na mídia através da voz e da imagem de alguns escolhidos, para quem já não importa o meio de comunicação que os acolhe: importa estarem “na mídia”. Por outro lado, como crescem todos os tipos de participação do receptor, especialmente do público *teen*, nestes últimos cinco anos, há que considerar-se as formas de interação propiciadas aos espectadores e leitores, no caso, da revista *Capricho*, do *Folhateen*, do seriado *Confissões de Adolescente* e do *Programa Livre*. Ou seja, há que considerar-se não só o fato de que um meio está dentro do outro, como as formas pelas quais se busca, cada vez mais, trazer para “dentro” da mídia todos os que estão do lado de “fora”. Acredito, então, que a seleção feita contempla esse novo momento da mídia e pode responder, do ponto de vista operacional, a uma série de questões postas por minhas hipóteses de trabalho.

Assim, da mesma forma que o diário da atriz Maria Mariana saiu de uma existência de simples registros pessoais, escritos em letras de todas as cores, para multiplicar-se em tantos outros produtos, diluindo uma autoria e uma “individualidade” – embora tão concreto e tão visivelmente próprio, de fato pertencente “a alguém” – os sonhos, inquietações e dúvidas do adolescente deste final de século já não podem permanecer como segredos, no máximo divididos com o amigo ou amiga mais próximos. São desejos “planetários”, como dizem as conclusões das pesquisas de *marketing*. Minha tarefa então, partindo de uma compreensão teórica desse fenômeno de proliferação de discursos sobre uma adolescência “globalizada”, será captar os modos de existência jovem propostos pela mídia, na multiplicidade de relações

que se dispersam pelos enunciados e práticas correspondentes. A descrição desses enunciados e práticas, através da análise de um determinado *corpus* discursivo, constitui o cerne desta tese e fundamenta-se nos conceitos básicos de sujeito e discurso, de que trataremos a seguir.

## Capítulo 2

---

# O DESEJÁVEL CONHECIMENTO DO SUJEITO

### I – SUJEIÇÕES DO PRESENTE

“Se é verdade que o poder investe cada vez mais nossa vida cotidiana, nossa interioridade e individualidade, se ele se faz individualizante, se é verdade que o próprio saber é cada vez mais individualizado, formando hermenêuticas e codificações do sujeito desejante, o que sobra para a nossa subjetividade? Nunca ‘sobra’ nada para o sujeito, pois, a cada vez, ele está por se fazer, como um foco de resistência, segundo a orientação das dobras que subjetivam o saber e recurvam o poder” (Deleuze, 1991, p. 112-113).

As palavras de Deleuze, a propósito do pensamento de Foucault sobre o sujeito na sociedade contemporânea, pode auxiliar-nos na apresentação deste tópico, por resumir com mestria inquietações das quais compartilhamos, desde o momento em que decidimos compreender mais deste presente, em que o fenômeno da chamada globalização atinge os países de todo o mundo, não só em termos econômicos, mas também no que se refere à cultura de cada país, o que produz, a partir daí, um novo tipo de sujeito. Por outro lado, não convivemos somente com a instantaneidade da informação e a intercomunicação econômica – o que por si só atingiria suficientemente o cotidiano de nossas vidas –, mas também participamos de um tempo em que, cada vez mais, deseja-se saber sobre a privacidade dos indivíduos e, ao mesmo tempo, quer-se dominar todo o saber segundo o qual se poderá obter um completo conhecimento e domínio sobre nosso corpo e nossa alma.

Se tudo sobre nós mesmos é compulsivamente buscado, com o auxílio eficaz de grandes redes de comunicação, tarefa facilitada pelas conquistas da informática e das tecnologias de reprodução de textos e imagens, que sobra afinal para o sujeito? Começemos com alguns exemplos do que vem ocorrendo com nossa vida cultural. No momento em que este texto é redigido, temos a notícia de que o autor brasileiro mais vendido na Feira de Frankfurt, em 95, é o “mago” Paulo Coelho, cujos livros são traduzidos e vendidos em quinze países, ultrapassando a soma de três milhões e meio de exemplares. Também acompanhamos a trajetória da literatura de auto-ajuda, que se tornou em nossos tempos o material de leitura

por excelência de uma grande maioria de pessoas; o neurolinguísta Lair Ribeiro, só para citar outro caso, é há anos um dos autores mais vendidos no Brasil. E, se acionarmos o controle remoto da TV, somos conduzidos a um leque de programas de entrevista, cujo foco costuma dirigir-se a perscrutar o que mais parece importar a nós mesmos e aos entrevistadores: a verdade íntima não só das celebridades como de qualquer indivíduo comum, os quais adquirem maior interesse, na medida em que expuserem toda a sua intimidade, de preferência sua verdade como sujeito de uma sexualidade.

Estaríamos vivendo um momento semelhante àquele que Foucault investigou – da Antigüidade Clássica –, em que se tornaram tão presentes as “técnicas de si”, essa reflexão sobre os modos de existir e reger a própria conduta, segundo determinados fins que o homem fixa para si mesmo? Ou estaríamos mais próximos da apropriação, feita pelo Cristianismo, dessas mesmas técnicas de si? Ou ainda: estaríamos aperfeiçoando aquilo que o homem dos séculos XVII e XVIII tão bem conseguiu, ao produzir um farto material, tão bem analisado por Foucault, no qual se registrou à exaustão a intimidade de vidas “infames, obscuras e desafortunadas”? Por que essa obsessão por imiscuir-nos no que tem o nome de privado? Sim, porque as coisas devem permanecer classificadas como “privadas” e, desse reino, serem alçadas a públicas. Esse é o jogo. Seguimos perguntando: qual o modo de existência desse voltar-se para si mesmo, hoje? De que modo se dá a produção e a veiculação desses textos, que se ocupam de um eu que deve estar sempre atento a si mesmo, que deve procurar conhecer-se cada vez mais, que deve buscar qualquer tipo de explicação para seus sonhos e desejos, que deve conformar seus atos a um modelo de vida harmônico e “espiritualmente correto”? Que efeitos de verdade têm os discursos que delineiam para as pessoas um ideal de corpo e de beleza? Que técnicas correspondem a esses fins de aperfeiçoamento corporal e espiritual? Como esse “governo de si”, em nossos dias, trata da sexualidade, esse tema que esteve desde sempre entranhado na formação do indivíduo? De que modo nossa “intimidade desafortunada” se expõe nas telas públicas? Finalmente, que tipo de ética (ou não-ética) estaríamos propondo a nós mesmos através desses textos?

As perguntas assim colocadas, usando uma linguagem aprendida de Foucault – por quem me deixo subjetivar –, têm o propósito de situar o tema desta tese dentro de um determinado campo de reflexão teórica. Longe de sugerir meras especulações, o modo de perguntar foucaultiano aponta continuamente para a busca não de um *por quê*, nem de um *para quê*, mas de um *como*, *de que modo*. Assim, sobre o tema do sujeito, Foucault, no texto “Subjectivité et verité”, dos *Résumés des cours (1980-1981)*, enfatizava a necessidade de uma pesquisa que lhe respondesse à seguinte pergunta: *como* se instituiu um conhecimento de si, ou *como* se processou essa longa história de fazer do sujeito um objeto de conhecimento, pelo homem? E mais ainda: *como* esse fato de tornar o sujeito cognoscível foi-se fazendo não só possível, como desejável e até indispensável para nós? (Cfe. Foucault, 1989, p. 133).

Chegamos ao ponto de, finalmente, situar o que significa a questão do sujeito na obra de Foucault. É preciso, certamente, abandonar o lugar-comum lido em alguns de seus críticos apressados, de que este teria decretado a “morte do sujeito” ou a “morte do homem”. Falar de sujeito, para Foucault, é falar de “modos de subjetivação”. Quando, em *As palavras e as coisas*, ele afirmou que o homem não existia até os Séculos XVII e XVIII, sabemos o que quis dizer: referia-se a uma ruptura na história da sociedade ocidental, a um momento em que o homem se tornava objeto de saber, constituía-se como aquilo “que é necessário pensar e o que há a saber” (s.d., p. 448), na medida em que é alguém que vive, fala e produz. Distintos modos de objetivação transformaram os seres humanos em sujeitos: sujeitos falantes, sujeitos econômicos e produtores, sujeitos biológicos, e temos a partir daí as Ciências da Linguagem, por exemplo, a Economia ou a História Natural. O homem se separava das milenares crenças e “filosofias” e se tornava “objeto”. Foucault encerra *As palavras e as coisas* sugerindo que o homem, portanto, foi “inventado” e, tal como apareceu, poderia, quem sabe, desaparecer dali a algum tempo, desvanecendo-se como “um rosto de areia à beira do mar”.

Estaria Foucault prevendo um tempo em que o excessivo esquadramento do homem, de sua alma e seu corpo, pelo saber médico principalmente, talvez o conduzisse a uma perda de unidade? Teria esse fato relação com o sucesso das terapias esotéricas, hoje disseminadas por todas as camadas da população, seja em países do Primeiro ou do Terceiro Mundo? O certo é que Foucault, aceitando o caminho aberto por Nietzsche, renunciava o desaparecimento de um homem essencial, fonte da verdade, da liberdade e de todo conhecimento, propondo que a filosofia do presente partisse exatamente desse ponto. “Hoje em dia já não se pode pensar senão no vazio do homem desaparecido” (Foucault, s.d., p. 445).

Em “Deux essais sur le sujet et le pouvoir”, ele explica que, na verdade, sempre esteve estudando o sujeito: se em *As palavras e as coisas* fazia aparecer o homem como alguém separado do que está fora dele (por exemplo, o homem produtivo separado do produto de seu trabalho), em *Vigiar e punir* expunha o sujeito classificado em relação a outros seres humanos e, inclusive, dividido no interior dele mesmo. Mais uma vez, os homens como objeto, aqui divididos em loucos e sãos, em doentes e saudáveis, em criminosos e “bons-moços”. Finalmente, nos últimos anos de sua vida, o autor dirigiu suas investigações no sentido de responder à questão: como o homem chegou a reconhecer-se como “sujeito de uma ‘sexualidade’”? Outra vez, a insistência em saber de que modo o ser humano se transforma em sujeito (Cfe. Foucault, in: Dreyfus e Rabinow, 1984, p. 298 e 299).

Obviamente, não estamos falando em um sujeito psicológico, nem entendendo subjetivação e subjetividade como processos ou estados “da alma”, da experiência única e individual de cada pessoa, o que certamente existe e é legítimo considerar. Mas não em se tratando de Foucault, nem no sentido conferido ao tema neste trabalho. As concepções



foucaultianas de sujeito do discurso e de subjetividade têm uma abrangência muito específica. Assim, o termo ‘subjetividade’, segundo o autor, refere-se ao modo pelo qual “o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade no qual está em relação consigo mesmo” (Foucault, *apud* Larrosa, 1994, p. 55), ou seja, o modo – as práticas, as técnicas, os exercícios, num determinado campo institucional e numa determinada formação social – pelo qual ele se observa e se reconhece como um lugar de saber e de produção de verdade. Para Deleuze, Foucault não só mostrou como os processos de subjetivação se fazem absolutamente diversos, nas diferentes épocas, produzindo modos de existência e estilos de vida muito próprios: ele afirmou sobretudo que, nos interstícios da dinâmica de poder e saber, em luta com esses mesmos dispositivos, há um lugar de “intensidades”, uma possibilidade ética-estética de se produzir uma “existência artista” (Deleuze, 1992, p. 142).

Por outro lado, quando o autor diz, em *A arqueologia do saber*, que o sujeito ocupa um determinado lugar na ordem do discurso, que ele fala de um lugar e, portanto, não é dono livre de seus atos discursivos, Foucault não está negando que as pessoas, individualmente, possam perceber-se como únicas, indivisas, senhoras de seu destino e de seus menores atos. Essa aspiração permanente à unidade seria a grande ilusão que nos mantém em nossa normalidade. Percebendo-nos incompletos e múltiplos, tendemos à totalidade e à completude. Guardadas as proporções, em termos de produção teórica, os cientistas, mesmo entendendo que os saberes produzidos no seu campo são incompletos, em geral também tendem à busca de uma totalização, como bem tem assinalado Edgar Morin<sup>81</sup>. Mas voltemos ao sujeito. A tensão entre o eu e o outro é considerada não no espaço em que se relacionam sujeitos individuais, mas no espaço de uma relação mais ampla, baseada na noção de “dispersão do sujeito”, como a formulou Foucault. Para ele, indivíduos diferentes podem ocupar o lugar de sujeito de um mesmo discurso, ou seja, a origem do discurso não estaria em sujeitos individuais. O sujeito do enunciado, conforme sua célebre formulação, é “um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes” (1986, p.109)<sup>82</sup>.

Quando faz sua crítica aos historiadores, na Introdução de *A arqueologia do saber*, Foucault diz que “fazer da análise histórica o discurso do contínuo e fazer da consciência humana o sujeito originário de todo o devir e de toda prática são as duas faces de um mesmo sistema de pensamento” (Idem, p. 15). Segundo ele, todas as tentativas de descentração do sujeito – com Marx, com Nietzsche, com as Ciências da Linguagem – foram sendo transformadas no intuito de proteger a “soberania do sujeito”. Assim, por exemplo, Marx teria sido antropologizado e dele se fez um historiador das totalidades, embora sua análise tenha sido rigorosamente histórica e tenha apontado para a descontinuidade dos processos sociais.

---

<sup>81</sup> Ver Volume I de sua obra *La méthode e O problema epistemológico da complexidade* (V. Biblio.).

Mas como abandonar a idéia do devir histórico, da “atividade sintética” do sujeito, se é a idéia do devir que fornece à soberania do sujeito seu “abrigo mais seguro”? (Idem, p. 17).

Foucault usa ‘sujeito’ no estrito sentido etimológico da palavra. Em latim, a palavra é *sub-iéctus* ou *subjectus*, e denota aquilo ou aquele que é “colocado por baixo”, o mesmo que “súdito”<sup>83</sup>. No ensaio sobre a relação entre sujeito e poder – “Porquoi étudier le pouvoir: la question du sujet” –, o autor é bem claro: “Il y a deux sens au mot ‘sujet’: sujet soumis à l’autre par le contrôle et la dépendance, et sujet attaché à sa propre identité par la conscience ou la connaissance de soi. Dans les deux cas, cet mot suggère une forme de pouvoir qui subjugue et assujettit”<sup>84</sup> (In: Dreyfus e Rabinow, 1984, p. 302 e 303). É nesse texto, aliás, que Foucault afirma não ter sido o poder, mas o sujeito – e as diversas formas de assujeitamento – o tema geral de suas investigações. E qual o elemento impulsionador dessa busca? Em primeiro lugar, a percepção de que os mecanismos de sujeição do indivíduo não constituiriam um momento final, um produto da exploração econômica e política, mas sim processos circularmente relacionados com outras formas de dominação, de tal forma que um ou outro desses tipos de dominação poderia prevalecer, conforme o momento histórico. Em segundo, a idéia de que o Estado ocidental moderno alcançou algo jamais visto na história das sociedades humanas – uma combinação complexa de técnicas de individualização e procedimentos totalizantes. Ou seja, em nossos dias estaria prevalecendo aquele tipo de poder que atinge prioritariamente o cotidiano imediato das pessoas, que se ocupa de saber o que se passa nas cabeças e consciências individuais, explorando almas e segredos, produzindo verdades nas quais todos devem reconhecer-se e pelas quais são reconhecidos (Idem, p. 304 e 305).

A idéia de um poder pulverizado, presente em todas as relações e em todos os lugares, expôs Foucault a ser classificado como o arauto da perseguição, da desesperança, do aprisionamento sem saída. Só no final de sua vida, no texto várias vezes citado aqui, justamente pela síntese aí realizada pelo autor, ele explicitou a importância de lutarmos contra todas as formas de assujeitamento, ou, como escreveu, contra a “submissão da subjetividade”. Se somos sempre assujeitados, lutemos por formas de sujeição que não nos submetam tão radicalmente naquilo que mais nos é caro – nossa individualidade. Porém, ele acreditava que a maior dificuldade dessa luta estaria em considerar a particular forma de poder que nossa sociedade tão bem aprendeu a realizar e que tanto soube aperfeiçoar, ao longo de três séculos: um poder preocupado com o bem-estar da população e a saúde de cada um em particular, um

---

<sup>82</sup> Voltarei a tratar do tema da “dispersão do sujeito”, no próximo Capítulo, no interior das reflexões sobre o conceito de discurso em Foucault.

<sup>83</sup> Cfe. KOEHLER, Pe. H. *Pequeno dicionário escolar latino-português*. Porto Alegre, Globo, 1960, p. 307. E CUNHA, Antônio G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio, Nova Fronteira, 1982, p. 742.

<sup>84</sup> “Há dois sentidos para a palavra ‘sujeito’: sujeito submetido ao outro, através do controle e da dependência, e sujeito preso à sua própria identidade, através da consciência ou do conhecimento de si. Em ambos os casos, essa palavra sugere uma forma de poder que subjuga e assujeita” (Trad. minha).

poder que se reveste de “bondade” e sincera dedicação a toda a comunidade, mas que não tem condição de exercer-se senão munindo-se de toda a informação sobre cada grupo, sobre o que pensam e sentem todos os indivíduos e como estes podem ser melhor dirigidos.

O problema é este: como e por que lutar contra quem nos protege e quer nosso bem? O exemplo das grandes pesquisas de *marketing* parece feito sob medida para ilustrar o tipo de poder a que Foucault se refere: é possível até imaginar o autor tendo diante de si toda essa produção de dados sobre eleitores ou consumidores, esses dados freqüentemente divulgados pelos órgãos de comunicação, e sem os quais nem o mercado nem a política parecem sobreviver. No Capítulo 1, citamos a quantidade de pesquisas sobre o público adolescente, a mais recente conquista do mercado: certamente, não se investigam aí apenas o gosto dos novos consumidores e suas preferências em relação a roupas, alimentos ou formas de diversão. Quer-se saber mais: como esses jovens fazem amor, como se relacionam com a família, o que esperam para o futuro, que medos têm, quem escolheriam como líder, quais suas crenças ou qual sua identidade religiosa. Novamente, o contraditório problema: como e por que duvidar daquele que se dirige a nós e nos investiga, para supostamente servir-nos de uma melhor forma?

Inquieto inquiridor da cultura do seu tempo, Foucault depositou, no decorrer toda a sua obra, um olhar profundamente crítico a todas as formas de sujeição do homem, visíveis nos diferentes campos institucionais e nas inúmeras técnicas, procedimentos, estratégias, discursos e arquiteturas construídos historicamente. Seu olhar, porém, jamais foi benevolente ou paternalista, daquele tipo que enxerga a verticalidade das relações, a grandeza moral dos oprimidos em contraposição à perversão dos poderosos. Em suas aparentemente díspares investigações, ele sempre apontou para a idéia de que o poder existe em ato, e de ambos os lados: do lado de quem exerce o poder e do lado daquele sobre o qual o poder é exercido. Em ambos os lados há agentes, e há sempre espaço para respostas, reações, efeitos. Enfim, o poder se exerce sobre aquele que é livre. E a tendência da sociedade ocidental, como ele descobre, especialmente a partir da longa pesquisa feita para *Vigiar e punir*, tem sido aperfeiçoar, burilar, sofisticar as estratégias de poder, criando-se dispositivos cada vez mais complexos, nos quais os indivíduos terminam por enredar-se, tomando para si as próprias ações que lhe cingem a subjetividade.

Considero importante, neste momento, fazer um apanhado geral de como Foucault foi transformando sua compreensão do sujeito, no percurso de suas investigações, até chegar a afirmar que a verdadeira motivação de suas pesquisas teria sido a luta maior e mais urgente contra tudo aquilo que nos submete a subjetividade. Mesmo que não cheguemos a fazer uma discussão mais aprofundada dessa trajetória, nosso propósito é mostrar que concordamos com a idéia de que o tema do sujeito está em cada um dos textos de Foucault, e que o conjunto de

sua obra significa uma afirmação de vida<sup>85</sup>, justamente porque o filósofo, no dizer de seu amigo Deleuze, pensou e viveu sua vida como uma morte múltipla. Se a morte se multiplica e se diferencia, é assim que ela dá à vida as singularidades e as verdades que lhe pautam os modos de existência (Cfe. Deleuze, 1991, p 102). Foi a potência de vida que havia em Foucault que o fez mergulhar em tantas vidas anônimas, que só se manifestaram porque se enfrentaram com o poder. Essa mesma potência de vida o fez arriscar-se a pensar diferente, a pensar o outro dentro de seu próprio pensamento, como ele mesmo afirmou a respeito de si.

“Desde que se pensa, se enfrenta necessariamente uma linha onde estão em jogo a vida e a morte, a razão e a loucura, e essa linha nos arrasta. Só é possível pensar sobre essa linha feiticeira, e diga-se, não se é forçosamente perdedor, não se está obrigatoriamente condenado à loucura ou à morte” (Deleuze, 1992, 129).

## II – O SUJEITO NA TRAJETÓRIA DE FOUCAULT

### A – Da *História da loucura a Vigiar e punir*

Como o louco passa a ser considerado um “doente mental”? Para identificar como nasceu o discurso psiquiátrico, Foucault, em *História da loucura*, analisa discursos médicos e práticas de internação, ocupando-se também com as instâncias sociais envolvidas – Igreja, família, medicina, justiça –, desde o Renascimento até o início do Século XIX. Ele queria analisar como se deu o aparecimento da loucura no âmbito do problema da razão e da verdade. Na síntese de Roberto Machado – um estudioso dessa obra, inclusive seu tradutor –, temos aí a descrição do longo processo de “dominação da loucura pela razão”. Do Renascimento para a Idade Clássica, faz-se a “destruição da loucura, como saber que expressa a experiência trágica do homem no mundo, em proveito de um saber racional e humanista centrado na questão da verdade e da moral” (Machado, 1981, 61).

Foucault vai descrevendo como a questão da loucura não fica restrita ao ambiente da medicina mas, ao contrário, vai-se configurando como um problema de razão e de moralidade. A criação dos primeiros hospitais, no Século XVII, instituíam a exclusão social, fundada principalmente em critérios morais: os enclausurados eram prostitutas (e todos os que adquiriam doenças venéreas), devassos, perversos sexuais, feiticeiros e magos, libertinos e, finalmente, os loucos, até então não vistos como doentes mentais. No Século XVIII, porém, o discurso médico distinguia a loucura dos outros tipos de “erros morais”, classificando-a como

---

<sup>85</sup> Ver, a propósito, o artigo de Jurandir Freire Costa, intitulado “O sujeito em Foucault: estética da existência ou experimento moral?”, em que o autor discute as críticas de universalistas e neo-pragmáticos às idéias foucaultianas sobre a ética do sujeito. Concordo com Costa na sua defesa de Foucault, definido por ele como “um dos últimos revolucionários utópicos de nosso presente histórico”, da mesma linhagem de um Marcuse, mas

um produto da relação do homem com o seu meio e identificando-a como um fenômeno que se passa dentro do próprio sujeito. Segundo escreve Foucault, na loucura, o homem “não perde a verdade, mas *sua* verdade; não são mais as leis do mundo que lhe escapam, mas ele mesmo que escapa às leis de sua própria essência” (apud Machado, p. 73). Eles já não podem ficar livres, não são produtivos e se tornam perigosos para as comunidades. Resta-lhes o completo isolamento. Enclausurado, o louco é submetido ao olhar médico e jurídico, torna-se objeto de saberes. Criminosos passionais enclausurados, por exemplo, ao serem interrogados sobre seus desejos, seu passado até então desconhecido, sua percepção do mundo, muito mais do que sobre o próprio crime, são instados a confessar o que há de mais secreto em suas vidas. É a história do Outro, do Diferente; é o nascimento da psicologia, da psiquiatria e de toda uma ciência médica que existe para explicitar a verdade básica do sujeito, cuja loucura agora é doença e, sendo assim, precisa ser tratada. Inicia-se a era do patológico, como acentua Machado, tempo que ainda existe, e cada vez mais, para todos nós.

É assim que Foucault vai construindo seu edifício teórico a respeito do tema do sujeito. Nessa primeira grande investigação – aliás, sua Tese de Doutorado, orientada por Canguilhem –, como vimos, Foucault já identificava, através da história da loucura, um dos “instantes” desse longo processo pelo qual o homem buscou (e busca, cada vez mais) saber a verdade escondida do sujeito. Se aprendemos, com a *História da loucura*, o surgimento de uma “ciência da alma”, podemos, com *O nascimento da clínica*, acompanhar como se plantaram as bases da ciência médica do corpo: percebido pelo olhar, o corpo do doente é falado, classificado, organizado em tipologias nosológicas, as quais não existiriam em essência, mas como doença de um corpo específico, concreto. O conhecimento médico se dá pela associação do olhar à linguagem. O espacial é verbalizado. E, pela análise arqueológica foucaultiana, constrói-se uma figura completa e clara, em que a linguagem médica é vista em perfeita articulação com seu objeto, o corpo doente percebido pelo olhar daquele que examina. É o conhecimento a partir da “desordem” da enfermidade, da “perigosa alteridade no corpo humano”, como diz o autor<sup>86</sup>. Mais adiante, em *As palavras e as coisas*, Foucault estudará detidamente os saberes a partir dos quais se constituíram as chamadas ciências humanas, e vai mostrar-nos como o homem é determinado pelo que se sabe dele e como só assim poderá ser conhecido. E, nesse momento, “o homem se descobre como um ser finito através das empiricidades, porque como sujeito do conhecimento é também um ser finito e descobre, mais fundamentalmente, a finitude de seu corpo, de seu desejo, de sua linguagem” (Machado, p. 135).

---

“sem a crença ingênua ‘na boa natureza do sexo’ e nas virtudes universais da ‘razão estética’ ” (COSTA, 1995, p. 136).

<sup>86</sup> Conforme escreve Foucault no final do Prefácio de *As palavras e as coisas*. Portugal, Lisboa, 1966 (data da edição francesa, da Gallimard), p. 13.

O aprofundamento do grande problema de como o homem se fez objeto de saber dá-se, em *Vigiar e punir*, pela centralização em um novo foco de investigação: o poder. Foucault quis fazer uma “história política dos corpos”, através da história das prisões. E descobriu o nascimento de uma sociedade das disciplinas, cujo foco é o controle pormenorizado dos corpos, que devem fazer-se dóceis e úteis. A prisão moderna, do dispositivo panóptico, descrita em detalhes desde o momento em que se configurou como ruptura em relação às clássicas formas de punição, essa prisão seria, segundo o autor, o modelo por excelência da sociedade disciplinar, da qual somos herdeiros, e na qual se instaura uma nova economia do poder, bem mais eficaz e muito menos dispendiosa.

Ao fazer a história da microfísica do poder punitivo, em *Vigiar e punir*, Foucault descreve os fundamentos da “alma” moderna que nos constitui, na contemporaneidade:

“(…) o homem de que nos falamos e que nos convidamos a liberar já é em si mesmo o efeito de uma sujeição bem mais profunda que ele. Uma ‘alma’ o habita e o leva à existência, que é ela mesma uma peça no domínio exercido pelo poder sobre o corpo. A alma, efeito e instrumento de uma anatomia política; a alma, prisão do corpo” (Idem, p. 31-32).

O nascimento dessa alma moderna, segundo Foucault, dá-se com a ruptura ocorrida durante o Século XVIII, quando os governos, na sociedade ocidental, passaram a preocupar-se com a “população” e com o “corpo” dos indivíduos: é o político transformando-se no biopolítico; são as tecnologias disciplinares passando a serem aceitas, sob a forma de “igualdade e liberdade” (Cfe. Dreyfus e Rabinow, op. cit., p. 195 e ss.). Diante das profundas mudanças econômicas do Século XVIII, e defrontada com o problema da “acumulação de homens”, a sociedade ocidental imaginou um novo tipo de poder. Como diz Foucault – em entrevista a Jean-Pierre Barou, a propósito do Panóptico de Jeremy Bentham (popularizado pelo autor, em *Vigiar e punir*) –, era preciso que o poder tivesse circulação e se fizesse por novos canais, “cada vez mais sutis, chegando até os próprios indivíduos, seus corpos, seus gestos, cada um de seus desempenhos cotidianos. Que o poder, mesmo tendo uma multiplicidade de homens a gerir, seja tão eficaz quanto se ele se exercesse sobre um só” (Foucault, 1992a, p. 214).

A hipótese do genealogista é que nossa sociedade incorporou uma velha técnica de poder, o “poder pastoral”, nascido nas antigas instituições cristãs. Distinta do poder soberano, a nova técnica consiste em criar e incentivar uma série de procedimentos, ligados a um objetivo último: a salvação individual. Segundo essa forma de poder, há que se ter uma preocupação constante com cada indivíduo em particular, durante toda a sua vida; é preciso também ter o conhecimento dos segredos mais íntimos de cada um e a habilidade de conduzir cada ovelha do rebanho. Em suma, há que se produzir e reafirmar, permanentemente, uma verdade: a verdade do próprio indivíduo (Cfe. Foucault, 1988, p. 10). O preso de *Vigiar e punir* é objeto de produção de saberes, na medida em que seu corpo se oferece e, ao mesmo

tempo, resiste à normalização. Classificado, julgado, exercitado, comparado, diferenciado, hierarquizado, homogeneizado, excluído – em uma palavra, normalizado –, o homem dos cárceres incorpora literalmente uma “arte de punir e de ser punido”. Ele aprende a docilidade de um corpo que se reconhece como vigia de si mesmo, e se esmera em tornar-se apto, produtivo, capaz, disposto a um aprisionamento jamais percebido como tal.

Da verdade perdida pelo louco e da justificação de seu enclausuramento (*História da loucura*), à atomização do corpo doente sob o olhar médico (*O nascimento da clínica*) e à docilização dos presidiários (*Vigiar e punir*) – ou seja, da análise arqueológica dos primeiros textos à opção pela abordagem genealógica –, estamos ainda diante do tema do sujeito, que aqui poderíamos entender sob duas óticas. De um lado, acompanhamos a trajetória de um historiador que se define por querer libertar-se da idéia de um sujeito constituinte, transcendente e ideal: de fato, suas análises nos falam de um sujeito que se constitui por dentro de própria trama histórica, apanhada em regiões e em locais muito específicos, como os hospitais e as prisões, na Europa dos Séculos XVII e XVIII. De outro, defrontamo-nos com um conjunto de técnicas e procedimentos de controle e fragmentação dos indivíduos, os quais se tornam perfeitamente disponíveis a uma série de saberes: constituem-se subjetividades, no seio de lutas por imposição de sentido, na história da produção de efeitos de verdade. E essa subjetividade é muito concreta, ela toma corpo nos gestos, na postura, no olhar, nos discursos, descritos magistralmente pelo autor.

## **B – O sujeito da *História da sexualidade***

A partir do Século XIX, os dois pólos do “bio-poder” – numa figura só, o controle do corpo dos indivíduos e do grande “corpo” da população – desembocam numa espetacular preocupação com o sexo: o discurso da sexualidade passa a ser um discurso sobre a vitalidade do corpo e sobre a maximização da vida. Incorporando a hipótese repressiva do poder – contestada violentamente por Foucault –, o bio-poder atinge o cotidiano do indivíduo e o convida a confessar-se, a liberar-se, a desamarrar-se da opressão. Produz-se um saber sobre o sexo, saber que se aplica diferentemente em relação a ricos e pobres: estes, em nome da higiene pública, aprendem, por exemplo, a controlar o incesto; aqueles, mais tarde, terão acesso à psicanálise, e obterão o remédio para a repressão. Para Foucault, o problema das sociedades modernas não é terem condenado o sexo à obscuridade, e sim terem dedicado todos os esforços para falar sem cessar dele, valorizando-o como “o” segredo.

Colocando em suspenso alguns postulados tradicionais nas análises de poder, como o que fundamenta a “hipótese repressiva”, o autor se dedica a fazer uma história da sexualidade, cujo primeiro passo é justamente descrever o domínio do funcionamento das relações de poder. Aprendemos tudo o que ele “não é”: o poder não se possui, não é uma propriedade, não

está localizado no Estado, não é mera superestrutura, enfim, não atua pelos mecanismos da repressão e da ideologia. Por oposição, também aprendemos que o poder, antes de tudo, é um “efeito de conjunto”: é uma estratégia, é algo que está em jogo, ele incita, promove, produz e é “positivo”. Produz o quê? Sujeitos, discursos, formas de vida. Como? Através da transformação técnica dos indivíduos.

Em *A vontade de saber*, primeiro volume da *História da sexualidade*, Foucault nos mostra, por exemplo, como se produziram, ao longo do Século XIX, quatro “figuras” sexualizadas: a mulher histérica, a criança masturbadora, o casal “malthusiano” e o adulto perverso. Descrevendo-as em relação às redes de poder e saber que as constituíram, Foucault mostra simultaneamente como se produziu esse objeto – a sexualidade, que ele identifica como um dispositivo histórico de controle das populações. O “dispositivo da sexualidade” é definido como um aparato discursivo e não-discursivo, em que

“a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e poder” (Foucault, 1990a, p.100).

O grande tema aí é o da colocação do sexo em discurso. O sexo passa a ser tratado como fato político, e é regulado por toda uma discursividade, muito mais do que pela proibição, como o faz crer a hipótese repressiva. É preciso controlar as taxas de natalidade e, para isso, desenvolve-se um interesse obsessivo por dominar todos os dados que envolvam o ato reprodutivo: o casamento, as relações sexuais, as interdições e as perversões. Afinal, como cada uma das pessoas usa seu sexo? A família e as primeiras instituições escolares colocam-se em estado de alerta: há que vigiar o possível e sempre iminente encontro do indivíduo com o seu sexo, desde a infância e sobretudo na adolescência. Para tanto, não só a fala dos pedagogos multiplica saberes sobre a sexualidade dos mais jovens, por exemplo, como os espaços e os rituais escolares da Europa, a partir do Século XVIII (a arquitetura dos prédios, a disposição das salas, os regulamentos disciplinares), aparentemente mudos, são a própria manifestação de um discurso interminável sobre a sexualidade. Ao mesmo tempo, a medicina aperfeiçoa suas pesquisas em anatomia, para descobrir a origem de possíveis degenerescências; e o discurso jurídico multiplica formas de fazer os indivíduos falarem de si e deixarem o registro de sua confissão de perversidade.

Em nome de uma urgência biológica e histórica, justificaram-se, oficialmente, todos os tipos de racismo; degenerados, bastardos e ‘tarados’ deviam ser de alguma forma eliminados, ou, pelo menos, controlados, mas não sem antes confessar sua vida infame. A grande matriz geradora da discursividade sobre o sexo, segundo Foucault, é a técnica da confissão que,



como tal, permanece até nossos dias. Extorquida de todas as formas e insistentemente, a confissão sobre o inconfessável – sobre os pensamentos e desejos perversos, os inumeráveis prazeres, as distorções do ato sexual – é a técnica-síntese da imensa vontade de saber do homem. E a sexualidade vai aparecendo não só como verdade do indivíduo e de seus prazeres, mas principalmente como um lugar por excelência do patológico e do oculto que urge decifrar.

Há uma dupla produção de verdade sobre o sujeito: o sexo, esse “fragmento de noite que cada qual traz consigo”, é objeto de uma verdade que acreditamos estar em nós e por isso a dizemos, esperando que o Outro, o decifrador, nos devolva o que somos, ajudando-nos a liberar o que em nós se ocultava. Temos aí a gestação do longo processo de construir uma ciência do sujeito, como esclarece Foucault:

“Foi nesse jogo que se constituiu, lentamente, desde há vários séculos, um saber do sujeito, saber não tanto sobre sua forma porém daquilo que o cinde; daquilo que o determina, talvez, e sobretudo o faz escapar a si mesmo. Talvez isso pareça inopinado, mas não é estranho quando se pensa na longa história da confissão cristã e judiciária, nos deslocamentos e transformações desta forma de saber-poder, tão básica no Ocidente, que é a confissão: através de círculos cada vez mais fechados, o projeto de uma ciência do sujeito começou a gravitar em torno da questão do sexo. A causalidade no sujeito, o inconsciente do sujeito, a verdade do sujeito no outro que sabe, o saber, nele, daquilo que ele próprio ignora, tudo isso foi possível desenrolar-se no discurso do sexo. Contudo, não devido a alguma propriedade natural inerente ao próprio sexo, mas em função das táticas de poder que são imanentes a tal discurso” (Foucault, 1990a, p. 68-69).

No Volume II de sua *História da sexualidade, O uso dos prazeres*, o autor reavalia seu percurso investigativo e se coloca uma pergunta nova, sobre o modo como o homem ocidental construiu uma ciência do sujeito: agora, Foucault quer saber como fomos levados a reconhecer-nos como “sujeito de desejo”. Para responder a essa questão, foge ao plano estabelecido em *A vontade de saber*, e reorganiza seus estudos em direção aos textos da Antigüidade Clássica, a fim de saber: a) como se deu a lenta formação de uma “hermenêutica de si”; b) por que o sexo vem sempre acompanhado de uma idéia de moral; c) como, enfim, o homem problematiza a si mesmo e à sua vida.

Do ponto de vista metodológico, o autor fornece a chave de uma pesquisa que se compromete não com idéias e comportamentos, nem com visões de mundo ou “ideologias”, mas com problematizações e práticas. Arqueologista, ele vai apanhar os discursos da Antigüidade Clássica, em que o homem é questionado de diferentes formas, como um ser que pode e deve ser pensado; genealogista, ele se apóia nas práticas que depreende dos discursos, e as vê em seu movimento e transformação, em suas descontinuidades. É assim que ele descobrirá, nos textos, um conjunto de regras, opiniões, conselhos, aos quais o cidadão devia recorrer para orientar sua prática cotidiana – um conjunto de “práticas de si” –, em direção a

uma “arte da existência”. A prática de si é considerada uma questão de ordem moral, prescritiva. E o sujeito é alguém que se constitui sujeito moral e cujas ações se harmonizam com as normas de um determinado código, de um certo tipo de prescrição. Para obter sucesso nessa empreitada ética, a “relação consigo” é fundamental: trata-se de uma relação de aprendizado e reflexão em direção ao próprio interior, de autodeciframento, exame, de exercício sobre si mesmo, de transformação de si, de autocontrole, aperfeiçoamento constante.

O mergulho de Foucault nos textos clássicos – como os de Clemente de Alexandria, Aristóteles, Plínio, Plutarco, Sêneca, Xenofonte, Platão –, entremeado de comentários a respeito dos discursos sobre a formação de si, especialmente os produzidos pela literatura cristã medieval, leva-o a descobrir uma permanência de temáticas, como a do sexo, esse “medo tão antigo”. Desviar-se do prazer, manter-se fiel no casamento, praticar a abstinência sexual, por exemplo, são algumas das recomendações para quem deseja ter acesso à verdade de si mesmo, encontradas na maioria desses textos. Ou seja, mais uma vez, a correlação entre sexo e saber, sexo e verdade. Mas o que interessa a Foucault, para além das permanências, são as diferenças, os modos de os homens se constituírem sujeitos morais, em momentos históricos distintos.

Para tanto, o autor parte de uma espécie de esquema de leitura dos textos, de onde retira quatro pontos fundamentais, os quais permitirão o desenho de um determinado tipo de relação entre moral e “prática de si”: a substância ética, o modo de sujeição, o trabalho ético e a teleologia<sup>87</sup>. Definido, por exemplo, que assumimos, como cidadãos gregos, a fidelidade como centro de nosso comportamento ético, podemos determinar que: 1º – vamos ser fiéis essencialmente pelo domínio de nossos desejos (substância ética); 2º – submetemo-nos à fidelidade por nos reconhecermos num grupo que a pratica e a proclama (modo de sujeição); 3º – exercitamo-nos memorizando preceitos e regulando diuturnamente nossa conduta em relação à fidelidade (trabalho ético) 4º – essa ação moral é motivada pela aspiração a uma perfeição de nossa alma imortal (teleologia). Um quadro como esse permitiu a Foucault estabelecer claramente as diferenças, por exemplo, entre as “morais cristãs” e as reflexões morais da Antigüidade greco-romana. Nestas, ele descobriu uma preocupação com as práticas de si e com a ascese.

O “uso dos prazeres”, segundo a moral grega de homens e para homens – na relação com o corpo, com a esposa, com os rapazes e com a verdade –, mais do que servir a um regramento da conduta, em relação ao permitido e ao proibido, tem o objetivo maior de fazer da vida e do próprio homem um objeto de arte. Diz respeito principalmente à arte política de governar a si mesmo, para assim poder governar os outros. Certamente, encontramos nessa ética sexual muito do que ainda experimentamos hoje, quanto às desigualdades e coerções nas

relações sexuais; mas, como indica Foucault em suas conclusões, devemos atentar para a forma como ela foi problematizada entre os gregos da época clássica: mesmo que efetivamente preconizasse a submissão e a inferioridade do escravo e da mulher, por exemplo, ela se referia substancialmente à relação de um homem livre com sua própria liberdade, com as formas de seu poder e com os modos de acessar à verdade (Cfe. Foucault, 1990b, p. 220).

A “relação consigo” envolve basicamente uma relação de poder sobre si mesmo, exercida através das “práticas de si”: o permanente de aperfeiçoamento de si, que atinge toda a vida do indivíduo, pauta-lhe desde o modo de dormir, de comer, de fazer amizades, casar ou procriar. Ainda não se trata da hermenêutica do sujeito, da centralidade na decifração de si mesmo – que vamos encontrar mais intensamente nas práticas e tecnologias de si, propostas pela literatura cristã – mas de um intenso voltar-se para si mesmo e em si encontrar a verdade, em nome de uma estilização da vida. O gregos, segundo Foucault, tendo inventado a relação de poder entre homens livres, inventam a relação de poder para consigo mesmos: em outras palavras, colocando a força em direção ao “eu”, eles inventam a “subjetivação”:

“Não é mais o domínio das regras codificadas do saber (relação entre formas), nem o das regras coercitivas do poder (relação da força com outras forças), são regras de algum modo *facultativas* (relação a si): o melhor será aquele que exercer um poder sobre si mesmo. Os gregos inventam um modo de existência estético” (Deleuze, 1992, p. 141).

Em *O cuidado de si*, terceiro volume da *História da sexualidade*, Foucault mostra detalhadamente como, nos primeiros séculos de nossa era, gregos e romanos produziram e viveram uma ética que ele identificou como ética da austeridade. Utilizando o mesmo esquema de análise exemplificado acima e detendo-se sobre textos que orientavam e definiam as relações do homem com seu corpo, das formas de vínculo entre homens e mulheres, e dos homens entre si – em obras de Plutarco, Xenofonte, Artemidoro, Sêneca e especialmente Epíteto, entre tantos outros –, o filósofo identificou um fenômeno que, segundo ele, teria longo alcance histórico e que, ali, conhecia seu apogeu: “o desenvolvimento daquilo que se poderia chamar uma ‘cultura de si’, na qual foram intensificadas e valorizadas as relações de si para consigo” (Foucault, 1985, p. 49). Mesmo permanecendo como o grande objetivo – fazer de sua existência uma arte –, este adquiria nova configuração, visível nas práticas então propostas.

As formas de intensificar as relações consigo, segundo as quais o homem era chamado a fazer de si um objeto de conhecimento e campo de ação, para “transformar-se, corrigir-se, purificar-se e promover a própria salvação” (Idem, p. 48), revestiam-se agora de uma clara opção pela vida austera, pela prática de um exame ritmado dos atos diários, de um

---

<sup>87</sup> Esse quadro é exposto pormenorizadamente no Capítulo 3 de *O uso dos prazeres* e é aplicado no trabalho que faz sobre os textos, conforme se acompanha em todo o livro.

aprofundamento dentro de si mesmo, porém, sem jamais perder de vista que cuidar de si era, antes de tudo, uma prática social e política. O amor pelos rapazes já é menos valorizado, o casamento merece atenção mais cuidadosa e há mais inquietação quanto à conduta sexual. Guias para a interpretação dos sonhos, como o de Artemidoro, mostram que saber decifrar o sonhado é menos um exercício de curiosidade do que uma atividade útil e produtiva, para gerir a própria existência e prevenir-se quanto a acontecimentos futuros. Chama a atenção dada à importância de cada um ter confidentes, guias, amigos ou diretores espirituais: expor a própria alma é útil aos dois, confessor e confidente, pois um recebe conselhos e o outro pode reatualizá-los para si mesmo, como ensinava Sêneca (Idem, p. 57). A medicina aparece como um campo de poder dos mais importantes, junto com a filosofia: ambas tratariam da mesma coisa, das paixões e doenças físicas, da necessidade da temperança nas relações sexuais e na alimentação, pois entendia-se que o corpo e a alma poderiam perturbar-se mutuamente. Epíteto chegava a afirmar que a escola do filósofo era como um gabinete médico; a ela os discípulos deviam chegar como alguém que está doente: “Quereis aprender os silogismos? Curai primeiro vossas feridas, estancai o fluxo de vossos humores, acalmai vossos espíritos” (Sêneca, *apud* Foucault, 1985, p. 61).

Em suma, reconhecemos nesses preceitos e regramentos da relação consigo – essa relação de poder sobre si mesmo que não se separa da relação de poder sobre os outros –, uma similitude com o que se verá nas morais ulteriores, do início da Era Cristã até nossos dias. Estas, segundo diz Foucault na conclusão de *O cuidado de si*,

“definirão outras modalidades da relação consigo: uma caracterização da substância ética a partir da finitude, da queda e do mal; um modo de sujeição na forma da obediência a uma lei geral que é ao mesmo tempo vontade de um deus pessoal; um tipo de trabalho sobre si que implica decifração da alma e hermenêutica purificadora dos desejos; um modo de realização ética que tende à renúncia de si. Os elementos do código concernentes à economia dos prazeres, à fidelidade conjugal, às relações entre homens, poderão muito bem permanecer análogos. Eles então farão parte de uma ética profundamente remanejada e de uma outra maneira de constituir-se a si mesmo enquanto sujeito moral de suas próprias condutas sexuais” (Idem, p. 235).

As *techniques de soi*, descritas por Foucault na análise dos textos clássicos, transformavam o imperativo socrático do “conhece-te a ti mesmo” em algo mais “prático”, porém, bem mais amplo: não só conhecer-se mas governar-se, aplicar ações a si próprio, tendo por certo que o objetivo maior somos nós mesmos e, ainda, que o instrumento de chegada ao que nos define somos nós mesmos também. A pergunta era: “Que fazer de si mesmo, para atingir uma vida esteticamente mais bela?”. Mas, nos últimos textos estudados em *O cuidado de si*, já se pode vislumbrar a preocupação com um controle mais rígido da vida dos homens, uma ética mais austera, como se viu. Autodecifrar-se, confessar-se ao outro, examinar-se e sacrificar-se serão as técnicas por excelência da ética cristã, tomadas dos gregos, as quais se

aliam à máxima socrática do conhecimento de si, a serviço da maior honra e glória de Deus. Surge o homem culpado, o sujeito que sobretudo falha e precisa confessar o pecado, pagar por seu erro, aliviar-se e um dia descansar nos braços do Senhor. Essa moral cristã entranhou-se no corpo e na alma ocidental, percorre os discursos científicos, esquivava-se aqui e ali e reaparece silenciosa nas práticas cotidianas de todos nós.

## C – Questões para análise

### 1. Da história necessária

Uso as palavras de Foucault: “La ‘technologie de soi’ est un immense domaine, très complexe, dont il faudrait faire l’histoire”<sup>88</sup> (In: Dreyfus e Rabinow, op. cit., p. 342). A lição mais importante desta primeira parte é justamente expor o tema da tese a partir de um ponto de vista histórico. Descrever as práticas de si, presentes nos textos da mídia, no Brasil dos anos 90, significa desenhar uma figura histórica de constituição de subjetividade que, certamente, apresenta interferências e cruzamentos com outras figuras, como as estudadas por Foucault.

Quando o autor se deteve sobre o relato de inúmeras técnicas de si, expostas nos textos clássicos, descobriu que as práticas relativas ao *souci de soi même* (cuidado consigo mesmo) diziam respeito à necessidade que o homem tinha de discursos verdadeiros para dirigir-lhe a vida – as palavras certas para enfrentar o real, para saber seu lugar na ordem das coisas, sua dependência ou independência em relação aos acontecimentos. Mas como existiam, efetivamente, esses discursos na vida dos gregos? Eles existiam como uma voz interior, que devia fixar-se em cada um, e era preciso que estivessem sempre à mão, como um remédio. Isso era alcançado através de muitas e variadas técnicas: exercícios de memorização, de escrita, de leitura e reflexão, de meditações sobre a vida e a morte, doença e sofrimento, de histórias exemplares de vida. “Temos aí um conjunto de técnicas que têm por fim ligar a verdade e o sujeito. Mas é preciso compreender bem: não se trata de descobrir uma verdade no sujeito nem de fazer da alma o lugar onde reside: não se trata de descobrir uma verdade no sujeito, nem de fazer da alma o lugar onde reside – por um parentesco de essência ou por um direito de origem – a verdade; não se trata mais de fazer da alma o objeto de um discurso verdadeiro. Estamos ainda muito longe daquilo que seria uma hermenêutica do sujeito. Trata-se, ao contrário, de armar o sujeito de uma verdade que ele não conhece e que não reside nele; trata-se de fazer dessa verdade – apanhada, memorizada, progressivamente colocada em aplicação – um quase-sujeito, que reina soberanamente em nós” (Foucault, 1989, p. 159-160, trad. minha).

---

<sup>88</sup> “A ‘tecnologia de si’ é um imenso domínio, muito complexo, cuja história é preciso fazer” (Trad. minha).

A “tecnologia de si”, descrita por Foucault nos *Résumés des cours*, aparece aí em sua concretude histórica, anunciando as transformações que sofrerá. É a primeira grande ruptura: o Cristianismo se apropriará das técnicas clássicas do *souci*, investindo-as de outra função, qual seja, a de servirem para que o homem pudesse encontrar uma suposta verdade escondida. Assim, por exemplo, as “técnicas clássicas de austeridade, que no tempo dos estóicos visavam à direção de si mesmo, foram transformadas em técnicas destinadas a assegurar a purificação dos desejos e à supressão do prazer, a fim de que a austeridade se tornasse um fim em si mesma” (Dreyfus e Rabinow, 1984, p. 349, trad. minha)

Para Foucault, a cultura contemporânea de si se apóia na idéia cristã de um eu ao qual é preciso renunciar, em nome da relação com Deus. Ou seja, através de todo um saber psicológico e da prática psicanalítica, descobrimos nosso verdadeiro eu, renunciando a tudo o que produz em nós a alienação e o obscurecimento do que realmente somos. A cultura clássica de si, ao contrário, propunha a idéia de cada um construir, criar a si mesmo, como uma verdadeira obra de arte (Idem, p. 339). Se Foucault identificou as diferenças e similitudes entre os gregos antigos e a cultura greco-romana do período imperial, e destes com os primeiros tempos do Cristianismo, talvez possamos participar da construção dessa história dos modos de “relação consigo”, situando as práticas discursivas e não-discursivas de nosso tempo, a respeito da cultura de si, comparativamente às épocas estudadas por Foucault e, inclusive, a momentos marcantes da segunda metade deste século. Os anos 90 certamente conhecem um tratamento do *self* diferenciado daquele comentado por Foucault, dos anos 60 e 70. Comparando a cultura juvenil da época de Maio de 68 com o que se diz e produz a respeito do jovem deste final de século, gerado naqueles tempos, talvez se possa afirmar que a juventude faz exatamente o movimento inverso de seus pais: informatizada, cibernética, desinteressada pelas grandes questões políticas, sobretudo assombrada pela doença do sexo, ela está no centro da produção de uma prática e de um discurso profundamente arraigados no culto de si mesmo e que têm sido classificados, como vimos no Capítulo 1, como basicamente conservadores.

Podemos, assim, perguntar aos textos da mídia que compõem o *corpus* de análise deste trabalho: de que modo o discurso da adolescência neste final de século se faz uma “figura” histórica? Que relação têm as formas de produção de verdade sobre si mesmo, hoje, com o que se produziu em outros momentos históricos, como os descritos por Foucault? Como se faz, nos textos do *corpus* deste trabalho, a referência ao histórico? Tudo indica que os anos 60 são o ponto de referência (como vimos nas análises a respeito do aparecimento dos “caras-pintadas”, no Capítulo 1), não só pela evidente força dessa época, em que aconteceu uma verdadeira revolução dos costumes, talvez porque, em geral, quem escreve sobre juventude ou mesmo quem se dirige aos adolescentes são adultos que viveram a “revolução sexual” e as lutas políticas dos “anos rebeldes”. A questão, portanto, se refere à temporalidade, ao ponto de

referência de época, como base da construção de um novo discurso. Da mesma forma, pode-se indagar de que modo se forja, neste presente, o caminho de nova subjetividade, algo assim como a preparação do solo para novo plantio. Que geração é esta que se forma no interior da nova discursividade sobre sexo— ou: que se vislumbra nesses corpos e mentes, disponíveis a um eterno retorno a si mesmo?

Pergunto-me também se as estratégias do bio-poder, do qual somos herdeiros, não se configurariam, hoje, como uma complexa rede de poder que se manifesta ou que se articula através dos meios de comunicação. Em outras palavras, eu diria que este é um dos “comos” foucaultianos a investigar: que tipo de sujeição sucede ao homem contemporâneo, “protegido” por um sofisticado “poder pastoral eletrônico”, que lhe orienta o modo de alcançar a própria salvação? Arriscaríamos dizer que o cuidado de si, dos gregos, sem ter desaparecido, nem no Século XVIII nem em nossos dias, foi-se transformando no cuidado de si através do cuidado pastoral dos outros, de todos, de cada um. O investimento sobre si mesmo torna-se o objetivo político de cuidar de todos, em particular da saúde de todos, de sua vida reprodutiva, o que, necessariamente, significa conhecer e ampliar os saberes sobre sexo e sexualidade, sobre corpo e alimentação, saúde e doença, dietas e exercícios, ampliação de todas as possibilidades de uma vida controlada e, se possível, eterna. Esses novos saberes, todos construídos e elaborados em nome da vida, que espaços novos de resistência criam para os indivíduos, se geram práticas cada vez mais sofisticadas de controle das populações?

## *2. Da confissão*

A idéia de que “tudo deve ser dito” parece ter-se tornado uma obsessão para o homem contemporâneo. Desde os manuais de confissão da Idade Média, com a sugestão de uma minuciosa descrição dos atos sexuais; o movimento da Contra-Reforma, com a imposições de regras meticulosas de examinar a si mesmo; a construção de uma complexa aparelhagem de produção de discursos sobre sexo, no decorrer dos séculos XVII e XVIII, através de inúmeras práticas médicas, pedagógicas, psiquiátricas e jurídicas; até o desenvolvimento das práticas terapêuticas e psicanalíticas dos nossos tempos – a história ocidental aprendeu um paradoxal mecanismo de produção de verdade, que aliou uma profunda vontade de saber (base do discurso científico) a uma obstinada vontade de não-saber. Ou seja, a compulsão aprendida de tudo falar, de tudo confessar, não significa univocamente que o dito libera, o falado em si produza verdade; é como se estivéssemos de fato num jogo de verdade e falsidade, e a confissão – com todas as técnicas de exposição ilimitada de si mesmo – para permanecer como prática desejável e permanente, também produzisse “desconhecimentos, subterfúgios, esquivas”, como escreveu Foucault em “Scientia sexualis”, de *A vontade de saber*. O jogo da produção da verdade, em especial a verdade sobre sexo, inclui portanto também o não-saber.

Parafrazeando o autor, a idéia cristã era que tudo devia ser dito para tudo ser apagado; no Século XVII, com a proliferação de outros mecanismos de confissão – a denúncia, a queixa, o inquérito, o interrogatório –, elimina-se a idéia do perdão e enfatiza-se o simples e puro registro; e hoje o poder que se exerce sobre a vida cotidiana é “constituído por uma rede fina, diferenciada, contínua, onde se disseminam as diversas instituições da justiça, da política, da medicina, da psiquiatria” (Foucault, 1992a, p. 122). Os discursos de nossos tempos, baseados igualmente na confissão (através de reportagens, entrevistas, depoimentos, cartas aos jornais e revistas, relatórios médicos, psicológicos e psiquiátricos, descrições pedagógicas de comportamento escolar, pesquisas de mercado) – presumidamente neutros e frutos de simples observação –, trazem à visibilidade o banal de nossas vidas, infames ou brilhantes que sejam, e esse banal é analisado através de uma teia em que se cruzam os fios da administração do público, da voz jornalística e publicitária e da ciência, sobretudo a ciência médica. A pungência e a intensidade que experimentamos diante dos documentos sobre os excluídos dos Séculos XVII e XVIII – nesse “primeiro afloramento do cotidiano no código do político” – , um dia haveriam de perder-se, segundo previsão de Foucault feita em 1977, “quando se fizerem, daquelas coisas e daqueles homens, ‘processos’, atualidades de jornal, casos” (Idem, p. 123).

Nos textos da mídia, a discursividade sobre “que fazer de si mesmo” passa sempre por uma “revelação de si”. A base das produções textuais, em geral, é a confissão que os próprios sujeitos fazem de sua vida íntima, de sua precariedade humana, dos seus desejos, dos seus pecados ou até dos simples atos do seu cotidiano. Na mesma medida em que proliferam ocasiões nas quais pessoas comuns ou celebridades são convidadas a expor as mazelas de sua privacidade (ou são apanhadas involuntariamente nessa condição), multiplicam-se as “respostas” aos conflitos aí confessados: psicólogos, psicanalistas, endocrinologistas, nutricionistas, ginecologistas, comunicadores alçados a diretores espirituais, pediatras – toda uma gama de conselheiros do corpo e da alma – dedicam-se a comunicar, através da mídia, os novos saberes que nesse ambiente se produzem. São dois tipos de textos – dos que se confessam e dos que interpretam as confissões, a partir de um certo campo de conhecimento – , em que sobressai um discurso sobre a sexualidade, em geral associado à questão primordial da beleza e da juventude e, mais recentemente, à morte pela AIDS.

Se o tema do cuidado consigo chegou a ocupar boa parte da produção filosófica, em especial no período helenístico, pode-se talvez dizer que, em nossos dias, a grande “praça” de debate dos “problemas do homem” tenha uma outra configuração: a solidão e a privacidade de cada um, em sua casa, tornada pública nas imagens de tantos outros “eus” que se multiplicam nas telas da TV, nas páginas dos jornais, nas fotos das revistas. O governo de si hoje parece estar prioritariamente articulado à relação com um outro que ultrapassa a sisudez das salas de aconselhamento psicopedagógico ou o recolhimento a média luz de um consultório de



psicanálise ou ainda a rotina do cotidiano familiar. Esse outro com o qual nos mantemos em relação permeia nos fala sedutoramente também de dentro dos meios de comunicação: locutores, apresentadores, entrevistadores, atores e atrizes, modelos, jornalistas, repórteres, publicitários – na cena enunciativa revestida de um sofisticado aparato técnico – são nossos íntimos e ao mesmo tempo distantes conselheiros. O grande sonho desse campo da privacidade pública é, justamente, a interação, buscada de todas as formas em nossos dias, em programas de televisão do tipo *Você decide*<sup>89</sup>.

A questão da relação entre mídia e confissão, portanto, permeia toda a análise dos dados, uma vez que está diretamente relacionada à hipótese básica deste trabalho, a qual supõe que a produção de subjetividade hoje depende de investimentos de poder e saber, na criação de discursos sobre “práticas de si”, os quais circulam cotidianamente em todos os tipos de mídia. A construção de uma discursividade sobre a adolescência baseia-se fundamentalmente nessa relação. Que sujeito se produz aí e o que ele guarda e recria da longa história da “noção de si”?

Vários campos de poder transferem para a mídia suas formas de “extorquir” privacidade; e a mídia, de sua parte, cria suas próprias técnicas de confissão, as quais se servem prioritariamente da imagem, das figuras tornadas públicas no reino da fama, mesmo que esta seja breve. Chamados a falar e a serem falados na mídia, os adolescentes fazem confissões diferenciadas, conforme sua origem social: a declaração das dúvidas e curiosidades sexuais dos meninos e meninas de classe média corresponde à exposição da violência e do abandono, dos desejos da satisfação primária do alimento e da existência de uma família, da necessidade de trabalho, para os jovens das camadas populares e marginalizadas. Os modos de confissão femininos e masculinos são bastante distintos, na quantidade e na qualidade. Como os vários textos fazem emergir esses enunciados de exclusão e inclusão das diferentes adolescências? Que efeitos se produzem a partir dessas práticas confessionais, repetidas descontroladamente em revistas, jornais, programas de rádio e televisão? Como elas penetram o mundo dos mais jovens, caracterizado, justamente, por encontrar nesse tipo de exercício – as confidências, os segredos, o registro das intimidades em diários e agendas – uma forma de resguardo e de busca de entendimento de si mesmo? Finalmente, como se cruzam e se complementam modos de existência distintos – dos pontos de vista de classe e de gênero, entre outros –, respondendo ao forte esquema de “globalização” de expectativas de vida que experimentamos?

---

<sup>89</sup> Programa semanal da Rede Globo, em que uma determinada situação de impasse é dramatizada, de tal forma que, no último bloco do episódio, os telespectadores opinam ao telefone sobre o melhor final para a história. Outros programas, como o *Fantástico*, apresentado aos domingos pela mesma emissora, também introduziram recentemente a consulta ao telespectador.

### III – CORPO E SEXUALIDADE

Vimos que Foucault descobriu, ao longo de todas as suas pesquisas, que a idéia da “relação consigo”, historicamente, e de uma maneira crescente, foi-se afastando da protegida zona do homem livre grego, para entranhar-se nas relações de poder e não cessar de manifestar-se em múltiplos lugares e discursos. Mas eu diria que não só as formas de “relação consigo” transmudaram-se em práticas confessionais, em técnicas e exercícios de auto-conhecimento espiritual de todos os matizes, em modos de segredar o sexo para não vivê-lo ou em formas de produzir e fazer circular saberes sobre o sujeito. Também os “cuidados consigo”, especialmente os referidos às práticas de aperfeiçoamento do corpo, de regulação das atividades mais prosaicas do cotidiano, foram reprocessados historicamente: longe de buscarem a “arte da existência”, eles foram integrados aos objetivos de controle das populações, desde os Séculos XVIII e XIX, e conheceram, neste nosso tempo, o auge da sofisticação e da multiplicação.

Na complexidade das redes de informação e comunicação experimentada pelo homem contemporâneo, não há praticamente um lugar, um dia de sua vida em que ele não seja chamado ou a cuidar de seu corpo ou a perscrutar a própria sexualidade. Os imperativos da beleza, da juventude e da longevidade o perseguem quase como tortura, da mesma forma que a compulsão a falar do sexo e a nele reconhecer sua verdade de sujeito. E homens e mulheres, em quase todo o mundo, aceitam subjetivar-se por essa normalização de corpos e mentes, que se faz, a meu ver, muito pela redundância, pela possibilidade tecnológica quase infinita de a informação fazer-se outra e sempre a mesma, dirigida a pessoas cada vez mais ávidas de repetirem para si mesmas que um dia, quem sabe, viverão melhor, serão mais felizes. Como o futuro das delícias está na distância, o presente se torna angustiado, ansioso, eufórico, desesperançado; e convém, então, entregar-se ao prazer de pelo menos desejar-se belo e jovem, eternamente, ou então de satisfazer-se com uma sexualidade prolixamente declarada, mesmo que isso nos custe muito de nossas vidas, mesmo que isso nos faça sentir-nos sempre em débito com um prazer na verdade mais idealizado do que vivido, e com uma imagem e um corpo que não sabemos, não podemos ou não conseguimos alcançar.

Com estas reflexões, e modestamente, talvez estejamos nos colocando no caminho tracejado por Foucault, que se perguntava, em julho de 1975:

“Qual é o tipo de investimento do corpo que é necessário e suficiente ao funcionamento de uma sociedade capitalista como a nossa? Eu penso que, do século XVII ao início do século XX, acreditou-se que o investimento do corpo pelo poder devia ser denso, rígido, constante, meticuloso. Daí estes terríveis regimes disciplinares que se encontram nas escolas, nos hospitais, nas casernas, nas oficinas, nas cidades, nos edifícios, nas famílias... E depois, a partir dos anos sessenta, percebeu-se que este poder tão rígido não era assim tão indispensável quanto se acreditava, que as sociedades industriais podiam se contentar com um poder muito mais tênue sobre o corpo. Descobriu-se,

desde então, que os controles da sexualidade podiam se atenuar e tomar outras formas... Resta estudar de que corpo necessita a sociedade atual...” (Foucault, 1992a, p. 147-148).

Interessa-me aprender de Foucault seu modo de investigar o corpo como alvo do poder: radicalmente materialista, ele delimita os efeitos do poder no nível concreto dos corpos, dos gestos, dos discursos e dos sentimentos, e não no nível da ideologia. Foucault não nega que Marx tenha se ocupado do corpo, mas observa que, historicamente, o marxismo o subestimou, em favor da consciência e da ideologia. Da mesma forma, critica o excesso de zelo com a repressão, no discurso marcusiano do corpo e da liberação sexual, reafirmando, em vários textos e análises, a positividade do poder, as infinitas possibilidades de seu enraizamento nas células das pessoas, exatamente porque se caracteriza por produzir saberes que o tornam mais eficaz ainda em suas táticas e estratégias. Para Foucault, construir a arqueologia das Ciências Humanas significa, em síntese, fazer o “estudo dos mecanismos que penetraram nos corpos, nos gestos, nos comportamentos” (Idem, p. 150). “Portanto, em vez de formular o problema da alma central, creio que seria preciso procurar estudar os corpos periféricos e múltiplos, os corpos constituídos como sujeitos pelos efeitos de poder” (Idem, p. 183). Quanto à importância conferida à repressão e à ideologia, ele é profundamente nietzscheano: “elas não constituem o combate de forças, são apenas a poeira levantada pelo combate” (Deleuze, 1991, p. 39).

#### **A – Corpo e disciplina ou: “a solidão seqüestrada dos corpos”**

Normalizar e disciplinar corpos e mentes são as grandes artes do poder, que emergem no século XIX. *Vigiar e punir* descreve o nascimento de uma “sociedade disciplinar”, a qual não pode nem deve ser identificada como uma instituição ou um aparelho, mas, como sintetiza Deleuze, deve ser vista como “um tipo de poder, uma tecnologia, que atravessa todas as espécies de aparelhos e de instituições para reuni-los, prolongá-los, fazê-los convergir, fazer com que apliquem de um novo modo” (Idem, p. 35). O raciocínio de Foucault se faz por um dinamismo extremamente interessante: ao mesmo tempo que afirma o quanto o poder não é homogêneo, não é global nem vem do grande aparelho do Estado, definindo-se, ao contrário, por ser singular, localizado, tópico, o autor nos mostra como esse mesmo Estado vai aparecendo como um “efeito de conjunto” de toda uma microfísica do poder. Assim, ao invés de o Estado criar este ou aquele mecanismo específico de controle, por exemplo, ele sanciona, aprova, defere, restringe aqui e ali, organiza, enfim, o que foi produzido nas entranhas da sociedade, permitindo inclusive que a partir dele tecnologias e práticas disciplinares se renovem ou mesmo sejam inventadas. Daí a enorme importância não de estudar os grandes mecanismos de repressão e controle, mas as micropráticas cotidianas e difusas, lugar por excelência da positividade do poder.

Em que consiste a disciplina? Foucault a define de diferentes maneiras, na sua história das prisões: “anatomia política do detalhe”, a disciplina diria respeito a “esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (Foucault, 1991, p. 126). Esses métodos nasceram justamente num tempo, o século XIX, em que o novo princípio já não era o corpo do rei, mas o “corpo da sociedade”, o “corpo populacional”, que era necessário proteger – classificando e excluindo doentes, infectados, delinquentes e degenerados. Mas como realizar essa proteção? Não mais através do suplício, e sim pelo esquadramento asséptico dos indivíduos e seus corpos – nas prisões, nos hospitais, nas escolas e nos quartéis. Herdeiros dessa sociedade, aprendemos ao longo da história o quanto astuciosas técnicas de detalhar e controlar os corpos foram compondo e atingindo campos cada vez mais vastos, a tal ponto que somos hoje testemunhas de novos tipos de assujeitamento, nem sempre localizados em arquiteturas visíveis, mas cada vez mais eficazes, talvez justamente por dispensarem qualquer explicitação de violência ou imposição.

Como é caracterizada a disciplina da vigilância, em *Vigiar e punir*? Em primeiro lugar, ela envolve um contínuo treinamento, voltado para a minúcia, a valorização das “pequenas coisas”, num rígido controle dos tempos e espaços. Vigiar é uma arte: a arte da distribuição dos corpos nos espaços, da delimitação de fronteiras, da multiplicação de compartimentos e corredores, da seriação e da colocação em colunas e filas – o isolamento para a rápida localização –, o que corresponde a uma distribuição não apenas dos corpos mas igualmente dos saberes e dos valores. A arquitetura dos espaços institucionais existe para que o controle interior, de cada um e de todos, se faça eficaz: os indivíduos são isolados mas há também aberturas, para a contínua observação. Disciplinar, também, implica agir sobre o tempo: ritmar o tempo, garantir que ele esteja bem empregado e que os corpos estejam regularmente bem aplicados, jamais ociosos. Um tempo “evolutivo” aparece nas diversas atividades, exercícios e treinos, feitos passo a passo, num *continuum* que aponta para o lugar de perfeição, ou seja, para a salvação individual do pecador que um dia terá o reino dos céus, do aluno que um dia vai saber, do preso que no futuro será liberto. A disciplina implica correlacionar os mínimos gestos ao corpo todo, e que cada movimento físico tenha sua função e seu tempo bem definidos. Implica um quase silêncio e o aprendizado de sinais, para uma tácita obediência: é o reino das coerções permanentes, dos treinamentos progressivos, da “docilidade automática”.

“Ora, através dessa técnica de sujeição, um novo objeto vai-se compondo e lentamente substituindo o corpo mecânico – o corpo composto de sólidos e comandado por movimentos, cuja imagem povoara os sonhos dos que buscavam a perfeição disciplinar. Esse novo objeto é o corpo natural, portador de forças e sede de algo durável; é o corpo suscetível de operações especificadas, que têm sua ordem, seu tempo, suas condições internas, seus elementos constituintes. O corpo, tornando-se alvo de novos mecanismos de poder, oferece-se a novas formas de saber” (Foucault, 1991, p. 140).

Da mesma forma que a vigilância é microvigilância, a punição é dispersa em micropenalidades, exercidas em relação ao tempo, à própria atividade, à maneira de ser, ao corpo e seus gestos, à sexualidade. O indivíduo é classificado conforme o erro e castigado de acordo com uma escala, que vai desde o castigo físico a sutis processos de punição, que corrigem os desvios e promovem a normalização. As penalidades devem aparecer nos corpos, destacando o sujeito “errado” em relação aos demais. Submeter os indivíduos a exames periódicos é uma forma de o poder objetivar-se: é a cerimônia da classificação, da troca de saberes, entre quem sabe e quem deve aprender. Tudo se faz, nas práticas disciplinares, de tal forma que o poder permaneça invisível, e os “disciplinados”, ao contrário, sejam totalmente expostos à luz, através de todo o tipo de premiações e sanções.

Interessante a análise que Foucault faz do processo de individualização, surgido com a sociedade disciplinar: quanto mais anônimo e funcional se faz o poder, mais ele tende a individualizar aqueles sobre os quais se exerce. Se há uma norma, então há que se privilegiar os desvios; se há a sanidade e o bom comportamento, há que dirigir-se ao delinqüente e ao louco; crianças e jovens devem ser individualizados, mais do que os adultos; e estes, mesmo que sadios, devem ser normalizados em relação ao que há neles de insanidade ou infantilidade. É a individualização dos excluídos; é a “marcação” e a “correção” da anormalidade. Não mais o homem de feitos memoráveis dos séculos XV e XVI, mas um “indivíduo calculável”, essa realidade fabricada pela sociedade das disciplinas e que tornou possíveis as ciências do homem (Cfe. Foucault, 1991, p. 171 e 172).

Se ainda nos reconhecemos, hoje, nessa longínqua história do disciplinamento dos corpos e do “seqüestro da solidão humana”, registrada nas pungentes páginas de *Vigiar e punir*, isso certamente se deve ao nascimento, naquela época, de uma maravilhosa máquina, responsável por fabricar “efeitos homogêneos de poder”: a máquina do Panóptico de Bentham. A arquitetura do presídio, com a marca irrefutável de um poder que consegue fazer-se sem a força, baseado na radical separação entre ver e ser visto, passa a ser a partir de então o esquema modelar de organização dos aglomerados de indivíduos – fábricas, escolas, hospitais, quartéis, conventos, seminários, escritórios de grandes empresas. O panoptismo, na sociedade disciplinar, cresceu e frutificou, justamente por permitir o ordenamento das multiplicidades humanas, por tornar muito menos custoso e inconveniente o exercício do poder, e por desenvolver ao máximo a docilidade-utilidade dos corpos: estes foram maximizados como elementos produtivos e minimizados como força política. Ao mesmo tempo que diversificou os especialistas em “normalização” – médicos, carcerários, psicólogos, assistentes sociais, pedagogos, juízes, terapeutas de todas as espécies, mestres, fiscais, chefes de seção –, o modelo panóptico produziu conhecimento e alimentou-se de uma infinidade de saberes que a própria estrutura de poder, assim constituída, permitiu desenvolver: alunos, crianças, adolescentes, subalternos, doentes, delinqüentes, marginais, infratores, loucos –

transformam-se todos em indivíduos, em corpos a examinar, observar e a conhecer. Ou, como diz Foucault, são todos “uma ‘alma’ a conhecer e uma sujeição a manter” (Idem, p. 258).

“O indivíduo moderno – objetivado, analisado, fixado – é uma realização histórica. O poder jamais aplicou seu saber, suas investigações, suas técnicas, ao universal, mas sim ao indivíduo, como objeto e efeito de um entrecruzamento de poder e saber. O indivíduo é o produto de desenvolvimentos estratégicos complexos, no campo do poder, e de desenvolvimentos múltiplos, no campo das Ciências Humanas” (Dreyfus e Rabinow, 1984, p. 231, trad. minha).

Aprendemos, em *Vigiar e punir*, que o corpo é mais do que um dado demográfico ou médico, mais do que a sede de desejos, necessidades e apetites, ou um lugar de processos biológicos e de proliferação de vírus e micróbios. Aprendemos, primordialmente, que o corpo é o lugar por excelência da inscrição das lutas, das resistências e das relações de força. Em suma, o corpo “está sempre diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais (...). Quer dizer que pode haver um ‘saber’ do corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, e um controle de suas forças que é mais que a capacidade de vencê-las: esse saber e esse controle constituem o que se poderia chamar a tecnologia política do corpo” (Foucault, 1991, p. 28). Essa idéia já estava em *O nascimento da clínica e História da Loucura* e, diríamos, não deixa de permear todas as outras obras, em particular os três volumes de sua *História da sexualidade*.

Mas se é verdade que o poder se investe sobre o corpo e, de certa forma, o “produz”, isso não quer dizer que estaríamos concordando com a conhecida oposição antropológica entre natureza e cultura: o corpo como o lugar da liberdade natural e a política como a ação que transforma e doma essa natureza paradisíaca. Nada mais contrário a Foucault. Para o autor, o corpo, ele mesmo, é aquilo que muda, cresce, degenera, morre, vibra, dobra-se, ajusta-se, explode. O corpo jamais é estável, porque também a natureza é histórica. O corpo – que para Foucault não tem um sentido nem trans-histórico nem extra-histórico<sup>90</sup> – teria simplesmente uma “função”: sua disponibilidade ou não às dobras do poder (McWhorter, 1989, p. 613-614). E se dele pode-se extrair utilidade, docilidade e todo o tipo de conformação, se sobre ele aprendemos a increver uma ‘alma’ disciplinar, é nele também que fervilha, mesmo que às vezes silenciosa e esquiva, a resistência.

---

<sup>90</sup> Ver, a propósito do tema do corpo em Foucault, dois artigos publicados em *The Journal of Philosophie*, de novembro de 1989: “Foucault and the paradox of bodily inscriptions”, de Judith Butler; e “Culture or nature? The function of the term ‘body’ in the work of Michel Foucault”, de Ladelle McWhorter. In: BUTLER (1989) e MCWHORTER (1989). (V. Biblio).

## B – Do dispositivo da sexualidade

A genealogia foucaultiana – como vimos acima, de modo especial no tópico sobre corpo e disciplina – ensina que o poder toca as pessoas através das práticas sociais, bem mais do que através de suas crenças. Por isso, como lembra Nancy Fraser, o trabalho do pesquisador não será o de avaliar sistemas de pensamento ou de percepções do mundo, mas sim compreender amplamente as estratégias do poder nas micropráticas, buscando saber como, nelas, se realizam os processos, procedimentos e instrumentos, através dos quais são produzidas as “políticas do regime discursivo”, com suas verdades, conhecimentos e crenças (Cfe. Fraser, 1989, p. 17-34). As micropráticas que aqui nos interessam são aquelas referidas a todas as formas de “relação consigo” – tal como as estudou Foucault: figuras históricas, tópicos, das quais podemos extrair enunciados de uma época, marcas de formações sociais, modos de existência, formas de subjetivação. Mais especificamente ainda, interessa-nos agora discutir de que modo somos subjetivados, nestes nossos dias, pelo dispositivo da sexualidade, segundo o qual a “relação consigo” só se estabelece e se efetiva através da ligação do indivíduo com sua sexualidade.

Tendo situado o tema do sujeito em *A vontade de saber, O uso dos prazeres e O cuidado de si*, a proposta, agora, é centrar a atenção no problema tão atual da estimulação dos corpos, do sexo e do prazer, tal como o descreveu Foucault em inúmeras entrevistas e artigos, quando explicou e comentou seu projeto de elaborar uma “história da sexualidade” – que, segundo o autor, não consistiria na crônica dos comportamentos sexuais através dos tempos, mas na história de como a sexualidade foi-se tornando o lugar privilegiado de dizer a verdade mais profunda do sujeito. Respondendo a Bernard Henry-Levy, sobre o objetivo perseguido em *História da sexualidade*, Foucault sintetizou: “Não quero fazer a sociologia histórica de uma proibição, mas a história política de uma produção de ‘verdade’ ” (1992a, p. 230). Se as sociedades cristãs insistiram na importância da carne e na necessidade da confissão e do exame de consciência, por exemplo, não teria sido somente para proibir o sexo, mas para colocá-lo no cerne da existência, ligando a salvação ao domínio dos pecaminosos e obscuros desejos sexuais (Idem).

Essa complexa “economia do sexo”, que inclui certamente toda a sorte de interdições, proibições, vergonhas, ocultações, medos e violências, deve também ser compreendida naquilo que incita, manifesta, valoriza e produz. A investigação que Foucault faz sobre a masturbação infantil, na Europa do século XVIII, ilustra bem essa positividade do poder, porque traz a descrição de uma complexa teia de poderes que se constituía, em relação à infância e à adolescência, numa sociedade que descobria a urgente necessidade, devido principalmente a problemas demográficos, de reorganizar as relações intrafamiliares. Pressupostos médicos, como o de que as práticas sexuais solitárias pudessem até vir a comprometer a própria espécie humana, punham em articulação o mundo dos adultos – pais,

parentes, pedagogos, padres, professores, conselheiros espirituais, higienistas –, para que vigiassem sem cessar o sexo das crianças. Era o controle da coreografia dos corpos nos espaços, dos olhares, dos gestos, dos silêncios e recolhimentos, como se em cada criança pudesse explodir, não se sabe quando, a bomba do prazer, quase um sinônimo de degeneração da espécie. Ao mesmo tempo que se controlava e se proibia, armava-se um arsenal de defesa, extremamente produtivo: observações, perguntas, questionários, entrevistas, descrições minuciosas de movimentos, arquiteturas, palestras, leituras. Trata-se do jogo de saber para não saber, apontar o erro também para que ele continue existindo e agindo; em outras palavras, para que continue produzindo saberes e alimentando toda a rede de poder, no caso, poder que se dirigia à infância. Foi assim que, segundo Foucault, constituiu-se uma sexualidade infantil “específica, precária, perigosa”; deu-se aí o nascimento da “miséria sexual da infância e da adolescência, de que nossas gerações ainda não se livraram” (Idem, p. 232).

A idéia da necessidade de liberação da sexualidade, fundada em que nossa miséria sexual provém de séculos de repressão, de que esse é o ponto fundamental de nossas vidas, sem o que jamais seremos felizes, faz parte de um discurso que nos tem constituído profundamente durante muito tempo, um discurso reproduzido, recriado, multiplicado na voz da ciência e de todos os seus especialistas: os sexólogos, os médicos, os “policiais do sexo”, como comentou Bernard Henri-Lévy no seu diálogo com Foucault, o qual imediatamente acrescentou:

“Sim. E é por isso que eles nos colocam uma armadilha perigosa. Eles dizem mais ou menos o seguinte: ‘Vocês têm uma sexualidade, esta sexualidade está ao mesmo tempo frustrada e muda, proibições hipócritas a reprimem. Então venham a nós, digam e mostrem tudo isto a nós, revelem seus infelizes segredos a nós...’.

“Este tipo de discurso é, na verdade, um formidável instrumento de controle e de poder. Ele utiliza, como sempre, o que dizem as pessoas, o que elas sentem, o que elas esperam. Ele explora a tentação de acreditar que é suficiente, para ser feliz, ultrapassar o umbral do discurso e eliminar algumas proibições. E de fato acaba depreciando e esquadrihando os movimentos de revolta e liberação...” (Foucault, 1992a, p. 232-233).

Não só as manifestações específicas de resistência sofreriam os efeitos dessa discursividade compulsiva da liberdade sexual, como a própria vida inteira das pessoas. E se nos perguntássemos: realmente, tudo é sexo mesmo? As crianças, se pudessem viver e ser vistas para além dessa obrigação de serem “sexo” antes de tudo, não seriam mais felizes e mais verdadeiramente crianças? O que se fez em relação às crianças também se fez com os homossexuais e com as mulheres. Aqueles, de libertinos ou mesmo delinquentes, passaram, na segunda metade do século XIX, a loucos ou “doentes do instinto sexual”; e estas, desde sempre atadas à sua sexualidade, foram, a partir do século XVIII, definitivamente “patologizadas”, colonizadas no interior de uma sexualidade que as definia como “a doença



do homem”. Nada mais conseqüente e óbvio do que tornar o corpo da mulher, a partir daí, importante e curioso objeto médico (Cfe. Foucault, 1992a, p. 234).

O importante, no pensamento foucaultiano, é a íntima relação entre poder e sexualidade: já podemos contar mais de um século, em que as questões relativas à vida sexual dos indivíduos vêm sendo plenamente atravessadas por mecanismos de poder. Voltemos ao exemplo da masturbação: ela não cessou, aqui e ali, de ser falada como um grande problema. No século XVIII, a masturbação masculina infantil pautava ações do Estado europeu, e no século seguinte a atenção se voltava para as mulheres, sujeitas inclusive a operações como a cauterização clitoriana; no final da década de 70, o mesmo tema era motivo de campanha nacional, na China, em relação ao controle das crianças; ainda hoje, em vários países de todos os continentes, a masturbação é incluída na agenda de discussões pedagógicas e psicológicas, especialmente no interior das escolas. Seria o tema do sexo, em si mesmo, o mais importante? As investigações de Foucault mostram que parece importar mais a permanente ocupação com a sexualidade, disseminada nas mínimas artérias da sociedade e inicialmente aplicada não tanto ao sexo, mas ao corpo, aos órgãos sexuais, aos prazeres, às relações entre os indivíduos.

O dispositivo da sexualidade precisa ser estudado, portanto, como esse conjunto encadeado de táticas – articuladas segundo determinadas estratégias de poder – de incitar os corpos, de nomear os prazeres, de produzir conhecimento a respeito da privacidade dos sujeitos e de sofisticar os esquemas de vigilância sobre os desejos. Certamente, como lembra Foucault, o dispositivo se associa, ainda hoje, ao dispositivo da aliança – segundo o qual se faz a transmissão dos bens, pela via do casamento; mas sua concretização acontece através de numerosas e pulverizadas técnicas de poder, centralizadas no corpo, esse alvo de um trabalho permanente dos discursos e das instituições sociais. Desde que sexo e corpo passaram a ser negócio do Estado, a partir do século XVIII, multiplicaram-se redes de especialistas, agindo em instituições de todos os tipos: se há nos corpos disfunções, anomalias ou perversões, há que se buscar sempre a voz e a ação dos peritos da dor humana – médicos, psiquiatras, pedagogos, pastores e padres – que, através de procedimentos regulamentados da confissão e de escuta, ao longo da história do Ocidente, revelaram essa permanente “vontade de ouvir do outro a verdade sobre seu sexo” (Idem, p. 263).

### **C – Corpo, poder e gênero**

Toda essa concepção de corpo e sexualidade, ambos colocados no centro das investigações sobre as positivities do poder, é extremamente produtiva para a compreensão da cultura contemporânea, num tempo que elege justamente o corpo como o lugar de todas as identidades. Porém, se efetivamente os corpos são constituídos como efeitos de poder, não há como ignorar que a histórica desigualdade nas relações entre homens e mulheres constitui

profundamente não só o corpo feminino como as identidades de gênero. Essa é a crítica que estudiosas feministas, em todo o mundo, sobretudo na Inglaterra e nos Estados Unidos, fazem a Foucault, e que não poderíamos deixar de referir aqui. Segundo essa crítica, Foucault teria sistematicamente negado o caráter de gênero das técnicas disciplinares: “Sexual difference simply does not play a role in the Foucaultian universe, where the technology of subjectivity refers to a desexualized and general ‘human’ subject” (Cfe. Rosi Braidotti, *apud* McNay, 1994, p. 11)<sup>91</sup>.

Essencial para a teoria feminista, a idéia de um corpo concreto, não-essencial – em suma, o corpo considerado não do ponto de vista biológico nem como relacionado a uma realidade pré-discursiva –, deve necessariamente ser posicionado quanto à diferença sexual, já que, como lembra Lois McNay, é sobre a diferença biológica entre o corpo masculino e o corpo feminino que se constrói e legitima toda a desigualdade de gênero (1994, p. 16 e 17). Em outras palavras: todo o investimento que as diferentes sociedades fizeram sobre as mulheres, amarrando-as a seus corpos, como naturalmente deficientes, em falta, doentes, frágeis – e tantas outras qualificações justificadas a partir da concretude biológica –, é hoje investigado justamente a partir de categorias como a de gênero, pela qual distinguimos o corpo sexuado e o gênero culturalmente construído (os modos de comportar-se, os papéis que cabem ao homem e à mulher, as disciplinas a que cada um deve submeter-se e assim por diante) e, sobretudo, pela qual expomos as cristalizadas e naturalizadas relações de poder entre os sexos.

No entanto, muitas feministas reconhecem que a teoria do corpo, tal como foi formulada por Foucault em *História da Sexualidade* – isto é, mesmo sem a necessária referência à diferença –, resultou em produtivas discussões e pesquisas, em torno das tecnologias disciplinares de subjugação da mulher, desenvolvidas e multiplicadas indefinidamente desde o início deste século e mais intensamente nas últimas décadas. Para a estudiosa Heleieth Safiotti, o conceito foucaultiano de poder é fundamental para as investigações feministas, por privilegiar as “constelações dispersas de relações desiguais, discursivamente constituídas em campos sociais de força” – já que “os espaços de poder da mulher se inscrevem muito mais no plano micro que no plano macro” (Safiotti, 1992, p. 185). A descrição das tiranias do complexo moda-beleza, que continuamente produzem formas patológicas de subjetividade para a mulher em nosso tempo, por exemplo, fundamenta-se inteiramente em Foucault e, de certa forma, o ultrapassa, já que coloca em evidência o corpo feminino e a inscrição, nele, das lutas de poder entre homens e mulheres (Cfe. Sandra Bartky e Susan Bordo, *apud* Sawicki, 1994, p. 291). Confirmando a idéia do corpo como produto cultural de práticas que configuram não só o corpo físico mas um conjunto de modos de

---

<sup>91</sup> “A diferença sexual simplesmente não desempenha um papel no universo foucaultiano, em que a tecnologia da subjetividade refere-se a um sujeito humano dessexualizado e genérico” (Trad. minha).

existência, esses estudos questionam Foucault e ao mesmo tempo continuam o seu trabalho: mostram o quanto a operação social sobre os corpos femininos é um dos exemplos mais evidentes das lutas microscópicas de poder, e enfatizam-na como uma das principais estratégias para manutenção da desigualdade entre os sexos.

Lois McNay chama a atenção para os perigos de considerar a questão do corpo e da sexualidade da mulher a partir de uma “ideologia de gênero”. A autora concorda com Foucault: precisamos colocar a ideologia no campo concreto dos discursos; a partir daí, o corpo é visto como o alvo principal das relações de poder e saber, que apreendemos nos discursos (Idem, p. 28). Assim, nem a sexualidade pode ser vista em termos de uma concepção de gênero ideologizada nem o corpo em termos da colonização de suas forças naturais; antes, ambos devem ser vistos a partir da idéia de que é sobre o corpo que se fazem investimentos de poder e saber, através dos quais ele adquire certas propriedades e é inserido em determinados regimes de verdade.

## D – Questões para análise

### 1. *A complexa luta em torno dos corpos*

Compreender o tema da “produção dos corpos” na sua relação com táticas e estratégias de poder traz conseqüências teóricas e metodológicas importantes. Em primeiro lugar, descobrimos o quanto é difícil desvencilhar-nos da idéia de que o poder não é o puro limite da liberdade, que é heterogêneo e não se localiza num só lugar – como defendem inclusive pensadores explicitamente libertários, a partir de uma idéia que está na base de uma quase aceitação do poder, de uma tolerância com ele. No momento em que não o vemos somente no domínio da lei e do castigo, e sim exercido em níveis moleculares, que atingem a vida concreta dos corpos – para além das instâncias macroscópicas da família, do Estado, da religião –, nossa análise pode tornar-se mais complexa e rica. Estaremos tratando do poder como algo produtivo, não só porque transforma os corpos em favor de alguns objetivos táticos do poder, mas porque gera também nesses corpos outros efeitos, contrários inclusive, os quais serão outra vez objeto de respostas do poder.

Foucault sugere que “é preciso aceitar o indefinido da luta”, referindo-se ao movimento de libertação e enquadrinhamento dos corpos e dos prazeres em nossa sociedade, e analisado por ele em toda sua obra, particularmente em *Vigiar e punir*:

“O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. Mas, a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como conseqüência direta de suas conquistas, emerge

inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor. E, assim, o que tornava forte o poder passa a ser aquilo por que ele é atacado... O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo... (...) Na realidade, a impressão de que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugares... e a batalha continua” (Foucault, 1992a, p. 146).

Captar esse movimento, em que os “adversários” ocupam, alternadamente, um o lugar do outro, em que dinamicamente se criam posições, técnicas, táticas, de desafiar o poder ou de produzir efeitos de poder sobre os corpos e as individualidades, talvez seja uma das propostas mais instigantes da obra de Foucault. Operar sobre discursos da mídia, cujo objeto-deus é justamente o corpo – no caso, o corpo adolescente e, de modo muito incisivo, o corpo da menina adolescente –, significa proceder a uma análise pela qual se possa expor um conjunto de enunciados sobre os modos de existência propostos à juventude destes anos 90 no Brasil, em relação ao uso de seu próprio corpo de homem e de mulher. Ao mesmo tempo, significa tentar apanhar, a partir desses mesmos materiais, um provável gesto de resistência ou, pelo menos, de resposta ao poder. Assim, se em outro tempo nos proibiram a nudez, nos recomendaram o pudor e o recato, especialmente às mulheres, houve a resposta e a explosão dos corpos, na década de 60. Então, lembra Foucault, “como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: ‘Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!’”. A cada movimento de um dos adversários, corresponde o movimento do outro” (Idem, p. 147).

E hoje, num país como o Brasil, como os textos da mídia se alinham nessa proposta de controle-estimulação? Talvez, mais do que belos e magros, altos e louros, os corpos modelares sejam aqueles que tenham a marca inconfundível da juventude. Nus, mas nus jovens. E sobretudo *nuas* jovens. Mas sempre e cada vez mais jovens, de tal forma que o protótipo de beleza tende a aproximar-se quase da idade infantil. Importante ressaltar que, da mesma forma que se expõe como modelo de beleza o corpo da menina-moça, ou do imberbe menino, nas novelas de TV e revistas femininas e masculinas de todos os tipos, registra-se, nas páginas policiais da imprensa e em inúmeras pesquisas sociológicas, o crescente e precoce ingresso de meninos e meninas, da periferia das grandes cidades brasileiras, no mundo da droga e da prostituição. Que relação estabelecer entre esses dois modos, tão distintos e ao mesmo tempo tão próximos, de uso dos corpos adolescentes, em que as relações de classe e de gênero se expõem tão ostensivamente?

Outra pergunta importante: que resposta os jovens estariam dando a um direcionamento tão compulsivo em relação a seus corpos – tenha esta postura, pese tantos quilos, corte assim seu cabelo, tome tais ou quais vitaminas, carregue os livros assim, escreva sentado nesta posição, use tal creme para os olhos, faça tantos minutos de ginástica, vista aquele tênis, escolha aquele tecido e aquela cor para sua camiseta, dance assim, escolha aquela

música? Logicamente, essa normatização não acontece numa linguagem apenas diretiva; dá-se numa ambientação sofisticada, povoada de rostos famosos e belos, materializada em imagens de filmes, vídeos, programas de televisão, fotografias, textos publicitários, reportagens – o que produz um tipo de aprisionamento jamais percebido como tal. Então, analisar esses textos significará expor as táticas do poder, na construção de uma discursividade sobre a adolescência, mostrando, através desses mesmos textos, a contrapartida dos jovens, os silêncios, as interrupções de fala, os interstícios de uma resistência que, como o poder, não cessa de manifestar-se, mesmo que às vezes quase imperceptível.

Ao analisar a questão do corpo, nos textos selecionados, vamos dirigir-lhes perguntas, buscando relacionar enunciados e práticas muito específicas. As perguntas serão desde as mais amplas – sobre o “corpo populacional adolescente” em jogo, uma parte significativa da sociedade que passa a ser objeto de atenção e controle –, até as mais minuciosas – sobre possíveis classificações de corpos (separados por gênero, posição social, raça, idade, normalidade psicológica<sup>92</sup>), sobre exercícios e treinos, exames e vigilâncias, extremamente sutis, sobre novos agentes de normalização da juventude (os médicos e terapeutas, os animadores culturais da mídia, entre tantos). Em que sentido se poderia dizer que esse modo de ordenamento de uma multiplicidade humana – os milhões de adolescentes brasileiros atingidos pela mídia – realmente produz sujeitos úteis para um tipo de sociedade que, nestes tempos, parece caracterizar-se como extremamente conservadora? Ao descrever como, num determinado campo – o da mídia –, a sociedade faz um intenso investimento sobre os corpos, principalmente sobre os corpos femininos, talvez tenhamos condições de oferecer um quadro do nosso tempo, um quadro específico de como em nossa sociedade se constitui uma determinada tecnologia política do corpo.

## *2. O erotismo discursivo da mídia*

Os meios de comunicação, quando se dirigem aos adolescentes, jamais podem deixar de lado o tema da sexualidade. Jornais, revistas, programas de televisão reservam um lugar especial, privilegiado, ao sexo jovem. Não poderia ser diferente, numa sociedade que aprendeu, há séculos, a construir como seu grande segredo exatamente o sexo, essa fonte inesgotável da verdade do sujeito. A lição mais importante que aprendemos de Foucault, quanto a esse tema, é que suas formas de aparição, nos discursos, nas “práticas de si”, em toda

---

<sup>92</sup> Mary Castro mostra, em “Alquimia de categorias sociais na produção dos sujeitos políticos”, a produtividade de combinar categorias como gênero, raça e geração na análise de problemas sociais. Para a autora, a alquimia das categorias sociais torna-se visível na construção das subjetividades, já que se refere a significados e reelaborações feitos por sujeitos concretos (Cfe. CASTRO, 1992, p. 59-61). Tais categorias têm em comum o fato de serem “atributos naturais com significados políticos, culturais e econômicos, organizados por hierarquias, privilégios, desigualdades, aparados por símbolos particulares e ‘naturalizados’ ” (Idem, p. 59).

uma tecnologia de construção de uma relação consigo, revelam um complexo movimento de saber e não-saber. Em outras palavras, concretamente pode-se observar o quanto se faz falar do sexo, o quanto se expõem os medos e as alegrias do prazer sexual, falado até a exaustão, sem que isso signifique chegar a uma paz e a uma clareza desveladora do segredo. Sempre há o que se perguntar, sempre se encontram formas de perscrutar essa fonte inesgotável de verdade, talvez justamente porque, como numa caça desvairada ao inimigo, fosse necessário jamais apanhá-lo. Importa apontá-lo como o lugar do erro e talvez do pecado, para que ele continue existindo sob outra forma, eternamente.

A frase do cineasta italiano Antonioni, lembrada por Deleuze em seu livro sobre Foucault – “estamos doentes de eros” –, é bem ilustrativa dos nossos tempos, em que amor e doença, sexo e morte, descoberta do prazer e iminência de destruição vêm, mais do nunca, intimamente ligados. Não há um texto sobre sexualidade adolescente, hoje, que não se refira à AIDS. O mesmo poder que incitou à sexualidade, que descobre e produz em corpos cada vez mais jovens uma vida erótica, a ser permanentemente captada pelas lentes de todas as câmeras, tendo-os apanhado dessa forma e tão intensamente, agora tem mais uma mensagem: tudo bem, você quer ter prazer, seu corpo é tão belo, e pode fazer-se mais belo ainda, nós lhe mostramos como; porém, cuide-se, aprenda outras formas de atingir esse mundo das delícias que lhe prometemos, porque há perigo na estrada, muito perigo e morte.

Como respondem os adolescentes a esse discurso? Nesse processo de subjetivação, como qualquer outro caracterizado por fazer-se acompanhar de escrituras, memórias, inscrição de enunciados, neste caso, sobre moralidade e sexualidade, constrói-se uma ética, a partir de uma complexa rede tecida de “técnicas de si”, de reflexão sobre como reger a própria conduta, a partir de um determinado objetivo que se queira atingir. Mas há que se delimitar bem o que é prescrito nos textos como norma de vida, como ações a realizar sobre os próprios corpos e sobre a vida cotidiana, distinguindo essas regras daquilo que efetivamente os adolescentes fazem ou dizem fazer de sua existência. Suponho que os discursos contenham essa riqueza de dados, que exponham as lutas, as incitações e os revides, o que nos permitiria descrever os enunciados sobre a sexualidade adolescente em sua viva complexidade, para além de uma linear e suposta exploração da mídia em relação aos jovens, que por ela e seus discursos seriam dominados, reprimidos, irremediavelmente conduzidos.

Creio que, além de expor essa luta de estimulação da sexualidade, mais falada do que efetivamente vivida, segredada e conservada como “coisa a esconder”, a tarefa é chegar a descrever como estaria funcionando, hoje, em relação aos adolescentes e a partir desses discursos dos meios de comunicação, um determinado “dispositivo da sexualidade”. Perguntar aos textos tudo o que engendra esse dispositivo: a estimulação do próprio corpo, do qual se retira verdade e prazer, a incitação ao “erotismo discursivo”, o modo como se vão

constituindo saberes especializados sobre o sexo jovem, a luta entre controles e resistências. E fazer tal indagação, entendendo que todas essas coisas estão em comunicação, apóiam-se umas às outras, segundo determinadas estratégias de poder e de saber. Através da descrição desse discurso, portanto, penso ser possível mostrar, como nos ensina Foucault, que o corpo está sempre e diretamente imerso num campo político, de tal forma que as relações de poder se dirigem prioritariamente a ele, marcando-o das mais diferentes formas.

## Capítulo 3

---

### DISCURSO COMO PRÁTICA

#### I – APENAS A CORTINA

“Porque o único sentido oculto das cousas  
É elas não terem sentido oculto nenhum,  
É mais estranho do que todas as estranhezas  
E do que o sonho de todos os poetas  
E os pensamentos de todos os filósofos,  
Que as cousas sejam realmente o que parecem ser  
E não haja nada que compreender.

Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos: –  
As cousas não têm significação: têm existência.  
As cousas são o único sentido oculto das cousas”.

*Fernando Pessoa*<sup>93</sup>

“... as *palavras* estão tão deliberadamente ausentes quanto as próprias *coisas*; não há nem descrição de um vocabulário nem recursos à plenitude viva da experiência. Não se volta ao aquém do discurso – lá onde nada ainda foi dito e onde as coisas apenas despontam sob uma luminosidade cinzenta; não se vai além para reencontrar as formas que ele dispôs e deixou atrás de si; fica-se, tenta-se ficar no nível do próprio discurso”.

*Michel Foucault*<sup>94</sup>

Enquanto o poeta do mar português esconjura seu próprio sonho de poeta e afirma desejar apenas a “cousa”, sua existência pura e simples, o filósofo francês declara-se disposto a receber as coisas na sua condição e raridade simplesmente de “coisas ditas”. Com isso Foucault dispõe-se a aceitar a diferença, aquilo que ali está e não é ele; dispõe-se a “pensar o outro no tempo do seu próprio pensamento”, a desprender-se de uma suposta identidade e a penetrar uma região que o delimita, que nos delimita e nos separa de nós mesmos, estabelecendo que somos diferença, pois “nossa razão é a diferença dos discursos, nossa

---

<sup>93</sup> Poema XXXIX – “O mistério das cousas, onde está ele?” – Poemas de Alberto Caeiro, in *O Eu profundo e os outros Eus*. Rio, Nova Fronteira, 1980, p. 160.

<sup>94</sup> Nas célebres páginas finais do Capítulo 3 – “A formação dos objetos” – de *A arqueologia do saber* (p. 55).



história é a diferença dos tempos, nosso eu a diferença das máscaras” (Foucault, 1986, p. 151). Nos dois escritores, a recusa das explicações unívocas, das fáceis interpretações, da busca insistente das últimas origens, do sentido oculto das coisas. Poeta e filósofo querem a coisa e o já-dito, apenas e simplesmente, no nível de sua existência.

Ora, não há nada de simples ou de tranqüilo em permanecer no nível de existência das palavras e das coisas. Trata-se antes, no caso de Foucault, de um convite a trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar. E a primeira tarefa para chegar a isso é tentar desprender-se de um longo e eficaz aprendizado que ainda nos faz olhar os discursos apenas como um conjunto de signos, como significantes que se referem a determinados conteúdos, carregando tal ou qual significado, quase sempre oculto, dissimulado, distorcido, intencionalmente deturpado; analisar discursos, em numerosos campos do saber, tem sido, há muito tempo e ainda hoje, proceder a uma garimpagem das “reais” intenções escondidas pelos textos, de seus conteúdos e representações, não imediatamente visíveis. É como se no interior de cada discurso, ou num tempo anterior a ele, se pudesse encontrar, intocada, a verdade, desperta então pelo estudioso. Para Foucault, nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos. Há discursos e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento.

Mas então declara-se a completa autonomia do discurso, o reino absoluto e independente das palavras? O discurso organizaria a si mesmo, inclusive as práticas sociais e os “períodos enunciativos”? Talvez as obras da década de 60 – *As palavras e as coisas* e *A arqueologia do saber* – como registra David Couzens Hoy<sup>95</sup>, sugerissem essa concepção idealista e estruturalista da linguagem, o que inclusive foi admitido por Foucault. Porém, a idéia de categorias universalmente constitutivas, próprias do estruturalismo e do idealismo filosófico, jamais se ajustou ao projeto maior do filósofo: segundo Dreyfus e Rabinow, ele desejava demonstrar exatamente o contrário, ou seja, a inexistência de estruturas permanentes, responsáveis pela constituição da realidade. Nesse sentido, a conceituação de discurso como prática social – já exposta em *A arqueologia*, mas que se torna bem clara em *Vigiar e punir* – vem para outra vez confundir a crítica: então, agora, o discurso seria algo produzido em função do poder? Mais tarde, sua *História da sexualidade* vai mostrar explicitamente que há um duplo e mútuo condicionamento entre as práticas discursivas e as práticas não-discursivas, embora permaneça a idéia de que o discurso seria constitutivo da realidade, e produziria, como o poder, inúmeros saberes. Na verdade, ele falou disso desde o início de suas investigações; e em *A arqueologia do saber* o mesmo assunto aparece sob a forma de reflexão sobre o trabalho realizado e sobre projetos futuros:

“(…) gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento

---

<sup>95</sup> Organizador e autor da Introdução do livro *Foucault: a critical reader*: Nova York, Basil Blackwell, 1986.

entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. (...) não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever” (Foucault, 1986, p. 56).

Na verdade, tudo é prática em Foucault. E tudo está imerso em relações de poder e saber, que se implicam mutuamente, como já vimos no Capítulo 2. Ou seja, enunciados e visibilidades, textos e instituições, falar e ver constituem práticas sociais por definição permanentemente presas, amarradas às relações de poder, que as supõem e as atualizam. Nesse sentido, o discurso ultrapassa a simples referência a “coisas”, existe para além da mera utilização de letras, palavras e frases, não pode ser entendido como um fenômeno de mera “expressão” de algo: apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo, através das quais é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria. É a esse “mais” que o autor se refere, sugerindo que seja descrito e apanhado a partir do próprio discurso, até porque as regras de formação dos conceitos, segundo Foucault, não residem na mentalidade nem na consciência dos indivíduos; pelo contrário, elas estão no próprio discurso e se impõem a todos aqueles que falam ou tentam falar dentro de um determinado campo discursivo (Cfe. Foucault, 1986, p. 70).

O teórico Ernesto Laclau explicita muito bem esse conceito de discurso, pelo qual os atos de linguagem constituem uma trama que ultrapassa o meramente lingüístico. Para ele, o discurso seria uma instância limítrofe com o social. “Porque cada ato social tem um *significado*, e é constituído na forma de seqüências discursivas que articulam elementos lingüísticos e extralingüísticos” (Laclau, 1991, p. 137). Segue daí uma nova conceituação de objetividade (as práticas sociais se constituiriam discursivamente), bem como um modo novo de conceber as identidades sociais ou subjetivas, mergulhadas num relativismo bastante radical, dado por esse jogo permanente dos sentidos. Para Laclau, a sociedade seria assim entendida “como um vasto tecido argumentativo no qual a humanidade constrói sua própria realidade” (Idem, p. 146).

Afirmar que os discursos formam os objetos de que tratam ou, como Laclau, que não se pode falar em “realidade objetiva” sem entender que esta se constrói por dentro de uma trama discursiva, pode à primeira vista significar uma opção idealista, conforme mencionamos anteriormente. No entanto, além de o conjunto da obra de Foucault demonstrar o contrário dessa opção, pode-se dizer da “positividade” desse suposto radicalismo que o leva a quase afirmar a completa autonomia dos discursos: sua insistência em negar teorias totalizantes de

explicação da realidade social, bem como de negar uma visão de “progresso” científico ou progresso da razão, de superioridade do presente em relação ao passado, faz com que Foucault “revolucione a história”, como diz Paul Veyne. Ele se define como um historiador do presente, por inquietar-se profundamente com o que nos sucede hoje, e se entrega a perscrutar a genealogia dos grandes temas constituintes do homem ocidental, através da descrição minuciosa de práticas sociais em sua descontinuidade histórica – mergulhadas em relações de poder, produzidas discursivamente e ao mesmo tempo produtoras de discursos e de saberes. Basicamente, tais temas dizem respeito à fixação em saber a verdade do sujeito, em constituir os sujeitos como o lugar da verdade, em construir para todos e cada um de nós discursos “verdadeiros”.

Neste Capítulo, serão discutidos conceitos como discurso, enunciado, práticas discursivas e práticas não-discursivas, formação discursiva, interdiscurso, condições de produção do discurso, entre outros, alguns deles já mencionados anteriormente. Optei por tratar esses conceitos quase exclusivamente a partir da obra de Foucault, em especial, obviamente, a partir de *A arqueologia do saber*. Explico-me: tendo estudado alguns autores filiados à chamada Escola Francesa da Análise do Discurso (AD), como Maingueneau, Courtine, Pêcheux, além do grupo de professores da UNICAMP, liderados por Eni Orlandi, e depois tendo voltado a estudar os textos foucaultianos, percebi que a AD tomava Foucault mais como *founder father*, um autor a quem render homenagem ou no qual reconhecer os fundamentos de uma disciplina, do que propriamente como um autor a explorar, com quem efetivamente trabalhar. Negando, assim, o reducionismo de Foucault e assumindo o risco das “errâncias” de uma leitura muito pessoal do autor, proponho-me neste momento a discutir o tema do discurso em Foucault, anunciando a compreensão desse tópico em relação à operação que farei sobre o *corpus* escolhido<sup>96</sup>. Interessa-me, sobretudo, a possibilidade de reunir nesta tese o Foucault arqueólogo, o genealogista e o crítico de uma ética do presente. Teoria e método, portanto, sempre juntos.

## II – O ENUNCIADO NOS LIMITES DO “ÇA PARLE”

Na página 135 de *A arqueologia do saber*, lê-se: “Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados que se apóiem na mesma formação discursiva”. Essa é uma das inúmeras definições de discurso e, como todas as demais, não pode ser compreendida isoladamente. Tudo na obra do filósofo tem conexões que precisam ser explicitadas, caso contrário permanece-se no reino das tautologias e das definições circulares. Tomarei como ponto de partida aqui a explicitação do conceito de enunciado, para chegar posteriormente à discussão dos conceitos de prática discursiva e não-discursiva, formação discursiva e

---

<sup>96</sup> Neste trabalho, usarei, quando pertinentes, algumas formulações dos teóricos franceses da Análise do Discurso, como se verá a seguir. Mas a coluna vertebral da argumentação será prioritariamente fundada na proposta da *Arqueologia* de Foucault.

interdiscursividade, tendo por dado que o conceito de enunciado é o que sintetiza melhor a elaboração do autor sobre uma possível “teoria do discurso”.

Em quase todas as formulações sobre discurso, Foucault refere-se ao enunciado. Discurso como “número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência”, ou como “domínio geral de todos os enunciados”, “grupo individualizável de enunciados”, “prática regulamentada dando conta de um certo número de enunciados” – são algumas delas<sup>97</sup>. A idéia contida nas expressões “condições de existência”, “domínio”, “grupo individualizável” e “prática regulamentada”, usadas nas definições acima, é básica para entendermos a definição de enunciado como uma “função de existência”, a qual se exerce sobre unidades como a frase, a proposição ou o ato de linguagem. O enunciado em si não constituiria também uma unidade, pois ele se encontra na transversalidade de frases, proposições e atos de linguagem: ele é “sempre um acontecimento, que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” (p. 32); trata-se de “uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que (estas) apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço” (p. 99).

Não há enunciado que não esteja apoiado em um conjunto de signos, mas o que importa é o fato de essa “função” caracterizar-se por quatro elementos básicos: um referente (ou seja, um princípio de diferenciação), um sujeito (no sentido de “posição” a ser ocupada), um campo associado (isto é, coexistir com outros enunciados) e uma materialidade específica – por tratar de coisas efetivamente ditas, escritas, gravadas em algum tipo de material, passíveis de repetição ou reprodução, ativadas através de técnicas, práticas e relações sociais (Idem, p. 133 e ss.). Descrever um enunciado, portanto, é dar conta dessas especificidades, é apreendê-lo como acontecimento, como algo que irrompe num certo tempo, num certo lugar. O que permitirá situar um emaranhado de enunciados numa certa organização é justamente o fato de eles pertencerem a uma certa formação discursiva.

Se, ao demarcar uma formação discursiva, revelamos algo dos enunciados, quando descrevemos enunciados procedemos à individualização de uma formação discursiva. Portanto, como escreve Foucault, “a análise do enunciado e da formação discursiva são estabelecidas correlativamente”, porque “a lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma única e mesma coisa”(Idem, p. 135). Mas o que é uma formação discursiva? Por formação discursiva ou sistema de formação compreende-se

“um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal conceito, para que organize tal ou qual estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um

---

<sup>97</sup> Como se pode ler nessa mesma obra, às páginas 90 e 135, respectivamente.

discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática” (Idem, p. 82).

Quais os limites entre uma disciplina e o que Foucault define como formação discursiva? Segundo Maingueneau, as formações discursivas devem ser vistas sempre dentro de um espaço discursivo ou de um campo discursivo. Ou seja, elas estão sempre em relação como determinados campos de saber. Assim, quando falamos em discurso publicitário, discurso econômico, discurso político, discurso feminista, discurso psiquiátrico, discurso médico ou pedagógico, estamos afirmando que cada um deles compreende um conjunto de enunciados, apoiados num determinado sistema de formação ou formação discursiva: da economia, da ciência política, da medicina, da pedagogia, da psiquiatria. Isso, porém, não significa definir estas formações como disciplinas ou como sistemas fechados em si mesmos<sup>98</sup>. No caso dos discursos feminista e publicitário, mesmo que não se possa falar na tradição de uma área específica, como ocorre nos outros exemplos, pode-se dizer que seus enunciados têm força de “conjunto” e se situam como novos campos de saber, os quais tangenciam mais de uma formação. A formação discursiva deve ser vista, antes de qualquer coisa, como o “princípio de dispersão e de repartição” dos enunciados (Idem, p. 124), segundo o qual se “sabe” o que pode e o que deve ser dito, dentro de um determinado campo e de acordo com uma certa posição que se ocupa nesse campo. Ela funcionaria como uma “matriz de sentido”, e os falantes nela se reconheceriam, porque as significações ali lhes parecem óbvias, “naturais”.

Considerando nossos atos ilocutórios – atos enunciativos, atos de fala –, podemos dizer que se inscrevem no interior de algumas formações discursivas e de acordo com um certo regime de verdade, o que significa que estamos sempre obedecendo a um conjunto de regras, dadas historicamente, e afirmando verdades de um tempo. As ‘coisas ditas’, portanto, são radicalmente amarradas às dinâmicas de poder e saber de seu tempo. Daí que o conceito de prática discursiva, para Foucault, não se confunde com a mera expressão de idéias, pensamentos ou formulação de frases. Exercer uma prática discursiva significa falar segundo determinadas regras, e expor as relações que se dão dentro de um discurso (por exemplo, quanto a um certo objeto, as relações entre as outras formações discursivas em jogo). Para o autor, portanto, o conceito de prática discursiva vincula-se diretamente a

“um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa” (Idem, p. 136).

---

<sup>98</sup> Foucault deixa claro: a “arqueologia não descreve disciplinas. Estas, no máximo, em seu desdobramento manifesto, podem servir de isca para a descrição das positivities; mas não lhe fixam os limites: não lhe impõem recortes definitivos; não se encontram inalteradas no fim da análise; não se pode estabelecer relação biunívoca entre as disciplinas instituídas e as formações discursivas” (FOUCAULT, 1986, p. 202).

Aqui faz-se necessário ressaltar que o enunciado, diferentemente dos atos de fala e mesmo das palavras, frases ou proposições, não é imediatamente visível nem tampouco está inteiramente oculto. Pode ocorrer de uma frase ou um ato ilocutório serem confundidos com certo enunciado, mas isso não quer dizer que “são” a mesma coisa. Assim, por exemplo, quando uma menina adolescente diz na televisão que só deixará de ser virgem quando encontrar “a pessoa certa”, sua frase, em tal cena enunciativa, está investida de muito mais do que supõe uma simples coisa dita: ela põe em jogo um conjunto de elementos, referentes às “possibilidades” de aparecimento e delimitação daquele discurso. Enunciados dispersos como esse, extraídos e organizados a partir da análise de textos da mídia brasileira sobre o mundo adolescente, estão inscritos no dispositivo da sexualidade de nossa época (ver Capítulo 2) e, como veremos na Segunda Parte deste trabalho, repartem-se segundo enunciados de determinadas formações discursivas – sobretudo as relacionadas aos campos da medicina, da psicologia e da publicidade – e polemizam com enunciados de tantos outros discursos, como o discurso feminista, construído sobretudo a partir da década de 60. “Diz-se” um modo de existência sexual, “fala-se” um modo de ser mulher na juventude. “Deixar de ser virgem com a pessoa certa” é mais do que uma frase, é mais do que um desejo, é mais do que a promessa da menina diante das câmeras. Como descrever esse “mais”, o enunciado e suas inúmeras relações, sem querer buscar algo que – quem sabe por uma maldade dos poderosos, por mecanismos de repressão e coação –, teria sido intencionalmente escondido?

“Ora, por mais que o enunciado não seja oculto, nem por isso é visível; ele não se oferece à percepção como portador manifesto de seus limites e caracteres. É necessária uma certa conversão do olhar e da atitude para poder reconhecê-lo e considerá-lo em si mesmo” (Idem, p. 126).

Trata-se de um esforço de interrogar a linguagem – o que efetivamente foi dito – sem a intencionalidade de procurar referentes ou de fazer interpretações reveladoras de verdades e sentidos reprimidos. Simplesmente, perguntar de que modo a linguagem é produzida e o que determina a existência daquele enunciado singular e limitado. Deixar-se ficar nos espaços brancos, “sem interioridade nem promessa”, como escreve Foucault. No caso do exemplo acima, trata-se de mapear os “ditos” sobre a sexualidade jovem, nas diferentes cenas enunciativas, multiplicando as relações aí sugeridas. Ao invés de buscar explicações lineares de causa e efeito ou mesmo interpretações ideológicas simplistas, ambas reducionistas e harmonizadoras de uma realidade bem mais complexa, aceitar que a realidade se caracteriza antes de tudo por ser belicosa, atravessada por lutas em torno da imposição de sentidos (Cfe. Foucault, 1992a). Multiplicar relações significa situar as “coisas ditas” em campos discursivos, extrair delas alguns enunciados e colocá-los em relação a outros, do mesmo campo ou de campos distintos. É operar sobre os documentos, desde seu interior, ordenando e identificando elementos, construindo unidades arquitetônicas, fazendo-os verdadeiros “monumentos”. É perguntar: por que isso é dito aqui, deste modo, nesta situação, e não em

outro tempo e lugar, de forma diferente? É investigar sobre as posições necessárias ao falante, para que ele efetivamente possa ser sujeito daquele enunciado: por exemplo, “a pessoa certa” seria uma necessidade só de meninas – e de meninas virgens? +Como elas são incitadas a emitir esse enunciado ou a nele se reconhecerem plenamente? Os adolescentes do sexo masculino também se fazem sujeito dessa frase? Multiplicar relações, por outro lado, é proceder a um levantamento da “memória” desse enunciado, acompanhá-lo como irrupção, como descontinuidade e como transformação. É tratar os enunciados na sua dispersão e na sua “pobreza”, uma vez que poucas coisas são realmente ditas, nesse grande murmúrio anônimo do “ser da linguagem”. É o “*Ça parle*” de Foucault, o “diz-se” que, segundo Deleuze, assume determinada dimensão conforme o *corpus* considerado.

“Estamos, então, capacitados a extrair – das palavras, frases e proposições – os enunciados, que não se confundem com elas. Os enunciados não são as palavras, frases ou proposições, mas formações que apenas se destacam de seus *corpus* quando os sujeitos da frase, os objetos da proposição, os significados das palavras *mudam de natureza*, tomando lugar no “diz-se”, distribuindo-se, dispersando-se na espessura da linguagem” (Deleuze, 1991, p. 29).

### III – A HETEROGENEIDADE DISCURSIVA

Pluridiscursividade, heterogeneidade discursiva, interdiscurso são algumas palavras ou expressões que se referem, basicamente, à dispersão dos enunciados e, portanto, dos discursos; referem-se à idéia de que eles são, antes de mais nada, acontecimentos. O trabalho do pesquisador será constituir unidades a partir dessa dispersão, mostrar como determinados enunciados aparecem e como se distribuem no interior de um certo conjunto, sabendo, em primeiro lugar, que a unidade não é dada pelo objeto de análise. Nesta tese, passo a aceitar, por exemplo, que o elemento unificador dos discursos não é o objeto ‘adolescência’; pelo contrário, percebo que um modo de ser adolescente foi construído pelo que se disse da adolescência, através de um conjunto de formulações bem datadas e localizadas; sendo assim, vou ater-me a documentos produzidos pelos meios de comunicação e a partir deles criar alguns “conjuntos arquitetônicos” – considerando que se constitui em nossos tempos um campo denominado, na falta de um vocabulário mais preciso, “discurso midiático”, no qual o corpo jovem, especialmente o corpo da mulher jovem, adquire visível centralidade.

Construir unidades, porém, longe de significar uma operação de simplificação e assepsia de enunciados desorganizados, contaminados e por demais vivos, é um trabalho, como já dissemos, de multiplicação dessa realidade da coisa dita que, segundo Foucault, existe em sua “pobreza”, como situação estreita e singular, que se torna sempre outra, pelo simples fato de alguma vez ter sido falada. Diria, num esforço de síntese, que o discurso, para

o analista, é o lugar da multiplicação dos discursos, bem como o lugar da multiplicação dos sujeitos. É dessa dupla multiplicação que trataremos nos dois tópicos a seguir.

### A – Mais uma vez, o sujeito

“A teoria do discurso está intimamente ligada à questão da constituição do sujeito social. Se o social é significado, os indivíduos envolvidos no processo de significação também o são e isto resulta em uma consideração fundamental: os sujeitos sociais não são causas, não são origem do discurso, mas são efeitos discursivos” (Pinto, 1988, p. 25).

“Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer); mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito” (Foucault, 1986, p. 109).

Ao analisar um discurso – mesmo que o documento considerado seja a reprodução de um simples ato de fala individual –, não estamos diante da manifestação de *um* sujeito, mas sim, nos defrontamos com um lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade, já que o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial, origem inarredável do sentido: ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem. Esse caráter contraditório do sujeito rompe com uma tradição, cara não somente ao idealismo de algumas teorias da linguagem, como a desenvolvida por Benveniste, mas ainda àquelas concepções segundo as quais o *eu* seria absolutamente determinado de fora, dominado por um Outro que o constitui. Essa bipolaridade, como sabemos, dominou durante muito tempo as Ciências Humanas e dela se encontram vestígios até hoje em alguns discursos, como o da pedagogia, da sociologia e especialmente da militância política. O homem “sujeito da própria história”, capaz de transformar o mundo a partir da tomada de consciência, reúne essas duas concepções: tudo se passaria como se, percebendo a dominação, a força do outro, o sujeito pudesse lutar e chegar, talvez um dia, à condição paradisíaca (e originária) de sujeito uno, pleno de poder.

Bem distinta dessa formulação, e fundada principalmente na idéia do conflito, da pluralidade de vozes que se enfrentam nos textos, é a concepção pela qual se introduz a presença do Outro no discurso. Mesmo que inicialmente ela tenha privilegiado um certo determinismo, de fora para dentro, na verdade postula algo que, depois de Marx, não nos atrevemos a questionar: o homem é inconcebível fora das relações sociais que o constituem. Quando a filosofia da linguagem, de inspiração marxista, fez a tradução desse postulado, de modo especial com Bakhtin, que outros conceitos trouxe? Basicamente, uma teoria da polifonia, do diálogo, na qual está compreendido que há inúmeras vozes falando num mesmo discurso, seja porque o destinatário está ali também presente, seja porque aquele discurso está referido a muitos outros. Esse duplo cruzamento constituiria, então, a polifonia discursiva. Certamente essa descentração do sujeito, implícita na teoria marxista, pertence à mesma



episteme<sup>99</sup> dentro da qual se desenvolveu a psicanálise: o discurso do sujeito, para Freud, estaria sempre marcado pelo seu avesso, no caso, o inconsciente. Dividido, quebrado, descentrado, o sujeito se definiria por um inevitável embate com o outro que o habita. E, permanentemente, viveria a busca ilusória de tornar-se *um*. A linguagem seria a manifestação dessa busca, lugar em que o homem imagina constituir e expor sua própria unidade.

Ao contemplar a tensão entre o Eu e o Outro, no interior dos discursos, Foucault traça um caminho bem diferente para a compreensão do sujeito: afasta-se desse espaço em que se relacionam sujeitos individuais e invade o espaço de uma relação mais ampla, baseada na noção de dispersão do sujeito. A heterogeneidade discursiva está diretamente ligada a essa dispersão, já que nos discursos sempre se fala de algum lugar, o qual não permanece idêntico: falo e, ao mesmo tempo, sou falado; enuncio individualmente, de forma concreta, constituindo-me provisoriamente *um*, ambicionando jamais cindir-me, porém a cada fala minha posiciono-me distintamente, porque estou falando ora de um lugar, ora de outro, e nesses lugares há interditos, lutas, modos de existir, dentro dos quais me situo, deixando-me ser falado e, ao mesmo tempo, afirmando de alguma forma minha integridade. Aliás, sem essa afirmação, meu texto se perderia na desordem e na ausência de fronteiras.

Foucault multiplica o sujeito. A pergunta “quem fala?” desdobra-se em muitas outras: qual o *status* do enunciador, qual a sua competência, em que campo de saber se insere, qual seu lugar institucional, como seu papel se constitui juridicamente, como se relaciona hierarquicamente com outros poderes além do seu, como é realizada sua relação com outros indivíduos no espaço ocupado por ele. Também cabe indagar sobre o “lugar de onde fala”, o lugar específico no interior de uma dada instituição, a fonte do discurso daquele falante; e sobre a sua efetiva “posição de sujeito” – suas ações concretas, basicamente como sujeito incitador e produtor de saberes. É assim que se destrói a idéia de discurso como “expressão” de algo, tradução de alguma coisa que estaria em outro lugar, talvez em um sujeito, algo que pré-existe à própria palavra.

Imagino que os sujeitos adolescentes que falam ou são falados na mídia dispersam-se de inúmeras formas: de uma maneira geral, sua multiplicação se faz através das diversas modalidades enunciativas do discurso da televisão, das revistas e dos jornais. Cartas, depoimentos, testes, questionários, entrevistas, crônicas, reportagens, fotos, textos de ficção – gravados em páginas impressas ou em fitas magnéticas de vídeo e reproduzidos para veiculação massiva – constituem uma base material sobre a qual e a partir da qual se dispersam inúmeras “adolescências”: de um lado, meninas quase anônimas que perguntam sobre o incompreensível mundo do sexo, meninas-modelos que revelam o dia-a-dia exercitado

---

<sup>99</sup> Entendo esse conceito como Foucault o formulou em *A arqueologia do poder*: como o conjunto das relações que permitem “compreender o jogo das coações e das limitações que, em um momento determinado, se impõem ao discurso” (FOUCAULT, 1986, p. 217).

e controlado da manutenção de um corpo esguio, astros precoces do espetáculo biografados na limitada trajetória de suas vidas, meninos que respondem a entrevistas sobre a namorada ideal, meninas trabalhadoras desde a infância que deixam registrados seus sonhos em reportagens “sociais”, adolescentes de ambos os sexos, marginais do tráfico de drogas, do roubo e do assassinato; de outro, o coro das vozes adultas que, afinadas ou dissonantes, são também sujeitos de um discurso da adolescência, por indagá-la, ouvi-la, fazê-la falar e a ela devolver um discurso em geral normalizador e sempre constitutivo – o coro dos locutores, apresentadores de TV, colunistas de jornais e revistas, sexólogos, médicos, psiquiatras e psicólogos, os peritos da saúde física e mental, os especialistas do amor e da beleza.

“Fala-se” uma adolescência de diferentes maneiras, e há discursos que não podem ser assinados por todos igualmente: o depoimento da atriz e modelo de sucesso, sobre sua gravidez precoce, reveste-se de uma permissividade que é negada à menina de subúrbio – cuja voz é captada pela reportagem especial do grande diário –, e a quem se dirige o discurso do demógrafo, da socióloga e da psicóloga, atentos ao controle da sexualidade e da reprodução humana nas camadas populares. Da mesma forma, há uma espécie de lei de “propriedade dos discursos”: só alguns têm o direito de falar com autoridade sobre a sexualidade dos adolescentes; não são todos que têm competência para compreender os enunciados médicos, por exemplo, nas respostas às cartas dos leitores de jornais e revistas; um restrito grupo tem capacidade para investir o discurso do aperfeiçoamento do corpo em práticas correspondentes. Mas, como veremos mais adiante, se estamos ocupados com os discursos produzidos e veiculados pelos meios de comunicação, temos um problema específico a tratar: independente do entendimento imediato dos textos por segmentos do público, independente da maior ou menor decodificação de frases ou imagens, o mais importante é compreender esses discursos no limite de seus efeitos, os quais poderão relacionar-se inclusive ao “respeito”, por exemplo, em relação ao especialista, produzido sobre o espectador que não entendeu certa formulação. A idéia inicial do sujeito como “efeito discursivo” reafirma-se aqui, uma vez mais.

Diversas posições e formas de subjetividade, portanto, podem ser lidas como efeitos de um campo enunciativo, a partir apenas do critério das modalidades, como referimos, desde que se descrevam as regularidades, as freqüências, a distribuição dos elementos, em torno da pergunta sobre esse “lugar vazio” dos discursos, que é o sujeito dos enunciados.

“O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos” (Foucault, 1986, p. 61-62).

## B – Cruzamento de identidades e diferenças: o interdiscurso

Espaço de dissensões e oposições múltiplas, a formação discursiva faz-se de asperezas e estridências, mais do que de harmonias e superfícies lisas. Inteiramente vivo, o campo enunciativo acolhe novidades e imitações, blocos homogêneos de enunciados bem como conjuntos díspares, mudanças e continuidades. Tudo nele se cruza, estabelece relações, promove interdependências. O que é dissonante é também produtivo, o que semeia a dúvida é também positividade crítica. Mero jogo de palavras? Talvez não. Quando Foucault diz que os enunciados são povoados, em suas margens, de tantos outros enunciados, afirma a ação do interdiscurso, da complementaridade e da luta dos diferentes campos de poder-saber; afirma a importância da análise arqueológica, segundo a qual se despreza a solenidade da ciência, para privilegiar textos e gestos nem tão inéditos assim, enunciados miméticos, banais e discretos, ao lado das grandes e luminosas originalidades.

Talvez um das operações mais ricas e fundamentais, sugerida por Foucault para a análise dos enunciados, seja a de complexificá-los no sentido de indagar a respeito de seus “espaços colaterais”. Em que consiste essa operação? Tomando outra vez o exemplo da virgindade e da “pessoa certa”, poderíamos dizer que o enunciado aí considerado se situa em relação a uma constelação de formulações. Esse enunciado se inscreve, por exemplo, no interior das modalidades enunciativas dos diferentes meios de comunicação (a *Novela das Oito* ou as cartas à sexóloga do jornal, entre tantas outras) – ou seja, diferencia-se conforme o meio e conforme a modalidade enunciativa; também se situa entre os enunciados sobre comportamento sexual jovem, produzidos e em circulação entre campos como o da psicologia, da medicina e da educação sexual; tem uma positividade específica, na medida de sua repercussão, de seu alcance, das possibilidades de aceitação ou questionamento – a afirmação da opção pela virgindade, num programa de TV ao vivo, tem conseqüências quase imediatas; finalmente, é marcado também pelo conjunto de formulações que lhe conferem algum *status*, seja porque tem respaldo “científico”, seja porque a posição do sujeito enunciativo assim o constitui. Tudo isso “povoa” o enunciado e deve ser descrito, justamente porque

(não há) “enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja. (...) Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências” (Idem, p. 114).

Buscar a configuração interdiscursiva, portanto, não remete àquela tentativa de tudo explicar, de dar conta do amplo sistema de pensamento de uma época. Longe disso, remete a um rico e duro trabalho de multiplicação dos discursos ou, simplesmente, de complexificação

do conhecimento, no mesmo sentido definido por Edgar Morin, sobretudo em sua conhecida obra *La méthode*<sup>100</sup>. Segundo Foucault, cada formação discursiva entra simultaneamente em diversos campos de relações, e em cada lugar a posição que ocupa é diferente, dependendo do jogo de poderes em questão. Guardadas as proporções, é o mesmo movimento das posições do sujeito discursivo, como vimos acima. Adentrar esse “emaranhado de interpositividades” é a proposta que o filósofo e pesquisador nos faz, no sentido de, através de uma análise comparativa, repartirmos em figuras diferentes a diversidade dos enunciados e dos discursos (Cfe. Foucault, 1986, p. 183).

Básico para a análise que empreendemos aqui, o conceito de interdiscurso tem uma definição interessante em Courtine e Marandin. Os autores acrescentam a idéia de uma dinâmica, que seria responsável pela transformação permanente dos enunciados, inclusive através da própria negação ou “esquecimento” destes:

“O interdiscurso consiste em um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é levada (...) a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela, com eles provocando sua definição e redirecionamento, suscitando, igualmente, o chamamento de seus próprios elementos para organizar sua repetição, mas também provocando, eventualmente, o apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação de determinados elementos” (*Apud* Maingueneau, 1993, p. 113).

Em outras palavras, considerar a interdiscursividade significa deixar que aflorem as contradições, as diferenças, inclusive os apagamentos; enfim, significa deixar aflorar a heterogeneidade que subjaz a todo discurso. Maingueneau chega a radicalizar: para a Análise do Discurso, segundo ele, haveria quase um primado do interdiscurso sobre o discurso, já que a unidade a ser analisada consistiria exatamente num espaço de trocas entre vários discursos. Penso que, ao assumir também esse ponto de vista como básico em minha investigação, tenho condições de apanhar mais consistentemente os discursos sobre os quais me debruço, até porque investigo materiais bastante ricos no que se refere às lutas entre os vários campos – lutas que tomam forma em uma infinidade de produtos como seriados de TV, entrevistas, reportagens, documentários, *clips*, debates ao vivo, cartas, peças publicitárias.

---

<sup>100</sup> Em *O problema epistemológico da complexidade*, livro que reproduz um debate de professores universitários portugueses com o pensador francês Edgar Morin, realizado em Lisboa no ano de 1983, o autor de *La méthode* analisa a crise atual dos fundamentos do conhecimento científico – a crise da objetividade dos enunciados científicos e da coerência lógica das teorias correspondentes –, argumentando a favor da idéia de complexidade do pensamento. Segundo Morin, complexidade não se confunde com “complicação”; aponta, antes, uma exigência política e social de nossos tempos, em que se questiona a mutilação do pensamento e se busca uma nova forma de lidar com a “dificuldade da palavra que quer agarrar o inconcebível e o silêncio”, uma nova forma de compreender a relação entre o todo e as partes, que na realidade sempre se implicam mutuamente. Enfim, complexificar significa aceitar a própria dificuldade de pensar, “porque o pensamento é um combate com e contra a lógica”. Tanto quanto Bachelard, Canguilhem e Foucault, Morin pensa sobretudo a descontinuidade do homem, dos fatos e da história. Ele diz: “é necessário ver não só o tecido determinista mas também as falhas, os buracos, as zonas de turbulência, os cachões da cultura onde, efectivamente, brota o novo” (MORIN, s.d., p. 28). E mais: “A vida alimenta-se das impurezas, ou melhor, a realidade e o desenvolvimento da ciência, da lógica, do pensamento têm necessidade destas impurezas” (p. 34).

Ora, a mídia, ao mesmo tempo que é um lugar de onde várias instituições e sujeitos falam – como veículo de divulgação e circulação dos discursos considerados “verdadeiros” em nossa sociedade –, também se impõe como criadora de um discurso próprio. Porém, pode-se dizer que, nela, talvez mais do que em outros campos, a marca da heterogeneidade, além de ser bastante acentuada, é quase definidora da formação discursiva em que se insere. Poderíamos dizer que hoje praticamente todos os discursos sofrem uma mediação ou um reprocessamento através dos meios de comunicação. Basta lembrar o discurso político na época de eleições: nenhum candidato, nenhum partido prescinde, em nossos dias, do complexo mundo da imagem, do *marketing*, da necessidade de ser notícia. Isso é válido para outros tantos campos: o médico, o religioso, e assim por diante, sem falar daqueles que praticamente “vivem” dos *media* – a moda e a música, por exemplo. Está em jogo nessa pluridiscursividade do social a luta pela imposição de sentido, a luta entre vários discursos, na conquista de novos sujeitos. Um dos campos que mais explicitamente expõe a luta entre discursos é o da publicidade; e é nele que se torna bem visível a importância da multiplicação tanto de sujeitos quanto de discursos: na busca permanente da adesão de novos sujeitos, o discurso publicitário reprocessa enunciados de fontes variadas; porém, como os indivíduos podem ser sujeitos de vários discursos, produz-se a fragilidade de cada um desses campos, considerados isoladamente. Daí a “necessidade da luta interpelatória constante” (Pinto, 1988, p. 38)<sup>101</sup>.

Se dentro da mesma formação coexistem enunciações heterogêneas – como vemos ocorrer com o discurso psiquiátrico, no exemplo dado por Foucault em *História da loucura* –, imagine-se então no discurso da mídia, que não se fundamenta em apenas uma disciplina, mas em várias (ligadas ao jornalismo, à publicidade, às artes plásticas, ao cinema, às tecnologias de informação, à teoria da comunicação e assim por diante). Mais ainda se multiplicam nela os discursos, as criações, recriações, transformações, analogias e adaptações de enunciados distintos, em direção a um novo discurso com características próprias. Eu diria que atingimos um tempo em que cada vez mais essa discursividade toma corpo, define-se, impõe-se como básica ao funcionamento geral da sociedade contemporânea. Talvez o que esteja faltando é descrever os limites, a configuração desse discurso, suas regularidades, que hoje se mostram bem mais visíveis.

Imagino que as reflexões geradas pela análise que nos propomos a fazer amplie a compreensão não só de como funciona o campo específico dos meios de comunicação, mas de como se operam, no nível dos enunciados, as inter-relações discursivas. Vejamos. O espaço

---

<sup>101</sup> Na primeira parte do livro *Com a palavra o Senhor Presidente José Sarney*, Céli Regina Jardim Pinto apresenta o conceito de discurso articuladamente às questões do poder e da constituição de sujeitos sociais, desenvolvendo reflexões fundamentais para este trabalho, particularmente no que se refere a uma compreensão mais ampla da discursividade da mídia e da publicidade na produção de subjetividades.

discursivo<sup>102</sup> por mim delimitado – genericamente, o que a mídia “fala” sobre adolescência –, é selecionado do interior do campo discursivo dos meios de comunicação social, e faz-se para atingir um objetivo central: descrever os enunciados que nossa sociedade, nestes últimos anos, tem construído sobre a adolescência. Suponho, aqui, que haveria uma espécie de fusão entre os valores entronizados pela mídia (o sucesso individual, um certo tipo de beleza física, um modo de vida baseado na cultura do corpo e no consumo permanente de bens materiais, entre tantos outros) e aqueles pelos quais se passa a definir o que seria um adolescente “ideal” para a classe média. Ou seja, poderia dizer-se que há uma importante intersecção entre mídia e adolescência, a ser investigada. Mas o mais importante a destacar é que, sendo cada discurso remetido por ele mesmo a tantos outros, pode-se dizer neste caso que os discursos incorporados pela mídia, a partir de outros campos – mormente da medicina, da pedagogia, da psicologia, da psicanálise –, também eles, ao entrarem na cena midiática, ao tomarem forma dentro desse campo específico da comunicação social, sofrem um tratamento que os retira de seu *habitat* e que, ao mesmo tempo, reforça a autoridade própria de cada um, pela importância que têm numa determinada formação social. Finalmente, caberia ainda dizer que o próprio recorte feito por mim é também um “fato de discurso”; e, como tal, introduz mais um dado que amplia e dinamiza o que por definição é já heterogêneo.

O tratamento segundo o qual os discursos são transformados e incorporados, não deve ser visto de modo compacto, como se estivéssemos em busca de uma totalidade bem acabada, definidora de uma dada discursividade; pelo contrário, é preciso considerar os diferentes momentos de enunciação e analisá-los criticamente enquanto objetos vivos, pois haveria uma real impossibilidade de separar a interação dos discursos (interdiscursividade) do funcionamento intradiscursivo (isto é, a dinâmica dos enunciados dentro da mesma formação), o que, segundo Maingueneau, está diretamente relacionado ao caráter de diálogo, permanentemente vivo em qualquer enunciado<sup>103</sup>.

---

<sup>102</sup> Meu recorte, cabe referir aqui, é feito segundo a classificação proposta por Maingueneau, quanto à amplitude dos conjuntos discursivos: o autor distingue *universo discursivo* – correspondente a todas as formulações discursivas que circulam numa dada conjuntura; *campo discursivo* – o grupo das formações discursivas em luta; e *espaço discursivo* – o subconjunto de um determinado *campo discursivo*, onde é possível registrar presença de pelo menos duas formações, cujo embate é fundamental para a eficácia (e compreensão) dos discursos considerados (MAINGUENEAU, 1993, p. 116-117).

<sup>103</sup> Aliás, cabe aqui salientar que a Análise do Discurso confere a *diálogo* um sentido mais amplo do que aquele comumente atribuído a essa palavra. Tal sentido, referido pela primeira vez na obra de Bakhtin, como vimos anteriormente, leva a considerar que, do ponto de vista discursivo, “não há enunciado desprovido da dimensão dialógica, pois qualquer enunciado sobre um objeto se relaciona com enunciados anteriores produzidos sobre este objeto. Assim, todo discurso é fundamentalmente dialógico” (BRANDÃO, 1993, p. 89).

#### IV – A TEMPORALIDADE DOS ENUNCIADOS: DA RELAÇÃO ENTRE O DISCURSIVO E O NÃO-DISCURSIVO

Foucault é um dos pensadores que mais soube tratar teoria e prática sem colocá-las em campos separados. E ele o faz duplamente: de um lado, talvez por uma necessidade vital, afirma a precariedade do seu próprio discurso, vive-o como processo, como possibilidade de transformação, como desejo de distanciar-se de si mesmo e empreender um esforço de pensar diferente do que pensa; de outro, no tratamento dos dados e no trabalho sobre os documentos, Foucault “aplica” esse mesmo modelo, mostrando que há antes “possibilidades de discursos” e que os enunciados são sempre históricos, não só em relação às suas condições de emergência como às funções por ele exercidas no interior de práticas não-discursivas.

“O discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história”, escreve Foucault (1986, p. 146). Ora, dizer que o discurso é sobretudo histórico implica necessariamente falar na relação entre o discursivo e o não-discursivo, na impossibilidade de separar o lado de dentro do lado de fora dos enunciados, significa falar na “economia” dos discursos – em sua produtividade visível –, enfim, na relação entre pensamento e vida, poder e saber, continuidade e descontinuidade da história, temas tão caros ao autor de *As palavras e as coisas*. Vejamos uma das definições de discurso em que Foucault consegue reunir todos os elementos aqui referidos, principalmente a intrincada relação entre teoria e prática, discurso e poder, enunciado e história – assuntos desta seção. Numa das brilhantes passagens de *A arqueologia do saber*, o autor situa discurso como

“(…) um bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização; um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas ‘aplicações práticas’) a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política” (p. 139).

Mais uma vez, é preciso que se diga: Foucault escreve essa definição de discurso baseado num anterior e meticuloso trabalho de pesquisa; o que aí está dito ele o demonstrou em cada página de sua vasta obra. Em *A história da loucura*, por exemplo, a análise do discurso do século XVIII sobre a loucura permitiu-lhe assinalar a descontinuidade entre a época clássica e a modernidade: ele descobriu a grande ruptura que então se estabeleceu, referida não só ao discursivo (o conhecimento sistemático sobre a loucura) como ao não-discursivo (as práticas médicas correspondentes). Através da análise de inúmeros documentos, Foucault descreve as transformações do discurso sobre a loucura, a emergência de um conceito como “doença mental” – inexistente até antes da Revolução Francesa – e a relação entre uma série de práticas ligadas ao enclausuramento do louco e à instauração de uma nova ordem social. Descobre, enfim, como diz Roberto Machado<sup>104</sup>, “uma crescente subordinação

---

<sup>104</sup> Os comentários deste parágrafo sobre *História da loucura* sintetizam algumas das idéias desenvolvidas por Roberto Machado em palestra proferida no seminário “Foucault: um pensador no coração do presente”, realizado em Pelotas

da loucura à razão”, isto é, sua total dependência em relação à ciência médica. Pelas práticas psiquiátricas, a loucura é medicalizada e passa a penetrar a intimidade da alma humana. É a loucura tutelada pela razão. É a ciência “corrigindo” a vida, nesse longo e interminável processo de racionalização que nos constitui como “homem ocidental” na modernidade. Foucault nos ensina aí, com Canguilhem, Bachelard, Koyré, que “ciência é relação”, e que é necessário estar atento às rupturas operadas nos discursos e nas práticas; com Nietzsche, mostra como não é preciso partir das grandes verdades científicas para fazer história, e como é preciso questionar o conhecimento que cada vez mais tenta se apoderar do âmago das vidas e do real. Tudo isso em nome de quê? Da saudação da beleza trágica da vida.

Nessa síntese de *História da loucura*, tentamos reunir o máximo de elementos de um projeto, ao mesmo tempo teórico e prático, intelectual e existencial, para exemplificar a questão da temporalidade na análise dos discursos. Essa temporalidade, como se vê, precisa ser entendida para além da idéia de que os discursos sempre são ditos num determinado tempo e num determinado lugar; para mergulhar nela, é preciso vê-la através dos documentos escolhidos, das práticas a que os textos se referem, da formação social em questão, da trajetória dos conceitos envolvidos e ainda do próprio posicionamento do pesquisador. Para Foucault, a análise arqueológica deve principalmente dar conta de como se instaura um certo discurso, quais suas condições de emergência ou suas condições de produção. E é nesse sentido que uma tal análise deverá fazer aparecer os chamados “domínios não-discursivos” a que os enunciados remetem e nos quais eles de certa forma “vivem” – as instituições, os acontecimentos políticos, os processos econômicos e culturais, toda a sorte de práticas aí implicadas. Tais domínios, porém, não podem ser vistos como “expressão” de um discurso, nem como seus determinantes, mas como algo “que faz parte de suas condições de emergência” (Foucault, 1986, p. 187).

Que isso quer dizer? Em primeiro lugar, que nessa relação tão estreita entre discurso e práticas não-discursivas, há mútua implicação, jamais linearidade explicativa. Se hoje se produz toda uma discursividade, por exemplo, sobre a “juventude da mulher de 40 anos”, isso não só remete ao fato de que ocorre uma transformação do discurso feminista da década de 60, como deve levar-nos a ver como esse discurso está articulado a estratégias de poder, que se voltam para o corpo da mulher e multiplicam técnicas e procedimentos disciplinares, devidamente validados pela suposição de um atingível padrão de vida e beleza. Tal discurso certamente não existe sem as revistas, sem a televisão, sem a publicidade; também não existe sem as academias de ginástica, a indústria da moda; e está relacionado às lutas das mulheres em torno de uma série de conquistas: descriminalização do aborto, exercício de funções públicas e políticas, e assim por diante. Ou seja, nessa relação necessária entre o discursivo e



o não-discursivo, o fato de algumas instâncias serem vistas didaticamente como “suportes” de enunciados – porque a mulher deve ser bela e jovem, criam-se academias ou especialidades médicas e, através destas, o projeto se realizaria – precisa ser compreendido de modo mais complexo: o discurso ele mesmo está em constante transformação por “exercitar-se” nesses espaços todos; e tais lugares, por sua vez, não são sempre os mesmos, desde que os sujeitos e as instituições se reconhecem nesse discurso.

Uma prática discursiva, segundo Foucault, “toma corpo em técnicas e efeitos” (Idem, p. 220). E como se trata de uma via de mão dupla, pode-se dizer que as técnicas, as práticas e as relações sociais, em que estão investidos os enunciados, constituem-se ou mesmo se modificam exatamente através da ação desses mesmos enunciados. Com isso Foucault quer dizer que “as coisas não têm o mesmo modo de existência, o mesmo sistema de relações com o que as cerca, os mesmos esquemas de uso, as mesmas possibilidade de transformação depois de terem sido ditas” (Idem, p. 143). Não sendo as mesmas depois de ditas, as coisas têm uma existência precária, escorregadia, uma dispersividade que o arqueologista só poderá captar no momento em que se dispuser a descrever o conjunto das relações postas em jogo num determinado discurso. Ele não vai encontrar, “por baixo” dos textos, uma vida que fervilha, a vida “ainda não capturada”: vai deter-se na construção de um feixe de relações, no desenho que articula enunciados e práticas, enunciados e técnicas, sobre um dado objeto; o mapa certamente apontará para regiões exteriores, para lugares maiores de “aplicação” de um discurso (as instituições, por exemplo). Todas essas relações, porém, como lembra Foucault, “por mais que se esforcem para não serem a própria trama do texto, não são, por natureza, estranhas ao discurso” (Idem, p. 84). Em outras palavras, as práticas não-discursivas são também parte do discurso, na medida em que identificam tipos e níveis de discurso, definindo regras que ele de algum modo atualiza.

Eu acrescentaria aqui mais uma idéia para a compreensão desse cruzamento e dessa interdependência entre práticas discursivas e não-discursivas: ela diz respeito também à positividade dos discursos na história dos corpos. O que fomos e o que somos, o que foram e o que disseram nossos ancestrais, tudo isso marca nossos corpos, penetra-os e os produz, para o bem ou para o mal. Herdeiro de Nietzsche, Foucault ensina um modo de fazer história, fundamentalmente ocupado com uma genealogia que se volta para a observação dos corpos, para a apreensão das discontinuidades enquanto coisas vividas e inscritas nesse lugar único e irreduzível dos indivíduos. Se os acontecimentos são apenas marcados pela linguagem e dissolvidos pelas idéias, há um lugar em que definitivamente se inscrevem: a superfície dos corpos. Assim, quando o arqueologista ressalta a dinâmica dos lados de dentro e de fora dos discursos, de certa forma está afirmando sua vocação de genealogista: para ele, os sujeitos são

efeitos de discursos, e esses efeitos – produzidos no interior de inúmeras e bem concretas relações institucionais, sociais e econômicas – não existem senão nos corpos:

“(…) sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito” (Foucault, 1992a, p. 22).

Mas tornemos esse raciocínio mais complexo, voltando a discutir a importância dada por Foucault ao que ele chamou de “práticas”, sejam elas discursivas ou não-discursivas. Na entrevista a Dreyfus e Rabinow – publicada sob o título “À propos de la généalogie de l'éthique: un aperçu du travail en cours” –, Foucault, discorrendo sobre a milenar prática da “*littérature du moi*”, mais uma vez distingue discurso e sistemas simbólicos, admitindo que estes, obviamente, sejam também ativos na produção do sujeito. Porém, mais uma vez afirma: embora seja verdade que o sujeito é constituído simbolicamente, ele é sobretudo constituído por práticas reais, historicamente analisáveis. Há toda uma tecnologia de produção do sujeito que atravessa, perturba e até desestabiliza os sistemas simbólicos, ao mesmo tempo que deles se serve (In: Dreyfus e Rabinow, 1984, p. 344). Importa, portanto, deter-se sobre essas práticas – discursivas e não-discursivas –, para compreender a rede diferenciada de poderes e saberes que nos produzem. Tomemos novamente o exemplo do discurso sobre a “jovem mulher de 40”: ele não deverá ser analisado nem como “expressão de uma conjuntura” nem idealmente como criação simbólica a ser interpretada como tal. Associada a uma série de conquistas sociais, essa proliferação de textos sobre a mulher – convidada a ultrapassar a antiga posição romântica, a falar, em canal aberto, de seus desejos sexuais e seu prazer, e a buscar uma maturidade cheia de beleza e atrativos – deve ser analisada a partir das práticas a que esse discurso está associado; tais práticas, por sua vez, expõem uma série de lutas que aí estão em jogo, a começar pela luta básica relativa ao confronto de homens e mulheres, e se tornam visíveis na superfície dos corpos femininos. Sabendo-se que vários campos, como o da moda, da medicina estética, ginecológica e endocrinológica, e da psicologia, entre tantos outros, disputam a hegemonia de uma discursividade sobre essa mulher, trata-se de desenhar as margens dos enunciados aí produzidos e fazer aparecerem as diferenças, as congruências e as comunicações, ocupando-se principalmente em descrever as práticas efetivas a que eles fazem referência – práticas que conformam cotidianos, definem projetos de vida, moldam, transformam e desenham os corpos. Se a mulher fala e é falada, é porque, como os “homens infames” de que nos fala Foucault, ela de algum modo se confronta com o poder. Não um poder que somente cerceia, desmantela, vigia, surpreende ou proíbe; mas um poder que

suscita, incita e produz; um poder que “não é apenas olho e ouvido”, mas que sobretudo “faz agir e falar”, como diz o filósofo (1992b, p. 123)<sup>105</sup>.

O que está em jogo no método arqueológico, quando se fala na íntima e necessária relação entre o discursivo e o não-discursivo, é que ele se concentra sobre o domínio de coisas efetivamente ditas ou escritas, importando descrever justamente de que modo elas se inscrevem no interior das formações discursivas, isto é, no sistema relativamente autônomo dos atos do discurso, onde são produzidas essas “coisas ditas” (Cfe. Dreyfus e Rabinow, 1984, p. 78). Esse “modo” diz respeito a um processo permanente de transformação do sistema de relações em que os textos analisados estão envolvidos. Como já se disse, os enunciados, depois de ditos, depois de instaurados numa determinada formação, sofrem sempre novos usos, tornam-se outros, exatamente porque eles constituem e modificam as próprias relações sociais. Descrevendo, portanto, esse universo de “diferenças”, damos conta da formação e da transformação dos discursos, que é o objetivo principal da análise.

Mas por onde começar? O ponto de partida talvez seja a atenção ao presente, a atenção a um “diz-se”, ao “*ça parle*” de um determinado campo de saber, aos “murmúrios” de nossa época, para só então definir um *corpus* que permita apanhar a história de um determinado objeto. Se essa atenção me conduz, como é o caso deste trabalho, a desejar investigar a evidente centralidade da figura adolescente nos textos da mídia, em nossa época, tenho por sabido que esse discurso, como qualquer outro, tem também uma história. Sei, por exemplo, que é a partir do início do século XX que se começa a falar de “adolescente” como classe de idade, fase de transição entre a infância e a idade adulta. Mas que enunciados foram registrados sobre essa categoria – “adolescência” –, desde que foi criada? De que posições e de que lugares se falava nos adolescentes, nas primeiras décadas do Século? Quais os momentos de transformação do discurso que se ocupa do jovem, desde esse tempo até nossos dias? Que dizem os textos deste final de século, tão ocupado com a adolescência? Que rupturas instauram? Que efeitos esse discurso vem operando sobre os corpos, especialmente nos nossos dias, em que não só os adolescentes mas amplas faixas da população aceitam

---

<sup>105</sup> Interessante, nesse sentido, seria analisar os anais dos tantos congressos de ginecologia e obstetrícia, em nossos tempos, nos quais o discurso médico mostra explicitamente esse jogo de incitação e de cerceamento da mulher. Associadamente a esses documentos, seria importante analisar também o registro desses encontros, nos órgãos de comunicação. Por exemplo: a propósito do 46º Congresso de Ginecologia e Obstetrícia, realizado em Porto Alegre em novembro de 1995, o jornal *Zero Hora* começava a matéria com o seguinte texto: “A emancipação feminina está na raiz de dois fenômenos opostos que preocupam os médicos hoje: o aumento do número de mulheres mais velhas querendo engravidar e o crescimento da gestação na adolescência” (*Zero Hora*: Porto Alegre, 7 nov. 1995, p. 52). Os enunciados sobre essa mulher que “deve ser jovem e bela”, mesmo não tendo mais 20 ou 30 anos, estão vivos em textos como esse, mostrando sua imersão em vários campos de poder. “Diz-se” da mulher: sim, seja bela, cuide-se, emancipe-se, dê vazão a seus desejos; mas, cuidado, isso pode trazer problemas, e nós (os médicos) estamos aqui para mostrar os perigos e orientá-las.

submeter-se ao discurso da “eterna juventude”, como se o envelhecimento e a morte já não fossem “fatos da vida” mas processos totalmente controláveis e até mesmo indesejáveis?

Baseado nos estudos de Canguilhem, Foucault ensina que os conceitos sofrem constantes deslocamentos e transformações, e que a trajetória de um conceito é na verdade a história de seus diversos campos de constituição e de validade, das sucessivas regras de uso nos diferentes meios teóricos em que ele foi elaborado. Desse ponto de vista, não haveria nem conceitos nem categorias “essenciais” ou ideais – quais portos de ancoragem, lugares de repouso para o pesquisador. E, sim, descontinuidades, que nos compelem a ver e pensar a diferença, os afastamentos, as dispersões, sem ter medo de “pensar o outro no tempo do nosso próprio pensamento”, como diz Foucault, na célebre introdução de *A arqueologia do saber*. Nesse sentido, o caminho não é buscar, indefinidamente, um ponto originário e saber onde tudo começou. As datas e locais que fixamos não significam pontos de partida nem dados definitivos; são, antes, referências ligadas às condições de produção de um dado discurso, que se enuncia diferente, que é outro em cada um desses lugares e instantes. Não se trata, de forma alguma, de fazer uma interpretação cronologista nem de ir situando os elementos, como se fosse possível uma seqüencialidade. Uma coisa é tratar de domínios como os de atualidade, memória e antecipação; outra é afirmar que há um “antes-agora-depois”, disposto numa linearidade fundamental. Aqueles domínios, considerados e operacionalizados, permitirão caracterizar o que se repete, o que instaura rupturas, o que se transforma, o que está nas fronteiras de um determinado tempo.

Para o analista, é importante observar, como anunciamos acima, que a modificação dos enunciados implica a existência de um acúmulo, de uma memória, de um conjunto de já-ditos. Desta forma, qualquer seqüência discursiva da qual nos ocupemos poderá conter informações já enunciadas; haveria um processo de reatualização do passado nos acontecimentos discursivos do presente. Essas redes de formulação – o tecido constituído pelo discurso de referência e pelo já-enunciado – permitiriam descrever efeitos de memória, ou seja, redefinições, transformações, esquecimentos, rupturas, negações, e assim por diante. Não se trata de acionar uma memória psicológica, nem de “despertar os textos de seu sono”, como diz Foucault. É preciso levantar os temas relacionados aos “esquecimentos” e mostrar qual o modo de existência que caracteriza aqueles enunciados, os quais estão, sempre, diretamente investidos em técnicas e práticas, isto é, em relações sociais.

Repetimos: o que Foucault pergunta aos textos não é “o que está por trás”, “o que se queria dizer” com aquilo, mas sim: quais são as condições de existência daquele enunciado ou de um conjunto de enunciados. Suspendendo continuidades, acolhendo cada momento do discurso e tratando-o no jogo de relações em que está imerso, o arqueologista levanta um conjunto de enunciados efetivos, em sua singularidade de acontecimentos raros, dispersos e

dispersivos e indaga: afinal, por que essa singularidade acontece ali, naquele lugar, e não em outras condições? Em síntese: partindo de que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época, o que se está dizendo é que o objeto existe sob condições “positivas”, na dinâmica de um feixe de relações; e que há condições de aparecimento histórico, relativas às formações não-discursivas (instituições, processos sociais e econômicos). Tudo isso é descoberto na instância do próprio texto: a partir dele, segundo Foucault, é possível fazer destacarem-se as regras pelas quais o jogo de relações entre o discursivo e o não-discursivo fazem, em uma determinada época, aparecer aquele objeto e não outro, como objeto de poder e saber.

A compreensão da temporalidade dos discursos, como vimos aqui, talvez possa deixar um pouco mais clara a preocupação de Foucault com a “raridade” não só dos enunciados, mas dos próprios fatos humanos. Essa atenção ao que poderia ser “outro” é básica para o arqueologista. Paul Veyne explica: a afirmação de que os fatos humanos são raros significa, no pensamento foucaultiano, que eles “não estão instalados na plenitude da razão, há um vazio em torno deles para outros fatos que o nosso saber nem imagina; pois o que é poderia ser diferente; os fatos humanos são arbitrários, no sentido de Mauss, não são óbvios, no entanto parecem tão evidentes aos olhos dos contemporâneos e mesmo de seus historiadores que nem uns nem outros sequer o percebem” (Veyne, 1982, p. 152). O convite de Foucault é que nos defrontemos com nossa história ou nosso passado, aceitando pensar de outra forma o agora que nós é tão evidente; assim, libertamo-nos do presente e nos instalamos quase num futuro, numa perspectiva de transformação de nós mesmos. Nós e nossa vida, essa real possibilidade de sermos, quem sabe um dia, obras de arte.

## V – SUJEITO, DISCURSO E MÍDIA: PROBLEMATIZANDO AS RELAÇÕES

Tendo discutido, nesta Primeira Parte da tese, os principais elementos do foco teórico e metodológico escolhido – a concepção foucaultiana da produção do sujeito, articulada às concepções de discurso e poder –, é chegado o momento de proceder à análise do *corpus* selecionado. Antes, porém, parece-nos importante esclarecer algumas das reflexões feitas ao longo deste Capítulo, sobre o discurso, retomando-as agora em duas perspectivas: na sua relação com o tópico anterior (Capítulo 2), sobre o “desejável conhecimento do sujeito”, especialmente quanto ao problema da “verdade”, e como preparação à Segunda Parte deste trabalho, a seguir, em que serão analisados os dados, momento em que nos esforçaremos por “trabalhar com” Foucault, principalmente tentando extrair enunciados a partir dos documentos do *corpus*. Em outras palavras: o objetivo é concluir este Capítulo relacionando os grandes temas foucaultianos – verdade, sujeito e poder – com o modo de tratar os textos da mídia.

## A – Sobre regime de verdade e discurso da mídia

Quando estamos mergulhados nos textos da mídia – dos jornais, da televisão e das revistas – , não podemos perder de vista que nos defrontamos com um tipo de material produzido segundo condições muito específicas: em primeiro lugar, trata-se de um campo relativamente novo, das empresas de comunicação, cujos documentos principais não se produzem para uso interno (como no caso de um regulamento a ser observado pelos agentes sociais dentro de um quartel, dentro de um hospital psiquiátrico ou de uma escola), mas para ampla circulação, em escala massiva. Sua finalidade, aliás, é essa mesma: fazer circular amplamente discursos cuja origem também é difusa, múltipla e às vezes de difícil localização. Porém, mais do que “colocar no ar” uma série de enunciados de várias formações discursivas diferentes – formações que disputam, na sociedade, uma espécie de “hegemonia das significações” – a mídia, suponho, constrói, reforça e multiplica enunciados seus, em sintonia ou não com outras instâncias de poder.

Ao enunciarem que algo “é verdade” porque “deu no jornal” ou porque “eu vi ontem na televisão” – mesmo que falem de uma verdade factual, tópica – as pessoas estão afirmando concretamente um tipo de poder específico: o poder dos meios de comunicação. Talvez possa parecer enganoso e improdutivo discutir um conceito tão carregado de “distinção”, como o de verdade, a partir de um exemplo como esse. Mas o que aprendemos com Foucault é que o mito da “verdade verdadeira”, da “verdade das verdades”, da verdade como aquela “recompensa dos espíritos livres” (de que nos fala o autor no diálogo com Alexandre Fontana, em *Microfísica do poder*), precisa ser destruído, para que se restitua à verdade seu *status* de simples “coisa deste mundo”. Ouçamos Foucault:

“A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro” (Foucault, 1992, p. 12).

É possível imaginar que a mídia funcionaria, em nossa época, como uma espécie de lugar de superposição de “verdades”, justamente por ter-se transformado em um local privilegiado de produção, veiculação e circulação de enunciados de múltiplas fontes, sejam eles diretamente criados a partir de outras formações, sejam eles gerados nos próprios meios. Uma de suas características principais é que, nela, por uma razão basicamente do alcance das tecnologias investidas nesse campo, qualquer discurso, materializado em entrevista de TV, cena de telenovela, reportagem de jornal, coluna de revista feminina, é passível de ter sua força de efeito ampliada, de uma forma radicalmente diferente do que sucede a um discurso

que, por exemplo, opera através das páginas de um livro didático ou de um regulamento disciplinar escolar. O fato de uma rede de ensino pública ou privada assumir a liderança de uma campanha em relação a crianças e adolescentes desaparecidos, por exemplo, produz efeitos imediatos bem menos significativos do que uma rede de televisão inserindo o mesmo tema na narrativa de uma telenovela<sup>106</sup>.

Um raciocínio como esse pode colocar-nos em contrariedade com toda a reflexão de Foucault sobre o funcionamento do poder, que se caracterizaria por acentuar principalmente sua capilaridade, sua existência como positividade – já que produz sujeitos, define uma gestualidade dos corpos, orienta modos de dirigir a vida e comportar-se. Em outras palavras, pergunto: acentuar a força dos meios de comunicação na produção de sujeitos não seria uma forma de mais uma vez buscar as grandes fontes de exercício do poder, como o Estado ou até um grande sistema, como o do Capitalismo? Eu diria que sim, se ficarmos na afirmação persecutória de que somos prisioneiros da mídia e que ela conforma inapelavelmente nossos pensamentos e ações. A proposta foucaultiana, entretando, nos adverte: há que se fazer uma análise ascendente, descrever os discursos a partir de seus menores enunciados, recolhidos na sua realidade dispersa, e captar nesses lugares as diferentes práticas a que um determinado discurso se associa. Mais uma vez a dominância das práticas. E por quê? Porque elas configuram o poder em suas extremidades, elas expõem os rituais, as técnicas, as falas, as mínimas normas, o ordenamento dos indivíduos, enfim, todos os menores elementos da normalização dos sujeitos.

A sociedade arranja os diferentes locais de eficácia do poder, conforme o próprio funcionamento das agências institucionais: certamente, a campanha referida acima não encontra no espaço institucional da escola o melhor lugar para instalar-se, por mais que a educação se esforce por estar atualizada com as grandes preocupações sociais do momento. Acontece que sua função tem sido consolidada como outra, a de não só ensinar e educar, mas de produzir sujeitos disciplinados, ordenados, classificados; nesse sentido, seu aparato de textos, regulamentos, regras de acesso ou de aprovação, e toda a encenação diária da vida

---

<sup>106</sup> Embora este exemplo tenha como motivação um fato bem recente (a veiculação de uma campanha em relação a menores desaparecidos, na trama da *Novela das Oito*, “Explode Coração”, iniciada nos capítulos do mês de março de 1996, na Rede Globo), convém ressaltar que são muitos os casos de adesão, principalmente da TV, a campanhas relativas a problemas sociais de grande impacto – como o alcoolismo, as drogas, a doação de órgãos para transplante, o aluguel do ventre para a gestação de bebês, e assim por diante. Mesmo que em geral o tratamento do tema seja superficial e a campanha fique em sua radical efemeridade, não se pode negar a repercussão “positiva” alcançada pela mídia junto ao público. Obviamente, a sensibilização da sociedade para problemas sociais, através da ação da mídia, está diretamente relacionada a um objetivo mercadológico: consumimos “boas ações” assim como consumimos iogurtes ou grandes espetáculos de música, enquanto os grandes problemas momentaneamente divulgados, em geral, permanecem na indigência de soluções. Mas a via é de mão dupla: no caso das crianças desaparecidas, o fato de seu rosto ser multiplicado nas telas de milhões de residências no País, trouxe muitas delas de volta a seus lugares de origem – fato também noticiado, embora com

escolar de crianças e adolescentes, têm sido pertinentes e extremamente eficazes. Mas é verdade também que as instituições policiais seriam, por hipótese, o lugar de fato para tratar ou até resolver o problema dos menores desaparecidos. De que modo, então, emerge a mídia – mesmo que efemeramente e como efeito de “consumo” – como o lugar da salvação, o lugar confiável da resolução de uma série de problemas? Foucault nos diria que, a partir dos próprios discursos, da materialidade dos enunciados, de suas condições de produção, pode-se descrever a trama de coisas ditas a respeito de uma época. A tarefa do arqueologista-genealogista é captar essa trama, mostrar essas tantas interpretações de nosso tempo, e tratar de descrever todo esse quadro de lutas.

É um trabalho sem dúvida minucioso e árduo: ao invés da fácil afirmação totalitária da dominação da mídia sobre os pobres sujeitos que somos, a proposta é garimpar textos, imagens, coisas ditas, visibilidades (técnicas e procedimentos gerados institucionalmente), aceitando a precariedade desses mesmos ditos, e ao mesmo tempo multiplicando-os relacionalmente e organizando-os em unidades provisórias. Um trabalho desses pode com relativa facilidade levar-nos a entender uma luta específica, por exemplo, entre o poder policial, o poder dos traficantes de drogas e o poder de uma grande rede de televisão, no caso, a Rede Globo, no Estado do Rio de Janeiro. Mais produtivo ainda do que isso, porém, será ir adiante e mais profundamente e apanhar nesses documentos os enunciados de nossa época sobre a relação entre pais e filhos, a conceituação de infância e adolescência, o preconceito ainda vivo contra a autonomia da mulher, as inúmeras formas de violência contra os mais jovens – enunciados dispersos nesse grande e justo alarde sobre o desaparecimento de crianças. Juntando peças, estabelecendo múltiplas relações, vemos construir-se um discurso em que se afirma, por exemplo, que o problema dos desaparecidos é sobretudo um problema das mães, um problema de mulher; ou então uma questão melodramática e consumível como as próprias cenas de ficção da telenovela. Podemos deparar-nos com a mulher culpada porque estuda e trabalha, em suma, com a mulher que “abandona” seus filhos; ou então com o depoimento das crianças que retornam, temerosas do reencontro, porque a casa de que fugiram era justamente o lugar da violência. Interessa-nos, então, operar sobre esse modo criativo, produtivo, rico e tortuoso de produzir efeitos nas pessoas, de constituí-las como sujeitos de um determinado discurso. No caso dessas campanhas, parece-me que sobressai um elogio da mídia a si mesmo, em detrimento das ações que poderiam produzir-se ou mesmo das que efetivamente se produzem em outras instâncias sociais. Ao “trazer” de volta as crianças, é como se a TV nos dissesse: ‘Eu fiz a minha parte, não tenho culpa se as famílias maltratam seus filhos’...

Como veremos na análise dos textos sobre adolescência ou para adolescentes, também ali fala-se da mídia como um lugar bem mais competente para educar as gerações mais novas:

---

menos alarde –, junto com nova denúncia: várias delas não desejam voltar para casa, porque temem a violência de seus pais. Elas não haviam sido raptadas; haviam fugido da violência familiar.



cuidados com o corpo, sobretudo prevenção em relação à AIDS, devem ser aprendidos em todos os lugares, mas sobretudo através dos educadores eletrônicos, porque eles têm a “imagem”, eles podem contar com o depoimento ou o exemplo dos grandes astros, das modelos, dos atores de telenovelas. Mesmo de existência fugaz, essas personalidades-estrelas teriam uma eficácia comunicativa superior à de figuras tradicionais, como o professor, a professora, o pai ou a mãe. Mas será que é assim mesmo ou é só disso que se trata? Será que nós mesmos também não estaríamos subjetivados por esse mesmo discurso, de uma suposta superioridade dos meios de comunicação em relação a outras instâncias da sociedade? E como convivem os dois enunciados, relativos aos exemplos aqui apresentados, aparentemente contraditórios – um sobre a culpa das mães que “abandonam” seus filhos, outro sobre os novos “educadores”, localizados na mídia?

Ao caracterizar a “economia política” da verdade, nas sociedades ocidentais contemporâneas, Foucault afirma a prioridade do discurso científico na identificação daquilo que para nós seria a “verdade”; mas ressalta a importância de suas inúmeras formas de produção, difusão e consumo – seja através dos sistemas educacionais, seja através das redes de comunicação e informação, seja de outros campos institucionais –, bem como da sua centralidade como objeto de debate político e “ideológico” (1992a, p. 13). Ressalvado que ele falava de dentro da sociedade francesa dos anos 70, penso que para nós, igualmente, o discurso científico é imediatamente associado ao que é verdadeiro, talvez de uma forma mais acentuada ainda porque se junta a um certo sentimento de inferioridade da maioria da população em relação ao que dizem e sabem os “doutores”.

Porém, há duas considerações a fazer a respeito: em primeiro lugar, na mesma medida em que estes saberes são valorizados como verdade, convive-se com uma gama imensa de práticas “populares” que os negam, como se a eles resistissem, talvez até pela relação mitológica aí instaurada; segundo, cresce não só no Brasil mas em quase todo o mundo a importância dos meios de comunicação, como lugar por excelência de circulação de saberes de todos os campos, bem como de produção de um saber específico, próprio da mídia. Penso que essa condição da mídia como produtora de verdade merece atenção especial, indica a necessidade de uma análise que possa situar-nos nesse presente em que a imagem, o fato de “ter aparecido na TV” ou ter merecido qualquer espaço nos jornais e revistas configura poder, produz efeitos nas pessoas, constrói um tipo especial de verdade. Na análise dos dados, veremos que, constantemente, essa idéia sobre mídia e verdade estará em constante cruzamento com os enunciados sobre a adolescência.

### **B – Sobre os enunciados da mídia como “função de existência”**

As frases, imagens, sons e cores dos quais me ocuparei, aqueles a serem retidos no *corpus*, serão escolhidos em torno de focos difusos de poder e de resistência, acionados pelo

problema principal colocado neste trabalho: os investimentos de poder e saber na constituição de subjetividades adolescentes, através da mídia. Mas essas unidades – ou essa materialidade de signos – sofrerão, desde o início da análise, um tratamento que é definido pela busca dos enunciados; ou seja, os enunciados são vistos como “função de existência” daquelas unidades materializadas, uma função que se exerce sobre elas, um acontecimento que não se esgota nelas, permitindo que seus conteúdos concretos apareçam num tempo e num espaço determinados.

Para efeito de exemplificação do que essa concepção de enunciado sugere para nosso trabalho, vejamos estes casos de enunciações particularizadas e isoladas: a) a menina grávida de classe média responde à entrevista sobre sexo, aborto e maternidade, na revista *Capricho*, e afirma sua tranqüilidade como futura mãe e esposa precoce; b) a psicanalista Rosely Sayão diz no jornal *Hoje*, da TV Globo, que os pais devem conversar sobre problemas íntimos com os adolescentes, partindo de uma notícia de jornal ou de uma cena de novela, mas não podem nem devem ligar sexo a moral, caso contrário não serão aceitos pelos filhos; c) ao mesmo tempo, na mesma cena enunciativa relatada no item “b”, meninos e meninas afirmam para as câmeras de TV que não conseguem ser entendidos pelos pais, quanto a suas dúvidas sobre sexo, porque há uma barreira entre eles, impedindo que discutam, por exemplo, o que fazer quando a camisinha rebenta, ou que importância tem o tamanho do pênis na relação sexual. Ora, inúmeras enunciações como essas são vistas, lidas e ouvidas freqüentemente nos meios de comunicação, como veremos na Segunda Parte deste trabalho. Como tratá-las? Em primeiro lugar, é preciso que se diga: na perspectiva da arqueologia foucaultiana, elas interessam apenas e quando se distribuem “na espessura da linguagem”, ou seja, quando tomam lugar num certo “diz-se”, no caso, o “diz-se” a respeito da adolescência destes anos 90 no Brasil; interessam, em suma, na medida em que deixam de ser vistas como atos do discurso em um contexto local de afirmação, para constituir-se como enunciados, em sua relativa mas fundamental autonomia.

O trabalho inicial será dispor essas enunciações lado a lado com outras, igualmente referidas a uma série de práticas sobre o controle da sexualidade dos mais jovens (como aquelas que insistem em falar da perda da virgindade, mas só com a “pessoa certa”, conforme vimos anteriormente), organizando-as, comparando-as, colocando-as também em relação com enunciações a respeito de outras práticas – sobre a constituição do corpo masculino e feminino, sobre modos de exclusão de diferentes adolescências, por exemplo –, construindo unidades provisórias, de tal forma que esses ditos apareçam na sua “função enunciativa” e assim seja possível fazer uma reconstrução do discurso da mídia sobre a juventude do nosso tempo. Certamente, todo esse processo de organização-desorganização-reorganização está relacionado ao trabalho de debruçar-se sobre as coisas ditas, escutadas, mostradas nos textos da mídia, na medida em que estas constituem regularidades, enquanto se constituem atos

discursivos em relação a outros atos de discurso; em outras palavras, na medida em que se inscrevem no interior de uma formação discursiva em luta com outras formações.

Parte-se de coisas ditas para ficar nas coisas ditas, mas percorrendo um caminho de complexificação dos atos discursivos. Multiplicando o sujeito das enunciações e suas falas, como vimos neste Capítulo, vamos extrair dos textos os enunciados a respeito de um determinado objeto, sem proceder a uma análise semiológica nem a uma hermenêutica dos discursos. Tentaremos, como Foucault, ficar na instância do próprio discurso. O sentido será tratado como fenômeno: fazendo a descrição intrínseca dos documentos, como ensina o arqueologista, deixamos de preocupar-nos com a relação significante-significado, pois não nos interessam as interpretações que estão sempre à procura de decifrar sentidos escondidos, não-ditos recobertos, discursos como “efeitos” de uma determinada “causa” econômica ou social. Obviamente, situaremos os enunciados em relação às condições sociais e econômicas de sua emergência, desde que as vejamos também como imbricadas nesse mesmo discurso, como condição e igualmente como lugar de transformação dos discursos, pois estes só existem como prática e materialidade.

Todo o ordenamento das palavras e das coisas, no *corpus* considerado, toda a suposta harmonização em que muitas vezes ele aparece, precisam ser devolvidos à sua condição de dispersividade, de multiplicidade, de relação. É um esforço de aceitar as unidades e organizações para imediatamente desfazê-las, e logo a seguir construir novas unidades, com o propósito de colocar à disposição da comunidade de pesquisadores e da sociedade mesma a descrição dos nossos modos de existência, de produção de sujeitos e de verdade, num determinado campo e em relação a um determinado objeto, no presente que vivemos. Partilhamos da hipótese de Foucault, exposta em sua Aula Inaugural de dezembro de 1970, no Collège de France:

“(…) je suppose que dans toute société la production du discours est à la foi contrôlée, sélectionnée, organisée et redistribuée par un certain nombre de procédures qui ont pour rôle d’en conjurer les pouvoirs et les dangers, d’en maîtriser l’événement aléatoire, d’en esquiver la lourde, la redoutable matérialité” (Foucault, 1971, p.10-11)<sup>107</sup>.

Mesmo que ainda possamos estar subjetivados por toda a longa história de uma formação intelectual, caracterizada pela busca dos sentidos escusos e escondidos das palavras, textos e imagens com que nos defrontamos, importa é o genuíno esforço de romper com essa força que quase nos coage, para inaugurar para nós mesmos um modo distinto de nos posicionarmos diante dos problemas do presente – de modo particular aqueles que falam das

---

<sup>107</sup> “Eu suponho que, em qualquer sociedade, a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída através de um determinado número de procedimentos, cujo papel é esconjurar o discurso de seus poderes e perigos, subjugar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (Trad. minha).

tantas formas de “submissão de nossa subjetividade”. Nos Capítulos 2 e 3, a tarefa proposta foi de realizar uma aproximação teórico-prática com os textos de Foucault, tentar traduzi-los para nós mesmos e imiscuí-los em nossas preocupações de pesquisa. Agora, chegamos ao teste maior: fazer essas afirmações e sugestões de análise da realidade tornarem-se operacionais, tanto quanto isso for possível. Não se verá uma “aplicação” de Foucault, nas análises a seguir. Mas um modo próprio de “trabalhar com” o autor, abrir-se à sua forma precária, inconclusa e criativa de operar sobre os documentos, refazendo os caminhos sempre que necessário e não temendo expor as errâncias.

## SEGUNDA PARTE: ADOLESCENTES NA MÍDIA – A ANÁLISE

# APRESENTAÇÃO

---

“... os enunciados se parecem com os sonhos, e tudo muda, como num caleidoscópio, seguindo o *corpus* considerado e a diagonal que se trace. Mas, por outro lado, (...) tudo é real no enunciado, e nele toda realidade se manifesta” (Deleuze, 1991, p. 29).

As palavras de Deleuze dizem o que aqui se experimenta. Tendo elegido um *corpus*, deixei-me fascinar pelo que vi e ouvi, e movimentei o caleidoscópio de frases, imagens, sons e cores, segundo a diagonal foucaultiana dos dispositivos de poder-saber, das “técnicas de si” e das “relações consigo”. Trata-se de um processo ao mesmo tempo de imaginação e realidade. Operar sobre as coisas ditas é reescrever o que se enuncia em palavras, frases, proposições, imagens, cores e movimentos. É desse lugar concreto que parte a análise aqui feita, a qual contempla diferentes meios de comunicação, em suas variadas modalidades enunciativas. Tal materialidade é organizada segundo um problema assim posto: de que modo a mídia constrói um sujeito adolescente? Que discurso é esse, que textos são esses e que função exercem no conjunto dos focos difusos de poder e resistência, neste final de século e no Brasil?

É exatamente a colocação assim feita do problema que aciona as coisas ditas, de forma a que venham a ser retidas num determinado *corpus*. Explico-me: de um *corpus* inicialmente bruto, ainda não trabalhado (o conjunto de programas de televisão, de revistas e jornais escolhidos), passa-se ao refinamento do *corpus* das formas de “relação consigo”, propostas a meninos e meninas adolescentes pela mídia. Esse *corpus* é feito de palavras, frases e imagens – efetivamente usadas, desenhadas, proferidas, fotografadas, impressas, captadas e editadas eletronicamente – e que são apanhadas de dentro das diferentes modalidades enunciativas (cartas, receitas, respostas, perguntas, depoimentos, testemunhos, entrevistas, reportagens, testes); esse conjunto de textos tem dois grupos de enunciadores: os adolescentes e jovens (meninos e meninas de diferentes camadas sociais), de um lado; e, de outro, os adultos que falam a esse público e sobre ele, a respeito da “experiência de si” necessária nestes tempos – de todas as operações a fazer sobre o próprio corpo, dos modos de cada um conduzir a si mesmo, principalmente sua sexualidade, e das formas de constituir-se como gênero.

A análise enunciativa consistirá em perguntar como a linguagem, isto é, o murmúrio do DIZ-SE “cai” sobre esse *corpus*. Ou seja: trata-se de perguntar como se inscrevem esses ditos na episteme de uma época, nos dispositivos de poder e saber de um universo que envolve os campos discursivos da psicologia, da pedagogia, da medicina, da publicidade e da moda, do jornalismo, do consumo e do mundo do espetáculo. Como sugere Deleuze, é essa operação que permite extrair os enunciados dos discursos, percebendo-os – discursos e enunciados – para além de meras palavras ou coisas.

Todo o esforço que se fará aqui tem como meta a descrição dos enunciados da mídia sobre os jovens e adolescentes. Palavras e frases vão sendo “abertas” a cada página da revista *Capricho*, a cada cena do seriado de TV *Confissões de Adolescente*, a cada entrevista publicada em *Folhateen*, a cada debate veiculado no *Programa Livre*. Cada um dos quatro capítulos, a seguir, tratará de um produto específico. E a cada análise corresponde uma retomada de questões teóricas fundamentais, que situam o modo de olhar escolhido. Todas essas reincidências conceituais, na verdade, aplicam-se às quatro análises, mas aparecem isoladamente na abertura de cada capítulo, segundo sua relevância para a descrição dos discursos em questão.

Assim, no Capítulo 4 – “Imagens de uma confiança pública”, sobre *Confissões de Adolescente* –, acentuo o conceito de “relações consigo”, de “experiência” e de “técnicas de si”, além de situar as condições de emergência dessa discursividade em torno da figura adolescente; no Capítulo 5 – “O debate de si mesmo”, a respeito do *Programa Livre* –, enfatizo a questão do “governo de si” em articulação com o “governo do e pelo outro”; no Capítulo 6 – “O imperativo da beleza feminina”, com a análise da revista *Capricho* –, chamo a atenção para o conceito de corpo em Foucault e o lugar que ele assume na cultura contemporânea; finalmente, no Capítulo 7 – “Uma geração é notícia”, sobre o encarte *Folhateen* –, reitero a importância de remeter as coisas ditas à sua condição de efeito e positividade das relações de poder.

Importa também registrar que – embora todo o esforço em desenhar mapas semelhantes entre si, justamente pelo modo escolhido de movimentar o caleidoscópio – cada capítulo é único: isso é dado pela materialidade radical de cada tipo de texto. *Confissões de Adolescente* terá a ternura desarmada da menina confidente, o que não se confunde com a agitação, o desfile de celebridades e os debates curiosos do *Programa Livre*; da mesma forma, considerando os materiais impressos, o colorido das páginas de *Capricho*, com a respectiva profusão de belos rostos, corpos e vestimentas, não se mistura às páginas “sérias” do jornal *Folhateen*. Trata-se, na verdade, de meios completamente distintos. Sua materialidade fala por si mesma. Mas, se a escritura das análises necessariamente traduz as diferenças, revela, ao mesmo tempo, que a diversidade de textos é também a multiplicação e a reduplicação de um discurso.

# IMAGENS DE UMA CONFIDÊNCIA PÚBLICA

## I – ADOLESCENTE E MULHER: A EMERGÊNCIA DE UM DISCURSO

“Tanto a ternura mais desarmada quanto os mais sangrentos poderes têm necessidade de confissões. O homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente” (Foucault, 1990, p. 59).

*DIANA – Imaginar que os seus segredos mais secretos caíram nas mãos de um desconhecido, acho pior que morrer. Acho mesmo<sup>108</sup>.*

Originariamente, agendas e diários de adolescentes caracterizam-se pelo registro de confidências, anotações de uma vida, ou melhor, de um certo tempo de vida, em toda a sua “desarmada ternura”. Escreve-se com sofreguidão, limpidez de alma e a certeza de que tudo deve ser dito, como se algo estivesse prestes a desaparecer e fosse absolutamente urgente prender esses fragmentos pela palavra escrita, fazê-los sagrados e secretos documentos de um tempo de mutação. Pois esse ato reservado, quiçá fechado a chave, depósito de todos os pavores e de todas as emoções, felizes ou desesperançadas que sejam, tornou-se, neste final de século, o modelo de uma série infinda de modalidades enunciativas, em praticamente todos os meios de comunicação<sup>109</sup>.

Ampliando um espaço já consagrado de produtos – revistas, programas de TV e rádio, biografias – que exploram ao máximo a vida íntima das celebridades, os meios de comunicação descobrem que a privacidade das chamadas pessoas comuns também vende, tem

---

<sup>108</sup> Texto da personagem de Maria Marina, num dos depoimentos de abertura do episódio “Tragédia”, em que a personagem Natália perde a agenda (ou diário) num banco de ônibus.

<sup>109</sup> Só para citar alguns exemplos nacionais, lembro programas de TV, como *Jô Soares Onze e Meia* (SBT), *Programa Sílvia Poppovic* (Rede Bandeirantes); seções de jornais como “Saia Justa”, do Caderno “Cotidiano” (*Folha de S.Paulo*), ou o Caderno “Donna” (*Zero Hora*); e a gama enorme de revistas como *Caras* e todas as publicações classificadas como “revistas femininas” – *Desfile, Nova, Pais & Filhos, Elle, Cláudia*, entre tantas outras. Em todos esses casos, sucede que, de uma maneira crescente, o tom dos artigos, reportagens e entrevistas tem-se caracterizado por buscar, de todas as formas, a revelação da experiência pessoal, principalmente em relação às vivências sexuais e amorosas, ou aos modos particulares de tratar do próprio corpo e do aperfeiçoamento espiritual.



uma impressionante acolhida pelos mais diferentes públicos. No caso de uma tragédia, por exemplo, não importa só saber como um carro de Fórmula I se choca contra o muro da pista ou como um avião explode batendo contra a montanha<sup>110</sup>, matando pilotos ou astros da música popular; importa bem mais captar os rostos dos familiares, dos amantes, dos fãs, especialmente quando esses olhos e esses lábios revelam a mais acabada dor; ou então reproduzir ao infinito a voz, o corpo e o olhar daqueles que desapareceram, atestando uma vez mais, muitas vezes mais, a perplexidade humana diante da morte. Não importa se amanhã já não se fale desses ídolos, nem que se saiba, ou pelo menos se intua, que as câmeras de TV serão irremediavelmente incapazes de invadir a profundidade do sofrimento humano. O cotidiano das redações de revistas, jornais, programas de televisão tem sido buscar, de todas as formas possíveis, a revelação do que há de mais prosaico na existência humana, passando, também e principalmente, pelas verdades mais escondidas da experiência sexual e amorosa, e de todas as formas de tratar do próprio corpo e de atingir o aperfeiçoamento espiritual. A obsessão é permanecer na busca ininterrupta da exposição do privado: há que se mostrar tudo, há que se dizer tudo, mesmo que jamais essa totalidade se disponha a ser inteiramente pública.

Portanto, diante da tendência contemporânea de proliferação de diferentes “cultos do eu” – analisada brilhantemente na obra *A cultura do narcisismo*, por Christopher Lasch<sup>111</sup> –, não se teria dado por acaso a multiplicação do diário da atriz carioca Maria Mariana, de que falamos no Capítulo 1. Transmudado em peça de teatro, em livro, audiolivro, seriado de televisão, vídeo e disco, o diário, também não por acaso, recebeu o título de *Confissões de Adolescente*. No diário original, a menina declara sua adolescência, reconhece-se na condição e na fragilidade de quem vive todos os rituais de passagem para a vida adulta, mas sobretudo confia – deposita sem reservas o segredo de um corpo em transformação, de um desejo agudo de prazer, de uma turbulência sem limites, na qual se confundem infantilidades, dependências, ânsias de libertação, indefinições de papéis a desempenhar, desconfianças, arrojos, curiosidades, experimentações perigosas, autoritarismos, ganas de afirmação.

Que condições teriam-se reunido, nos anos 90, para que esse diário íntimo pudesse emergir como coisa que “precisava” tornar-se pública? Como entender que, tendo aberto a

---

<sup>110</sup> Faço referência aqui a duas tragédias que recentemente abalaram o Brasil, envolvendo pessoas famosas: a morte do piloto Ayrton Senna, em maio de 1994 e o acidente que vitimou o grupo musical Mamonas Assassinas, em março de 1996.

<sup>111</sup> O título completo do livro é *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperança em declínio* (V.Biblio.). Nele, o conhecido crítico social, morto recentemente (1995), faz uma análise impiedosa da sociedade americana dos anos 70, que se perde em novos cultos narcísicos: do corpo perfeito, da negação do futuro, da morte e do envelhecimento, de um pseudo-conhecimento e de um pseudo-aperfeiçoamento interior, da medicalização do corpo e da alma, da promiscuidade sexual, da confusão entre o público e o privado, da extrema valorização de um novo fenômeno – o fenômeno da “publicidade”. No Brasil, alguns estudiosos, especialmente do campo da psicanálise – como Contardo Calligaris e Jurandir Freire Costa –, também têm-se dedicado ao tratamento de temas semelhantes da cultura contemporânea, em que sobressai uma crítica a esse comportamento excessivamente voltado para o culto de si mesmo. Veja-se, por exemplo, o livro de Costa, *A ética e o espelho da cultura* (V.Biblio.)

milhares de pessoas as portas da sua privacidade, a atriz Maria Mariana insista em dizer, agora através da ficção na TV, ou mesmo da encenação teatral, que depositar o segredo no desconhecido é “pior que morrer”? Desfazer-se da intimidade, confessando-a publicamente, seria hoje um modo de afirmá-la? Mas como se dá essa prática ou essas práticas através das quais as mulheres, especialmente elas, abrem seu mundo privado? Que saberes se produzem na dinâmica de poder que incita as pessoas a falarem, e qual a dimensão da resistência dos envolvidos nessa trama?

Para além de inquirir sobre as intencionalidades individuais, subjetivas – nem por isso menos concretas – da autora, atriz e filha do diretor de teatro e cinema, Domingos Oliveira, quanto à decisão de transformar seu diário em peça de teatro e em seriado de televisão, importa agora retomar, mesmo que sinteticamente, um conjunto de circunstâncias objetivas, de que tratamos já na Introdução, e que, tudo indica, permitiriam compreender mais amplamente não só esse fenômeno específico do diário, como toda a crescente proliferação de discursos sobre a adolescência, em nossa época. Sem esquecer o debate maior sobre as estratégias de controle das populações, baseadas no que Foucault chamou de bio-poder, vamos destacar três pontos que nos interessam aqui: o fato de que cresce a população jovem nestes anos 90, em comparação à década anterior; a constatação de que o mercado está atento a isso, e de que a ampliação do acesso aos meios de comunicação, sobretudo à televisão, cria um espaço privilegiado para a produção e divulgação de uma identidade jovem associada ao consumo de determinados bens, fato que atinge todas as camadas da sociedade; finalmente, o fato de que essa identidade é relacionada não só ao consumo mas a uma série de valores e modos de existência, em que sobressai a figura da adolescente mulher. Retomemos rapidamente esses três pontos.

Em primeiro lugar, como já vimos, os estudos demográficos do início desta década previam, para o quinquênio 90-95, no Brasil, uma nova “onda jovem”, ou seja, uma descontinuidade na curva populacional, com o alargamento de uma determinada faixa etária, no caso, da faixa adolescente e jovem. O interesse imediato do mercado, em relação a esse fato, é facilmente constatado, através de toda a publicidade em torno da figura dos *teens* e do incremento da produção de bens de todos os tipos para esse público. As pesquisas de mercado, sobretudo desde 1990, como referimos no Capítulo 1, atestam o interesse por essa importante “fatia” de consumidores.

Em segundo lugar, mesmo que toda essa agitação do mercado tenha um alvo muito específico, no caso, os *teens* de classe média, aqueles que podem efetivamente consumir em grande escala, importa ressaltar que o lugar de multiplicação de discursos sobre o adolescente – como ele é, como se veste, fala ou namora; o que come, que música ouve, que sonhos tem – esse lugar passou a ser sobretudo a televisão, além das revistas, jornais e *shopping centers*, e

sem contar todas as práticas institucionais (ou não institucionais) a partir das quais um conjunto de modos de vida se reproduz – a escola, a família, os pontos de encontro jovem, os lugares de lazer. Ora, pesquisas recentes sobre o jovem trabalhador das grandes cidades, seja na Grã-Bretanha ou no Brasil, têm mostrado que se forma, através da mídia, um adolescente típico, “delineado com muita precisão e insistência nos meios de comunicação, sobretudo na televisão” (Madeira, 1992, p. 19). Mesmo que a publicidade contemple o adolescente “médio”, esse discurso atinge uma faixa bem mais ampla e tem uma produtividade efetiva: adolescentes das periferias das grandes cidades, pelo menos em questões de consumo, tendem a desejar – e a obter, pelo trabalho ou outros meios –, os mesmos produtos oferecidos às camadas médias e altas da população. Através dos objetos de consumo, das etiquetas, busca-se também uma identidade para o jovem destes tempos (Idem, p. 20) .

Em terceiro lugar, colocar o adolescente sob as luzes da mídia, não só através da publicidade, mas elegendo-o como personagem e alvo de inúmeros produtos culturais, como as novelas de televisão, os programas de auditório, os seriados, os *shows* musicais, as peças de teatro, as revistas, os encartes de jornal, significa produzir e fazer circular um conjunto de discursos pelos quais se tenta definir o que seria ou deveria ser o adolescente de nossos tempos, quais os problemas que ele enfrenta e que ele mesmo traz para a sociedade, pelo simples fato de “ser adolescente”: questões relativas ao mercado de trabalho, à educação e à formação profissional, à violência, à sexualidade, à reprodução, à nova configuração da família. Ora, a maior parte dessas questões, nas duas últimas décadas, tem sido tratada considerando-se sobretudo a presença da mulher e sua importância como agente social – expondo uma dinâmica de poder muito específica, uma vez que se rompe com a idéia (e a prática) de um sujeito homem constituído como sujeito universal, para concebê-lo em oposição ao sujeito mulher<sup>112</sup>. No caso dos produtos aqui considerados, feitos especialmente para os *teens*, não parece ser diferente: a figura feminina de classe média, como veremos no decorrer da análise, é neles predominantemente contemplada, seja do ponto de vista quantitativo – tendo em vista o número expressivo de personagens femininas nos seriados e novelas, o número de revistas explicitamente destinadas a essa faixa do público jovem (como vimos no Capítulo 1), o número de leitoras que se manifestam através de cartas aos jornais, por exemplo –, seja do ponto de vista qualitativo, dos textos e imagens propriamente ditos, ocupados em definir rostos, modelos de corpo e beleza, comportamentos sexuais e amorosos, concepções de família e de moralidade, cuidados médicos com o corpo, os quais são prioritariamente dirigidos à adolescente mulher.

---

<sup>112</sup> O fato de as mulheres começarem a falar, a partir de suas lutas, “traz em seu bojo um novo campo de forças onde o homem, até então constituído como sujeito universal de direito, passa a se constituir enquanto homem em uma relação de oposição ao sujeito mulher. Portanto, a ruptura do sujeito homem como sujeito universal se dá pela constituição do sujeito mulher enquanto positividade distinta do feminino como determinação biológica” [PINTO, Céli. “Participação (representação?) política da mulher no Brasil: limites e perspectivas”. In: SAFIOTTI, Heleieth e MUÑOZ-VARGAS, Monica (Org.). *Mulher brasileira é assim*. Brasília/UNICEF, 1994, p. 195].

Colocadas essas condições, vejamos de que modo é construído o discurso sobre a adolescência, no seriado de TV *Confissões de Adolescente*. A pergunta maior a fazer diante desse produto é: como se define nele a menina adolescente, em relação à sua identidade de mulher? A seguir, utilizando os conceitos foucaultianos de “relação consigo” e “técnicas de si”, e tornando a pergunta mais operacional, cabe indagar a esse documento: que técnicas e procedimentos são propostos à adolescente como práticas que lhe definem determinado modo de existência, orientam sua conduta, esclarecem-na sobre um determinado sistema de valores em transformação? Talvez seja importante retomar os conceitos acima, conforme foram formulados por Foucault, e explicitar de que modo nos apropriamos deles para efeito do nosso trabalho.

Em *História da sexualidade II – O uso dos prazeres*, o autor define a “relação consigo” como um tipo de relação moral, pela qual o sujeito constitui a si como sujeito moral, ou seja, pela qual “define sua posição em relação ao preceito que respeita, estabelece para si um certo modo de ser que valerá como realização moral dele mesmo; e para tal, age sobre si mesmo, procura conhecer-se, controla-se, põe-se à prova, aperfeiçoa-se, transforma-se” (Foucault, 1990a, p. 28). Ora, para isso, são necessárias as “práticas de si” – todas as atividades e exercícios que se fazem sobre si mesmo e que são sempre diferentes, conforme o sistema de valores, regras de conduta e interdições em questão (Idem, p. 28-29). As “práticas de si” ou “*techniques de soi*” foram definidas nos *Résumés des Cours* como os “procedimentos, presentes em qualquer civilização, e que são propostos ou prescritos aos indivíduos, para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la, em função de um determinado conjunto de fins, e isso graças a relações de auto-domínio sobre si mesmo ou relações de conhecimento de si por si próprio” (Foucault, 1989, p. 134, trad. minha). O estudo histórico dessas práticas, segundo o objetivo perseguido por Foucault, permitiria compreender “de que maneira o indivíduo moderno podia fazer a experiência dele mesmo enquanto sujeito de uma ‘sexualidade’ ” (Foucault, 1990b, p. 11). Estava claro para o filósofo que todas as operações realizadas em função das “relações consigo” tinham estreita ligação com o problema da sexualidade, mas não ficavam apenas nesse campo – diziam respeito a algo mais amplo, isto é, ao reconhecimento de si como sujeito de desejo, de modo a buscar, neste, a própria verdade do seu ser (Idem).

Portanto, estudar as “práticas de si”, na sua descontinuidade histórica, enquanto operações de um determinado tipo de “relação consigo” significa investigar sobre as formas de produzir sujeitos numa determinada cultura, ou seja, sobre modos muito concretos de produzir-se a subjetivação dos indivíduos. Mas essas “relações consigo” não podem ser estudadas isoladamente. Para isso, o conceito foucaultiano de “experiência” é fundamental, já que está referido à “correlação, numa cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” (Idem, p. 10). Dito de outro modo: interessa-me aqui exatamente

descrever como determinado modo de dirigir-se ao adolescente e também de fazê-lo expressar-se, através da mídia, articula e produz saberes, constitui-se como relação de poder e está intimamente ligado a construir modos de subjetivação específicos. De um ponto de vista mais amplo, vou considerar que os documentos da mídia – programas de TV, revistas, jornais – não existem só como fonte de sugestão e discussão de “práticas de si” relativas à vida do adolescente: a própria recepção a eles, pelo público aqui considerado, é mais uma dessas práticas<sup>113</sup>.

No caso específico deste documento, interessa-me primordialmente investigar de que modo, nessa modalidade enunciativa tão especial – um diário íntimo transformado em seriado de televisão –, um tipo fundamental de “técnica de si”, a confissão, é valorizada, incentivada e ampliada, como forma de captar uma audiência e, principalmente, de falar-lhe dos novos modos de ser adolescente e de a menina fazer a “experiência de si”. Assim, para responder às perguntas acima colocadas – sobre que práticas e procedimentos são propostos à adolescente, nos textos e imagens do seriado *Confissões de Adolescente*, no sentido da construção de sua subjetividade –, começamos por separar três grandes áreas da “relação consigo”, identificadas a partir do tratamento dos diferentes temas selecionados pelos autores: a) a relação com o corpo e com a própria intimidade: o primeiro beijo, a primeira menstruação, a perda da virgindade, a primeira paixão, a possibilidade de estar grávida, o cuidado com a agenda, as técnicas de tratamento do corpo, o medo da morte; b) a relação com o Outro: os problemas e as emoções no relacionamento com o pai, com a mãe, com os ídolos e gurus, com a melhor amiga, com as pessoas “diferentes”, com a figura masculina; c) a relação com o mundo e com os limites dados socialmente: a participação na política estudantil, a procura de trabalho, a escolha da profissão, o vestibular, as drogas, a marginalidade, os limites financeiros.

Obviamente, esses três tipos de relações identificadas nos 22 episódios da série não se manifestam isoladamente: cuidar do próprio corpo é também ocupar-se do Outro, é mostrar-se bonita, sentir-se bem, competir com as amigas, conquistar o homem e assim por diante. Mas o que se observa é a opção dos criadores por privilegiar, em cada episódio, um determinado modo de “relação consigo”: seja um modo de ser mais voltado para a própria intimidade, tendo a si mesmo como ponto concreto de partida; ou então um modo de ser estimulado por uma figura externa, um Outro que mobiliza e limita o indivíduo; seja, finalmente, um modo de ser definido por uma relação externa mais ampla, a determinar para a menina uma série de conflitos e buscas. No decorrer da análise vê-se que cada episódio acentua um desses modos

---

<sup>113</sup> Basta lembrar aqui como as meninas adolescentes se relacionam como leitoras da revista *Capricho*: seus textos são fonte de consulta para saber como relacionar-se com os meninos, como cuidar-se durante o período da menstruação, como saber a distinção entre sexo e amor e assim por diante. As cartas enviadas ao *Programa Livre*, sugerindo temas para debate, ou as cartas dos leitores de *Folhateen*, criticando as reportagens ou

de relacionar-se consigo, definindo, no conjunto, um modo feminino de ser adolescente nos anos 90, em que esses três tipos de relação necessariamente se cruzam.

Orientada por esse esquema geral relativo às “relações consigo”, farei a descrição do discurso sobre adolescência, a partir de uma análise dos principais enunciados que se debatem nos textos e imagens de *Confissões de Adolescente*. Essa análise deverá: a) situar as “coisas ditas” (sobre as “relações consigo” e as respectivas “práticas de si”) em campos discursivos, mostrando as lutas, as composições e as complementaridades de diferentes instâncias de poder e saber; b) investigar as posições necessárias aos diversos falantes, para que suas enunciações tenham legitimidade; c) atentar para a radicalidade histórica dos discursos, mostrando as “coisas ditas” naquilo que têm de memória, de irrupção, de descontinuidade ou de transformação; d) indicar o caráter da cena enunciativa básica, no caso, a televisão em canal aberto, em relação com as cenas ficcionais produzidas para o seriado e com as respectivas modalidades enunciativas, através das quais se procura reproduzir uma “realidade” adolescente.

Como se verá, nem sempre cada um desses quatro itens é visto isoladamente, ocorrendo até que um apareça confundido no outro; ao defini-los assim, em separado, queremos assegurar maior objetividade ao tratamento dos dados bem como permitir a cobertura dos principais tópicos da análise enunciativa, conforme a proposta teórica e metodológica assumida. Antes de passar à análise propriamente dita, cabe situar, a seguir, o produto televisivo que aqui constitui-se objeto de estudo.

## II – CONFISSÕES DE ADOLESCENTE NA TV: UM SERIADO PARA A MENINA

O objetivo, neste espaço, é apresentar o seriado de TV – seus personagens principais, a trama básica da narrativa e a estrutura dramática dos episódios –, tecendo alguns comentários a respeito da construção do programa, como um produto televisivo que se distingue da grande maioria dos materiais oferecidos em canal aberto à população. Afinal, a série *Confissões de Adolescente* foi realizada em condições muito especiais: a) o texto-base é transformado em peça de teatro pela própria autora, que participa da criação dos episódios televisivos, não só como redatora mas também como atriz; b) o diretor de elenco e produtor é Daniel Filho, reconhecido diretor de televisão; c) o texto final dos roteiros é de Euclides Marinho, conceituado roteirista de TV; d) a série é rodada em filme, de 16 milímetros, com um esmerado trabalho de fotografia; e) a co-produção envolve a TV Cultura de São Paulo, emissora caracterizada pela boa qualidade de sua programação educativa e cultural,

---

indagando sobre questões da própria sexualidade, são práticas dadas pela própria relação entre emissor e receptor, que se sobrepõem a todo o aparato prescritivo e informacional contido nos textos desses produtos.

especialmente nos últimos cinco anos; f) a participação “afetiva” (como consta nos créditos do programa) de inúmeros atores, do porte de Marieta Severo, Cláudia Jimenez, do próprio Daniel Filho, Pedro Cardoso, Lucélia Santos, Rubem de Falco, Maria Padilha, Thelma Reston, Lília Cabral, entre outros, junto ao elenco básico, liderado por Luís Gustavo (o pai) e Maria Mariana, é mais um fator que contribui para caracterizar o seriado como um produto que foge ao comum das produções televisivas<sup>114</sup>.

Poderíamos dizer que, quanto ao cuidado com a qualidade da produção, *Confissões de Adolescente* se aproxima, embora com pretensões bem mais modestas, de criações como as *Séries Brasileiras* da Rede Globo (“Incidente em Antares”, “Grande Sertão: Veredas”, “O Primo Basílio”, “Anos Rebeldes”, “Anos Dourados”) ou a série *Castelo Rá-Tim-Bum*, da própria TV Cultura de São Paulo, destinada ao público em idade pré-escolar. Do ponto de vista do conteúdo, como vimos no Capítulo 1, tem algumas semelhanças com a primeira produção de TV destinada ao público jovem, *Ciranda, Cirandinha*, da Rede Globo, veiculada entre 1977 e 1978, e com a série norte-americana *Anos Incríveis*, no ar desde 94, também pela TV Cultura: talvez o que marque a distinção principal seja exatamente o fato de que, nestes dois últimos produtos, o jovem (com seus sonhos e perdições) aparece conectado às lutas sociais, políticas e culturais de uma determinada época, no caso, os anos 60, enquanto em *Confissões de Adolescente* o mergulho se faz no mundo restrito das inquietações pessoais – os prosaicos conflitos de uma menina adolescente de classe média carioca dos anos 90. Outra distinção importante a fazer refere-se ao núcleo básico dos personagens: enquanto em *Ciranda, Cirandinha* tratava-se de um grupo de jovens, reunidos independentemente de seus pais e mães, em *Confissões* festeja-se o núcleo familiar, mesmo que adaptado à situação já tornada bastante comum de filhos com pais separados. O fato é que, hoje, um tipo de produção como essa é plenamente aceito, desejado e aplaudido, e tem inclusive seus efeitos multiplicadores: confessar intimidades, especialmente intimidades femininas, passa a ser, no teatro e na televisão, o mote de grande parte das produções, nos últimos tempos<sup>115</sup>.

---

<sup>114</sup> Convém aqui lembrar que *Confissões de Adolescente* ultrapassou os limites do Brasil não só porque, em sua segunda fase, passou a ser filmado também em Paris e Cannes, na França, como também por ter concorrido, em 1995, ao prêmio Emmy, nos Estados Unidos, competindo com produções da BBC e da Channel 4, da Inglaterra.

<sup>115</sup> No rastro da peça *Confissões de Adolescente*, que comemora em 1996 cinco anos de palco, muitos espetáculos semelhantes são montados em todo o Brasil, desde 1994 (conforme vimos no Capítulo 1). Em outubro de 94, o jornal carioca *O Globo* registrava, em comentário da jornalista Manya Millen, que a peça de Maria Mariana influenciava produções dirigidas também ao público infantil: na ocasião, entrava em cartaz, com texto de Lenita Plonczvhecki, a peça “Confissões Infantis” (Segundo Caderno, *O Globo*, 16 out. 1994, p. 14). Em abril de 96, voltou às salas de espetáculo cariocas a produção *Confissões de Mulheres de 30*, igualmente dirigida por Domingos Oliveira, pai de Maria Mariana. Também em cartaz, *As Lobas* e *Continua Tudo Bem* – peças que, em conjunto, pretendem acompanhar a trajetória de mulheres – desde a adolescência até a terceira idade, passando pelas crises dos 30 e dos 40 anos. (Cfe. OLIVEIRA, Roberta. “Tons de rosa-choque”: Caderno B, *Jornal do Brasil*. Rio, 6 abr. 1996, p. 1-2).

Depois de transformar-se em peça de teatro e, ao mesmo tempo, em livro, o diário íntimo de Maria Mariana chegou à televisão<sup>116</sup>, fazendo daqueles registros pessoais a narração de um determinado tempo na vida de uma família de classe média carioca dos anos 90: Paulo, o pai advogado (vivido pelo ator Luís Gustavo), e suas quatro filhas – Diana, de 19 anos (interpretada pela própria Maria Mariana), Bárbara ou Bá, de 17 (Georgiana Góes), Natália, de 16 anos (Daniele Valente) e Maria Carolina ou Carol, de 13 (Deborah Secco). Esse tempo é justamente o tempo da adolescência de Maria Mariana, em todas as suas fases, visíveis aqui ao mesmo tempo, através de cada uma das irmãs de ficção.

No episódio de estréia – “O primeiro beijo” –, Diana encarrega-se de explicar ao público quem é quem na história: Diana e Bárbara são filhas de Paulo com Helena, que um dia resolveu ir embora; Carol é filha de Lúcia, segunda mulher de Paulo, e que morreu; Natália já era filha de Lúcia com seu primeiro marido e passou a fazer parte da família. Nas quatro personagens distribui-se uma adolescência feminina, que engloba várias figuras: a figura maternal, lugar da segurança e da positividade de sentimentos, é representada pela mais velha, Diana, que estuda jornalismo e sonha viver de seus textos; a contestadora, questionadora dos valores da sociedade, agressiva, cheia de dúvidas, é Bárbara, estudante do terceiro ano do Segundo Grau; a bailarina Natália, doce e tímida, sintetiza a adolescência na sua insegurança e em seu radical sentimento de inferioridade; finalmente, Carol (que prefere a companhia dos meninos e adora eletrônica) é a adolescente em sua primeira fase, de quase menina, e representa o questionamento da própria adolescência e feminilidade, tal como isso lhe é imposto pelo pai, pelas irmãs e pela sociedade mais ampla. Paulo, por sua vez, pai liberal e carinhoso, é um cidadão sério e responsável e vive em função das filhas.

Assistindo ao conjunto dos programas, reconstitui-se um pouco da história daquela família: de uma mãe que abandonou as filhas e o marido, de outra mãe que morreu, de um tempo em que pais e filhas ficaram sem ter onde morar, e assim por diante. Mas esses fatos quase desaparecem, para dar lugar apenas ao presente, mostrado como bem menos difícil e doloroso do que o passado. O núcleo dramático ou centro da ação (chamado de *plot* pelos roteiristas de cinema e televisão) – isto é, a “alma” do seriado – baseia-se nos conflitos da adolescente consigo mesmo na construção de sua identidade. A cada episódio, um conflito fornece o mote para a narrativa, estruturada em três partes: a) antes da apresentação, com o título e os créditos, há aproximadamente um minuto de depoimentos, em que alguns personagens, principais ou secundários, falam diretamente para a câmera, situando as várias opiniões possíveis para o problema que será tratado (na apresentação de “A bela e a fera”, Bárbara diz: “*Homem? tem hora que eu detesto, tem hora que eu adoro...*”; Diana – “*A diferença às vezes é bem gostosa*”; Paulo – “*Elas estavam implicando com o chamado gênero*”

---

<sup>116</sup> Segundo dados do IBOPE, *Confissões de Adolescente* atingiu em média 4% de audiência, o que significa aproximadamente 1.400.000 telespectadores (tendo como base seis capitais do País).



*masculino*”); b) segue-se a colocação do conflito propriamente dito (chega Rafael, filho de um amigo de Paulo, para ficar algumas semanas no apartamento com as meninas: o rapaz, com seus hábitos e maneiras de ser – não toma banho, seu tênis cheira mal, lê revistas pornográficas, etc. – desestabiliza o mundo feminino); c) depois do intervalo comercial, o início da terceira parte prepara o desfecho da trama; o conflito é resolvido e, bem ao final, na última cena, uma imagem, uma frase ou uma ação deixam a “mensagem” do dia sobre o tema tratado (Diana descobre que Rafael sabe fazer dobraduras e que não quer fazer vestibular para Direito, mas ajuda-o a estudar; Carol é cuidada por ele quando se machuca; as meninas ajudam o rapaz a vestir-se e pentear-se no dia da prova, que afinal ele nem faz; o menino volta para sua cidade. Cena final: Diana lembra como Rafael beija bem).

Todas as seqüências são “costuradas” com depoimentos, como aqueles que abrem cada episódio: na verdade, são testemunhos de personagens que podem ou não estar envolvidos na trama. Esse recurso teatral, de falar diretamente para a câmera (isto é, para o telespectador), reafirma o caráter confessional que está na base do seriado e serve como recurso de linguagem, na medida em que não só confere dinamismo à narrativa – já que substitui a encenação de várias ações por um texto que explica, rapidamente, o que aconteceu ou o que acontecerá – como também, em poucas palavras e imagens, apresenta um leque de posicionamentos diferentes a respeito de um dado tema. Muitas vezes, quando há um interesse explicitamente didático, alguns depoimentos são incorporados às cenas dramáticas, como é o caso das falas dos médicos, que adquirem uma importância particular na série, como veremos mais adiante. Algumas dessas intervenções, feitas diretamente para a câmera, registram também depoimentos caricaturais – como o do halterofilista machista, o da coordenadora pedagógica que introjetou as normas da época da repressão militar ou o da feminista estereotipada que se manifesta contra a exploração do corpo das mulheres pela mídia e pela publicidade.

O formato do programa<sup>117</sup> – em que é feita uma mistura equilibrada da linguagem teatral (falas dirigidas diretamente ao espectador), de todo o aparato narrativo de TV (como o tipo de cortes, o uso dos primeiros planos) e dos recursos da linguagem de cinema (especialmente a fotografia) – permite que cada episódio lembre o próprio diário original, uma vez que os depoimentos, especialmente os de Diana, funcionam como fio condutor da trama, como se ela estivesse lendo passagens reais da primeira escritura do texto. Diferentemente do personagem Kevin Arnold, de *Anos Incríveis*, que narra em *off* suas lembranças, a Diana de Maria Mariana, ao lado de tantos outros personagens, testemunha fatos, opiniões e sentimentos, falando com o olho na câmera: a função desse recurso é não só fazer uma

---

<sup>117</sup> Antes da exibição do episódio nº 1, a TV Cultura veiculou o programa nº 0 da série, mostrando o seriado em seu *making of*, isto é, como foi feita toda a produção e as filmagens; diretores, roteiristas e cinegrafistas explicam os recursos de linguagem usados, e o espectador pode acompanhar a filmagem de *takes* originais de algumas cenas.

economia de imagens e de cenas, como já vimos, mas sobretudo marcar o privilégio conferido ao ritual da confissão de fatos íntimos, a respeito de um presente muito próximo, sem nostalgias, de modo a estabelecer uma relação de cumplicidade com os espectadores, como se fizesse de cada um em particular um confidente especial.

Nos 22 episódios – cuja duração, no ar, é de aproximadamente 30 minutos, incluindo o intervalo (*break*), o que permite computar de 11 a 13 minutos para cada grande “bloco” –, observa-se a busca de uma qualidade básica: o equilíbrio. Em primeiro lugar, os episódios se distribuem equitativamente quanto à personagem central: a cada um, alternadamente, uma das meninas é o centro da narrativa, marcando bem o problema em relação à idade específica; para equilibrar mais ainda, às vezes é o grupo todo que se envolve com um problema comum, como, por exemplo, “arranjar uma namorada para o papai” ou “obedecer à Lei de Paulo” (fazer economia). Há também uma preocupação bem evidente: mostrar que há várias maneiras de pensar ou mesmo de resolver um problema, que tudo tem “o outro lado” (o menino é agressivo mas pode proteger a menina; há os que acham que a beleza deve ser visível e mostrar-se nas belas formas do corpo, e há os que defendem a “beleza interior”). Nenhum gesto dos personagens, por mais sério ou conseqüente que seja, é inteiramente julgado de uma só forma (a mãe abandonou as filhas Diana e Bárbara e é, portanto, responsável por uma história de rejeição, mas deve ser perdoada; afinal, tinha suas razões).

O conflito, marca registrada das turbulências dos 13, 15 ou 18 anos, é exposto nos episódios também com muito equilíbrio: Paulo não quer deixar que a filha Bárbara viaje com o namorado baterista de uma banda de *rock*, rapaz que ela “mal conhece”, mas acaba cedendo, porque “confia na filha”, que termina desistindo da viagem por descobrir que está sendo explorada pelo namorado machista; a amiga que é modelo, embora tenha “roubado” todos os rapazes do grupo, apaixona-se mesmo pelo garoto mais tímido e desajeitado da turma; embora submetidas a todas as torturas de um regime, para “ficarem em forma”, as adolescentes Diana e Bárbara decidem aproveitar a vida e largar os cuidados exagerados. Aliás, os excessos, de qualquer tipo, são descartados, de modo que predomine a opção por uma vida harmônica, perfeitamente equilibrada. Nesse sentido, pode-se dizer que a intencionalidade referida acima, de mostrar todos os “lados” de cada conflito, todas as posições, por mais díspares que sejam, funciona mais como um meio de situar os temas num leque relativamente amplo de enfoques, do que efetivamente de demonstrar respeito por cada uma dessas opções. O que prevalece mesmo é um posicionamento que, em geral, elimina os demais, através do recurso à ironia e à caricatura, promovendo a desvalorização de certas práticas. O episódio sobre esoterismo e práticas espirituais (“O guru”) é exemplar, nesse sentido: práticas “alternativas” de aperfeiçoamento pessoal, como a meditação do tipo oriental, são ironicamente criticadas. Da mesma forma, caricaturas de coordenadoras pedagógicas, professores e intelectuais feministas

servem para definir uma escolha, relacionada ao modo de conceber e de educar a mulher adolescente, como veremos no decorrer da análise.

Os episódios que fogem – mesmo que não totalmente – à regra geral de plena harmonização são justamente os que envolvem a relação com a mãe ausente: assim, embora a mãe de Bárbara e Diana (Helena, interpretada pela atriz Marieta Severo) tenha sido perdoada, seu retorno inesperado, no episódio “Mamãe Noel”, provoca dor e revolta em Bárbara. O espectador é apresentado com uma das seqüências mais comoventes do seriado: num crescendo, a ação se desenvolve a partir da cobrança que a filha vai fazendo à mãe, em virtude de sua partida há muitos anos, até o clímax, numa noite de Natal, quando a menina se embebeda, agride a todos e, finalmente, é cuidada pela mãe, adormecendo como um bebê em seus braços, ao som de um acalanto de Schubert. A mãe vai outra vez embora, e às meninas resta festejar um “pós-Natal” com o pai, saboreando rabanadas cuja receita ele aprendeu com a ex-mulher Helena. O mesmo sucede no episódio “Liberdade Tem Limite”, centrado na pequena Carol, que vive um período de sérias dificuldades – bem na época do Dia das Mães, ela vai mal na escola, está agressiva e comete todo o tipo de transgressões, como furtar pequenos objetos em lojas, passar as noites pela rua grafitando muros, tomar uma bebedeira. Paulo já não sabe o que fazer, até que Diana chama a atenção do pai: talvez a irmã esteja precisando de limites e de carinho (“*Às vezes liberdade demais parece falta de afeto*”, diz a equilibrada e maternal Diana). No epílogo, depois de passar mal, Carol é acarinhada pelo pai, e os dois conversam sobre a mãe dela, que morreu (“*Às vezes sinto tanta falta, não sei do quê*”.– “*Vai ver que é falta de uma mãe. Se eu pudesse, ia buscar lá no céu sua mãe para você*” – “*Fala da minha mãe*” – “*Ela era suave, calma. Era bonita, parecida com você*”).

O tom compreensivo, equilibrado e harmônico é dado pelas falas, sobretudo as de Diana e Paulo. Herdeiros da prática psicanalítica e de todo um conjunto de práticas de “abertura da alma”, os personagens de *Confissões de Adolescente* falam, falam e interpretam a si mesmos, mostrando acreditar que nos curamos basicamente pela palavra, pela ampla e irrestrita confissão de nós mesmos ao outro. Curiosamente, os personagens profissionalmente ligados a esse papel – psicólogos, pedagogos, orientadores educacionais – são todos ridicularizados, de tal forma que essa função apareça concentrada no espaço restrito da família. A crítica se faz pela caracterização estereotipada desses personagens – a professora de Matemática e supervisora da escola (vvida pela atriz Analu Prestes), por exemplo, usa sutiãs pontudos e forrados de espuma e vive suspendendo os alunos, repetindo sempre que “*aluno é pra estudar*”. Já a coordenadora pedagógica, Dona Marluce (Cristina Pereira), tem um texto e uma *performance* que, sem sutilezas mas com muito humor crítico, escrevem o vazio de uma verborrêia psico-pedagógica. Com uma parte do cabelo cobrindo todo o lado direito do rosto, gesticulando exageradamente com as mãos e com um olhar assustado que incorpora a própria

dúvida em relação ao que ela mesmo está dizendo, a personagem da atriz Cristina Pereira “interpreta” o momento difícil vivido por Carol, em “Liberdade tem Limite”:

*D. MARLUCE (Coordenadora Pedagógica, falando para a câmera) – Me parece que Carol anda passando por uma crise de identidade, fundamental. É como o pêndulo de um relógio, entende? Acontece que com isso sua auto-estima fica em níveis abaixo da média, entende, o que faz com que se ache burra, ou feia, ou sem valor, percebe? Como resultado, acreditando que não tem mesmo valor, ela começa um processo também de não se valorizar perante o grupo, entende? (expressão de não entender a si mesma).*

O pedagógico, a rigor, é reservado ao pai, à irmã mais velha e, a julgar pela estrutura de cada episódio, pode-se dizer que também ao próprio meio, no caso, à televisão: a cena final de cada narrativa contém sempre uma “mensagem”, em geral explicitamente de caráter educativo<sup>118</sup>. No episódio “Liberdade Tem Limite”, depois de ter contestado e burlado todas as regras, e após a delicada conversa com o pai, Carol não só aceita com um sorriso agradecido o castigo imposto pelo pai, como se retrata falando para a câmera: “*Que coisa mais idiota ficar pichando. Uma necessidade de afirmação ridícula. Foi bom ter falado com meu pai...*”. Intencionalmente ou não, nenhum professor ou coordenador pedagógico é caracterizado como “positivo” na educação dos adolescentes; esse lugar é explicitamente ocupado por outros personagens educadores: de um lado, os psicólogos, psicanalistas e médicos; de outro, a família, que retorna com força como o lugar primordial da formação dos mais jovens. O que se sublinha, portanto, é o papel da família como o lugar de aprender modos corretos de agir; mas este seu papel não se cumpre sem a ação daqueles peritos: as orientações médicas devem sempre estar à mão. Ao mesmo tempo, considerando a função que o seriado atribui a si mesmo, no modo como fala ao espectador, afirma-se mais do que isso: além da família e dos peritos, há um outro importante lugar de ensinar e aprender – a mídia, principalmente a televisão.

*Confissões de Adolescente* defende suas pequenas teses, a cada episódio. Porém, como vimos acima na caracterização do seriado, trata-se aqui de um tipo especial de produção televisiva, em que a busca de um tipo de perfeição para os modos de vida, de relacionar-se consigo mesmo e com o mundo, privilegia a virtude do meio-termo, da ausência de qualquer radicalismo, do relativo respeito aos diferentes, fazendo emergir um discurso do “politicamente correto”, de uma virtude e de uma verdade médias, em que cabem alguns excessos ou desvios, apenas como momentos de aprendizagem para a retomada do bem-viver, no sentido de tornar harmônica a passagem desse tempo chamado entre nós “adolescente”. A sensação que se tem pode ser traduzida pela imagem de um animal domado: os episódios cercam essa fera, esse problema chamado ‘adolescência’, dão nome aos conflitos que lhe são

---

<sup>118</sup> Segundo Maria Mariana, essa teria sido uma exigência da própria TV Cultura, parceira na produção do seriado.

próprios, situam-nos em seus vários acontecimentos e depois os desfazem em causas e efeitos, em prós e contras, amarrando-os através de um didatismo notável sempre pontuado pelo bom senso.

Afirmar a possibilidade de ultrapassar, em família, todos os problemas comuns a uma adolescente, através do carinho e do diálogo – essa é uma das teses do seriado, explicitada inclusive pela autora do texto original, bem como pelos diretores e produtores. Esse é o discurso do senso comum, repetido pela mídia, quando coloca no ar reportagens, seriados ou novelas tratando do mundo jovem. É também o discurso das instituições educacionais, quando convocam pais e mestres para discutir desempenho escolar, sexo, drogas e AIDS. Ora, a nós aqui importa reconstruir os discursos que se cruzam, num produto como *Confissões*, ao exporem, desse modo e não de outro, uma determinada forma de ser adolescente mulher e de classe média. Nessa reconstrução, vamos ater-nos não a considerações valorativas sobre a importância social e educativa da criação e veiculação da série – certamente um fato a reconhecer como extremamente positivo, ainda mais se considerarmos que peça teatral, livro e programa de TV discutem abertamente tabus sociais como o aborto, o uso de drogas e a perda da virgindade –, mas sim à descrição de como é construído esse discurso.

Embora de certa forma já tenhamos iniciado esse trabalho, na apresentação do seriado, a análise propriamente dita passa a ser feita a seguir. Para tanto, vamos partir do esquema exposto anteriormente, relativo às formas de “relação consigo” (relação com o corpo, relação com o Outro e relação com o mundo), a partir do qual serão agrupados os episódios; para proceder à análise, a idéia-mestra é a da multiplicação dos sujeitos e dos próprios enunciados, conforme já referimos (pela descrição dos vários campos de poder e saber, das posições dos falantes, da descontinuidade das coisas ditas e da variedade de modalidades enunciativas em jogo)<sup>119</sup>. A análise apresenta-se em duas fases distintas: primeiro, os textos e imagens de *Confissões* são estudados amplamente, com a preocupação de oferecer um quadro detalhado e exaustivo dos elementos que estão na base dos principais enunciados de uma discursividade da mídia sobre a adolescência; depois, na seção intitulada “Coisas Ditas”, esses elementos são reunidos e organizados, de modo a sintetizar a análise feita, segundo o roteiro acima explicitado.

---

<sup>119</sup> Conforme explicitado anteriormente, no item “*Confissões de Adolescente na TV: um seriado para a menina*”.

### III – ROTEIRO PARA O “EXERCÍCIO DE SI”

#### A.– Sobre a relação com o corpo e a própria intimidade

##### 1. *De menina a mulher: no corpo, todas as transformações*

O episódio “Uma mulher moderna” – sobre a primeira menstruação de Carol, a mais nova das irmãs – é de uma síntese primorosa. O texto estabelece uma ligação direta e indissociável entre corpo, sexo e gênero, começando pela discussão básica da relação de poder entre homens e mulheres. Considerando, com Foucault, que o corpo é essa superfície sobre a qual se inscrevem historicamente os acontecimentos, esse lugar de dissociação e dispersão do sujeito, temos aqui um excelente exemplo de como essa inscrição se faz, também e principalmente, a partir do posicionamento desse corpo não-essencial em relação às diferenças de sexo e de gênero. Vejamos. Na seqüência inicial dos testemunhos, as falas são editadas alternadamente com *takes* de um jogo de futebol, com os respectivos exercícios físicos de preparação, do qual participa um grupo de meninos e apenas uma menina: Carol. Nos depoimentos, é colocado o problema que será tratado no episódio: como deixar de ser uma menininha e tornar-se uma mulher. Entre chutes, dribles, exercícios abdominais, gritos e suores, registra-se a grande questão de como constituir o “feminino”.

*NATÁLIA – Se a mulher quer ter o mesmo poder do homem, ela não precisa usar o mesmo método do homem. Eu acho isso a maior burrice.*

*DIANA (de óculos, lendo um pesado livro) – Talvez algumas mulheres precisem de uma porção maior de masculinidade. As Amazonas, por exemplo, elas cortavam o seio esquerdo para manusear melhor o arco e a flecha. O problema é que mais masculinidade significa menos feminilidade.*

*PAULO (o pai) – Sempre me dei melhor com as mulheres do que com os homens. É que nós homens vivemos tentando esconder a nossa fragilidade. Enquanto as mulheres estão muito mais interessadas em descobrir quem elas realmente são. Não sei se é genético ou se é social. Mas o fato é que as mulheres, ao contrário dos homens, não se escondem de si mesmas nem dos outros. São maravilhosas as mulheres!*

*CAROL – Ai, como essas meninas são chatas. Só pensam em vestidinho, fofoca, adesivo da ‘Moranguinho’. Acho que até o cocô dessas ‘Moranguinhos’ é cor-de-rosa. Os meninos são muito mais legais. Não, menina é um saco!*

Confessar toda a vergonha de ter ficado menstruada, ainda mais tendo sido a última da turma, é para Carol o maior tormento. “*Por que isso foi acontecer comigo?*” – pergunta-se a menina. E Diana responde, com a irmã ao colo: “*Isso acontece com todas as mulheres, Carol. Ou já aconteceu ou vai acontecer. Não tem escapatória. É uma coisa tão bonita, é pra comemorar, não pra sofrer*”. Ao mesmo tempo, esse fato novo no corpo de Carol é imediatamente associado à sua condição de mulher: de agora em diante, não pode mais

confundir-se com os meninos. Pode até jogar futebol com eles, mas precisa estar atenta à sua feminilidade: existe toda uma tecnologia que a faz mulher, referida ao modo de vestir-se, de cuidar do corpo, de estar com os homens. Carol resiste: “*Odeio ser ‘catita’, que nem a Natália. Caderno rosa, roupinha rosa...*”. Diana argumenta, docemente, acarinhando a irmã: “*Sabe, Carol, às vezes eu gosto de pensar que nós, mulheres, a gente carrega no nosso corpo a origem do mistério de tudo. Os meninos não, são diferentes, são mais expostos. As mulheres são tão misteriosas*”. Carol continua resistindo: “*Os meninos se divertem muito mais, podem fazer tudo o que quiserem. Menina, não*”. Diana busca o argumento fatal, num texto que inclusive reescreve palavras de Freud sobre “afinal, o que deseja uma mulher?”:

*DIANA – É, talvez os meninos tenham esse tal poder. Mas por que uma mulher quer esse tipo de poder? A gente pode gerar filhos, Carol. Isso já não é o suficiente? Talvez seja por isso, pra compensar esse poder que a mulher não tem, que a natureza deu pro homem esse hormônio que faz ele ficar assim, dominador. Não tem jeito, só muito bem armados eles conseguem ter coragem pra enfrentar o grande mistério que é a mulher.*

Homem *versus* mulher: não por acaso, o programa, desde a abertura, coloca claramente o problema do poder no centro da discussão de uma série de ditos que circulam na sociedade, sobre o que é ser masculino e o que é ser feminino, nestes tempos em que a visibilidade social da mulher é uma conquista efetiva. Que se diz neste episódio? Em que pese toda a ternura com que se fala da e à mulher, e toda a preocupação explicitamente didática da informação de como cuidar da higiene no período menstrual, o fato é que os textos sofisticados e as imagens delicadas reforçam um conjunto de enunciados do senso comum, só que de maneira invertida: ao invés de reafirmar o que a ciência psicanalítica já transformou quase em senso comum, isto é, que a mulher está em falta em relação ao homem e é a partir daí que ela se constitui, diz-se que ela tem o poder de parir, que seu corpo lhe define uma qualidade de mistério, enquanto isso é uma ausência no homem. Esse é seu verdadeiro poder, e por si só justifica que ela discipline o corpo de modo a fazer-se realmente mulher: cuidar dos cabelos, pintar o rosto, fazer as unhas, depilar as pernas, nem que isso doa tanto como chutes, quedas e escoriações de um jogo de futebol. Afinal, uma operação como essa conduz a um resultado gratificante: algum menino pode querer “ficar” com ela na festa. E como aqui se trata de uma mulher “moderna”, a última cena retoma o espaço do campo de futebol, que abre o episódio, com a menina ainda maquiada, de vestido, despindo-se das meias e dos sapatos pretos de salto alto. Junto à goleira, ela defende a bola chutada pelo menino e fala para a câmera: “*Eu sou mulher. Mas uma mulher moderna, ‘tá sabendo?’*”. Outra vez o equilíbrio: não mais as roupas masculinas, o suor e os gritos, mas o vestido *sexy* e o rosto pintado, ainda que tirados os adereços e complementos; também o futebol, mas junto à aceitação tranqüila do papel de sedução e da entrada do homem em sua vida.

Quem enuncia são principalmente as mulheres: Carol resiste e tem a voz daquela que abre as portas para a explicação científica, maternal, amorosa e normalizadora, dada pela fala da irmã mais velha e pelas intervenções, diretamente para a câmera, da psicanalista Sarah Goldenstein (personagem vivida por Débora Bloch). Esta é caracterizada também “amorosamente”, “femininamente”, pela doçura da colocação da voz, pela sonorização feita de um trecho de música clássica, em BG<sup>120</sup>, e por um texto que, em três momentos, “costura” cientificamente o episódio, trazendo desde explicações de ordem antropológica e definições junguianas de sexualidade, até orientação de como os pais podem agir para que a menina construa sua “alma de mulher”:

*SARAH GOLDENSTEIN (psicanalista) – A civilização ocidental transformou a menstruação em sofrimento. Nas sociedades tribais, as mulheres não sofrem dor nem indisposição nesse período, porque elas cultuam a natureza e se subordinam a ela. Mas a civilização ocidental, ao contrário, quer dominar a natureza, e nesse contexto a condição feminina dói e se ressentida.*

*(Idem) – Jung mostrou que cada sexo contém em si elementos do sexo oposto. O lado feminino no homem ele chamou de ‘anima’. O lado masculino na mulher ele chamou de ‘animus’. Pra mulher evoluir, é preciso que ela vença o domínio do ‘animus’ sobre a sua personalidade.*

*(Idem) – Se a mulher quiser dar ao homem o maior dos presentes, ela deve cultivar a feminilidade em sua alma. Eu não estou falando de aparência, mas de alma, alma de mulher. As mães costumam dar esses conselhos para as filhas, mas um pai pode ajudar, se ele conseguir vencer o próprio ciúme e se despedir daquela criancinha que ele viu nascer e dar as boas vindas à mulher que ela se tornou.*

Os homens, a não ser o pai, falam secundariamente no episódio. O grupo de adolescentes do sexo masculino, colocado em oposição à menina e suas angústias em virtude da primeira menstruação, é mostrado caricaturalmente através da imagem do menino lendo revista pornográfica no banheiro – imagem, aliás, que volta em outros episódios. O menino cujo time é derrotado, em virtude da atuação de Carol, é o mesmo que quer “ficar” com ela no final; seu pai aparece num dos depoimentos, preocupado com a possibilidade de o filho ser identificado como homossexual, por ter perdido para uma mulher: “*Tem uma hora que o pai tem que interferir, senão, ó! (gesto de ‘desmunhecar’)*”. Para Paulo, pai das adolescentes, a menstruação da filha é o sinal de que ele está velho, de que vai ficar só, enfim, de que o tempo passa. ‘Orientado’ pela psicanalista (esta fala para a câmera e o público, mas, na sintaxe

---

<sup>120</sup> Abreviatura de *background*, usada em cinema e televisão para designar a sonorização de um filme ou programa de TV, em que se grava uma “música de fundo”, selecionada de acordo com o sentido que se quer dar



televisiva, está falando também para o personagem, que acata, didaticamente, o conselho), Paulo compra um sutiã rendado para Carol, que o recebe, junto com um cartão do pai, veste-o e se admira ao espelho, em cena anterior à de sua transformação no salão de beleza.

O discurso publicitário é homenageado através da reprodução da cena do premiado anúncio de Washington Olivetto – “O primeiro sutiã a gente nunca esquece” –, e compõe harmonicamente, com o discurso psicanalítico/terapêutico/antropológico, mais o discurso relativo à família, enunciados que serão recorrentes no decorrer de toda a série, sobre a construção de uma identidade feminina. Tais enunciados encerram em si uma luta que se trava entre homens e mulheres, traduzindo resistências e ao mesmo tempo imposições sutis, justificadas cientificamente: “o poder da mulher está no seu corpo, no seu ventre”; “mulher confunde-se com beleza ou com busca de beleza”; “mulher não tem medo de sua fragilidade” são alguns desses ditos, todos construídos em relação a uma idéia de homem ou de masculinidade. A identidade feminina atada ao biológico e ao sexual é afirmada como valor positivo, na medida da conversão de uma suposta fragilidade em força psicológica e mistério, e da afirmação de uma alma feminina para além das aparências, a qual é mostrada de tal forma que praticamente qualquer sacrifício e qualquer dor, propiciados pela submissão às regras de aperfeiçoamento e embelezamento do corpo, são em tese justificados e desejáveis. Modos de aprisionar a alma ao corpo, diria Foucault.

O episódio reúne os elementos básicos de que é feito todo o seriado. Nas outras histórias, a tese geral defendida em “Uma Mulher Moderna” ganha desdobramentos e ricas exemplificações, numa construção narrativa de rigorosa coerência, embora fragmentada em unidades distintas. Quando o tema envolve diretamente o corpo, as polaridades clássicas de matéria e espírito, de dentro e fora, exterior e interior, embora sob uma roupagem moderna, são mais uma vez a tônica das imagens e dos diálogos. Assim, por exemplo, para falar de um dos problemas básicos da adolescência – a relação com a auto-imagem corporal – os autores de *Confissões de Adolescente* optam por um caminho quase óbvio: em “O Verão Está Chegando”, centram a narrativa numa personagem que é modelo de revista – justamente o sonho acalentado por grande parte das adolescentes –, e constroem o texto sobre esse jogo de oposições e complementaridades entre beleza do corpo e perfeição da alma.

A estrutura argumentativa usada para falar do poder da mulher – o homem é livre, faz o que quer, *mas* não pode parir, não sabe conviver com a própria fragilidade, não tem o mistério que a mulher carrega em si – assemelha-se à deste episódio, cujo tema é a beleza da mulher. Aqui, diz-se que a beleza é desejável, que os homens querem as mulheres bonitas, *mas* que isso tudo dá muito trabalho e que se deve buscar a beleza interior. A partir do

espelho, com o olho naquilo que vêem e que supõem ser visto nelas pelo outro<sup>121</sup>, as irmãs dissecam o próprio corpo e apontam o que está errado: Natália detesta as orelhas, Bárbara queria peitos menores e mais altos, Diana queria um cabelo mais cheio e menos fino. Esse é o ponto de partida para falar do suplício do verão: afinal, como mostrar o corpo, senão aplicando-se a exercícios e dietas que supostamente o aproximarão das formas da modelo? Bárbara conclui: “*A gente tem que se cuidar!*”

Com muito humor, o texto passa pelas fantasias masculinas de mitos sexuais, pela inveja das mulheres e pela dependência dos homens em relação às mais bonitas, pela competição entre elas, e apela para as oposições mais simplórias: assim, por exemplo, a modelo se apaixona pelo rapaz menos bonito e mais tímido do grupo, justamente o mais inteligente e que, ainda, adora uma mulher de óculos (a modelo tem vergonha de precisar usá-los). Não mais o mito da loura e burra, mas a morena de cabelos crespos, lindíssima, simpática e inteligente, que adora comer bombons, faz uma espécie de “ginástica transcendental” alternativa e que afirma: ser bonita também “*atrapalha*”, às vezes até “*é muito chato!*”. As seqüências vão pontuando essas pequenas violências do nosso tempo, misturando terapias esotéricas e exercícios transcendentais, técnicas sofisticadas ou naturalistas de modelar o corpo, aprendidas em revistas femininas, e assim transformam um discurso construído de maniqueísmos, os quais na verdade não desaparecem de todo: os atributos de simpatia e inteligência, privilégio das “feias”, agora associam-se ao da beleza, e é desse lugar superior que a modelo afirma como todo esse aperfeiçoamento é tão difícil de atingir. Num nível da narrativa diz-se que o casal namora motivado pelas qualidades espirituais dos dois; noutra nível, toda a discussão centra-se no corpo e nos modos de fazê-lo mais belo, pautados pelas técnicas que constroem as *top models*. “*Manter a forma é uma luta*”, diz o texto, na voz irônica e brincalhona de Bárbara, que almoça uma mistura dietética com gosto de nada (“*Até parece massa de parede*”, fala Carol). Afinal, que sobraria para as feias ou mesmo para as não tão lindas? Natália, exercitando-se em suas aulas de balé, responde: “*a beleza não vem de fora não, ela só aparece quando a pessoa ‘tá em paz por dentro*”. Diana aprende e abandona as dietas; na última cena, sob uma iluminação especial, destacando seus olhos claros e o maiô azul, a câmera capta-a, linda, indo para a praia, olhar e ser olhada.

O seriado traz a divisão de que somos feitos na civilização ocidental, por mais que se teorize sobre a complexidade dialética das relações: as práticas de cuidar de si mesmo e operar sobre si parecem jamais desvencilhar-se dessa cisão entre o dentro e o fora. Devemos incessantemente concentrar-nos em nós mesmos, especialmente as mulheres, e buscar as regras de como atingir um belo corpo; mas, ao mesmo tempo, devemos afirmar que nossa verdade é de outra ordem, que a verdadeira saúde e a verdadeira beleza estão na alma, ainda

---

<sup>121</sup> A psicanalista François Dolto, especialista em adolescência, diz que nessa idade os meninos e meninas aprisionam-se ao espelho, “al reflejo inerte devuelto por el cristal, al reflejo viviente que uno intenta ller en los

que cotidianamente sejamos incitados a querer, de fato, a perfeição externa, até porque ela é mais festejada, mais valorizada e mais bem remunerada. Faz parte da constituição de si mesmo a afirmação pública de que se deseja prioritariamente aperfeiçoar o interno, desde que haja um trabalho árduo sobre o corpo, em direção às formas perfeitas. Já não nos envergonhamos de confessar nosso medo do envelhecimento, da morte, do peso em excesso: mas há que sublinhar a juventude da alma, a beleza do espírito, que devem acompanhar, mesmo que só como palavra, toda a tecnologia das dietas e exercícios físicos. Estes, por sua vez, podem existir também mais na sua condição de palavra de ordem, de “coisa de que não podemos deixar de falar ou que não podemos deixar de experimentar”, do que propriamente como práticas efetivas e duradouras em nossas vidas. A frase de Bárbara – “*A gente tem que se cuidar!*” – brinca exatamente com esse “diz-se” de nossos dias, o qual nos amarra a nós mesmos, de um modo inelutável: ou fazemos os exercícios ensinados todos os dias nas revistas e na televisão, ou não os fazemos, e nos sentimos em falta, como se devêssemos a nós mesmos e à sociedade o fato de não nos “cuidarmos”.

“*E se ele me achar feia?*” – essa é justamente a pergunta que Natália se faz, em “O Primeiro Beijo”, ao imaginar a possibilidade de encontrar o menino para quem liga há dois meses sem se identificar. Do outro lado da linha, o colega de Marcelo alerta o amigo: “*E se ela for um tremendo ‘dragão’?*”. Em questão, mais uma vez, além da urgência em vencer um atraso (Natália tem 16 anos e ainda não deu “beijo de língua”), a beleza física da mulher, associada à conquista amorosa. Ao mesmo tempo que a menina aprende com a irmã menor a teoria e as técnicas de como beijar, para não deixar transparecer que “nunca beijou” – aliás, é de uma extrema delicadeza a cena em que Natália beija a própria boca no espelho –, e começa a cuidar de sua aparência, inclusive maquiando-se, o menino é incentivado pelo amigo a desenvolver suas qualidades internas de macho – ser mais ‘durão’, ‘grosso’ –, até que, no encontro, ambos revelam que aquele era o primeiro beijo dele e dela. Para chegar a esse desenlace, em que o menino é finalmente desprendido dos preconceitos – Marcelo até consegue declarar para a câmera sua emoção: “*Meu coração disparou*” –, o roteiro constrói-se sobre elementos que sutilmente reforçam a naturalização da inferioridade da mulher, expondo, por exemplo, o que toda menina se pergunta: “*E se ele me achar feia?*”. Para ela, a referência principal ao físico e a uma sexualidade que às vezes deve ser negada (“*É legal se fazer de difícil*”, aconselha a amiga de Natália); para ele, a cobrança da firmeza de caráter (“*Afinal, você é um homem ou um rato?*”, pergunta o amigo de Marcelo).

O jogo entre o prazer e a emoção, associado a uma verdadeira ‘tecnologia’ de como ultrapassar as “primeiras vezes”, é descrito no seriado com uma riqueza de detalhes que expõe

as mínimas experiências vividas pelos personagens – e por milhares de jovens desse País<sup>122</sup> –, sem esconder a pretensão explicitamente didática de indicar caminhos a possíveis espectadoras adolescentes. Tudo indica que Maria Mariana olhou para si mesma e procurou aquelas vivências mais verdadeiras, mais despojadas de impedimentos de linguagem ou de censura, conseguindo assim a adesão do público, a ponto de este poder declarar: “É bem assim que acontece comigo”<sup>123</sup>. No episódio “Essa Tal de Virgindade”, talvez um dos mais exemplares nesse sentido, meninas de classe média podem identificar-se a cada seqüência: desde a abertura, com Diana e o namorado (vivido por Galli, o marido de Maria Mariana) tendo a primeira relação sexual, até a cômica cena no motel (Diana e Bárbara estão juntas, com os namorados, no dia em que Bárbara resolveu deixar de ser virgem), mas principalmente com a narração da experiência de Natália que, virgem, deseja ‘transar’ mas tem medo de ser chamada de ‘galinha’.

Deixar de ser virgem mesmo, na narrativa, é um fato que fica em *flash back*, na memória revisitada de uma experiência, a partir do recurso aos testemunhos de Diana e Bárbara. Diana abre o episódio com o namorado, na cena de sua “primeira vez”, e depois conta a sensação vivida: “*Graças a Deus acabou. Perdi. Perdi. Perdi. Agora já não era mais. Que sensação de leveza, agora eu já era uma mulher. Eu levantei, botei a calcinha e fui me olhar no espelho. ‘Tava tudo igual’*”. A tranqüilidade de Diana opõe-se à confusão e insegurança de Bárbara: seu grande problema era a culpa em relação ao pai (“*Ele sempre dizia que tinha a maior confiança em mim, que eu nunca ia fazer besteira*”), a ponto de enxergar sua imagem em todos os cantos do motel; desesperada, liga para o quarto da irmã e pergunta sobre “aquele texto do Freud” (“*Para crescer, tem que matar o pai dentro da gente*”, responde Diana, na cama com o namorado).

Para falar em perda da virgindade, portanto, o cuidado é grande: deixa-se a experiência mesmo às irmãs mais velhas, que a narram no passado; ao presente e à personagem central, Natália, é reservado o texto do desejo, que se mistura a muitas dúvidas e à inquietação maior quanto a “*o que vão pensar de mim*” – sentimento visivelmente atrelado a enunciados clássicos sobre a sexualidade feminina, segundo os quais o prazer da mulher teria algo de perverso, ou seja, “mulher decente não tem desejo”<sup>124</sup>. Com essa estratégia de narrativa, pode-

---

<sup>122</sup> A enorme receptividade da peça de Maria Mariana, por todo o Brasil, deve-se, segundo a autora, à profunda identificação do público com uma narração que reproduz, quase sem diferença alguma, as vivências e emoções experimentadas de Norte a Sul pelas adolescentes de classe média.

<sup>123</sup> Conforme depoimento de do público que aplaudiu, por todo o Brasil, o texto e o desempenho das atrizes, registrado em entrevistas e reportagens de revistas, jornais e televisão, como vimos no Capítulo 1. Eu mesma tive oportunidade de ouvir esse tipo de afirmação ao assistir ao espetáculo e ao acompanhar, com grupos de adolescentes, o seriado pela TV.

<sup>124</sup> Para a estudiosa feminista Lucy Bland, essa afirmação está assentada na idéia de que a mulher se preencheria com as funções de reprodução e cuidado das crianças; isso não se deve, como afirmou Foucault, a que seu corpo estivesse “saturado de sexualidade”; deve-se sim às agressivas operações que historicamente se fizeram sobre o sistema reprodutivo das mulheres (*Apud* MCNAY, Lois. “Power, body and experience”. In: *Foucault and feminism: power, gender and the self*, Cambridge, 1994, p. 31).

se investir no que interessa: ocupar o espaço com a informação educativa da necessária consulta ao ginecologista, da importância do uso da camisinha, e especialmente da afirmação de um “dito” dos adolescentes dos anos 90, que se reproduz na mídia – a busca do “momento certo” para deixar de ser virgem. No episódio, Natália conhece um menino (‘Dico’), apaixonam-se e ela deseja ‘transar’, mas ele está de passagem pela cidade. Como resolver o conflito de desejar e de temer o julgamento do outro? “*Amor não tem hora*” – esclarece Diana. “*Mas eu não sei se é amor...*”, responde Natália.

O romantismo da frase de Diana convive com sua decidida objetividade: levar a irmã ao médico é algo que não se discute. Interpretado pelo ator Rubem de Falco, o ginecologista é o homem a esclarecer à menina todas as dúvidas sobre anticoncepcionais, tabelinhas, tempo fértil, AIDS, doenças sexualmente transmissíveis; no tempo do sexo seguro, ele insiste: “*E mesmo com a pílula, eu aconselho o uso da camisinha*”. O outro homem que fala é, obviamente, o pai, duplamente presente no episódio: sua imagem povoa os fantasmas de Bárbara, ao mesmo tempo que seu texto, com Natália, é o do pai ideal, em que pese quase pedir desculpas por interferir na intimidade das filhas: “*Não estou aqui para reprimir ninguém (...) Mas posso orientar, pedir que se protejam. Não deixem de usar camisinha, pelo amor de Deus! Não é carece, é uma necessidade. Confesso que acredito demais na cabecinha de vocês, e quero acompanhar de perto esses problemas mais profundos, delicados*”.

Cercado de todos esses cuidados, o desejo de Natália transforma-se em palavras, intenções e até num “plano de ação”: no dia em que está na cama com o ‘Dico’, pede para conversar e diz, de um só fôlego: “*Eu sou virgem. Mas isso não tem problema. Você é o homem da minha vida e eu quero perder minha virgindade com você. Mas você vai embora e eu tenho medo de engravidar, medo da AIDS, medo de tudo, medo de perder você. Pronto. Falei*”. Combinam de ‘transar’ quando ele voltar da viagem (“*Vai ser o momento mais importante da minha vida*”). O programa encerra com um elogio à importância de “falar tudo” e com um elenco de regras para a primeira relação sexual:

*NATÁLIA (falando para a câmera) – A Diana diz que deixar de ser virgem não tem regra. Mas comigo vai ter, sim. Regra nº 1, vai ser com o ‘Dico’; regra nº 2, com camisinha, e tem que ser sem nenhum ‘grilo’; regra nº 3, no momento certo. E esse momento nós vamos decidir juntos. Quem disse que eu não posso controlar o meu destino?*

É clara no episódio a transformação dos enunciados sobre a virgindade feminina, mesmo no tempo da própria geração de Maria Mariana: herdeira de um discurso liberado e ao mesmo tempo romântico, ela ainda repete que “*o amor não tem hora*” ou que “*deixar de ser virgem não tem regra*”, afirmações contestadas pelo mais recente discurso do sexo seguro, controlado, que enuncia agora a busca do “*momento certo*”, multiplicado em outras

expressões como “pessoa certa”, “hora certa”, disseminadas em todas as falas que se referiam à perda da virgindade da mulher, como veremos na análise dos debates no *Programa Livre*, nas páginas de *Folhateen* e da revista *Capricho*. Ninguém sabe definir o que significa esse adjetivo “certo”, “certa”, mas ele é repetido à exaustão, uma palavra mágica, talvez, a recobrir de um certo romantismo esse pânico insuportável da morte e da obrigatoriedade do preservativo e de tantos cuidados. Curiosamente, então, no programa sobre a perda da virgindade, a concentração no problema da segurança faz com que a opção dos autores seja a permanência da menina na sua condição de virgem, como se ainda o tabu nos perseguisse, agora plenamente justificado.

## ***2. Riscos e perdas na construção da identidade***

Assim como, no episódio sobre a primeira relação sexual, a personagem central permanece virgem, na história sobre gravidez e aborto na adolescência – ao contrário do que foi vivido na realidade por Maria Mariana, conforme seu diário e o texto da peça de teatro – também a jovem Diana não engravida e muito menos faz aborto. A grande cena enunciativa da televisão em canal aberto, ainda mais considerando que se trata de uma emissora de caráter educativo e cultural, permite no máximo que o assunto seja discutido – vivido, jamais<sup>125</sup>. Desta forma, a concentração do conflito desloca-se do ato de abortar – cujas conseqüências, de ordem física e psicológica, poderiam trazer complexidade e riqueza à trama narrativa – para o problema da relação com os pais e com o namorado, diante de uma suposta ou real gravidez, estendendo-se para uma ambientação social da questão: a pobreza e a miséria, por exemplo, justificariam o controle da natalidade e inclusive a legalização do aborto.

Dito de outro modo: a dificuldade de tratar desse tema pela televisão, do ponto de vista da adolescência, define uma espécie de perturbação formal na criação do roteiro e na produção do episódio, de tal forma que o espectador sente-se imediatamente frustrado, como se percebesse a hipocrisia da sociedade naquela encenação toda, apesar do texto do médico (o mesmo personagem que aconselha Natália no episódio da virgindade), que insiste exatamente nessa mesma palavra: hipocrisia. De dentro de um hospital público, como pede o roteiro (e não no seu consultório particular), ele afirma para a câmera:

*MÉDICO – Legalizar o aborto? Claro! Milhares de mulheres ainda morrem ou ficam estéreis por causa de abortos clandestinos. Isso é uma hipocrisia. Quando é necessário, filhas, até de juízes, recorrem a determinadas clínicas. Com a medicina avançada do jeito que está isso não faz sentido. Hipocrisia pura.*

---

<sup>125</sup> Em entrevista informal com a autora Maria Mariana, ela confirmou minha suspeita de que esse episódio foi de difícil elaboração. Segundo ela, a TV Cultura de São Paulo teria feito algumas exigências quanto ao roteiro, no sentido de não enfatizar a prática do aborto. O episódio, ao contrário dos demais, não foi reprisado.

Do ponto de vista da estrutura dramática, o episódio dirige a atenção para o personagem Paulo – pai conselheiro até para a amiga das filhas, Renata, que engravidou. Ele fica completamente transtornado diante da suposta gravidez de Diana: com a amiga, ele fala no direito dos pais, “*de saber o que está acontecendo*”; mas com a filha que confessou a verdade, só consegue gritar, chamando-a de “*idiota, débil mental*”. Até o momento da transformação de Paulo (que acaba concordando com o aborto e inclusive marca hora com o ginecologista), a narrativa vai compondo-se de dois pontos básicos: a trajetória da amiga grávida e a exposição de crenças populares sobre o assunto. Renata afirma que vai ter o filho, apoiada por um texto dos mais românticos, digno do tempo das telenovelas (“*Eu amo o Gabriel. E não vou destruir o fruto do nosso amor*”); o namorado assume o filho com ela, num clima tranqüilo e cor-de-rosa (ele vai conseguir um emprego na firma do pai, enquanto a menina fala na maternidade como “*uma coisa linda*” que, como a perda da virgindade de Natália, deve ser vivida no momento certo: “*E eu cheguei no meu momento*”).

Quanto ao segundo aspecto da narrativa – das crenças populares sobre aborto e controle da natalidade –, o programa trai-se num profundo preconceito social: na abertura, o depoimento de Paulo a favor do planejamento familiar é feito na rua, entre crianças pobres pedindo esmola; depois, o testemunho de uma mãe miserável, rodeada de filhos, acrescenta: “*Aborto é pecado. Deus não deixa matar criança. Eu levo uma vida dura, passo fome! Mas tirar filho eu não tiro. Deus que me perdoe!*” O tratamento do tema do aborto desloca-se da discussão de um direito da mulher sobre o próprio corpo, para justificar-se fora, no social – praticamente ausente em todos os demais episódios, nos quais a realidade social brasileira é ignorada. Embora tratado, o aborto permanece tabu, um assunto do qual se fala com medo e que, no decorrer da narrativa, vai como que escapando das mãos, desviando-se por caminhos que misturam romantismo, lugares-comuns, críticas aos preconceitos mais comuns, sempre em favor de um nítida preocupação didática. A rigor, pelas soluções encontradas para o roteiro, as imagens e os textos do episódio acabam por definir claramente a cisão social em que vivemos: para os pobres, o aborto e o controle da natalidade em massa; para “nós”, a informação, o amor, a compreensão e até a gravidez adolescente, se for o caso.

Como já dissemos, o propósito não é proceder a uma análise valorativa do seriado. Sua preocupação educativa, porém, não pode ser desconsiderada: assim, às crenças referidas acima, por exemplo, intercalam-se outras, sobre como abortar sem ir ao médico, bem como dúvidas a respeito de como engravidar – desta vez, na voz das adolescentes da turma de Carol; didaticamente, uma a uma essas crendices são desmontadas. Porém, o que importa aqui é antes descrever como tais elementos compõem a narrativa, na condição de acessórios ou de peças fundamentais. Todas as histórias paralelas desse episódio, até o momento do desfecho, com Diana descobrindo que não está grávida, e o médico falando em gravidez psicológica, traduzem o esforço em tratar amplamente do assunto e, ao mesmo tempo, escapar do

problema central, relativo à decisão da mulher sobre o destino de seu corpo. O discurso religioso, colocado na voz da mulher pobre, debate-se nos ditos sobre “*o fruto do nosso amor*”, convivendo, dissimuladamente, com a autoridade do discurso médico, aquele texto que está sempre à mão, e, neste caso, para denunciar a hipocrisia dos abortos clandestinos, ou para justificar um erro de laboratório (afinal, “*errar é humano*”). O impedimento de assumir o aborto conduz a uma reiteração do discurso que ata a mulher ao biológico, a seu destino natural de mãe, revestido das qualidades que há séculos a definem; o depoimento da mãe de Renata é exemplar: “*A maternidade é pura intuição. Intuição e amor. E é nisso que se deve pensar para poder decidir. No seu amor e no que a sua intuição diz*”.

Também a morte, em *Confissões de Adolescente* – tema que diz respeito a qualquer ser humano, mas que na adolescência parece revestir-se de um sentido especial<sup>126</sup>, – recebe um tratamento educativo. Esse tema pode referir-se ao sentimento vivido pela perda de uma prosaica agenda, como literalmente referir-se a uma experiência de limite físico. Em “Por um Triz”, por exemplo, Diana – em crise com tudo, principalmente com o namorado que a trai – acaba acidentando-se gravemente, num momento em que se coloca em xeque sua magnanimidade e irrestrita compreensão diante dos conflitos seus e do mundo. Defrontados com possibilidade da morte, todos expiam suas culpas (Paulo rememora sua raiva no episódio da possível gravidez de Diana), enquanto a “Madre Tereza de Calcutá”, como é chamada por Carol a irmã mais velha, não perde a oportunidade de aprender mais uma lição:

*DIANA (para a câmera) – Quando a gente descobre que não é imortal, aos dezenove anos, é horrível. Porque a gente descobre que a vida é tão precária, tá sempre por um triz. Mas aí é que dá mais vontade de lutar pra ser feliz.*

Com o título de “A Tragédia”, o episódio sobre a perda da agenda de Natália relaciona morte com invasão da privacidade. Enquanto imagina diferentes personagens caricatos – o acompanhante do cego, a freira, o surfista louro e forte, o menino tarado – lendo trechos íntimos de seu diário, Natália sofre como se estivesse esvaindo-se, perdendo a vida: “*Eu tô morrendo por dentro, gente, daqui a pouco eu morro toda. Eu tô me sentindo nua*”. O desvendamento das coisas escondidas – o dia em que ficou menstruada, o encontro furtivo com o namorado e a mentira para a avó, a raiva de continuar virgem – é entendido como nudez e morte, e não pode deixar de ser associado à confissão católica (o padre, no confessionário, diz a Natália: “*A confissão é inviolável, minha filha, é Deus que perdoa, eu só faço uma ponte. Mas ele ouve cada coisa dessa juventude, Mãe Santíssima!...*”). No final, tudo se resolve e a agenda é encontrada. Natália diz ao porteiro de prédio que lhe devolve o diário: “*O senhor salvou a minha vida!*”. A seguir, a menina é abordada por pivetes, no calçadão da praia, entrega tudo a eles, tênis, mochila, dinheiro, mas consegue salvar a agenda.

---

<sup>126</sup> Como já referimos anteriormente, citando a psicanalista francesa François Dolto, os adolescentes experimentam, talvez pela primeira vez, o sentido da morte, dado pela condição de uma infância que desaparece e de um vazio que se lhes instaura nesse período por essa razão.



Nenhum drama diante dessa pequena violência – já que meninos de rua assaltando as pessoas, em nossos tempos, são imagens incorporadas como “naturais”: resta a grande felicidade de guardar o registro da intimidade e dos segredos da alma que, se deixados ao desconhecido, significariam a morte – ou melhor, segundo Diana, significariam alguma coisa “*pior que morrer*”.

## B. O OUTRO NA CONSTITUIÇÃO DE SI MESMA

Situações clássicas da vida da adolescente – como a relação com ídolos ou a busca de gurus – são exploradas no seriado e podem ser agrupadas num conjunto que eu nomearia como modos da “relação consigo” através da imagem do Outro. Em *Confissões de Adolescente*, o Outro fundamental da menina, anunciado desde o primeiro episódio, é a mãe: a mãe que abandona as filhas e a mãe que morre impulsionam essa menina a constituir-se como mulher. Isso é dado objetivamente pela escolha do núcleo familiar do seriado – um pai e suas quatro filhas – e marca o modo de construir a identidade feminina, conforme temos visto até aqui. A maternidade, no seriado, não só é construída como altamente desejável para a mulher como é confundida com sua plena feminilidade.

Na comovente história intitulada “Mamãe Noel”, a que já nos referimos, Helena, a mãe de Bárbara e Diana, reaparece repentinamente e instaura o desequilíbrio na família de pai e filhas, provocando ódios e afeições (“*A gente tem que respeitar as pessoas do jeito que elas são*”, reflete a boa Diana; “*Eu detesto a minha mãe*”, ataca Bárbara), mas vence o bom senso, marca registrada da adolescência em *Confissões*. Helena diz que quer deixar de ser egoísta, e Diana encerra o conflito, armada de um saber aprendido da ciência psicológica: “*Eu acho que eu não preciso mais de mãe. Preciso de uma amiga. Acho que eu tenho mais vontade de ‘ser’ mãe do que de ‘ter’ mãe, sabia?*”. Mesmo assim, essa figura ronda os sonhos das meninas, provoca revolta e sensação de abandono (como em “Liberdade Tem Limite”) e até se transforma no desejo de que o pai tenha uma namorada. Em “Um Realce ‘pro’ Papai”, as quatro filhas arquitetam situações favoráveis a que isso aconteça, oportunizando que se mostre a solidão dos separados (“*Será que não tenho mais capacidade de amar?*”, pergunta-se Paulo) e que as meninas vivam o ciúme em relação à mulher do pai.

Mas o Outro que definitivamente preenche e mobiliza essa menina fazendo-se mulher é o homem. Já exploramos isso antes, ao tratar dos modos ensinados de relacionar-se com o próprio corpo e de constituir uma identidade feminina, no item “1” desta seção. Cabe aqui prestar atenção a alguns ditos que compõem esse discurso de feminilidade, apontando para o modo como entram nas diferentes sub-modalidades enunciativas<sup>127</sup>. Dois episódios destacam-

---

<sup>127</sup> Estou chamando de sub-modalidades enunciativas os diferentes modos de serem ditos os textos, no interior dos episódios (os testemunhos diretamente para a câmera, os diálogos das cenas, as imagens sem texto e

se por colocar o desejo da mulher nesse Outro, a partir do qual se define muito do que ela é: “A Bela e a Fera” e “O Despertar da Primavera”. No primeiro, já analisado em parte (também no item “1” desta seção), sugere-se que a mulher pode transformar o homem “animal” (sujo, grosseiro, agressivo) e fazê-lo doce e amoroso. Essa proposta é desenvolvida tendo como contraponto depoimentos de uma feminista estereotipada (Lucélia Santos), que fala não só do lugar de feminista como de um espaço caricaturalmente masculino – a mesa de um bar, o cigarro e o chope:

*FEMINISTA – É científico. No início todo o mundo é mulher. Só por volta da sexta semana de vida do embrião é que o gene responsável pelo caractere da masculinidade torna-se ativo. Está provado: as mulheres aprendem a falar mais rápido que os meninos, vivem mais tempo que os homens. E as mulheres não ficam carecas!...*

*(idem) – Não é politicamente correta essa exploração machista do corpo feminino. Nós mulheres devemos lutar pela extinção do nu nas revistas, no cinema, na televisão, na publicidade.*

*(idem) – ... Pra eles, nós não passamos de carne...*

Diana, como a responder pelo espectador à feminista, diz sorrindo e docemente que tudo isso é uma “bobagem” e, em “Despertar da Primavera”, defende-se uma fórmula simples para resolver o problema da construção da identidade feminina: “amar (ou namorar) é igual a ser mulher” – e vice-versa. Apaixonada pela primeira vez, Carol se transforma: em lugar de consertar eletrodomésticos, desenha corações; em lugar das bermudas e camisetões, o desejo do “vestidinho”. O corpo responde a essa nova experiência e “adoece”: se os gregos, como descreve Foucault, ficavam atentos a esse domínio da paixão sobre si mesmo, indicando exercícios para o “governo da alma”<sup>128</sup>, em nossos tempos a mídia sugere que essas sensações sejam sobretudo ditas e vividas tais como são. Esse é o tratamento hoje – falar, falar muito das nossas dores. Parodiando programas como o *Fantástico*, da Rede Globo, em que peritos de todos os campos sempre têm a explicação mais esdrúxula, mais acabada ou mais atualizada sobre todos as nossas mazelas e acontecimentos íntimos, *Confissões* “costura” o episódio com as falas de uma doutora, a bióloga Raquel Goldenstein (Débora Bloch), inseridas no roteiro como se pertencessem a um programa de humor:

*DRA. RAQUEL GOLDENSTEIN (bióloga) – Eu acabei de publicar um estudo no jornal da Universidade de Massachussets, sobre a teoria de que o amor se adquire através de um vírus. As evidências são várias. As pessoas poderão*

---

especialmente sonorizadas, etc.), e dentro dessa grande cena enunciativa dos telespectadores diante da TV, expostos a à modalidade básica que estamos aqui analisando – o seriado.

<sup>128</sup> Veja-se, a propósito, toda a descrição que Foucault faz das práticas de “cuidados consigo”, na época clássica, em que se observa uma estreita correlação entre os tratamentos da alma e do corpo: assim é que o conceito de *pathos* serve para ambos. Nos textos de Sêneca e Epíteto, por exemplo, está dito que “convém corrigir a alma se se quer que o corpo não prevaleça sobre ela, e retificar o corpo se se quer que a alma mantenha o completo domínio sobre si própria” (Foucault, 1985, p. 62).

*comprar um vírus na farmácia e ficar apaixonadas. Ou, no caso de pessoas machucadas pela vida, se vacinar contra, num posto de saúde.*

*(Idem) – Justamente esse vírus seria responsável por uma série de sintomas – como boca seca, mão suada, dor de barriga, falta de sono, perda de apetite, excesso de apetite, tonturas, falta de ar, e assim por diante. Me parece que é óbvio que se trata mesmo de uma doença.*

Acontece que essa “doença”, para Carol, aparece associada a seu papel na turma do colégio: de repente, ela perde a posição de liderança no grupo justamente para um menino, o colega novo expulso de outra escola, inteligente e extremamente sensível, por quem se apaixonou. Para ser mulher, ela abdica de um lugar (masculino?) e se entrega à experiência única de amar e ser amada, de desejar e ser desejada. Na cena final, a confissão do grande medo dos dois: “*Engraçado, né? Medo de roubar a prova, ser expulso do colégio, a gente não tem. Agora, medo de tocar na mão do outro...*”. Nesse episódio, para além da delicadeza de uma narrativa extremamente bem construída, deposita-se a memória milenar de um discurso segundo o qual se é forçosamente levado a conceber o feminino a partir de uma exclusão: ou ela tem uma liderança pública ou ela é mulher. Obviamente isso não está sempre tão explícito assim no seriado, que em muitas ocasiões, aliás, defende a autonomia da mulher em todos os sentidos e mostra inclusive diferentes situações de fragilidade do homem. Porém, por mais que se evidenciem transformações, nos próprios discursos da mídia, da publicidade e da medicina, todos esses campos continuam produzindo e reproduzindo imagens e textos carregados de uma tradição ainda viva, em cujo centro estão as relações desiguais entre homem e mulher.

No episódio “Histórias de Amor”, Diana se aproxima de um rapaz que a admira intelectualmente, ambos se apaixonam um pelo outro, mas há um problema grave: Marcelo é namorado de Carla, uma amiga de Diana. “*Se eu não for dar valor para a amizade, vou dar valor para quê?*”, pergunta-se ela. E acrescenta, bem ao estilo de sua personagem: “*Tem um ditado que eu acho super certo. Nunca faça com os outros aquilo que não quiser que façam com você*”. O Outro, aqui representado pela amiga e pelo namorado ao mesmo tempo, é o mote para definir uma regra de aperfeiçoamento pessoal, referida ao manejo das paixões. Através da voz experiente do pai, mostra-se que o discurso do controle do desejo se transforma, neste fim-de-século psicanalisado, deslocando-se para o controle da ação. Contraditoriamente, porém, como sucede a grande parte das regras disseminadas nos textos da mídia, e de acordo com o que é dito no episódio, esta regra (controlar a ação) também existe como algo que deve mais ser mais dito do que concretamente realizado:

*PAULO (para Diana, inconsolável) – Você não pode se sentir culpada por estar gostando desse rapaz. Minha filha, sentimentos têm vida própria, eles são incontroláveis. E os desejos então? Agora, uma coisa é certa. Você pode, isso sim, controlar as ações. Mas para isso tem que estar disposta. Se você ouvir com cuidado o teu coração, em alguma hora ele vai te dizer o que fazer.*

Se aqui Diana se entrega afinal ao desejo – informada de que a relação de Marcelo e Carla já não está bem, torna-se mais fácil desculpabilizar-se –, em “A Melhor Amiga” a situação se inverte: ela é traída por Isabela, que ‘transa’ com João, namorado de Diana, justamente numa tarde em que a personagem não vai à praia e fica trabalhando em seus textos. O programa é construído a partir desse fato, absolutamente radical na experiência dos jovens: afinal, tentando desgarrar-se da família, o grupo de amigos ou amigas configura-se para eles como o grande lugar da segurança. A narrativa do sofrimento profundo de Diana é pontuada pelas intervenções da empregada Cleonice (vivida por Cláudia Jimenez): esta, com muito bom humor e demonstrações afetivas, vai dizendo que *“homem é bom”, “tem coisa na vida que é pior e passa”*, enquanto Diana não se conforma com o pior – sua melhor amiga ‘transou’ mesmo com João (*“Eu nunca tinha sentido uma dor parecida”*). Aqui, porém, como no caso anterior, a traição e a dor são definidas não só por se tratar da amizade ferida, mas pelo fato principal de ter ou não havido “sexo”. Essa concepção de sexo como o grande segredo, como definidor da verdade maior do sujeito, aparece “naturalmente” nas angústias e nas reações da adolescente, que está aprendendo a constituir-se a partir de tantos Outros fora dela.

Embora nossos tempos tenham modificado muito a idéia de ídolos, deuses ou modelos para a juventude – dado que cada vez mais eles se concentram na figura das estrelas da mídia e são, portanto, basicamente efêmeros –, esse Outro que de alguma forma admiramos tem uma acolhida e uma função particular na adolescência. Nesse sentido, o episódio “É o Maior” explora todo o leque de identificações para uma adolescente, mostrando que realmente a concepção de modelos de vida, pessoas a seguir ou a contestar, tornou-se coisa do passado: nem deuses, nem mestres, apenas ídolos da mídia que consumimos, a partir de uma imagem física, e sobretudo na medida em que sabemos de sua privacidade. Paulo concorda: *“Não se fazem mais ídolos como nos anos 50”*, e acompanha contrariado a paixão de Carol pelo cantor de rock Ed Gil (*“É pra isso que se cria uma filha?”*). Todos admiram alguém: o pai admira a pediatra (*“Falando nisso, ela é bem interessante, loura, olhos azuis, um mulherão”*), a amiga Ingrid quer um dia ser uma escritora como Diana, Bárbara quer ser modelo como a Cláudia Schiffer ou a Cindy Crawford, e Carol o que mais quer é passar uma tarde com Ed Gil.

No episódio, registra-se esse desejo, tenta-se compreendê-lo “cientificamente” (a pediatra explica para o pai das meninas que isso para eles *“é vital, porque estão em formação. Quer dizer, a sensação de que o ídolo é tudo preenche o vazio que os adolescentes têm. Eles se completam desejando o amor do ídolo”*) mas busca-se, principalmente, desmontar a fantasia, inclusive em relação à figura paterna (*“A gente fica idolatrando o pai da gente – diz Diana –, mas no fundo ele é um homem igual a todos os outros. Só pensam naquilo...”*). Depois que o cantor de rock decepciona Carol – é completamente grosseiro e estúpido, na chamada “vida real” –, Diana dá a chave do equilíbrio:

*DIANA (carinhosamente, consolando Carol) – É uma besteira esse negócio de ídolo, acaba sempre em decepção. Ele é famoso, mas tem qualidades e defeitos como qualquer ser humano. Você tem que pensar que ele é uma pessoa que faz a música que você gosta; sem inventar que ele é um deus, Carolzinha.*

Não há sutilezas: vivemos um tempo em que tudo deve ser dito e, em dizendo, nos dispomos a ouvir a palavra da normalização. Essa parece ser a fórmula básica do seriado em análise aqui, na medida em que explicitamente propõe-se a ser educativo. Precisamos de ídolos, dizem os especialistas, então expressemos nossas fantasias em relação a essa necessidade; mas é bom que saibamos logo: eles são iguais a nós. Portanto, adolescentes, aprendamos a dizer adeus aos deuses. De certa forma, a mídia joga com essas duplicidades de ordens – de um lado, fale para que você tenha de ouvir; de outro, saiba que seus ídolos são mais do que você, porque conhecem todas as regras de ser belos e felizes, mas veja como eles vivem coisas tão simples e como podem tão facilmente desaparecer. Ninguém teme, entretanto, que as pessoas deixem de desejar seus ídolos: diariamente, eles se reproduzem, aparecem e somem. Para os jovens deste final de século, a reposição de figuras-mitos se faz numa velocidade inimaginável; restam apenas alguns poucos, cuja permanência pode-se dizer que seja menos efêmera – Madonna, Michael Jackson, Kurt Cobain, que se suicidou, e River Phoenix, morto por *overdose* de drogas. Mas nada que lembre rigorosamente modelos a seguir, como o que foi vivido por uma geração como a dos anos 60 e 70: mesmo que também se alimentasse de ídolos da mídia ou do *rock*, seus pontos de referência existencial podiam ser pensadores como Sartre ou Simone de Beauvoir. No texto da peça, Maria Mariana faz referência a poetas como Vinícius de Moraes<sup>129</sup>, ou a intelectuais como Luiz Carlos Maciel, ídolos da geração de seus pais, herdados por ela. No seriado, *posters* de Jimi Hendrix e conversas sobre Janis Joplin pontuam essa memória, deixando mais visível um certo vazio vivido pelas novas gerações e mais convincente a proposta do retorno à família e às práticas de confissão de si e de auto-conhecimento – se o Outro me falta, volto-me para mim mesmo. Mas posso ter sempre à mão, mesmo que efêmeros, ícones de um estilo ideal de corpo, beleza e modo de vida, que a mídia produz e multiplica todos os dias para mim.

Imerso no seu tempo, o seriado não poderia deixar de tratar da questão religiosa e da relação do adolescente com o transcendental, numa época em que proliferam seitas, fundamentalismos e receitas de salvação que ultrapassam lugares tradicionais como os templos católicos ou protestantes, os terreiros de umbanda ou os centros espíritas. No episódio “O Guru”, sonorizado com a música de Raul Seixas (“Maluco Beleza”), os autores transformam todas essas práticas num grande *mix* espiritualista. Misturando referências ao uso de pirâmides, à meditação, alimentação vegetariana, aprendizagem do catecismo católico, superstições, macumba, eles narram, com muito humor e sem nenhuma preocupação

---

<sup>129</sup> Luiz Fernando Veríssimo, em recente crônica (*Zero Hora*, mai. 1996), faz referência às adolescentes dos anos 90 como a primeira geração de mulheres que não leram nem conhecem Vinícius de Moraes.

respeitosa com qualquer dessas práticas (contrariando, aliás, o espírito “politicamente correto” do seriado), um momento na trajetória de Natália, que se envolve com um guru e um guia espiritual indiano, em busca de “*ser mais feliz*”. Enquanto a menina aparece inquieta, em busca, acompanha-a em suas aventuras místicas o menino (um eterno apaixonado de Natália), mais para conquistá-la do que por qualquer outra coisa (ele chega a confundir aquele momento de Natália e mistura meditação com sonhos de casamento, o que é radicalmente rejeitado por ela). No final a menina deseja mesmo é devorar um *hamburger*; ela confessa: “*Comecei a me achar meio ridícula. Era um ‘lance’ meio radical demais*”. A lição didática aqui não se volta para entender o que seria a busca espiritual na vida do adolescente, mas para minimizar a importância de toda essa onda esotérica e, principalmente, resolver um problema ético, da relação consigo mesmo: Natália quer saber se é errado “*alguém mudar de idéia*”, querer um Outro e depois negá-lo. Diana tem a resposta: “*Se a gente erra, tem que assumir o erro. É assim que vai tentando e descobrindo o que é melhor pra você*”.

A experiência de viver o que é do Outro para definir-se a si mesma e tornar-se independente é mostrada também através da personagem Bárbara, em “*Maria Vai com as Outras*”: em oposição à família que a sufoca, a adolescente passa a imitar a amiga Joana, recém-chegada de Londres. Seu modo *punk* de pensar, vestir e agir atraem Bárbara, agora paramentada de olheiras pretas, argola no nariz e roupas rasgadas, com um copo de conhaque na mão (“*Será que isso é crise de identidade?*”, pergunta Diana). Mas a visita-surpresa da mãe de Joana mostra não existir a liberdade anunciada pela menina, que é dominada pela figura materna, uma mulher extremamente formal. O sonho de ir morar em Londres com a amiga se desfaz, e Bárbara aprende que liberdade total não existe: “*Fiquei tão fascinada que esqueci que você tem mãe, que você vai ao colégio todo dia; tava pensando que a vida ia ser uma aventura a cada dia, sem ter ninguém para me encher o saco. (...) Família por família, sinceramente, eu prefiro a minha!*”. Afirma-se aqui tanto o valor da família quanto a necessidade de ser fiel à própria verdade (Bárbara diz que “*não sabe escamotear*”): não mentir, não enganar o outro (a própria família) para não enganar-se a si própria são alguns dos princípios éticos ensinados.

## C – OS LIMITES DO MUNDO NO INVESTIMENTO SOBRE SI

Se o retorno à família parece emergir como um dos elementos básicos da construção de um modo de ser adolescente, em nossos dias, é pertinente indagar como então é constituído esse jovem dos anos 90 em relação ao mundo da política, da economia e das ideologias. Sabemos que o homem grego da época clássica dedicava esforços a seu aperfeiçoamento, ao governo de si mesmo, basicamente para aprender a governar o outro. Ou seja, o domínio de si regulava-se segundo um objetivo que, fixando o sujeito em si mesmo, o fazia na medida da sua inserção na pólis, como cidadão livre e capaz de bem dirigir os outros. O homem como “animal político”, como lembra Gerd Bornheim, talvez seja o conceito da herança grega que mais tenhamos perdido, ao longo dos séculos<sup>130</sup>. A pergunta aqui é como esses temas, do trabalho, da liberdade, das lutas políticas – que foram nas décadas de 60 e 70 o centro das atenções, junto com as conquistas da revolução sexual – são tratados pela mídia, relativamente à vida dos jovens. Em outras palavras: que regras e práticas se propõem, na constituição de si, diante das questões de ordem social, política e econômica?

O conceito de prática política é mostrado em *Confissões de Adolescente* a partir da memória do pai – “*Movimento estudantil era no meu tempo, final dos anos 60, maio de 68 na França, passeata dos 100 mil (...) Depois a barra pesou, veio o AI-5, repressão, tortura. Quando é que a gente ia imaginar que essa coisa ia terminar de uma maneira tão trágica?*” – e da professora de Carol – “*Aluno é pra estudar (...). Às vezes eu tenho saudade dos militares. Havia disciplina*”.–, em contraposição ao que seria uma proposta para a política estudantil em nossos dias. Carol candidata-se à presidência do Grêmio, com uma plataforma que questiona a chapa do “*comunista barato*” – ele chama os alunos de “*companheiros*” – e do outro, “*um Mauricinho filhinho de papai*”. Os políticos em geral são chamados de corruptos; num dos depoimentos, o prisioneiro declara atrás das grades: “*Eu comecei na política estudantil. Corrupção, claro. Quem não é corrupto hoje em dia? Como você acha que alguém se elege deputado no Brasil? Tá pensando que é moleza?*” E dá um crédito ao País: “*Hoje os tempos são outros. Se não for esperto, acaba que nem eu*”.

Na trilha das manifestações sobre o *impeachment* do presidente Collor, que expôs na mídia os “*caras-pintadas*”, o episódio centra a narrativa no julgamento moral da corrupção política (“*Que coisa feia a corrupção. A nossa geração tem que mudar isso*” – afirma Carol), denuncia como isso se repete na política estudantil, e explica como fazer desta algo que “*não seja chato*”: o caminho proposto é concentrar as lutas no cotidiano do colégio e da sala de aula (sobre preço das mensalidades, preço do lanche, esportes), descartando assuntos que

---

<sup>130</sup> Na Aula Inaugural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, proferida em 17 de março de 1994, o professor e filósofo Gerd Bornheim desenvolveu idéia de que, no Ocidente, a rigor, temos uma enorme dificuldade de exercitar o animal político que somos, em favor do “animal racional”. Ele lembrou que o preceito

envolvam, por exemplo, o Congresso Nacional e as filiações partidárias, bem como reivindicações de melhorias faraônicas para a escola.

Interessante é que o roteiro se constrói sobre duas trajetórias que se cruzam: a campanha de Carol e os ensaios de Natália para a apresentação de balé no dia da eleição. Esse recurso narrativo, extremamente bem explorado, determina que o tema da política apareça prioritariamente como uma questão individual, quase “de gosto”: assim como Natália é apaixonada por balé, Carol se interessa por política. Ao mesmo tempo, mostra o respeito do pai por escolhas tão diferentes das filhas, as quais, afinal, saem vitoriosas em seus projetos: Carol vence as eleições e Natália, apesar do nervosismo, faz uma apresentação brilhante. Como se vê, tudo converge para o indivíduo, no sentido da valorização da sua vida privada, das escolhas pessoais reconhecidas no interior da família<sup>131</sup>.

O conflito gerado pela escolha da profissão, por ocasião do vestibular – e que existe quase exclusivamente para as famílias de classe média e alta –, embora seja apresentado criticamente, não questiona nem o ensino nem a escola, concentrando-se no estado de perdição da adolescente Bárbara – aliás, extremamente bem explorado no roteiro: “*Por que eu tenho que fazer uma faculdade? / “É fogo, com 16, 17 anos você já tem que saber o que vai ser para o resto da vida...”* – e na pressão que lhe faz o pai, para que faça logo sua escolha (“*Você não vai ter papai pra te sustentar a vida toda*”). Entre imagens bem humoradas de vestibulandos perturbados pelo volume de informações que decoram, e depoimentos de médicos e professores falando de baixos salários e de péssimas condições de trabalho, mostra-se principalmente a dificuldade de diálogo entre pai e filha, gerada por uma situação que diz respeito ao modo como se faz a educação dos mais jovens em nossa sociedade: criados desde a infância sem qualquer comprometimento social, sem um papel significativo, os adolescentes de classe média (diferentemente dos jovens das classes populares, que ingressam no mundo do trabalho muito cedo) são repentinamente chamados a decidir-se sobre uma profissão, decisão que passa necessariamente pelo vestibular.

Se a sociedade vai mal e não se sabe como interferir na realidade, resta o sonho romântico (Bárbara decide que vai estudar Astronomia, “*saber da conquista do espaço, do povoamento da Lua*”) e a conversão do pai, convencido por Diana a não repetir com Bárbara sua história (ele fez Direito por imposição do pai). A maneira como se tece a argumentação, em “O Que Vou Ser Quando Crescer”, destaca uma atitude comum entre pais e mães, e que se

---

socrático do “conhece-te a ti mesmo” tinha, para os gregos clássicos, um conteúdo eminentemente político e social, ao contrário do que hoje se entende por essas práticas que se voltam quase exclusivamente “para mim”.

<sup>131</sup> Nesse caso, atitudes como essa não devem ser classificadas dentro da categoria do “individualismo”, como lembra Foucault em *O cuidado de si*, ao distinguir *atitude individualista* (o valor absoluto ao indivíduo singular), *valorização da vida privada* e da família e, finalmente, a *intensidade das relações consigo* (formas de tomar a si próprio como objeto de conhecimento e de lugar da transformação) (Foucault, 1985, p. 48). Voltaremos a discutir essa distinção, mais adiante, na análise comparativa dos modos de “relação consigo” propostos nos diferentes meios de comunicação.



perpetua através de um modo muito particular de constituir a si mesmo: os jovens aprendem na prática cotidiana familiar a importância de se afirmar um discurso aparentemente liberal, mesmo que ele não corresponda às verdadeiras expectativas dos adultos ou que esteja, na verdade, carregado de exigências. Paulo diz que só quer que suas filhas “*sejam felizes, independente das escolhas que façam*”; Bárbara retruca: “*Papai fica com esse papo democrático...*”. Durante todo o tempo da narrativa, o que se mostra é a argumentação concreta da maioria dos pais de classe média (quem sabe trabalhar no escritório do pai? – por exemplo); mas vence exatamente o “papo democrático”, segundo o qual se quer “apenas” que os filhos sejam felizes. A carta que Paulo escreve à filha, pedindo-lhe desculpas, vai além: “*O mais importante é acreditar que qualquer trabalho, braçal, científico, intelectual, é importante. O espaço é seu!*”.

Carol, no episódio “Bárbara Vai à Luta”, parece responder a isso: “*Adulto mente mais que criança*”. Paulo responde: “*Já que a gente não pode ser sincero o tempo todo, a gente pode ser honesto o tempo todo. É outra coisa*”. Eles estão se referindo a Bárbara, que resolveu trabalhar nas férias para juntar dinheiro e um dia viajar para o exterior: na loja de roupas, ela aprende que, para vender, precisa mentir, dizer que todas as freguesas estão lindas. Para Diana, o importante é que “*o trabalho muda as pessoas, parece que você pode mudar o mundo, fazer as coisas acontecerem*”. Embora Diana defenda a plena realização da pessoa, através do trabalho (“*A gente tem um caso de amor com o que faz*”), tanto nesse episódio como em “A Lei de Paulo” – quando o pai resolve fazer cortes nas mesadas e economia de gastos na casa –, a questão que se coloca é a que opõe (ou associa) dinheiro e felicidade, dinheiro e realização de sonhos. Ajudar o pai com o trabalho esporádico de cada uma é solução provisória: na realidade, o pai quer que elas aprendam o valor das coisas e que principalmente estudem. O episódio mostra o absurdo de elas trabalharem, criando situações esdrúxulas – Bárbara, por exemplo, para agredir o pai, veste-se de pivete e vai vender chicletes nas esquinas da cidade. No final, Paulo consegue fechar um ótimo negócio, as finanças melhoram, as mesadas são reajustadas e Carol encerra com chave de ouro a história. Para a câmera, ela declara sobre os adultos: “*Não foram eles que inventaram o dinheiro e o tal capitalismo? E eu sei lá o que é agiota? Eu quero é ir pra Disney*”.

Carol diz para o público o que ela e milhares de adolescentes de classe média vêm aprendendo sobre dinheiro, trabalho, realidade social: os problemas da sociedade parece que não lhes pertencem, eles sabem mesmo é brigar por seus sonhos de consumo<sup>132</sup>, assim, sem culpas, do modo como aprenderam a entender o mundo e a si mesmos. Podem até, como

---

<sup>132</sup> Curiosamente, as personagens de *Confissões* nunca aparecem comprando em *shoppings* ou supermercados – cenas extremamente comuns em qualquer novela brasileira ou seriado norte-americano ou europeu. Suponho que isso se deva à preocupação do seriado com as questões “de fundo” da vida adolescente. No entanto, basta acompanhar as imagens do cenário onde se movimentam as meninas, além é claro do figurino, para perceber o

Bárbara, “brincar de ser pobre” e pedir esmolas, porque não há qualquer elemento de identificação com esse Outro. Também está dito, entretanto, que essa não é uma realidade consumada e imune a outras forças. De dentro do próprio seriado – cuja proposta é confessar uma adolescência e efetivamente colocá-la sob as luzes – falas como esta, de Natália, na abertura de “A Lei de Paulo”, de certa forma questionam o que o programa afirma – isto é, a necessidade de fazer falar esse “ser estranho”, de multiplicá-lo através de todos os meios: “*Eu odeio esse negócio de acharem que adolescente é uma ‘coisa’ especial. Daqui a pouco vai ter até adolescente em jaula*”. Logo a seguir, ela pergunta: “*Ou vocês acham que a gente só pensa em namorado, colégio, essas coisas?*” – num texto que se liga à frase anterior sem muita preocupação lógica, mas que serve didaticamente à apresentação do tema do episódio em questão.

Está aí, aliás, uma das grandes qualidades do seriado: como no diário original, em que Maria Mariana declara tudo de si mesma, na TV, *Confissões de Adolescente* acaba mostrando as limitações do próprio produto e distribui também, através de diferentes falas, as contradições e impedimentos de cada personagem, criticando-os sem medo. Obviamente, pelo fato de o próprio meio controlar tais ditos, principalmente através do roteiro, essas falas são conduzidas de tal forma que se anulam naquilo que as faz contraditórias entre si, para dar lugar ao que parece ser o principal: a preocupação pedagógica do seriado, que afirma o equilíbrio, o bom senso, as boas lições que podemos aprender a partir de uma crise. Vejam-se estes textos de Paulo e Carol, na abertura do episódio “Que Droga!”, que trata da relação dos jovens com as drogas:

*PAULO – Alguns anos atrás, se falava muito em ‘caretice’. Quem não se liberava, fazia tudo certinho, estava usando uma máscara, quer dizer, estava escondendo seu verdadeiro eu. Máscara, careta. Agora, ultimamente, eu tenho voltado a escutar isso dentro da minha casa. A Carol acha tudo uma ‘caretice’. Sabe como ela tem me chamado? Cid Moreira! É duro para um pai...*

*CAROL – Meu pai é mais antiquado que um dinossauro. A Diana está cada vez mais Lady Di, aquela coisa sem sal. A Natália então nem se fala. A Bárbara faz a linha rebelde, mas no fundo é super ‘carentona’. Sinceramente, eu sou uma heroína para agüentar essa turma toda. Heroína no bom sentido...*

A personagem caracterizada aqui como a mais crítica, Carol, é a mesma que afirma, do alto de seus 13 anos, o sonho maior de ir para a Disney e que elege Madonna como o grande modelo de vida para as meninas dos anos 90. Ela é o exemplo da geração saúde, para quem drogar-se é a maior “*caretice*” e nadar dá “*o maior barato*”. Carol é descrita em oposição a sua irmã Diana, questionada como “*certinha*” demais pelo namorado Joel, um escritor, viciado

---

quanto é importante para elas o consumo de todo o tipo de bens: roupas, sapatos, discos da moda, aparelhos de som, e assim por diante.

em drogas de todos os tipos. *“Pra escrever tem que ter vivido, cair de boca nas altas e baixas emoções. Quem não vive não tem o que escrever. Você tem que ser livre!”* – ensina Joel a Diana que, mesmo perdida, aceita o desafio de desorganizar um pouco sua vida tão controlada: *“Não sei quem eu sou. Não sei quem eu quero ser. Mas, dane-se. Eu ‘tô’ muito feliz. Pela primeira vez na minha vida estou buscando”*.

Experiências radicais como a gravidez na adolescência, o aborto, o consumo de drogas, são vividas no seriado por personagens externos ao núcleo familiar básico: as meninas e o pai vivem e discutem toda a situação, naquilo que os atinge direta ou indiretamente, e com isso “aprendem uma lição”. Assim como Paulo – que nos anos 70 perdeu vários amigos *“com essa coisa de overdose”* –, Diana quase perde Joel, que acaba hospitalizado, ao sofrer um colapso por uso abusivo de drogas. Mas nestes tempos e neste texto (*Confissões*), mostra-se não o drogado que morre, mas aquele que, depois do susto, arrepende-se e ensina:

*JOEL (para a câmera) – Vou ter que me tratar. Um amigo se tratou nos Toxicômanos Anônimos. Que medo, medo da vida! No fundo eu sou o maior medroso do mundo. Enfrentar a vida de cara limpa é difícil pra cacete!*

Dada a delicadeza do assunto, a preocupação didática dos criadores de *Confissões* sobrepõe-se à criação artística, produzindo neste caso um episódio excessivamente diretivo e, em alguns momentos, endereçado mais a adultos do que propriamente ao público-alvo. Os textos do médico (interpretado por Daniel Filho, diretor e produtor do seriado) são exemplares:

*MÉDICO (para a câmera) – Se você passa para seus filhos a idéia de que não vale a pena lutar, de que o sonho acabou, ou então transmite a imagem de um pai cansado, de uma mãe infeliz, eles receberão a mensagem e não terão incentivo. Daí eles podem recorrer às drogas para fugir da realidade massacrante e obter algum tipo de prazer. É muito importante manter o diálogo. Converse com os seus filhos. Esse é o primeiro e o melhor antídoto.*

Na seqüência desse depoimento médico, Paulo conversa com Bárbara e Diana, sobre drogados famosos como Jimi Hendrix, sobre Joel, sobre o namorado naturalista de Bárbara (o Tomás, que não bebe, não fuma, não cheira, está sempre “limpo”). Para Diana, Tomás não passa de um neurótico e Joel *“só descobriu o caminho errado de ser criativo”*. Paulo conclui: *“O importante é que vocês duas aprenderam com a experiência dele. E nessa vida só se aprende com susto”*. Do ponto de vista dramático, a narrativa estrutura-se sobre uma linearidade em que a seqüência de princípio, meio e fim se constrói nitidamente sobre uma situação de “erro”, a respeito do qual o sujeito deve tomar consciência, para então corrigir-se e afirmar a lição aprendida. Essa linearidade, apropriada à opção por uma narrativa didática, pode assim ser resumida quanto ao episódio “Que Droga!”: 1º – Diana reconhece sua “carentice” e quer mudar; Joel é o desencadeador da crise; 2º – Diana se entrega a conhecer o mundo sem limites de Joel, até este experimentar o risco de vida; 3º – Ambos aprendem, um

com o outro: ela, que é preciso saber “*se atirar na vida*”; ele, que não se deve abusar (“*Quer morrer? Dá um tiro na cabeça de uma vez!*”).

Tudo acontece e se resolve, no presente e em relação ao futuro, dentro do espaço da família. Em nenhum momento a droga é vista na sua dimensão de problema social ou mesmo político: arrancado de seu tempo, o conflito é caracterizado unicamente como uma questão privada. Essa, aliás, é uma característica desse final de século, da episteme de uma época que dimensiona fatos como esse, nas suas causas, conseqüências e prognósticos, como circunscritos quase exclusivamente ao território familiar. Fica-se na explicação linear e restrita do exemplo do mundo adulto em relação ao mundo dos jovens: pais “cansados” e mães “infelizes”, como diz o texto do médico, podem gerar filhos drogados. Portanto, é nessa arena que se devem resolver os conflitos, desde que se busque a assessoria dos especialistas, também eles voltados para o mundo privado das famílias. Constituir-se a si mesmo em relação ao mundo é um objetivo que cada vez mais se afasta daquela idéia de cidadão, vivida pela Antigüidade Clássica, bem como da concepção contemporânea de um social que necessariamente contempla a diferença e luta por eliminar a exclusão.

#### IV – “COISAS DITAS”

Antes de passarmos à análise de outra produção televisiva – o *Programa Livre* –, convém retomar alguns pontos relevantes apontados até aqui, sobre o modo como se constrói um discurso sobre a adolescência, na mídia. Tendo aplicado aos textos e imagens o esquema previsto, organizando-os a partir de diferentes graus de “relação consigo”(o corpo, o Outro, o mundo) e atentando para os campos de poder e saber que se agitam nas “coisas ditas”, a respeito de uma certa adolescência historicamente datada – a partir de uma cena enunciativa básica, a televisão –, reunimos estas considerações de análise, sugerindo provisoriamente algumas conclusões:

- Em *Confissões*, parte-se de uma suposição básica: tudo deve ser dito. A adolescente deve confessar tudo a quem? A confissão a seus pares seria uma prática comum já; agora, propõe-se que a menina confesse aos mais velhos – aos pais, aos irmãos, aos médicos. Esses personagens são o lugar da segurança, ao mesmo tempo que o lugar da incitação ao discurso e da normalização. No espaço do seriado, veiculado pela TV, essa afirmação da necessidade da confissão como uma verdade inquestionável, contraditoriamente, é de certa forma “editada”, isto é, mostra-se na sua limitação técnica: pela forma como são construídos os episódios de *Confissões de Adolescente*, as falas mais longas e mais freqüentes são as dos enunciadores “conselheiros”. Diante das dúvidas colocadas sob a forma de perguntas ou questionamentos rápidos, o discurso especializado da irmã mais velha, da psicanalista, do clínico geral, do ginecologista, do pai assume grande

importância, de tal forma que a resposta da adolescente conflitada vem logo a seguir, atestando que houve a aprendizagem da lição.

- A fala de Diana, sobre a agenda que se perde com os segredos da menina – *“Imaginar que os seus segredos mais secretos caíram nas mãos de um desconhecido, acho pior que morrer”* – trai o próprio processo de multiplicação do diário de Maria Mariana, colocado no mundo em 1992; afirma um tempo em que se aceita “morrer” depositando toda a intimidade em público, pois é esse exatamente o modo de ser ou de viver que se aprende nestes tempos.
- A construção dos episódios – quanto ao formato do programa, à estrutura dramática, à linguagem, à configuração dos personagens, ao tratamento dos conflitos – sugere o desenho de uma adolescência equilibrada ideal. Valoriza-se a abertura de alma para que os problemas da menina tenham tratamento médico e familiar (o discurso e as práticas da ciência são aliados ao afeto, no âmbito privado) e, assim, ela atinja um modo harmônico de ser, que modela todas as formas de “relação consigo”: a relação com seu corpo e sua intimidade, com todos os Outros que a constituem, e com experiências que envolvem questões de ordem política, econômica e social. Essa busca de equilíbrio define a forma como aparecem os diferentes campos de poder e saber, nos enunciados sobre os modos de existência de uma adolescência feminina em nossos dias.
- Quando à relação da menina com seu corpo, afirma-se a indissociável ligação entre o fato biológico e a condição de ser mulher, naturalizando-se uma feminilidade dada por um conjunto de características como o “mistério” e justificando a disponibilidade desse corpo a técnicas disciplinares, cuidados e tratamentos que marcariam esse corpo-mulher, e que seriam indispensáveis à conquista amorosa. A memória contida nesse discurso harmoniza-se com a atenção ao “moderno”: a mulher-menina, hoje, nem sempre abre mão de sua liderança, de suas atividades intelectuais e até esportivas, mesmo que isso a coloque em competição com os meninos. Da mesma forma, propõe-se que ela busque a beleza e o aperfeiçoamento do corpo, sem jamais deixar de afirmar – mesmo que seja só por afirmar – que a verdadeira beleza é a interior.
- Equilíbrio e segurança são qualidades fundamentais nestes tempos de AIDS, em que a sexualidade é construída sobre uma divisão talvez das mais complexas: não mais a culpa de pecar contra a castidade ou enfrentar o moralismo dos pais e da sociedade, mas –tendo sido incitada a falar do próprio desejo, dos sonhos libidinosos e da vontade de viver a experiência sexual em sua integridade – de defrontar-se com o real medo da morte. Diante do prazer, portanto, a culpa de arriscar, associada a todas as demais culpas herdadas historicamente, em especial da tradição cristã. O discurso da sexualidade adolescente agora incorpora expressões novas – “momento certo”, “pessoa certa” –, termos sem definição

precisa, que falam de um retorno a valores claramente carregados de conservadorismo, como a virgindade e o romantismo das relações. O desejo, quando acontece, deve ser expresso em seus detalhes, nas dúvidas que suscita, quase sempre ligadas ao julgamento do outro; para a mulher, as indagações que o desejo traz podem despertar enunciados históricos como o que associa “decência” a “não-desejo”, por exemplo. Participa também desse discurso a discussão sobre um tabu como o aborto – uma discussão ainda tímida e acanhada, jamais colocada em relação ao direito da mulher sobre seu corpo; no máximo, refere-se ao desejo secreto de ser mãe e aos conflitos com a família e com o namorado. Sugere-se que toda essa experiência ligada ao exercício da sexualidade seja discutida no âmbito da família, a qual necessariamente deve submeter-se à orientação médica especializada, para que se faça a prevenção da gravidez e das doenças sexualmente transmissíveis. No seriado, mostra-se como toda essa lógica é construída contra as atitudes mais “desequilibradas” de uma adolescência que convive com crenças, superstições, confianças descabidas (“*a camisinha só furou um pouquinho*”/ “*pensei que comigo nunca ia acontecer*”) – modos de resistir, de afirmar desejos e prazeres livres, mesmo diante da ameaça da morte.

- Na constituição de si, o Outro que buscamos como exemplo – os pais, um guru, um ídolo da mídia, uma amiga – é um fato reconhecido e ao mesmo tempo negado. A proposta é que não haja o modelo, que todas essas figuras especiais sejam desmontadas e apareçam como “nossos iguais”. Esse tema é discutido prioritariamente sobre a memória de um tempo em que, parece, havia modelos a imitar ou a admirar. A palavra “modelo” tende a ser ocupada inteiramente por um sentido único – referido a modelos de revistas e manequins, as quais povoam os sonhos da maioria das meninas, como ideal de vida ou de profissão. Ao mesmo tempo, junto com a valorização da beleza física, os documentos parecem afirmar, a cada cena ou depoimento: não há nada a buscar fora de si mesmo, não há exemplos nem modelos a seguir, portanto, volte-se para si mesmo, a verdade está em você, busque, erre, descubra o que é melhor para você. Esse “melhor” e esse “certo”, por não serem definidos, têm um sentido aparentemente vazio, que se vai tecendo a partir de um conjunto de normas e práticas de si, vividas e aprendidas na família – essa porta-voz de um modo de ser comedido, sem extremismos, receptivo a diferentes pontos de vista. O campo específico da educação formal – a escola e seus especialistas da psico-pedagogia – perde importância e é quase anulado como lugar de referência para os mais jovens, em oposição à família, à educação informal da publicidade e da mídia, e aos peritos da saúde física e psicológica.
- Por ser narrado do ponto de vista feminino, o texto insiste nas transformações que se operam no corpo e no modo de agir da menina, desde que defrontada com o desejo do homem, esse Outro que a mobiliza: ela “adoece”, abandona ações confundidas com o modo de ser masculino e se faz bonita, doce, delicada. Também é através dessas características

que ela transforma o homem. Está explícito no seriado o objetivo de minimizar os conflitos gerados pelas relações de poder entre homem e mulher: o discurso feminista é caricaturizado e classificado como “bobagem” e, mais uma vez aqui, busca-se a harmonia. Os conflitos na relação com o homem têm resoluções tranqüilas, não deixam margem a novas inquietações.

- O social e o político nas “relações consigo” privilegiam as situações que atingem diretamente o núcleo familiar e aí se resolvem: para a menina de classe média, os problemas relativos à pobreza e miséria, por exemplo, aparecem como “figuração”, absolutamente secundários. Na constituição de si, esse Outro social é negado, reforçando ainda mais a importância das práticas que privilegiam o voltar-se para si mesma: cuidar do corpo, cultivar a beleza, saber dos próprios sentimentos, aprender a julgar comportamentos, saber escolher caminhos para si, enfrentar ciúmes, desejos, aventuras. Tudo o que é da ordem do político transforma-se em coisa privada. As questões mais complexas são reduzidas a decisões pessoais, as quais devem pautar-se pela atitude média, balanceada, aprendida no *locus* familiar, de onde se fala com a segurança de quem “possui” a verdade.
- Finalmente, a imagem do adolescente em uma jaula, como se fosse um espécime raro, lembrada em uma das falas da personagem Natália, questiona o próprio seriado e toda a proliferação de textos sobre uma geração que é convocada a falar e sobre a qual tenta-se saber tudo, especialmente sobre o que faz com seu corpo e com sua sexualidade. Animal exótico ou bicho selvagem, o adolescente encontra, nestes tempos, espaços públicos para confessar suas mazelas, e peritos que traduzam suas experiências e orientem sua conduta. A menina adolescente, sobretudo, é constituída em sua disponibilidade de objeto de saberes diversos, da área médica em particular, como se fosse necessário e urgente domá-la e normalizá-la em sua recente e significativa visibilidade.

## Capítulo 5

---

### ○ DEBATE DE SI MESMO

#### I – A TV SE OFERECE COMO TRIBUNA

Quando, em 1987, a TV Educativa do Rio de Janeiro colocou no ar um programa chamado *Cabeça Feita* – que expunha na tela pública o corpo, as vozes, as histórias, opiniões, críticas e reivindicações de grupos adolescentes – inaugurava-se na mídia, mesmo que sem alarde, um modo novo de falar a um público que até então não fora alvo prioritário, especialmente do meio TV: o adolescente “comum” debatendo sua vida em canal aberto. No caso de *Cabeça Feita*, como já referimos no Capítulo 1, jovens de doze a vinte anos eram convidados a contar, diariamente, modos de vida diferentes, problemas enfrentados, sonhos e projetos, conforme o grupo reunido: meninas prostitutas, menores de rua, alunos do Colégio Militar, jovens que viveram a experiência das drogas, da gravidez e do aborto na adolescência, estrangeiros no Brasil, normalistas preparando-se para o exercício do magistério, artistas de todas as artes, negros discriminados. Eram meninos e meninas eles mesmos, separados de todos esses ambientes de origem, separados também de suas famílias, mas incluídos num outro lugar: o lugar público da televisão, no qual eram introduzidos pela figura mediadora do apresentador do programa<sup>133</sup>. Ao contrário das crianças que, ao serem levadas para a televisão, imediatamente transformavam-se em cenário, em pano de fundo para as *performances* de apresentadoras como Xuxa, Mara Maravilha ou Angélica – como acontece com a platéia da maioria dos programas de auditório – os adolescentes eram o centro do programa em *Cabeça Feita*: considerava-se “educativo” o simples fato de terem um espaço para falar na TV.

---

<sup>133</sup> O apresentador, Bussunda (do grupo Casseta & Planeta, hoje com um programa especial na Rede Globo, *Terça Nobre*), foi considerado na época uma figura “pouco televisiva”: era gordo, não tinha o padrão de beleza indicado para aparecer na TV e estava associado à revista de humor de “escracho”, *Casseta & Planeta*, criada pelo mesmo grupo. Surpreendentemente, para os que não o conheciam, Bussunda mostrou-se, além de bem-humorado e bem informado, um profissional competente na arte de fazer os jovens falarem, praticamente desaparecendo do centro da cena como entrevistador – ao contrário do que acontece na maioria dos *talk shows*.



Hoje, quando o *Programa Livre* prepara-se para comemorar seu quinto ano de existência dentro de uma emissora comercial (SBT), novamente e cada vez com mais força reitera-se a função pedagógica<sup>134</sup> de um produto que, como esse, oferece aos jovens o espaço público da mídia para que seus corpos apareçam, para que sua voz seja ouvida naquilo que os inquieta, mas principalmente para mostrar que de algum lugar alguém se ocupa em orientá-los, principalmente quanto à sua sexualidade. Interessa aqui investigar justamente esse “ethos pedagógico” da mídia em nossos tempos, e que se torna mais evidente e plenamente justificável na medida em que se dirige a uma faixa da população que se encontra em formação. Considerando que o objetivo aqui é descrever como se constrói o discurso da mídia sobre a adolescência, a partir da hipótese de que os textos e imagens se produzem sobre o tema básico das “relações consigo”, tal como o definiu Foucault, descubro em documentos como o *Programa Livre* uma tendência que se aplica igualmente aos outros componentes do *corpus* desta pesquisa. Essa tendência diz respeito à forma explícita de a mídia assumir para si uma função pedagógica, como a dizer não só que outras instâncias sociais, como a escola, estariam talvez perdendo a exclusividade em relação a esse papel, mas principalmente também que os meios de comunicação podem e devem assumir uma liderança nesse sentido, diante de tantos e tão graves problemas enfrentados pelos mais jovens, em especial no que se refere à sua sexualidade e a seu corpo.

Assim, vamos nos aproximando da compreensão de como acontece, neste período aqui considerado – os anos 90 no Brasil, estudados a partir de alguns produtos da mídia, veiculados no segundo semestre do ano de 1994 –, a produção de discursos que definem um modo específico de vida (no caso, modos de existência dos adolescentes brasileiros). Os documentos, como se vê pela análise, registram traços importantes de um momento nessa história das “técnicas de si”, nessa longa história da produção de sujeitos em nossa cultura. Acompanhamos aqui um instante na trajetória de transformações das “relações consigo”, e descrevemos um aparato técnico relativamente novo (a mídia e todas as suas técnicas de exposição do sujeito), com seus respectivos efeitos de poder, privilegiando um dos aspectos da *gouvernementalité* de que nos fala Foucault: o governo de si e por si, mas articulado fortemente à relação com o outro. Dito de outra forma, descrevemos aqui discursos sobre um modo de voltar-se para si mesmo, na adolescência, e que hoje é fortemente mediado pelos animadores da televisão, pelos personagens de seriados, pelos colunistas de jornais e revistas,

---

<sup>134</sup> Estou entendendo “pedagógico” no sentido explicitado por Jorge Larrosa em “Tecnologias do Eu e Educação”. Partindo da concepção foucaultiana de “governo de si” na sua articulação com as relações com os outros, Larrosa define a produção do sujeito pedagógico como necessariamente relacionada a “modos de subjetivação”, isto é, a práticas que constituem e mediam certas relações da pessoa consigo mesma (Cf. LARROSA, 1994, p. 54). Mesmo que aqui não estejamos tratando da pedagogia escolar, como Larrosa, caracterizamos as formas pelas quais a mídia produz e veicula seus textos em direção aos mais jovens como fortemente eivadas de um “ethos pedagógico”: ao lado de uma função objetiva de informar e divertir espectadores, por exemplo, há uma função explícita e implícita de “formá-los”, e isso, em nossos dias, não escapa à produção e veiculação de técnicas e procedimentos voltados para a relação dos indivíduos consigo mesmos.

pelos autores de manuais de auto-ajuda, esses Outros que ensinam aos mais jovens como pensar a si mesmo, como relacionar-se consigo, com seu corpo, saúde e sexualidade, com a família, com a sociedade, com o próprio futuro.

Diante de 57 edições do *Programa Livre*, veiculadas de agosto a dezembro de 1994<sup>135</sup>, fiz-me algumas perguntas básicas, necessárias a uma distribuição inicial dos programas. Em primeiro lugar, considerando que durante o período analisado a veiculação passou do horário vespertino (das 16h30min às 17h30min) para o horário noturno (das 20h40min às 21h45min)<sup>136</sup> e que, segundo o próprio diretor e apresentador, Serginho Groisman, verificava-se uma modificação na audiência, com um aumento na faixa etária, era fundamental indagar: quantos e quais desses 57 programas tratavam de temas tradicionalmente tratados como específicos do mundo adolescente ou, pelo menos, do mundo jovem? Afinal, como acontece desde a criação do programa até hoje, a platéia continua sendo exclusivamente de adolescentes. Uma segunda questão, decorrente da primeira, poderia assim formular-se: em que casos alguns temas, de interesse geral, são selecionados para também atingir o público-alvo<sup>137</sup>? Em terceiro lugar, sabendo-se que programas de auditório em televisão não podem prescindir dos astros da mídia, era importante averiguar de que modo essas figuras fundamentais se distribuíam em tal conjunto – como personagens centrais, a contar sua história de vida; como personagens exemplares de um determinado modo de vida em debate; ou como divulgadoras de um certo trabalho ou atividade em destaque no momento. Da mesma forma, cabia perguntar em que casos Serginho Groisman abria mão das celebridades e trazia simplesmente “pessoas comuns” para serem entrevistadas. Ainda quanto aos convidados, seria importante verificar a propósito de que temas buscava-se a figura do “perito”. Finalmente, interessava-me apanhar, a partir desses textos, como se deu a inserção da TV para adolescentes num determinado recorte do tempo, que coincidia exatamente com o período da campanha e da própria realização das eleições gerais no País.

Implícito nessas perguntas está o esforço em desenvolver o trabalho de análise interrogando a linguagem naquilo que efetivamente foi dito, operando sobre os documentos desde seu interior e ordenando os elementos de modo que possam fazer-se ver as complexas relações nas quais estão imersos os textos e os respectivos enunciados, a partir deles mesmo. Ao mesmo tempo que organizamos os dados, como que a sintetizá-los, multiplicamos as coisas ditas, segundo um critério principal: o problema da “relação consigo” na constituição de um modo de “ser adolescente”, a partir da captura de tal público pela mídia – esse lugar fundamental de produção e circulação de poderes e saberes na sociedade contemporânea.

---

<sup>135</sup> Os 57 programas, que correspondem a aproximadamente 50 horas de gravação no ar, têm a seguinte distribuição, por mês: agosto – 5 programas; setembro – 15; outubro – 10; novembro – 10; dezembro – 17.

<sup>136</sup> Esse novo horário passou a vigorar a partir do mês de setembro.

<sup>137</sup> Saber das fobias de pessoas famosas, ou de como casais de artistas vivem o problema da traição dentro do casamento – são alguns exemplos de temas muito bem recebidos por esse público.

Assim, seguindo o mesmo esquema básico utilizado para a análise do seriado *Confissões de Adolescente* (a respeito dos diferentes modos de “relação consigo”<sup>138</sup>), e cruzando-o com as perguntas acima, que permitiram a distribuição das 57 edições do *Programa Livre*, obtivemos uma distribuição nem tão rigorosa como o pretendido, mas bastante operacional no sentido da seleção dos principais tópicos de análise.

Segundo a temática e os convidados, os 57 programas distribuem-se assim: a) Programas que tratam da relação do adolescente com sua intimidade (sexual, amorosa, familiar, corporal): de um total de vinte, dez versam sobre sexualidade (virgindade da mulher, abuso sexual também contra a mulher, AIDS, gravidez, pornografia, erotismo); os demais debatem família, beleza e tratamento do corpo, alcoolismo, morte, traição amorosa. Em dezesseis desses programas, os entrevistados são pessoas públicas (atores, diretores e apresentadores de TV, modelos, jornalistas, desportistas); em quatro, os convidados são pessoas comuns que viveram experiências difíceis (como a do alcoolismo e da violência sexual). É exatamente neste conjunto de programas que se concentram os oito especialistas da área médica e psicológica, que aparecem no total dos 57 programas: dois psiquiatras, duas psicólogas, uma sexóloga, uma psicanalista, uma infectologista e um psicoterapeuta. b) Programas que colocam o adolescente em relação ao exemplo do Outro: nos doze debates, os convidados, sempre pessoas famosas, em geral do campo artístico, do esporte, do jornalismo e da publicidade, contam sua história de vida, ou seja, uma história necessariamente de sucesso. c) Programas que convidam o adolescente a “olharem o mundo”. São ao todo 25 programas nessa categoria: onze trazem profissionais do rádio, cinema, televisão e literatura, para falarem de suas produções e de novos estilos de criação e também, na maioria dos casos, para contarem suas histórias de vida; quatro tratam de política (duas entrevistas com candidatos à Presidência da República, uma com mulheres eleitas e uma com personalidades da mídia falando sobre eleições); oito desses 25 programas trazem para o debate problemas sociais brasileiros (violência, racismo, trabalho precoce, velhice, marginalidade), quatro dos quais dando a palavra a pessoas comuns, e os demais contando com a presença de um sociólogo, uma *socialite*, um lutador de luta livre, além de atores e atrizes; dois, finalmente, tratam de temas variados (como viver no exterior e trabalhar na passagem de ano)<sup>139</sup>.

Duas importantes observações fazem-se necessárias aqui. Primeira: como vimos na análise de *Confissões de Adolescente*, a distribuição dos programas (ou episódios) segundo as formas de “relação consigo” não implica, obviamente, que esses documentos sejam submetidos a uma camisa de força classificatória. Ou seja, um programa sobre o problema social da velhice, por exemplo, diz respeito também às relações de nível mais íntimo e privado do adolescente consigo mesmo; da mesma forma, qualquer uma das edições do

---

<sup>138</sup> Conforme explicitado no Capítulo 4, item I – “Adolescente e mulher: a emergência de um discurso”.

*Programa Livre*, até pela tradição dos programas de auditório com entrevistados, poderá dedicar um bom tempo a perguntas pessoais aos convidados, independente de a temática privilegiar uma questão mais ampla: assim, num programa sobre o extermínio de pessoas em Vigário Geral, no Rio de Janeiro, o apresentador poderá perguntar à *socialite* de São Paulo como vai sua filha, atriz de teatro e televisão, como cuida de sua educação, e assim por diante. Esse é um modo de se fazer TV e é também um modo de constituição do sujeito em nossos tempos: passa-se de um “ambiente” – temático, emocional e conceitual – a outro, completamente distinto, com muita naturalidade, assim como se faz o *zap* diante da televisão<sup>140</sup>. Portanto, a classificação feita funciona no sentido de orientar uma análise geral dos textos e imagens, e não impede que, ao nos determos sobre um ou outro programa específico, tratemos, inclusive ao mesmo tempo, de tópicos que atravessem as três grandes formas de “relação consigo” aqui apontadas.

A segunda observação diz respeito aos “falantes” do *Programa Livre*. Agrupei os 57 programas segundo os temas e os convidados, sugerindo talvez uma importância menor a dois outros enunciadores: o diretor e apresentador Serginho Groisman e a platéia de adolescentes. Na realidade, ambos constituem-se os enunciadores básicos, no sentido da proposta original do programa, embora as atenções se dirijam quase plenamente para os convidados, ainda mais quando estes são, como na maioria dos casos, astros da mídia. Na análise, mostro como se dá a relação do apresentador com seus três interlocutores: a platéia, os convidados e os espectadores; igualmente importante é o movimento dos adolescentes como platéia e como enunciadores, nessa cena (um auditório) que se inclui dentro de outra cena maior (a televisão em canal aberto). Como eles formulam suas perguntas, em que momentos são convidados a fazer testemunhos de suas experiências pessoais, como são controlados pelas câmeras e por Groisman no decorrer do “espetáculo”? Talvez se possa, a partir da resposta a tais questões e da investigação sugerida por esse tópico, descrever as características que definem tal produto como um “programa para adolescente”, uma vez que a simples presença de celebridades falando de sua vida não é privilégio seu; ao contrário, tornou-se uma das formas mais comuns de se fazer televisão, como atestam os inúmeros *talk shows* que proliferam e fazem sucesso em emissoras de todo o mundo.

A análise, como já dissemos, segue aqui o mesmo esquema básico usado para descrever o seriado da TV Cultura, o qual foi definido pelos diferentes modos de “relação consigo” – o adolescente e a relação com a privacidade de sua vida (seu corpo, sua

---

<sup>139</sup> Não estamos considerando aqui os grupos musicais que diariamente se apresentam ao vivo, num dos blocos. Além do *show*, os componentes das bandas concedem uma breve entrevista sobre seu trabalho.

<sup>140</sup> Isso tem relação com alguns traços culturais e estéticos da episteme de nossa época, que o estudioso mexicano Néstor Canclini sintetizou muito bem em seu último livro – *Consumidores e cidadão: conflitos multiculturais da globalização*. Esses traços dizem respeito a: “o predomínio da ação espetacular sobre formas mais reflexivas e íntimas de narração, o fascínio por um presente sem memória e a redução das diferenças entre sociedades a um multiculturalismo padronizado” (CANCLINI, 1995, p. 40-41).

sexualidade, saúde, ligações amorosas e familiares); a “relação consigo” a partir do exemplo do Outro; a constituição de si a partir da compreensão ampla do mundo e dos problemas sociais. Esses modos de voltar-se para si, propostos nos textos enunciados, são vistos sobretudo quanto aos jogos de poder e saber que os atravessam, quanto às posições dos sujeitos em questão, considerando, como já dissemos, a cena enunciativa básica: um programa de TV veiculado nacionalmente por uma rede comercial de televisão, na sua condição de programa de auditório. Assim, ver-se-á que a própria materialidade do produto – um programa diário com debates não editados<sup>141</sup>, a presença de platéia equitativamente dividida entre participantes do sexo masculino e feminino e a preocupação com a atualidade dos temas discutidos – é fundamental para marcar modos distintos de falar do adolescente e para ele. As questões sociais, por exemplo, têm aqui maior presença que em *Confissões*; por outro lado, a necessidade de figuras míticas ou de sucesso na mídia cruza-se com a exposição de problemas básicos do País, como a violência e a pobreza. Mas o tratamento de algumas questões importantes, referentes à sexualidade de meninos e meninas, ao mesmo tempo que repete o refrão pedagógico de *Confissões*, faz emergir com mais realidade uma série de conflitos – de relações de poder entre pais e filhos, e entre homens e mulheres, por exemplo –, trazendo à tona a memória de discursos extremamente conservadores a respeito de sexo e moral, junto com a exposição de modos de viver inusitados, alternativos e às vezes totalmente fora dos padrões. Assim, a ligação entre corpo e beleza, especialmente na definição de gênero – e sempre a partir do modelo das mulheres da mídia, da moda e da publicidade – mistura-se a discursos sobre a liberdade de expressão e a liberalidade dos costumes, numa época em que as pessoas, principalmente, podem e devem, senão “fazer tudo”, pelo menos “falar tudo”.

Antes de passar ao texto principal da análise, cabe dedicar um espaço a algumas informações essenciais sobre o *Programa Livre*, quanto à sua estrutura, dados de sua trajetória e de seu apresentador, além de fazer referência a como os jornais e revistas situam esse produto no conjunto das atenções que, em nossa sociedade, voltam-se significativamente para o público *teen*.

## II – PROGRAMA LIVRE, AUDITÓRIO JOVEM PARA UMA NOVA “PEDAGOGIA”

Embora programas de auditório – em todas as suas modalidades: com competições, calouros, participação do auditório, entrevistados famosos – sejam bastante comuns e tenham boa aceitação junto ao público, o que distingue fundamentalmente cada um é a figura do

---

<sup>141</sup> No horário vespertino, a veiculação é ao vivo; no horário noturno, como acontece com 52 dos 57 programas analisados, as gravações são feitas à tarde para irem ao ar no mesmo dia, à noite. Segundo Serginho Groisman garante, nesses casos “não há cortes, é como se o programa fosse ao ar ao vivo” (FIRME, Márcia P. “Espaço Para o Inesperado”. Caderno TV, *Jornal do Brasil*, 10 set. 1994, p. 8).

animador<sup>142</sup>. Criado, dirigido e apresentado por Serginho Groisman – que desde os anos 70 trabalha com a organização de espetáculos<sup>143</sup>, *shows* e com a criação de programas de televisão, sempre para o público jovem –, o programa *teen* do SBT tem a marca do seu idealizador. Ao mesmo tempo que Groisman cede a muitas imposições do meio TV (como a “obrigação” de fazer falar pessoas públicas do meio artístico, jornalístico e publicitário, por exemplo), seu trabalho caracteriza-se pelo tratamento respeitoso dos espectadores, platéia e entrevistados, sem abrir mão da irreverência, por vezes manifestada pelos estudantes nas arquibancadas.

É nesse clima, durante cinquenta minutos e em quatro blocos, que grupos de colegiais, de 12 a 20 anos e de ambos os sexos, vindos do município de São Paulo, do interior ou mesmo de outros Estados, dançam, cantam, aplaudem, agitam-se, perguntam, participam de testes, contam experiências e sentimentos, e sobretudo ouvem, diariamente, de segunda a sexta-feira, as histórias de pessoas, em geral celebridades da mídia, em meio a câmeras que se movimentam num cenário circular, povoado de telas, grandes ou pequenas, onde se reproduzem *clips*, com imagens ligadas ao tema em questão. Enquanto as pessoas falam, a tela registra legendas que ou reforçam uma expressão dita ou interpretam os testemunhos: falar não é só falar, é sublinhar palavras, é ler os ditos através de outras imagens (por exemplo, com efeitos retirados da linguagem da história em quadrinhos e do desenho animado), é focalizar rostos e expressões, gestos inusitados – como o par de namorados de mãos dadas ou a menina que trança tranqüilamente a longa cabeleira da colega, ou ainda alguém que masca distraidamente seu chiclete; é também pontuar toda essa narrativa, mostrando concordâncias e ironias, olhares divergentes, da platéia ou dos próprios convidados.

De um lado para outro, andando rápido entre os 300 estudantes postados em círculo e nas arquibancadas ou mesmo no chão, Serginho Groisman, atualmente com 46 anos, lidera a cena e conduz com competência os debates. Chamado pelos jornalistas e críticos de “herói”, “tio” ou “irmão mais velho” dos adolescentes, ele assume, mesmo sem o admitir, um papel de educador, de alguém que se reveste de missão especial, como ele próprio evidencia neste depoimento: “O objetivo do *Programa Livre* é democratizar a TV para fazer do espectador sujeito, e não objeto”<sup>144</sup>. Nessa mesma época, em outra entrevista, ele explicita melhor: “Aqui os jovens não estão representando eles mesmos. Eles resumem a sociedade (...) Cada um tem um modo de pensar e avaliar a sociedade. Há quem defenda a pena de morte e seja contra o

---

<sup>142</sup> Basta lembrar alguns programas clássicos da televisão brasileira, como os de Flávio Cavalcanti, Chacrinha, Jota Silvestre, e outros ainda hoje no ar, como os de Hebe Camargo, Sílvio Santos e Fausto Silva, mantidos durante anos e sempre com uma considerável audiência

<sup>143</sup> Serginho Groisman foi aluno do Colégio Equipe, de São Paulo, onde atuou como diretor cultural de eventos estudantis. Cfe. reportagem intitulada “Ele brinca de falar sério”. Revista da Tevê, *Zero Hora*. Porto Alegre, 24 mar. 1996, p. 10.

<sup>144</sup> Em entrevista à revista *Veja*, na reportagem “A Hora da Moçada”, feita a propósito do *boom* de programas televisivos para adolescentes no Brasil, em 1992. *Veja*. São Paulo, 4 nov. 1992, p. 103.

aborto, mas também quem defenda o contrário. Quem está pensando é a sociedade, e aí aparecem as diversas posições”<sup>145</sup>. Aliás, a busca do equilíbrio, que identificamos em *Confissões*, também aqui é um objetivo a atingir, mas está diretamente relacionada à questão básica da informação. Interessado em divulgar idéias e posições diferentes sobre vários temas, Groisman define assim seu papel: “Não dou conselhos. Parto do princípio de que cada um tem seu universo, que deve ser respeitado”<sup>146</sup>.

Atenta às questões em evidência na atualidade, a produção do programa inclui na agenda, ao lado das temáticas permanentes – sobre relações amorosas, sexualidade, tratamento do corpo e da alma, conflito de gerações, aborto, virgindade –, a discussão de assuntos que fazem as manchetes dos grandes jornais no País. Em 1994, por exemplo, a intervenção do Exército no Rio de Janeiro (trazendo à discussão a memória dos massacres de Vigário Geral e do Carandiru) e as eleições para a Presidência, Senado e Câmara, não ficaram de fora. Da mesma forma, a estréia do seriado *Confissões de Adolescente* na TV Cultura e eventos como a 13ª Bienal do Livro ou a Mostra Internacional de Cinema, na capital paulista – tudo rende entrevistas que colocam o público em contato com seu tempo, mesmo que em geral a tendência seja explorar a figura individual e privada dos convidados. A ousadia das perguntas, feitas sem qualquer constrangimento, tem sido uma marca do programa. Assim, quando os candidatos à Presidência da República aceitaram o convite de Serginho, arriscaram-se a ouvir todo o tipo de perguntas. Enéas, por exemplo, defrontou-se com a seguinte indagação de um garoto: “*É verdade que o senhor é fascista?*”, enquanto Lula, ao despedir-se da platéia, respirou aliviado: “*Pensei que vocês iam me apertar mais, vim até armado para responder aos ataques*”. Essas perguntas às vezes agressivas, inusitadas, feitas sem censura, convivem com intervenções absolutamente previsíveis e às vezes monótonas, em geral quando esses jovens estão diante de personalidades de sucesso: pergunta-se sempre como as pessoas escolheram ser modelo, ou escritor ou artista da TV, quem as incentivou, qual o principal sucesso (qual a música que mais gosta de cantar, qual o livro que mais gostou de escrever, qual o meio em que mais gosta de atuar, teatro, cinema ou TV); se o convidado tem uma escolha de vida muito especial (se é travesti, é modelo de vídeos ou revistas eróticas, engravidou na adolescência, por exemplo), a pergunta inevitável é sobre a família, como foi a reação dos pais e assim por diante. Eles repetem aí o que aprendem diariamente na TV e nas páginas de jornais e revistas, através da atuação também previsível de repórteres e apresentadores de *talk shows*.

Entretanto, considerando-o de uma maneira mais ampla, o programa mantém sua atratividade talvez por não amarrar-se a uma fórmula repetitiva. Apenas o que é definido comercialmente não se altera: os *breaks* para os intervalos comerciais são sempre quatro, um

---

<sup>145</sup> Depoimento à jornalista Márcia Penna Firme, na reportagem “Espaço Inesperado”. Caderno TV, *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 10 set. 1994, p. 8.

após a apresentação do programa e os outros três entre os quatro blocos principais; também o quadro patrocinado pela pasta de dente “Kolynos”, em que os jovens participam de um teste (por exemplo, responder qual é o título de um certo filme, quem é seu protagonista, e assim por diante) sempre é pautado sobre o tema principal do debate. A não ser nesses casos, o modo de fazer o programa varia diariamente: assim, pode incluir ou não reportagens especiais, a respeito da polêmica escolhida (AIDS, gravidez na adolescência, alcoolismo, consumo de revista pornográficas); incluir ou não os testemunhos de meninos e meninas da platéia, que concorrem a uma camisa ou a uma caixa de pastilhas “Garoto” (nesse quadro, eles podem testemunhar como é sua vida na condição de filhos de pais separados ou então narrar como foi o momento em que um dia conversaram sobre sexo com seu pai ou sua mãe); além disso, o programa não tem número fixo de personalidades: centra-se em dois convidados ou em cinco ou em dez, conforme a necessidade ou as possibilidades da produção; esses convidados, como vimos, podem ser celebridades ou pessoas destacadas da comunidade, como podem ser pessoas comuns que viveram ou vivem determinada experiência, ali colocada em debate. O *show* de música, presente em todas as edições, ocorre quase sempre no terceiro bloco, mas pode ser apresentado em qualquer um dos demais.

Além da forma diversificada de fazer o programa e da versatilidade do apresentador em tratar dos mais diferentes assuntos, é preciso registrar pelo menos dois outros aspectos relativos à qualidade da produção: um deles diz respeito à direção de TV que, na seleção de imagens, dadas pelas câmeras durante o debate, busca captar todo o tipo de reações dos presentes (por exemplo, no programa intitulado “Amor e Traição”, um psicoterapeuta fala da existência de “*personalidades cornogênicas*” (*sic*), isto é, pessoas com tendência a serem traídas, e no mesmo instante a câmera capta a indisposição da atriz Júlia Lemmerz com o neologismo do especialista: ela baixa a cabeça e sorri ironicamente, desconfortável, claramente discordante); outro aspecto diz respeito ao planejamento geral do programa: quase sempre busca-se integrar os diferentes quadros, a partir do mote dado pela temática (no programa sobre “Sexo e Imprensa”, em que os convidados são editores de revistas como *Playboy*, a reportagem vai até as bancas de revista para saber quem compra publicações de “mulher nua” e como essas pessoas o fazem; no quadro do creme dental, três garotos dão seu testemunho sobre a experiência de ler pela primeira vez uma revista pornográfica; no *show*, apresenta-se um casal, o cantor e a bailarina, que já posaram nus para a revista *Sexy*, cujo editor está presente como entrevistado; o teste do dia é feito a partir de um *clip* da cantora Madonna, cantando seu sucesso intitulado “Erótica”; finalmente, a música que encerra os blocos e o programa é um *rock* nacional, cujo refrão é “Eu quero sexo”<sup>147</sup>).

---

<sup>146</sup> Depoimento dado à reportagem “Ele brinca de falar sério”. Op. cit., p. 10.

<sup>147</sup> “Sexo!” é a composição de Roger e Maurício, do grupo “Ultraje a Rigor”, que dá título a seu LP lançado em 1987. A letra faz referência aos cortes, no cinema e TV, de filmes com cenas de nu ou de sexo. O refrão diz: “Eu quero sexo! Me dá sexo!/ Sexo! Como é que eu fico sem sexo!”.



Serginho Groisman busca a unidade num lugar caracterizado pela dispersão e pela fragmentação, características de nosso tempo, que nem ele nem seu programa criticam ou desprezam: estão imersos nelas e é a partir delas e com elas que o *show* é produzido. Quando os convidados são de dois mundos distintos, como no caso do programa com o diretor e ator Daniel Filho e a jogadora da seleção brasileira de vôlei, Fernanda Venturini, tanto o apresentador como a platéia fazem perguntas ora a um ora a outro, mudando de assunto alternadamente. No caso desse programa, aliás, o próprio Daniel Filho se encarregava de fazer a ligação entre sua vida e a da jogadora: “*Eu também jogo em todas as posições, eu ataco, levanto...*”, usando as palavras nitidamente em um duplo sentido. Imagino que, para os participantes da platéia, essas ligações “globalizantes” não sejam nem desejáveis nem necessárias, embora eles as recebam bem. Esse, aliás, é mais um dos elementos da “função pedagógica” aqui referida: ordenar, mesmo que às vezes aleatoriamente, os estilhaços de uma explosão de informações, dados, imagens e sons, a partir de recursos formais de linguagem e da própria maneira pessoal de o apresentador conduzir o programa.

Eu diria até que, desse lugar duplamente revestido de poder – o lugar da pessoa mais velha, experiente e informada, que se mostra identificada com o mundo dos adolescentes, e que conquista um posto na mídia, de diretor e apresentador, num programa em que conduz, controla e faz falar ídolos e pessoas comuns, mas sobretudo os mais jovens – Serginho Groisman encarna um tipo “pedagógico” que parece desenhar-se como desejável para o nosso tempo, segundo os padrões ensinados pela mídia. Ele ensina e fala de um lugar onde tudo tem a linguagem daquele a quem o mestre se dirige: no caso, a linguagem do videoclipe, da dispersão dos sentidos e das informações, da agitação permanente – veja-se, a propósito, como Groisman abre o programa: pedindo “*mais som, mais som!*” e apresentando num ritmo quase ininteligível, de tão rápido, os colégios participantes daquele dia. Pois é de dentro desse lugar que ele apanha os adolescentes e os traz à exposição, ocupado com uma espécie de missão, que pode traduzir-se, entre outras preocupações, pela fixação num objetivo: fazê-los entender, de uma vez por todas, que sexo hoje pode matar, que a gravidez na adolescência pode trazer conseqüências desastrosas e que, por isso, todas as soluções propostas de fazer “sexo seguro” são bem recebidas, não importa muito de onde venham – ou da sexóloga que sugere todos os prazeres “*não genitais*”, ou do empresário que criou a “*máquina do sexo*”, e assim por diante. Ele confere um certa ordem à confusão e multiplicidade experimentadas no cotidiano, justamente a partir de uma tarefa normalizadora que ele mesmo se impõe, em nome de uma sociedade cujas instâncias educadoras parecem ter-se fragilizado.

Os jovens aceitam a liderança desse personagem<sup>148</sup> que a todo o momento lhes diz “*Fala, garoto!*”, que se diverte com eles e os anima, e que se investe sobretudo do papel de

---

<sup>148</sup> Desde a estréia no SBT, o *Programa Livre*, tendo em vista as contínuas alterações de horário, atinge variados índices de audiência. Em São Paulo, os números podem apontar dois, cinco, sete ou até dez pontos no IBOPE. A

seu orientador para “as coisas da vida”. Serginho pode criticar-lhes atitudes preconceituosas (como condenar pessoas com AIDS), chamar a atenção para a efusividade com a violência (aplaudir alguém que deixou o outro paraplégico, mesmo que em legítima defesa, ele não aceita – “*A violência é ruim de qualquer jeito*”); pode ainda reclamar quando um ri do erro do outro (alguém que falou “estrupe” em lugar de estupro, por exemplo) e até discretamente e em tom de brincadeira apontar, como um autêntico professor controlador, alguém que está ouvindo música no fone de ouvido durante o programa. A resposta desse público, a julgar pelos depoimentos dados por ocasião do terceiro aniversário do *Programa Livre*, em agosto de 1994, só faz reforçar a posição de líder e orientador dos adolescentes, conquistada por Serginho: ali, jovens de 12, de 16, 18 ou 20 anos, de ambos os sexos, dizem encontrar “*respeito acima de tudo*”, um lugar para “*perguntar o que não se tem coragem*” ou o que se tem “*vergonha de perguntar aos mais velhos*”, um lugar para “*se posicionar e saber das coisas*”; enfim, uma “*chance para a gente mostrar o que a gente sabe*”.

Dentre os 57 programas gravados, cujos dados sofreram um primeiro tratamento de organização e reorganização, a partir do esquema de análise escolhido, selecionei um conjunto de tópicos relativos aos modos de “relação consigo”, que se dispersam nesses depoimentos, testemunhos, perguntas e respostas, imagens e movimentos, os quais colocam em exposição adolescentes lado a lado com astros do *show biz*, peritos dos cuidados com o corpo e a alma e conselheiros da mídia de todos os matizes.

---

média, tomando por base nove capitais, é de 6% de audiência, o que significa 2.500.000 telespectadores (Fonte: IBOPE). As 250 cartas e os 300 adolescentes da platéia, diariamente recebidos pelo programa, também servem para medir essa popularidade e aceitação. (Cf. reportagens sobre o *Programa Livre*, publicadas desde 1991, em: *Veja* (04 nov. 1992, p. 103 e 104; *Veja RS*, 7 out. 1992, p. 15); TV Folha, *Folha de S.Paulo* (13 ago. 1995)). Numa reportagem de *O Estado de São Paulo*, uma pesquisa do InformEstado, feita em novembro de 1994, o *Programa Livre* é apontado como o melhor programa “na área de orientação e discussão dos problemas e situações” e está colocado em sexto lugar. como um dos dez melhores programas de televisão, ao lado do *Fantástico*, *Jornal Nacional*, *Globo Repórter*, *Domingão do Faustão*, *Sílvio Santos*, *Planeta Terra* e inclusive *Confissões de Adolescente*. (Reportagem intitulada “Sem TV, 22% dos brasileiros não sabem o que fazer da vida”. Caderno Especial de *O Estado de São Paulo*, 22 jan. 1995).

### III – ENUNCIÇÕES DO “GOVERNO DE SI” PELO “GOVERNO DO OUTRO”

#### A – Os ditos sobre corpo, sexualidade e gênero

##### 1. *De amor, virgindade, AIDS e estupro*

“ROMEU –Ó bendita, bendita noite! Quanto temo, sendo agora noite, que tudo isto não passe de um sonho por demais encantador e doce para ser verdadeiro!

JULIETA – Três palavras, querido Romeu, e ainda boa noite! Se teus pensamentos amorosos são honestos e teu fim o matrimônio, envia amanhã, por intermédio de uma pessoa que procurarei mandar-te, uma palavra dizendo onde e a que horas queres que se verifique a cerimônia e colocarei minha sorte a teus pés, seguindo-te pelo mundo como meu dono e senhor”<sup>149</sup>.

Na mesma época em que a *Novela das Oito* da Rede Globo discutia em “Pátria Minha” a perda da virgindade pela menina adolescente, através da personagem Alice<sup>150</sup>, tema que passou a ser fonte de reportagens nos cadernos de televisão e de cultura dos grandes jornais, bem como de todas as publicações para jovens, como o *Folhateen*, da *Folha de S.Paulo*, Serginho Groisman acompanha o movimento em torno do tema e o traz para debate. Se na ficção a mãe de Alice, mesmo em conflito, acaba aceitando que a filha passe a ter uma cama de casal em seu quarto, para ter relações sexuais com o namorado, na arena de debates do *Programa Livre* as forças conservadoras da sociedade – da família, basicamente – aparecem na figura das adolescentes da platéia: só aceitam falar aquelas que, até o momento, optaram pela virgindade, jamais as que já tinham a experiência de desvirginamento.

Nesse exemplo, reúnem-se elementos fundamentais dos diferentes modos através dos quais a mídia se apropria de um tabu, ainda hoje vivo, apesar de todas as transformações culturais e sociais, vividas sobretudo a partir da década de 60. Assim, tanto na ficção como no debate com pessoas “reais”, localiza-se o conflito da perda da virgindade exclusivamente na mulher, e é dela que então se vai exaustivamente falar; para debater a adolescente virgem ou não virgem, estão no *Programa Livre* uma psicanalista (Rosely Sayão, a mesma que responde às cartas de adolescentes em *Folhateen*), um ator de TV que coordena uma campanha educacional sobre sexo e AIDS (Nico Puig), a Miss Brasil e Miss Mundo 93 (Lília Virna), que explica a opção pela virgindade, e a modelo Núbia Oliveira, que defende a posição oposta. Programas como esse parecem dizer ao espectador: respeitamos todas as opções, mas o mais “moderno” seria entender que precisamos abandonar os preconceitos, que os tempos mudaram

---

<sup>149</sup> William Shakespeare. “Romeu e Julieta” (Cena II, Segundo Ato). In: *Tragédias*. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 45.

<sup>150</sup> “Pátria Minha”, novela de Gilberto Braga veiculada no segundo semestre de 1994, tinha como personagem central uma adolescente, uma menina “politicamente correta” e filha de mãe solteira (vividas respectivamente pelas atrizes Cláudia Abreu e Renata Sorrah). Os jornais, na época, fizeram inúmeras reportagens sobre a “relação perfeita” de mãe e filha, mostrada na televisão.

e que deixar de ser virgem não é mais problema, basta querê-lo – desde, é claro, que se use a camisinha. Está aí a ciência psicológica a explicar essas transformações e aqui estamos nós para esclarecê-los sobre qualquer coisa.

Ao mesmo tempo que se registra o aval público das possibilidades de avanço no modo de a menina viver sua sexualidade, é de dentro dessa mesma cena que outras vozes afirmam a posição contrária, respaldadas pelo alarde sobre sexo, morte e AIDS, feito pela própria mídia: se é verdade que as meninas da platéia já não são Julietas a aceitar o matrimônio como a única e abençoada forma de realizarem o amor e a entrega física, hoje elas afirmam e reafirmam que não o fazem, isto é, permanecem virgens, porque estão aguardando a “*pessoa certa*”. “*Por que é tão importante para você permanecer virgem?*”, pergunta Serginho à menina. E ela, sem pestanejar: “*Ah, porque esse é um momento super importante para a mulher. Tem que estar super preparada psicologicamente, tem que encontrar o cara que goste dela e que ela goste. Tem que encontrar o cara certo*”. “*Tem que ser com amor. Eu não quero fazer sexo, eu quero fazer amor*” – completa a colega ao lado.

Para apoiá-las publicamente está ali, entre os convidados, a Miss, virgem, que dá seu testemunho sobre o que a leva a preservar a virgindade: “*Pra mim, eu preservo porque eu quero amor, amor, amor*”. Serginho intervém, indaga sobre o problema de com isso a mulher ir criando uma expectativa muito grande para si mesma, de modo que a primeira vez “*seja o máximo*”; e pergunta: “*Quando você está fazendo amor, não está fazendo sexo?*”. A psicanalista ocorre: “*Sexo sempre tem algum tipo de relacionamento, ou atração, ou amor...*”. A Miss não se rende, Serginho muda a direção do debate e aproveita uma pergunta sobre pais preconceituosos, devolvendo-a à platéia: “*E os filhos de hoje não serão os pais preconceituosos de amanhã?*”. O menino diz que não, mas outra garota discorda: “*Temos mais liberdade, mas não é tanto assim*”. A psicanalista fala da memória dos pais desses adolescentes – “*No tempo deles, a mulher tinha que casar virgem. É difícil se livrar do preconceito. Parece que gruda na gente, é preciso paciência...*”. No final, a pergunta inevitável, feita por um rapaz: “*Mas a AIDS não influencia no sexo?*”. Nesse momento, o discurso toma outro rumo: já não se fala em amor, nem em história de repressão, mas sim de segurança. Os pedagogos do sexo, peritos da ciência médica ou astros alçados ao papel normativo e salvador, rapidamente entram em cena: a doutora Rosely Sayão fala em usar a camisinha desde a primeira vez, “*pra ter o hábito*” e o ator de TV, Nico Puig faz o seu alerta: “*Trabalho com jovens, numa campanha sobre AIDS, e posso passar um dado pra vocês: a maioria das meninas dizem que transariam sem camisinha, se o namorado pedisse para não usar. Eu faço um apelo: como diz a Maria Mariana, que toda Julieta moderna carregue no seu corpete uma camisinha!*” (aplausos da platéia).

No programa “Sexo Pós-AIDS”, do mês anterior, a sexóloga Marilene Vargas, autora do livro *Manual do Orgasmo*, une-se a um empresário que criou a “máquina do sexo” (nitidamente dirigida aos homens, pois reproduz um corpo de mulher, seminu, no qual a pessoa se encosta, enquanto acompanha um filme por um visor acoplado à máquina) e a uma artista pornô (“Sol Sexy”) que fala textos eróticos ao telefone, para ensinar aos espectadores jovens formas diferentes de fazer sexo seguro. Enquanto o empresário diz que sua invenção é usada “para a prevenção da doença”, e a artista afirma que seu trabalho “é coisa séria e limpa” e que, além disso, sua voz “excita com segurança”, a sexóloga, cujos pacientes em busca do prazer têm de 13 a 80 anos, ensina que o orgasmo é, antes de tudo, “uma coisa cerebral” e mostra o que deve ser feito diante da epidemia da AIDS. Embora ela fale genericamente a um “você” e se refira “ao parceiro”, ao dizer “costumes dele” parece estar nitidamente dirigindo-se à adolescente mulher:

*SEXÓLOGA – “Você deve estar a par das novidades, sabendo como se prevenir, usando camisinha, evitando infecções de repetição, usando vacinas, procurando conhecer o parceiro com quem vai se relacionar. Você pode melhorar a qualidade do seu relacionamento. Você pode namorar, você pode malhar, você pode se excitar, você pode ter orgasmo visual, tátil, antes de ter o orgasmo genital. E enquanto isso você está sabendo dos hábitos e costumes dele. O namoro voltou a ser uma coisa eficaz e importantíssima na prevenção da AIDS. Antes, você transava e depois perguntava o nome; hoje, você primeiro pergunta o nome e depois transa”.*

Sem o dizer, mas dizendo-o, a sexóloga reaviva enunciados e práticas seculares relativos à sexualidade feminina: permancer “intacta” até o casamento, valor explicitamente moral e religioso em outras épocas, reveste-se de uma eficácia, de uma positividade, neste fim de século doente, além de definir a mulher como finalmente liberada para aprender e exercitar novas e diversificadas formas de buscar o prazer sexual. Certamente os adolescentes do sexo masculino são contemplados quando se fala dessas práticas úteis à prevenção da AIDS, mas o modo como são enunciados os textos mostra a dificuldade em medicalizá-los ou normatizá-los, como se grande parte de todo esse trabalho e cuidado realmente dependesse apenas da mulher. Como diz o ator Puig, “se o namorado pedir, elas não exigem a camisinha”, então cabe a elas transformar essa relação.

Joga-se aí com um suposto “poder periférico” da mulher, sua potência sedutora, sua capacidade de gerir os espaços mais íntimos das relações – atitude que, como lembra a historiadora Michelle Perrot, precisa ser vista com mais cuidado, se não quisermos simplesmente fazer uma inversão que, antes de atribuir uma dominância real das mulheres, estaria reforçando a manutenção de sua condição subalterna<sup>151</sup>. Disperso nos testemunhos dos falantes, especialmente quando se trata de discorrer sobre sexualidade, esse modo de atribuir

poder às mulheres é de uma recorrência significativa nas entrevistas do *Programa Livre*. No debate sobre “Educação Fora dos Padrões”, a modelo Enoli Lara, que criou o filho andando nua pela casa e posando para artistas e fotógrafos, em revistas e vídeos eróticos, fala que tem a sua “*Jocasta bem resolvida*”, que seu filho é esclarecido e depois conclui: “*Nós, as mulheres, é que comandamos. Os homens são machistas porque nós os ensinamos assim. Cabe à mulher as rédeas da educação*”. A atriz Nicole Puzzi, que engravidou e foi abandonada pelo namorado, conta: “*Meu pai só não me bateu porque, segundo ele mesmo disse, eu estava num estado ‘interessante’*”. Teve a filha sozinha, e ela hoje “*tem uma cabeça muito boa*”. Enoli completa: “*Ai, que delícia é a maternidade! É sagrada...*”. A valorização de “ser mãe”, como veremos em outros testemunhos, mesmo de adolescentes, inclui-se nesse suposto campo do poder feminino.

No programa sobre “Abuso Sexual na Família”, o tema da opressão e da violência sexual sobre as mulheres recebe um tratamento especial. Disfarçadas e escondidas sob um chapéu e véus negros, duas mulheres de classe média alta, entre 20 e 30 anos, contam detalhadamente sua história de estupro pelo pai, padastro ou pelo irmão e como buscaram ajuda, terapia e apoio. Sob os olhares assustados e patéticos de uma platéia que nesse dia reuniu adolescentes de várias cidades do Estado de São Paulo, elas dizem que estão ali “*mais do que como uma pessoa. Somos do SIA, grupo de Sobreviventes do Incesto Anônimo*”. Alternadamente ao relato das agressões vividas dentro de casa, uma psicóloga (Rosita Koschar) vai explicando aos adolescentes os mecanismos psicológicos que fazem um homem adulto violentar a própria filha ou irmã e como, em nossa sociedade, é extremamente difícil provar casos de abuso sexual. O grande tema, na voz da especialista e na voz das mulheres agredidas, é o poder: as relações de dominação nas famílias de classe alta e as próprias relações desiguais entre os sexos. “*Nas classes com mais recurso, todos negam. A família dá a mensagem de que a gente se cale. É a dinâmica para o silêncio*” – diz uma das mulheres. “*O que leva um pai a fazer isso?*”, pergunta a menina da platéia. “*O poder. As relações de poder dentro do sexo. Esses homens têm dificuldade de se relacionar em pé de igualdade. Fazem sempre uma relação de poder, de controle do afeto. São narcisistas e jamais se relacionam de igual para igual*”, responde a psicóloga.

Os adolescentes, parecendo não acreditar no que ouvem – e, nesse sentido, identificam-se com as vítimas que durante muito tempo negaram e até esqueceram o que lhes havia acontecido –, querem todos fazer perguntas ao mesmo tempo. Alguns desejam quase desculpar o estuprador (“*Esses homens quando estupram estão drogados, bêbados?*”, quer saber um menino). Outros imaginam que ele possa arrepender-se: “*E se ele te procurar para pedir desculpas?*”, indaga outro rapaz. Para as duas mulheres, o momento não é mais de negar

---

<sup>151</sup> Em “As mulheres, o poder e a história”, Michelle Perrot faz um estudo sobre o poder das mulheres no século XIX, discutindo, logo no início do texto, o que tem significado para as mulheres “ter o poder” e como têm-se

nem de perdoar, mas de falar, falar muito, certificando-se publicamente, mais uma vez, de que “*não estão loucas nem são mentirosas*”, como as famílias as julgam. Querem divulgar o que viveram e como sobreviveram, mostrando o horror vivido dentro da família, especialmente porque ninguém acreditou nelas. Uma conta que chegou a ouvir da mãe: “*Tá dormindo com o namorado e agora quer pôr a culpa no seu irmão*”. A psicóloga mostra como o sentimento de inferioridade das mulheres é forte, tanto que passa a ser visto como “natural”, associado a uma sagrada função maternal e, portanto, ao lugar do perdão e da compreensão: “*Nem sempre os estupradores são denunciados e muito poucos são presos. Há casos inclusive em que a mãe denuncia e depois mãe e filha ficam com pena e vão visitar o pai na cadeia. Há muita dificuldade de transformar isso*”. No final de cada bloco, embora atônitos com o debate, os participantes da platéia ouvem o comando de Serginho, e no ritmo da música riem e batem palmas, dando passagem ao *break* para os comerciais, como que aliviados momentaneamente da violência narrada.

As cenas de exposição pública da intimidade, como esses debates na televisão, podem operar sobre uma redundância de falas e imagens acerca de temas e personagens que se repetem à exaustão (como sucede ao próprio *Programa Livre*), mas podem igualmente revelar as discontinuidades desse processo de espetacularização da vida privada. Neste caso, um conjunto de circunstâncias – a delicadeza do tema e o modo de comunicar-se das duas mulheres violentadas e da psicóloga, mais a participação do apresentador, complementando didaticamente algumas respostas – produz um efeito singular na platéia e no espectador. Dá-se um envolvimento respeitoso com o tema e as pessoas envolvidas, propiciado pela discussão séria do assunto, a qual mostra claramente as diferentes relações de poder que estão no âmago de uma situação como a do estupro dentro da família. As intervenções dos adolescentes, porém, pontuam, mesmo que timidamente, como vimos nas perguntas feitas, um senso comum ainda distante do nível de informação e de trabalho sobre a própria dor, das entrevistadas, dado em parte por sua condição social e pelos recursos de tratamento que puderam buscar.

Colocadas sob pseudônimos e véus negros, como as mulheres estupradas, ou mascaradas, como uma moça e um rapaz alcoólatras de outro programa, ou simplesmente expostas como são, sem esconder-se, as pessoas que vivem situações-limites são hoje mostradas ao grande público para educá-lo, através de uma história vivida de perda e destruição, e todo o processo de recuperação, que culmina com esse trabalho de divulgação e de utilidade pública, feito principalmente através da mídia. Assim, também passam pelo *Programa Livre* mulheres com AIDS, uma infectada pelo estuprador, outra pelo marido – neste caso, mulheres de classes populares –, que se definem contra a pena de morte e contra o aborto (elas têm filhos que por sorte não nasceram infectados), num discurso que fala de amor

e de compreensão “*O pior vírus é a falta de amor da humanidade, é pior que o estupro*” – diz a que foi violentada. Ao contrário das mulheres de véu negro, aqui estas aparecem maquiadas, “produzidas” para aparecer na TV, e são acompanhadas de uma infectologista, Dra. Marina Tsukumo, que chama a atenção da platéia para o crescimento do número de mulheres com AIDS. É evidente a diferença entre os dois grupos de mulheres, unidas por um tipo de violência semelhante e por um sofrimento profundo, mas radicalmente separadas pela condição social: as de classe alta têm a informação, o discurso sofisticado e o resguardo da privacidade; as de condição social inferior põem o seu rosto na TV e insistem na defesa de um discurso romântico sobre a vida. As primeiras enfrentam com vantagem o senso comum da platéia, enquanto as outras têm a pronta parceria de Serginho em sua defesa.

O desempenho do apresentador, neste caso, revela exemplarmente o modo como Groisman assume um papel pedagógico, não só através do trabalho como profissional de TV, como da atitude quase missionária que se atribui, de zelar pela vida dos jovens, ameaçados por problemas como o alcoolismo, a violência na família, a AIDS ou a gravidez na adolescência, entre tantos outros. Atento ao debate, ele intervém energicamente quando uma menina pergunta às mulheres: “*Já é difícil ter AIDS, e vocês podem não ver seus filhos crescerem. O que vocês pensam disso?*” Cleusa, cujo marido morreu em decorrência da AIDS, dignamente responde: “*Eu não vou pôr na minha cabeça que não vou ver minha filha crescer. Ninguém morre antes ou depois do dia marcado*”. A platéia aplaude, mas Serginho não se contenta com essa manifestação. Firme e rápido, ele fala realmente como um pai, um professor, um adulto enfim que quer educar, enquanto a câmera registra oportunamente o sorriso e a concordância da médica às suas palavras:

*SERGINHO – “Existem pessoas que têm uma sobrevida muito longa em relação a AIDS. Independente disso, as pessoas que não têm o vírus da AIDS não devem olhar para as que contraíram como uma pessoa que está determinada a morrer. A sobrevida cada vez aumenta mais, e de caso a caso existe uma vida a ser vivida. O principal é saber que essas pessoas estão vivas como a gente, e que uma fatalidade qualquer pode fazer com que pessoas saudáveis morram antes que elas. Não se deve estabelecer a relação vida-morte, mas a relação apenas de compreensão, para que cada vez menos pessoas contraiam o vírus”.*

Compreensão para com os portadores do vírus e muita informação para os que, como aqueles jovens, iniciam sua vida sexual nesta época – isso é importante mas não é suficiente, diz a infectologista: “*O problema não é só informação. É como chegar às cabeças das pessoas*”. Serginho imediatamente faz uma enquete com a platéia para comprovar o dito: “*Quantas pessoas aqui conhecem adolescentes que engravidaram?*” A maioria levanta a mão. “*E quantos aqui sabem que devem usar a camisinha?*” Todos se manifestam. E ele ensina: “*Quem falar que transar com camisinha é que nem chupar bala com papel, é isso mesmo, tem que gostar de chupar com papel mesmo*”. Serginho passeia entre os estudantes distribuindo



camisinhas, questiona-os na sua resistência ao cuidado com a doença, repetindo uma *performance* que não se cansa de realizar em vários programas, decididamente convencido a esclarecer aquela platéia.

No debate sobre “Gravidez na Adolescência”, a mesma cena é vivida, depois do depoimento das adolescentes que engravidaram e tiveram seus filhos. No diálogo com a platéia, a seqüência de perguntas e respostas vai expondo um discurso cristalizado há muito tempo e que diz respeito basicamente às relações de poder entre os sexos. Todos sabem que devem usar a camisinha, mas os meninos dizem que “ninguém pára pra comprar camisinha”; Serginho: “*E por que a menina não leva a camisinha na bolsa?*” Menina: “*Os pais descobrem e é o maior rolo*”. Serginho imita o jeito de os meninos falarem: “*É, e se a menina tirar a camisinha da bolsa, o rapaz logo vai pensar – ah, essa menina...*”. Outros meninos se explicam: “*Às vezes o cara ‘tá louco... e aí...; ‘Camisinha tira o prazer...*”. Sandra, uma das entrevistadas, resume: “*O preconceito contra a camisinha parte dos homens. Eles iludem a gente, dizem que vão tirar na hora...*”. As afirmações ficam em suspenso, para serem retomadas certamente em um próximo programa, quando o apresentador falará a uma nova platéia e o espectador, em sua casa, ouvirá mais uma vez o que deve ser feito, apesar de todas as argumentações contrárias.

Se o intelectual de esquerda ontem acreditava que precisava dizer a verdade “àqueles que ainda não a viam e em nome daqueles que não podiam dizê-la”, e depois descobriu que, na realidade, “as massas não necessitam dele para saber” (Foucault, 1992a, p. 70-71), esse papel da eloqüência e da conscientização parece estar sendo assumido ostensivamente pelos novos pedagogos da mídia. Mesmo que as “massas” talvez saibam o que fazer de suas vidas, os meios de comunicação, através de seus porta-vozes, não se cansam em mostrar-se como o lugar da verdade e da consciência. Assim, a cada programa, a resistência dos mais jovens se manifesta na mesma medida em que a televisão, através do programa, do apresentador, dos especialistas e dos convidados, com suas histórias, apresenta-lhes esta ou aquela verdade.

Eles resistem à máxima do “faça o sexo seguro”, como a afirmar o desejo de viver em liberdade sua vida sexual (“*Como fazer se o cara fica louco?...*”). Mas ao mesmo tempo resistem à plena liberação, o que leva algumas meninas a afirmarem, por exemplo, sua opção pela virgindade, a partir do bordão que se dissemina no linguajar dos adolescentes, especialmente do sexo feminino: encontrar a “pessoa certa”, ser feliz no “momento certo”, deixar de ser virgem “na hora certa”. Grávidas, as jovens não admitem a possibilidade do aborto, nem mesmo sendo portadoras do vírus da AIDS: preferem falar da “*emoção de ser mãe, assim tão nova*”, apesar das mudanças radicais em sua vida, pelo acúmulo de responsabilidades. Ao discurso normalizador do sexo cercado de cuidados, respondem com um discurso mágico, romântico, ao mesmo tempo associado àquele, no sentido de controlar os

desejos e prazeres, mas indicativo de uma possibilidade de preservar a privacidade, na condução das próprias ações relativas à sexualidade – afinal, cada um definiria para si, livremente, o que é seu “momento certo”.

## 2. *De corpo e beleza*

Incitar os corpos, nomear prazeres, produzir conhecimento sobre a intimidade dos sujeitos, criar e recriar incessantemente esquemas cada vez mais sofisticados de vigilância – é disso que se trata, desse conjunto articulado de táticas, quando, a partir de Foucault, falamos sobre “dispositivo da sexualidade”, em relação a uma determinada época. E é disso que estamos falando aqui – de um tipo especial de táticas voltadas para o corpo e a sexualidade dos jovens e que se fazem visíveis na mídia, através de produtos como o *Programa Livre*. Nele, ao mesmo tempo que se discute e se expõe o modo de os jovens viverem problemas clássicos como os referentes à preservação da virgindade, à gravidez precoce, ao estupro e à AIDS, como vimos acima – nomeando os perigos e propondo técnicas de evitá-los – faz-se o jogo da incitação ao sexo e ao prazer, basicamente através do elogio ao corpo belo e bem tratado e da escuta dos segredos um dia invioláveis, da intimidade amorosa e sexual das celebridades e mesmo dos próprios adolescentes.

Várias edições do *Programa Livre* giram em torno da história de modelos, atores e atrizes, indagando sobre como se sentem tão belos, o que fazem para manter-se tão desejáveis, como são assediados, se já posaram nus ou não, se posariam e por quê. Um tipo especial de poder é conferido a essas pessoas, e é desse lugar que elas falam, confortáveis na situação de “belas” e de tipos humanos exemplares. No programa sobre “Erotismo e Beleza”, que reuniu o ator Guilherme Leme (protagonista do episódio brasileiro, dirigido pela cineasta e atriz Ana Maria Magalhães, no filme *Érotique*) e a modelo e atriz Ana Paula Arósio (cujo primeiro trabalho em revista foi fotografar para a revista *Capricho*), as câmeras captavam em *close* o rosto da modelo, às vezes projetando-o nas telas do cenário e fazendo o ambiente todo invadir-se daquela beleza, ao mesmo tempo que editavam-se imagens das estudantes da platéia, cuidadosamente escolhidas.

Nesse culto ao belo, a imagem parece confundir as palavras e poucas perguntas são feitas. Até mesmo o apresentador – amigo pessoal de Ana Paula –, sempre atento e preparado, perturba-se e pergunta se a modelo, nesses últimos anos, sentiu alguma mudança no seu corpo e se isso provocou alguma alteração em relação a seu trabalho. A modelo só consegue responder: “É, eu cresci...”. “E ficou mais bonita”, completa Serginho. “Não”, sorri a moça. “Como se sente sendo a mulher mais bonita do Brasil?”, indaga um menino. “Eu não me sinto a mais bonita”. E assim segue a entrevista, alternada com questões ao ator Guilherme Leme, sobre nudez, sensualidade, assédio das mulheres. Diante dos adolescentes, os mitos da beleza e do erotismo apresentam-se na sua simplicidade e sobretudo na qualidade de pessoas

íntegras, tranqüilas e “de bem com a vida”. Essa fórmula se repete em outras ocasiões: os deuses da mídia são belos mas trabalham, são eróticos mas pensam, têm o corpo sensual mas são felizes.

No programa sobre as “Patricinhas”, que brinca com o nome ‘Patrícia’, a entrevista é com três jovens famosas: uma modelo (Patrícia Luchese, protagonista do conhecido comercial do sutiã – “O primeiro sutiã a gente nunca esquece” – e que depois engravidou, aos 16 anos), uma cantora (Patrícia Marx) e uma atriz de teatro e TV (Patrícia de Sabrit). Todas são apresentadas como inteligentes, todas trabalham, portanto, apesar do nome, não são “patricinhas” – “*não são meninas ricas sem nada na cabeça*”, como explica o apresentador. “*Será que a beleza é fundamental?*” – questiona Serginho, num outro programa sobre a beleza do corpo. Duas modelos (Núbia de Oliveira e Luciana Vendramini) e o ator Jandir Ferrari respondem com a mesma frase: “*Importante é a beleza que vem de dentro*”. Luciana, defendendo-se do questionamento da sociedade mais conservadora às modelos, principalmente às que posam nuas para revistas, critica “*esses homens e mulheres que não fazem nada*”.

A riqueza do *Programa Livre* está em deixar emergir o senso comum de uma sociedade que, como no último exemplo, preserva dicotomias seculares que opõem beleza e trabalho, beleza e honestidade, beleza e inteligência – preconceitos que os astros se esforçam em desfazer, com o exemplo de sua história; ao mesmo tempo, ao trazer os testemunhos da platéia, o programa também coloca em questão os mitos, temperados com *flashes* de realidade. Assim, por exemplo, ao serem entrevistadas meninas da platéia que se envolveram em concursos de modelo e acabaram desistindo de candidatar-se a esse trabalho, o mundo das pessoas comuns sobrepõe-se: depois de responderem sobre “*a parte do corpo de que mais gostam ou de que menos gostam*”, elas falam de sua frustração, da violência da competição e de todas as dificuldades que essa carreira impõe à menina. O duplo movimento de alargamento e fechamento das questões se faz dentro daquela cena enunciativa básica – um programa de auditório, em canal aberto, numa emissora comercial – que se alimenta justamente do mundo da moda, da publicidade, dos rostos privilegiados e famosos; sendo assim, o corte para o *show* musical e depois para a voz final dos entrevistados encerra a discussão e o culto permanece intocado. É exatamente esse culto que impeliu a platéia a perguntar à moça com AIDS (Cleusa), de quem tratamos acima: “*Você é bonita. Se um homem se aproxima, você não aceita se relacionar?*”. Nessa lógica, componente básica de toda uma tecnologia do corpo e da afirmação da sexualidade, a beleza significa assédio ou realização amorosa; significa um direito a ser desejada e uma possibilidade real de sucesso<sup>152</sup>.

---

<sup>152</sup> Dois registros, a propósito: a) A edição do *Jornal Nacional* do dia 9 de maio de 1996 encerrou-se com a reportagem sobre uma menor de rua, negra, viciada em *crack*, antes perdida nas ruas da cidade de São Paulo. Ela foi descoberta por um fotógrafo norte-americano, passou por um dos mais sofisticados salões de beleza da capital paulista e será capa de uma importante revista de moda este ano. O texto do telejornal referiu-se à concreta

“Eu tinha nove anos, fui mexer nuns alfarrábios lá em casa aí vi aquele negócio... Corri logo pro banheiro...”/ “Eu fiquei muito assustado, tive medo do meu irmão me ver mexendo no armário dele”. Sem jeito, falando rápido e de um modo a quase não deixar-se entender, os meninos, nos seus 16 ou 17 anos, contam para o auditório como foi seu primeiro contato com uma revista pornográfica. No telão, a reportagem preparada pela produção, sobre a venda de revistas nas bancas: “É o que a gente vende mais. Claro, para os homens”, diz o vendedor. Na platéia, as adolescentes cochicham entre si, os rapazes riem bastante, Serginho mostra fotos pornográficas para as meninas e pede para as câmeras captarem o rosto delas; todos se divertem muito, com uma história de repressão que é também uma história de incitação. No centro dos debates, três editores de revistas masculinas: Nirlando Beirão (*Playboy*), Alex Solnik (*Sexy*) e Moacir Machado (*Private*) discutem o “Sexo na Imprensa” e, como as modelos do exemplo anterior, precisam justificar sua função social: sem hipocrisia, explicam os três jornalistas, as revistas tratam de prazer, especialmente do prazer masculino; esse é um trabalho tão digno como qualquer outro; não mostram somente fotos eróticas, publicam também entrevistas inteligentes, fazem as mulheres falar de sua intimidade e cada história publicada é uma história diferente. “E tudo isso é informação”, explica Nirlando Beirão. “Na verdade, o que nós estamos fazendo é alfabetização sexual”. Como não poderia deixar de ser, também esses profissionais da mídia, como tantos outros que falam no *Programa Livre*, assumem, naquela cena enunciativa específica – mesmo que seja apenas por uma razão de consumo, no sentido mais amplo dessa palavra –, uma posição de “educadores”: Nirlando diz que a *Playboy*, “inclusive fez uma pesquisa sobre AIDS”, pois “sexo é prazer, mas, na conjuntura atual, é também informação. E nós estamos aqui também para cumprir essa função”. E repete: “Prazer, sim, mas prazer seguro, com informação”.

## B – O exemplo do Outro

“A possessão e o delírio das musas se apoderam de uma alma bendita e terna, despertam-na e a extasiam em cantos e em toda sorte de criações poéticas; e, na medida em que (essa alma, do poeta) glorifica os inumeráveis feitos do passado, educa a posteridade” (Platão<sup>153</sup>).

---

possibilidade de qualquer menina realizar o sonho de tornar-se Cinderela. Dias depois, a realidade se impõe: a menina volta às ruas e ao *crack*, enquanto entidades diversas se mobilizam para interná-la. A menina aparece em vários meios de comunicação, inclusive na *Capricho*. b) Na semana seguinte, a revista *Veja* publicava uma reportagem com um casal de namorados que se aventurou no seqüestro de uma menina em São Paulo: todo o direcionamento da matéria se faz em relação à moça, várias vezes citada como “muito bonita”. É sobretudo essa qualidade, a beleza – além do seu pertencimento à classe média, e não às camadas mais pobres –, que a transforma em notícia, a ponto de o namorado não ser entrevistado nem mostrado nas fotos (Cfe. reportagem assinada por Rowilson Quinete. *Veja*. São Paulo, 15 mai. 1996, p. 100-101).

<sup>153</sup> Trecho de *Fedro*, em que Platão se refere à função do poeta ou cantor, como Homero, com suas epopéias *Iliada* e *Odisséia*. (Apud JAEGER, 1967, p. 52-53).

Se na Antiguidade clássica o cantor das façanhas heróicas e míticas era o grande educador, e ser portador da fama ou conhecedor da glória significava estar investido de uma função pública e social fundamental – na medida em que através dele se reavivavam os feitos históricos e os gestos modelares daquela sociedade –, talvez se possa dizer que essa função, tanto quanto os feitos, a percepção do histórico e, obviamente, o canto e a poesia, revestidos de um caráter completamente distinto, sejam em nossos dias marcados pela experiência do efêmero e ao mesmo tempo do múltiplo, em relação àquilo que nos é informado, às imagens a que podemos ter acesso, aos modelos que podem pautar nossa existência. Um desses lugares de “formação” das pessoas, no caso, os meios de comunicação – tem como “fêmios” (isto é, narradores da fama<sup>154</sup>) os repórteres, locutores, jornalistas, entrevistadores, artistas da imagem e da palavra, dos gestos e da interlocução, que contam ao público não o grande feito histórico, mas passageiras trajetórias de sucesso, multiplicadas ao infinito, sempre outras e quase sempre as mesmas.

Na formação de adolescentes, o exemplo do Outro é básico, como nos diz qualquer manual de psicologia. Mesmo que tenhamos agrupado apenas alguns programas sob essa classificação – “O adolescente e o exemplo do Outro” –, na realidade são raras as ocasiões em que o *Programa Livre* não traz a personalidade famosa para narrar seus feitos. Serginho faz a passagem, anuncia a história dos “conquistadores” e no decorrer das entrevistas vai mostrando que aquelas pessoas, tanto quanto ele, estão ali para ensinar. Analisando o conjunto dos 57 programas, observam-se pelo menos quatro formas, aparentemente contraditórias em alguns casos, de as pessoas se dirigirem aos jovens como educadores: a mais recorrente, da qual já tratamos aqui, refere-se àquela posição dos que se colocam na defesa da própria vida dos adolescentes – referimo-nos aos que fazem a campanha do “sexo seguro”; há também o grupo que afirma a superioridade da atual juventude, se comparada à de outras épocas, em que as famílias seriam hipócritas e repressoras, por exemplo; há um outro grupo que, sem afirmar-se assim explicitamente, mostra-se, pelo próprio exemplo e narrativa de si, como bem mais liberado que os meninos e meninas de hoje; finalmente, uma outra forma, também comum, é a daquelas pessoas que narram sua experiência como a dizer: veja como faço, este é o caminho correto, eu tenho uma verdade para lhe contar, assim você pode vencer ou ser feliz.

Daniel Filho, diretor e ator de TV, que produziu e dirigiu *Confissões de Adolescente*, foi convidado do programa bem na época de estréia do seriado. Com vasta experiência em televisão, ele domina a platéia, brinca com as perguntas normalmente feitas (“*Não vão me perguntar se eu vou posar nu?*”/ “*Ninguém quer saber como mantenho a minha forma?*”/ “*Não, eu não largaria minha carreira por um grande amor...*”), mas se coloca estrategicamente como um admirador da geração dos 90. Seu trabalho de diretor de ator, com

---

<sup>154</sup> O cantor do primeiro canto da *Odisseia*, de Homero, recebe do poeta, que ama os nomes significativos, a denominação de “Fêmio”, isto é, portador da fama, conhecedor da glória. Cfe. JAEGER, op. cit., p. 52.

as meninas de *Confissões*, segundo ele, deixou-o “emocionado”, foi “um aprendizado de vida”: “Como um vampiro, aquilo significou pegar para mim aquela juventude, aquela informação que a juventude tem, para não nos deixar morrer, não nos deixar fora da realidade. A juventude é que tem que nos comandar, dizer a nós, velhos, como nos livrar dos antigos preconceitos e nos abrir para as coisas novas e as maneiras novas de encarar a vida”. Critica mais de uma vez a herança deixada por sua geração:

*DANIEL FILHO – “Minha juventude era muito reprimida e mentirosa. De uma hipocrisia total e absoluta. As moças só sabiam que a cegonha não existia, nunca dentro de casa, sempre fora de casa. A palavra ‘sexo’, ‘sexual’, era totalmente proibida de ser dita dentro de casa. A repressão e toda a evolução que houve, primeiro com a pílula e agora com essa peste que nos assola, a AIDS, obrigou a uma revolução de comportamento, que é totalmente diferente, (mudou) da água pro vinho. Mas na vontade de acertar, de fazer melhor, na ambição de fazer deste país um país melhor, nisso a nossa juventude era igual à de vocês”.*

Não importam tanto os lugares comuns ou a referência a experiências muito particulares, nessa ode à liberdade das novas gerações, afirmada também por entrevistados como a atriz Dercy Gonçalves (“*É uma juventude mais feliz, inteligente, a minha era muito amargurada!*”); importa ver essas enunciações dentro da própria cena – a cena do espetáculo, em que buscam a adesão e o aplauso do público. Nesse sentido, a posição oposta – “nós somos liberados, vocês são ‘caretas’ ” – não pode nem deve expressar-se diretamente. Ela aparece, por exemplo, na voz das atrizes e modelos que são questionadas pela platéia, sobre a reação de seus filhos ao fato de posarem nuas ou fazerem vídeos eróticos. Está na própria participação dos adolescentes, diante das experiências mais diversas que ali são descritas por pessoas mais velhas que eles: da afirmação do homossexualismo masculino, da luta contra o racismo, da experiência de violência sexual, da dificuldade em ser delegado ou policial num país como o Brasil e assim por diante. Eles insistem em perguntar como “os outros” compreendem aquela opção, aquela vivência ou aquela luta, e com isso expõem seus medos e reticências, sua curiosidade, em relação a formas de vida talvez mais arrojadas, perigosas e livres do que as experimentadas por eles mesmos.

Esses modos de relacionar-se consigo através do modelo do Outro aparecem na mídia sintetizados na figura dos que, simplesmente, pela forma de contar a sua vivência, seja quanto ao modo de resolver os problemas ou viver as emoções, mostram-se exemplares, modelos a seguir, independente de assim se julgarem. Quando o publicitário Washington Olivetto mostra sua obra na TV, seus comerciais premiados (“O primeiro sutiã a gente não esquece”), sua história como de alguém que “veio de baixo” e venceu – está claramente dizendo: “é possível e é bom ser como eu”. Num dos programas, inclusive, Serginho coloca no telão um dos comerciais de Olivetto, feito gratuitamente para uma campanha sobre educação – e assim todas essas imagens e cenas vão compondo um relato, o desenho da trajetória de alguém que,

além de mostrado como competente, expõe-se como pessoa consciente e generosa. Na entrevista do escritor Fernando Sabino – em que ele aparece em contraponto com Yoko, um travesti que foi eleito “Miss Gay” – o autor do *Encontro Marcado*, feito um pai cuidadoso, mostra como “*é bom ler! É mais importante do que estudar*”. Da mesma forma, o casal de atores Júlia Lemmerz e Alexandre Borges não se constrange em ensinar o que é para eles o sentimento da traição e como é possível encontrar um modo de relacionar-se bem no casamento. Júlia explica como os dois fazem para viver juntos: “*Cada um é um, fazemos o que gostamos, é bom trabalhar juntos, a gente preserva a amizade, respeita o espaço do outro, a gente é solidário mesmo. (O que a gente defende) é ter união e ser uno ao mesmo tempo, sem se anular*”.

O exemplo do Outro, para o adolescente destes tempos, do ponto de vista do discurso da mídia, dispersa-se em muitos rostos e muitas formas de vida distintas, estas quase sempre marcadas pelo sucesso atingido, especialmente se esse sucesso se estampa em imagens de televisão ou em páginas de jornais e revistas. Ou, então, aparece como aquilo ou aquele que é diferente dos “simples mortais” e tem algo que o faz especial: objetos de exposição pública por um tipo de excepcionalidade, esses Outros ensinam a coragem de ultrapassar limites, como o rapaz *gay* colocado junto ao escritor Fernando Sabino: ambos –um pela escolha sexual, pelo modo como enfrenta o olhar curioso e o riso dos jovens e dos espectadores, e o outro pelo nível intelectual e pela capacidade criativa – ensinam trajetórias de “fazer a si mesmos”. Obviamente, aqui não se requer uma descida ao processo vivido, aos embates e empecilhos, aos rituais de passagem dessas trajetórias, à exposição dos sonhos mais profundos ou das inquietações existenciais experimentadas – como encontramos nos grandes romances da literatura universal ou nas narrativas épicas dos antigos, cujos personagens serviram de exemplo para tantos jovens em outras gerações. Nem Sthendal, com seu *O vermelho e o negro*, nem *A montanha mágica* de Thomas Mann, nem Homero, com *Ilíada* ou *Odisséia*: nossos tempos são outros, as narrativas são breves e nos falam de sintéticas e “produtivas” existências, cujos protagonistas muitas vezes têm sorte, outras vezes lutam, sempre conhecem a fama e necessitam, diariamente, contar os seus feitos, para que as marcas de sua passagem pelo mundo das luzes não desapareça irremediavelmente. Mas, de qualquer forma, a narrativa do exemplo do Outro pela TV não deixa de constituir-se um dos modos de realizar o “cuidar de si”, que preserva, embora de um modo totalmente distinto (por estabelecer uma relação difusa entre os simples mortais e o Outro que conheceu a glória, definida por todo o aparato técnico dos meios de comunicação em questão), a característica de ser também uma prática social, como o são as conversas com os diretores espirituais, nas práticas cristãs de diferentes

épocas, ou os exercícios de troca com os preceptores, como os propostos por Sêneca, por exemplo, na Grécia dos primeiros anos de nossa Era<sup>155</sup>.

### C – Em relação com o mundo

Como já tivemos oportunidade de ver na análise até aqui feita, o problema básico das oposições sociais no País perpassa os textos, as falas e as imagens do *Programa Livre*, não se fazendo presente apenas quando constitui um tema de debate. Agora, interessa-me concentrar a atenção em alguns programas, reunidos sob o título amplo de “O adolescente e o mundo”, a fim de averiguar de que modo aparecem neles as questões mais amplas – econômicas, culturais, políticas e sociais –, que ultrapassam o universo das histórias de vida e de sucesso pessoal ou as discussões sobre os modos de conduzir a vida privada e a própria sexualidade. Considerando que os programas selecionados concentram-se numa época que coincide com o período de propaganda eleitoral e as próprias eleições, e com a invasão do Rio de Janeiro pelas forças do Exército, com a memória recente de conflitos sociais de repercussão internacional, como os massacres no presídio de Carandiru, em São Paulo, e em Vigário Geral, no Rio de Janeiro – temas que, entre tantos outros, foram debatidos por Serginho Groisman, em mais de uma ocasião –, mostra-se aqui o modo particular de como as questões do mundo da política, das produções culturais e dos problemas e conflitos sociais são apresentadas aos jovens da platéia e como estes se relacionam com elas.

Serginho Groisman acredita na possibilidade de educar os jovens cidadãos pela informação e parte da idéia de que não são os jovens dos anos 90 os únicos despolitizados. “A sociedade em geral é que é. A juventude é reflexo dessa sociedade” – afirma o apresentador, ao ser questionado sobre a possibilidade de saturar o público adolescente com os dilemas políticos e econômicos do País<sup>156</sup>. Partindo dessa máxima, ele discute com seu público questões da cultura brasileira – como a 13ª Bienal do Livro de São Paulo, a força das rádios FM, o novo formato da revista Placar, a importância de assumir um estilo “brega” ou *kitsch*, ou ainda a revalorização social de bruxos e profissionais do esoterismo; traz aos estúdios os candidatos à Presidência da República e algumas das novas deputadas eleitas; mostra o menor trabalhador, atores e atrizes negros discutindo o racismo no mundo dos espetáculos, um rapaz *punk* lado a lado com o lutador Maguila respondendo sobre violência. Obviamente, num programa de entrevistas e com a participação do auditório, os debates podem ou não concentrar-se apenas no assunto em questão, como também podem ou não amarrar o

---

<sup>155</sup> Em *História da Sexualidade III – O cuidado de si* –, Foucault descreve detidamente exercícios, como os encontrados nos textos de Sêneca, através dos quais o cidadão grego poderia “ficar face a face consigo mesmo”, a partir da leitura de histórias de vida exemplares ou das conversas com confidentes ou preceptores. Ele mostra como essas práticas de si não significam jamais “um exercício da solidão”, são sempre práticas sociais (1985, p. 56-57).

<sup>156</sup> Em reportagem intitulada “Ele brinca de falar sério”, em que o *Programa Livre* é chamado de “tribuna da juventude”. Revista da TV, *Zero Hora*. Porto Alegre, 24 mar. 1996, p. 10.



convidado a que fale apenas de seu *métier*. O importante é manter o público informado do caleidoscópio cultural, econômico e político do seu tempo, de modo que a informação venha quase sempre mediada pelo “espetáculo”. Assim, por exemplo, no dia seguinte às eleições, não eram políticos nem candidatos os entrevistados convidados a falar do “Poder da Mídia no Processo Eleitoral”, mas sim um ator de TV (João Vitti), um empresário (Chiquinho Scarpa), um jornalista (Alexandre Machado) e um ator e diretor de teatro (Cacá Rosset). E, no programa sobre práticas esotéricas (“Bruxos e Bruxarias”), os convidados falam sobre sua situação social e sobre a discriminação de que são objeto, mas também aplicam seus saberes ao público jovem, buscando atendê-lo em suas “necessidades”: uma bruxa autodenominada “*bruxa agrária*” (por fazer magias “ecológicas”) distribui uma poção afrodisíaca para a platéia e depois ensina a um rapaz, que não conseguia “*ficar com uma namorada*”: “*Você deve tomar um banho com manjeriço*”.

Um dos programas exemplares desse conjunto aqui considerado é o que discute a oposição de dois mundos sociais, com a arquiteta e *socialite* Marina de Sabrit e o sociólogo Caio Ferraz, da “Casa da Paz”, entidade situada dentro da comunidade de Vigário Geral, na Zona Norte do Rio de Janeiro, onde ocorreu o massacre em 93 – com vinte e um trabalhadores e um estudante mortos por policiais. Ela explica, por exemplo, o que quer dizer a palavra *socialite* (“*Vem do inglês, ‘social’ e ‘lights’, uma pessoa que está sob as luzes na sociedade, que está em evidência*”), e responde que soluções daria para os problemas da violência: “*Eu tive o privilégio de ter escola; educação é básico. E a polícia deveria ter bons salários, ser bem preparada. Se a gente categorizasse a polícia, já seria um começo*”. Do seu lugar de morador de Vigário Geral, Caio Ferraz, coordenador de um trabalho com adolescentes na “Casa da Paz”, diz mais de uma vez ser a única pessoa que se formou numa universidade pública, naquela localidade de 20 mil habitantes; conta que seu irmão foi morto por policiais e descreve as condições de miséria onde reside (“*Lá não tem nem água, não existe esgoto, creche, não existe o mínimo do mínimo para um jovem ser cidadão. São violências estruturais*”). Para ele, toda a sociedade é culpada dessa situação, principalmente as classes dominantes. Perguntado sobre a violência entre os jovens, nos bailes *funks*, ele diz que o problema é maior e tem a ver com a estrutura social: “*A violência não passa simplesmente pelo tiro, passa por muitas outras coisas; só uma pessoa de lá estar na universidade pública, isso é violência*”.

Enquanto Marina de Sabrit conta que foi assaltada onze vezes (“*Três vezes em casa e oito no carro*”), e que no seu grupo de convivência não conhece alguém que não tenha vivido essa situação, Caio contrapõe sua experiência: “*E eu nunca fui assaltado*” (risos da platéia). Serginho vai mostrando as oposições, e o público se vê concretamente diante de dois mundos totalmente distantes, que dialogam pela televisão. “*Sou de uma classe normal*”, diz Marina de Sabrit, respondendo ao rapaz que a classifica de pertencer à “*sociedade elevada*”, enquanto

Caio explica a Serginho para onde vai o dinheiro com o tráfico de drogas: “*Está nas Vieras Souto da vida*”. E complementa: “*A injustiça social é tamanha que marginalizaram dois terços da população e agora chamam essas pessoas de delinqüentes*”. Perguntam a Marina sobre consumo de drogas e ela responde sobre felicidade: “*Sou extremamente feliz. Não necessito de drogas, nunca consumi. Meus amigos, meus filhos não consomem e vocês aqui também, acredito que não. Fala-se tanto de droga, e é um problema gravíssimo, mas eu tenho o privilégio de não ter contato com isso*”. Serginho pergunta a Caio quantas pessoas ele conhecia, das que morreram no massacre de 93: “*Todas*”, responde. O apresentador, outra vez: “*E quantos amigos seus já foram assassinados?*”. Caio: “*Cento e cinqüenta!*”. Serginho repete, como a confirmar: “*Cento e cinqüenta...*”. Silêncio na platéia por alguns segundos.

Considerando o modo como flui o programa e a materialidade daquelas imagens e depoimentos, fica clara para o espectador a profunda cisão da sociedade, em dois mundos: um, cujos representantes falam de um lugar “*normal*”, ao mesmo tempo sempre reconhecido como “*privilegiado*”, pessoas que inclusive podem abrir mão da palavra: sua presença, *glamourizada*, segura, diz quase tudo, para ele muitas coisas já estão dadas – desse lugar, pode até “ajudar”, fazer um “trabalho social”; o outro, tendo alcançado por suas lutas um espaço de visibilidade, vive o momento da necessidade de afirmação de si, e mesmo de teorização sobre essas conquistas – o relato de sua condição ainda constringe e os dados que expõe parecem inverossímeis. Caio estava representando ali o Outro de uma sociedade que, obviamente, fala não a partir deste Outro, mas do lugar dos “normais”, como diz Marina de Sabrit.

Se para as questões da sexualidade e do tratamento do corpo a mídia tem exercícios, regras e até prescrições de como agir, no que se refere às questões que colocam o jovem diante do problema social, o máximo que um programa de televisão como o de Serginho se permite é dar palavra aos representantes dos incluídos e excluídos e mostrar as grandes diferenças. No entanto, é evidente que tanto a emissora, como o apresentador e a própria platéia estão mais familiarizados com os incluídos – esses que têm a palavra há tanto tempo. Isso fica bem visível numa prática que os diferentes meios de comunicação repetem todos os anos: em datas significativas como o Natal ou o Dia da Criança, jornais impressos e de TV, revistas e programas como o de Serginho elegem como centro de suas matérias e debates justamente os excluídos da sociedade, como a dizer: nós não esquecemos deles, nós sabemos que eles existem e por isso lhes fazemos uma homenagem.

Em 94 não foi diferente no *Programa Livre*: na semana do dia 12 de outubro, as cadeiras dos convidados foram ocupadas por crianças e adolescentes marginalizados. Um dos programas mostrou e entrevistou meninos e meninas que trabalham. Estavam ali Adriana da Silva, limpadora de vidros de carro nas ruas de São Paulo; Kátia Cristina, balconista de

padaria; o *office boy* Marcos de Oliveira Santos; Leandro Costa e Oswaldo Encre, trabalhadores em oficina de resina. Enquanto eles falam de uma vida que os priva de seus sonhos – Kátia queria estudar computação, um menino mostrado na reportagem diz que queria ser médico, Marcos promete que um dia vai “*subir na vida e ser gerente*” –, expõem as pequenas violências diárias: a limpadora de vidros sempre se defronta com “*uns que xinga, outros que fala bosta*”, Leandro não estuda porque “*não tem dinheiro pro material, vai tudo no mercado*”. Alguns falam com dificuldade, não entendem as perguntas, usam um vocabulário que é traduzido por Serginho (“*sarou*” é “*ficou bom*”) e ficam expostos a uma platéia que, como a grande maioria dos espectadores, os vê como “diferentes”, não se identificando com eles. Um menino, por exemplo, pergunta ao grupo: “*Vocês não acham que deviam estudar, em vez de trabalhar, para ter uma perspectiva de vida?*”. Serginho imediatamente corrige o jovem, explicando que aquelas crianças e adolescentes estão fora da escola não porque querem, mas porque precisam trabalhar. “*O que você come?*” – desta vez é Serginho que indaga à garota Adriana, ao que ela responde: “*No restaurante*”. Surpreso com a resposta, Serginho arrisca: “*Mas eles fazem um preço especial, não é?*”. Adriana, lacônica: “*Não*”.

Textos e imagens, corpos e palavras – todos esses signos falam por si de uma luta social, em que os excluídos passam a ser vistos na mídia não só na sua condição de marginais, como freqüentemente ocorre<sup>157</sup>, mas como alguém que, como o resto das pessoas na sociedade, fala, sente, sonha, tem uma história e projetos de vida, embora continue sendo visto nessa condição de anormalidade e embora continue provocando estranhamento nas pessoas da platéia ou mesmo nos telespectadores. A cisão social e a violência simbólica<sup>158</sup> estão ali, multiplicadas naqueles rostos e em palavras que, inclusive, podem fazer-se perversas – como no diálogo com a menina, questionada sobre os estudos e até sobre seu mínimo gesto de fazer uma simples refeição.

Atento ao objetivo de informar os adolescentes sobre questões do seu tempo, Serginho traz ao programa os candidatos à Presidência da República. Lula, Esperidião Amin, Fernando Henrique Cardoso, Enéas, Brizola, todos se submetem ao questionamento dos jovens mas, como observamos nos casos de Enéas e Lula, o mais importante foi o evento em si, o fato de os políticos terem aceito o convite e estarem lá: independente das perguntas da platéia, eles tinham um discurso praticamente pronto, repetindo o texto falado em outros espaços da mídia. No entanto, se Enéas teve que responder sobre seu comportamento e opiniões “fascistas”, o

---

<sup>157</sup> Como já referimos anteriormente (ver Introdução), os produtos feitos especialmente para os jovens e adolescentes, nos meios de comunicação, distinguem-se por falarem ao público preferencialmente das camadas médias da população; ao mesmo tempo, um outro grupo, também na faixa dos 12 aos 20 anos, ocupa as páginas dos jornais e revistas e os espaços da televisão, na condição de “menores” ou “delinquentes juvenis” – eles são os Outros, excluídos da imagem ideal de uma adolescência média.

<sup>158</sup> Uso aqui a expressão ‘violência simbólica’ no sentido empregado por Pierre Bourdieu em sua extensa obra – particularmente em *O poder simbólico* e em *La distinction* (V. Biblio.).

candidato Lula, depois de afirmar e reafirmar a sua condição de “vencedor” – já que operário, pobre e nordestino, mas candidato à Presidência e com chances de ser vitorioso – despediu-se do público registrando que esperava “*ter sido massacrado*”.

As perguntas, em todas as ocasiões em que o tema é o social, o político ou o econômico, em geral, parte dos meninos. Estes costumam questionar os convidados – os políticos, por exemplo – sem expor demais as próprias posições, indagando sobre fatos ou opiniões de interesse e alcance mais geral – assumindo o papel construído socialmente daqueles que se voltam para o mundo de “fora”. As meninas assumem por vezes a luta das mulheres, por vezes um modo de ser absolutamente eivado da submissão a uma “feminidade” naturalmente inferior e ocupada com “coisas menores”. No programa sobre “Mulheres no Poder”, a participação das meninas é um pouco maior: o apresentador inclusive convida as adolescentes para que expliquem por que votaram em mulheres nas eleições. Na berlinda, mulheres que foram eleitas para o Parlamento e as Assembléias: as Deputadas Federais Telma de Souza (PT), Zulaiê Cobra Ribeiro (PSDB) e Marta Suplicy (PT) e a Deputada Estadual, Delegada Rose (PMDB). Os adolescentes – meninos e sobretudo meninas – querem saber sobre as dificuldades enfrentadas, sobre os preconceitos, mas nem precisam fazer muitas perguntas, uma vez que entre as quatro entrevistadas vai-se estabelecendo quase uma disputa para falar: todas têm muito a dizer, e o apresentador precisa às vezes sinalizá-las sobre o tempo. Zulaiê: “*Mulher faz política tarde. Primeiro a gente casa, tem filhos e depois a gente vai fazer o que os homens fazem desde pequenos*”. Telma: “*A gente cozinha, lava, passa, mas também faz política, mas também cuida dos filhos*”. Serginho quer saber: “*Existem questões específicas das mulheres, que só a mulher pode resolver, e nisso vocês vão trabalhar juntas? Isso existe?*” Marta imediatamente responde, num diálogo rigorosamente didático com os presentes:

*MARTA SUP LICY (dirigindo-se à platéia) – Acho que é muito fácil fazer um teste. Vou perguntar pra vocês: quando alguém fica infectado de AIDS, quem cuida dessa pessoa na família?*

*PLATÉIA – A mulher!*

*MARTA – Quando é praticado o aborto, é no corpo de quem?*

*PLATÉIA – Da mulher!*

*MARTA – Quando uma menina de 13, 14 anos fica grávida, quem cuida do bebê?*

*PLATÉIA – A mãe!*

*MARTA – Então, já deu pra perceber quem é que vai trabalhar esses assuntos no Congresso.  
(palmas)*

Expõe-se aí a duplicidade de um discurso que afirma a visibilidade da mulher, esse personagem relativamente novo no mundo da política brasileira – visibilidade que se estende por muitos outros campos, desde o campo profissional até o da sexualidade e de todos os aspectos da vida privada – pelo menos já há mais de uma década. As meninas entrevistadas sobre seu voto parecem falar da mulher como alguém fora delas, como se essa luta não lhes pertencesse também (“*As mulheres têm o direito de conquistar o lugar delas, entendeu*”, diz Gisele, que votou no PT “*em peso*”. Giovana também votou no PT, por causa da Luísa Erundina e “*para dar uma chance para a mulher, que não é só pra ficar lavando e cuidando de casa, também tem cabeça, também tem poder*”). De certa forma, estão repetindo um discurso que mistura as novas conquistas aos preconceitos e naturalizações de inferioridade, presentes igualmente nos depoimentos das mulheres políticas, e que se referem à constituição da mulher a partir basicamente do universo masculino. Zulaiê fala na necessidade de “*maridos compreensivos*”; Marta acrescenta: “*Eu noto que a maioria das mulheres que estão na política são ou viúvas, ou desquitadas ou têm uma vida muito complicada*”; Telma fala de sua culpa, dos dois filhos adolescentes, “*que precisam de mim*”; Zulaiê volta: diante de mulheres “*muito boas de cabeça, que falam muito bem, os homens podem pensar – essa é uma mulher complicada*”.

Nos textos dos clássicos gregos, analisados por Foucault, sobre as técnicas de o cidadão produzir a si mesmo e aperfeiçoar-se, destaca-se um enunciado básico: uma cidade só seria feliz e bem governada se seus chefes fossem virtuosos, e se cada cidadão aprendesse a governar a si mesmo para assim aprender a conduzir os outros (Cfe. Foucault, 1985, p. 95). Esse enunciado sofre transformações no decorrer das diferentes épocas do período clássico, como mostra o autor, mas importa ressaltar o fato de que, para os gregos, a arte de governar a si próprio constituía um importante fator político: todas as recomendações, receitas, conselhos e exercícios propostos ao cidadão, na sua preparação para o exercício do poder, que aparecem nos textos de Plutarco e Marco Aurélio entre outros, têm um claro objetivo político e social. Hoje, desvinculados de objetivos dessa ordem, os inúmeros textos de auto-ajuda – que proliferam nas livrarias de todo o mundo e povoam diferentes espaços nos meios de comunicação – misturam-se ao elogio dos irracionalismos e das práticas esotéricas e místicas, fazendo, antes, o mais exacerbado elogio do individualismo.

Um produto como o *Programa Livre*, na televisão, parece mostrar que, se há uma preocupação em “formar o cidadão”, esse objetivo só será atingido se se investir em sua informação: tendo acesso às várias posições sobre um determinado fato, tema ou polêmica, os adolescentes e o público em geral, segundo o discurso de Serginho Groisman, estariam mais livres para optar, agir, posicionar-se. Não se trata aqui de pessoas que se preparam para o exercício do poder, mas, de acordo com as conveniências destes nossos tempos, de pessoas que se voltam para si mesmas e, em relação à vida privada, aprendem um comportamento e

um modo de dirigir-se que, mesmo pasteurizado e multiplicado na mídia, apareça como uma opção pessoal e como um modo de atingir um tipo especial de felicidade.

#### IV – UM MODO PARTICULAR DE “GOVERNO DA MÍDIA”

Como é possível constatar, no *Programa Livre* repetem-se enunciados dos quais tratamos quando da análise do seriado *Confissões de Adolescente*. Mas há um modo especial de esse discurso existir, principalmente considerando que aqui a figura do adolescente praticamente desaparece, em função dos convidados e da presença dominante do apresentador, embora seja um programa para adolescentes e conte inclusive com sua participação concreta, diante das câmeras de TV. Vejamos alguns dos principais “achados” desta análise, em que se expõem ao mesmo tempo a dispersão e a síntese de um conjunto de enunciados sobre a adolescência:

- O *Programa Livre* encarna exemplarmente o que eu chamaria de um “ethos pedagógico” da mídia: uma função que ela mesmo atribui a si, especialmente quanto às gerações mais jovens. Mesmo que o diretor e apresentador não se apresente nem aceite definir-se como professor ou conselheiro, é evidente nos textos e nas imagens, nas intervenções do próprio Serginho e sobretudo dos astros convidados, na escolha dos temas e na forma de tratá-los, que, tendo sido oferecida aos jovens uma tribuna para falarem, esclarecerem suas dúvidas e serem informados, há um lugar para acolhê-los e orientá-los, principalmente sobre a saúde de seu corpo e sobre sua sexualidade. Os documentos mostram a importância da mídia como partícipe desse esforço da sociedade em proteger os jovens, em relação a calamidades como a AIDS, papel que ela assume com significativa liderança. Poderíamos dizer que esse “ethos pedagógico” se distribui sob várias formas, nos textos do *Programa Livre*, como veremos nos tópicos a seguir.
- Em primeiro lugar, considerando o conceito básico das “relações consigo” e das respectivas “técnicas de si”, além dos efeitos de poder que ambos comportam, diríamos que o aparato técnico da mídia, visível no programa em questão, privilegia um dos modos de “governamentabilidade” que aprendemos em Foucault: o “governo de si” e por si, mas articulado intensamente à relação com o Outro. Nas seqüências de entrevistas e debates, vê-se uma adolescência que é convidada a voltar-se para si mesma, mas sempre através de um Outro: no caso, os animadores da televisão, os jornalistas, atores e atrizes, diretores de TV, cantores, modelos, que fazem a mediação desse “governo de si”, quase sempre pelo relato do próprio exemplo de vida. Independente de sua origem, muitos dos profissionais da mídia e do espetáculo assumem, naquela cena, o lugar de “educadores”. Assim é que, como vimos, o editor da *Playboy* se diz “*um alfabetizador sexual*”.

- Além dos “peritos da vida de sucesso”, outros “pedagogos” atuam na mídia: os especialistas da área médica ou pára-médica. Certamente não seria uma coincidência o fato de encontrarmos no mesmo grupo de programas – aqueles referidos ao adolescente na relação com a sua intimidade sexual e corporal – o número total de especialistas levantados no conjunto total dos 57 programas. Lá estão os psiquiatras, psicólogos, sexólogos, psicanalistas, além de uma médica infectologista. Quanto mais o assunto se aprofunda na privacidade sexual e amorosa, ou quanto mais o tema é a segurança do adolescente neste tempo de AIDS, mais é necessário incluir nos debates a voz normalizadora dos médicos e terapeutas.
- Uma das características principais da função assumida pelo diretor e apresentador Serginho Groisman é a constante preocupação em manter o equilíbrio no tratamento dos temas. Aqui não se trata apenas de buscar a harmonização dos contrários, bastante evidente em *Confissões*, mas de, “democraticamente”, insistir em mostrar os dois ou mais enfoques de determinada situação ou polêmica. Essa função é aprofundada: não basta fornecer a informação pluralizada, mas ordenar, mesmo que aleatoriamente, essa dispersão de dados e opiniões, imagens e sons, a partir de um posicionamento coerente e firme na condução dos debates, na escolha dos convidados e na formulação das perguntas. Serginho fala de um lugar pleno de poder: do lugar da pessoa mais velha, bem informada, identificada não só com o mundo do adolescente mas com o mundo da mídia, num momento em que toda a sociedade se volta para os mais jovens e se pergunta: como eles vão amar e se relacionar sexualmente, pela primeira vez na vida, tendo diante de si o terrível fantasma da morte?
- Importante considerar ainda essa “função pedagógica” do ponto de vista da materialidade das coisas ditas. Fala-se de dentro da TV, num espaço de auditório em círculo, que recebe os jovens estudantes para um debate “livre”. Ali, fala-se a linguagem do vídeo-clipe, a linguagem do fragmento, do desenho animado e da história em quadrinho, das imagens que se multiplicam em telas por todos os lados, do som em bom volume e num ritmo que acompanha todas as tendências musicais veiculadas pelas rádios FM de todo o País. Tudo – sons, cores, imagens, rostos – é multiplicado naquela cena, sem falar na veiculação em canal aberto para todo o Brasil. Pois nesse lugar do fragmento, reifica-se a palavra, a palavra oral, o testemunho, o depoimento – tendência que cada vez mais se faz presente nas programações das televisões de todo o mundo. A necessidade de fazer o adolescente falar é satisfeita no ambiente que reproduz um *habitat* em que ele se reconhece plenamente.
- Nesse lugar, além dos enunciadores “educacionais” (Serginho, os especialistas e os astros da mídia), há, obviamente, os enunciadores adolescentes – o grupo que fala do lugar da platéia, e que representa o público para quem prioritariamente é feito o programa. De uma maneira geral, eles sempre participam dos debates, fazendo algumas vezes perguntas inusitadas, agressivas e surpreendentes, mas quase sempre repetindo o que aprendem na

própria mídia – há uma preocupação muito grande em fazer as mesmas perguntas de sempre, sublinhando tudo o que significa “mais”, ou seja, apenas os tempos fortes – como se diria em linguagem musical –, na vida dos entrevistados. Ao mesmo tempo, conforme eles mesmos dizem, encontram no *Programa Livre* um espaço para falar daquilo que não lhes é permitido em outros lugares confessar ou procurar saber. Ou seja, eles reafirmam a importância social e pedagógica daquela instância, não exatamente em relação à sua vivência particular – já que os colégios se alternam no auditório e, portanto, a platéia é sempre outra –, mas à experiência coletiva.

- Observam-se pelo menos quatro formas de os enunciadores-adultos se dirigirem à geração mais jovem, enquanto sujeitos de um discurso “pedagógico”: falando do posto de pessoas mais velhas e detentoras de uma história pessoal de conquista e glória, mesmo que efêmera, esses enunciadores ora se colocam como portadores de uma missão (salvar os adolescentes da ameaça da AIDS); ora se colocam como pessoas a aprender com essa juventude, que seria menos hipócrita e mais verdadeira e livre que a das gerações anteriores; ora ainda assumem a posição inversa e, mesmo sem o afirmarem explicitamente, mostram-se livres e “abertos”, opondo-se a uma adolescência que, nesses anos 90, buscava um comportamento bastante conservador; finalmente, há o grupo que se apresenta – e é reforçado nesse papel pelo apresentador e por toda a lógica do programa – como o “bom exemplo” a seguir, para quem quer aprender como se pode chegar à plena realização pessoal.
- Ainda sobre os enunciadores-convidados, cabe registrar que certamente não se trata de um dado desprezível o fato de que, num conjunto de 57 programas, oito deles tragam para o centro do debate, ao contrário da maioria dos casos, as chamadas “pessoas comuns”, justamente quando o centro da discussão são problemas graves, de ordem pessoal ou social: para debater alcoolismo e gravidez na adolescência, infecção por HIV, abuso sexual, trabalhadores precoces, quem dá seu testemunho não são os grandes astros. Com isso, faz-se discretamente uma cisão entre os “deuses do Olimpo” e os “simples mortais”, estes mostrados na sua fragilidade e possibilidade de destruição, independente inclusive de classe social; aqueles como o exemplo da possibilidade real da superação de tudo e de atingimento do sucesso pessoal e profissional. É totalmente distinta a forma como são mostrados, num programa especial, menores e jovens que não estudam e precisam trabalhar, em virtude de sua condição social; e, em outro, quatro jovens que começaram a trabalhar ainda crianças e que fizeram sucesso como cantores, modelos e astros da televisão: neste caso, fala-se menos em trabalho do que na grande satisfação e fascínio de estar na mídia desde pequeno.
- Os enunciados sobre corpo e sexualidade mostram um modo especial de falar dos tabus, como o da virgindade ou do aborto, e da relação entre sexo e amor: em primeiro lugar, tudo se passa como se o alvo dos conselhos e do incitamento à confissão deva ser prioritariamente a mulher; por outro lado, mostra-se o choque entre uma proposta liberal-



responsável, dada pela mídia, principalmente através do apresentador e de seus convidados adultos, e a memória de um discurso conservador, eivado de preconceitos e de medos, trazido pela platéia e também, em alguns casos, pelos entrevistados. Serginho, ao mesmo tempo que entroniza o “erotismo discursivo”, de que nos fala Foucault, incitando portanto seu público à admiração ou à exposição dos belos corpos, à confissão das peripécias sexuais e amorosas de homens e mulheres famosos, submete esse próprio discurso às amarras da medicalização e de toda a tecnologia dos cuidados e precauções, alertando sobre os perigos do sexo em nossos tempos e mostrando como defender-se. Os adolescentes expõem sua resistência, mesmo que às vezes timidamente, afirmando um desleixo que se associa ou a um romantismo fora de época ou ao prazer e a uma idílica vivência da liberdade sexual.

- O relato de experiências radicais – de estupro, de iminência da morte em consequência da AIDS, por exemplo – aparece como técnica de aperfeiçoamento de si: as situações-limites, como no teatro grego, são expostas com uma função catártica e pedagógica. As narrativas de trajetórias de perda e destruição de si, com as buscas de reintegração a uma normalidade, servem como exemplo aos mais jovens, e são quase sempre reforçadas pelo esclarecimento científico do especialista que cuida da saúde do corpo e da alma.
- A formação do cidadão aparece como um dos objetivos do programa: nos depoimentos e na seleção dos temas relativos às questões mais amplas da sociedade – política, economia, violência, segurança pública, atenção aos idosos, e assim por diante –, aposta-se na preparação dos jovens através, sobretudo, da informação, que sempre deverá ser plural, democraticamente aberta a pelo menos mais de uma posição. Essa busca permanente de equilíbrio não obscurece, entretanto, as evidentes marcas das oposições de classe, de gênero e de raça no Brasil: estas aparecem nos textos e nas imagens do *Programa Livre*, debatendo-se com uma tradição de práticas que, “naturalmente”, valorizam os modos de existência das classes mais favorecidas, os múltiplos “poderes” e vantagens de ser homem e branco neste País. Tudo indica que a oposição mais fortemente enraizada seja ainda a oposição de classe: o Outro marginalizado, embora tenha voz – é bem verdade que uma voz excepcional, não cotidiana ou “normal” –, permanece como estrangeiro, como “alguém que não sou eu”, mas de quem hoje se pode falar, como alguém que é chamado a falar e que sempre nos surpreende e agride na sua condição de radicalmente excluído. Porém, associada às dissimetrias de gênero, a oposição de classe produz, numa alquimia muito específica, a duplicação de forças sobre a mulher pobre, que aparece no *Programa Livre* na sua condição de trabalhadora precoce, infectada pelo HIV, estuprada ou mãe na adolescência.

## Capítulo 6

---

### O IMPERATIVO DA BELEZA FEMININA

#### I – CORPO, LUGAR DAS IDENTIDADES

O século XX certamente será lembrado, entre tantas outras misérias e glórias, por ter sido o século da vida privada, do elogio desmesurado do corpo e da visibilidade intensa e por vezes atormentada da mulher. As pesquisas e análises deste nosso tempo, como as encontramos, por exemplo, em *História da vida privada*<sup>159</sup>, registram o cruzamento dessas três características de época, mostrando como elas estão no centro de uma série de práticas: nos modos de constituir a família, nos produtos da indústria cultural, em todas as facetas do consumo e da publicidade, nas novas formas da vivência da sexualidade de homens e mulheres e, especialmente, nas técnicas e procedimentos criados para cuidar de si – da alma e, sobretudo, do próprio corpo. Na intersecção dessas três importantes questões, emerge um imperativo: a obrigação da beleza, a obsessão pela perfeita forma – imperativo que existe principalmente para a mulher, no mesmo tempo de sua aparição como sujeito que multiplica e aperfeiçoa resistências, no enfrentamento dos inúmeros poderes que a fizeram ver-se por muito tempo como “naturalmente” inferior.

Um dos importantes lugares de registro dessas práticas são, sem dúvida, as inúmeras revistas femininas que, desde 1937, com a publicação do primeiro número de *Marie-Claire*, multiplicaram-se por vários países, principalmente na Europa (França) e Estados Unidos<sup>160</sup>. Desde aquele tempo, embora com todas as alterações nos costumes, sobretudo com a revolução sexual da década de 60, algumas permanências chegam a surpreender. Veja-se

---

<sup>159</sup> Volume 5: “Da Primeira Guerra a nossos dias”, organizado por Antoine Prost e Gérard Vincent (V. Biblio.).

<sup>160</sup> Antes de *Marie-Claire*, já circulavam algumas revistas femininas nos Estados Unidos, como registra Stuart Ewen, em *Todas las imágenes del consumismo*, citando inclusive algumas publicações anteriores a 1920, como a *Delineator*, que já trazia recomendações sobre beleza e cuidados com o corpo (EWEN, 1991, p. 209).

como Antoine Prost<sup>161</sup> descreve as então estrepantes publicações para a mulher: “Num tom amigável, mas firme, elas explicam às leitoras como se lavar e se maquilar, como cuidar da casa, seduzir o marido ou educar os filhos” (...) “Para dar um aspecto mais pessoal a essas prescrições, as revistas femininas começam a dialogar com suas leitoras: oferecem-lhes pesquisas e histórias verídicas, pedindo-lhes sua opinião. E, acima de tudo, abrem uma seção de correio sentimental, que conhece um imenso sucesso” (Prost, 1995, p. 147). Em *Marie-Claire*, *Confidences* (1938) e *Elle* (1945), portanto, já estavam presentes os especialistas que, naquele confessionário anônimo, respondiam às aflições, dúvidas e tormentos físicos e emocionais femininos, “assumindo gradativamente o papel de diretores de consciência”, como diz Prost. Ora, se substituirmos “lavar” por “cuidar da higiene íntima”, “seduzir o marido” por “seduzir o homem”, “correio sentimental” por “seção de cartas a médicos, sexólogos e psicólogos” – teremos uma curiosa constatação: num período de quase 60 anos, a estrutura básica das revistas femininas se mantém ainda hoje, embora elas estejam marcadas em diferentes épocas por todas as transformações da sociedade e, particularmente, da mulher<sup>162</sup>.

No Brasil, o mercado editorial registra, em meados da década de 70, um fato novo com respeito às publicações para o público feminino: acompanhando as transformações econômicas, culturais e sociais do País e do mundo – como a presença da televisão e das telenovelas no espaço da vida privada –, começavam a sair de cena as revistas de fotonovelas: a Editora Abril lançava um novo título, *Carícia* e promovia a reestruturação da revista *Capricho*, visando atender a um “novo público consumidor, carente de praticamente tudo”<sup>163</sup>. Nos anos 80, disputando um público que hoje seria leitor das antigas fotonovelas, surgiam publicações como *Júlia*, *Sabrina* e *Bianca*, livros populares com histórias romanceadas cheias de fantasia e sonho. Em julho de 82, *Capricho* passava por outra mudança editorial e adquiria o formato básico que tem até hoje: com praticamente as mesmas seções já consagradas em tantas outras revistas para a mulher (*Cláudia*, *Nova*, *Elle*, *Desfile*), firmava-se como uma publicação estritamente destinada ao público feminino adolescente. No mesmo “tom amigável, mas firme” daquelas primeiras revistas européias da década de 30, *Capricho* vem falar à menina de seus 11, 13, 15 ou 17 anos<sup>164</sup>, sobre sua vida em família, o convívio com pais e irmãos, a relação principal com os meninos, o namoro, a virgindade, os modos de se fazer bonita, os exercícios e dietas para cuidar dos excessos de peso, as formas de resolver

---

<sup>161</sup> Autor do Capítulo 1 – “Fronteiras e espaços do privado” – do Volume 5 de *História da vida privada*. (V. Biblio.)

<sup>162</sup> Importante lembrar aqui o papel da revista *Cláudia* que, especialmente na década de 70, funcionou no Brasil quase como tribuna da mulher de classe média, que aprendia a falar de si mesma, a discutir sua sexualidade e sua relação com o homem, sua inserção no mercado de trabalho e os conflitos daí decorrentes. Marcaram época, em *Cláudia*, os artigos de Carmen da Silva.

<sup>163</sup> Conforme Jussara Lopes, editora executiva da revista *Carícia*, em texto intitulado “A Imprensa Dirigida ao Público Adolescente: Funcionamento, Abrangência e Limites” (In: ARRUDA, Silvani; CAVASIN, Sylvania, 1991, p. 79).

problemas escolares, as dificuldades com as amigas. No centro de todos esses textos, uma constante: o direcionamento ao corpo e à sexualidade feminina.

Certamente, a incitação a que nos voltemos intensamente para nossos corpos não é privilégio dos discursos dirigidos à mulher. O século XX, conforme Prost, registra uma tendência muito específica a esse respeito – nós somos, na verdade, nosso corpo, e é sobre ele que se faz todo o trabalho de produção de nós mesmos.

“De fato, o corpo se tornou o lugar da identidade pessoal. Sentir vergonha do próprio corpo seria sentir vergonha de si mesmo. As responsabilidades se deslocam: nossos contemporâneos se sentem menos responsáveis do que as gerações anteriores por seus pensamentos, sentimentos, sonhos ou nostalgias; eles os aceitam como se lhes fossem impostos de fora. Em contraposição, habitam plenamente seus corpos: o corpo é a própria pessoa. Mais do que as identidades sociais, máscaras ou personagens adotadas, mais até mesmo do que as idéias e convicções, frágeis e manipuladas, o corpo é a própria realidade da pessoa. Portanto, já não existe vida privada que não suponha o corpo” (Prost, 1995, p. 105)<sup>165</sup>.

Tendo percebido e vivido mais do que ninguém essa condição, e estendendo-a para uma compreensão mais ampla da História, Foucault inspira-se em Nietzsche e aponta: o que somos, desde a origem, inscreve-se em nosso “sistema nervoso, no humor, no aparelho digestivo” (...); “o corpo traz consigo, em sua vida e em sua morte, em sua força e em sua fraqueza, a sanção de todo o erro e de toda a verdade, como ele traz consigo também e inversamente sua origem – a proveniência” (Foucault, 1992, p. 22). Essa concepção foucaultiana de corpo como não-essencial, isto é, como fenômeno concreto histórico, é básica para orientar estudos como este que aqui empreendemos. Mas, como já mencionamos anteriormente, ela deve ser criticada e ampliada, no sentido de posicionar esse mesmo corpo enquanto diferença sexual, já que, no caso da mulher, a constituição histórica de sua identidade faz-se exatamente a partir do corpo biológico, marcado por uma falta e uma suposta fragilidade – no que se opõe radicalmente ao corpo masculino –, elementos básicos da naturalização de sua inferioridade (Cfe. McNay, 1994, p. 17).

Enfim, considerando a idéia do corpo como lugar de identidade pessoal, na cultura do século XX, e, ao mesmo tempo, a concepção de corpo como lugar de inscrição dos acontecimentos e da dissociação do Eu, além do caráter de gênero das técnicas disciplinares a ele (corpo) dirigidas, pode-se concluir sobre a importância de investigar como se sobrepõem essas forças nos discursos de nosso tempo a respeito da mulher, especialmente se nos debruçamos sobre textos, como os da revista *Capricho* – um dos documentos do *corpus*

---

<sup>164</sup> Segundo a pesquisadora e jornalista Dulcília Buitoni, em texto intitulado “Consciência e Inconsciência da Mídia”, a revista *Capricho* atinge meninas de 11 anos a jovens de 20 anos, “mas o grosso realmente é o público adolescente” (In: ARRUDA, Silvani; CAVASIN, Sylvania, 1991, p. 100).

<sup>165</sup> Capítulo 1 – “Fronteiras e espaços do privado” – de *História da vida privada – Da Primeira Guerra a nossos dias* (V. Biblio.).

selecionado –, em que nos familiarizamos com uma série quase infinita de procedimentos, a conformarem um corpo e a definirem uma identidade de mulher, desde a raiz. Recém-púbere, a menina aprende através desses textos toda a tecnologia que lhe diz o quanto e quão necessariamente deve ser bela, para si mesma – o que equivale a dizer: para seus pares, para o mundo, especialmente para o objeto de seu desejo, o homem.

Com este capítulo, propomo-nos a descrever de que modo se constrói um discurso sobre e para a menina adolescente, nas páginas de uma revista, mapeando um modo de existência que nela lhe é proposto e que acompanha esse movimento da cultura contemporânea, no sentido de centralizar as atenções no corpo dos indivíduos. Não poderíamos deixar de comentar aqui – o que será desenvolvido oportunamente com mais detalhe e profundidade – o quanto esse modo de “habitar plenamente o próprio corpo” em nossa sociedade, contraditoriamente ou não, cinicamente ou não, faz-se marcar ainda por uma milenar tradição, herdada dos gregos: a separação socrática dos bens, segundo a qual os bens da alma estariam no topo, acima dos bens do corpo e dos bens materiais<sup>166</sup>. Ou seja, dizer que estamos centrados no corpo não significa afirmar que, finalmente, aprendemos, como nos diz Foucault, o quanto toda atividade filosófica, religiosa, espiritual, criativa, emocional, na verdade é vivida materialmente, concretamente, em nossos corpos, como produto deles e, ao mesmo tempo, produzindo-os; ou o quanto as verdades e os poderes de determinadas formações sociais acontecem a cada um de nós individualmente, porque se inscrevem de modo radical sobre a superfície dos corpos. Ora, há hoje uma forma muito particular de nos sujeitarmos a habitar tão completamente o corpo, a qual não só se serve de dicotomias seculares como as utiliza para justificar formas sofisticadas de desigualdades de classe e gênero, por exemplo. Esta análise baseia-se no estudo de documentos dedicados justamente a essas práticas específicas.

A partir do esquema de análise que elegemos, também aqui a descrição das “coisas ditas” na *Capricho* está organizada em função da noção central de “relações consigo” e de “técnicas de si”, de modo a captar os enunciados que se dispersam nessas páginas, na sua condição de coisas que se dizem, desde que encarnadas em práticas muito específicas, as quais estão sempre referidas a relações de poder e saber. A distribuição dos tópicos de análise, embora subordinada a essa noção central, é dada também pelos próprios textos, e por isso configura-se de um modo distinto, se comparada à análise de *Confissões de Adolescente* e do *Programa Livre*. Aqui, a busca do aperfeiçoamento do corpo merecerá destaque, em virtude do volume de informações, textos e imagens dedicados a esse tema. Assim, ao invés de três,

---

<sup>166</sup> O nome “pedagogia”, conforme diz Platão em um de seus *Diálogos*, seria dado a um processo de ascensão espiritual, segundo o qual o jovem discípulo, impulsionado pelo *eros*, aprende a admirar a beleza física e a desprender-se dela, descobrindo o sentido da “beleza em si”, a verdadeira beleza, a espiritual, encontrada na alma, nas leis e na ciência, até finalmente chegar à contemplação da beleza divina, livre de qualquer

temos quatro momentos na análise, os quais correspondem a esta seqüência: a) a relação consigo a partir do aperfeiçoamento do corpo (os cuidados com a saúde e a beleza do corpo; a relação com a sexualidade); b) a relação consigo a partir do aperfeiçoamento “da alma” (o enfrentamento de conflitos como os de geração, de relações de amizade; também o enfrentamento dos próprios defeitos; dos limites da personalidade; dos medos e fantasias; dos desejos; do afeto); c) a relação consigo a partir do Outro (basicamente, a relação com o Outro do sexo masculino, além da relação com as figuras modelares do mundo do espetáculo); d) a relação consigo e a abertura para o mundo (as novas tecnologias, o vestibular, o futuro, a indústria cultural e os novos estilos, as viagens, a política e os problemas sociais).

Um tema que atravessa toda a análise, e que se impõe basicamente quando se fala de corpo, é o tema do consumo, que nos é dado não só pela quantidade de páginas destinadas à publicidade, como pelo próprio caráter da grande maioria das matérias. De certa forma, como se verá, trata-se de um modo de “relação consigo” que não se separa dos demais: o desenvolvimento da sociedade de consumo, em nosso século, atinge a vida privada, basicamente o corpo dos indivíduos, e de modo muito particular o corpo das mulheres, e está inextricavelmente ligado à explosão publicitária e aos meios de comunicação, através dos quais os profissionais dos cuidados com o corpo impõem suas imagens e criam novas práticas e novos hábitos para os indivíduos.

## II – REVISTA *CAPRICH*O: FRAGMENTOS DE ESMERO E FANTASIA

O nome *Capricho*, segundo registra o *Novo Dicionário Aurélio*, pode trazer a idéia de impulsividade, desejo súbito ou mesmo de fantasia e volubilidade; mas pode significar também aplicação, esmero, apuro. Ora, o título acaba por definir exatamente a ambigüidade ou a duplicidade de que é feita a revista. Cada edição mensal<sup>167</sup>, com mais de uma centena de páginas, distribui em suas diversas seções exatamente essa dupla orientação dos textos: ao mesmo tempo que eles fazem referência ao mundo da fantasia, dos desejos e dos amores, não esquecem jamais de detalhar toda uma tecnologia de tratamentos permanentes para o corpo e a alma jovens – procedimentos que seccionam corpos e sentimentos, em busca de uma perfeição apurada, apoiados na informação científica e legitimada dos especialistas. Mas, obviamente, todo esse capricho não se faz nem se busca se não estiver plenamente amarrado a um campo básico: o campo da mensagem publicitária e do consumo. Todo esse capricho, portanto, tem *griffe*, tem preço, tem endereço de compra e venda.

---

aprissonamento aos fenômenos concretos (Cfe. descreve Werner Jaeger num dos trechos da sua *Paideia*, no Capítulo 8 do Livro 3, sobre “Simpósio. Eros”. JAEGER, 1967, p. 583-584).

<sup>167</sup> Duas informações importantes: a) Registre-se que, a partir de março de 1996, *Capricho* passa a ser quinzenal e sofre uma reformulação editorial, que se caracteriza principalmente por uma preocupação maior com a informação jornalística. b) O número de páginas de cada uma das edições, de agosto a dezembro de 1994, é o seguinte: agosto (116 páginas); setembro (148); outubro (172); novembro (172); dezembro (228).

Com uma tiragem que varia de 250 mil a 400 mil exemplares<sup>168</sup>, cada edição da revista *Capricho* tem aproximadamente quarenta matérias, além do editorial (da editora Mônica Figueiredo) e das quatro colunas fixas sobre cultura e comportamento (“Fora do ar”, de Zeca Camargo; “P.S. do P.S. do P.S.”, de Marcelo Pires; “Cara-metade”, do casal Maria Mariana e Galli; e “Rascunho”, de João Marcello). Todo esse material sofre uma organização visível apenas no sumário, no qual as partes da revista são assim distribuídas:

- “Você na *Capricho*” – sob esse título, incluem-se as diversas seções de cartas: “Diga Aí” – em que as leitoras mandam, junto com a carta, “o que der na telha”, qualquer objeto que confeccionaram, inspiradas no nome *Capricho*; “Help” – consultas sobre saúde; “Sexo” – perguntas sobre virgindade, masturbação, gravidez, corrimentos, camisinha, AIDS, etc; “O Lado Deles” (que pode chamar-se também “Pergunte aos Meninos”) – com cartas que as meninas escrevem, procurando saber o que os garotos pensam, sobre namoro, aborto, beleza e tudo o que diga respeito ao relacionamento entre homem e mulher; “Antes e Depois” – uma leitora aparece na revista, transformando seu rosto e cabelo, através de uma “operação” promovida pela revista, num salão de beleza. “Você na *Capricho*” também pode incluir matérias sobre concursos e promoções, com reportagens sobre as vencedoras (leitoras da revista).
- “Todo Mês” – Além do editorial (“Diário da Redação”) e das quatro colunas fixas já referidas, incluem-se aí: a “Agenda”, com a indicação de *shows*, filmes, programas culturais e religiosos, exposições, datas especiais e efemérides; “Geléia Geral”, com matérias curtas sobre curiosidades de artistas, lançamentos de discos e livros, etc; “Garota da Capa”; “*Capricho* Escolheu” (duas páginas em forma de *poster*, com uma ilustração referente a um tema do mês. Por exemplo: no mês de novembro, uma bandeira brasileira, em pano, cuja parte central tem aplicadas duas estrelas e uma boca sorrindo); “Idéias *Capricho*” (objetos interessantes para comprar); “A Gente Testou” (avaliação de produtos alimentícios ou de beleza); “Meu Lugar no Mundo” (matérias sobre viagens); “Signos”; “Endereços” (para compras dos produtos anunciados nas matérias).
- “Comportamento” – Aqui incluem-se as reportagens sobre: fidelidade, independência, vida em família, enfrentamento de doenças como a AIDS, conflito de gerações. Também pertencem a esse título a seção “E Eles”, em que a revista ouve meninos sobre uma questão de interesse das meninas (exemplo: “*Eles preferem dar ou levar um fora?*”) e o “Teste” –

---

<sup>168</sup> Alguns dados a considerar: a) Conforme dados do IVC (Instituto de Verificação de Circulação), os números correspondentes à tiragem e à respectiva circulação de *Capricho*, nos meses de agosto a dezembro de 1994, foram os seguintes: agosto (tiragem: 259.140 / circulação: 235.093); setembro (265.120 / 247.579); outubro (301.150 / 285.839); novembro (421.779 / 377.777); dezembro (442.950 / 413.878). Dados fornecidos pela pesquisadora de *marketing* de *O Estado de São Paulo*, publicitária Ana Lúcia Miranda, em março de 1996. b) No segundo semestre de 94, a revista custava R\$ 2,70; e, em março de 96, o preço era de R\$ 3,40. A partir de abril, a edição quinzenal passou a custar R\$ 3,00.

uma das seções prediletas das leitoras. Marcando pontos, elas respondem a questões sobre timidez, amizade, etc. e descobrem qual a sua classificação no teste (isto é, têm uma avaliação de como elas “são” naquele aspecto de sua personalidade).

- “Gente” – Pessoas famosas aparecem em fotos e reportagens especiais, nas quais conta-se sua história de fama; além disso, há as seções fixas como: “Colírio” (foto de um artista homem); “Eu Ainda Vou Dar Trabalho” (momento inicial de alguém que promete ser sucesso; essa seção pode chamar-se também “De Olho em Você”); “Nós Vestimos a Camisa da *Capricho*” (pessoa famosa aparece em foto com uma camisa da revista); “Fala, Menino” (uma personalidade, do sexo masculino, dá conselhos, propõe reflexões diversas, sobre problemas sociais ou o cotidiano da menina; ou conta uma experiência pessoal – por exemplo, como era falar de sexo no seu tempo).
- “Beleza” – Além de uma seção fixa – “Beleza Pura”, sempre há, no mínimo, cinco outras reportagens sobre como ficar mais bonita. Isso inclui matérias sobre bom humor, “*o que levar no ‘nécessaire’*” e assim por diante.
- “Moda” – “Pano pra Manga” reúne todas as pequenas notícias e orientações sobre como comprar, lavar, usar ou cuidar de peças do vestuário; “Certo e Errado” mostra o que se pode ou não vestir; além dessas duas seções, há no mínimo outras quatro ou cinco reportagens sobre moda, com a discriminação das respectivas *griffes*, que ocupam um percentual significativo da revista (aproximadamente 30 por cento<sup>169</sup>).
- “Especial” – A cada mês, cinco ou seis reportagens especiais são apresentadas – sobre o vestibular, gravidez na adolescência, informática, explicações indispensáveis sobre o corpo da mulher, revelações sobre o comportamento dos meninos, ecologia, diferenças do nosso tempo em relação a outras épocas, e assim por diante.

Se observarmos o sumário das cinco edições, de agosto a dezembro de 1994, veremos que essa distribuição das matérias não tem qualquer rigidez: assim, o conjunto “Todo Mês” pode incluir reportagens que só saíram naquela edição (*sic*); matérias sobre a visita ao ginecologista ou sobre o herpes podem situar-se no item “Beleza”. O mais importante a frisar aqui é a sensação de que tudo, qualquer coisa, cabe na *Capricho* – e isso fica bem claro na seção “Geléia Geral”: numa mesma página, a revista conta que a sopa “Campbell’s” mudou de rótulo, fotografa os vários rostos e personagens do ator Maurício Mattar, explica o que é a “Pop Arte”, noticia o casamento de uma modelo, mostra um quadro com o significado das flores, registra um “pensamento” do artista plástico Andy Warhol e cita números e cifras, no

---

<sup>169</sup> Essas reportagens sobre moda misturam o texto da redação com a venda dos produtos expostos nas fotos. Se juntarmos essas páginas às que são explicitamente de anúncios, teremos quase 50 por cento da revista. Em ocasiões especiais, esse percentual pode subir significativamente: até os 60 por cento, como ocorreu na edição de dezembro de 94, em vista do Natal.



estilo “Você Sabia?” da conhecida “Rádio Relógio” (Set., p.18)<sup>170</sup>. Da mesma forma, a presença dos mesmos assuntos em matérias aparentemente distintas também produz a sensação de que tudo se mescla, liquidifica, embora possa assumir uma forma completamente nova, a cada seção ou a cada edição da revista. Escolhendo um foco – por exemplo, o tema “energia” – *Capricho* de novembro, numa seqüência de seis páginas, resume a vida da menina em todos os seus movimentos e ações diárias, desde o momento em que acorda até a hora de dormir, orientando-a como obter mais energia de viver nos mais singelos atos e sentimentos: como espreguiçar-se, como expressar seu amor e tudo o que sente, como respirar, como evitar vícios, como praticar esporte – itens que estão em centenas de outras matérias. A pulverização dos assuntos e sua permanente “reciclagem” configuram-se como uma estratégia de economia de criação, na revista, cujos investimentos se voltam para uma multiplicação da forma e para a repetição, *ad nauseam*, dos mesmos temas.

Essa “geléia” está também na diagramação, nas ilustrações, nas cores, nos tipos de letras, nas fotos – em que se reproduz muito da linguagem da publicidade; muitas vezes, até, o material da redação e os anúncios se confundem, como acontece explicitamente nas seções de moda. E não importa que se afirme algo num lugar e, logo ao lado, se tenha exatamente a negação do que foi dito (ou a “verdadeira” e “real” forma de tratar o assunto): a reportagem da seção “Beleza Pura”, por exemplo, mostra como fazer e usar uma máscara para a pele, à base de mel e farinha de fubá, “*para quem gosta de fazer misturas com ingredientes naturais e se melecar*” e, na página ao lado, o anúncio traz uma “cesta básica” de produtos cosméticos industrializados, colocados junto com maçãs, laranjas e maracujás (Set., p. 108-109). Outro material exemplar é a seção “Eu Ainda Vou Dar Trabalho”, da edição de setembro (p. 30): uma estilista é fotografada junto com cinco garis, uniformizados, e o texto narra como ela chegou a montar sua própria loja de roupas, feitas a partir de restos de tecidos; para ela, “*tudo é reciclável*”, e sua confecção se chama “Lixo”. Moda e lixo, estilista e garis, pobreza e mundo *fashion*, todos irmanados na imagem publicitária.

A técnica da colagem, do *bricolage* de fenômenos e imagens que se equivalem em importância, da afirmação simultânea de coisas, pessoas e temporalidades – básica na linguagem de revistas como a *Capricho* e que tem nas produções televisivas sua realização máxima –, é identificada por muitos estudiosos como característica importante do pós-modernismo, e habita não só os meios de comunicação eletrônicos e impressos e os produtos da publicidade e do *marketing*, mas igualmente a produção especificamente artística: o “apego antes às superfícies do que às raízes, à colagem em vez do trabalho em profundidade, a imagens citadas superpostas e não às superfícies trabalhadas, a um sentido de tempo e de espaço decaído em lugar de artefato cultural solidamente realizado” (...) “são aspectos vitais

---

<sup>170</sup> As citações das cinco revistas analisadas serão identificadas entre parênteses, com a indicação do mês (Ago., Set., Out., Nov , Dez.) e da respectiva página.

da prática artística na condição pós-moderna” (Harvey, 1993, p. 63). Certamente, esse modo de fazer arte e esse modo de comunicar-se dos meios de massa são produtos do capitalismo avançado e de certa forma o produzem também; em outras palavras, estão diretamente relacionados com a promoção da cultura do consumismo, como bem acentua David Harvey:

“Isso dirige nossa atenção para a produção de necessidades e desejos, para a mobilização do desejo e da fantasia, para a política da distração como parte do impulso para manter nos mercados de consumo uma demanda capaz de conservar a lucratividade da produção capitalista” (Harvey, op.cit., p. 64).

Nesse sentido, as estratégias publicitárias transformam-se na forma mais comum de se “fazer cultura” em nossos tempos – um certo estilo de vida definido por esse modelo invade campos como o da moda, do jornalismo, e mesmo a convivência diária de pessoas no meio urbano. Por fazer-se exatamente de peças do cotidiano, o estilo publicitário de existir penetra esse espaço, enraíza-se nele, absorve-o, tenta apanhá-lo de todas as maneiras. O lugar mais visível dessa absorção, para não falar de tantos outros, é o da palavra: cada vez mais tenta-se reproduzir a “naturalidade” das falas, nas novelas, nos textos jornalísticos, na dramaturgia, no cinema; cada vez mais, também, tenta-se traduzir para a linguagem comum os saberes especializados – como os da medicina, da economia, da psicologia e da psicanálise, entre outros.

Ora, na *Capricho*, o modo de comunicar fragmentos e objetos de valor equivalente – nessa incessante “superposição de objetos ontologicamente diferentes”, como diz Harvey – materializa-se num texto que se faz também “cotidiano”. Os redatores optam pela linguagem coloquial, inclusive quando se trata de assuntos “científicos”. Numa matéria sobre o corpo da menina, o texto explica, por exemplo, que “*grande parte do volume dos seios é constituída por tecido gorduroso, por isso, quem for mais magra tende a ter seios menores. Como isso não é regra geral não vai espalhar por aí que toda magrinha peituda usa silicone!*” (Set., p. 94); e, mesmo que em geral haja cuidado com a correção de linguagem, um certo excesso na busca de identificação com o público-alvo, de falar “como adolescente”, faz que se reproduzam até erros típicos de redações escolares e de provas de vestibular. Assim, podem surgir adjetivos como “*inofensíveis*” (“*Um porre de fim de semana pode ser inofensivo!*”) ou escrever-se “*liqüidar*” e “*líqüido*”, ou ainda redigir: “*O jeito mais comum é pelo beijo ou numa relação sexual*”<sup>171</sup> (ao encerrar um parágrafo sobre o tema da contaminação por herpes). Da mesma forma, o uso das gírias do momento aproxima ainda mais revista e público. As meninas que falam e são faladas em *Capricho* ficam “iradas”, acham algumas coisas “hilárias”, “agitam mil lances”, gostam de “papo-cabeça”, aprendem como “desencanar”, envolvem-se em “rolos”, às vezes têm um “sustação” com a vida, descobrem como fazer “um

---

<sup>171</sup> As frases contendo incorreções estão na edição de agosto, p. 49 e 84, respectivamente. As palavras com trema estão na página 160 da edição de dezembro.

superponto” com a pessoa amada, revelam um “super-entusiasmo” com “essa coisa” de Internet e “detonam” mil produtos para ficar bonitas.

Na análise que aqui fazemos importa compreender como – no mar de anúncios publicitários e de matérias exclusivamente voltadas para a moda, na profusão de imagens, fotos, grafismos e ilustrações de todos os tipos, cores e formas, na proliferação de pequenas notas e notícias, informando um pouco de tudo – produz-se também uma orientação, diria, quase linear, didática e explícita às meninas adolescentes, de como se conduzirem na vida diária. Interessa-me descrever, portanto, como se constrói um discurso que em toda a sua materialidade é plenamente “pós-moderno”, desregrado e múltiplo, ao mesmo tempo que enuncia justamente a regra, a norma, as formas de comportamento esperados de uma menina de classe média, expondo também a memória de tantos ditos sobre a mulher, sua constituição a partir do discurso do homem e do perito médico, seu “natural” romantismo e doce feminilidade. De que forma o volume de páginas sobre moda em belos corpos se mistura e até mesmo se impõe sobre esses outros materiais? Em que sentido se pode dizer que a menina adolescente está presente na revista? De que forma a leitora comum aparece, não só nas páginas formalmente reservadas para ela (“Você na *Capricho*”), mas nas matérias sobre comportamento, sexualidade, cuidados com o corpo, orientações para os impasses e problemas diários na relação com os pais, as amigas e os meninos<sup>172</sup>? Em uma palavra: como se constitui sua identidade de gênero, através de diferentes processos de subjetivação que ganham visibilidade nas páginas dessa publicação?

Quando fiz meu primeiro estudo a respeito da revista *Capricho*, em 1992<sup>173</sup>, tinha uma pergunta central sobre alguns enunciadores desses textos – os peritos: de que lugar e de que posição falavam os “conselheiros espirituais”, não só quando respondiam às cartas, mas principalmente quando assinavam colunas ou quando falavam dentro de reportagens especiais sobre a vida íntima da adolescente? Naquele tempo, os médicos, psicólogos e sexólogos assinavam as respostas e eram freqüentemente citados no interior da publicação. Exatamente a partir de 94, *Capricho* sofre uma alteração no modo de editar suas matérias e passa a registrar os créditos dos colaboradores apenas na página do editorial (“Diário da Redação”), identificando-os pela especialidade da profissão e pela participação numa reportagem ou seção. Ou seja, todos os peritos<sup>174</sup> – desde ginecologistas e somaterapeutas, infectologistas e

---

<sup>172</sup> As seções de cartas não ocupam mais do que quatro páginas em cada edição, o que equivale a apenas 3% do total de páginas, incluindo os anúncios e as matérias sobre moda. Se considerarmos exclusivamente as matérias de redação *stricto sensu*, esse percentual sobre para 5%. De qualquer forma, é mínimo. Daí a importância de verificar como e com que importância a leitora comum aparece nos outros materiais também.

<sup>173</sup> O estudo sobre a revista foi apresentado na 16ª Reunião Anual da ANPEd, em Caxambu, MG, em setembro de 1993. Posteriormente, foi publicado com o título “O *Capricho* das Disciplinas”, na revista *Educação & Realidade*, UFRGS, Porto Alegre, v. 19, n. 2, jul./dez. 1994, p. 47-66.

<sup>174</sup> Nas edições de agosto a dezembro de 1994, colaboraram os seguintes tipos de especialistas: ginecologistas, sexólogos, dermatologistas, oftalmologistas, cirurgiões plásticos, obstetras, endocrinologistas, odontologistas, ortodontistas, andrologistas, infectologistas, homeopatas, médicos antroposóficos, psicanalistas, psiquiatras,

ortodontistas, psicólogos e especialistas em informática, medicina desportiva e nutricionismo – passam a prestar uma consultoria, não mais na condição de “autores”, enquanto a própria redação da revista assume a condição de “conselheira” das leitoras, responsabilizando-se pelo texto das orientações médicas e psicológicas. Ao mesmo tempo, fortalecem-se as colunas a que nos referimos acima, em que se encontram os chamados “papos-cabeça”, assinados por personalidades do sexo masculino (a não ser o caso de Maria Mariana que, mesmo assim, divide “Cara-Metade” com seu marido Galli), provenientes do mundo da mídia, da música, do jornalismo e da publicidade: “Fora do ar”, de Zeca Camargo (jornalista e apresentador de TV); “P.S. do P.S. do P.S.”, de Marcelo Pires (redator de publicidade); “Rascunho”, de João Marcello (músico e produtor musical); e a coluna “Fala, Menino”, escrita sempre por um convidado homem, profissional desse mesmo campo<sup>175</sup>.

Portanto, mais do que em qualquer outro dos produtos analisados – *Confissões*, *Programa Livre e Folhateen* – em *Capricho* a função educativa de orientar as meninas, de informá-las de todos os detalhes de sua vida sexual e amorosa, de todos os problemas de saúde próprios da idade e da mulher, de todas as técnicas, exercícios e regras de cuidar do corpo, da higiene e da alimentação – é uma função assumida integralmente pelo próprio meio, eliminando-se uma “autoria” ou uma responsabilidade individual pelo que é dito, mesmo no caso das clássicas seções de cartas. A conformação dos sujeitos-enunciadores ao meio, aqui, dá-se de uma forma radical: eles desaparecem, e a revista fala por si, diferente do que ocorre em jornais e na televisão, onde essa adaptação dos especialistas não os tira de cena. Falando de uma área como a psicanálise ou da economia, comentadores de TV, por exemplo, passam a falar também de dentro da televisão, cena que forma, produz e define seu discurso, embora o campo de saber e poder em questão ainda se afirme através de um corpo e de uma assinatura específicos. No caso da *Capricho*, talvez se tenha chegado a um burilamento dessa tecnologia de orientação dos receptores; é como se a revista dissesse de si mesma: ‘eu sou a voz que educa, aqui você encontra a informação de que precisa, nós dominamos todos os campos de saber, nós estamos sinceramente do seu lado’<sup>176</sup>.

---

psicoterapeutas sexuais, neurofisiologistas, psicólogos, nutricionistas, fisiologistas, médicos desportistas, somaterapeutas, publicitários, professores de Educação Física e de hidroginástica, cabeleireiros e, finalmente, especialistas em informática.

<sup>175</sup> A partir de abril de 1996, através de nova mudança na linha editorial de *Capricho*, cria-se uma editoria especial chamada “Meninos”, só para assuntos relativos à presença e importância do sexo masculino na vida das meninas. De todas as colunas anteriormente existentes, permanece apenas a do publicitário Marcelo Pires. O jornalista Zeca Camargo passa a compor o corpo editorial da revista, como editor-sênior, responsável pelo setor de Variedades.

<sup>176</sup> Duas observações a respeito: a) Contatos informais com algumas famílias cujas filhas adolescentes lêem a *Capricho* permitiram-me levantar a suposição de que a revista tem sido utilizada como “material didático” dentro do ambiente familiar: algumas mães e inclusive avós sentem-se mais seguras na orientação sexual das meninas tendo em mãos os textos de *Capricho*. Esse tipo de utilização mereceria uma investigação cuidadosa. b) Em breve enquete com leitoras de *Capricho*, em Porto Alegre, um grupo de entrevistadas informa que a revista serve para ensinar “como são” ou “como vão acontecer” as “coisas da vida” – amor, sexo, namoro. Sendo assim, a revista serve cada vez mais para as meninas de 12, 14, no máximo 16 anos. Para as maiores, os textos já não

### III – MODOS DE SUBJETIVAÇÃO DA MENINA ADOLESCENTE

#### A – Sobre corpo e sexualidade

##### 1. *O disciplinamento do corpo forma a menina*

*“Como num conto de fadas, Vivian conquista aos poucos o homem da sua vida, Edward. Este é o resumo do filme ‘Uma Linda Mulher’ do diretor Marshall que teve Julia Roberts e Richard Gere nos papéis principais. Se você ainda não viu este filme, vale a pena pegar o vídeo e assistir – é imperdível. Foi inspirado nesta história maravilhosa que a gente fez esta matéria. Para você curtir, ter dicas de roupas superfemininas, reviver os melhores momentos do filme e quem sabe, criar coragem para conquistar quem você gosta também” (Ago., p. 60).*

Em dez páginas, *Capricho* sintetiza tudo o que produz e reproduz em cada edição, todos os meses: há um mito, o mito de Cinderela, que nos constitui, a nós mulheres, e que, como qualquer mito, precisa sempre ser contado outra vez, seja através de rituais como o dos bailes de debutantes e do casamento, seja principalmente através de narrativas hoje criadas e veiculadas em telenovelas e em revistas femininas ou em publicações sobre a vida de gente famosa. No lugar da prostituta, *Capricho* imagina uma menina de visual *punk*, que “*está sem namorado e vai à luta*”; na trajetória em direção ao príncipe, ela mergulha num banho de espuma, enxuga-se em toalhas brancas e macias, veste-se de preto, vai com o namorado ao restaurante; esportiva, sai às compras, depois arruma-se para a noite num vestido vermelho de veludo alemão; sensível, acompanha o amado na intimidade, junto a um piano; no final, emocionada e feliz, recebe rosas vermelhas na varanda de seu apartamento. Não se fala em casamento nem em perda da virgindade, mas o mito, ainda neste final de século, afirma-se mais uma vez e, neste exemplo, vende também moda. Se o imperativo é ser bonita, e o objetivo é conquistar o homem, há que se buscar os meios de atingir esse modo de ser. Pois eles todos estão ali, oferecidos pela revista.

A pergunta é: como se tece esse discurso da beleza do corpo, que sempre vem associado à constituição da mulher como “mulher para o homem”? Em primeiro lugar, os textos convidam a leitora a cultivar um estilo: é necessário acompanhar a moda, observar as proporções, ser coerente e correta ao vestir-se, tendo em vista as medidas do corpo, e, é claro, jamais ser vulgar. Mesmo a menina *punk* nas calçadas de uma rua, em busca do namorado, deve saber que, para usar a blusa e a minissaia “*minimalistas*”, “*precisa estar em forma*”. A seção “Certo e Errado” mostra, em duas páginas, adolescentes comuns fotografadas nas ruas, sem a identificação de seus rostos, e analisa a maneira como elas se vestem. O julgamento se faz basicamente sobre o equilíbrio das roupas em relação ao tipo físico, ou então sobre a combinação das peças. Assim, o imperativo da beleza diz respeito a uma necessária operação

---

interessam tanto, porque “já sabem como as coisas são”. Outro registro: nas escolas, em geral as meninas

a fazer sobre o corpo e, ao mesmo tempo, a uma educação do próprio estilo. A menina que vestiu uma calça muito justa e uma mini-blusa, deixando o umbigo aparecer, merece um “errado”, porque seu corpo não permite uma tal escolha; já a outra, em sua saia longa, está “certa”:

*ERRADO – Para você se dar o luxo de deixar a barriga de fora, precisa estar com ela em ordem. Quando ela percebeu que estava sendo fotografada, encolheu a barriga, mas mesmo assim não adiantou nada” (Ago., p. 13).*

*CERTO – A saia reta, longa e estampada, vestiu bem porque seu corpo está em cima. Se ela fosse muito gorda, a saia ficaria um balão (Out., p. 16).*

O ideal do corpo esbelto faz história desde o início deste século. Se nos fins do século XIX a robustez dos corpos era sinônimo de abundância e riqueza, e a magreza, sinônimo de escassez e fome, nas primeiras décadas deste século, com o desenvolvimento da sociedade industrial urbana, também o corpo, e sobretudo o corpo da mulher, faz-se adequado às “características voláteis do valor mercantil abstrato” – como escreve Stuart Ewen, no livro *All consuming images*<sup>177</sup>. “A mulher para o homem”, que antes deveria inspirar fartura, passa a ser, desde o início do século, “a mulher para o homem” alta e delgada, perfeitamente identificada com a imaterialidade do dinheiro flutuante. Ewen comenta, inclusive, trechos de revistas femininas de 1920, em que se apontava, criticamente, o “caminhar obeso”, o “andar de pato”, a “corpulência pesada” das mulheres, sugerindo que elas se fizessem “retas e flexíveis como todas as juvenzinhas” (Ewen, 1991, p. 209, trad. minha). Essa imagem cada vez mais passa a impregnar olhos, imaginação e fantasias, projetando-se para dentro dos meios de comunicação, das agências de publicidade, revelando-se harmônica com outros ideais de estilo, como os da criação arquitetônica e do desenho industrial<sup>178</sup>. O certo é que esse ideal externo de “tornar-se magro” transporta para o mundo interno dos sujeitos um valor que se cria e desenvolve como consequência da modernidade e está diretamente relacionado à lógica do valor abstrato na economia:

“Ajustando-se a ideais que motivaram as evoluções da arquitetura, do desenho, da criação publicitária e da moda, o corpo ideal não existe mais materialmente, é reduzido a uma representação abstrata da pessoa: uma linha, um contorno, uma atitude, separados de seus imperativos biológicos. Não importa a forma que tome o corpo, qualquer carne que permaneça é demasiada; a imagem deve livrar-se dos inconvenientes da substância” (Ewen, op. cit., p. 214).

Se no início do século as mulheres adultas precisavam mirar-se no porte delgado das mais jovens, hoje esse aprendizado de fazer-se esbelta acontece já na adolescência, e até mais

---

escondem dos meninos que lêem a revista, porque isso denuncia seu “romantismo”.

<sup>177</sup> Na tradução espanhola, o livro recebeu o título de *Todas las imágenes del consumismo* (V. Biblio.).

<sup>178</sup> Ewen lembra que a própria garrafa de Coca-Cola acompanha a transformação do corpo da mulher e faz-se também mais delgada, a partir de 1960, substituindo um desenho que desde 1916 reproduzia “os ideais abundantes da feminidade vitoriana” (EWEN, 1991, p. 210, trad. minha).

cedo, atingindo pessoas de ambos os sexos e de todas as idades, embora seja ainda dirigido, prioritariamente, ao mundo feminino. O sentimento de humilhação, de desprezo por si mesma, de profunda insatisfação e inferioridade, a respeito do próprio corpo, é produzido sistematicamente na sociedade, de uma maneira semelhante ao que aprendemos com as técnicas disciplinares dos hospitais, presídios, quartéis e escolas, desde o século XIX. A punição é a vergonha de si mesmo. Corrigir o desvio é sujeitar-se à busca da imagem ideal, pelo exercício e a dieta, depois de bem identificada a “falha”. Nenhum lugar é melhor do que as revistas femininas para compreender esse modo eficaz de subjetivação da mulher. A leitora de *Capricho* poderá enxergar-se, por exemplo, em duros diagnósticos, feitos em reportagens sobre moda:

*“Se, além de parecer uma gelatina, a sua barriga passou da medida, só abdominal não resolve (senão você vai ficar com a barriga grande e bem dura)”*.

*“Quem tem um umbigo muito profundo ou saliente não precisa sentir vergonha de usar biquíni e top pelo resto da vida. Existe uma cirurgia plástica que corrige essa deformidade”* (Out., p. 98-99).

*“Se você é barriguda, passe longe desse modismo”* (dos cintos e camisas usadas para fora) (Nov., p. 23).

A descoberta do “erro do corpo”, mostrada com graça e bom humor ou ironia e sofisticada agressividade, vem acompanhada da promessa mágica de transformação: os exercícios propostos, os produtos sugeridos, os cuidados ensinados passo a passo incitam a identificação e a procura dos “defeitos”, à medida que oferecem as respectivas soluções. Não importa tanto que todas as técnicas sejam ou não aplicadas; importa que se fale muito e sempre de um corpo que precisa ser cuidado, aperfeiçoado, mantido “em forma”, para ser desejado pela própria mulher e pelo Outro. Não temos desculpas: as mulheres mais bonitas do mundo também se exercitam, tratam de esculpir seu corpo e espírito, como elas mesmas afirmam<sup>179</sup>. A matéria “Na Medida Certa” é exemplar: ensina como fazer “*movimentos para o bumbum*”, abdominais para a barriga, flexões para os braços, “*trabalhos com as pernas*”, apelando para o exemplo cotidiano das grandes figuras da moda:

*“Até a modelo Cindy Crawford faz ginástica em casa. Por isso, trate de arrumar outra desculpa se não quiser se exercitar. Estes movimentos você pode fazer sozinha, trancada no seu quarto, assistindo a novela das seis, num parque ou onde bem entender. O que importa é fazer pra valer esta série, no mínimo, três vezes por semana. Você vai se sentir mais disposta e o seu corpo vai ficar em forma – contanto que você não exagere nas refeições porque exercícios não emagrecem! Antes de começar, caminhe por 15 minutos para aquecer e se alongue”* (Set., p. 104).

---

<sup>179</sup> A modelo Cindy Crawford conta, em reportagem especial sobre sua vida, o quanto aprendeu com um fotógrafo que conheceu aos 18 anos. Ela costuma seguir à risca seus “*rígidos mandamentos que deram feição ao espírito, do mesmo jeito que os exercícios esculpiram seu corpo: trabalhe duro, seja direta, nunca se queixe*”. (Out., p. 46).

O fato de as meninas se submeterem – orientadas e incitadas pelas matérias de saúde e beleza, repetidas mensalmente pela revista – a exames periódicos de si mesmas, do seu peso, da flacidez de seu ventre, da celulite de suas pernas, funciona como uma forma de o poder (da própria mídia, da medicina, da psicologia) objetivar-se. Mesmo que aparentemente resguardada na intimidade de seu quarto e diante de seu espelho, a menina está socialmente classificada e se sujeita a buscar o saber (a cura, a solução) onde ele está – isto é, na revista, nos especialistas que a avalizam e, se for necessário, na própria medicina, que poderá corrigir “deformidades”. No seu corpo, sobretudo, objetiva-se o poder masculino (de um homem igualmente assujeitado por essas normas), através das classificações que enunciam as meninas mais ou menos desejáveis. Estamos falando aqui de uma forma muito peculiar de vivermos o processo de individualização, surgido com a sociedade disciplinar e tão profundamente estudado por Foucault: define-se uma norma (o corpo esbelto) e dá-se privilégio ao desvio (a obesidade e suas variantes), individualizando-se aqueles que devem ser normalizados. Ou seja, marcam-se os excluídos e neles corrige-se a anormalidade (Cfe. Foucault, 1991, p. 171 e 172).

Para pesquisadoras feministas, como Sandra Bartky e Susan Bordo, todas as tecnologias de correção do corpo da mulher, a partir da definição de desvios culturalmente criados e ampliados por inúmeras estratégias de comunicação, como vimos, só fazem subjugarla, de todas as formas, amarrando-as a si mesmas e a um dispêndio de energia na aquisição de informações e habilidades, em função de uma identidade normativa, cujo fim é a atratividade sexual. Para essas estudiosas foucaultianas, o complexo de moda e beleza, com a tirania da magreza, produziria formas patológicas de subjetividade, cristalizando a produção de uma determinada feminilidade, definida como “natural”. Ou seja, o corpo da mulher estaria sendo produzido culturalmente através de práticas que não só configuram e modelam sua conformação física, como definem suas próprias experiências de vida, mantendo, estrategicamente, relações desiguais de poder entre os sexos (Cfe. Sawicki, 1994, p. 291<sup>180</sup>).

A menina leitora de *Capricho*, por exemplo, é constantemente incentivada a descobrir suas “anormalidades” e a confessá-las como consulente: assim, a anormalidade pode ser o cheiro ruim nos pés, as olheiras muito fundas, a brancura da pele, um nariz em forma de “batata”, verrugas que nascem pelo corpo – problemas que elas comunicam nas cartas, em busca de uma solução. Para tudo há uma resposta, acompanhada de quatro tipos de saberes: há a “explicação científica”, os procedimentos caseiros, a listagem dos produtos a adquirir e a recomendação inevitável da consulta ao especialista. Para as verrugas, por exemplo, “*o melhor é procurar um dermatologista rapidinho*”. Em nome da beleza, a mulher é cercada de

---

<sup>180</sup> No Capítulo 11 da obra *The Cambridge companion to Foucault* – “Foucault, feminism, and questions of identity” – Jana Sawicki cita e discute os estudos feministas fundamentados em Foucault, mostrando a produtividade e os limites da teoria foucaultiana do corpo, basicamente quanto à construção de identidade e gênero.



todos os lados: o poder da informação científica “comprova” a necessidade das operações sobre o corpo; peritos médicos ou técnicos podem examiná-la e dar-lhe o receituário da correção; o mercado não lhe será ingrato e colocará à sua disposição todos os novos produtos; finalmente, o tempo livre, em casa, pode ser ocupado por uma infinidade de cuidados, ensinados pela revista. Não há como escapar à urgência e à necessidade vital de voltar-se para o próprio corpo e tornar-se bela.

Numa matéria especial sobre cabelos crespos – tormento ainda hoje para as meninas<sup>181</sup> –, a revista mostra todas as formas de amenizar o “problema”, recorrendo a uma infinidade de técnicas e produtos, cuidados cotidianos, atenção permanente. Mas mostra principalmente como a dificuldade com esse tipo de cabelo existe porque a menina não sabe cuidar-se. O ponto de partida é a experiência de belas modelos e atrizes:

*“Patrícia Pillar, Ana Paula Arósio, Patrícia França, Julia Roberts... Todas elas têm o cabelo crespo e bonito. Qual será o mistério? Nenhum. Elas cuidam, tratam e cortam. A vida toda.. Cabelo é igual a qualquer parte do nosso corpo: não fica legal do dia pra noite.*

*Não vem com aquele papo de que o seu é um daqueles crespos difíceis que só abaixam passados a ferro. Se ele está seco e quebradiço não é culpa da genética que fez você nascer assim. O problema são as escovas que você vive fazendo pra alisá-lo; a forma inadequada de penteá-lo e puxar os nós; os mil rabos de cavalos que você usa na semana para esconder o arrepiado; e os produtos mal escolhidos que você despeja nos fios. Assim não há Cristo que agüente!” (Set. 98-99).*

Depois de situar dessa forma a leitora em relação ao assunto – reforçando o “desvio” e a vergonha de si, através de expressões como “nascer assim”, “esconder o arrepiado” – a matéria dá toda a explicação científica sobre o que é a anatomia de um cabelo crespo, informa sobre os produtos importados que existem para tratá-lo e organiza duas listas de regras: “Tudo o que você deve fazer” e “Tudo o que você não deve fazer”. Depois, conclui: “*Se mesmo com todas essas dicas você continuar odiando seu cabelo crespo, derrotada, a CAPRICHÔ desiste. Vai fundo: pode alisar seu cabelo, contanto que seja feito por um cabeleireiro*” (p. 102, sublinhado meu). Esse mesmo modo de tratar de questões de beleza repete-se em matérias sobre as doenças do corpo, escritas em linguagem coloquial e direta, com uma agressividade bem-humorada, beirando às vezes o tom da humilhação. Nas explicações sobre o herpes, por exemplo, fala-se de sua origem, dos sintomas, formas de contaminação e tratamento. Na conclusão, o chamado ao especialista:

*“Para aliviar a dor e evitar que a pele fique ressecada, alguns especialistas recomendam uma pomada ou mesmo vaselina e água boricada par tratar a ferida*

---

<sup>181</sup> A colunista de *Zero Hora*, Martha Medeiros, em artigo de março de 1996, escreve sobre “O maior inimigo das mulheres”, referindo-se à geração jovem dos anos 70, época em que a ditadura do cabelo liso fez o sofrimento da população feminina. Se para essa geração esse problema parece já não existir, a memória do cabelo liso (de preferência, louro) talvez ainda não tenha desaparecido totalmente.

*da boca. Mas antes de sair por aí se melecando com pomadas, converse com seu dermatologista, se o herpes for labial, e se for genital, com seu ginecologista”* (Ago., p. 84).

Em “Pode Ser a Gota D’Água”, reportagem sobre os perigos das bebidas alcoólicas, com depoimentos de adolescentes que costumam beber, *Capricho* fornece em oito páginas todas as informações sobre o assunto, sempre citando fontes de pesquisas científicas: o que acontece com o organismo, por que temos ressaca, o papel da hereditariedade, o coma alcoólico, as misturas de álcool com remédios, drogas e cigarro, as justificativas mais comuns para uma jovem beber, os efeitos do álcool em cada parte do organismo, a caracterização dos bêbados típicos. Ilustrada com fotos de meninas bebendo em bares, cujo rosto não é identificado, a revista assume uma posição francamente educativa, que se faz marcar nos textos em negrito. Informa, por exemplo, que “5% dos jovens brasileiros com 9 a 18 anos (cerca de um milhão e meio de pessoas) bebem excessivamente” e que “O consumo de álcool atrapalha o aprendizado porque prejudica a memorização de novas informações” (Ago., p. 48). Sobre a mistura de álcool com drogas, sublinha: “Esta combinação é absurda. Se a CAPRICHÓ já é contra drogas, é mais ainda contra a mistura de álcool e drogas. Isso mata” (p. 51). Como no caso do uso da camisinha, da contaminação pelo HIV, da possibilidade da gravidez, como já vimos na análise de *Confissões* e do *Programa Livre*, a mídia age sobre a resistência dos adolescentes, sobre os modos de enfrentarem as normas sociais e sobre as próprias contradições da sociedade, a qual incita o erotismo e o consumo do álcool e do cigarro, por exemplo, na mesma proporção em que se volta para a vigilância em torno dessas práticas.

O discurso normativo e de aconselhamento, típico dos documentos escolares, da solenidade dos sermões e da escuta confessional religiosa e psico-pedagógica, mesmo não tendo perdido totalmente seu prestígio nesses lugares de origem, tem uma surpreendente acolhida nos meios de comunicação. Como já vimos anteriormente, na análise de *Confissões de Adolescente* e *Programa Livre* – cada vez mais estes meios se constituem como lugares pedagógicos, não temendo inclusive usar o vocabulário explicitamente prescritivo daquele discurso. Os verbos no modo imperativo e a insistência em um vocabulário que abusa de “deve”, “pode”, “faça”, “é proibido” – no interior de um texto que, constantemente, fala de regras, exercícios e cuidados para a beleza do corpo, ou para a cura de doenças e de desvios de comportamento, como solução a um diagnóstico de erros – estão presentes em quase todas as matérias incluídas neste item aqui analisado.

Certamente, o modo imperativo que “educa” é também o que vende. “Fazer exercício faz muito bem. Enquanto você trabalha o corpo, descansa a alma. Se anime, escolha seu esporte e sua roupa favorita” (Set., p. 80) – diz a abertura de uma matéria sobre ginástica, reunindo em uma só frase diferentes “princípios educativos”. Ou: “Tem hora pra tudo nessa

*vida, inclusive para ingerir bebidas isotônicas, tipo Gathorade*” (Set., p. 108). Como nesses exemplos, a maioria das reportagens é acompanhada da indicação de produtos, além das roupas e acessórios – estes estão presentes em quase 40 por cento das páginas de cada edição –, indicados para cuidar de cada parte do corpo adolescente. Na edição de agosto, em seis páginas, sob o título “Para Você Ficar Mais Bonita”, a revista seduz a leitora com mais de cem produtos: um borrifador “*para se refrescar enquanto toma sol ou molhar o cabelo para fazer escova*”, um corretivo de olheiras, um fluido muscular de massagem, uma cera depilatória, um gel para pernas, cílios postiços, discos de algodão antisséptico para limpar a pele, creme para gorduras localizadas, luva sintética para banho, creme para secar espinhas, creme demaquilante para os olhos, espuma de limpeza facial. A lista é interminável, e sua disposição nas seis páginas da matéria lembra quase um jogo infantil. Peças em miniatura, a maioria importada da Europa e dos Estados Unidos, com um *design* alegre, colorido e lúdico, apresentadas com um vocabulário charmoso e sofisticado (“*discos de algodão antisséptico*”, “*fluido muscular*”) fazem a promessa do perfume e da beleza e alimentam um desejo intenso de posse daqueles objetos, pelas meninas, num tempo plenamente “globalizado”, em que, parece, “a única coisa acessível são os bens e mensagens que chegam a nossa própria casa”, como diz Canclini:

“As lutas de gerações a respeito do necessário e do desejável mostram outro modo de estabelecer as identidades e construir a nossa diferença. Vamos nos afastando da época em que as identidades se definiam por essências a-históricas: atualmente, configuram-se no consumo, dependem daquilo que se possui, ou daquilo que se pode chegar a possuir. As transformações constantes nas tecnologias de produção, no desenho de objetos, na comunicação mais extensiva ou intensiva entre sociedades – e do que isso gera na ampliação de desejos e expectativas – tornam instáveis as identidades fixadas em repertórios de bens exclusivos de uma comunidade étnica ou nacional. Essa versão política de estar contente com o que se tem, que foi o nacionalismo dos anos sessenta e setenta, é vista hoje como o último esforço das elites desenvolvimentistas, das classes médias e de alguns movimentos populares para conter dentro das vacilantes fronteiras nacionais a explosão globalizada das identidades e dos bens de consumo que as diferenciavam” (Canclini, 1995, p. 15).

## **2. *Tabus, medos e perigos cercam a mulher***

Como o poder se exerce sobre o sexo e produz o discurso verdadeiro a respeito de nossa sexualidade? Como a vontade de saber, mais do que a repressão, produz em nossa cultura sujeitos voltados para a condição de pessoas “amarradas a seu sexo”? Essas perguntas fizeram Foucault debruçar-se sobre o que ele chamou o “dispositivo”<sup>182</sup> da sexualidade –,

---

<sup>182</sup> No Capítulo 16 de *Microfísica do poder*, num diálogo com Alain Grosrichard, Gérard Wajeman, Jacques-Alain Miller, Gérard Miller, Catherine Millot e Dominique Colas, “Sobre a *História da Sexualidade*”, Foucault define claramente o que entende por dispositivo. Em síntese, como ele diz, “gostaria de mostrar que o que chamo de dispositivo é algo muito mais geral que compreende a *épistémè*. Ou melhor, que a *épistémè* é um dispositivo

conceito a partir do qual descreveu sua *História da sexualidade*, fazendo a investigação de uma economia complexa que incluía discursos ao mesmo tempo que práticas e instituições, proibições ao mesmo tempo que incitações e valorizações, na construção de uma história que elegia os sentimentos, comportamentos e corpos como figuras fundamentais (Cfe. Foucault, 1992a, p. 230). Nessa concepção de dispositivo, está presente a dinâmica relação entre saber, poder e sujeito, retomada em outros conceitos como o de “experiência” que, como já vimos, diz respeito aos modos concretos de existirem e se interligarem, numa determinada cultura, certos campos de campos de saber, certos tipos de normatividade e as respectivas formas de subjetivação.

Adentrar as páginas de *Capricho* pode provocar uma sensação ambígua. De um lado, a experimentação de supor que ali, quem sabe, talvez se fale uma “verdade necessária”, de que a menina de fato possa servir-se daquelas informações para conduzir melhor sua vida, de que, enfim, a sociedade esteja encontrando um lugar eficaz de educação sexual dos mais jovens – projeto acalentado e realizado pelos educadores do sistema escolar, nas últimas décadas, à custa de inúmeras lutas e dificuldades, a começar pelo despreparo dos próprios professores. De outro lado, a sensação oposta, ou pelo menos crítica e estranhada, de que se fala de corpo, erotismo e sexo excessivamente, num movimento duplo de intensa incitação e escusa, como se sempre tudo estivesse a ser dito sobre a mulher menina, sobre os segredos de seu corpo, de sua genitalidade, das transformações sofridas e das expectativas desse corpo na relação com o homem. Em outras palavras, como leitores comuns, podemos deixar-nos invadir pela certeza de uma possível verdade, aceitando subjetivar-nos por ela; nesse mesmo tempo, porém, na condição de pesquisadores ou de leitores relativamente mais avisados, é possível reescrever esse discurso e constatar o quanto, ainda hoje, colocamos a sexualidade no centro de nossa existência, e acreditamos ser possível livrar-nos desse aprisionamento, só porque, como disse Foucault, teríamos ultrapassado o “umbral do discurso” e eliminado algumas proibições.

Uma dos textos exemplares nesse sentido, matéria de capa da edição de setembro, é o que se intitula “Você Precisa Saber”. Na capa, a chamada – “Conhecer seu corpo: respostas para todas as perguntas que você tem vergonha de fazer” – perde-se entre a foto do ator Fábio Assunção, literalmente agarrado com unhas e dentes por duas meninas, e a palavra “Lindo”, em vermelho, três vezes grafada em letras garrafais. No interior da revista, as cores, imagens e letras mudam: marcado pela ilustração com flores nas cores rosa e amarelo, e fotos de uma menina de olhar suave, cabelos molhados, vestida com um mini-pijama branco de malha, o texto tem o objetivo de esclarecer e, sobretudo, tranquilizar a adolescente quanto à vergonha de tratar de fatos tão íntimos ou sobre os quais ela talvez ainda não esteja corretamente informada. Há respostas para tudo: como é a vagina, por que menstruamos, o que é período

---

especificamente discursivo, diferentemente do dispositivo, que é discursivo e não discursivo, seus elementos sendo muito heterogêneos” (FOUCAULT, 1992a, p. 246).

fértil, por que as espinhas aparecem e os seios ficam doloridos no período da menstruação, o que é orgasmo, se masturbação faz mal, se dói muito quando se ‘transa’ pela primeira vez, o que é o fluido branco que aparece quando se está excitada, se absorvente interno tira a virgindade. Junto, um mini-dicionário que, segundo a revista, “*vai fazer você se conhecer direito, entender o que a sua professora fala e o que lê por aí*” (p. 96), e uma página inteira sobre todos os tipos “normais” e “patológicos” de corrimento vaginal.

As palavras básicas são “conhecer-se”, “auto-conhecimento”, “exame”, “identificação”, “aprendizado”, repetidas em várias das respostas. Vejamos dois exemplos:

*“COMO É A VAGINA? – Antes da gente começar a explicar, o ideal seria você pegar um espelhinho e se examinar. Não tenha vergonha de se tocar, de se estudar. Você vai conseguir ver algumas coisas, como os grandes lábios. Se afastá-los com a mão vai ver também os pequenos lábios, que ficam mais para dentro. Até o hímen é fácil de identificar se você tiver paciência. É uma pele fininha que fica na entrada da vagina. Ele não é igual em todas as meninas, por isso pode ter só um furinho no meio, ou vários, por onde passa a menstruação – mas não vai achar que há algum problema com você se não conseguir identificar seu hímen! A vagina é um canal muscular elástico e curvo, de aproximadamente 10 centímetros de comprimento. Ela é mais estreita na sua abertura e vai alargando na parte mais profunda. A abertura da vagina está entre a da uretra – por onde sai o xixi – e o ânus. Sua parte externa é formada pelos lábios vaginais e clitóris, é chamada de vulva e é recoberta por pêlos”* (p. 93).

*“MASTURBAÇÃO FAZ MAL? – Esse assunto é o campeão de abobrinhas e lendas. Quem nunca se masturbou e já está roxa de vergonha é bom que saiba que masturbação é importante para o autoconhecimento. Ela permite que cada um descubra melhor o seu corpo e as sensações de prazer que ele pode proporcionar. Se você tiver intimidade com seus órgãos genitais, vai ficar muito mais fácil na hora de ir ao ginecologista pela primeira vez e até transar. Apesar disso, ninguém precisa sair por aí contando para Deus e todo mundo, que se masturbou ontem à noite. Se masturbar é uma coisa muito íntima, ou seja, ninguém tem nada a ver com isso”* (p. 94).

Junto com o esclarecimento, com os nomes científicos de cada parte íntima do corpo e de cada processo do desenvolvimento físico, vem não só a idéia de auto-exame e do auto-conhecimento, como vimos acima, mas uma referência permanente à normalidade da menina, de sua anatomia ou do funcionamento do corpo, em dois sentidos: separando o que é doença do que é comum e normal (as cólicas durante a menstruação ou a classificação dos vários tipos de corrimento vaginal, por exemplo); ou tranquilizando a adolescente sobre uma auto-imagem de possíveis “anormalidades” (sobre a largura da vagina, o tamanho dos seios). Perguntas e respostas expõem um universo de dor, nervosismo, dúvida, doença, medo, vergonha e responsabilidade: na mulher os seios doem, a passagem do sangue menstrual provoca-lhe cólicas, na primeira relação o corpo dói e sangra, o menino com quem tem contatos íntimos pode transmitir doenças, a menstruação está sujeita a múltiplas influências e pode ser irregular, é preciso acostumar-se a palavras como “candidíase”, “tricomoníase” e

“vaginite inespecífica”, e é necessário assumir grande parte do cuidado na hora de pedir que o homem use a camisinha. Esse discurso, como bem lembra Lois McNay, em “Power, Body and Experience”, traça um quadro inferiorizado do corpo da mulher, em comparação ao do homem, construindo e efetivando inúmeras estratégias de opressão, que atingem não só uma vivência de sexualidade como confinam mulher à vigilância médica e ao desprezo de si mesma (Cfe. McNay, op. cit., p. 18).

Fala-se em dores suportáveis e muito pouco em prazer (a palavra gozo jamais é usada). Nas seis páginas, isso ocorre apenas quando se explica a função de masturbar-se, o que é o orgasmo e as conseqüências físicas da excitação, sensações que vêm com sua devida explicação médica. O orgasmo, então, é uma sensação *“difícil de descrever, porque cada pessoa sente de um jeito. Biologicamente, é um aumento da pressão sangüínea e dos batimentos cardíacos, seguidos de uma série de seis a quinze contrações musculares”*; e a produção de um líquido, quando a menina fica excitada, é normal: a menina *“pode sentir um calorão, o rosto avermelhar, o coração saltar pela boca e a calcinha molhar. Esses pire-paques todos são provocados pelo aumento de hormônios específicos que, entre outras coisas, estimulam as glândulas da vagina para produzirem esse líquido esbranquiçado”* (p. 94 e 95). Como não poderia deixar de ser, repetindo o que as meninas afirmam – como tivemos oportunidade de ver na análise de *Confissões de Adolescente* e do *Programa Livre* – também a revista recorre à magia do “momento certo”, da “certeza de que se está preparada para isso”, quando fala da perda da virgindade. À pergunta sobre a intensidade da dor, na primeira relação, a resposta é: *“Calma, segurança e relaxamento ajudam muito na hora de transar; mas isso você vai aprender com o tempo. Sexo também é uma questão de aprendizado. É muito mais importante do que ficar martelando nesta dúvida, é você estar consciente que chegou a hora... e que escolheu o menino certo”* (p. 95).

Para a menina-mulher, definida por todas essas dores e segredos, vergonhas, fragilidades e doenças, o grande ritual, equiparado talvez ao da perda da virgindade, é a primeira consulta ao ginecologista. Com o título “Ginecologista Não Morde”, ilustrada com a figura de um cachorro buldogue vestido de jaleco e estetoscópio, *Capricho* de outubro fala na vergonha e no pânico da menina diante da primeira consulta, e admite que essa *“não é uma das coisas mais fáceis da vida”*. Mas a garota não pode nem deve desistir: *“É uma questão de saúde, higiene e de informação”* / *“Se o médico não a examinar, você nunca saberá se a sua saúde está em ordem”*. Tudo converge, na matéria, para mostrar o papel do médico na vida da mulher, como o perito que, por saber tudo sobre o corpo feminino, tem plena autorização para estudá-lo. No trecho a seguir, um resumo dos lugares de aprender sobre sexo, e o registro da dominância da autoridade médica:

*“Tudo bem que na escola tem aula de Biologia e Sexo. Tudo bem que sua tia é muito esclarecida e sempre responde a suas dúvidas. Tudo bem que você já*

*aprendeu bastante com a revista que compra todo mês na banca. Mas nenhum desses consultores está autorizado a examinar, analisar e estudar o seu corpo*” (Out., p. 112).

Definido como “a pessoa que mais entende do corpo feminino”, a pessoa mais indicada para “*examinar em detalhes sua história*”, “a pessoa que mais conhece você”, o ginecologista também dá seu depoimento na reportagem e resume o problema desse pânico nas famílias – centrado na ansiedade da mãe, no medo da menina (principalmente de estar grávida) e no controle do pai (que quer saber sobre a perda da virgindade); enquanto isso, as adolescentes confirmam sua vergonha, seja de defrontar-se com o médico, seja de admitir, até para a recepcionista do consultório, seu relaxamento: “*Fiquei com medo dela estranhar, porque eu já tinha dezenove anos e nunca tinha ido ao ginecologista*” (p. 114). Vergonha e medo, corpo e segredo, exame e controle do sexo: tudo isso está em jogo nesse ritual. “*Afinal, quem deve saber sobre a consulta? E se os pais quiserem saber?*”, pergunta-se a revista. Sobre a histeria das mães, a revista não tem dúvidas: “a *CAPRICHÔ* acha que a mãe tem que ficar do lado de fora do consultório” / “a consulta é sua; você não participa da consulta dela” / “ela não sabe mais sobre seu corpo do que você” (p. 113). Importa é que a menina enfrente esses medos e se faça “dócil”, exatamente no sentido conferido a essa palavra por Foucault, em *Vigiar e punir*. A noção de “docilidade”, para o autor, “une o corpo analisável ao corpo manipulável. É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (Foucault, 1991, p. 126).

O sexo como “o grande segredo” está em cada página, no pavor da consulta ao médico, na resistência ao uso da camisinha, nas práticas mais prosaicas, definindo, sobretudo, um modo muito específico de construir a sexualidade da mulher. Exagera-se, por exemplo, na importância e no mistério da “primeira vez” – “*mesmo que você converse longamente sobre o assunto ou dê uma festa, tem sempre algo indizível nessa experiência*” – e sublinha-se que isso se reveste de grande seriedade sobretudo para a menina. Numa síntese primorosa, a reportagem sobre a perda da virgindade – “Aconteceu Ontem à Noite” – esclarece:

*“Transar é uma experiência importantíssima na vida de todo o ser humano. Com as meninas, tem essa mistura do tabu da virgindade com a ansiedade de fazer alguma coisa pela primeira vez” (...)* “É por isso que é necessário se preparar mesmo. Ouvir seus medos, seus sonhos mais românticos, e ter certeza que você está fazendo uma coisa que quer”. (...) “Transar não muda o mundo: é você que o vê diferentemente com a nova experiência”. (...) “Também começa aqui uma responsabilidade adulta: a de se cuidar para não engravidar” (Nov., p. 71).

Confirmando o texto de *Capricho*, as adolescentes contam sobre a primeira relação: que, “se não fosse com ele, eu ainda seria virgem”; “eu me sentia meio nas nuvens”; que

tiveram medo da dor e também da rejeição: “*tive o maior medo de ele desaparecer*”. Também relatam as boas experiências – “*Quando achei que estava pronta (...) dormimos juntos e eu acordei uma outra pessoa. Uma pessoa que quis muito realizar um sonho e conseguiu: o de transar pela primeira vez completamente apaixonada*” (p. 73). Mas, para desespero dos pais, dos editores da revista e dos animadores de televisão, também todas essas meninas confessam: o anticoncepcional ficou para depois. Por isso, nessa edição de novembro o “Teste” do mês se chama “Teste Antigravidez”, e tem o objetivo de saber se a menina sabe mesmo usar métodos anticoncepcionais, afinal, “*ninguém tem que ter pressa em transar, mas saber como se cuidar é fundamental*”. E, junto, um recado: “*Se você ainda é virgem, faça o teste pensando no futuro*”. Elas respondem, por exemplo, à seguinte questão, cujas respostas são depois comentadas:

“*Se acontecesse de a camisinha furar na hora H, você:*  
a) *entraria em desespero, rezaria e não teria a menor idéia do que fazer.*  
b) *procuraria um médico.*  
c) *esperaria o momento de a menstruação descer.*  
d) *lavaria bem a vagina com uma ducha ou tomaria qualquer coisa que lhe aconselhassem*”

Respostas comentadas:

“*B e C são as melhores respostas. Se desesperar ou rezar não adianta. Lavar a vagina também não. O esperma leva só 15 segundos para chegar ao colo do útero. Além do mais, a ducha elimina a proteção natural, favorecendo o surgimento de corrimentos e infecções. Tomar remédios e fazer coisas sem saber as conseqüências é um perigo. Esperar a menstruação descer é uma solução razoável desde que essa espera não deixe você angustiada. Procurar um médico é a melhor opção*” (Nov., p. 77).

Em várias ocasiões, seja em reportagens mais longas seja na resposta às cartas, a revista insiste em definir para a menina o que é “perder a virgindade”, diante de uma freqüente dúvida em torno da definição desse fato. “*Uma menina perde a virgindade quando tem uma relação sexual. É aquela história: se ela transa e, por alguma razão, seu hímen não é rompido, ela pode dizer que continua virgem? Claro que não*”, diz a resposta da *Capricho* à seguinte consulta de uma adolescente paulista, de 13 anos: “*É verdade que, se uma menina transar duas vezes e parar por mais de um ano volta a ser virgem?*”. Como a “primeira vez” é definida como o momento em que se passou a ter “*vida sexual*”, a resposta conclui com a recomendação: “*Por isso, antes de começar a transar, você tem que ter certeza que está preparada para isso, que está com o menino certo, que não vai se arrepender. Ah, claro, tem que se lembrar da camisinha e de um método anticoncepcional. Depois, não dá para voltar atrás*” (Nov., p. 18). Mais uma vez, o movimento simultâneo de incitação e de freio: a insistência em falar de virgindade pertence igualmente ao processo de estimular a sexualidade e de controlá-la.



Na mesma edição com a reportagem sobre a “primeira vez”, a matéria principal é exatamente sobre gravidez na adolescência: “Mãe-menininha – Tive um Filho aos 16 anos”. Na capa, a foto de Joana Hime, 20 anos, filha do compositor Francis Hime e grávida de oito meses. Na matéria, a história de uma adolescente (Camila) que, aos 21 anos, já tem dois filhos, o primeiro aos 16. Tanto uma como a outra tiveram o apoio emocional e financeiro das famílias, estão felizes com seus filhos e maridos, embora admitam que sua vida tenha ficado “*de pernas para o ar*”. Perdidas no interior dos textos, algumas frases ditas contrapõem-se radicalmente ao quadro harmonioso pintado sobre a transformação na vida da menina. Veja-se este depoimento do marido de Camila, sobre a vida de casado e de pai: “*A Camila controla muito mais as coisas do dia a dia. Não faço absolutamente nada além de botar dinheiro em casa. Nunca troquei uma fralda na vida. Acho nojento*” (Nov., p. 66).

A preocupação quase obsessiva dos meios de comunicação com a prevenção da gravidez entre as adolescentes choca-se com os dados estatísticos e com o próprio depoimento das meninas<sup>183</sup>. *Capricho* conclama-as a uma séria reflexão: “*Esta é uma matéria para ler e pensar, pensar muito e ver a responsabilidade daquilo que a gente faz com a própria vida*”; e informa que “*anualmente, um milhão de adolescentes entre 15 e 20 anos dão à luz no Brasil*”; elas, por sua vez, reafirmam um pensamento mágico – “*Sabia que podia ficar grávida. Mas não acreditava que fosse acontecer logo comigo!*” –, acrescido de um sentimento que está na base dos enunciados mais fortemente enraizados no modo de constituição da subjetividade da mulher: a sedução da maternidade e, junto com ela, o tabu do aborto. Ao mesmo tempo, dispersa em suas falas, está a idéia de um certo poder, de liberdade e auto-afirmação, misturada ao sofrimento e à angústia, experimentados especialmente no momento de tomar conhecimento da gravidez – “*Ter um filho aos 16 anos é muito maluco. A maioria das minhas amigas nem transava ainda!*”. Com a gravidez, elas parecem afirmar também a liberdade do desejo – da “*empolgação*”, como elas dizem –, e o enfrentamento dos pais que, “*traídos*”, pelo menos por um tempo “*ficam de fora de uma situação tão importante na vida da filha*” (Nov., p. 66-67).

“Eu Tenho AIDS”, publicado em outubro, é o testemunho de uma estudante de 17 anos, contaminada com o HIV pelo namorado (“*mais velho que eu e, antes da gente namorar,*

---

<sup>183</sup> Na capa da edição de 7 de setembro de 1994, a revista *Isto É* também exibiu uma adolescente de 15 anos, grávida. A matéria principal da revista trazia o depoimento de várias adolescentes, com uma análise de especialistas mostrando: a) que o fenômeno atinge todas as classes sociais; b) que a gravidez parece ser uma forma de resistência das adolescentes à sociedade e aos modos de controle ou de abandono, especialmente por parte dos pais: elas afirmam o seu desejo sexual, atingem mais rapidamente a auto-afirmação e uma independência, e podem refugiar-se no filho diante das dúvidas quanto à profissão e ao trabalho. O psicanalista Alberto Reis, da Universidade de São Paulo, mostra, em pesquisa histórica, que o alarmismo diante da gravidez adolescente começou na década de 60, com os novos padrões de comportamento sexual. Antes até se incentivava oficialmente a gravidez das meninas. Segundo o psicanalista, esse discurso de controle da sexualidade das adolescentes é tipicamente adulto, envolve uma forte discussão sobre o desejo sexual das jovens e omite a voz das próprias meninas (VITÓRIA, Gisele. “Barriga de Anjo – A informação sobre sexo aumenta, mas as meninas engravidam mais cedo”. *Isto É*. São Paulo, 7 set. 1994, p. 68-73).

era bem galinha”). No texto, a reiteração de que “A gente sempre acreditava que essas coisas acontecessem com os outros, nunca com a gente”, e o relato das dificuldades com a mãe (“Ela joga na cara. ‘Eu bem que não gostava daquele seu namorado’”) e da dor e esperança da adolescente:

*“Um dia eu tive que ir ao Hospital de Clínicas, onde faço acompanhamento médico e psicológico. Fiquei esperando numa sala da qual podia ver o movimento de uma entrada por onde passavam muitos aidéticos, gente que estava na cadeira de rodas, que não agüentava mais andar. Gente toda ferrada. É um susto imaginar que esse pode ser meu futuro”.*

*“Evito beber, passar noites em claro, essas coisas que não fazem bem a ninguém, muito menos a quem tem a saúde comprometida”.*

*“Eu tenho esperança. A gente ouve tanta coisa. Tem uma aldeia na África em que 90 % das pessoas têm o vírus, menos um grupo de mulheres prostitutas. Elas não usam nenhuma proteção porque não têm. Como é que a gente explica isso? Nos EUA, já se sabe de pessoas que têm HIV há vinte anos e não têm nenhum sinal de doença. No entanto, meu primeiro médico me disse: ‘Você vai poder viver bem uns cinco anos’. O que são cinco anos? É muito pouco tempo. Eu quero viver bastante. Se Deus quiser, vão descobrir alguma coisa. Alguma coisa concreta, porque eu não quero ser cobaia” (Out., p. 124-125).*

Diante dessas ameaças – gravidez, AIDS e tantas doenças –, qualquer pergunta dirigida pelas meninas, em suas cartas, especialmente na seção “Sexo”, encerra-se com a prescrição do uso do preservativo, prática que merece todos os detalhamentos possíveis: desde informações sobre camisinhas “ultra-seguras”, “com espermicida” e “com lubrificante”, até a recomendação de que se trata de um produto a ser muito bem escolhido, e que tem regras bem precisas de utilização:

*“Antes de comprar, não esqueça de verificar o prazo de validade da camisinha e checar se tem o símbolo do Instituto Nacional de Metrologia Normalização e Qualificação Industrial (Inmetro), órgão responsável pela fiscalização do produto. Prefira as embalagens quadradas, mais confiáveis que as retangulares, que apertam a camisinha. Se você está namorando, consulte quais as preferências dele, inclusive de marca. Afinal, é bom para os dois, mas é ele que veste” (Out., p. 15).*

*“Tirar a camisinha não é nada complicado: logo depois da ejaculação, antes que a ereção acabe, o menino deve puxar com cuidado a camisinha do pênis, dar um nozinho na ponta e colocar no lixo. Não é nada complicado, mas é importantíssimo fazer isso direitinho para não deixar o esperma vazar de dentro do preservativo e jogar todo o trabalho por água abaixo. Camisinha tem que usar ... corretamente até o fim” (Nov., p. 18).*

Como se vê, vivemos um tempo em que não se esconde de modo algum o sexo: pelo contrário, os documentos que analiso mostram uma variedade de práticas e de lugares captados pela revista, nos quais exaustivamente fala-se desse grande e terrível segredo. A menina adolescente aprende e interioriza um modo muito particular de “relação consigo”, instrumentalizada por uma série de técnicas e exercícios, textos normativos e de consulta, enfim, uma larga dispersão de procedimentos criados “para dele falar, fazê-lo falar, para obter que fale de si mesmo, para escutar, registrar, transcrever e redistribuir o que dele se diz”, como refere Foucault, explicitando toda essa regulada e polimorfa incitação ao discurso do sexo (Foucault, 1990, p. 35). A menina-mulher constrói sua identidade de gênero fundamentalmente por um modo muito particular de relacionar-se com seu corpo (“*Não adianta ficar com raiva: a menstruação é uma das coisas que faz de você uma mulher*”, diz a revista em dezembro, numa matéria que responde à pergunta “Eu sou normal?”); igualmente, constitui essa identidade por um modo específico de relacionar-se com o que nela “é” ou “deve ser” isso que chamamos “sexo”. Temos aí um ambíguo e contraditório discurso, de estimulação do erotismo e da beleza, do aprisionamento e da libertação do corpo, da inferiorização e do poder sedutor em relação ao homem, da vergonha de si e da obsessiva exposição da intimidade física, do pânico da enfermidade maldita e da exaltação prazerosa do consumo e da própria vida.

## **B – Sobre o aperfeiçoamento da “alma”**

Proporcionalmente, se considerarmos num mesmo bloco o volume de páginas destinadas a corpo, beleza, moda e sexualidade – correspondentes aos textos analisados acima –, e o dos materiais dirigidos à “educação espiritual” da adolescente, teríamos que estes significam apenas um quarto do total, em seções, colunas e reportagens<sup>184</sup>. Para os propósitos da revista, prioritariamente voltada para a moda e a venda de produtos em torno das práticas de embelezamento da menina, a proporção é bem compreensível. De qualquer forma, talvez possamos mapear, com a análise destes textos, mais algumas regiões em que se efetivam as técnicas de aperfeiçoamento da adolescente de classe média, regiões que certamente compõem, como veremos, uma certa “unidade geográfica” com aqueles ditos sobre a intimidade sexual e a relação com o corpo.

---

<sup>184</sup> Só para ilustrar: a edição de setembro tem 148 páginas, das quais: a) 40 são de publicidade *stricto sensu*; b) 22 são de publicidade feita através de reportagens de moda e beleza. Os itens “a” e “b” representam 42% das páginas. Os outros 58% distribuem-se assim: c) 18 páginas sobre sexo, corpo e saúde; d) 11 sobre “educação espiritual” ou “formação e aperfeiçoamento da alma”; e) 06 sobre a relação menino-menina; f) 14 sobre histórias de vida de ídolos homens; g) 17 de material informativo (vestibular, história, cultura, futuro); h) 16 de seções diversas, notas, fragmentos lúdicos. A análise feita sobre corpo, moda, sexualidade corresponde aos materiais incluídos em “b” e “c” (40 páginas); o estudo aqui iniciado inclui os textos contidos em “d” (11 páginas).

Este trecho da análise focalizará basicamente três aspectos da formação moral da adolescente: em primeiro lugar, o elogio da juventude e do tempo presente, acompanhado do chamamento à responsabilidade pessoal; depois, a proposta de reconhecimento de uma “normalidade”, pela menina; finalmente, os modos de autoconhecer-se e de operar sobre problemas ou conflitos pessoais (ciúmes, solidão, necessidade de independência, fidelidade, fantasias, mau-humor, medo do futuro, relacionamento com os pais, traição). Marcando todas essas coisas ditas para a menina, observa-se uma constante, já identificada nos textos e nas imagens dos dois programas de televisão analisados: a proposição ao adolescente de que ele caminhe em busca de uma harmonia, de um modo de ser equilibrado e feliz com a vida. Não beber, não fumar, usar a camisinha, escolher o menino certo, compreender “o lado” dos pais, sorrir mesmo diante das adversidades, espantar o mau-humor – isso está distribuído em todas as páginas e corresponde a um modo de existência típico do que hoje se chama o “politicamente correto”.

No mês de agosto, por exemplo, a *Capricho* sugere que a menina lembre não o cachorro louco, mas o cachorro manso: a foto em duas páginas de um lindo *bassê-hound* significa fazer “*uma escolha bem sensata e pacífica*” (p. 92-93). Esse modo de transformar o perigo, o conflito e a contradição em algo facilmente digerível e “bonzinho” acompanha a maioria dos textos. Nos “Testes”, uma das seções preferidas das leitoras, elas podem “conhecer como são” e comparar três modos distintos de “ser”: duas formas opostas, radicalizando para um lado ou para outro, e uma equilibrada. No comentário às respostas, a revista elogia o equilíbrio e mostra como as meninas radicais podem transformar “para o bem” seu comportamento “exagerado”.

“*Descubra o óbvio: não há limite. O limite é você*”. Texto de uma propaganda de tênis, essa afirmação resume um outro modo de dirigir-se aos mais jovens neste século. Em nosso tempo, os enunciados sobre o elogio da juventude parecem responder mais a uma necessidade de “captar” mercadologicamente esse público do que efetivamente fazer-lhe louvações desinteressadas. Na *Capricho*, principalmente em textos editoriais (como o “Diário da Redação”, assinado por Mônica Figueiredo), e nas “mensagens” dos astros que contam sua história de vida, procura-se ressaltar o poder dos mais jovens, particularmente das leitoras adolescentes:

“*Espero que você fique feliz de saber que além de nos orientar, ajudar, dar toques, sugestões e críticas, sua carta nos dá muita alegria e beleza*” (Mônica Figueiredo, ago., p. 6).

“*Seja qual for o problema, basta olhar e a juventude está do lado certo. Nem sempre ganha logo, mas sempre ganha. (...) Só há uma situação na qual o jovem perde, e perde sempre: quando, por insegurança, não diz o que pensa (...) A História do Brasil ensina uma lição. É o jovem quem limpa a sujeira dos velhos*” (Elio Gaspari, “Fala, Menino”, ago., p. 33).

*“Tudo que você quiser, e botar na cabeça com fé, pode ter certeza de que vai conseguir”* (Dudu Galindo, modelo, set., p. 17).

Mas esse poder parece sucumbir ao medo que a jovem tem de ser “diferente”, mais do que isso, “anormal”. Uma das heranças ainda vivas da “sociedade disciplinar” produzida no século XVIII é, sem dúvida, aquilo que Foucault chamou “o poder da norma” ou “a sanção normalizadora”. A norma une-se à lei, à palavra, ao texto e à tradição, e estandardiza os diferentes processos de “educação” dos sujeitos, através de um paradoxal instrumento: a individualização. Classificados, hierarquizados, diferenciados uns em relação aos outros, os indivíduos identificam-se em função de uma certa normalidade, e são por ela assujeitados. Ora, nestes anos 90 – quando internacionalizamos gostos e padrões de comportamento, quando equalizamos aspirações e projetos de consumo, ao mesmo tempo que aprendemos a insistentemente nos voltarmos para nós mesmos –, talvez não devêssemos surpreender-nos com uma das maiores e conflituadas indagações de milhares de adolescentes brasileiros<sup>185</sup>: “Eu sou *normal*?”, “Isso que eu faço é *normal*?”.

*“Se, vira e mexe, dúvidas sobre seu corpo e seus sentimentos dilaceram a sua existência, tenha certeza: você não é a única. Todo mês, recebemos muitas cartas com perguntas assim. Por mais que não exista um padrão absoluto de ‘normalidade’, é a coisa mais normal se sentir insegura e ficar se comparando com os outros. Estas respostas são para ajudá-la a ficar tranqüila. Se faltar alguma importantíssima, escreva para a gente”* (Dez., p. 68).

Com esse parágrafo, a edição de dezembro abre a matéria “Eu Sou Normal” e responde a dezenove perguntas sobre normalidade. Elas traduzem a palavra das meninas, que querem saber se “são normais”: a) certas medidas e formas do corpo (do pé, da própria estatura, dos seios); b) certos “acontecimentos” relativos à menstruação (“*ficar sem vontade de fazer nada*”, ser irregular, demorar a ter a primeira); c) estes fatos sobre relação sexual (“*ser virgem aos 20 anos*”, “*sentir dor na ‘primeira vez’*”, “*querer parar tudo no meio da transa*”, “*o menino não conseguir transar*”); d) estes tipos de comportamento (“*pensar em desistir de tudo*”, “*não ter turma*”, “*ficar atraída por mais de um menino ao mesmo tempo*”, “*ter vontade de chorar de repente*”). A revista responde que aquelas medidas e medos são todos normais. Obviamente, sem fazer referência ao esforço padronizador das imagens da própria mídia, com seus ideais de beleza, magreza, harmonia e perfeição das pessoas, o texto parece dizer: sim, já que você está longe do padrão, é absolutamente normal que se sinta anormal; mas não se preocupe e aproveite para aprender com esse sentimento de anormalidade. Vejam-se estas respostas:

---

<sup>185</sup> Segundo a psicanalista Rosely Sayão, colunista de *Folhateen* e autora do livro *Sexo: prazer em conhecer*, lançado em julho de 1995 (publicação que teve como fonte as milhares de cartas que a psicanalista recebe de adolescentes de todo o País), a preocupação maior de meninos e meninas refere-se à “normalidade” – tanto do corpo quanto do próprio comportamento. “O que está por trás de todas as perguntas é ‘Eu sou normal?’ Ele está

*“Chorar por tristeza, por um motivo pequeno ou mesmo sem saber direito por quê, é normal. O legal é aproveitar as lágrimas para aprender mais sobre a sua sensibilidade, as coisas que mexem e magoam muito”.*

(Sobre pensar em desistir de tudo) *“É (normal). Mas, de preferência, esse pensamento deve ir embora tão rápido quanto veio, porque ter que assumir responsabilidades também é absolutamente normal”.*

(Sobre ser virgem aos 20 anos) *“Hoje, as meninas (e os meninos) estão cada vez com menos pressa, achando que é muito mais importante encontrar a pessoa certa do que transar só para tirar vantagem ou por curiosidade, ou porque as amigas já transaram (...) Normal é se manter virgem enquanto você achar que deve” (Dez., p. 70-71).*

A “educação sentimental” da garota se faz por uma série de definições e recomendações, editadas num texto que explode em cores, citações, registro da etimologia de palavras, fotos, ilustrações e legendas bem humoradas. No interior de todos esses estímulos visuais, há uma série de aprendizados a fazer para o aperfeiçoamento da “vida espiritual”. Com uma obsessiva preocupação de defender o bom senso, as matérias ensinam a importância da fidelidade, o equilíbrio entre fantasia e realidade, os limites da independência, o controle da agressividade, do mau-humor e da própria timidez, modos de cultivar a amizade, o valor da família e da compreensão entre pais e filhos (principalmente entre a menina e sua mãe) e a vantagem de sempre “falar tudo”, aprender a “dizer-se” quase ininterruptamente. Talvez a única prática jamais considerada excessiva seja a da confissão, da exposição continuada e permanente do que é a menina, em sua íntima verdade. Quanto a todas as outras atitudes, é fundamental saber que *“in medio, virtus”*; isto é, “a perfeição está igualmente afastada dos dois extremos”<sup>186</sup>, como ensinavam os antigos. Muitas vezes tais aconselhamentos aparecem na seção dos “Testes”. Estes quase sempre fazem a leitora refletir sobre um problema psicológico, ético ou de ordem afetiva, numa espécie de prova de múltipla escolha, através da qual a menina é classificada e, ao final, avaliada. O importante a assinalar, além da reiterada harmonização dos contrários, é o quanto esses textos cumprem a função explícita de prescrever regras de conduta, que se definem basicamente por indicar o bom comportamento e o auto-controle.

Sobre raiva – *“Se você é do tipo que não briga quando está com raiva, e vive engolindo sapos, saiba que o seu equilíbrio energético está por um triz – você está se intoxicando de energia negativa. Para reverter essa situação, você tem que começar a dizer o que pensa, todo dia um pouco, até ficar craque” (Nov., p. 110).*

Sobre o futuro – (Para as “atrasadas”) *“Não basta sonhar. É preciso fazer planos e agitar para que as coisas realmente aconteçam” / (Para as da “hora*

---

se checando e tem a preocupação de não dar vexame” (BRISSAC, Chantal; VITÓRIA, Gisele. “Orgasmo de Cinderela”. *Isto É*. São Paulo, 19 set. 1995, p. 5).

<sup>186</sup> Conforme tradução de Paulo Rónai para o provérbio latino. RÓNAI, Paulo. *Não perca o seu latim*. Rio de Janeiro: [s.d.], p. 90.

exata”) *“Mantenha a calma e não desanime. Não ache que é bobagem cuidar da própria vida a longo prazo”* / (Para as adiantadas demais) *“Não dá para abrir completamente mão dos momentos de descontração porque você está com um projeto na cabeça. O legal sempre é conseguir estar num ponto de equilíbrio e ir vivendo com calma e intensamente”* (Dez., p. 210).

Nesses textos, propõe-se uma “relação consigo” profundamente arraigada nas atitudes que afastam qualquer radicalismo. Para todas as ocasiões e conflitos, o peso, a medida e a balança. A menina tem à sua disposição, em *Capricho*, um manual de orientações para a vida, e aprende, por exemplo: a) que a fidelidade é *“um sinal de respeito ao relacionamento”* e pode levar *“muito namoro por água abaixo”* (Set., p. 65); b) que deve saber distinguir entre amizade e interesse: *“Se você se sentir uma amiga usada, por mais difícil que seja, é melhor abrir o jogo e esclarecer o assunto* (Nov., p. 127); c) que a mãe, no fundo, é incrivelmente parecida com ela, apesar das diferenças de geração: *“O essencial é uma compreender a outra* (Dez., p. 71); d) que podemos ser tímidas, mas não tímidas tristes – no máximo, uma *“tímida feliz”*; e se formos afeitas a contatos superficiais – isto é, não tímidas (*sic*) – temos que cuidar para não ficar sofrendo *“lá dentro”* (Out., p. 154-155); e) que é preciso cultivar sempre o bom-humor, não ser dura consigo mesma nem com os outros: *“Ria sempre que puder, o tanto que conseguir”* (...) *“Vê se pega leve com a vida e tenta entender que nenhum problema dura para sempre”* (Out., p. 120). Enfim, sobre as questões mais profundas, há sempre uma palavra de bom senso: Vejam-se estes dois textos, um sobre fantasia e realidade e o outro sobre liberdade e independência:

*“Eu sou o primeiro a falar que a coisa mais importante do mundo é usar a imaginação para sair dos limites. Mas eu também falo que não dá para conseguir nada sem ter pelo menos idéia de onde (e mais ou menos como) você quer chegar. Para mudar um pouquinho uma frase que você conhece bem, loucura ‘louca’ é bobagem”* (Zeca Camargo, “Fora do Ar”, set., p. 26).

*“Muita gente confunde e acha que independência é liberdade total, não ter limite nenhum, fazer o que bem entende. Não é nada disso, não. Independência é justamente você saber direitinho o que está fazendo!”* / *“A gente tem que perceber quando uma coisa faz mal. Isso é dar valor a sua vida e a sua independência”* / *“Você se sente dependente de seus pais? Nenhum problema. A dependência tem um lado positivo, que é fazer a gente se sentir seguro para ir em frente. É maravilhoso saber que você pode contar com seus pais em todos os momentos da vida”* (Out., p. 77).

## **C – O olhar e a palavra do Outro: modos de o menino constituir a menina**

*“As cortesãs, nós as temos para o prazer; as concubinas para os cuidados de todo o dia; as esposas, para ter uma descendência legítima e uma fiel guardiã do lar”* (Demóstenes)<sup>187</sup>.

---

<sup>187</sup> Aforismo retirado de *Contra Nera*, texto atribuído ao pensador grego Demóstenes, citado por Foucault no Capítulo “A sabedoria do casamento”, in: *História da sexualidade II – O uso dos prazeres*, p. 129.

*“Muito bem, menina, chegou a hora de você saber uma coisa importante, de que você já deve desconfiar sobre a vida. Os homens dividem as mulheres em dois grandes grupos: as que são para namorar e as que só servem para galinhar. Horrível, mas funciona desse jeito”* (Out., p. 62).

Para o homem da Grécia Clássica, restringir suas escolhas sexuais significava dar provas de um domínio de si na “relação consigo” e mostrar o exercício prático de seu domínio também sobre a mulher. Para esta, ter relação apenas com o esposo, era apenas consequência do fato de que ela estava submetida ao homem. Assim, não ter relação a não ser com a esposa era, para o marido, “a mais bela maneira de exercer seu poder sobre a mulher” (Foucault, 1990, p. 135). Essa “estilização da dissimetria” era um dos modos de estabelecer a “relação consigo” a partir de uma relação com o Outro, a mulher, numa sociedade cujo centro era o homem (no sentido de pessoa do sexo masculino). Quando a revista *Capricho*, mais de dois mil anos depois de Demóstenes, afirma esse que é um dos tantos “aforismos” sustentadores das desigualdades entre homens e mulheres – ainda hoje, e apesar de todas as conquistas e lutas sociais em torno dessa questão –, afirma-o assumindo uma posição conciliadora, harmônica, pacifista até. Mas “moderna”. É como se dissesse à menina: se as coisas “funcionam assim”, é bom saber disso e não resistir, aprendendo como agir diante dessas “fatalidades”. Criar e usar novas táticas, a partir de um saber sobre o homem seria o modo proposto de ela não deixar-se submeter ao menino.

O texto acima (*“Muito bem, menina,...”*) pertence a a uma matéria cujo título é a pergunta “Por Que Menino É Assim? 40 Coisas Que Você Sempre Quis Entender Nos Garotos”. Curiosamente, a chamada para essa reportagem, na capa do mês de outubro, mescla-se ao tema principal da revista, o “anjo da guarda”, motivo para uma extensa matéria sobre a moda das roupas rendadas e românticas; na capa, abaixo da foto de uma menina loura e vestida de anjo, a manchete em cor rosa convida: “RENDA-SE”. Eu diria que a reportagem sobre “por que os meninos são assim” sintetiza todo o tratamento que a revista dá a essa importante questão na constituição de gênero da menina: tudo se passa como se, constatada a concreta dependência da mulher em relação ao olhar e à voz desse Outro, a que deve talvez “render-se”, ela não precisasse mais do que saber de todos os detalhes dos modos de ser do homem, esquadrinhá-los até e, a partir desse “saber”, dirigir sua ação de modo consciente, irônico e de certa forma soberano – exercitando discretamente um poder, de modo a não produzir conflito e muito menos questionar uma verdade assumida como “natural”.

No *lead* da matéria que responde a quarenta perguntas sobre “como são os meninos”, o editor explica:

*“Essas são respostas que você procura para entender o outro sexo. Ou respostas que você nunca procurou, mas que vai adorar encontrar. Fizemos um questionário com cem perguntas e submetemos à votação de algumas meninas. Selecionamos as quarenta mais votadas e falamos com as*



*autoridades competentes: os meninos. O resultado não é um manual de instruções, mas um guia geral do comportamento dos meninos. Nem todos agem do modo como cada pergunta supõe. Ainda bem. Seria monótono* (Out., p. 60).

Segundo a revista, os meninos – essas “*autoridades competentes*” na constituição da menina – em geral são assim: “*debocham de todos os apaixonados*”, “*têm um lado animal*”, “*não trafegam com desenvoltura no terreno dos sentimentos*”, preferem continuar livres e “*ficar com um monte de meninas*” (...) “*mesmo estando ligados em alguém*”, em razão da “*famosa ética masculina de quantidade*”; “*conseguem separar sexo de sentimento mais facilmente que as meninas*”, e são atraídos pelas loiras porque “*o que é diferente e raro chama mais atenção*”. Há, inclusive, uma “*explicação científica*” para o fato de eles terem mais necessidade de ‘transar’ que as mulheres: “*o desejo sexual dos homens atinge seu ápice durante a puberdade*” (...); além disso, “*o garoto escuta desde pequeno que tem que ser conquistador, tem que transar com todas as meninas e acaba acreditando nisso*”. Finalmente, *Capricho* informa: “*Você é tratada (pelos meninos) como um objeto. A diferença é que uns gostam de colocá-la na vitrine, enquanto outros preferem deixá-la escondida na gaveta*” (Out., p. 60 a 68).

O “*guia do comportamento dos meninos*” é também um guia do comportamento delas. Em primeiro lugar, as meninas devem aprender a ser um pouco como eles (por exemplo, ter um pouco mais de “*poder de síntese*” e “*uma dose de bom senso*”); compreendê-los, nem que seja fingindo (quando ele tiver chorado e mentir que entrou um cisco no olho – “*se servir para que ele fique contente, finja que acredita*”); aceitá-los de volta (quando, por exemplo, eles sumirem durante o carnaval: “*se você não tiver encontrado nada melhor, pode aceitar o cínico de volta*”); deixar claro que gostam de alguém, quando quiserem que esse alguém “*tome uma atitude*” (porque “*eles têm medo de serem rejeitados ou esnobados e todo o mundo ficar sabendo*”) (Idem).

Interessa-me aqui não o valor moral dos conselhos dados à menina, mas antes o modo como esses textos prescritivos se constroem. É a revista, por exemplo, que elege os tópicos para problematizar a relação menino-menina, partindo de um senso comum aprendido, certamente, também através do contato com as leitoras adolescentes. O fato é que a origem do texto é o discurso do adulto (os editores da *Capricho*), de onde retorna às meninas, sendo, finalmente, submetido ao menino, para então ser retomado pela redação da revista. Nessas idas e vindas, o texto não só assinala a necessidade permanente da confissão – fonte de todos os esclarecimentos – como contempla ambos os lados da questão, no sentido de harmonizá-los e assim promover a boa relação entre os dois sexos. A coluna “*Cara-Metade*”, assinada por Maria Mariana e Galli, traduz bem essa busca. Na mesma edição de outubro, a atriz relata uma experiência de ciúme e fala de suas fraquezas “*Sou ciumenta e (nesse episódio) é preciso descontar minha neurose*”; o marido Galli conclui: “*Eu compreendi que a minha atitude*

*causou mal-estar*” (...) *“E na hora não importa a minha intenção. Importa a minha atitude”*. No final, ambos declaram: *“Uma comunicação ampla, inteligente e sincera tem o poder de desatar qualquer nó”* (Out., p. 34).

Outro modo fundamental de construir tal discurso diz respeito à presença na *Capricho* dos meninos, médicos, astros da mídia e profissionais do jornalismo, da publicidade e das áreas ditas culturais – todos do sexo masculino. Aos meninos as leitoras dirigem cartas (na seção “Pergunte aos Meninos”), indagando a opinião deles sobre os problemas da relação entre os dois sexos; independente das cartas das leitoras, a própria editoria da revista pode chamá-los, misturando estudantes comuns a modelos e astros, para que digam sua posição a respeito de assuntos que interessam à menina-mulher, como no caso da seção “E Eles...”: gravidez, virgindade, ‘levar o fora’, ciúme, por exemplo. Os peritos, quase sempre médicos, entre tantas outras especializações, conforme já vimos acima, definem “o que acontece” com o corpo da menina e como devem cuidá-lo e exercitá-lo. As histórias de vida, duas em cada edição, descrevem em minúcias o belo corpo do astro, peso e medidas, trajetória de sucesso e, especialmente, “uma alma” em busca da perfeição – elas servem, enfim, como histórias modelares do homem desejado. Finalmente, os articulistas, que falam do alto de sua autoridade intelectual, de geração mais velha e experiente, chamam a atenção das meninas para o cuidado com o seu “interior”.

As cartas aos meninos registram principalmente a insegurança feminina. Vejam-se as perguntas: *“É normal um menino ter medo de apresentar a namorada para a família, quando namora sério pela primeira vez?”*; *“Os meninos acham errado a garota pedir para eles usarem camisinha?”*; *“Por que os meninos ficam com outras garotas mesmo tendo namorada? Vocês não se satisfazem só com uma?”*; *“Por que tem uns garotos que dizem que nunca se apaixonam? E se a gente se apaixonar por um deles?”*; *“O que um menino sente ao saber que foi ele quem tirou a virgindade de uma menina?”* (Seção “Pergunte aos Meninos” de set., out. e nov.). Chamo a atenção não tanto para o conteúdo das respostas, mas para esse procedimento de expor a falta, confessar a inferioridade e buscar, no Outro masculino, a informação que orienta o agir feminino. Quando eles falam, falam desse lugar – de quem está na posição privilegiada de ser desejado e ao mesmo tempo de intrigar a mulher com um comportamento que parece sempre estar associado um sentimento difuso de liberdade e aventura. Agressivos, irônicos, condescendentes, cínicos, sinceros ou liberados, os meninos podem responder, por exemplo:

*“Elas parecem que fazem muita questão de serem apresentadas como namoradas para todo mundo”* (...) *“Mas só porque um menino ainda não te apresentou para os pais, isso não quer dizer que ele não goste de você”* (Ago., p. 108).

Sobre pedir que usem a camisinha – *“Eu não vejo nenhum problema nisso”* (...) *“Tem muitos garotos que não pensam assim, não gostam que a menina*

*tenha a iniciativa, mas hoje em dia esse pensamento é puro machismo”* (Ago., p. 108).

*“Não existe essa história de não se apaixonar. Todo mundo se apaixonou um dia; a diferença é que para alguns meninos é difícil admitir esse tipo de sentimento. Principalmente para os mais machões, porque eles acham que ficam vulneráveis se fazem uma declaração para uma menina. Eu já mandei muitos buquês de rosas e não me arrependo, isso não me fez menos homem”* (Nov., p. 162).

Como no *Programa Livre*, aqui também jornalistas e publicitários são eleitos conselheiros das adolescentes e, na seção “Fala, Menino”, podem dirigir-se ao público, por exemplo, de um lugar como o de redator-chefe da revista *Playboy*, e escrever um artigo sobre a diferença entre o seu tempo de menino (no caso, o jornalista Humberto Werneck, de 49 anos) e estes anos 90, quando ao modo de falar e aprender sobre sexo. O jornalista cita os livros de educação sexual de sua época e se refere justamente aos mesmos temores presentes nas indagações das leitoras de hoje – naquela época, segundo o jornalista, os manuais advertiam as meninas sobre “iniciativas inoportunas”, pois “no domínio sexual, talvez ainda mais do que noutros, é o homem que deve dirigir o barco”. Ele elogia os novos tempos em contraposição às anteriores e “infelizes gerações”, mas não deixa de reafirmar o sexo em seu segredo e complexidade eternos: “Se ainda hoje é complicado falar de sexo, imagina no tempo dos seus pais. Não dava nem para confiar nos livros” (Set., p. 58).

Homens ideais são descritos nos perfis de astros, como o de Márcio Garcia<sup>188</sup>. Nesses textos, repete-se a mesma fórmula das reportagens que contam a vida de pessoas famosas, em jornais e revistas: alguém que “vem de baixo”, cresce e hoje tem dinheiro e conhece a fama. Os astros, como Márcio, dizem que o sucesso “aconteceu naturalmente”, embora precisem lutar muito para manter-se nesse lugar. Mergulhadas no narcisismo do astro, as palavras da revista não estabelecem qualquer distanciamento entre aquele que escreve e o objeto de sua descrição. Naquela vida está uma verdade do nosso tempo e, tratando-se da vida de um homem, carrega consigo uma verdade para a menina, no sentido da construção de sua “relação consigo” a partir desse Outro. Descrito como “o mais autêntico representante da geração saúde, que não se permite uma gotinha sequer de álcool”, saúde visível em seus “85 quilos de puro músculo”, Márcio também, como o editor da *Playboy*, incorpora um papel pedagógico e fala até no sonho de produzir um programa infantil educativo na televisão (*sic*): “Com a fama, o poder de persuasão aumenta. Todo mundo que exerce influência sobre um grupo tem obrigação de informar” (Out., p. 42).

---

<sup>188</sup> Atualmente, Márcio Garcia, entre outras atividades, apresenta o programa *Ponto a Ponto*, da Rede Globo. Seu perfil foi mostrado no recém-criado caderno “Mulher”, do *Jornal do Brasil*, em seu primeiro número (19 mai. 1996).

## D – A “relação consigo” e a abertura para o mundo

Constituir-se como cidadã, na *Capricho*, é um objetivo que se inscreve em campos bastante amplos, como o da novas tecnologias de informação e das escolhas profissionais, mas a referência básica é a vida individual da menina, sua formação, seus estudos, seu futuro. Imersa no mundo da moda e do consumo, sua relação com o mundo externo também é literalmente o mundo de fora, da Europa e dos Estados Unidos, onde poderá ter acesso aos mais sofisticados bens materiais, aos mais fantásticos lugares de diversão – imagens que a revista costumeiramente lhe oferece, como na extensa reportagem sobre vida e moda em Londres, na edição de dezembro. Em 1994, ano de eleições gerais no País, em *Capricho* fala-se mais nas maravilhas da Internet, esse “país virtual”, do que no voto aos 16 anos, por exemplo, ou nos novos projetos para o Brasil, discutidos no período eleitoral. Considerando o alvo e os objetivos da revista – pautada, como vimos, pelo modelo das revistas femininas de moda e de “aconselhamento” sobre amor, sexo e beleza –, o que importa aqui é mostrar de que modo, nos reduzidos espaços dedicados à informação sobre um mundo que ultrapassa a vida privada do corpo e dos sentimentos adolescentes, a menina é constituída como sujeito político e social.

Na edição de agosto, encontra-se o único texto sobre política (uma página) das cinco edições analisadas: na coluna “Fala, Menino”, o jornalista Elio Gaspari mostra o valor dos mais jovens na condução dos destinos de um país, fazendo referência a vários momentos históricos, como o ano de 68 e, depois, 92, com os “caras-pintadas”. O tom do texto é marcado pelo elogio da geração jovem e do exercício da democracia, bem como pela estreita ligação entre política e interesses particulares:

*“Uma boa idéia para quem tem mais de 16 anos seria tirar o título de eleitor e avisar que só vota em candidato que defenda o seu direito de dirigir. Isso é usar o direito de voto para defender os seus interesses. Porque quem vota sem se preocupar com o que lhe interessa acaba elegendo pessoas que vão defender os interesses dos outros” (...) “Eleição é uma coisa fantástica. A pessoa recebe a cédula, vai para um canto, marca os nomes de seus candidatos, dobra-a e coloca-a dentro da urna. Ninguém tem o direito de saber em quem ele votou. Seu voto vale a mesma coisa que o do mais miserável mendigo e o do mais rico banqueiro. Pode ser o voto mais certo do mundo e o voto mais desperdiçado da História, não importa. Aquele gesto individual parece-se com a sensação que os campeões têm quando vêem a bandeira do seu país hasteada no mastro do estádio” (Ago., p. 33).*

Fora disso, o tema das perspectivas de mudança no Brasil merece algumas raras citações, no interior de reportagens com personagens da mídia, ou então na seção dos “Signos”, que também trata da influência dos astros no futuro da nação. A revista lembra que “*Virgem é o signo do Brasil*” (...) e todos nós, por isso, “*temos influência desse signo: do jeito para os negócios ao excesso de espírito crítico. Apesar de excessivo, é através dele que as*

*coisas podem melhorar no país, nas próximas eleições. Depende da gente analisar todos os candidatos e refletir sobre palavras como 'pátria' e 'cidadania'. Afinal, se é o nosso futuro que está em jogo, torcer e confiar já é meio caminho andado para a vitória"* (Set., p. 138). Ou, no mês de novembro, sob o signo de Escorpião: *"É interessante notar que um monte de mudanças no Brasil aconteceram nesse período, com a Proclamação da República. Quem sabe Escorpião não venha manifestar seu gosto por mudanças nesta atual fase de eleições e de preparação dos novos governos, fazendo com que gente que está fora do poder venha a participar"* (Nov., p. 164-165).

A relação da menina com as questões sociais mais amplas não tem objeto definido: é feita de palavras e de expressões como *"refletir sobre pátria e cidadania"*, *"as coisas podem melhorar"*, *"é o nosso futuro que está em jogo"*, como vimos no texto recreativo e lúdico da informação astrológica. Esse modo de olhar para fora de si está fortemente marcado nas gerações jovens dos anos 90 que, segundo pesquisa citada pela própria revista, na edição de setembro, respondem assim à pergunta "O Que Você Espera do Futuro?": *"sucesso no trabalho, grana no bolso e um país melhor"* (Set., p. 120). Um "país melhor" parece equivaler ao "menino certo", à "hora certa" da primeira relação sexual. Ou seja, num tempo em que a informação coloca-se como alto valor, buscam-se palavras que aparentemente nada dizem, mas que na realidade falam ostensivamente de uma nova "episteme". Num universo de aspirações e interesses globalizados, os mais jovens aprendem que um dos modos de hoje existir é não deixar de dizer o que deve ser dito, ocupar os espaços vazios mesmo que com palavras implodidas em sua significação – pois é esse exatamente o modo de elas significarem.

Não por acaso, *Capricho* dedica um espaço especial a reportagens sobre a importância da informação e das novas tecnologias através das quais um infinito volume de dados é comunicado. Para o futuro da menina, a revista lembra: *"Cada vez mais será necessário gente especializada em comunicação, que faça chegar a todo mundo e ao mundo todo, tudo o que está acontecendo"* (...) *"Seja em jornal, revista, televisão ou rádio, o compromisso é sempre com uma abstração chamada 'realidade dos fatos' "* (Nov., p. 138). Em matéria especial sobre a Internet, "O Mundo Encolheu", *Capricho* diz que *"uma nova nação está se formando, sem fronteiras nem governo"*, trata-se de um *"país virtual"* em que as pessoas mais se divertem que trabalham, onde há a grande vantagem de democratizar as informações (Cfe. depoimentos citados, p. 172-173) e de facilitar o encontro de pessoas (*"Eu simplesmente me casei com um homem que conheci na Internet"*, diz uma das entrevistadas).

A necessidade de informar-se associa-se muitas vezes a um discurso já cristalizado sobre a mulher, e é por isso que se diz que as meninas não podem esquecer que são também "recheio", como adverte o colunista social Luciano Huck, na seção "Fala, Menino". Sugerindo

que as leitoras busquem “*informações sobre o mundo*”, ele recomenda: “*Lembre-se sempre do recheio, não pense só na casca, pois é isso que emburrece*” (Dez., p. 164). De uma maneira mais ampla, porém, eu diria que informar-se, nestes textos, é mais integrar-se à Internet do que apropriar-se de dados e fatos, ou de estabelecer relações entre eles. Dizer o que deve ser dito é pertencer ao “país virtual”, ao mesmo tempo que estar atento à amplitude do universo informacional, que pode e deve incluir o texto esotérico, as orientações astrológicas e a preocupação ecológica. Vejam-se estas recomendações a respeito do que os astros dizem sobre o mês de agosto, na seção “Signos”, e de como ser “politicamente correta” ao viajar:

*“Acabou a fase de ficar sonhando por aí. Cada um de nós precisa começar a aplicar seu próprio poder mental de forma mais prática e concreta. Chega de ficar perdendo tempo com futilidades. A nossa viagem cósmica aqui no planeta Terra depende do sucesso dessa etapa”* (Ago., p. 111).

*“A gente tem que ser ecológica sempre. Por isso, quando você estiver viajando, fique esperta com estes detalhes. A natureza agradece. Cartões postais: prefira os que são feitos de papel reciclável ou os que mandam uma parte do preço para causas ecológicas”* (Out., p. 144).

Marcelo Pires, em seu “P.S. do P.S. do P.S.” de outubro, escreve sobre “Vergonha na Cara”. Ele diz o que o deixa envergonhado: não usar cinto de segurança, não cuidar da saúde, beber, não visitar os avós. No texto, uma frase se repete, como bordão: “*Estou começando a não me ofender quando vejo criança pedindo dinheiro na rua*”. No final, ele declara: “*E, cá entre nós, vai ser impossível deixar de conviver com a minha vergonha até que continue existindo uma criança pedindo dinheiro nas ruas*”. O publicitário Marcelo Pires sintetiza o que a revista parece assumir no conjunto dos textos, quanto à formação da menina-cidadã: ela não pode deixar de saber dos fatos, da realidade social injusta, da necessidade de “um país melhor”; deve confessar inclusive sua indiferença ou o sentimento de vergonha diante de fatos que ela pode chegar a conhecer. Esse é um modo de ser que se insere no mesmo conjunto de práticas referidas a uma “ação social” dos meios de comunicação, da publicidade ou de grupos provenientes das camadas privilegiadas. Refiro-me aqui às campanhas das grandes emissoras de TV, quanto a crianças desaparecidas, por exemplo<sup>189</sup>; ou dos gestos da *socialite* e do ator de TV, de “fazer um trabalho” com jovens; ou do publicitário Washington Olivetto, criando gratuitamente uma campanha para promover a educação – como vimos nos debates do *Programa Livre*.

Há um novo lugar de onde se afirma um modo de preocupação e inclusive de intervenção social: a mídia, a publicidade e grupos das camadas mais privilegiadas. Esse modo de ser tem estilo, tem charme, e pode, no caso dos textos da revista, vir acompanhado de citações célebres, como a de Millôr Fernandes: “*Quem diz que, num futuro remoto, este nosso período histórico não será incorporado à Idade da Pedra?*” (Dez., p. 27); ou a de

---

<sup>189</sup> Fato a que já nos referimos no Capítulo 3.

Albert Camus: “A verdadeira generosidade para com o futuro consiste em dar tudo ao presente” (Dez., p. 25). No editorial de dezembro, Mônica Figueiredo resume esse modo de “relação consigo” em direção a um social, que no entanto não se afasta do que é “meu”, do que é “nosso”; e o compartilha com a leitora adolescente: “Nós aqui da redação estamos ligados por um só objetivo: nos tornarmos pessoas melhores, para poder fazer um trabalho melhor, para a nossa vida, a nossa revista e o nosso mundo ser cada vez melhor” (Dez., p.6). Nessa mesma página, uma citação de Goethe autoriza o texto da editoria: “Toda uma corrente de acontecimentos brota da decisão” (...) “O que quer que você possa fazer, ou sonha que possa fazer, faça. Coragem contém genialidade, poder e magia” (Idem).

Ha, portanto, um “estilo” pelo qual a mídia e igualmente a classe média afirmam suas boas intenções. Esse mesmo estilo é responsável pela forma como se abrigam, nos textos dos meios de comunicação, as histórias e os personagens de diferentes origens sociais. O poeta-mirim Josimar Batista, de 13 anos, por exemplo, nascido numa favela carioca, aparece na *Capricho* porque transformou-se em fato público – foi convidado para entrevistas em vários programas, como o da apresentadora Hebe Camargo. Adolescente e notícia na mídia, ele é descrito segundo a marca de cada um desses meios e, neste caso, segundo o “estilo” da *Capricho*:

“(…) como bom poeta, é sonhador. Toda noite, quando encosta a cabeça no travesseiro, sonha com um bosque encantado. Mas em Vila Cruzeiro – favela na Zona Norte do Rio de Janeiro – vira e mexe é acordado do sonho com o barulho de tiros de escopeta. Em vez de se revoltar, transforma tudo em poesia” (...) (Ele afirma:) “Pretendo trazer esperança pra todo mundo” (Nov., p. 40).

Certamente, essa forma de tratar das questões sociais não é exclusiva da revista *Capricho*. O Outro com quem as classes médias e as elites não se identificam, no Brasil, existe para elas somente na medida em que passa a integrar um discurso novo – basicamente do sucesso pessoal, seja por uma qualidade intelectual, como no caso do menino Josimar, seja por um atributo físico, como no caso da modelo internacional que um dia foi costureira no interior do Rio Grande do Sul, seja ainda por uma habilidade especial, como ocorre com os jogadores de futebol – que hoje, aliás, tornam-se notícia também por seu envolvimento com o mundo das modelos e da mídia. Mas é um Outro que não pode deixar de ser nomeado, pois nós nos constituímos também em oposição a ele.

#### IV – O MAPA DE MÚLTIPLAS NORMALIZAÇÕES

Considerando as observações feitas ao final das análises de *Confissões de Adolescente* e do *Programa Livre* – no sentido de não repeti-las, já que algumas são comuns aos três produtos –, sintetizo aqui o estudo sobre a revista, mapeando os principais modos de constituir a subjetividade da menina adolescente, conforme os textos das edições de *Capricho*, de agosto a dezembro de 1994.

- Num tempo em que habitamos plenamente nossos corpos, esse lugar de todo o erro e de toda a verdade, como o disse Foucault, é apanhado de um modo muito particular na revista: trata-se do corpo da menina adolescente de classe média, alvo das atenções de todos os saberes e poderes. Sobre esse corpo inscrevem-se os exames e os cuidados médicos, especialmente o ginecológico; também a disciplina do exercício físico e da dieta alimentar, em função de um certo tipo de traços, porte, peso, postura e medidas; ao mesmo tempo, sobre esse corpo opera-se uma transformação, propiciada pelo modo de vestir-se, sempre associado a roupas e acessórios da moda, e a determinado estilo de vida e de consumo; finalmente, sobre esse corpo inscreve-se o imperativo da beleza, associado à atratividade sexual, simultaneamente ao mito da feminilidade romântica.
- A subjetivação da menina, nesse sentido, obedece a rituais de julgamento que, na revista, dirigem-se a uma necessária operação sobre partes do corpo e, ao mesmo tempo, a uma desejável educação de estilo. Julgar modos de vestir, em relação basicamente às proporções do corpo da adolescente, significa incitar ao exame de si, para a transformação ou correção do desvio, a partir do desprezo e da vergonha de si mesma. Esse é o modo pelo qual, nas práticas disciplinares de nossos tempos, alguns poderes em ascensão se objetivam: o poder do próprio mercado de produtos de moda e beleza, da mídia, da publicidade, da medicina e da psicologia, como vimos, mas ainda e também o poder masculino, já que a menina deve fazer-se atraente sobretudo “para ele”.
- O discurso normativo dos textos mais uma vez mostra de que modo a mídia opera sobre uma resistência, mesmo que dispersa e fugidia, dos mais jovens. As adolescentes respondem aos apelos do erotismo, do consumo de álcool e cigarro e, ao mesmo tempo, a partir de agentes que falam de dentro dos meios de comunicação, são aconselhadas a cuidar da saúde do corpo e da alma. Incitação e controle, estimulação e freio, convite e aconselhamento – ações sobre ações, como diria Foucault, nesse relacionamento dinâmico de alguns campos de saber, tipos de normatividade e modos de assujeitamento.
- Sobre a sexualidade feminina, propõe-se que, diante do grande segredo, da insistente vergonha, a menina busque a informação. Informar-se significa, na *Capricho*, conhecer-se, olhar para dentro de si mesma, fazer o exame e a identificação do próprio corpo e do



desejo, entregar-se a um aprendizado do sexo. O discurso do prazer faz-se acompanhar do discurso científico, que nomeia, explica em detalhes, justifica sensações, de tal modo que o primeiro se pulveriza e passa a um plano inferior. Conta-se, nesse processo, com a participação do perito competente e autorizado – o médico ginecologista, a pessoa que “mais entende o corpo feminino” –, em relação a quem ela deve fazer-se dócil e a quem deve permitir o exame, em nome da saúde. A dúvida, o medo e a vergonha devem ser falados – e para todas essas dores a própria revista terá a palavra da tranquilização e do tratamento.

- Mitos como o da virgindade são investigados à exaustão, na voz dos meninos e das próprias meninas, insistindo-se na definição exata do que é para a mulher esse “estado” o qual, quanto mais é falado, mais confirma-se como mistério. AIDS e gravidez na adolescência acompanham o cortejo dos medos e segredos da iniciação sexual, junto com a sedução da maternidade e o tabu do aborto. Enquanto os textos multiplicam de todas as formas possíveis o discurso dos preparativos e cuidados para o momento da relação sexual, mostrando a obrigatoriedade do uso da camisinha, as histórias de resistência proliferam. Com AIDS ou grávidas, ou mesmo já mães, as meninas de classe média narram o enfrentamento dos problemas decorrentes da nova situação. Por excluir as trajetórias de miséria, violência e até morte, em função da condição de pobreza de milhares de meninas brasileiras, *Capricho* produz um discurso que se afirma e se nega simultaneamente. A revista diz: cuide-se para não engravidar tão nova; mas veja como esse problema tem solução. Os textos, assim, funcionam naquele sentido referido por Foucault, de fazer falar o sexo e seus “entornos”, positivos ou negativos que sejam, para que o saber permaneça também como não-saber, e o processo de regulação e incitação se prolongue *ad infinitum* – um processo de sujeição que não se dirige a um ponto de chegada ou culminância, porque jamais terminaria de se completar.
- O conflito em relação à própria normalidade ou anormalidade é presença constante nos textos da revista: apanhado no testemunho das leitoras, o problema é pauta de diferentes matérias, cujo objetivo é definir para a menina seu lugar numa determinada hierarquia de comportamentos, sentimentos e atitudes; constatada alguma “anormalidade”, a revista propõe os procedimentos necessários a um “modo normal” de ser ou existir. Em geral, as dúvidas das meninas referem-se ao próprio corpo e a seu funcionamento, bem como à relação sexual – e quase sempre o que elas sentem e temem saber de si mesmas é classificado como “perfeitamente normal”. Mas o pavor da anormalidade permanece, justamente porque é este o movimento que caracteriza a sociedade disciplinar, de que somos bons herdeiros: no interior das instituições e, hoje, dos meios de comunicação e das novas tecnologias de informação, estandardizamos diferentes processos de “formação” dos

sujeitos, dirigindo-nos basicamente a eles como individualidades, ao mesmo tempo que eles, nesse processo, tornam-se disponíveis ao assujeitamento pela norma.

- A dependência da menina em relação ao Outro – o menino – tem um tipo de enfrentamento ensinado pela revista: o conhecimento do modo de ser desse Outro. Esquadrinhando-o, aprendendo o que ele é, como se comporta, quais suas tendências – modos de ser tão naturalizados como o são as chamadas características da mulher –, as meninas exercitam um tipo de poder sobre o Outro e amenizam o conflito, causado basicamente pela insegurança diante de um homem que se quer livre e sem compromisso, além de ser pouco afeito a sentimentalismos. Essa dependência está marcada também na forma como *Capricho* valoriza, através de diferentes modalidades enunciativas, a presença masculina no mundo da leitora adolescente: os meninos são chamados a expor sua opinião sobre temas de interesse direto da menina, em depoimentos curtos; ao mesmo tempo, homens de 25, 30, 45 ou 50 anos fazem os aconselhamentos de vida às leitoras, em artigos “de fundo” mostrando que elas também devem “pensar”; e há sempre a narrativa exemplar do astro belo e forte, motivo e objeto permanente do desejo feminino. O lugar do conhecimento, da orientação e da experiência é, prioritariamente, o lugar do homem.
- O mundo político e social, para a menina, parece reduzir-se ao acesso à informação, talvez mais como fetiche e modismo do que propriamente como meio de pensar sobre a realidade e posicionar-se diante dela. Quanto às desigualdades sociais, a revista ensina que é preciso conhecer os fatos, mas o mais importante é que, no seu espaço e no seu mundo, cada um deseje fazer o melhor e efetivamente procure fazê-lo. Esse Outro, diferentemente do Outro sexual, não afeta a vida da menina e cada vez mais se distancia do seu mundo de classe média, fazendo-se no máximo objeto de curiosidade ou de vergonha e culpa, como sugerem os textos.
- Em suma, todo um modo de ser feminino é proposto, basicamente a partir de uma construção masculina. Na cotidiana luta entre homens e mulheres, aqueles se fazem fortemente presentes, exatamente num lugar como *Capricho* – a revista que, para centenas de milhares de meninas, em todo o Brasil, serve de “bíblia” e de manual de comportamento e estilo de vida. Mesmo que atenta a seu tempo, a menina informatizada e ligada ao mundo via Internet se vê cercada de toda a medicalização possível, ao mesmo tempo que é seduzida pela própria capacidade de sedução, em relação ao menino – sedução que está no seu corpo e em todas as operações que pode e deve fazer sobre ele.

## Capítulo 7

---

# UMA GERAÇÃO É NOTÍCIA

### I – O JOVEM, FONTE E ALVO DA INFORMAÇÃO

*“Filhos da AIDS se aproximam da puberdade”. / “Nova geração de rebeldes põe o feminismo nas ruas”. / “Estudante confessa ter matado a família”. / “Aluno sabe de risco mas evita método anti-AIDS”. / “Teen diz que vítimas provocaram e não sente remorso pela agressão”.*

*“Menores cortam cana-de-açúcar em São Paulo”. / “Covas se irrita com perguntas de jovens”. / “Bala perdida mata menina grávida”. / “Garota morre de overdose no interior de São Paulo”. / “Briga de funkeiros causa uma morte”. / “Adolescente é acusado de matar menino”. / “Cabeludo é nova ‘vítima’ de escolas”. / “Teste caseiro ‘denuncia’ filho drogado”. / “Juiz veta casamento de garota de 15”.*

*“Garotas se despem para mostrar que cresceram”. / “Droga faz explodir AIDS entre teens”. / “Sexo entre jovens bate castidade na televisão”. / “Gigolô injetava cocaína em menor”. / “Xuxa entra na adolescência”. / “Cigarro pode levar os jovens ao suicídio”. / “Polícia revela que em cada dez crimes há um menor envolvido”.*

*“Professor está desinformado sobre sexo”. / “PMs acusados de abuso sexual são afastados. Meninas com idades entre 12 e 17 anos afirmaram ter dormido várias vezes nos quartéis da Brigada e dos Bombeiros”. / “Ex-meninas de rua vão debutar em Pelotas”. / “Empresas apostam na formação de jovens”.*

*“Teatro ajuda a integrar os adolescentes autistas”. / “Seguindo as instruções da indústria de consumo, a garotada, despreocupadamente, busca novos estilos”. / “Jovens aprendem a fazer sexo seguro”. / “Escola fiscaliza saia das alunas”.*

Os títulos e manchetes dos jornais<sup>190</sup>, numa seleção feita apenas pelo critério da presença nos textos do sujeito adolescente, percorrem um universo diversificado, que vai do

---

<sup>190</sup> Os títulos acima reproduzidos foram retirados das páginas de dois jornais diários – *Folha de S.Paulo* e *Zero Hora* –, de agosto a dezembro de 1994, período de veiculação dos materiais analisados neste trabalho. Quantitativamente, representam uma amostra – aproximadamente 15% – do total de notícias relativas a jovens e adolescentes, apenas nesses dois veículos. Correspondem a matérias de todas as editorias dos dois jornais (sem considerar, é claro, o *Folhateen*).

baile de debutantes das meninas de rua, no interior do Rio Grande do Sul, ao trabalho de menores no meio rural de São Paulo; das artistas *teens* que posam nuas aos empresários que investem na formação de jovens para o trabalho; do desejo sexual que desperta num adolescente infectado pelo HIV ao debate sobre virgindade lançado na televisão; da morte prematura por *overdose* de cocaína à desinformação dos professores sobre sexualidade; da violência do jovem com torcedores em jogo de futebol ao abuso sexual dos PMs sobre as adolescentes; da busca de novos estilos pelos jovens ao controle das escolas sobre o comprimento de cabelos masculinos ou saias femininas. O que une as enunciações, além do sujeito adolescente focalizado em todas elas, é exatamente a condição desse personagem como “sujeito subjetivado” de um discurso – no caso, do discurso da mídia, misturado ao de tantas outras instâncias sociais, que não se cansam de nomeá-lo, cercá-lo nos seus prazeres, crimes, sofrimentos, violências e formas de exhibir-se. Em outras palavras, eu diria que a mídia “caça” o jovem principalmente naquilo que o “incrimina”, tornando-o visível no seu poder de juventude, sexo e beleza, resistência e agressividade, ao mesmo tempo que na sua condição de miséria física e existencial. Assim, para além de objetivamente informarem sobre fatos, esses textos também afirmam e constroem um modo de diferentes vidas jovens existirem e serem expostas.

Se há em nossos tempos uma produção exuberante de discursos sobre a adolescência – de modo especial sobre a sexualidade adolescente –, precisamos, como temos visto até aqui e segundo o que aprendemos com Foucault, imergir essa produção no campo das relações de poder e saber e indagar da sua positividade, no sentido dos seus efeitos na constituição dos sujeitos individuais e sociais. Operando sobre documentos jornalísticos como as matérias citadas, podemos descobrir focos locais de poder e saber (a direção da escola que mede o comprimento da roupa da menina; os estilistas que indicam regras de bem vestir; os cientistas que ensinam aos pais de adolescentes como testar o consumo de droga, por exemplo). E aprendemos o quanto as formas de sujeição e os esquemas de conhecimento não são verticais, seqüenciais ou causais: trata-se de um processo de intercâmbio incessante entre o poder e o saber. Da mesma forma, somos convidados a apanhar essas relações de poder-saber-sujeito num conjunto, ou melhor, numa figura arquitetônica, como já referimos, o que possibilita compreender as discontinuidades e as transformações de um determinado discurso. Se, no século XIX, firmava-se um conjunto constituído de pai, mãe, educador e médico, “em torno da criança e de seu sexo”, como refere Foucault (1990a, p. 94), podemos apanhar essa figura como base e vê-la em suas transformações históricas, situando-a em nosso tempo. Que nova figura se desenha, em torno do adolescente, de seu corpo de mulher e de homem, de seu sexo, beleza, desejo e carência? Como os dispositivos familiares agem junto a outros aparatos institucionais – da ciência médica e estética, da polícia e da higiene pública, da psicologia e da publicidade, da assistência social e do mercado da moda, dos meios de comunicação e da

pedagogia escolar –, nessa relação que certamente não se dá de cima para baixo, do bloco maior para o menor, mas antes através de um múltiplo condicionamento?

Em suma, quando nos debruçamos sobre documentos de uma época, referentes a um determinado campo de práticas sociais – como é o caso dos textos produzidos nos meios de massa, para e sobre o público jovem – estamos nos defrontando com uma multiplicidade discursiva, que ultrapassa as simples categorizações, por exemplo, de discursos “dominantes” e “dominados”. Dito de outro modo: os enunciados de diferentes formações discursivas, identificados nos materiais da mídia, funcionam num jogo duplo de “obstáculo e escora”, “resistência e estratégia oposta”, como escreve o filósofo, porque “os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder” (Foucault, 1990a, p. 96). Na construção do sujeito adolescente, não se pode dizer que ele seria o resultado direto e mecânico daquilo que a seu respeito se afirma; ao contrário, impõe-se apontar que diferentes campos de poder e saber o constituem na mesma medida em que ele se torna disponível a essas ações e saberes, simultaneamente às transformações das práticas e dos discursos produzidos nesse processo.

Faço a retomada do que Foucault chamou “imperativos metodológicos” da análise enunciativa, com o objetivo de situar o que será descrito neste Capítulo, cujo objeto de estudo é o jornal impresso – no caso, o encarte *Folhateen*, da *Folha de S.Paulo* –, que atinge adolescentes de vários Estados do País. Como se estivéssemos ajustando o foco, distanciamos-nos do grande jornal, do volume maior de páginas diárias e do conjunto de cadernos e seções (de onde retiramos aquelas manchetes acima), e dirigimos a lente para um ponto específico: o lugar eleito para falar àquele público em especial. E nos perguntamos: do universo maior (isto é, de todos aqueles assuntos e formas de tratamento da vida social e privada dos jovens), que elementos são privilegiados como desejáveis e necessários, no momento em que tal segmento da população é definido como alvo? Que se pretende dizer ao adolescente e de que modo se faz a interlocução com ele? No que diz respeito ao problema maior da constituição de subjetividades, das formas de “relações consigo” propostas à formação do adolescente, de que modo, concretamente, o material impresso *Folhateen* distingue-se da revista *Capricho* e de produtos televisivos como o *Programa Livre* ou o seriado *Confissões de Adolescente*? Nesse sentido, uma das perguntas básicas a conduzir a análise é: de que forma se faz o discurso do corpo e da vida sexual, ou de que forma é tratada a questão de gênero, num meio cujo alvo são adolescentes de ambos os sexos?

Como veremos, mais do que em qualquer um outros três produtos – possivelmente em vista das características do próprio meio de comunicação e da faixa do público atingido – é em *Folhateen* que a constituição do adolescente como “cidadão informado” parece estar mais

evidente. Mas dizer isso é pouco. A evidência precisa ser problematizada, pelo menos no que concerne aos tópicos que temos usado como centrais na análise dos textos até aqui. Assim, multiplico a questão do “cidadão informado”, perguntando: de que modo o objetivo de “informar” o e a adolescente, através do caderno da *Folha de S.Paulo*, acaba por invadir as três formas básicas das “relações consigo”, como as temos formulado neste trabalho? Para responder a essa pergunta, desenvolverei a análise das edições de agosto a dezembro de 1994, de *Folhateen*, em três partes principais: a) a informação sobre corpo, sexualidade e gênero no “exercício de si” (aceitação ou não aceitação do próprio corpo, comportamento sexual, tabus, definição dos papéis masculino e feminino); b) a subjetividade constituída a partir da comparação com o Outro “idêntico a mim/diferente de mim” (os “Outros” *teens*: índios, cubanos, peões, jogadores de futebol, adolescentes religiosos, desportistas mulheres, desportistas “radicais”, adolescentes violentos, jovens de outras épocas); c) a “relação consigo” e o interesse pelo mundo político e social (preparação para o voto, política estudantil, marginalidade, contrastes e injustiças sociais).

Fiel na medida do possível aos “imperativos metodológicos” acima referidos, penso ser possível descrever como se constrói um discurso sobre a adolescência, nas páginas de *Folhateen*, compreendendo que – não é demais repetir – a divisão da análise nos três tópicos indicados funciona apenas como guia geral. Ou seja, não só as questões de classe e de gênero poderão ser contempladas sob qualquer um dos três itens, como será possível observar o quanto o problema da violência, por exemplo, se dispersa, atingindo a vida sexual e familiar dos adolescentes de classe média, o cotidiano dos aficionados do futebol e outros esportes e, obviamente, a vida diária dos jovens marginalizados. Igualmente, o tema da temporalidade – isto é, da situação do leitor jovem em relação aos acontecimentos de seu tempo, bem como da identificação do que o separa ou une, quanto às gerações que o antecederam – faz-se presente na descrição dos três modos de “relação consigo”. Os múltiplos condicionamentos das relações de poder e de saber, referentes às instâncias em jogo na constituição dos mais jovens, fazem-se visíveis nesta análise, justamente porque ela é construída num movimento sempre duplo de ampliações e reduções, recortes e generalizações – como vimos no exemplo da temática da violência –, de tal forma que os temas, objetos e enunciados se deslocam e vão formando figuras distintas, porém interligadas pelo foco principal das “relações consigo” e das respectivas “técnicas de si”.

## II – FOLHATEEN, UM CADERNO ADOLESCENTE

Com seis ou oito páginas<sup>191</sup>, o caderno jovem da *Folha de S.Paulo* circula todas as segundas-feiras desde 1990 e se caracteriza principalmente por transformar fatos, dados e

---

<sup>191</sup> Alguns dados merecem ser expostos aqui: a) De agosto até o final de setembro de 1994, o caderno circulou com oito páginas; a partir de outubro, até o final do ano, passou a ter seis páginas, a não ser na edição do dia 12 de dezembro de 1994, em que excepcionalmente circulou com oito. Essa variação não provocou mudanças

experiências de interesse do seu público em notícias curtas ou em reportagens abrangentes – muitas vezes sugeridas por matérias de grandes jornais e mesmo por temas abordados em programas de televisão. Nas grandes reportagens<sup>192</sup> – uma ou duas por edição, conforme o número de páginas do caderno –, o tema é tratado o mais amplamente possível, com o máximo de dados e informações, inclusive com quadros estatísticos, gráficos, listagens de endereços, órgãos e instituições ligados ao tema, e assim por diante. Mas o mais importante é que nessas matérias grande parte do texto e ilustrações traz o rosto e a voz de adolescentes comuns, meninos e meninas da grande cidade, a testemunhar sua vivência particular sobre o assunto em questão. Em geral, os depoimentos mostram posições opostas ou pelo menos diversas entre si, o que torna possível traçar, mesmo que superficialmente, um perfil desse grupo que a mídia faz falar uma vez por semana nas páginas do *Folhateen*. Obviamente, os testemunhos dos jovens são acompanhados, na maioria das reportagens, pelo discurso de peritos das mais diferentes áreas, bem como pela análise e avaliação de profissionais especialistas no trabalho com a juventude, de modo particular em função de problemas ligados à sexualidade.

A voz do receptor também se faz ouvir através das cartas, enviadas à redação ou aos dois consultores das colunas “Sexo” e “Saúde”. Na seção “Cartas”, o espaço para o texto do jovem, identificado com nome, idade e lugar de origem, é bem maior que o dado nas duas outras colunas, e permite que esse público exponha suas opiniões, relate experiências semelhantes, quase sempre em torno do que foi publicado; e, mais do que isso, permite que se criem polêmicas com os consultores da área médica, com os colunistas e com os próprios leitores, a respeito de seus posicionamentos e declarações. Já na correspondência à psicóloga Rosely Sayão (“Sexo”) ou ao médico Jairo Bouer (“Saúde”), o texto dos leitores é editado, de tal forma que se centra na pergunta ou na dúvida do adolescente, o qual, embora permaneça anônimo, pode ser identificado em seu sexo e idade, no interior do trecho selecionado da correspondência. Ou seja, aqui o objetivo é obter a resposta, conselho ou comentário do especialista que, portanto, tem o espaço maior.

---

substanciais na linha editorial nem na diagramação do jornal. Quando o caderno circulava com seis páginas, isso significava apenas a eliminação de duas páginas que eram destinadas a uma grande reportagem, além da matéria principal de capa; b) Conforme já mencionei anteriormente, 32% dos leitores da *Folha de S.Paulo* têm entre 15 e 24 anos, o que corresponderia a aproximadamente 180 mil pessoas.

<sup>192</sup> No período de agosto a dezembro de 1994, as matérias de capa, nas dezessete edições analisadas neste trabalho, estão assim distribuídas, quanto ao assunto: a) nove sobre questões sociais, políticas e culturais (como os 25 anos do Festival de Woodstock, os adolescentes no dia das eleições, a vida dos filhos de candidatos, o primeiro dia de trabalho de um jovem, os herdeiros do massacre na Candelária); b) três sobre problemas emocionais e de comportamento (como a situação de orfandade, a experiência da depressão, a violência com os pais); c) cinco sobre problemas referentes à sexualidade (como a busca de alternativas de “sexo seguro”, virgindade, abuso sexual, novas formas de namoro). Grandes reportagens podem ser editadas nas duas páginas centrais (quando o caderno tem oito páginas) e igualmente na última. A série sobre política estudantil, por exemplo, que ocupou várias edições, vinha sempre ao final.

Dos profissionais com coluna fixa no caderno<sup>193</sup>, três se caracterizam pelo texto direto, agressivo e polêmico. Rosely Sayão, como veremos adiante, ao mesmo tempo que informa meninos e meninas sobre todos os detalhes da vida sexual adolescente, esclarece sobre as mudanças no relacionamento entre homem e mulher, principalmente às meninas. O tom da psicóloga é irônico e objetivo. Assim, por exemplo, para a menina que não sabe como proceder com o namorado quando à exigência de praticar sexo anal, Rosely responde: “*Ah, bonitinha, mas você ainda pensa que pode segurar o namorado longe das outras garotas fazendo tudo o que ele quer na vida sexual? Sai dessa, para o seu bem. (...) Do jeito que você fala, parece que você acredita que o homem não vai procurar outra mulher para fazer sexo por ser bem servido em casa. Não é nada disso, não*” (...) (Mas) “*esse seu não-querer é não-querer mesmo ou é um não-querer querendo?*” (21 nov., p. 2).

Marcelo Paiva e André Forastieri, ambos jornalistas, marcam sua presença com opiniões controvertidas sobre comportamento e cultura. Marcelo, na coluna que tem seu nome como título – e cujas afirmações são motivo freqüente de debate na seção de cartas – faz uma crônica cultural do Primeiro Mundo<sup>194</sup>, com observações e comentários críticos, às vezes ácidos e agressivos, especialmente no que se refere a questões de sexualidade e a todas as formas do chamado comportamento “politicamente correto”, tão em evidência na sociedade norte-americana e hoje disseminado internacionalmente. “*Na minha casa – diz Marcelo sobre seu cotidiano nos Estados Unidos –, é proibido fumar derivados do tabaco. Posso fumar maconha, ‘crack’, jornal e alface. Posso chupar o dedo, lamber os beiços e contar até três. Não posso ouvir música depois das dez. Posso me matar. Sem fazer barulho*” (19 set., p. 2). Forastieri<sup>195</sup>, em “Ondas Curtas” – texto localizado na página dedicada a matérias sobre música – debate problemas da produção cultural brasileira e estrangeira, principalmente a musical, e comenta lançamentos de grupos de *rock* de todo o mundo. Suas críticas podem referir-se, por exemplo, ao modo como uma revista norte-americana analisa a influência dos astros de *rock* e cinema sobre o público, atribuindo-lhes a responsabilidade pelo aumento da criminalidade: “*Considero esse tipo de abordagem desprezível, burra, conservadora, behaviorista e preconceituosa. Parte do princípio de que todo jovem é um imbecil, que vai sair*

---

<sup>193</sup>Na página 2 do caderno escrevem: Marcelo Rubens Paiva, jornalista (“Marcelo Paiva”); Jairo Bouer, médico (“Saúde”); Rosely Sayão (“Sexo”); Estela Alcântara (“Moda”); na página 5 ou 3, conforme o número total de páginas da edição, André Forastieri (“Ondas Curtas”). Durante o período das eleições, *Folhateen* manteve também a coluna “Vote Certo”, escrita pelo jornalista Gilberto Dimenstein, que escrevia na página 3. Portanto, de agosto a novembro, eram seis os colunistas fixos. Rosely Sayão, como já mencionamos no Capítulo 5, tornou-se nos últimos anos uma “super” especialista em sexualidade adolescente dentro da mídia: ela é freqüentemente convidada para entrevistas e debates, nos jornais, na televisão e em revistas. Sua fonte principal de dados são as cartas dos jovens à *Folhateen*.

<sup>194</sup> Durante o período considerado nesta pesquisa, Marcelo Rubens Paiva enviava seus textos dos Estados Unidos, onde se encontrava como bolsista, na Universidade de Stanford, Califórnia.

<sup>195</sup> André Forastieri é editor da revista *General*, a que nos referimos no Capítulo 1, “Evidências de uma discursividade”. Destinada ao público jovem, um pouco acima da faixa adolescente (18 a 25 anos), *General* tem a linguagem agressiva de seu editor, e se opõe explicitamente a publicações como *Carícia* e *Capricho*.



*surrando gays e negros, roubando e matando, só porque ouviu um disco do Pantera ou do Guns N'Roses*" (29 ago., p. 7).

Completando o quadro do que é oferecido ao leitor de *Folhateen*, além das reportagens e dos textos assinados, tem-se uma série de matérias cujo objetivo básico é informar sobre todo o tipo de eventos e lançamentos que possam interessar os jovens. Sob a rubrica "Fique Ligado", reúnem-se notícias sobre programas de rádio, festas e *shows*, cinema, livros, televisão, artes plásticas, conferências. Há também uma página só sobre música, com uma seção chamada "Musicália" – dedicada a entrevistas com grupos nacionais ou estrangeiros. A história em quadrinhos tem seu lugar especial. E até uma rubrica comum em jornais diários – "Ciência" –, em *Folhateen* recebe o nome de "Ciência Teen", com duas seções distintas: uma que responde à pergunta "Como Pode?" (por exemplo, "O que causa a umidade?") e outra, "Geodados", que reproduz textos curiosos da National Geographics (por exemplo, "Quando Aconteceu a Primeira Viagem Aérea para a Austrália?").

Basicamente, *Folhateen* se constitui para o adolescente e o jovem como um meio prestador de serviços e como o lugar da informação, da orientação e do debate, reproduzindo a linha editorial básica do jornal *Folha de S.Paulo*. Isso ficou bastante evidente no período investigado, em virtude da atenção dada à questão da política e das eleições gerais – em suma, convidava-se o jovem ao debate e à participação ou, pelo menos, tratava-se de expor a ele o quadro das novas formas de se fazer e pensar esse campo da atividade humana em nossos tempos. Importante ressaltar que o "ethos pedagógico" – de que falamos quando da análise do *Programa Livre* – reproduz-se em grande parte das matérias, inclusive nas de informação política, e é visível nas expressões usadas como título, na diagramação, na própria seleção dos temas de reportagem. O modo freqüentemente prescritivo dos textos indica que também neste meio, o jornal impresso, embora de uma forma distinta do que sucede numa revista como *Capricho*, a tendência a dizer os "comos", os "deve" e "é preciso", "faça assim" se faz presente, como marca do nosso tempo, num espaço de divulgação pública, quer de procedimentos que dizem respeito ao cotidiano, ao íntimo e ao privado dos indivíduos, quer daqueles voltados para o mundo das relações sociais mais amplas. Essa observação sugere à análise um cuidado especial com os textos, no sentido de descrever como se constrói um discurso atento ao jovem, à sua educação política e individual, e que é baseado principalmente na informação.

Considerando os objetivos deste trabalho – fazer a descrição dos discursos sobre a adolescência no que concerne aos modos de subjetivação, às indicações de como operar sobre si mesmo, de como estabelecer para si mesmo as "relações consigo" –, vou privilegiar as grandes reportagens (basicamente as matérias de capa), as seções da página 2 (onde estão as cartas, as consultas e as respostas dos especialistas, sobre o corpo, a sexualidade e as formas

de relacionamento entre homem e mulher) e a coluna de Gilberto Dimenstein (na página 3), para acompanhar através desse meio um dos modos de o jovem dos anos 90 ser constituído como sujeito político e participante, no caso, das eleições gerais no País. Passemos, então, ao estudo dos textos.

### III – A INFORMAÇÃO COMO BASE PARA A “EXPERIÊNCIA DE SI”

#### A – **Corpo, sexo e gênero: dúvidas e aconselhamentos para o “exercício de si mesmo”**

“Com a criação deste elemento imaginário que é ‘o sexo’, o dispositivo da sexualidade suscitou um de seus princípios internos de funcionamento mais essenciais: o desejo do sexo – desejo de tê-lo, de aceder a ele, de descobri-lo, liberá-lo, articulá-lo em discurso, formulá-lo em verdade. Ele constituiu ‘o sexo’ como desejável” (Foucault, 1990a, p. 146).

Talvez uma das riquezas maiores do pensamento de Michel Foucault seja essa de depositar um olhar absolutamente original sobre o que durante muito tempo nos pareceu inquestionável e, não só isso, até “revolucionário”, como é o caso da concepção de sexo como articulada à idéia de repressão e negação. Nós nos enganamos quando, dizendo sim ao sexo, pensamos estar enfrentando o poder – diz o autor. É exatamente liberando-nos dessas amarras à nossa sexualidade que poderemos, se o quisermos, “opor os corpos, os prazeres, os saberes, em sua multiplicidade e sua possibilidade de resistência às captações do poder” (Idem, p. 147). Ora, por que nos parece tão normal que os textos produzidos especialmente para o público adolescente, nas televisões, revistas e jornais, dediquem um espaço fixo ao “problema” do sexo? Seria apenas porque, diante de uma urgência biológica dada pela idade, os jovens necessariamente deveriam informar-se a respeito, ainda mais considerando-se a ameaça da AIDS? Ou, independente de objetivos educacionais e de saúde pública, tratar-se-ia simplesmente de uma adequação do produto a seu público-alvo – para falar uma linguagem exclusivamente mercadológica?

Sem descartar essas explicações, eu diria com Foucault que desde o final do século XVIII vimos nos submetendo lenta e eficazmente a uma “monarquia” do sexo, como se ele fosse de fato o grande segredo “a descobrir em toda parte”. Em nome da vida – ou melhor, do controle da vida das populações –, os dispositivos de poder foram-se articulando justamente em relação ao corpo dos indivíduos, a todas as suas funções, sensações, prazeres, descobrindo nesse corpo algo especial, que existia para além de funções orgânicas e fisiologias – o “sexo”. Aquilo que durante tempo nos foi estigma e loucura, tornou-se “mais importante do que nossa alma, mais importante do que nossa vida; e daí todos os enigmas do mundo nos parecerem tão leves comparados a esse segredo, minúsculo em cada um de nós, mas cuja densidade o torna mais grave do que todos”. E Foucault, nestas belíssimas páginas do último capítulo de *A vontade de saber*, continua a reflexão, seguramente referindo-se ao problema da AIDS, que

hoje é o ponto de referência de qualquer texto sobre sexo, principalmente se se estiver fazendo referência aos adolescentes:

“O pacto faustiano cuja tentação o dispositivo da sexualidade inscreveu em nós é, doravante, o seguinte: trocar a vida inteira pelo próprio sexo, pela verdade e soberania do sexo. O sexo bem vale a morte. É nesse sentido, estritamente histórico, como se vê, que o sexo hoje em dia é de fato transpassado pelo instinto de morte. Quando o Ocidente, há muito tempo, descobriu o amor, concedeu-lhe bastante valor para tornar a morte aceitável; é o sexo quem aspira, hoje, a essa equivalência, a maior de todas. E enquanto o dispositivo de sexualidade permite às técnicas de poder investirem sobre a vida, o ponto fictício do sexo, marcado por esse mesmo dispositivo, exerce bastante fascínio sobre cada um para que se aceite escutar nele bramar a morte” (Idem, p. 146).

Esse jogo de vida e morte, de sexo e perigo, de prazer e morte, a que assistimos em nossos dias, com a incitação ao sexo e ao mesmo tempo a multiplicação das respectivas práticas de vigilância, faz-se presença em todos os documentos que aqui analisamos. Não é diferente em *Folhateen*. O jornal, nas reportagens e na seção “Sexo”, discute exaustivamente os detalhes das “insinuações da carne”: desejos, imaginações, fantasias e deleites adolescentes transformam-se em confissão, exposição das vergonhas e dúvidas, sobretudo do temor em relação à anormalidade e ao desvio. Sob o texto do grande pavor da contaminação pelo HIV, e da conseqüente necessidade do olhar e do aconselhamento médico, do olhar de si para si mesmo, das variadas técnicas de proteção contra o perigo, prolifera a expressão do “grande segredo”.

É assim que, por exemplo, o sexo pode fazer-se manchete jornalística no *Folhateen*, transformando práticas isoladas em verdade de todos. Tudo se passa como se a alusão a práticas às vezes inusitadas ou pouco comuns fosse um pretexto concreto e bem objetivo para, mais uma vez, falar de sexo e sugerir que se reflita sobre ele como nossa verdade mais íntima e a única talvez que mais diga profundamente de cada um de nós. “*Computador é ‘parceiro sexual’ de teens*” é o título de uma matéria que já no primeiro parágrafo diz a que veio: “*Sexo mais seguro que isso, impossível*” (15 ago., p. 1). Ou seja, afirma-se outra vez que os jovens continuem “sendo seu sexo”, mas agora com segurança. O computador permitirá ao menino (principalmente a ele, homem) que coleciono eletronicamente figuras eróticas, que converse com “parceiras” sobre sexo, que inclusive tire dúvidas com especialistas no assunto. As vantagens do sexo via *modem*, além da prevenção da AIDS, conforme contam os usuários, é que assim eles “*vencem a timidez*” e têm “*mais espaço para a imaginação*” (Idem). “Treinar” antes da primeira relação também pode significar aprendizado de si, do próprio corpo e do outro, além de propiciar prazer – melhor, ‘prazer seguro’:

“*Apenas 11% dos adolescentes paulistanos já perderam a virgindade. Por outro lado, quase todos eles fazem alguma espécie de ‘treino’ para a*

*primeira vez: 98% mantêm algum tipo de contato sexual com seus parceiros (principalmente o sexo oral e a masturbação a dois)” (29 ago., p. 1).*

Nestes anos 90, as pesquisas sobre as práticas sexuais dos adolescentes reproduzem-se tanto quanto as associações, grupos, movimentos<sup>196</sup> – criados dentro e fora dos órgãos oficiais, e quase sempre ligados a instituições médicas, cujo objetivo é orientar os jovens e produzir um saber sobre eles, para a prevenção da gravidez precoce e das doenças sexualmente transmissíveis. A partir dos dados da pesquisa com estudantes de escolas públicas, o jornal entrevista os especialistas e toma o testemunho dos adolescentes, confirmando ou não as estatísticas; publica quadros com os resultados sobre o comportamento sexual dos meninos e meninas, comparando os anos 90 com as décadas de 60 (“*Menina tinha que ser virgem*”) e 70 (“*Ser virgem era ser careta*”) e conclui: “*Parece que os anos 90 são a década do equilíbrio, ou seja, só transa quem quer e quando tiver certeza que é a hora certa*” (Idem).

O “equilíbrio” e a “hora certa” na vivência do sexo parecem ser os pontos de chegada de toda a preocupação dos adultos, envolvidos em trabalhos educacionais sobre a sexualidade dos adolescentes. Na matéria, os depoimentos de meninos e meninas contrastam entre si: a matéria não registra nenhum caso de menina não-virgem (da mesma forma como vimos acontecer no *Programa Livre*), enquanto quatro garotos contam como foi sua primeira vez, dois deles confessando que não usaram preservativo. O foco aqui parece ser o menino, cujo comportamento segundo os especialistas está se transformando, porque haveria menor pressão social sobre eles para que deixem de ser virgens: “*Eles estão menos ansiosos. Alguns até assumem a virgindade*”, diz a psicóloga. Outros, conforme mostra a matéria, envolvem-se inclusive em trabalhos educacionais sobre sexo; na Aptateen, há um projeto de formação de adolescentes que, orientados por psicólogos e médicos, passam a divulgar as informações sobre AIDS em escolas públicas e privadas. Um desses “multiplicadores”, um menino de apenas 15 anos, diz com traqüilidade: “*Sou virgem, sim, e espero que a minha primeira vez seja com alguém de quem eu goste*”. Falam somente meninas virgens, inclusive meninas que assumem a virgindade em acordo com o namorado: “*A hora vai ser quando eu estiver segura e tranqüila*”; ou então aquelas que, também virgens, aprovam a transformação dos meninos,

---

<sup>196</sup> Só nessa matéria, a *Folha de S.Paulo* dá a palavra a representantes de duas instituições: a Aptateen (Associação de Prevenção e Treinamento da AIDS) e o GTPOS (Grupo de Treinamento de Profissionais de Orientação Sexual). Outros grupos e instituições similares – que existem também em praticamente todas as grandes cidades brasileiras – falam em *Folhateen*: o Programa de Atenção Integral ao Adolescente (SP), o Serviço de Ginecologia da Adolescência (do Hospital de Clínicas de SP), o Programa de Orientação Sexual (da Secretaria Municipal de Educação, de Campinas, SP), a Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana, o PAMPA – Programa de Assistência Médica e Psico-Social à Adolescência (da Faculdade de Medicina de Santo André, SP). De agosto a dezembro, o jornal também noticiou todos os encontros, simpósios e seminários que trataram da adolescência e de seus principais “problemas”, ligados à sexualidade: gravidez e doenças sexualmente transmissíveis. Por exemplo: o 4º Encontro Nacional de Adolescentes (de 5 a 8 de agosto, em Campinas, SP), cujo objetivo era “*transmitir de forma lúdica a necessidade e a importância do sexo seguro*” (12 set., p. 6); ou o Simpósio Internacional da Infância e da Adolescência, em que os médicos defenderam que as garotas deveriam começar a vida sexual só aos 18 anos (24 out., p. 3).

reproduzindo explicitamente a idéia de constituição de si, do ponto de vista do gênero, como dependência e inferioridade em relação ao homem, cujo poder se afirma mesmo na mudança de comportamento verificada:

*“As coisas estão mudando. Tem muito menino esperando o momento certo e achando que a primeira vez tem que ser com a namorada. Isso é bom para as meninas. Ficamos mais tranquilas sabendo que os garotos são mais responsáveis”* (Idem).

O “treino” dos virgens, supostamente o tema principal da reportagem, conforme sugere a manchete, não está no texto dos adolescentes, apenas no *lead* da matéria e no discurso dos adultos especialistas: são eles que falam de como “*certas intimidades*” são importantes como “*treino para o sexo*”, afinal, “*é importante conhecer o próprio corpo e o do parceiro. É bom para a pessoa se acostumar*”, como diz a coordenadora do Aptateen. Considerando o conjunto dos textos, tudo se passa como se: a) com as meninas o problema já estivesse razoavelmente resolvido, afinal, elas não temem afirmar sua virgindade (temem, aliás, o contrário); trata-se apenas de reforçar esse comportamento; b) com os meninos, em virtude da forte pressão social e machista, fosse necessário mostrar as vantagens da mudança de comportamento, em direção aos cuidados com o sexo e as doenças e à própria valorização da virgindade; a vantagem maior seria a boa receptividade dessa mudança entre as meninas; c) ao adulto coubesse hoje um papel cada vez mais fundamental na orientação desses jovens, no sentido de cooptá-los inclusive para o trabalho educacional com seus pares, multiplicando entre os próprios destinatários dos discursos e práticas a vigilância sobre seus corpos e desejos. Diante do adolescente, esse indivíduo que a sociedade define como alguém “em crise bio-psico-social, em busca de uma identidade social e sexual, enfim, buscando a si mesmo”, como diz a médica Isméri Conceição, surge para ajudá-lo um adulto que, investido de poder – pela própria condição de pessoa mais velha, independente, senhora de seus atos, e na função de profissional da área médica e psicológica –, com um autoritarismo autêntico ou dissimulado, tem assumido principalmente o papel de “adulto curioso”:

*“O tipo curioso é o que está mais na moda, o profissional de saúde curioso para saber como é que o adolescente transa, como é que ele usa anticoncepcional, como é que ele fala, como é que ele dorme, como é que ele come; tem interrogatório para cima do adolescente de tudo quanto é canto”*<sup>197</sup> (Conceição, 1991, p. 17).

Sem citar Foucault, mas perfeitamente de acordo com a análise do historiador-filósofo, a médica exerce uma crítica em direção a seu próprio trabalho, do ponto de vista das complexas relações de poder que se estabelecem entre especialistas do sexo e adolescentes, e

---

<sup>197</sup>Trecho da palestra “Relações Interpessoais entre Profissionais e Adolescentes”, proferida pela ginecologista Isméri Seixas Conceição, diretora do Projeto de Assistência Médica e Psicossocial à Adolescência (PAMPA), de São Paulo, no Seminário realizado em outubro de 1990, pela ECOS (ARRUDA, Silvani; CAVASIN, Sylvia (Org.), 1991, p. 17).



“brincalhão”, mas que é basicamente irônico e agressivo – como se esse fosse o modo corrente e desejável de meninos e meninas falarem de sexo. Ela também orienta, critica a submissão da mulher e não se constrange em dar a receita de “como fazer” e em sublinhar a necessidade fundamental de “falar tudo”, encerrando invariavelmente as respostas com a recomendação fundamental sobre o uso do preservativo.

Seu estilo muitas vezes é criticado pelos leitores, que o consideram muito “*grosseiro*”. A psicóloga justifica-se dizendo que a maior parte dos que perguntam sobre sexualidade fazem questões óbvias, “*já têm as informações, mas agem como se não tivessem*” (seção “Cartas”, 31 out., p. 2). Daí a necessidade de “*brincar*” com a informação. Tudo se passa como se ali, naquele espaço do jornal, se criasse um lugar para fazer proliferar ainda mais o discurso e o mistério do sexo, sob uma intensa estimulação. Leitores e leitoras sabem que, na página dois de *Folhateen* vão encontrar não só o registro dos medos e ignorâncias, mas principalmente a descrição curiosa e lasciva de confissões que lembram desvios e perversões – naquele meio, liberados, intensificados e incitados a se manifestarem. Enunciadores jovens e adultos – sobretudo a especialista consultada – comprazem-se, a rigor, com a miséria sexual de que somos herdeiros. Eu diria que essa modalidade enunciativa, considerando a forma como se desenvolve nesse espaço, produz a si mesma, continuamente: quanto mais confissões e segredos, mais respostas esclarecedoras e multiplicadoras do saber especializado, da normalização e de um poder adulto que saboreia a ignorância dos mais jovens, de uma posição que se mostra “*liberada-responsável*”. Vejam-se alguns trechos desse manual jornalístico do sexo, feito sem meias-palavras:

*“Nem todo mundo gosta de hamburger, por exemplo. Agora, se você topa comer um big hamburger só porque o namorado gosta e não quer decepcioná-lo, vai ter que engolir um grande sapo! Conhecer os próprios limites para saber respeitar-se, esse é um ponto importante para uma vida sexual prazerosa e sadia. Lutar contra os preconceitos também. E usar camisinha idem”* (3 out., p. 2).

*“Difícil sentir, mais difícil ainda aceitar o desejo. Saída encontrada por muitas: fazer de conta que não quer nada e, forçada a fazer, não se responsabiliza pelo que acontece. Resultado: um prazer imenso, que pode dessa forma ser liberado. Criativa essa solução, não concorda?”* (...) *“Aproveitando o pique, ensine seu namorado a obrigá-la a colocar camisinha nele. Que tal?”* (24 out., p. 2).

Em todas as oportunidades que se oferecem, Rosely Sayão insiste na necessidade de meninos e meninas “dizerem tudo”; em geral, segundo as cartas, são as meninas que temem falar: *“Imagina: ter intimidade suficiente com o namorado para transar mas morrer de vergonha de falar para ele que precisa usar camisinha. Resultado: gravidez fora de hora”* (17 out., p. 2). Para a menina que tem dúvidas sobre sexo oral, a psicóloga recomenda, antes de tudo, que o assunto seja falado entre os dois: *“Seu namorado é a melhor pessoa para*

*conversar sobre sexo*”. E orienta passo a passo como fazer durante a relação sexual, inclusive com os indispensáveis cuidados para evitar qualquer contato direto com “líquidos” e a recomendação de os dois aprenderem tudo juntos: “*Homem não precisa saber mais do que mulher*” (1º ago., p. 2). Sempre que pode, porém, Rosely sugere que qualquer tipo de problema seja falado principalmente com os médicos:

*“Melhor pensar em conversar com alguém que possa ajudar você a se entender melhor. Um psicólogo, por exemplo. Aí está uma dobradinha legal para você cuidar de sua vida sexual: o ginecologista, na parte orgânica, e o psicólogo, na parte da ‘cuca’ ”* (28 nov., p. 2).

Enquanto a menina não esconde sua insegurança em relação à sexualidade e, principalmente, em relação ao parceiro homem, este, também ocupado em saber se é “normal”, precisa urgentemente saber: se as coisas que lhe acontecem significam que é impotente; se há perigos na masturbação; se “*transar três vezes no mesmo dia faz mal*”; se ter muitas ereções “*pode ser problema*”; que acontece “*quando sai com a garota pela primeira vez*”; “*por onde sai o orgasmo da mulher*”; o que fazer se “*a camisinha sobra*”. Rosely Sayão interpreta, aconselha e, como diz Foucault, “*duplica as revelações*”:

*“Os garotos costumam masturbar-se com frequência. É tesão, é curiosidade, é vontade de sentir essa sensação diferente que é o prazer adulto. Tantas coisas! Mas, claro, sempre com certa culpa ainda”* (12 dez., p. 2).

*“Nessa idade é normal ter a maior curiosidade sobre o grande segredo que é o sexo, querer satisfazer-se usando outros meios além da atividade sexual, nem sempre acessível, como por exemplo filmes, leituras e tudo o mais”* (26 set., p. 2).

O que meninos e meninas aprendem nesses textos é que vale a pena confessar-se, depositar o segredo, a dúvida e a vergonha no Outro, pessoal ou anonimamente, como ocorre nessa consulta através do jornal. Faz-se ‘terapia’ a longa distância, e as meninas, como vimos, ouvem que é preciso questionar um modo de ser submisso, manifestado basicamente na intimidade da relação sexual, enquanto os meninos vão sendo informados sobre esse Outro, a mulher, aprendendo a sair um pouco de si – não sem antes confessar toda uma pobreza humana, em que sobressai a desigualdade histórica das relações de gênero, com todas as desvantagens que têm oprimido as mulheres, e que são visíveis a cada depoimento das adolescentes nas páginas do jornal. A mídia – ao lado dos adultos que se organizam para “ajudar” os jovens nessa travessia – aparece como o lugar do saber, da solução, da abertura às transformações de comportamento, eventualmente como o lugar da defesa de igualdade nas relações entre os sexos e sobretudo como o lugar privilegiado para colocar em prática o que é internacionalmente reivindicado para os jovens: o acesso à informação. *Folhateen*, por exemplo, deu ampla cobertura à 3ª Conferência Internacional Sobre População e Desenvolvimento, realizada no Cairo em setembro de 1994, em que se recomendou a



necessidade de mais educação e informação para os adolescentes de todo o mundo, a fim de diminuir as taxas de crescimento da população (evitando a gravidez precoce), os abortos clandestinos e a proliferação da contaminação pelo HIV.

Fica evidente que há um problema com os adolescentes – eles resistem, apesar de toda a carga de informação –, sobretudo há problemas com o que essa mesma sociedade historicamente increveu-lhes nos corpos e nos modos de “relação consigo”, problemas que os especialistas não conseguem resolver. Em outras palavras, reforça-se em todos os lugares – conferências internacionais, seminários nacionais, instituições e grupos de orientação ao adolescente – a necessidade do esclarecimento, de ambos os lados: do jovem que revela suas dúvidas e intimidades, e dos especialistas, que investigam esse “objeto de saber” e que lho devolvem sob a forma de aconselhamentos e cuidados. Mesmo assim, meninos e meninas não deixam de arriscar-se à doença, à gravidez e ao aborto, desafiando essa ordem de informar, que se perpetua como altamente desejável e como grande apanágio da mídia, em relação a esse público em idade de formação.

No entanto, é preciso acrescentar que os próprios meios de comunicação se traem nesse papel investido por eles de “novos educadores”. Na mesma página de uma reportagem sobre violência sexual, intitulada “*Jovem é principal vítima de abuso sexual*”, *Folhateen* exhibe um anúncio de quase meia página, da *griffe* “Lee”, cujo texto é “*Ôba, tá todo mundo dando*” (edição de 12 dez., p. 1 e 3), que serve de legenda a uma bela foto com uma adolescente loira e em pose bem relaxada, deitada na areia, com a calça semi-aberta e uma mini-blusa. Ou seja, enquanto as meninas violentadas dessa reportagem testemunham sua dor e a sensação de se sentirem para sempre “*sujas*”, ao mesmo tempo também que o jornal questiona o Código Penal Brasileiro, pela discriminação da mulher em muitos de seus artigos, as regras do jogo econômico e social se impõem sem culpa: o que vende é justamente a sensualidade, o erotismo, a sexualidade e a beleza jovem, qualidades intensamente incitadas, principalmente na mulher<sup>200</sup>, no mesmo tempo em que se faz a associação do sexo com a violência e a morte, a exigir novas formas de vigilância.

O médico Jairo Bouer, que assina a coluna “Saúde”, num espaço bem menor que o reservado ao tema do sexo, dividido com a coluna “Moda”<sup>201</sup>, na verdade responde sobre o corpo jovem, não o corpo doente, mas o corpo masculino e o feminino, marcados pela insatisfação e o desejo quase compulsivo de se tornarem diferentes. Como se assumissem a regra maior da sociedade do consumo, meninos e meninas desejam descartar-se de seu corpo e ficam a imaginar-se sempre outros – desejo que se expressa como ligado diretamente à

---

<sup>200</sup> Ver, adiante, como esse mecanismo se repete em todo o tipo de assunto em foco, inclusive ao tratar-se do tema das eleições.

sedução e à atratividade sexual, em particular quando se trata das mulheres<sup>202</sup>. O especialista, como bom médico, recomenda todos os cuidados higiênicos com o corpo, a limpeza dos órgãos genitais, as consultas e exames periódicos, esclarecendo sobre perversões e supostas anormalidades que atormentam os adolescentes, e, finalmente, indicando os tratamentos possíveis para aqueles que, visivelmente atormentados pela síndrome de Michael Jackson, insistem em operar transformações sobre seus corpos (aumentar ou diminuir seios, aumentar a “cara fina”, oxigenar os cabelos e usar lentes coloridas, e assim por diante). Vejam-se estas repostas do médico às inquietações do corpo adolescente:

*“Não há nenhum problema com seu pênis. As mudanças no tamanho são completamente normais. Relaxe e faça bom proveito”* (3 out., p. 2).

*“Se você está muito magra, a melhor idéia é procurar um endocrinologista”* (10 out., p. 2).

*“Pode economizar seu dinheiro e parar de comprar os tais cremes para mudar o tamanho dos seios. Não existe nenhuma pomada ou remédio que possa diminuir suas mamas”* (...) *“É cedo para pensar em cirurgia. Você ainda pode crescer e sua distribuição de gordura vai mudar. No futuro, se você continuar encanada, vale a pena procurar um cirurgião plástico”* (29 ago., p. 2).

*“Estar em crescimento faz com que as pessoas mudem naturalmente. Será que não tem nada mais legal par fazer do que ficar brincando de camaleão?”* (7 nov., p. 2).

Enquanto a exposição das perguntas dos leitores permite um rastreamento dos preconceitos, da ignorância e da profunda desigualdade na relação entre os sexos, a seleção das reportagens, dos entrevistados, das notícias e, principalmente, as respostas dos especialistas publicam o discurso oposto, “liberado”, avançado e “verdadeiro”: o discurso da ciência, da verdade médica e psicológica, que é também o discurso assumido pela mídia, nesse esforço de educação das gerações mais jovens – esforço que, curiosamente, não aparece vinculado aos lugares tradicionalmente compreendidos como *locus* da ação pedagógica: a família e a escola. Não é por acaso que duas das três matérias computadas sobre família, nesses cinco meses de *Folhateen*, tratam justamente de pais “ausentes”: uma fala literalmente da morte dos pais e da conseqüente solidão dos filhos órfãos; a outra revela a inversão dos papéis familiares, mostrando que hoje muitos adolescentes agridem seus pais, porque segundo o jornal as novas gerações foram educadas sem limites e, por isso, não aceitam um não como resposta: *“Não existe essa palavra para a gente”*, diz um dos entrevistados (12 set., p. 1). E, especificamente sobre escola, pouquíssimas e breves referências, a não ser, dentro de uma

---

<sup>201</sup> Uma foto e uma frase de efeito constituem a coluna “Moda”, semelhante às vezes (mas bem mais sofisticada) à seção “Certo e Errado” de *Capricho*, especialmente pelo julgamento de modos de vestir e pela referência aos corpos magros e gordos.

reportagem sobre um grupo de *rock* americano (o grupo Megadeath, com seu novo disco, intitulado “Youthanasia”), a propósito de sua vinda ao Brasil, o comentário de um dos integrantes:

*“O título é um jogo de palavras com ‘youth’ (jovem) e eutanásia. A juventude de todo mundo está sofrendo eutanásia. O sistema educacional está tão ferrado que, a não ser que se esforce muito, você não vai conseguir aprender nada. A garotada foi emburrecida a ponto de não enxergar como isso está errado e não tentar fazer nada a respeito” (17 out., p. 5).*

É no jornal que se dá visibilidade às novas formas de ser homem e mulher: o menino de brinco na coluna “Moda” é considerado “*um charme*”, meninos fazendo quitutes na cozinha já não envergonham o “macho”, garotos não se envergonham de pedir receitas de como cuidar do cabelo longo, meninas que se destacam como jogadoras de futebol ou que se apresentam como voluntárias para o serviço militar obrigatório nem por isso temem masculinizar-se. No entanto, quando se trata de falar da beleza feminina, do papel das modelos na mídia e no conjunto mesmo da sociedade – elemento básico da compra e venda de milhares de produtos da cosmética e do vestuário, que se multiplicam diariamente –, parece que não há como fugir à imagem da mulher como lugar da objetivação de múltiplos poderes: basicamente, o poder do homem na definição do que é ser bela e o poder do mercado, em que os estilistas, publicitários, cosmetologistas, médicos esteticistas, entre tantos outros peritos, concorrem entre si na definição dos padrões aceitáveis e desejáveis do “melhor” corpo feminino.

“*Só é feio quem quer*” – esse é o título de uma reportagem que ocupa as páginas centrais (p. 4 e 5) da edição de 19 de setembro. O foco é na verdade a beleza feminina, falada e ilustrada do ponto de vista de dois grupos de homens: os meninos e os estilistas. Enquanto aqueles “*preferem garotas com mais curvas, que seguem o padrão brasileiro*”, os profissionais da moda preferem as magras – mas com uma ressalva: “*O que importa é a personalidade*”. Os médicos endocrinologistas dão seu depoimento, explicando que a eles cabe tratar dos “*efeitos de modas*”. Como diz a abertura da matéria, “*na década passada, elas lotaram as academias. Agora, têm baixado nos consultórios médicos*”. As modelos encarnam tipos diferentes de beleza, conforme os gostos dos meninos ou dos estilistas, e narram uma história que as faz mais próximas da leitora comum: todas, sem exceção, dizem um dia terem sido “*feias*” ou no mínimo “*esquisitas*”, “*desengonçadas*” (do mesmo modo que o jogador da Seleção Brasileira de Vôlei, Giovane, sempre assediado pelas fãs, disse em entrevista ao *Folhateen*: houve uma época em que “*só as gordas e feias gostavam de mim*”, em 15 ago., p. 8). Definidas pelo homem, elas se transformam ou devem transformar-se em função desse

---

<sup>202</sup> Numa matéria intitulada “Os teens descobriram os Vigilantes do Peso”, o jornal revela que seis mil dos 30 mil sócios desse clube eram adolescentes, a maioria deles meninas. Uma das sócias dá seu depoimento: “*Nenhuma roupa servia, nada ficava bonito. Eu chorava muito. Estava super-infeliz*” (28 nov., p. 3).

ponto de chegada; na busca da identificação com os “simples mortais”, narra-se um passado, que também é distinto para meninos e meninas: enquanto as modelos se fazem elas mesmas “esquisitas” nesse ontem longínquo, os astros masculinos da mídia e do esporte contam que “um dia” foram desejados por “gordas e feias”. Elas, e não eles, são o objeto de beleza ou não-beleza.

Como já tive oportunidade de analisar nos capítulos anteriores, especialmente em *Confissões de Adolescente*, a referência à beleza interior ou à “personalidade”, como preferem os estilistas entrevistados aqui, aliada ao depoimento das modelos – que se fizeram belas, é certo, mas que um dia foram tão simples ou até feias como qualquer menina comum –, traz mais uma vez a complexidade e o aspecto radicalmente contraditório da mídia, nesse seu papel educacional. Eu diria até que esse é o modo de “relação consigo” que sobressai em nosso tempo como modelo para as meninas adolescentes: ocupar-se de si, operar sobre o próprio corpo uma transformação que as faça belas, atraentes e desejáveis para o homem, mas sem jamais deixar de afirmar que estão “realmente” ocupadas com o mundo interior, com as qualidades da “alma”. Haveria aqui uma dupla ou tripla sujeição: em primeiro lugar, o fato de a menina encerrar-se obrigatoriamente sobre o próprio corpo, como lugar a ser transmutado em outro; essa operação, por sua vez, faz-se em nome da aceitação de um poder dado pelas relações de gênero, que define como esse corpo deve mostrar-se para ser desejado pelo homem; finalmente, a necessidade de esconder a sujeição do corpo à beleza física, em nome de uma suposta valorização das virtudes da alma. Esse complexo modo de ser não se choca com o movimento maior da sociedade de mercado; pelo contrário, anima-o e o reforça profundamente.

## **B – O Outro diferente-de-mim, idêntico-a-mim**

A segunda edição do Festival de Woodstock, em agosto de 1994, é motivo para que *Folhateen* faça uma reportagem de duas páginas com adolescentes cujos pais pertencem à geração do evento original, que se transformou no marco de uma época. A manchete – “*Filhos de Woodstock não querem contestar*” – anuncia os depoimentos colhidos, através de uma pesquisa<sup>203</sup>, em que se faz um resumo de como os jovens dos anos 90 vêem a si mesmos: para eles, fidelidade e amor andam juntos; sexo deve ser seguro, feito com amor e responsabilidade; o casamento convencional e a família bem organizada são uma meta; podem viver sem drogas, no máximo consumir bebidas alcoólicas; desejam fazer a faculdade

---

<sup>203</sup> A fonte da pesquisa não é citada. De qualquer forma, essa “pesquisa” chega a conclusões semelhantes a outras, inclusive de alcance internacional, como as citadas neste trabalho, no Capítulo 1 – “Evidências de uma discursividade”.

e ter logo uma carreira; cultuam ídolos, é certo, mas sem nenhuma fidelidade. Chamados de “neo-caretas” pelo especialista antropólogo, os adolescentes entrevistados – meninos e meninas de São Paulo – confirmam os dados e assumem: “*Somos individualistas*”, “*meio caretas mesmo*”, “*gostamos de estudar*”, desejamos “*roupas de marca*”, enfim, queremos “*adaptar-nos ao mundo*” (1º ago., p.1 e 3).

A “experiência de si” compreende, como já vimos anteriormente, além de outras práticas voltadas para o reconhecimento de si como sujeito de desejo, aquelas *techniques de soi* propostas aos indivíduos para fixar-lhes uma identidade, segundo fins propostos por uma determinada formação social. Ora, em nosso tempo assistimos a uma proliferação de técnicas de ausculta da população, segmentada conforme os alvos do mercado, as quais não cessam de indagar aos indivíduos sobre si mesmos, sobre os atos mais prosaicos de seu cotidiano, bem como sobre suas aspirações ou temores mais escondidos. Rapidamente, esses dados são divulgados e sofrem um novo tratamento: as reportagens e entrevistas com novos informantes que, nas páginas dos jornais e revistas ou em programas de televisão, confirmam as afirmações “científicas” sobre uma geração, sobre homens ou mulheres de determinados grupos sociais. Nestes anos 90, em que jovens e adolescentes, principalmente de classe média, passam a centralizar as atenções da mídia e da sociedade mais ampla, há quase uma obsessão por defini-los, principalmente em relação à geração de seus pais. Eles “são” algo, em função do que “deixam de ser”. O lugar vazio do que “era” passa a ser ocupado por um “é” – que vai sendo construído não só pelos próprios adolescentes, mas por um complexo jogo de forças sociais.

Talvez uma das características mais acentuadas deste fim de século, em função de uma série de lutas e conquistas de diferentes minorias sociais, seja a afirmação de que somos antes de tudo uma pluralidade, que é preciso aceitar o Outro, o Diferente de nós, como estranho e a mesmo tempo como idêntico, no sentido principal – pelo menos no nível do discurso – de uma igualdade que passa a ser reconhecida. Assim, o que a mídia passa a registrar como próprio desta geração, além de ela não contestar a ordem estabelecida, de não envolver-se em grandes lutas sociais nem ostentar rebeldias, é que ela se abre ao Diferente. Marcelo Rubens Paiva, a propósito, comenta em sua coluna esse modo de ser, que ele identifica como pertencendo ao comportamento chamado de ‘politicamente correto’, que “*não discrimina nada, ninguém, e somos todos diferentes, com os mesmos direitos e nos amamos, não é lindo? Como as religiões, não é instintivo, não é humano, apenas moral*” (3 out., p. 2). Para o *Folhateen*, abrir-se ao Diferente pode ser abrir-se ao modo de ser oriental, por exemplo, representado por um esporte, o “kendô”, uma luta de espadas que remonta ao Japão medieval; o leitor aprende as origens do esporte, os lugares onde se aprende a praticá-lo e, principalmente, a filosofia que o sustenta: a filosofia do equilíbrio, que ensina a escolher o

caminho do meio, a combater o ego, a viver em harmonia com os chefes, pares e comandados, a amar a pátria e respeitar os ancestrais (cfe. edição de 1º ago., p. 4 e 5).

O jornal, atento à valorização da diversidade, faz uma matéria especial sobre a discriminação de “chicanos” na Escola Americana de Brasília, praticada por filhos de embaixadores, inclusive por alguns de seus colegas brasileiros (5 dez., p. 1). Noutra, informa sobre “índios *teens*”, do Amazonas e do Mato Grosso, e explica cada um dos rituais de iniciação dos xavantes, situando o leitor também em relação às mudanças que surgem quando os adolescentes deixam as reservas para ir à escola, em Manaus. Sem assumir uma posição definida, essa reportagem mostra opiniões divergentes de antropólogos, quanto ao futuro das culturas indígenas. Mas mais importante do que os textos talvez sejam os contrastes visíveis em fotos de índios jovens – um grupo que vai à escola e um grupo de meninos pintados para ritual, na nação xavante – e a informação sobre viagens turísticas às regiões onde vivem esses grupos: tanto o grupo “estranho” como o grupo que se transforma fisicamente, em direção “a nós”, na verdade permanecem estrangeiros e podem ser “visitados” em seu exotismo, através de uma excursão turística (Cfe. edição de 5 set., p. 4 e 5). Além dos índios, os Diferentes podem ser as meninas que jogam futebol no time feminino do Corinthians, a madrinha *teen* dos peões de Barretos, no interior de São Paulo (que se diz virgem mas afirma estar preparada para usar a camisinha na “hora H”), e jovens estrangeiros que deixaram o seu país (os cubanos que vieram numa balsa e numa canoa para o Brasil, por exemplo). Da mesma forma, esse Diferente pode materializar-se em muitos meninos<sup>204</sup> que, conforme registra o jornal, voltam a procurar a vida religiosa; *Folhateen* faz uma ampla reportagem sobre o assunto, fornecendo detalhadas informações sobre as exigências para ingresso em diferentes religiões ou seitas: a formação necessária, o tipo de trabalho que são obrigados a fazer, as restrições quanto à vida pessoal – principalmente sobre divertir-se, beber, namorar (31 out., p. 1).

Essa abertura ao Outro, no sentido considerado neste tópico, inscreve-se na episteme de nosso tempo: todos aprendemos que é preciso respeitar opções de vida diferentes da nossa, olhar o Outro como distinto que é, mas vê-lo em sua condição de igualdade – política, humana, social –, mesmo que muitas vezes, como veremos a seguir, o Outro diferente de nós, por sua situação de pobreza e marginalidade, permaneça na desigualdade, não só pela concretude de sua vida, como pela não-identificação daqueles que somos “nós” com o que são “eles”. Os jovens leitores de *Folhateen* não escapam a esse aprendizado na “formação de si”. Quando se dirigem à seção de “Cartas”, não temem criticar posicionamentos lidos no jornal e manifestam opiniões livremente: podem defender “o amor verdadeiro”, em oposição à proposta inusitada do “amor a três”, feita por alguns entrevistados; fazer críticas moralistas a viciados em álcool; condenar o racismo; podem também concordar com a adolescente que

---

<sup>204</sup> Comparativamente, conforme registra a reportagem, a procura pela vida religiosa é maior entre os meninos (76,6% dos que fazem a opção são do sexo masculino) do que entre as meninas (31 out., p. 1).

tomou a decisão de “*manter-se casta até o casamento*” ou dizer-lhe: “*Fernanda, sexo é natural e saudável. Não seja tão careta*”; ou, ainda, reafirmar o bordão da adolescência dos anos 90: “*O que eu acho certo é as pessoas se prevenirem usando a camisinha e fazendo a coisa bem pensada. A consequência desse ‘sexo seguro’ é nada além de muita alegria e amor*” (29 ago., p. 2). Um dos missivistas resume todo esse aprendizado de abrir-se ao Outro, de quem nos distinguimos: “*Somos todos diferentes. Pensamos e interagimos com o mundo. Uniformizar a sociedade é um objetivo fascista*” (7 nov., p. 2).

Ao mesmo tempo que esse modo de existência novo – pelo qual incorporamos o Outro e afirmamos a urgência de não discriminá-lo – significa um avanço nas relações entre as pessoas e, socialmente, uma conquista efetiva do ponto de vista democrático, não há dúvidas de que também se inscreve em outros aspectos da episteme desta época. Hoje, dispersamo-nos em múltiplas figuras igualmente valorizadas, em nome de um despojamento das grandes verdades, do abandono de uma Razão Universal e da rejeição a qualquer uniformização cultural, de tal forma que esse aspecto da condição pós-moderna, dirigido pelo dogma do *anything goes* (isto é, do “vale tudo”), estaria repassando aos agentes sociais toda a responsabilidade pelas escolhas morais que fizerem, e a única autoridade fosse sua própria subjetividade<sup>205</sup>. Como se essa subjetividade não fosse ela também constituída, igualmente subjetivada, num tempo em que o processo de globalização atinge, como já comentamos, não apenas nossas práticas de consumo, além das grandes regras econômicas e polícias, mas igualmente aspirações, desejos e sonhos de qualquer pessoa comum, conforme registra Canclini (op. cit.).

### C – A “relação consigo” e o interesse pelo mundo político e social

Dos quatro meios analisados, como já referi anteriormente, o caderno *Folhateen* destaca-se por dedicar um espaço proporcionalmente bem maior à informação e discussão dos temas políticos e sociais, num período que coincide com a campanha para a escolha do Presidente, Senadores e dos Deputados Federais e Estaduais, e com a própria realização das eleições. Interessa-me aqui descrever como se constrói um discurso para os adolescentes, em torno desse tema, que não é menos importante do que as questões sobre corpo e sexualidade, tratadas anteriormente. A “experiência de si” faz-se também, como lembra Foucault, pelos modos de constituição do indivíduo como sujeito moral em relação a um conjunto de

---

<sup>205</sup> Esse raciocínio é desenvolvido pelo sociólogo Zygmunt Bauman, citado pelo articulista Cláudio Cordovil, a propósito do livro do crítico marxista Fredric Jameson (*Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*, lançado pela Editora Ática), no texto intitulado “Equação pós-moderna” (Caderno Idéias/Livros, *Jornal do Brasil*, 1º jun. 1996, p. 4). Na reportagem sobre “Filhos Selvagens”, adolescentes que agridem os próprios pais com violência, os especialistas entrevistados fazem referência não só a uma geração de adultos que não sabe colocar limites a seus filhos, como a uma época sem referências sólidas também para os adultos – ou seja, a decisão em relação aos limites não tem apoios externos, fica restrita a valores pessoais, o que debilita ainda mais a ação paterna e materna em relação aos jovens (12 set., p. 3).

atividades sociais, cívicas e políticas. Obviamente, a elaboração de si como sujeito político, numa sociedade como a dos gregos e romanos da Antigüidade Clássica, revestia-se de um sentido e uma função muito específicos: os destinos da cidade grega, como se sabe, estavam diretamente ligados às virtudes de seus chefes, virtudes que eles obrigatoriamente deviam cultivar, através de inúmeros esforços e operações sobre si. Nos anos 90, e num país como o Brasil, em que os jovens são constantemente enviados à memória dos anos 60 e 70, para construir uma referência do que seria “fazer política”, “estar atento às questões sociais do País”, como se tece o discurso da cidadania e da participação nas questões mais amplas da sociedade?

Para fazer a orientação política dos adolescentes que pela primeira vez vão às urnas escolher o Presidente, *Folhateen* cria a coluna “Vote Certo”, assinada pelo jornalista Gilberto Dimenstein, então diretor da sucursal da *Folha de S.Paulo* em Brasília. Ocupando a metade inferior de uma página ímpar – a página três do caderno –, portanto, um espaço bastante valorizado, a coluna divide-se em três blocos: a matéria principal, em que o autor defende uma breve tese de teor nitidamente pedagógico, no sentido de alertar o jovem leitor para as artimanhas da política e da própria campanha eleitoral (por exemplo, o uso que os candidatos fazem dos índices de inflação no País, com as respectivas distorções); o comentário sobre um fato curioso da campanha (como a presença de ídolos de massa na campanha dos diferentes partidos); e o “Patômetro” (um indicador – um, dois ou três ‘patos’ – criado para “*medir a intensidade com que os candidatos tentam transformar o eleitor em pato*”, como esclarece o autor).

Embora os exemplos acima tenham sido retirados da mesma edição (5 set.), pode-se dizer que, no conjunto dos textos de “Vote Certo” – coluna que foi publicada até o dia do primeiro turno das eleições (3 out.) –, o tom principal é dado pelo objetivo de esclarecer o leitor, “*ajudar, através de casos concretos, na reflexão sobre as armadilhas da campanha eleitoral*”, supondo uma verdade inquestionável: “*mentira e eleição andam juntas*”, como diz o jornalista na última edição da coluna, em que são repassadas as principais “dicas” ao leitor, antes de ele colocar o voto na urna. Esclarecimentos importantes, portanto – sobre a diferença dos papéis do Poder Executivo e Legislativo, a relação entre o nível dos parlamentares e a “eficiência da democracia”, a importância de conhecer o histórico do candidato, e assim por diante –, fazem-se acompanhar desse pano de fundo desabonador da política, identificada através de farta exemplificação como o lugar da mentira e do engano. A conversa reservada entre o então Ministro da Fazenda, Rubens Ricupero, e o repórter da TV Globo, captada por antenas parabólicas, mereceu comentários como estes:

*“Mal nas pesquisas, Lula viu aí a chance de tentar dar a virada – usou ao máximo o episódio no horário eleitoral gratuito, como os demais candidatos. Esforçou-se para passar a imagem de vítima, o que costuma atrair eleitores”.*



*“Os três patos desta semana vão para a TV Globo. Ao noticiar a conversa entre Ricupero e um de seus repórteres, omitiu uma frase que envolvia a emissora. Ricupero comentou que a TV Globo usava o real, assim como ele, para ajudar Fernando Henrique” (12 set., p. 3).*

O engano do eleitor, em nossos tempos, tem um forte aliado, conforme o colunista: a possibilidade de os candidatos trabalharem fartamente com imagens. *“Aparências enganam. E trazem votos”*, diz o título da coluna de 15 ago.: *“A eleição é um jogo de imagens – ou seja, de aparências” (...)* *“Veja as fotos dos candidatos em outdoors. Se pudesse vê-los pessoalmente e de perto logo iria descobrir: eles não são tão jovens e esbeltos. Isso é porque, no Brasil, a figura do jovem é muito valorizada”* (p. 3). Essas imagens podem estar relacionadas a símbolos de popularidade, como Tancredo Neves, usado por Fernando Henrique, ou Romário, Zico e Pelé, disputados por vários candidatos: *“Em todas as eleições, os candidatos rastejam pelo apoio dos ídolos populares, como jogadores de futebol”*, esclarece Dimenstein ao jovem leitor. Enquanto critica os diferentes usos que o *marketing* político faz dos recursos de imagem, o próprio jornalista utiliza exatamente a mesma linguagem do mercado para tratar do ato político e cívico do voto; numa das *“onze dicas”* para o leitor votar corretamente, Dimenstein esclarece:

*“Ao adquirir um produto estragado, a única vítima é você. Mas existem saídas rápidas, garantidas nos direitos do consumidor: o vendedor devolve o dinheiro ou entrega um novo produto, sem defeito. Hoje, você estará escolhendo um produto especial. E, por pelo menos dois motivos. Primeiro: não dá para devolver imediatamente. Todos os políticos têm um mandato que deve ser cumprido. Segundo: a escolha errada não prejudica apenas você, mas toda uma comunidade”* (3 out., p. 3).

Nesse tom, o colunista vai analisando a campanha eleitoral, explicando todos os meandros do processo e situando o leitor em relação aos vários usos dos fatos e imagens, pelos candidatos. Seu discurso em geral procura informar *“imparcialmente”*, sem indicar uma escolha pessoal ou manifestar uma determinada posição. Por vezes, porém, o texto trai uma tendência do jornalismo praticado nestes tempos, especialmente por jornais como a *Folha de S.Paulo*: mostrar-se como o lugar da crítica mais completa e como a fonte da verdade mais acabada – neste exemplo, contraposto ao discurso político dos candidatos – além de, no caso da coluna, autorizar-se como *locus* de aconselhamento político-pedagógico (as expressões *“devemos”*, *“cuidado com”*, *“pense bem”* são exemplares em algumas passagens de *“Vote Certo”*). Análises como a de Céli Pinto, sobre o papel da imprensa na construção do discurso da verdade – feita justamente a respeito das eleições de 1994 –, ratificam o que aqui afirmamos:

*“O que me parece particularmente importante considerar neste tipo de análise é a postura imparcial e objetiva reivindicada pelo discurso político jornalístico, o que, conseqüentemente, faz os jornais se colocarem como os que buscam a verdade em confronto com a parcialidade dos discursos partidários e/ou dos candidatos”* (Pinto, 1995, p. 70).

Vejam-se estes trechos da matéria sobre greve e eleições, onde sobressai a idéia de que, para além de todos os abusos e engodos, pode-se encontrar um lugar para “a verdade” – ou seja, o próprio jornal:

*“A greve dos metalúrgicos do ABC, em São Paulo, transformou-se no fato eleitoral da semana. E, como todo fato eleitoral, produziu mentiras e enganações em todos os cantos” (...) “O candidato tucano esforçou-se para relacionar a CUT ao PT e, portanto, com Lula. Traduzindo: quis mostrar que as greves visavam apenas ajudar Lula. Lula não gostou e acusou Fernando Henrique de usar os mesmos argumentos dos militares” (...) “De seu jeito, ele tentou desgastar a imagem do tucano, explorando a greve. A verdade, nesse caso, está no meio do caminho. A CUT acredita que houve perda salarial e, daí, tenta fazer uma greve que considera justa. Mas também sabe que o movimento denunciaria o que considera perda de salários – e, óbvio, visaria desgastar Fernando Henrique” (19 set., p. 3).*

Exatamente no período da campanha eleitoral, *Folhateen* publica uma série de reportagens sobre política estudantil. Desde a primeira, do dia 19 de setembro, faz-se um diagnóstico do assunto, a partir da manchete: *“Entidades tentam romper desinteresse dos estudantes”* (p. 8). Estes, segundo a série de matérias, preocupam-se hoje apenas com *“questões práticas”*, como o valor das mensalidades escolares, a realização de eventos esportivos, passe de ônibus, meia entrada no cinema e nos espetáculos, festas e palestras; em geral, *“não sentem falta do Grêmio”* e criticam o fato de que *“só tem esquerda nas entidades”*. Por seu turno, os líderes, vinculados à UNE e às UBEs, com forte influência de partidos como o PCdoB, PT, PDT e PSTU, revelam que a maioria dos estudantes realmente não participa das entidades. Uma diretora de Grêmio Estudantil de uma escola pública afirma que tentará convidar o apresentador Serginho Groisman para fazer uma palestra, como meio de atrair os alunos. (3 out., p. 6). Na reportagem da semana seguinte, o próprio jornal se encarrega de buscar o depoimento dos astros: falam sobre política estudantil, além do próprio Groisman, os atores Gianfrancesco Guarnieri e Janaína Diniz. Enquanto o leitor tem, no decorrer da série, o máximo de informações sobre o assunto – inclusive com direito a um quadro dos movimentos estudantis pelo mundo –, o termômetro em relação ao problema da não-participação está na seção *“Cartas”*, em que os leitores registram, por exemplo, a reivindicação: *“Queremos uma entidade que seja dos estudantes e não partidária e ridícula como é a UNE”* (17 out., p. 2), ou o recado, também à UNE, de que *“panelinhas partidárias e sonhos utópicos de comunismo já não existem mais”* (21 out., p. 2).

Em agosto e setembro, no tempo próximo das eleições, *Folhateen* destina grande parte de suas matérias ao tema da política, nacional ou internacional. No dia 22 de agosto, mostra jovens fazendo panfletagem para candidatos à Presidência e publica os percentuais de preferência dos *teens* (44% estão com Fernando Henrique; 27% com Lula, segundo pesquisa da Datafolha). Na edição de 5 de setembro, são duas reportagens: uma sobre a primeira passeata de estudantes sul-africanos; e outra sobre adolescentes, filhos de candidatos. Nesta

última, mesmo informando que alguns dos jovens inclusive trabalham com os pais no período eleitoral, o jornal insiste no caráter problemático dessa vivência. E na continuação da matéria, no interior do caderno, aproveita o sucesso na mídia da atriz Camila Pitanga, filha do então candidato a Deputado Federal, Antônio Pitanga, e enteada de Benedita da Silva (que concorria ao Senado), ambos do PT: o espaço maior da matéria é ocupado pela foto da atriz adolescente, de corpo inteiro e em pose sensual (p. 6). Este trecho abre a matéria sobre jovens com pais candidatos:

*“Ser filho de político é, em geral, uma tarefa difícil. Em época de eleição, então, é uma dor de cabeça só./ Se o país inteiro comenta a votação de 3 de outubro, imagine o que acontece com quem mora na casa dos candidatos. Por mais que tentem não se envolver, os adolescentes que têm pais em campanha acabam se metendo e suportando parte da chatice./ São eles que agüentam ver a casa transformada em comitê. Suportam os pais nervosos, eufóricos ou desesperados com resultado de pesquisa” (5 set., p. 1).*

Para a “*geração do impeachment*”, o dia 3 de outubro de 1994, segundo o jornal, não teve a mesma animação do movimento que culminou com a queda de Collor, dois anos antes<sup>206</sup>. *Folhateen* circulou no dia das eleições, mostrando fotos de uma eleição simulada numa escola, o resultado de uma pesquisa feita em São Paulo – segundo a qual 33% dos adolescentes acham que “*nenhum político é confiável*” – e uma matéria com a jovem Cecília Lotufo, que “*virou um dos símbolos do movimento pelo impeachment quando escreveu a palavra ‘fora’ em seu próprio rosto, inventando os caras-pintadas*” (3 out., p. 6) e que hoje afirma: “*Não gosto de dizer isso, mas a verdade é que me decepcionei muito com a política. Por isso não participo tanto*”. Outra menina, Viviane Ângelo, uma das principais líderes do “*Fora, Collor*” de 1992, também confessa sua decepção: “*Muita gente não vai acreditar, mas eu nem tirei o título de eleitor*” (Idem). Na foto, o belo rosto de Cecília Lotufo, posando com o pano preto usado nas passeatas pelo *impeachment*. Ou seja: ao mesmo tempo que fornece todas as informações e orientações para o leitor cumprir o ritual do voto como convém, ao mesmo tempo que cobre suas páginas de reportagens e debates sobre o tema da política, *Folhateen*, fiel aos imperativos do meio e da episteme de seu tempo, parece valorizar preferencialmente imagens e impressões, no caso, referentes ao desânimo dos jovens; parece ressaltar, bem mais do que as razões e roteiros do ato cívico de votar, a beleza da menina, o mesmo rosto que em 92 pintou-se e foi reproduzido em capas de revistas e inúmeras imagens de televisão, transformando-a em “*musa*” do *impeachment*, da mesma forma que faz com as pernas e o olhar malicioso da atriz Camila Pitanga.

No tratamento dos problemas sociais que supostamente mais interessam ao público leitor de *Folhateen* – violência dos torcedores jovens nos estádios de futebol, consumo e

---

<sup>206</sup> O caderno mostra números que confirmam o desânimo dos “*caras-pintadas*”; no Estado de São Paulo, por exemplo, em 1989 houve mais eleitores com 16 e 17 anos do que em 1994. Em 1989, eram 660.134 eleitores com 16 e 17 anos; em 1990, 496.980; em 1992, 630.994; e em 1994, apenas 363.516 (3 out., p. 1).

tráfico de drogas, vida e morte de menores de rua, por exemplo –, o jornal repete uma estratégia que constatamos na análise do *Programa Livre*: dá-se visibilidade aos pobres e marginalizados em ocasiões especiais, como o Dia da Criança e o Natal. Exatamente como fez o programa de Serginho Groisman, *Folhateen*, nessas duas datas, publica reportagens especiais com meninos de periferia. Na edição do dia 10 de outubro, um menino de 12 anos (Fábio dos Santos Macedo), morador de uma favela na Zona Sul de São Paulo, recebeu do jornal uma máquina fotográfica e aprendeu a usá-la para registrar as imagens de seus irmãos, a mãe, o padastro e alguns amigos. Ele escreve um artigo para o jornal, num texto crítico a uma sociedade que abandona seus pobres, tecido ao mesmo tempo de todos os clichês do senso comum, incorporados pelos grupos marginalizados

*“O Dia da Criança é muito bom. Especialmente para nós. Somente nesse dia, as pessoas do Brasil pensam em nós. O Brasil precisa melhorar porque as crianças sofrem cedo. Crescem e ficam revoltadas. Vou falar de minha vida. Sou pobre, mas tenho saúde, que nada nesse mundo compra. Eu tenho saúde e amor, que é bom para todos os que vivem na Terra e no reino dos Céus. O Brasil tem que melhorar os direitos do povo e das crianças que vivem nas ruas e viadutos. Tem que melhorar o Brasil, para ter paz e menos violência”* (10 out., p.1).

Convidados pelo jornal também para fotografar, dois adolescentes de 8ª série – um estudante de escola tradicional particular e outro de uma escola pública de periferia de São Paulo – aparecem com o resultado de seus ensaios sobre o Natal em duas páginas inteiras da edição do dia 19 de dezembro: nas fotos e nos textos dos meninos, o registro da radical distância de dois mundos sociais – também aqui, a mesma estratégia usada no *Programa Livre*, quando Serginho Groisman e sua platéia entrevistam uma *socialite* e um animador cultural de favela, no Rio de Janeiro. Enquanto o menino rico fotografa árvores de Natal e cenas de *shopping centers*, escrevendo que “*família não tem cor, raça e muito menos classe social. Família é sempre, e acima de tudo, a família da gente*”, o garoto da periferia publica imagens de desabrigados e vendedores ambulantes, e lembra: “*para os que não podem nem ao menos sobreviver direito, o Natal é um feriado como outro qualquer*”. Ambos, segundo o jornal, não são muito “*chegados no lado consumista das festas de fim de ano*” e dizem que a melhor parte do Natal é “*ficar em casa se divertindo com a família*” (p. 4).

Na seção “Cartas”, alguns leitores às vezes reclamam do elitismo do jornal, como a menina de 13 anos que escreve: “*A maioria das reportagens parece ser direcionada para playboys e burguesinhos*” (24 out., p. 2), ao que a redação responde, contestando: “*Veja a edição de hoje*”, coincidentemente a que traz uma longa reportagem sobre os sobreviventes da chacina da Candelária no Rio de Janeiro, quinze meses depois. Nessa matéria, um rapaz de 18 anos, Rogério, e uma adolescente, de 17, revivem a violência (ela diz ter ficado marcada por uma imagem apenas: “*Só lembro dos corpos...*”), falam do presente (ela está grávida de Rogério, que já tem uma filha, além de ambos terem adotado um menino) e dos sonhos para o

futuro (ela, conhecer a Disneylândia e o Havaí; ele, mudar-se para a Austrália, porque “*lá os caras não têm como me pegar*”) (24 out., p. 1 e 3).

Os dois mundos sociais focalizados pelo jornal mesclam-se nas matérias só através de uma atividade proposta aos meninos (a fotografia), que acaba por acentuar as diferenças; aparecem como mundos radicalmente separados, na reportagem sobre a chacina no Rio de Janeiro (os sobreviventes se vêem tão fora desta sociedade que, concretamente, sonham desaparecer do País); mas as duas realidades sociais se unem, efetivamente, quando se trata de dois tipos de violência: o abuso sexual, para as meninas; e as agressões e mortes envolvendo torcidas de futebol, para os meninos. Nesses casos, as vítimas pertencem a todas as classes sociais, indiscriminadamente. Para explicar a violência nos estádios, que em várias ocasiões resultou inclusive em morte, *Folhateen* recorre aos especialistas. A professora de Psicologia Clínica da USP, Tânia Tofolo, interpreta: “*Esses jovens precisam arrumar inimigos para auto-afirmar uma superioridade fantasiosa. No meio da torcida eles encontram identidade*” (14 nov., p. 1). Quanto ao abuso sexual, normalmente praticado contra as mulheres jovens (de cada dez, sete têm menos de 18 anos) e em cinquenta por cento dos casos dentro da própria família, todos os médicos, psicólogos, policiais e juristas consultados afirmam: ocorre igualmente em todas as classes sociais: “*É preconceito achar que a violência sexual é predominante nas camadas mais pobres. Ocorre igual para ricos e pobres*”, conforme explica à reportagem a psicóloga Marina Spinelli (12 dez., p. 1).

Diante de outro tipo de violência, como a provocada pela guerra entre traficantes de drogas, também essas duas extremidades sociais se unem, seja porque há consumo de drogas em todas as classes, seja porque, no caso do Rio de Janeiro principalmente, os tiroteios e chacinas podem atingir pessoas de todos os níveis sociais. Em pelo menos duas reportagens, o caderno jovem da *Folha de S. Paulo* divulga o envolvimento de adolescentes de classe média e alta, no Rio e em São Paulo, trabalhando como voluntários em projetos sociais, junto a favelas ou a gangues de rua.

Os leitores de *Folhateen*, no que se refere às preocupações com a formação do cidadão – no sentido de sua atuação política, cívica, voltada para as questões sociais mais amplas –, aprendem basicamente que o mundo da política, *stricto sensu*, lhes apresenta um sujeito político afastado dos problemas concretos, das privações, violências e expectativas vividas pelas minorias de todas as classes. O exercício do voto, mesmo incentivado por um conjunto detalhado de informações, acaba sendo visto como vazio de significado para o jovem eleitor, mais ainda quando este é colocado diante do excesso de *marketing* político que o próprio jornal lhe desvenda, entre outras informações, as quais reforçam o caráter “negativo” do mundo da política. Da mesma forma, o modo como são apresentados os problemas sociais, ligados às profundas cisões entre ricos e pobres no Brasil, expõe uma sociedade que

efetivamente não integra a si mesma esse Outro marginalizado: ele continua objeto de curiosidade, de diferença distante, embora plenamente visível no cotidiano das pessoas e das cidades em todo o País. Ao responder à sua leitora: “*Veja a edição de hoje*”, a redação de *Folhateen* parece aliviar-se de uma culpa, relacionada com o modo de ser de uma classe privilegiada, que tem voz todas as semanas nas páginas do caderno.

#### IV – AS ENUNCIÇÕES FALAM DOS CORPOS

Simultaneamente ferramentas e positivities do poder, os discursos produzem sujeitos sociais e são na mesma proporção produzidos – por eles e pelas práticas das quais tais sujeitos se fazem agentes, no interior das mais variadas formas institucionais. Na análise do caderno jovem da *Folha de S.Paulo*, o jogo entre as enunciações que partem do mundo adulto, em direção aos jovens, e as que se produzem do ponto de vista destes, parece indicar modos muito particulares de “relação consigo”, propostos a adolescentes de ambos os sexos – mesmo que diferenciadamente para cada um deles. A seguir, apresento uma síntese dessa discursividade do e para o adolescente, presente nas páginas do jornal analisado:

- Mesmo ocupando proporcionalmente um espaço físico menor, em relação ao que tem nas páginas da revista *Capricho* ou nos episódios de *Confissões de Adolescente* e nos debates do *Programa Livre*, o tema do sexo adquire uma força significativa em *Folhateen*, pela pungência das palavras adolescentes, no texto das cartas dirigidas à psicóloga Rosely Sayão. Confessado, exposto publicamente, o “grande segredo” adquire densidade e se faz sempre mais imprescindível nessas vidas jovens – como o é para todos nós. Transpassado pelo instinto de morte, o sexo hoje aparece quase sempre nessa condição limite: tornou-se tão importante, como afirma Foucault, que por ele podemos morrer. Esses dois movimentos, como o dizem os textos analisados, acontecem simultaneamente: a incitação à confiança de nossas misérias e apetites, negações e sonhos, prazeres e privações, sublinha o sexo como valor, na mesma medida em que propicia a proliferação dos discursos de vigilância e orientação, hoje marcados pela ameaça da morte. A complexidade em que se transformou o assunto do sexo – exigindo a concentração de esforços por parte de todos os saberes e ciências –, reduz-se a um pequeno gesto, como solução para os problemas (doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce): usar o preservativo. Ora, é exatamente esse o lugar da resistência dos jovens. Eles são cercados de todos os lados, são pesquisados, transformam-se em números e quadros estatísticos; criam-se para eles todas as organizações institucionais, oficiais ou não-governamentais, acadêmicas ou jornalísticas, médicas ou psicológicas – tudo para que o sexo não os faça morrer. A camisinha transforma-se no objeto principal, quase um ícone, relacionado a um cuidado legítimo que, entretanto, de tanto ser afirmado como absolutamente necessário pelo mundo adulto, é negado pela maioria dos adolescentes.

- Como se respondesse a essa resistência, o jornal publica todas as novas formas de se obter prazer sexual – sem necessidade da camisinha, inclusive –, mapeando para o adolescente modos de ele relacionar-se consigo mesmo, com seu corpo e seu desejo. O computador e a comunicação via Internet, o adiamento da perda da virgindade, os “treinos” com parceiros sexuais, sem relação genital, por exemplo, são discutidos mais em função de uma necessária mudança de comportamento do que efetivamente em função do prazer e da felicidade pessoal. Eu diria que o segredo maior talvez seja não o sexo, genericamente considerado, mas o prazer ou o gozo – do qual se fala raramente nos materiais dos quatro meios analisados, ainda mais se considerarmos os depoimentos dos meninos e meninas. O que se acentua são os cuidados, a tranquilidade, o auto-conhecimento, a investigação do corpo – de cada um e dos respectivos parceiros sexuais.
- Nesse sentido, emerge o poder “curioso” dos adultos – educadores, médicos, psicólogos, ginecologistas, associados estrategicamente aos comunicadores da mídia. Seu prazer é desvendar toda essa ignorância, todo esse desleixo, todo esse despreparo para a vida e toda a necessidade de ajudas e esclarecimentos, os quais, legitimamente, só eles (adultos) poderão oferecer-lhes (aos adolescentes). Nessa relação desigual, e diante da ameaça da doença e da morte, todas as estratégias são válidas. Como nos presídios descritos por Foucault, aqui também precisam ser cooptados para atuar como vigilantes os próprios pares dos sujeitos a serem disciplinados: nas matérias, testemunham jovens voluntários que multiplicam os saberes adultos, participando dessa educação para a sexualidade responsável e segura. Outra forma de conseguir a adesão do alvo desse discurso é o uso da linguagem agressiva, direta e irônica, a palavra que brinca com o medo e a dúvida do adolescente – como o faz Rosely Sayão em suas respostas. Nos dois casos, a revelação da sexualidade adolescente é duplicada: na voz do colega que se investe de autoridade e na voz do especialista que situa científica e terapeuticamente a palavra confiada.
- A abertura do jornal às confissões sexuais dos adolescentes expõe efeitos da construção social das relações de gênero. As meninas aparecem identificadas por um discurso da negação, da falta, da inferioridade, da vergonha e do medo. Elas se expõem sobretudo em sua ignorância. A própria modalidade enunciativa – a carta é de confissão e consulta, não de troca de experiências, por exemplo – conforma os textos das adolescentes. De qualquer maneira, comparando-os aos dos meninos, mesmo que estes também expressem suas incertezas e ignorâncias, não deixam de expor o modo distinto como sua identidade foi construída: seu discurso é o da potência ou da impotência, e é assim que têm dúvidas sobre as muitas ereções, a vontade de “*transar três vezes no mesmo dia*” e assim por diante. Ambos, porém, têm culpa e desejo, ambos deixam-se subjetivar por essa indagação interminável sobre a própria sexualidade.

- É sobre o corpo, essa realidade bio-política – como o chamou Michel Foucault –, que se inscrevem todas as histórias, todas as lutas, todos os poderes. A sociedade controla seus membros operando sobre o corpo dos indivíduos, sobre essa materialidade física irreduzível, bem mais do que operando sobre consciências, mentalidades ou ideologias. O mesmo corpo para o qual a medicina tem todas as recomendações de higiene e cuidados, aparece, nas cartas dos adolescentes ao médico da coluna “Saúde”, como o lugar da necessária transformação estética, como se sempre devesse tornar-se outro. O exemplo são os astros da mídia, que acrescentam ou retiram gorduras, que alteram cor de pele, cabelo e olhos. O processo incessante de controle-estimulação, que se faz em relação ao sexo, também se faz especificamente ao modo de tratar o corpo. Oferecem-se portos de chegada, de prazer ou de beleza, no corpo de modelos e personalidades do espetáculo; colocam-se à disposição todos os recursos técnicos para que essa travessia possa ser realizada; e se produzem saberes especializados tanto para esse mesmo fim como para o correspondente controle. O médico, em *Folhateen*, classifica os exageros e as normalidades dos desejos em relação às transformações do corpo; para ambos, a indicação de especialistas, que ou realizarão os desejos ou tratarão dos desvios.
- Se as modalidades enunciativas (cartas de consultas, apresentação e exploração de dados estatísticos, enquetes) produzem determinadas enunciações, por parte dos adolescentes, é certo também que direcionam o texto do jornal e dos especialistas escolhidos para dar as respostas ou para trazer a palavra científica autorizada sobre o assunto. Propiciar o esclarecimento, informar, orientar, promover o debate – funções tipicamente do campo da educação – têm ampla acolhida na mídia, que assume, junto a uma multiplicidade de instituições e organizações, privadas ou públicas, o papel de conduzir o jovem, ameaçado pelas drogas, pela AIDS, pela gravidez precoce e pelo aborto. Quanto mais a mídia e seus peritos assumem as rédeas desse processo de esclarecimento, mais as instâncias da família e da escola – presentes de maneira significativa apenas em um dos materiais aqui analisados (*Confissões de Adolescente*) –, aparecem subalternamente, ou se fazem quase ausentes.
- *Folhateen* anuncia uma mudança, mesmo que tímida, no comportamento dos meninos: eles aparecem esporadicamente em papéis ou formas típicas do que se convencionou chamar feminino (na cozinha, vestidos de saia ou enfeitados com brincos, confessando a virgindade, por exemplo). Mas, ao falar de beleza adolescente, o foco continua sendo a mulher, e claramente subordinado ao olhar masculino, dos meninos ou dos estilistas. A sujeição da mulher em relação à obrigatoriedade de ser magra e bonita – como desenvolvi detidamente na análise da revista *Capricho* –, na realidade desdobra-se em pelo menos mais duas sujeições: operar transformações sobre o próprio corpo significa sujeitar-se à



aceitação ou negação desse mesmo corpo pelo homem e, ainda, exercitar-se na afirmação da beleza interior.

- Chamados a definir-se em relação a um Outro básico – a geração de seus pais, exatamente aquela que marcou época pela revolução nos costumes e pela intensa participação política e social –, os adolescentes das camadas médias e dos anos 90, conforme aparecem nas páginas de *Folhateen*, não relutam em se classificar como “caretas”, “individualistas” e “adaptados”. Em compensação, abrem-se a todos os Diferentes, à pluralidade de adolescências – negros, índios, estrangeiros, religiosos, esotéricos – que a própria mídia se encarrega de mostrar-lhes. Convém assinalar que esse movimento de abertura a tudo e a todos tem ainda a marca fundamental de colocar como referência principal aqueles sujeitos que, para a sociedade, seriam os “normais”, em relação aos quais se denominam e se identificam os Diferentes: ou seja, os verdadeiros adolescentes seriam os brancos, de classe média urbana, os leitores típicos da *Folha de S.Paulo* e do *Folhateen*. Ao mesmo tempo, esse traço da cultura de nossa época – a tendência quase indiscriminada a “aceitar tudo e todos” –, mesmo com a radical clivagem de classe, parece coincidir com uma ausência de limites e critérios, de tal forma que a cobrança à responsabilidade privada sobre todas as opções éticas, por exemplo, se tornaria cada vez mais exacerbada.
- No momento em que o mundo mais amplo das relações sociais passa a ter interesse para os jovens – e, especificamente no período aqui considerado, em que é convocado às eleições políticas – essa atividade é incentivada, pormenorizadamente esclarecida, ao mesmo tempo que mostrada em sua recente desvalorização. A constituição do adolescente como sujeito político, assim, faz-se pela própria negação de um campo de atividade (a política), e pela afirmação de que o lugar da consciência, da informação e da verdade estaria nos próprios meios de comunicação, principalmente naquele jornal.
- A informação sobre as dissimetrias de classe coloca o leitor adolescente das camadas privilegiadas diante da radical distância de dois mundos sociais. Adolescentes pobres, moradores da periferia das grandes cidades, embora apareçam nas páginas de *Folhateen*, são expostos em sua excepcionalidade, em relação aos adolescentes de classe média e alta, leitores-padrão do jornal: merecem visibilidade apenas em datas muito específicas. No entanto, quando o tema é a violência, a distância entre pobres e ricos toma outros contornos, como no caso do abuso sexual, comum em todas as classes, ou no caso das agressões em estádios de futebol e na guerra envolvendo o tráfico de drogas, problema que atinge diretamente moradores de favelas e jovens das camadas altas da sociedade. Da mesma forma que vimos na análise do *Programa Livre*, também aqui afirma-se a estranheza diante desse Outro marginalizado ou mesmo do jovem estudante das camadas populares, basicamente a partir das informações sobre uma sociedade e um poder público

que reforçam e alimentam as injustiças sociais; resta ao jovem de classes privilegiadas “saber” dessa realidade e, em alguns casos, passar a interferir nela a partir do modelo de ação filantrópica ou assistencial, aprendido nos colégios particulares de orientação religiosa.

- No conjunto dos textos de *Folhateen* observa-se, finalmente, que a construção de uma identidade jovem, proposta por esse meio de comunicação, efetivamente diz respeito a modos de “relação consigo” que atingem direta e radicalmente os corpos de meninas e meninos. É esse o “sítio” concreto da constituição de si, que vejo manifestar-se em três lugares principais: a) nas enunciações desses mesmos adolescentes, quando testemunham fatos ou sensações, quando manifestam opiniões e críticas, quando, principalmente, escrevem para os especialistas e confessam sua condição de ignorância e medo, curiosidade e desejo; b) nas enunciações dos peritos do jornal ou por este chamados a orientar e a explicar os problemas e as inclinações dessa juventude, insistentemente classificada, nomeada e distribuída em seus modos de ser; c) finalmente, nos próprios fatos narrados a respeito dessa geração, e nos temas escolhidos para polêmicas e debates. Sempre, ininterruptamente, necessariamente, os textos estão a falar de corpos que se transformam, que se angustiam pelas mudanças incitadas, que são violentados, que vivenciam prazeres, que se arriscam à destruição, que se constituem homens e mulheres, que sofrem abusos, que amam e morrem. É dos corpos e dos sexos que indefinidamente se fala e é sobre esses corpos que se debruçam especialistas de todas as origens, os quais se erigem a si mesmos como senhores da palavra verdadeira e do lugar fundamental da educação e da urgente orientação de meninos e meninas colocados na posição de população em constante perigo. Mas é também nos corpos que se inscreve o movimento oposto de afirmação de si, a partir das próprias incitações e obrigações que os múltiplos poderes sinalizam aos indivíduos, como coisas desejáveis. Dito de outro modo, a afirmação adolescente a respeito do adiamento da perda da virgindade (e que existe simultaneamente à busca do prazer, independente de doenças, gravidez ou morte) não estaria – como Foucault já anunciava no antológico debate com Bernard Henri-Lévy, “Não ao Sexo Rei” – falando do fim da monarquia do sexo, em direção a um polimorfismo de prazeres, como meta para a vida cotidiana das pessoas?

## CONCLUSÃO

---

Nas páginas finais da Proposta de Tese, há exatos dois anos, tomei emprestada uma reflexão de Nietzsche sobre a aventura intelectual: os pensadores atiram flechas no vazio, até que outros pensadores a recolham, para estes também as enviarem em novas direções. Foucault, o autor que escolhi para conduzir todo este trabalho, mais do que ninguém, como o diz Deleuze, transformou radicalmente tudo o que recebeu. É como se Foucault estivesse a sugerir, com isso, que suas palavras e invenções filosóficas nos devam deixar livres, porém não menos compromissados. Afinal, por que também nós, na situação de pesquisadores da cultura de nosso tempo, não apanharíamos suas provocativas setas, tão radicalmente inquiridoras do momento presente, se elas anunciavam um modo original de compreensão das palavras e das coisas? Estudar tanto o banal como o insólito, fazer a “história dos conhecimentos imperfeitos” – esse convite está em cada página de sua extensa obra, em que discursos e visibilidades, se não foram jamais alçados, pela análise, à condição luminosa das “manhãs festivas”, também jamais permaneceram na situação morna das “opiniões médias”: tratados a partir de sua radicalidade histórica, eles foram rigorosamente descritos, através da criativa articulação entre as coisas ditas, as práticas que lhes são correlatas e as relações sociais daí derivadas.

Neste trabalho, busquei reconstruir, a partir de alguns textos da mídia – material, certamente, banal e bem pouco “nobre”, mas de uma complexidade por vezes perturbadora –, um discurso sobre a adolescência brasileira deste final de século, descrevendo como se constrói uma rede de poder sobre os jovens e como, no interior desse processo, se produzem e circulam vários saberes correspondentes. Agora, trata-se de sintetizar os achados da investigação, cuja hipótese afirma que, em nossa cultura, os meios de comunicação efetivamente participam da construção de sujeitos – no caso, sujeitos adolescentes –, diferenciando-os basicamente por classe e gênero e propondo-lhes uma multiplicidade de normas, regras e práticas, necessárias a determinados modos de “relação consigo” – a qual deveria por esses caminhos ser transformada ou mesmo produzida, principalmente no que se refere a dois problemas centrais deste fim de século: a sexualidade e a ocupação com o próprio corpo.

Comprova-se neste trabalho o quanto os discursos efetivamente funcionam como “elementos ou blocos táticos no campo das correlações de força”, o que talvez explique a presença de “discursos diferentes e mesmo contraditórios dentro de uma mesma estratégia” (Foucault, 1990a, p. 97). Isso está presente em cada momento da análise feita e nesta síntese das conclusões – as quais já foram adiantadas ao final de cada capítulo da Segunda Parte –, organizada segundo os principais tópicos em que se desdobra a hipótese.

## I – CAMPOS DISCURSIVOS EM LUTA

De dentro dos discursos analisados, apreende-se um jogo de poder que coloca em evidência – ora estrategicamente solidários, ora francamente divergentes – campos de saberes e práticas, basicamente da medicina, da psicologia, da publicidade e do *marketing* que, no espaço da mídia, disputam a hegemonia na definição de modos de existência adolescente, dos problemas que esse grupo enfrenta e das formas desejáveis de resolvê-los. Mais do que isso, poderíamos dizer que um complexo feixe de relações – entre aqueles espaços institucionais, os processos econômicos e sociais vigentes e um conjunto de formas de comportamento – permite o aparecimento desse objeto de que nos ocupamos aqui: o discurso sobre um adolescente em perigo, cuja imagem de beleza e juventude é desejada quase como valor absoluto, ao mesmo tempo que se cria a seu respeito uma rede de poder e saber, que se tece basicamente em nome da vida.

Assim, na construção da imagem de uma adolescência equilibrada e ideal – que, para isso, precisa ser domada, normalizada –, quem está autorizado a dizer a palavra verdadeira, a fazer diagnósticos científicos, em princípio são as autoridades da psicologia e da medicina. Todos os enunciados sobre o “sexo seguro” ou sobre o “sexo perigoso”, por exemplo – e que correspondem às novas práticas de relacionamento sexual entre jovens, às concepções sobre a perda da virgindade e assim por diante –, são respaldados, de um lado, pelo texto da psicóloga ou da psicanalista (em geral são mulheres que falam desse lugar) e, de outro, pela fala do médico especialista (sobretudo o ginecologista homem). Esses discursos são mediados – e quase sempre assumidos – eventualmente pela família e, insistentemente, pelos representantes do próprio campo enunciativo em questão: os profissionais da mídia e os astros que nela circulam.

Algumas tendências, nesse sentido, são apontadas pela análise: em primeiro lugar, quando a família é o centro – no caso do que é proposto pelo seriado *Confissões de Adolescente* –, os discursos terapêutico e preventivo da psicologia e da medicina misturam-se na privacidade da relação entre pais e filhos, de tal modo que as práticas da ciência, diríamos, tornam-se “afetivas”, íntimas e indispensáveis. A família, portanto, é subordinada à palavra autorizada dos peritos, para gerir a vida de seus adolescentes em risco. E, no caso do seriado, esse conjunto de pais e terapeutas se afirma suficiente e forte, negando-se qualquer

participação de um outro campo institucional, tradicionalmente importante na formação dos mais jovens: a educação escolar. Aliás, a aliança pai/irmã-mais-velha/médico/psicóloga é tanto mais sólida quanto mais se depreciam professores e psico-pedagogos. Estes são mostrados bem distantes do lugar da verdade liberal, da boa e consistente informação, da liberalização responsável dos costumes, da afetividade esclarecida, dados por aquela aliança. O seriado responde a uma valorização que renasce entre os próprios jovens, com respeito à vida em família e aos próprios sonhos de casamento e vida adulta, em oposição aos valores de autonomia e liberdade, que se tornaram bandeira de inúmeras lutas na geração de seus pais.

Em segundo lugar, a desvalorização da instituição escolar, aliada à ausência da família (nos demais textos analisados), coloca em evidência o campo da comunicação de massa não apenas como veiculador de diferentes discursos ou fonte básica de entretenimento das pessoas, mas como lugar por excelência da informação educativa. Embora alguns valores básicos da formação das novas gerações, de fato, continuem emanando dos espaços tradicionais da família, da escola e mesmo das instituições religiosas, o fato é que há uma transformação nessa rede de poderes, dada pela penetração cada vez mais intensa dos *media*. É como se tivéssemos atingido a mais alta sofisticação das estratégias do bio-poder: não só nos ocupamos da vida inteira das populações, mas contamos, para isso, com uma tecnologia de comunicações que multiplica informações médicas, modelos de tratamentos de saúde, técnicas cotidianas de cuidados com o corpo. Formar, ensinar, orientar são ações que transbordam de seus lugares tradicionais, sendo assumidas explicitamente pelos *media*, através de uma infinidade de modalidades enunciativas, cuja característica principal é a publicização de fatos, pessoas, sentimentos, comportamentos. Meninas e meninos adolescentes, assim, são hoje um “problema” médico que ultrapassa os fóruns tradicionais, problema que se discute, prioritariamente, nos meios de comunicação ou, pelo menos, com sua indissociável participação. A privacidade tornada pública constitui-se uma das marcas destes tempos e coloca o campo dos meios de comunicação numa posição bastante privilegiada.

Nesse processo, elege-se a informação como o valor máximo, e isso é reiterado por vozes de diferentes espaços institucionais, mas sobretudo de dentro dos próprios produtos oferecidos pela televisão, jornal ou revista. Não se trata apenas de ter o privilégio dos canais mais dinâmicos de transmissão de dados, opiniões e imagens; trata-se de reivindicar para si o discurso verdadeiro, como se, com os recursos disponíveis de abarcar todas as palavras e fatos, a mídia pudesse selecionar, ordenar e sintetizar a informação necessária ao público, facilitando-lhe o acesso à verdade. Isso é válido tanto para a orientação política (o jornalista ensinando como “votar certo”, por exemplo) quanto para a educação sentimental da espectadora de *Confissões de Adolescente*, ou para o aprendizado de como vestir com estilo uma calça *jeans* ou de tratar um cabelo rebelde, no caso das leitoras de *Capricho*.

Firmando-se como o lugar por excelência da verdade, a mídia não prescinde, porém, do discurso científico, que só faz reforçar essa qualidade; não importa tanto o que é dito pelo físico, pelo geólogo ou pelo médico especialista: importa que ele apareça no jornal ou na tela da televisão e explique as tragédias, as doenças ou os quadros estatísticos das inúmeras pesquisas constantemente divulgadas. Seu rosto, sua voz e o crédito sinalizador da especialidade científica são suficientes. A edição final obviamente não é dele, é da redação do telejornal, da editoria da revista ou do roteirista do seriado de ficção. No caso da revista *Capricho*, chega-se a um aprimoramento dessa estratégia: os especialistas são consultores e já não assinam as respostas às leitoras. O próprio meio sintetiza a verdade científica, o que produz certamente uma transformação tática dos enunciados médicos e de saúde pública, por exemplo. Nesse jogo de forças, vê-se que, por mais que se multipliquem as especialidades em todas as áreas de conhecimento, o movimento oposto – da invasão das particularidades, da explosão da informação e da popularização do científico – acaba por conferir um poder especial aos meios de comunicação: neles, afirma-se e nega-se ao mesmo tempo a verdade científica, já que ela é transformada constantemente segundo os cânones e códigos dos *media*, os quais certamente estão bem mais próximos das pessoas, com a vantagem do consumo fácil e imediato. A tendência apontada por Canclini, como vimos na Introdução, de que as perguntas mais simples dos cidadãos estejam sendo respondidas pelo consumo privado não só de bens materiais como de produtos culturais criados e divulgados pela mídia, evidenciou-se a cada passo da análise aqui feita: os adolescentes se dirigem aos peritos da mídia como depositários que são de um saber que agora se multiplica e pode ser distribuído numa escala inimaginável.

Mas, como vimos aqui, esse discurso – da mídia sobre a adolescência – jamais poderá nem deverá ser visto nessa única relação, e sim na multiplicidade e complexidade de elementos, de outros campos, que aí entram em ação: define-se psicologicamente o adolescente, reafirmando as características de uma idade e, de modo especial, as novas formas de experimentação do sexo e do desejo; a medicina, mais do que nunca, explicita as transformações físicas, a prevenção de doenças, os cuidados estéticos, as regras dos regimes e dietas; as normas familiares não deixam de ser enunciadas; e novos saberes se multiplicam, como o das práticas esportivas e de condicionamento físico, da cosmetologia, da moda, da formação de modelos para a publicidade, e assim por diante. São essas relações que atuam no discurso da mídia sobre a adolescência e a juventude, e somente a partir dos cruzamentos que aí se dão é possível defini-lo, especialmente quanto à função “formadora” das gerações mais jovens, aqui discutida.

## II – O “ETHOS PEDAGÓGICO” DA MÍDIA

Em que consiste, segundo o material analisado, o caráter “pedagógico” da mídia? Primeiramente, uma observação e uma digressão. Talvez se possa dizer que o papel assumido

desde o final do século XIX pelo professor – o de “*bio-maestro*”, como o chamou o pesquisador Dave Jones em “La genealogia del professor urbano”(In: Ball, 1993) – fez escola e passou a ser sido assimilado com competência pelos profissionais dos meios de comunicação. Ocupado com o exemplo moral, proponente de “técnicas éticas”, esse “bio-pedagogo”, perfeitamente afinado com os objetivos de uma sociedade que precisava ordenar uma população em franco crescimento demográfico, tornou-se sujeito e objeto de um dispositivo de poder-saber. Ao lado de médicos, funcionários higienistas e psicólogos, o professor do início do século, normalmente do sexo feminino, aprendeu um papel mais de educador moral do que de provocador do conhecimento e do desenvolvimento da inteligência das crianças e jovens – papel de que até hoje não desvencilhou e que impregna cada prática pedagógica, não só com os alunos mas consigo mesmo, na própria formação para o exercício do magistério, como tão bem o descreve o estudioso Jorge Larrosa, no texto “Tecnologias do eu e educação” (In: Silva, 1995).

Na atuação “pedagógica” da mídia com o público, no caso, o público adolescente – isto é, na atuação de seus enunciadores principais, como os animadores de programas e os personagens principais das narrativas de ficção em TV, os colunistas de revistas e jornais; ou das diversas modalidades de comunicação de cada meio –, já não podemos falar de uma relação vertical, de sujeitos falantes, de um lado, e de sujeitos pura e unicamente receptores, de outro. Cada vez mais, como nas práticas da pedagogia escolar, o mundo adulto dos meios de comunicação empreende uma sofisticada mediação das relações do público consigo mesmo. Ou seja, o que estamos chamando de ‘pedagógico’ aí diz respeito exatamente a esse convite que se faz, continuamente, de o menino e a menina adolescente voltarem-se para si mesmos, a cada debate na TV, a cada teste de auto-conhecimento na revista feminina, a cada resposta da psicóloga ou do médico aos consulentes do sexo e do cuidado com o corpo, a cada cena de reflexão de si no seriado ficcional. Nem alunos silentes, nem leitores ou espectadores passivos; pelo contrário, sujeitos ativos, sujeitos falantes. Trata-se de agir, sobretudo agir em direção a si mesmo. Privilegia-se aqui um dos modos de “governamentalidade” de que nos fala Foucault: o governo de si e por si, mas fortemente articulado à relação com um Outro; neste caso, os enunciadores da mídia.

Fazer a “experiência de si”, hoje, na relação de um público específico (os adolescentes) com os meios de comunicação, é, portanto, mesmo que assistematicamente, mesmo que sem nenhuma regularidade, não deixar de atentar para todas as normas, todos os exercícios, todos os cuidados que se oferecem, num conjunto discursivo cuja característica principal é, como tão bem nos acostumamos a ver na tradicionais práticas escolares, a busca permanente do equilíbrio, da medida e principalmente da destruição das contradições. Um modo “politicamente correto” de enfrentamento da vida é proposto cotidianamente na mídia; nada foge a essa regra geral, inclusive quando se trata das próprias dissimetrias sociais:

sempre se ouvem os dois lados, cada um tem suas razões, cada um tem valores que inclusive podemos aproveitar, tudo parece válido, desde que não se faça de extremos nem de radicalismos. Diferentes lições de equilíbrio são aprendidas nos materiais que analisamos: equilíbrio como harmonização dos contrários (*Confissões de Adolescente*); ou como ordenamento de uma infinidade de informações dispersas – sempre mostradas em sua necessária variedade de pontos de vista (*Programa Livre*). No primeiro caso, o núcleo familiar é a referência da atitude moderada; no outro, o apresentador de TV mostra-se como o lugar da medida. Isso ocorre também na revista *Capricho*, em que os conselhos sobre como vestir-se, por exemplo, freqüentemente aliam estilo e equilíbrio, proporções do corpo e roupa adequada. O mesmo vale para as regras de boa convivência familiar ou para a condução do namoro.

Cada vez mais parece que nos afastamos da idéia de uma juventude transgressora e rebelde, que é substituída por outra, cultuadora do belo corpo, consumista, falante, responsável, esclarecida, equilibrada – qualidades sempre referidas à memória de um discurso feito mito, dos jovens que revolucionaram os costumes e a política, nos anos 60 –, como vimos no episódio dos “caras-pintadas”. Permanece, por outro lado, a idéia de uma geração jovem e adolescente que merece todos os cuidados com respeito a sua sexualidade. O modo como se dá o enfrentamento das gerações, em função disso, traduz-se na mídia ou pelo elogio adulto de uma juventude livre e não-hipócrita ou pela exposição do contraste entre homens e mulheres maduros e liberados, lado a lado com meninos e meninas que alimentam os hábitos e sonhos mais conservadores. De qualquer forma, esses adultos que falam de dentro dos meios de comunicação – quase sempre jornalistas, atores e atrizes, publicitários, músicos e cantores, ou então especialistas da área médica que se transformam em figuras típicas da mídia –, fazem-no com a autoridade de adultos experientes e como depositários de verdades, de bons exemplos a seguir. Alguns deles, como Maria Mariana, Serginho Groisman, Zeca Camargo, Rosely Sayão, cada um à sua maneira, assumem uma espécie de missão salvadora dos adolescentes e jovens, sem deixarem de manifestar, nessa tarefa, um certo “prazer de saber e de poder”, próprio dos que fazem o outro falar.

Num tempo em que grande parte das escolas e das famílias apenas começa a acompanhar as transformações sociais, os novos padrões de comportamento sexual e as novas linguagens com que se comunicam os jovens “navegadores” das infovias, os educadores eletrônicos adiantam-se e tomam para si quase uma missão – informar esses milhares de jovens brasileiros, ensinando-os principalmente a se defenderem da doença e da morte, cuja origem é justamente a experimentação e a vivência do sexo. Para tanto, explicitamente ou não (às vezes negando até essa função), afirmam sua condição de detentores de uma verdade sobre as formas equilibradas de portar-se, de exercitar a afetividade, de fazer relacionamentos, de interpretar os próprios medos e inseguranças. Para todas as dúvidas há recomendações que, por seu turno, tornam-se a fonte de novas perguntas e novos conselhos e esclarecimentos. Os



editoriais da revista *Capricho* são exemplares nesse sentido: a jornalista Mônica Figueiredo não se cansa em dizer à leitora adolescente o quanto todos ali só “querem fazer o bem, dar o melhor de si mesmos, ajudar as meninas a serem felizes”. Rompe-se, pelo menos em relação aos educadores da mídia, com a idéia de um adulto que não entende o jovem, de pessoas conservadoras que não sabem interpretar os desejos e os arroubos da juventude. A “ordem” de usar o preservativo aparece no mesmo texto que diz “faça sexo”, ou melhor, “faça sexo seguro”. Ou seja, uma ordem a que resistimos fala também de liberação: liberação do sexo e do desejo, incitação de um mundo que só quer a nossa felicidade.

Os mecanismos de poder tornam-se realmente cada vez mais sutis e de uma sofisticação tal que quase não ousamos questioná-los, até porque acabamos por percebê-los como um bem para nós. Isso é dado pelo tipo de relação que se estabelece entre adultos da mídia e seu público jovem, como também pelo próprio ambiente em que se realiza essa relação “pedagogizante”. Tenta-se reproduzir nesses meios até um espaço de convívio social – antes, privilégio da escola, das “festas” adolescentes ou dos grupos de rua: assim, os seriados de TV tentam imaginar e reescrever situações vividas, os programas de debate trazem para dentro dos estúdios os estudantes; as seções de cartas das revistas e dos jornais publicam as opiniões e principalmente as dúvidas que, supõe-se, circulam nos grupos e ambientes primários do cotidiano desses meninos e meninas. Reproduzem-se práticas e, mais do que isso, reproduz-se uma linguagem: a linguagem do fragmento, do clipe, da imagem e do som do momento. E, nesse lugar, ao mesmo tempo, entroniza-se a palavra, o testemunho, a confissão, a conversa interminável.

O modo como se constroem esses textos conduz a que os “receptores” afirmem ali encontrar acolhida, ali serem ouvidos e respeitados, mais talvez do que em outros espaços e instituições sociais. É bem verdade que essa avaliação é editada pela própria mídia, como num movimento circular, em que: a) afirma-se uma necessidade (o fato de os adolescentes precisarem ser informados sobre sexo e AIDS, por exemplo); b) mostra-se uma forma eficaz de atender a essa demanda (a série de produtos criados e veiculados pelos diferentes meios, que contam com a colaboração de inúmeros especialistas); c) busca-se a confirmação dos bons resultados (através de enquetes e pesquisas de *marketing*, depoimentos e testemunhos buscados junto ao público-alvo); d) e, conseqüentemente, busca-se o reforço daquela ação e da própria necessidade enunciada. A imensa vontade de saber, que sustenta a civilização ocidental, principalmente a instituição do discurso científico, tem hoje, portanto, mais um forte aliado: o conjunto de “bio-pedagogos da mídia”.

### III – INCLUSÕES E EXCLUSÕES DE ADOLESCÊNCIAS

Que recortes faz a mídia ao dirigir-se ao amplo público chamado por ela de “alvo *teen*”? Que recortes nós fazemos ao analisar esse discurso? Considerando os produtos

analisados nesta tese, há um primeiro agrupamento, dado pelos próprios meios e seu funcionamento, e que se faz segundo faixa etária, sexo e classe dos receptores: a série *Confissões de Adolescente* e a revista *Capricho* contemplam prioritariamente a menina de 12 a 15 anos, de classe média; quanto ao jornal *Folhateen* e ao *Programa Livre*, pode-se dizer que os dois atingem adolescentes e jovens (de 15 a 25 anos) de ambos os sexos e das camadas médias (o encarte da *Folha de S.Paulo* destacando-se por ter um público leitor oriundo em grande parte da elite intelectual do País, enquanto o *Programa Livre* tem uma audiência mais abrangente, podendo incluir receptores das classes populares, a julgar pela audiência típica do SBT). Entretanto, o adolescente captado por esta análise, segundo a orientação teórica e metodológica assumida, é mais do que o adolescente das pesquisas de *marketing* e os meninos e meninas do IBOPE: ele emerge dos próprios discursos, dos modos como essa figura fala (ou a ela os textos se dirigem), no interior das principais modalidades enunciativas em questão, as quais, como vimos, privilegiam basicamente a técnica da “confissão de si”. Em função disso, o adolescente descrito por este estudo é visto em sua concreta condição de classe e gênero, segundo os dois principais objetos de atenção dos textos da mídia – o corpo e a sexualidade jovem. Vejamos, a seguir, alguns tópicos dessas inclusões e exclusões dos adolescentes, sempre relacionadas com as diferentes “técnicas de si”, em direção a uma proposta de “relação consigo”.

A proliferação de textos e imagens sobre a beleza da mulher jovem não apenas vende um estilo de ser, portar-se e vestir-se, acompanhados do necessário consumo de uma série quase infinita de produtos e das informações detalhadas sobre todos os exercícios e procedimentos técnicos, cuja promessa é a reprodução dos corpos e rostos das *top models*: opera, principalmente, um modo de subjetivação que associa o imperativo da beleza à atratividade sexual, reduplicando as forças no sentido de um tipo de constituição de gênero que, sabemos, ultrapassa as vivências específicas de apenas uma classe. Os rituais propostos na revista *Capricho* servem de pauta para o que se publica nas páginas de *Folhateen* ou para as cenas de *Confissões* e os debates do *Programa Livre*: a menina é julgada a partir de seu corpo, das medidas e das proporções de cada parte desse corpo. É incitada permanentemente a fazer o exame de si, para uma desejável e necessária transformação, que movimenta um *staff* múltiplo: psicólogos, médicos, publicitários, industriais da moda e da cosmética, sem falar no poder motivacional básico, de fazer-se atraente não só para si, mas para “ele” – o menino, o jovem, o homem.

Neste caso, não há cisão entre as figuras estelares da mídia – as modelos famosas e as atrizes de televisão e cinema – e as meninas comuns. Todas devem submeter-se ao sacrifício das operações sobre o próprio corpo, embora a grande violência esteja justamente em que o produto final, visível nas modelos, permaneça distante para a maioria das leitoras e espectadoras, restando-lhes exatamente, mais do que a certeza de um resultado satisfatório, a

ocupação permanente com toda uma tecnologia do corpo, que se multiplica em produtos, exercícios e cuidados. A eficácia de tal discurso se traduz na produção e reprodução de uma série de enunciados que enfatizam não só as possibilidades concretas de transformação do corpo (as mais belas mulheres um dia se consideraram “horríveis”) mas, de modo particular, a afirmação de que existe uma beleza maior, a beleza interior. Assim, a mídia opera uma forma de inclusão das “adolescentes comuns”, ao mesmo tempo que a nega, na figura da grande estrela. Esse é o movimento permanente de seus discursos, que se assemelha ao que Foucault afirma sobre o dispositivo da sexualidade: o movimento simultâneo de saber e não-saber, de incitar e frear. Eu diria: de incluir e excluir, incessantemente.

O tema do desejo, da sexualidade e do prazer vem sempre acompanhado do discurso científico da medicina, de tal forma que a fruição dessa experiência, vivida em seus primeiros arroubos e medos, esconde-se sob uma série de recomendações e cuidados, particularmente para a menina. O ginecologista surge como o perito mais valorizado (e quase sempre temido), absolutamente indispensável na vida da adolescente, mesmo antes de ela menstruar pela primeira vez: em nome da saúde e da defesa de qualquer problema mais grave, como a gravidez e as doenças sexualmente transmissíveis. A menina medicalizada precocemente é a adolescente de classe média que, inclusive, pode até engravidar e cuidar de seu filho, com um certo *glamour*, apesar de todo o conflito decorrente dessa situação. Quando o tema é a gravidez adolescente ou o aborto, separam-se nitidamente os mundos sociais: para as privilegiadas meninas de classe média, os cuidados médicos e o apoio da família; para as meninas pobres, o texto busca as estatísticas demográficas, as explicações sociológicas e o testemunho dos mitos e da religiosidade popular. De qualquer forma, em ambos os mundos, o que se ratifica é uma condição feminina de peso e responsabilidade, de solidão inclusive, elementos que se misturam ao mito da sagrada maternidade, “naturalmente” desejada.

Meninos e meninas afirmam a revalorização da virgindade, o romantismo das relações e a espera do momento “certo” e da pessoa “certa”, os planos de casamento e de um futuro sem sonhos maiores do que o sucesso e a segurança. Mas depositam nos canais da mídia toda a contradição desse discurso comportado: dúvidas inconcebíveis num tempo de tanta informação, temores que, curiosamente, afastam-se do grande centro de atenções (AIDS, gravidez) e que indagam, *ad nauseam*, sobre possíveis anormalidades, no próprio corpo e nas íntimas vivências sexuais. Mesmo que todos os esclarecimentos sejam dados sobre ser ou não ser normal, o tema da normalidade é recorrente e adquire um novo estatuto, quando nomeado no interior dos meios de comunicação. Ali, diferentes processos de “formação” dos sujeitos são propostos como normas e normalidades de ser, numa linguagem que, taticamente, fala ao indivíduo particularizado, único.

Nas diferentes modalidades enunciativas da mídia, estimula-se o sujeito adolescente a aprender todas as formas de confissão da verdade sobre si mesmo – esse procedimento que se tornou central, extremamente valorizado em nossa cultura, no conjunto dos procedimentos de individualização, pelo poder (Cfe. Foucault, 1990a, p. 58). Pela seleção dos temas de debate e de reportagens, bem como das perguntas feitas pelos leitores e das respostas dos especialistas, pode-se afirmar que o alvo dos conselhos e do incitamento à confissão é prioritariamente a menina. Na mesma medida em que é o rosto e o corpo todo feminino que se expõem, através da figura das atrizes e modelos ou da narrativa de histórias de desejo e conflito amoroso, também é em torno da adolescente que se constrói, como dissemos acima, o discurso da medicalização da mulher – calcado justamente no testemunho, incitado, de uma série de afirmações sobre o desconforto, a vergonha e mesmo o desprezo com relação ao próprio corpo, bem como sobre as inseguranças quanto à vivência da sexualidade. O mais difícil de ser dito, a intimidade, é o grande ponto de chegada dos textos da mídia, principalmente quando se trata de falar da menina. Como se ela – e, por extensão, a mulher –, colocada em evidência nas últimas décadas, tivesse um poder difícil de ser identificado e, por isso, provocasse a criação, pela sociedade, de variados mecanismos de exposição de uma privacidade misteriosa que, mesmo intensamente exposta, continuamente se esquivava.

A adolescência apanhada e exposta nos textos e imagens de *Capricho*, *Folhateen*, *Confissões de Adolescente* e *Programa Livre* – mesmo confessando seus temores em relação a uma possível anormalidade – é descrita como o ponto de referência daquilo que se constituiria uma adolescência padrão, normal, média. Em relação a ela são mostradas outras adolescências bem distintas. De um lado, a dos jovens astros da mídia, da moda e da publicidade; de outro, a legião de múltiplas existências dispersas, quase sempre portadoras de um “mal” ou então francamente “diferentes”, a ponto de só parecerem integrar o grande conjunto apresentado pelos meios de comunicação, pelo fato de serem chamadas pelo mesmo nome: *teens*. Trata-se aqui dos trabalhadores precoces, das meninas grávidas, das mães adolescentes, jovens violentadas sexualmente, portadoras do HIV, jovens sobreviventes de massacres como o da Candelária, adolescentes agredidos e agressores das torcidas de futebol, índios jovens aculturados ou não, atores negros, jovens religiosos, atrizes e políticos jovens.

Essa tensão entre o Eu e esses Outros, tão “diferentes-de-mim”, mostra-se na mais simples alusão a uma existência – a mídia parece dizer: ‘olhem, eles existem e nós nos abrimos a todas as diferenças’ –, ou na mais escancarada expressão das dissimetrias sociais neste País; a inclusão do adolescente pobre, nos textos analisados, faz-se pela linguagem da exclusão, da excepcionalidade. Ou ele é notícia de violência e criminalidade, ou ele é convidado a aparecer na mídia apenas em ocasiões muito especiais, quando vem compor o quadro da nítida oposição entre dois mundos sociais, que não se reconhecem entre si. Cruzando as categorias de classe e gênero, temos que, nos meios de comunicação – e, de

resto, em todas as outras instâncias sociais –, há uma duplicação das forças sobre a mulher pobre, de tal forma que, além de aparecer na condição de pobre e portadora do HIV, por exemplo, ela pode ser submetida a um questionamento sobre sua beleza e a possibilidade de, infectada, ser objeto do desejo masculino.

Interpelam-se o menino e a menina, nesses meios, para que venham integrar um mundo de normalidade – o que inclui o conhecimento e a aceitação desses Diferentes excepcionais (não a identificação com eles) –, ao mesmo tempo que se mostra o exemplo e o modelo dos jovens astros da TV, do cinema e da publicidade, como aqueles que também não se confundem com as pessoas comuns, mas que lhes balizam os ideais de beleza e perfeição. As histórias de vida dos novos “deuses do Olimpo” aparecem em oposição ao testemunho de vidas muito simples e sem nenhum encanto espetacular, em geral marcadas pela dor, a doença, a morte e a violência. A excepcionalidade dos jovens “comuns” é justamente a falta, o erro e a conseqüente trajetória de cura e salvação, que também servirão de exemplo para o leitor e o espectador, tanto quanto a história de sucesso, fama, beleza e dinheiro daqueles que não podem nem devem ser mostrados jamais em sua miséria.

#### IV – QUE RESISTÊNCIA?

“Lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo), esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder”. (As relações de poder) “não podem existir senão em função de uma multiplicidade de pontos de resistência que representam, na relações de poder, o papel de adversário, de alvo, de apoio, de saliência que permite a apreensão” (Foucault, 1990a, p. 91).

Em cada imagem analisada, em cada texto organizado e reorganizado inúmeras vezes, fala uma adolescência que se faz disponível à norma e à docilização dos corpos e da sexualidade, mas que, simultaneamente, mostra-se em suas saliências de resistência – exatamente em direção às quais se dirigem os focos da ação dos poderes e saberes interessados nessa população. Assim, quanto mais os adolescentes são produzidos em sua condição de pessoas angustiadas com o fantasma da anormalidade, mais falam de si, mais lêem e ouvem sobre os modos de homens e mulheres conhecerem a si mesmos e decifram seus desejos e prazeres. Ora, esse é o ponto de partida para novas práticas e discursividades que, em contrapartida, questionam os mecanismos de controle e vigilância criados nesse processo. Ou seja, a sofisticação das redes de poder é também o aperfeiçoamento das possibilidades de investir sobre si mesmo, talvez para além dos dispositivos de poder e saber.

Ao confessar sua miséria como sujeitos sexualizados e como sujeitos de desejo, meninos e meninas adolescentes participam da grande estratégia de colocação do sexo em discurso, fazendo-o cada vez mais o valor e o segredo maior da cultura, o que exige que constantemente seja vigiado e multiplicado em novos saberes. Da mesma forma, neste fim de

século, quando a solução para o grave problema da AIDS se reduz a um gesto – o uso do preservativo –, é exatamente em torno dele que se faz a resistência explícita dos adolescentes. Não se trata aqui de julgar essa negação, mas de vê-la em sua positividade também: esse fato faz que se multipliquem as pesquisas, estudos e estatísticas sobre o comportamento sexual dos mais jovens; provoca a criação de grupos interinstitucionais, governamentais ou não, interdisciplinares – todos buscando o apoio dos meios de comunicação, sobretudo da TV –, fazendo proliferar as minúcias da intimidade adolescente, o testemunho que, a partir da pergunta básica “Por que você não usa camisinha?”, coloca em evidência o poder curioso dos adultos e uma complexa rede de saberes.

A mídia fala do que nos é fundamental – assim o aprendemos –: nosso sexo e, principalmente, nosso corpo. Prazerosos ou violentados, belos ou destruídos, é deles, de nossos corpos que se trata em cada fragmento desses discursos. Feito animal exótico ou selvagem, há um adolescente, menino ou menina, capturado na ternura de sua perdição, na explosão de seu desejo, na obrigação de ser belo e magro, na radical violência da exclusão social. Dele, diz-se o que pode e o que deve ser dito hoje, nesse lugar que, mesmo afirmando-se aberto às pluralidades e diferenças, continua elegendo um espectador e um leitor médio, ele mesmo, porém, tão múltiplo quanto o é qualquer indivíduo.

Problematizar o pensamento, para Foucault, significa proceder a uma operação sobre a relação básica entre o saber, o poder e o “si”–, que pode ser captada e descrita a partir dos discursos e em sua dispersão. Não se buscou, neste estudo, um sentido ou uma verdade dos discursos da mídia sobre a adolescência. Simplesmente, fez-se a imersão num momento e numa história específica, tentando, talvez, apanhar um instante deste presente, que certamente suporta a herança de uma longa caminhada de produção da verdade do sujeito. Organizando os textos segundo o tema das “relações consigo”, mostrei o quanto as formas de constranger a si mesmo e operar sobre si incluem também a ação pedagógica do Outro sobre o “si”. Igualmente, viu-se que nossa cultura, neste fim de milênio, reescreve toda uma “tecnologia do eu”, que mistura resquícios da “ocupação consigo” dos gregos e da “renúncia do eu”, aprendida com o cristianismo, produzindo modos completamente distintos de incitar à confissão e de cercar desejos, prazeres e felicidades. Trato, em todas as páginas deste trabalho, dos inúmeros processos de subjetivação inventados em nosso tempo, considerando um alvo principal: os adolescentes e jovens. Mas falo, na verdade, de todas as gerações, de cada um de nós, de mim mesma, com a atenção num possível “modo artista” de viver, captado não só nas discretas e fugidias expressões de resistência de meninos e meninas, mas para além disso, para além dos dispositivos de poder e saber, um modo artista de inventar, como Foucault, aquilo que aqui, no concreto cotidiano, não nos proteja apenas, mas nos permita enfrentar os limites da morte e da loucura.

## BIBLIOGRAFIA

---

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis: Punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta/Anpocs, 1994.
- ADORNO, Theodor. A Indústria cultural. In: COHN, Gabriel (Org.). *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Nacional, 1978.
- \_\_\_\_\_. O fetichismo da música e a regressão da audição. In: HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril, 1983. (Os pensadores)
- AGUIAR, Vera T. de. *Que livro indicar?: Interesses do leitor jovem*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.
- ALMEIDA, Milton José de. *História em imagens e sons na moderna sociedade oral*. São Paulo: FDE, 1992. (Lições com cinema, 5)
- \_\_\_\_\_. *O ensino de Língua Portuguesa na atual cultura de som e imagem: A nova oralidade*. São Paulo: 1992, 7 p. Texto digitado.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- ARRUDA, Silvani; CAVASIN, Sylvia (Org.). *Sexualidade na adolescência: educação e mídia*. São Paulo: ECOS (Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana), 1991, 196 p. Texto digitado.
- BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1988.
- \_\_\_\_\_. *O novo espírito científico*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Difel, 1980.
- BAUDRILLARD, Jean. *À sombra das maiorias silenciosas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. In: HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril, 1983. (Os pensadores)
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato. *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983, p. 83-121.
- \_\_\_\_\_. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Minuit, 1979.
- \_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- BRANDÃO, Helena. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: UNICAMP, 1993.

- BUTLER, Judith. Foucault and the paradox of bodily inscriptions. *The Journal of Philosophie*. Columbia University, Nova York, v. 85, n. 11, p. 601-607, nov. 1989.
- CALLIGARIS, Contardo. Adolescência parece sem fim. *Folha de S.Paulo*. Ilustrada. São Paulo: Folha da Manhã, 24 abr. 1994, p. 15.
- CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- CAPARELLI, Sérgio. *Comunicação de massa 'sem' massa*. São Paulo, Summus, 1996. (Novas buscas em comunicação, 10).
- CAPRICHIO. São Paulo: Abril, ago./dez. 1994. 5 edições.
- CASTRO, Mary Garcia. Alquimia de categorias sociais na produção dos sujeitos políticos. *Estudos feministas*. Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ, v. 0, n. 0, p. 57-73, 1992.
- CHAVES, Jacqueline Cavalcanti. "Ficar com" a individualização: notas sobre um código de relacionamento no Brasil. In: FIGUEIRA, Sérvulo. *A palavra e o silêncio*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993, p. 103-111.
- COELHO, Suzana L.B. De bandidos, boyzinhos e doidões ou de como e por que ser ou não ser peão: a constituição de identidades masculinas entre jovens trabalhadores favelados. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 49-56, jul./dez. 1993.
- CONCEIÇÃO, Isméri Seixas. Relações interpessoais entre profissionais e adolescentes. In: ARRUDA, Silvani; CAVASIN, Sylvia (Org.). *Sexualidade na adolescência: educação e mídia*. São Paulo: ECOS (Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana), 1991, p. 15-18. Texto digitado.
- CONFISSÕES DE ADOLESCENTE. São Paulo: TV Cultura, ago./dez. 1994. 22 episódios.
- COSTA, Albertina e BRUSCHINI, Cristina (Org.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/ São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- COSTA, Jurandir Freire. O sujeito em Foucault: estética da existência ou experimento moral? *Tempo social*. São Paulo: USP, v.7, n. 1-2, p. 121-138, out. 1995.
- \_\_\_\_\_. *A ética e o espelho da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações – 1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- DOLTO, Françoise. *Palabras para adolescentes o el complejo de la langosta*. Buenos Aires: Atlantida, 1992.
- \_\_\_\_\_. *La causa de los adolescentes*. Barcelona: Seix Barral, 1990.
- DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault. Un parcours philosophique: Au-delà de l'objectivité et de la subjectivité*. Paris: Gallimard, 1984.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.



- EISENSTADT, S. N. *De geração a geração*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- ESCOBAR, Carlos H.(Org.). *Michel Foucault: Dossier, últimas entrevistas*. Rio de Janeiro: Taurus, 1984.
- EWEN, Stuart. *Todas las imágenes del consumismo: la política del estilo en la cultura contemporánea*. Mexico: Grijalbo, 1991.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *O mito na sala de jantar*. Porto Alegre, Movimento, 1993.
- \_\_\_\_\_. A análise do discurso: para além de palavras e coisas. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, UFRGS, v. 20, n. 2, p. 18-37, jul./dez. 1995.
- \_\_\_\_\_. Mídia e produção de subjetividade na cultura contemporânea. *Educação, Subjetividade & Poder*. Porto Alegre, v.3, n.3, p. 48-58, jan./jun. 96.
- \_\_\_\_\_. O capricho das disciplinas. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, UFRGS, v. 19, n. 2, p. 47-66, jul./dez. 1994.
- FOLHA DE S.PAULO. Folhateen. São Paulo: Folha da Manhã, ago./dez. 1994. 17 edições.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- \_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas*. Lisboa: Portugalia, [s.d.].
- \_\_\_\_\_. *O que é um autor?* Lisboa: Vega/Passagens, 1992b.
- \_\_\_\_\_. El sujeto y el poder. *Revista Mexicana de Sociología*, UNAM, México, v. 2, nº 3, jul./set. 1988, p. 3-20.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1990a.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro. Graal, 1990b.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_. *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1992a.
- \_\_\_\_\_. *Résumés de cours (1970-1982)*. Paris: Julliard, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FORNÄS, Johan; BOLIN, Göran (Ed.). *Youth culture in late modernity*. London: Sage, 1995.
- FRASER, Nancy. Empirical insights and normative confusions. In: *Unruly practices*. Oxford: Polity Press, 1989.
- GIROUX, Henry; MCLAREN, Peter. Linguagem, escola e subjetividade: elementos para um discurso pedagógico crítico. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 21-35, jul./dez. 1993.
- GIROUX, Henry. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 132-158.
- GUATTARI, Félix. Da produção de subjetividade. In: PARENTE, André (Org.). *Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993, p. 177-191.
- GUTTING, Gary (Ed.). *The Cambridge Companion to Foucault*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.
- HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. Século dos extremos. *Veja*. São Paulo, n. 1386, p. 7-10, 5 abr. 1995. Entrevista a William Waack.
- HOLLANDA, Heloísa B.; GONÇALVES, Marcos A. *Cultura e participação nos anos 60*. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Tudo é História, 41).
- HOY, David Couzens (Org.). *Foucault*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1988, p. 7-33: Introdução.
- JAEGER, Werner. *Paideia: los ideales de la cultura griega*. México: Fondo de Cultura Económica, 1967.
- KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 104-131.
- LACLAU, Ernesto. A política e os limites da modernidade. In: HOLLANDA, Heloísa B.(Org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 127-150.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: História & histórias*. São Paulo: Ática, 1985.
- LANDOWSKI, Eric. Continuidade e descontinuidade: viver sua geração. *A sociedade refletida: ensaios de sociossemiótica*. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.
- LANE, Silvia T. M. e CODO, Wanderley (Org.). *Psicologia Social: O homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35-86.
- LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- MACHADO, Arlindo. *A arte do vídeo*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MACHADO, Roberto. *Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- MADEIRA, Felícia R. *A trajetória das meninas dos setores populares: escola, trabalho ou ... reclusão*. São Paulo: UNICEF, 1993. 96 p. Texto digitado.
- MADEIRA, Felícia R. e BERCOVICH, Alícia. A “onda jovem” e seu impacto na população economicamente ativa de São Paulo. *Planejamento e políticas públicas*. Brasília: IPEA: n. 8, p. 1-28, dez. 1992.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes; Unicamp, 1993.
- MARIANA, Maria. *Confissões de adolescente*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

- MARRE, Jacques L. *A construção do objeto científico na investigação empírica*. [s.l.] Fundação Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 1991, 88 p. Texto apresentado no Seminário de Pesquisa do Oeste do Paraná.
- MCNAY, Lois. *Foucault and feminism: power, gender and the self*. Cambridge: Polity Press, 1994.
- MCWHORTER, Ladelle. Culture or nature? The function of the term 'body' in the work of Michel Foucault. *The Journal of Philosophie*. Columbia University, Nova York, v. 85, n. 11, nov. 89, p. 608-614.
- MOREY, Miguel (Org.). *Michel Foucault: un diálogo sobre el poder y otras conversaciones*. Madrid: Alianza Editorial, 1988.
- MORIN, Edgar. *O problema epistemológico da complexidade*. Lisboa: Europa-América, [s.d.], p. 13-34: Problemas de uma epistemologia complexa.
- NELSON, Cary; TREICHLER, Paula; GROSSBERG, Lawrence. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 7-38.
- NOVAES, Adauto (Org.). *Rede imaginária: televisão e democracia*. São Paulo: Cia. das Letras / Secretaria Municipal de Cultura, 1991.
- O'BRIEN, Patrícia. A história da cultura de Michel Foucault. In: HUNT, Lyinn (Org.). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes; Unicamp, 1987.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Discurso fundador*. Campinas: Pontes; Unicamp, 1993.
- PACHECO, Elza Dias (Org.). *Comunicação, educação e arte na cultura infanto-juvenil*. São Paulo: Loyola, 1991.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes; Unicamp, 1990.
- PERROT, Michele. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PIAGET, Jean. El desarrollo intelectual del adolescente. In: FREUD, A. et alii. *El desarrollo del adolescente*. Buenos Aires: Paidós, [s.d.]
- PINTO, Céli Regina Jardim. Ao eleitor a verdade: o discurso político da imprensa. In: Baquero, Marcello et al. *Brasil: opinião pública, transição e eleições no Brasil*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995: 67-78.
- \_\_\_\_\_. *Com a palavra o senhor Presidente Sarney: ou como entender os meandros da linguagem do poder*. São Paulo: Hucitec, 1989.
- \_\_\_\_\_. Participação (representação?) política da mulher no Brasil: limites e perspectivas. In: SAFFIOTI, Heleieth; MUÑOZ-VARGAS, Mônica. *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília: Unicef/Nipas, 1994.

- \_\_\_\_\_. *Uma introdução à leitura de Michel Foucault*. Porto Alegre: 1995, 11 p. Texto digitado.
- PROGRAMA LIVRE. São Paulo: SBT, ago./dez. 1994. 57 programas.
- PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (Org.). *História da vida privada*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. v. 5: Da Primeira Guerra a nossos dias, p. 13-153.
- SAFIOTTI, Heleieth. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina e BRUSCHINI, Cristina (Org.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/ São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 183-215.
- SAID, Edward. Foucault and the imagination of power. In: HOY, David (Ed.). *Foucault a critical reader*. Nova York: Blackwell, 1986.
- SANTOS, José Vicente T. dos. Michel Foucault: um pensador das redes de poderes e das lutas sociais. *Educação, Subjetividade & Poder*, Porto Alegre, v.3, n. 3, p. 07-16, jan. /jun. 1996.
- SAWICKI, Jana. Foucault, feminism, and questions of identity. In: GUTTING, Gary. *The Cambridge companion to Foucault*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 283-313.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.71-99, jul./dez. 1995.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 247-258: O adeus às metanarrativas educacionais.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- SPOSITO, Marília. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social*, S.Paulo, USP, v. 5, n. 1-2, p. 161-178, 1994.
- \_\_\_\_\_. Jovens e educação: novas dimensões da exclusão. *Em aberto*, Brasília: MEC, v. 11, n. 56, p. 43-53, out./dez. 1992.
- SCHWARTZ, Tony. *Mídia: o segundo deus*. São Paulo: Summus, 1985. (Novos rumos em comunicação, 8).
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. Brasília: Ed. da UNB, 1982.
- WILLIS, Paul. Paro juvenil: pensando lo impensable. In: ENGUITA, M. (Ed.). *Marxismo y Sociología de la Educación*. Madrid: Akal, 1986, p. 101-132.
- WOLTON, Dominique. *Éloge du grand public: une théorie critique de la télévision*. Paris: Flammarion, 1990.